

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

CARLA OLIVEIRA DE LIMA

**A EXPERIÊNCIA DE CAMPO DE ALFRED RUSSEL WALLACE
NA AMAZÔNIA OITOCENTISTA: VIAGEM, CIÊNCIA E
INTERAÇÕES.**

Rio de Janeiro
2014

CARLA OLIVEIRA DE LIMA

**A EXPERIÊNCIA DE CAMPO DE ALFRED RUSSEL WALLACE
NA AMAZÔNIA OITOCENTISTA: VIAGEM, CIÊNCIA E
INTERAÇÕES.**

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lorelai B. Kury

Rio de Janeiro
2014

L732e Lima, Carla Oliveira de

A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia oitocentista: viagem, ciência e interações / Carla Oliveira de Lima. – Rio de Janeiro: s.n., 2014.

349 f.

Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2014.

Bibliografia: f. 330-347.

1. Ecossistema Amazônico. 2. Expedições. 3. História Natural. 4. Brasil. I. Wallace, Alfred Russel, 1823-1913.

CDD 508.81

CARLA OLIVEIRA DE LIMA

**A EXPERIÊNCIA DE CAMPO DE ALFRED RUSSEL WALLACE NA
AMAZÔNIA OITOCENTISTA: VIAGEM, CIÊNCIA E INTERAÇÕES.**

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Lorelai B. Kury (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Orientadora

Prof. Dr^a Patrícia M^a Melo Sampaio (Programa de Pós Graduação em História-UFAM e Programa de Pós-Graduação e Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia-UFAM)

Prof. Dr. José Augusto Pádua (Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ)

Prof. Dr. João Pacheco Oliveira (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional-UFRJ)

Prof. Dr^a Magali Romero Sá (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

SUPLENTES:

Prof. Dr^a Larissa Moreira Viana (Programa de Pós-Graduação em História- UFF)

Prof. Dr^a Dominich Miranda de Sá (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Aos meus pais, José Carlos Rosas de Lima e Luiza de Oliveira Lima, pela vida,
pelos ensinamentos e amor incondicional.

Ao Alberto Marques, pelo carinho, pelo companheirismo e paciência.

AGRADECIMENTOS

Durante minha passagem como estudante na Casa de Oswaldo Cruz, uma ideia era bastante recorrente entre os textos dos teóricos que li: a de que a produção do conhecimento só se realiza coletivamente. Sendo assim, não se poderia facultar “descobertas” científicas apenas a genialidade individual de uma pessoa. No caso do presente trabalho, considero que esse pressuposto não é simples expressão retórica. Por isso, gostaria aqui de deixar registrado meu agradecimento a todos os que direta ou indiretamente me apoiaram na realização desse trabalho.

Em primeiro lugar, ao PPGHCS, Casa de Oswaldo Cruz-FIOCRUZ pela oportunidade. À FAPEAM e ao governo do Estado do Amazonas que em 2010 me contemplaram com uma bolsa de estudos.

A todos os professores e funcionários do PPGHCS, especialmente a Maria Cláudia Santos e Paulo Chagas, pela gentileza e dedicação aos alunos do Programa.

À professora Dr.^a Magali Romero Sá por suas importantes observações e indicações durante meu Exame de Qualificação.

Ao professor Dr.^o José Augusto Pádua, por me proporcionar assistir suas aulas de História Ambiental na UFRJ, as quais me ajudaram a redimensionar meu foco de estudos.

À minha amiga Leila Cristina Soares por sua ajuda na reprodução das figuras apresentadas ao longo da tese.

Do mesmo modo, agradeço imensamente à minha amiga Cassia Roth, pela ajuda na tradução do resumo deste trabalho para o inglês e também pela transcrição de um manuscrito importante para esta tese.

Aos amigos que fiz durante minha passagem no Rio de Janeiro: Ana Marcela França, Pedro Trovão, Luciana Pinheiro, Renata Brotto, Diego Machado, Marcos Bhering, Miguel Oliveira, Marcela Peralva, Nataraj Trinta, Amanda Teles, Binho Maturano, Maria Celeste Silva. Aprendi com eles que amizade e afeto são fundamentais também na realização de uma tese.

Eu não poderia deixar de prestar um agradecimento especial a Keith Valéria Barbosa, Miriam Junghans e a Joseli Ceschim: meus amigos e anjos da guarda em alguns momentos de dificuldades.

Às minhas primas Maria do Socorro Troiano e Maria Ivone Lima, pelo incentivo, carinho e acolhida em suas casas quando parti de Manaus para morar no Rio de Janeiro.

À minha querida orientadora, por essa oportunidade e também por sua paciência, dedicação e respeito ao trabalho de seus orientandos.

À minha família, pelas orações e intenções.

Ao Alberto dos Santos Marques, pelo amor.

À vida.

“Sonhei, insuportavelmente, com um labirinto exíguo e nítido: no centro havia um cântaro; minhas mãos quase o tocavam, meus olhos o viam, mas tão intrincadas e perplexas eram as curvas, que eu sabia que ia morrer antes de alcançá-lo.” (O Imortal, Jorge Luis Borges).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: ALFRED RUSSEL WALLACE PELA AMAZÔNIA: QUESTÕES E ABORDAGENS HISTORIOGRÁFICAS	28
1.1. A TRADIÇÃO DA HISTORIOGRAFIA NOS ESTUDOS DA NATUREZA	30
1.2. A DIFUSÃO DA CIÊNCIA OCIDENTAL SEGUNDO O MODELO DE GEORGE BASALLA E A RENOVAÇÃO DOS ESTUDOS EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS.	39
1.3. A LITERATURA DE VIAGEM E SUAS PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS	48
1.4. ESTUDOS SOBRE EXPEDIÇÕES NATURALISTAS NA AMAZÔNICA	61
1.5. VIAJANTES E O EXERCÍCIO DE “VER COM OS PRÓPRIOS OLHOS”	66
CAPÍTULO 2: CAMINHOS E FRONTEIRAS NO ESPAÇO AMAZÔNICO	74
2.1. EXPANSÃO DE FRONTEIRAS E CONSTITUIÇÃO DE SABERES NA E SOBRE AMAZÔNIA PORTUGUESA	82
2.2. OS SERTÕES AMAZÔNICOS: DIMENSÕES TEMPORAIS	89
2.3. NAVEGAR É PRECISO: RELAÇÕES MATERIAIS E TRABALHO DE CAMPO	100
2.4. AS ROCINHAS: PREPARAÇÃO PARA VIAGENS PELO INTERIOR DA REGIÃO AMAZÔNICA	117
2.5. ROTAS DE VIAGEM: CAMINHOS INTERIORES PELO BRASIL E AMAZÔNIA	126
CAPÍTULO 3: CIÊNCIA <i>OUTSIDER</i>: ALFRED RUSSEL WALLACE E OS CAMINHOS INFORMAIS DA HISTÓRIA NATURAL	137
3.1. PRIMEIRAS CONEXÕES: TRAÇOS DE SUA BIOGRAFIA	143
3.2. AUTOEDUCAÇÃO E NOVAS HABILIDADES	150
3.3. AMBIÇÕES NATURALISTAS, REDES DE CONTATOS E FINANCIAMENTO PARA A VIAGEM À AMAZÔNIA	157

3.4. QUANDO OS INGLESES ALCANÇARAM A AMAZÔNIA: DINÂMICAS SÓCIO-ECONÔMICAS INTERNAS _____	170
3.5. DESEMBARQUE E PRIMEIROS COLABORADORES EM BELÉM DO PARÁ _____	195
3.6. COLETA EM CAMPO E O REALISMO TROPICAL DE WALLACE _____	209
3.7. EXPLORAÇÕES NO TOCANTINS: INFRAESTRUTURA, RECURSOS, NEGOCIAÇÕES	
CAPÍTULO 4: OS TESOUROS DE WALLACE _____	244
4.1. INTERAÇÕES E SUBTERFÚGIOS DE COLETA _____	267
4.2 ROTEIRO PARA O RIO NEGRO: ELOS HUMANOS E TRABALHO DE CAMPO _____	295
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	319
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	331
ANEXOS _____	348

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Palácio do Presidente da Província do Grã-Pará no século XIX. Desenho de autoria do famoso gravurista Edouard Riou (1847).	98
Figura 2: Ilustração de Santa Maria de Belém do Pará (1847).	99
Figura 3: Representação do processo de beneficiamento da seiva extraída do tronco da “índia-ruber” (seringueira) ou <i>Hevea Brasilienses</i> (1879)	101
Figura 4: Ilustração sobre o processo de preparação da borracha (1879).	102
Figura 5: Mercado do Porto de Belém (1879).	106
Figura 6. Representação de iguarités indígenas no curso do rio Javari, alto Solimões. Fonte: CASTELNAU, 1850.	108
Figura 7: Representação da canoa indígena que ilustra a narrativa de viagem de Franz-Keler, de 1874.	110
Figura 8. Representação de embarcações típicas da região amazônica que povoavam o igarapé do Espírito Santo na subida do rio Madeira. Fonte: Franz-Keller, 1874.	111
Figura 9. Tipos de embarcações que transitavam pelos rios Amazonas e Madeira conforme representação de Franz-Keller, 1874.	113
Figura 10. Ilustração de uma rocinha e de um escravo negro no lugarejo de Nazaré de propriedade de um rico comerciante e proprietário de fazendas de gado do Marajó descrita na narrativa de Paul Marcoy em 1847.	118
Figura 11: Representação de uma gelosia em Santarém, na qual é tematizada uma prática social recorrente observada nos relatos dos viajantes oitocentistas na Amazônia: o costume português de manter suas mulheres reclusas. Fonte: SMITH, Herbert H. <i>Brazil: The Amazonas and The Coast</i> , 1879, p.123.	118
Figura 12. Fonte: MAWE, Jonh. <i>Travels in the interior of Brazil</i> . London: Printed For Longman, 1812.	129
Figura 13: Gravura retirada da autobiografia de Wallace, <i>My Life</i> , edição de 1905.	155
Figura 14: Amostras de lâminas microscópicas vendidas na loja de Stevens.	161
Figura 15: O cardápio de espécies com suas respectivas numerações.	162
Figura 16: Propaganda da loja de Stevens em que é apresentada sua rede de coletores.	163
Figura 17: Fotografia de Samuel Stevens em 1899. No detalhe da foto o agente de Wallace e Bates, conforme muito habilmente apontou Brian Stevenson, “estava de pé atrás de um quadro de imagem vazio, em uma pose que ilustra seu senso de humor.” A imagem foi tirada, segundo informa Stevenson, pelo sobrinho de Samuel, “Henry Stevens, então gerente da JC Stevens leilão Rooms.” Fonte: Brian Stevenson disponível em: http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/indexmag.html?http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/artaug09/bs-stevens.html	166
Figura 18: Gravura colorida do vilarejo de Nazaré, possivelmente feita a partir do esboço do desenho de Wallace, que ilustra a primeira edição de <i>A Narrative of travels on the Amazon and Rio Negro</i> . London: Reeve and Co.; 1853.	197
Figura 19: Desenho de Wallace feito a lápis e que enfatiza a dimensão das árvores da floresta. Figura datada de 1848, possivelmente esboçada na região de Maguari. Fonte: Sandra Knapp. 202	
Figura 20: Desenho de A. R. Wallace, feito a lápis, sobre a propriedade de Mr. Campbell na ilha de Mexiana, Juncal, situada entre a ilha de Marajó e a praia setentrional da baía do Marajó. Fonte: Natural History Museum. Manuscrito nº 5100.5605. Disponível no Website <i>Wallace Letters On Line</i>	208

Figura 21: Desenho de A. R. Wallace, feito a lápis, em 1848, retratando a floresta na circunvizinhança de Belém do Pará. A gravura não especifica nem a localidade, nem a espécie representada pelo naturalista, mas em seu detalhe o desenhista representou a seiva da árvore saindo do tronco, o que pode ser uma indicação da seringueira ou da árvore leiteira - maçaranduba.	213
Figura 22. Representação do interior da floresta que ilustra a narrativa de viagem de Bates. Fonte: Bates, 1863, p.73.....	215
Figura 23: Desenho de Alfred R. Wallace, representativo do engenho São José situada no rio Capim. Fonte: Natural History Museum. Manuscrito nº WCP5101.5606. Disponível em: <i>Wallace Letters On line</i>	227
Figura 24 Espécime <i>Cithaerias andromeda</i> esmeralda, 1845: Brasil (PA). Fonte: http://www.butterfliesofamerica.com/L/ih/n_cithaerias0015_i.htm	246
Figura 25. Henry Walter Bates, representação do fenômeno da semelhança entre mariposa e beija-flores que ilustra sua obra <i>The Naturalist on the River Amazon</i> , 1863.	248
Figura 26 <i>Asterope sapphira</i> (Jakob Hübner, 1816). Procedência: Brasil. Fonte: http://www.butterfliesofamerica.com/L/asterope_sapphira.htm	254
Figura 27 <i>Asterope batesii</i> (William Hewitson, 1850.) Procedência: Brasil, AM. Fonte: http://www.butterfliesofamerica.com/L/asterope_sapphira.htm	254
Figura 28. Desenho feito a lápis de A. R. Wallace do Rio Tocantins, próximo a 50 milhas do lugarejo de Baião e próximo a aldeia de Patos. No desenho ele evidencia aspecto vulcânico das rochas da subida do rio.....	257
Figura 29. Periódico <i>Hints to Travellers</i> , seção escrita por Henry Bates, em 1864.	259
Figura 30 Palestra de Wallace intitulada <i>Characteristic Birds of the Upper Amazon South America</i> . A gravura ilustra a obra de Wallace <i>The Geographical Distribution of Animals</i> , de 1876. Fonte: Web Site Natural History Museum.	263
Figura 31. Saíra-beija-flor (<i>Cyanerpes cyaneus</i>) coletado por Wallace possivelmente em uma de suas duas excursões após aportar em Barra do Rio Negro no primeiro semestre de 1850. A peça é parte do acervo do <i>University Museum of Zoology of Cambridge</i> . Fonte: The Alfred Russel Wallace Web Site.....	265
Figura 32. Araçari (<i>Pteroglossus</i> sp) possivelmente parte da coleção de Wallace realizada em Manaquiri, no rio Solimões, quando esteve na propriedade de um português denominado Brandão. O espécime é parte do acervo do <i>University Museum of Zoology of Cambridge</i> . Fonte: The Alfred Russel Wallace Web Site.....	265
Figura 33. Desenho de Wallace destacando <i>Jequis</i> de diferentes tamanhos, sendo o último a representação da técnica indígena em represar a água onde a correnteza é mais forte. Fonte: Sandra Knapp.	280
Figura 34. Esboço de Wallace de um espécime (curimatã) de peixe do rio Negro. Fonte: Wallace Letters on line. Disponível em: http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/index.html	281
Figura 35 Esboço de Wallace de uma espécime de peixe coletado no rio Negro. Fonte: Wallace Letters on line. Disponível em: http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/index.html	281
Figura 36. Desenho de uma loja de animais localizada em Belém segundo Smith.	286
Figura 37. Desenho de autoria de Wallace. Na inscrição do desenho acima escreveu a localização da paisagem esboçada: canal entre graníticas rochas, Rio Negro, acima de São de José, 1851.....	288

Figura 38. Representação desenhada enquanto de sua passagem pelo rio Curicuriari, tributário do rio Negro, na qual esboçou a serra de mesmo nome, em 1851, em sua primeira excursão em companhia do negociante português, João Lima. Este desenho possivelmente foi esboçado pouco antes de chegar a aldeia de São Gabriel da Cachoeira, fronteira com a Venezuela.	289
Figura 39 Cidade de Santarém segundo a ilustração da obra de Paul Marcoy em sua passagem pela localidade em de 1847	296
Figura 40. Colina próxima ao Forte em Santarém. Desenho de autoria de Spruce. Possivelmente a vista a partir da colina onde ficava a residência do Capitão Hislop, hospedeiro dos viajantes. Fonte: Spruce, 1908.	297
Figura 41. Representação das ruínas da Fortaleza de Barra do Rio Negro de autoria de A.R.Wallace, em 1850. Fonte: Wallace Collection British History Natural Museum.	305
Figura 42. Mapa da bacia amazônica mostrando os lugares visitados por Wallace elaborado pelo laboratório de Cartografia da University of Wisconsin. Fonte: Jane Camerini. The Alfred Russel Wallace Reader. 2002, p. 63	322
Figura 43 Conforme inscrição esse esboço retrata uma Maloca indígena em Cachoeira do Caruru, no Rio Uaupés, possivelmente elaborado entre 1851-1852. Fonte disponível em: http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/database.html?d-4074490-p=1&_includeTranscriptContent=on&keyWord=manuscript . Acessado em: 10.10.2012.	327
Figura 44 Representação de menina indígena artesã. Possivelmente registrada em aldeia no Cassiquiare, em território venezuelano. Disponível em: http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/database.html?d-4074490-p=1&_includeTranscriptContent=on&keyWord=manuscript . Acessado em: 12.12.12.....	327

RESUMO

Esta tese tem por objetivo fazer um estudo sobre o trabalho de campo do coletor e naturalista britânico Alfred Russel Wallace na Amazônia, efetuado no período de 1848 a 1852. Por meio da análise de sua experiência de exploração ao norte do Brasil, elucidada, primeiramente, a partir de seus escritos produzidos na e sobre a região, de que maneira a natureza tropical foi interpretada ou imaginada por ele durante o período oitocentista. Em segundo lugar, examina a experiência material desse coletor de espécies com a realidade amazônica; e, com isso, recuperar, ao mesmo tempo, o cotidiano de suas viagens e as formas pelas quais interagiu com o ambiente e as culturas dos lugares que visitou. Por último, demonstra-se que a experiência de campo foi fundamental para seu treinamento técnico e formação intelectual, já que foi através dela que o naturalista pôde adquirir habilidades e amadurecer reflexões as quais o transformaram em um filósofo da natureza. Para isso, esta análise valeu-se de recursos metodológicos e fontes de variadas naturezas: apreciação de relatos de viagem de exploradores setecentistas e oitocentistas; estudo específico das obras sobre a Amazônia de Alfred Russel Wallace; análise da correspondência relacionada aos viajantes Richard Spruce, Henry Bates e Wallace; exame de algumas coleções de espécimes; além da pesquisa em relatórios de Presidentes de Província e textos de autoridades locais. Com isso, busquei mapear os caminhos pelos quais naturalistas excursionaram pela Amazônia e elucidar de que forma coletores de espécies aproveitaram-se de relações de trocas comerciais e de poder, estabelecidas desde o período colonial na região norte, para percorrer o rio Amazonas e seus tributários. Por fim, para além da discussão sobre as alteridades ambiental e humana, esta proposta de trabalho consiste em analisar as interações de homens de ciência com a realidade da região e avaliar de que modo estas foram cruciais para o sucesso do trabalho de Wallace como naturalista.

Palavras-chaves: Trabalho de campo – Alfred Russel Wallace – Amazônia – Interações.

ABSTRACT

This thesis examines the collector and naturalist Alfred Russel Wallace's explorations and fieldwork in the Amazon, from 1848-1852. By analyzing his experience in the north of Brazil through his writings produced in and about the region, this study first elucidates how tropical nature was interpreted or imagined during the 19th century. Secondly, this thesis examines this collector's material experience with Amazon reality, uncovering, at the same time, the daily life of his travels and the ways in which Russel Wallace interacted with the environment and cultures of the places he visited. Lastly, this thesis emphasizes that the Wallace's experience in the field was essential for his technical and intellectual training, as it was through these encounters that the naturalist acquired the skills and mature reflections that turned him into a philosopher of nature. To do so, this thesis analyzes methodological resources and a variety of primary sources: the assessment of 18th- and 19th-century explorers' travel reports; the specific study of Alfred Russel Wallace's works on the Amazon; the analysis of correspondence between travelers Richard Spruce, Henry Bates, and Wallace; the examination of some specimen collections; and research on provincial presidential reports and local authorities' writings. With this, this thesis sought to map the paths by which naturalists traveled the Amazon region and elucidate how species collectors took advantage of existing trade relations and power structures, established in the northern region since the colonial period, to traverse the Amazon River and its tributaries. In conclusion, going beyond the discussion of the environmental and human alterity, this work consists of analyzing the interactions of men of science with the reality of the region and assess how these exchanges were crucial to the success of his work as a naturalist.

Key Words: Fieldwork; Alfred Russel Wallace; the Amazon; interactions

INTRODUÇÃO

Foi em busca da compreensão sobre as razões pelas quais impulsionaram alguns viajantes europeus a visitar o Brasil, sobretudo, a região atualmente designada por Amazônia, que escolhi inquirir sobre a trajetória de Alfred Russel Wallace pelo extremo norte do Brasil em meados do século XIX. A motivação desta escolha é justificada por dois aspectos: em primeiro lugar, devido à ampla utilização de seus relatos por historiadores e cientistas sociais e, em segundo, porque, apesar desse naturalista ter se dedicado a percorrer a região por quatro anos, poucas análises brasileiras inquiriam sobre o resultado de suas incursões para as instituições europeias e para sua própria carreira em História Natural. Sendo assim, minhas perguntas iniciais têm o objetivo de avaliar quais foram seus interesses, percepções, preocupações, impactos sofridos e interações – materiais e humanas – com a realidade amazônica.

Todavia, como muito habilmente expressou Jane Camerini¹ sobre Wallace, estudar a trajetória do viajante não é tarefa fácil, pois o volume de registros que deixou – cartas, ensaios, artigos e relatos – mostra que sua preocupação abrange um amplo espectro de temas, por exemplo: evolução, valores sociais, sistemas políticos e extinção de espécies. Muitos dos assuntos de seu interesse foram publicados especialmente a partir de 1880, década na qual se engajou com mais vigor em proposições políticas e intelectuais consideradas polêmicas para época, tais como: reforma agrária, sufrágio universal, direitos da mulher, vacinação, espiritismo, mesmerismo e fenomenologia.

No entanto, essa variedade de temas, apesar de demonstrar seu talento como escritor e a complexidade de seu pensamento, também permite avaliar seu envolvimento com assuntos considerados “discutíveis”, tais como socialismo e espiritualismo. Logo, seus críticos avaliam suas posições como obscurantismo intelectual, dado que divergia do viés materialista de parte dos cientistas da primeira metade do século XX.² Por essa razão, até esse período, havia sido publicado um número reduzido de obras dedicadas a avaliar as contribuições de Wallace e o seu papel para o desenvolvimento da teoria da

¹ Jane Camerini pesquisadora da *University of Wisconsin*, Madison, desenvolveu alguns trabalhos fundamentais sobre Alfred Russel Wallace: CAMERINI, Jane R. **Darwin, Wallace, and Maps**. Ph.D. Dissertation, University of Wisconsin, Madison, 1987; CAMERINI, Jane R., Evolution, biogeography, and maps: An early history of Wallace's Line. In: *Isis* 84(4): 700-727, 1993. CAMERINI, Jane R. Wallace in the field. *Osiris* 11, 2nd, 1996; CAMERINI, Jane R. Remains of the day: Early Victorians in the field. In: Bernard Lightman (org.). **Victorian Science in Context**. Chicago & London: University of Chicago Press, 1997; CAMERINI, Jane R., **The Alfred Russel Wallace Reader: A Selection of Writings from the Field**. Baltimore & London: Johns Hopkins University Press, 2002.

² Cf. CAMERINI, Jane R. **Darwin, Wallace, and Maps**. Ph.D. Dissertation, University of Wisconsin, Madison, 1987, pp.136-137

evolução. A primeira tentativa de sublinhar a sua importância foi feita por um amigo, James Marchant³, em 1916, pouco depois da morte de Wallace (1913). Seguiram a essa outras sínteses que versaram sobre seu pensamento biológico, mas tratavam o tema de maneira superficial, limitando a importância das ideias de Wallace apenas ao evento que estimulou o projeto intelectual “maior” de Darwin.

Por outro lado, segundo Camerini, a atitude respeitosa de Wallace – sua modéstia diante de Darwin e sua falta de assertividade no que tange à questão da prioridade da teoria da seleção natural – foram fatores que, possivelmente, contribuíram para sua relativa obscuridade acadêmica. A tais aspectos somam-se ainda suas dificuldades de se sustentar a partir de seu trabalho intelectual, já que Wallace, ao contrário de Darwin, nunca conseguiu manter uma posição financeira estável; em suas cartas⁴, muitas vezes confessou sentir-se mais estimulado em trabalhar ao “ar livre” em regiões tropicais do que para *business affairs*.⁵

Contudo, para além do polêmico assunto sobre a prioridade da tese do evolucionismo (explorado por alguns autores iconoclastas que buscam minar a posição de Darwin no panteão da “ciência”), recentes estudos do campo da biologia, da história da ciência, bem como setores de divulgação científica, tendem a enfatizar Wallace como precursor de assuntos que estão atualmente na ordem no dia, tais como: extinção de espécies, conservação e sustentabilidade, socialismo e a questão da terra, direitos das mulheres, ceticismo religioso e espiritualismo.⁶ Nesse contexto, podem ser inseridos os trabalhos de Jane Camerini, Sandra Knapp, Ildeu Moreira⁷, Charles Smith, George Beccaloni, Ross Slotten, entre outros indivíduos vinculados a prestigiosas instituições de pesquisa situadas em diferentes partes do mundo. O conjunto dessas reflexões não se limitou a retratar Alfred Russel Wallace como um excêntrico viajante do século XIX, ou como uma figura “esquecida” e marginalizada pelos defensores de Darwin e pela elite científica. Em contraposição a essa perspectiva, alguns ensaístas e biógrafos da atualidade tendem a caracterizar as incoerências e idiosincrasias do coletor britânico

³ CF. MARCHANT, James. **Alfred Russel Wallace letters and reminiscences**. London: Cassell, 1916.

⁴ CAMERINI, Jane R. **The Alfred Russel Wallace Reader: A Selection of Writings from the Field**. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 2002. p. 3

⁵ *Ibidem*, p.2

⁶ Cf. SMITH, Charles H. e BECCALONI, George (org.). **Natural Selection and beyond: The Intellectual Legacy of Alfred Russel Wallace**. New York: Oxford University Press, 2008.

⁷ No Brasil, no campo da divulgação científica, devo salientar a importante contribuição do físico Ildeu Moreira (UFRJ), o qual vem promovendo palestras, workshops, peças teatrais, exibição de filmes para um público mais amplo sobre a importância de Wallace para o desenvolvimento da ideia de seleção natural. Ademais, este pesquisador tem destacado Amazônia como o ponto de partida para às reflexões biogeográficas do naturalista britânico.

como um indício de seu pensamento independente. Sendo assim, sua ampla gama de preocupações intelectuais, morais e políticas esclarece que, em sua longa vida (Wallace viveu até os 90 anos), ele foi, ao mesmo tempo, um notável humanista, um apaixonado pela natureza e um crítico ferrenho dos modos de vida da cultura vitoriana e do materialismo econômico e científico.

Entretanto, embora o presente trabalho pretenda desenhar alguns traços da complexa feição social de Alfred Russel Wallace, devo fazer uma ressalva: este estudo não se trata de uma biografia. O objetivo é analisar a experiência de viagem do naturalista britânico em um espaço e período específicos, respectivamente, a Amazônia entre 1848 e 1852. Assim, alguns aspectos de sua biografia são enfatizados aqui, mas estes devem ser vistos apenas como pano de fundo para explicitar um movimento mais abrangente da sociedade britânica, uma vez que informam sobre o caráter “aberto” da ciência, pois, até meados do século XIX, o processo de profissionalização científica ainda estava em curso.

Meu propósito consiste, primeiramente, em analisar como Wallace conseguiu aproveitar tanto as oportunidades surgidas em um contexto marcado pela progressiva expansão imperial e industrial inglesa, como a rede de interações humanas que constituiu ao longo de suas explorações de coleta no trabalho de campo na Amazônia. Considera-se que refletir sobre as inter-relações do naturalista na região envolve também os debates acerca do encontro dos europeus com o Outro, isto é, refere-se ao princípio de alteridade. Sobre esta noção, a reflexão efetuada por David Arnold demonstra a importância de situar o debate sobre as alteridades ambiental e humana do continente americano em uma escala de tempo relativamente longa, tomando como ponto de partida os quinhentos a seiscentos anos passados da chegada de Colombo (1492) à América. Por meio dessa noção, é possível observar a construção de um conjunto de representações estereotipadas das populações não europeias e as maneiras de ver e pensar o meio físico dos trópicos. Neste sentido, não se pode deixar de observar que as expectativas de Wallace em encontrar na Amazônia um mundo oposto ao mundo temperado europeu foram alimentadas por condicionamentos imagéticos de longa duração.

Por outro lado, os interesses de naturalistas pela região amazônica devem ser entendidos ainda como parte do desenvolvimento de novas atitudes das sociedades humanas em relação ao mundo natural. Keith Thomas, em seu estudo *O homem e o*

*Mundo Natural*⁸, evidenciou que as experiências materiais do homem europeu com seu meio físico – isto é, delimitando-se as formações sociais que viviam na Grã-Bretanha entre 1500-1800 – promoveram um longo processo de mudança de atitudes e de sentimentos em relação à natureza. De acordo com Thomas, a ruptura com uma tendência “tão antiga” de observar plantas e animais como “meros símbolos do homem” veio com a “busca por princípios novos e mais objetivos de classificação”.⁹ Desde então, cientistas passaram a descartar significados religiosos, simbólicos e supersticiosos dos seres que compunham o mundo natural e a enfatizar a existência própria e independente de cada ser. Em conformidade com esse imaginário, desde o século XVIII, vê-se engendrarem novas explicações sobre a origem dos seres vivos, as quais romperiam com os antigos princípios bíblicos sobre a natureza, pautados na concepção da fixidez e imutabilidade das formas de vida da terra.

Outra questão que retoma a concepção de alteridade é esclarecida pela historiadora Nancy Stepan. Esta interpreta a atitude de Alfred Russel Wallace em escolher o Brasil, e, posteriormente, o Arquipélago Malaio¹⁰ como ponto de chegada para seus interesses de colecionador como um indício claro da função que a natureza dos trópicos exerceu sobre a imaginação europeia. Isto porque, segundo a autora, as expectativas de muitos viajantes naturalistas do oitocentos (que tais quais Wallace percorreram regiões tropicais) foram alimentadas pelo desejo de encontrar uma paisagem oposta ao mundo temperado europeu.¹¹

Assim, algumas práticas sociais recorrentes no século XIX, tais como, a contemplação de paisagens, as descrições empíricas da flora e da fauna, passeios ao ar livre em parques e jardins, podem ser entendidas como uma resposta estética e emocional ao mundo natural; sendo elas erigidas a partir de um espectro amplo e diverso de valores culturais, intelectuais e sociais que atravessaram a mentalidade europeia. Em outras palavras, deve-se considerar que as relações humanas com a “natureza” são condicionadas pelas condições materiais, intelectuais e sociais de um

⁸THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988

⁹Ibidem, p. 78

¹⁰ Considerado o maior do mundo, o Arquipélago Malaio é composto por 13.000 ilhas da Indonésia e cerca de 7000 ilhas das Filipinas. As ilhas principais do grupo pertencentes à Indonésia incluem: Sumatra, Java, Borneo, Celebes, Molucas e Irian Jaya. Na parte filipina encontram-se: Luzon, Mindanao, Ilhas Vinsayan. Outras unidades políticas no arquipélago estão localizadas a leste da Malásia (Sabah e Sarawak), Brunei e Papua Nova Guiné. Informações retiradas da *Enciclopedia Britânica*, disponível em: www.britannica.com/EBchecked/topic/359679/Malay-Archipelago. Acessado em: 13.02.12

¹¹STEPAN, Nancy. **Picturing Tropical Nature**. London: Reaktion Books, 2001,p.18

contexto específico. Assim, enquanto a natureza tropical era objeto de escrutínio do naturalista europeu que, ao percorrer por meses ou anos a exótica floresta tropical, ambicionava obter prestígio social e dinheiro quando em sua volta para a Europa; para o imigrante europeu, que empenhava seus esforços na produção agrícola, a natureza tropical podia ser vista tanto como um recurso natural, quanto como um obstáculo físico para suas pretensões.¹² Tais especificidades apontam residir nas representações europeias sobre a natureza tropical diferentes (e, por vezes, opostos) significados e valores, conforme Stepan:

“[...] for heat and warmth but also for a dangerous and diseased environment; for superabundant fertility but also for fatal excess; for species novelty but also for the bizarre and deadly; for lazy sensuality and sexuality but also for impermissible racial mixings and degeneration.”¹³

Porém, Stepan assinala que o livro “Viagens ao Rio Negro e Amazonas” destoa do estilo narrativo romântico tropical, perturbando as convenções de representações dos trópicos. Deste modo, ainda que a narrativa de Wallace confirmasse uma visão padrão sobre a alteridade ambiental e humana, tendo em vista o poderio europeu para levar a civilização aos trópicos, ele lamentou o inevitável extermínio de raças autóctones, que a agricultura e a indústria europeia trariam em seu rastro. Para o naturalista, apesar dos progressos materiais, os europeus eram, em muitos aspectos, moralmente inferiores aos nativos dos trópicos. Diante desses indícios, a autora aponta que o conteúdo das mensagens de Wallace possui uma mistura desconcertante do “convencional e não convencional”.

Outras dimensões da trajetória de viagem de Wallace, cujas reflexões foram fundamentais para a análise aqui empreendida, foram desenvolvidas pela estudiosa norte-americana Jane Camerini. Em seu artigo, *Wallace in the Field*, Camerini destaca a importância das redes de conexões e a manipulação da infraestrutura humana para realização do trabalho de campo. Para ela, graças à experiência de coleta desenvolvida no Brasil, Wallace adquiriu determinadas habilidades: “using letters of introduction to find lodgings and collecting, and transporting specimens back to England, and overcoming the practical exigencies surviving in dangerous and isolated places”¹⁴ Desta forma, o naturalista soube calcular adequadamente os riscos na viagem ao Arquipélago

¹² Ibidem, p. 21.

¹³ Ibidem, p. 21

¹⁴ CAMERINI, Jane. Wallace in the Field. IN: **Osiris**, 2nd Series, Vol. 11, Science in the Field (1996), p. 48. Acessado em: 10.05.10.

Malaio e obteve ajuda de uma rede de colaboradores profissionais que foi ampliada devido à sua primeira experiência de coleta.

Nesse sentido, se em certos lugares por onde excursionou fora beneficiado com a fluidez da sociedade local – já que sua condição de homem branco europeu favoreceu-lhe a colaboração e hospitalidade dos agentes coloniais – em outros, onde a colonização europeia não fora plenamente satisfeita, o viajante ficou totalmente à mercê dos expedientes¹⁵ dos nativos. Destes últimos dependia para satisfazer as necessidades diárias da coleta (caçar, cozinhar, viajar etc.) e, sobretudo, porque frequentemente estes atores sociais funcionaram também como mediadores culturais. É nesta categoria que se pode enquadrar seu fiel ajudante malasiano Ali, em sua segunda jornada na Malásia e Polinésia. Conforme a autora, Ali foi essencial no trabalho de coleta do naturalista, pois, além de adquirir informações valiosas e precisas que o levaram a encontrar sua mais ambicionada espécie, a ave do paraíso, o nativo traduzia mensagens e negociava em nome dos interesses de Wallace. Neste processo, a atitude de Ali em servi-lo tão fielmente, ao ponto de autodenominar-se “Ali Wallace” após 45 anos do fim da jornada, reflete, segundo Camerini,

“[...] the enduring and fundamental nature of Ali's experience of his early years working with Wallace, as well as a history of slavery and servitude in the colonial East Indies in which the line between the two was fuzzy. It is possible that Ali fit roughly into one of several categories of servants, that of head servant, that had become part of colonial households in Indonesia since the seventeenth century. The line between head servant and family member is another loose boundary. In any case, the relationship between Ali and Wallace was pivotal for each of them, growing in the course of seven years of finely tuning their lives and work together.”¹⁶

Obviamente, tal experiência não impactou somente a trajetória do malasiano: Wallace viveu quase ininterruptamente por catorze anos entre culturas não europeias e a estranha realidade também perturbou as convenções de natureza e cultura que tinha sobre seu próprio continente de origem.

Sobre esse assunto suscitado por Camerini, pode-se depreender a importância de analisar os escritos do viajante, observando suas relações com a cultura material das regiões que visitou e suas práticas cotidianas de coleta de seres. Assim, compreendo que não foi por acaso que Wallace, em 1847, propôs a Bates que transferisse seus esforços

¹⁵ Com o intuito de aproximar as vertentes históricas em que esta pesquisa está assentada, optei usar a expressão inscrita por Sérgio Buarque de Holanda em: HOLANDA, Sérgio Buarque. **Caminhos e Fronteiras**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

¹⁶ Op. cit., p.55.

de coleta para o “continente proibido”, a América do Sul, onde poderiam “ganhar a vida” com a coleta de objetos de história natural. A ideia de partir para a província ao Norte do Brasil surgiu após Wallace ter lido o livro do americano William H. Edwards, *A voyage up the Amazon, including a residence at Pará*.

O relato de Edwards, ao mesmo tempo em que aguçava a curiosidade sobre o Novo Mundo, também dava indicações a outros naturalistas amadores sobre as vantagens de percorrer a região, garantidas pela hospitalidade da população local e pela economia de recursos dispensados para se viver e viajar neste espaço.¹⁷ Como expressou Wallace: “[...] I decided upon going there [Pará], both on account of its easiness of access and the little that was known of it compared with most other parts of South America.”¹⁸ Além disso, a ênfase em uma natureza quase intocada também os motivou a explorar a região para responder a uma inquietação intelectual relatada por Wallace em carta para Bates, de 1847, escrita logo após ter lido a narrativa de Edwards: “towards solving the problem of the origin of species”.¹⁹

Mr. Edwards auxiliaria os dois jovens e amadores naturalistas de um modo mais prático. Eles se encontraram por acaso com o escritor de *Voyage up the Amazon*, em Londres, enquanto se preparavam para viajar. Foi nesta ocasião que Edwards lhes escreveu suas primeiras cartas de recomendação, as quais garantiram a introdução e receptividade dos dois viajantes no círculo de indivíduos de língua inglesa radicados na Província do Pará.²⁰ Além disso, eles buscaram orientação de Edwards Doubleday, entomologista do Museu de História Natural de Londres, o qual lhes assegurou, devido ao crescente interesse pela “exótica” fauna de regiões tropicais, que poderiam vender duplicatas de espécies a fim de pagar suas despesas de sua viagem. Doubleday também conseguiu cartas de apresentação, escritas por um colecionador de borboletas de Londres, para o capitão do navio com quem eles viajariam.

Sobre estes aspectos, Camerini ressalta que os dois jovens homens se aparelharam com os equipamentos necessários para coletar espécimes (redes, caixas, armas, barômetros, sextante, compassos etc.) e desenvolveram habilidades e conhecimentos necessários para identificar e coletar; por intermédio de um agente,

¹⁷ Cf. CAMERINI, Jane R. **The Alfred Russel Wallace reader: a selection of writings from field**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 2002, p. 61

¹⁸ WALLACE, Alfred Russel. **A Narrative of travels on the Amazon and Rio Negro**. London: Reeve and Co., 1853, p. III.

¹⁹ BATES, Henry. **The Naturalist on the Rivers Amazons**. London: John Murray, 1863, p. III; e Cf. RABY, Peter. **Bright Paradise: Victorian Scientific Travellers**. Princeton NJ: Princeton University Press, 1997, p. 78

²⁰ Camerini, op. cit. p. 61

constituíram um forte elo com o crescente número de colecionares de história natural. Deste modo, quando Bates e Wallace partiram para o Brasil, em 1848, coleções privadas “exóticas” de história natural eram quase tão populares como a literatura de viagem. Além disso, capital inglesa movimentava o mundo dos negócios relacionado à venda de espécimes em história natural: agentes de vendas, sala de leilões, lojas especializadas etc.

Pode-se compreender melhor tal realidade por meio do negociante Samuel Stevens: especializado na venda e no leilão de objetos de história natural, conduziu com eficácia seu negócio²¹ (um esquema de venda pelo qual os clientes poderiam escolher o espécime de sua preferência através de um sistema semelhante a um cardápio de restaurante ou uma lista de livros²²) e apoiou muitos naturalistas que coletavam em várias partes do mundo. Entre estes, Bates e Wallace certamente foram seus mais talentosos coletores. Por esta razão, Stevens forneceu-lhes roupas e dinheiro, além de ter promovido a “fama” dos dois naturalistas no círculo de interessados em história natural por meio da publicação de extratos de suas cartas no *Annals and Magazine of Natural History*²³ e do anúncio, junto à *Entomological Society*, das últimas descobertas de Wallace e Bates. Não casualmente, Stevens foi considerado por Wallace como um amigo em seu fatídico retorno, em 1852, após o naufrágio do navio onde viajava:

“On reaching London in condition described in my letter to Dr. Spruce, and my only clothing a suit of the thinnest calico, I was met by my kind friend and agent, Mr. Samuel Stevens, who took me first to the nearest ready-made clothes shop, where I got a warm suit, then to his own tailor, where I was measured for what clothes I required, and afterwards to a haberdasher’s to get a small stock of other necessaries. Having at that time no relatives in London, his mother, with whom he lived in the south of London – I think in Kensington – had invited me to stay with her. Here I lived most comfortably for week, enjoying the excellent food and delicacies Mrs. Stevens provided for me, which quickly restored me to my usual health and vigour.”²⁴

Desta forma, para além de mero negociador de objetos naturais, a trajetória de Stevens exemplifica que o universo das práticas naturalistas abrange múltiplos atores e dimensões sociais. Como esclareceu Camerini:

²¹ Localizado em Bedford Street, Londres, a apenas uma quadra do *British Museum*. Cf. RABY, Peter. **Bright Paradise: Victorian Scientific Travellers**. London: Pimlico, 1997, p.79.

²² Sobre estas informações ver STEVENSON, Brian. **Samuel Stevens, Naturalist**. Disponível em: <http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/indexmag.html?http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/artaug09/bstevens.html>. Acessado em: 10.12.11

²³ Estes extratos estão disponíveis em: <http://people.wku.edu/charles.smith/index1.htm>

²⁴ WALLACE, Alfred. Extrato de Carta. In: CAMERINI, op. cit. p. 97

[...] it was unquestionably fashionable, valued as morally uplifting, encouraged, by the Anglican belief in natural theology (in which the study of nature reveals God's greatness), actively pursued scientifically and intellectually, and, although lacking in clear government, support, it was sanctioned by cultural.²⁵

Dentro deste espírito, pode-se presumir que a prática de história natural não era motivada somente por interesses da ciência profissional, mas por outras razões.²⁶ Como esclarecem os autores Jean-Marc Drouin e Bernadette Bensaude-Vincent, ao contrário da física ou da química, pelo menos inicialmente, qualquer um poderia contribuir para a história natural.²⁷ Segundo estes autores, no período em questão, era difícil distinguir os praticantes em história natural entre “ativos” naturalistas e o “passivo” público leigo, já que existia pelo menos três diferentes audiências para história natural. Entre o naturalista de tempo integral – uns poucos profissionais com status em instituições de saber – e o naturalista letrado leigo, havia ainda o praticante ocasional, o qual não se contentava apenas em ler, mas em praticar história natural, colecionando espécimes de plantas e insetos ou conchas. Há ainda outra categoria intermediária especialmente identificada: as mulheres. A presença feminina foi especialmente ativa no ramo da botânica e sua participação demonstra o popular “sucesso” dessas práticas.

Assim, explicitar o gosto destes viajantes por lugares alhures levou-me, então, a delinear suas origens sociais e os fatores que influenciaram o apreço de ambos pela história natural. Esta questão será o fio condutor da discussão que se seguirá nos capítulos seguintes.

No primeiro capítulo, inicialmente, observo que a presente tese se relaciona com a tradição historiográfica da vertente História Cultural. Como é sabido, tal viés historiográfico tem suscitado, nas últimas décadas, um variado leque de temas antes marginalizados pela historiografia tradicional. Dentro do amplo quadro de linhas temáticas da História Cultural, a proposta desta pesquisa toma como um de seus principais nortes investigativos as noções de representação, apropriação e práticas sociais empregadas pelo historiador Roger Chartier. Para ele, são as práticas que dão sentido aos discursos, pois as ideias não são descarnadas, uma vez que “não há pensamento único, universal, imutável”²⁸; logo, serão as práticas e os contextos no qual

²⁵CAMERINI, Ibidem, p. 6

²⁶Cf. JARDINE, N. **Cultures of natural history**. Cambridge University Press, 1996,

²⁷ Ibidem, p. 417

²⁸ CHARTIER, Roger. **A História Cultural Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: DIFEL, 1990.

elas se inserem que determinarão formas diferenciadas de culturas ou categorias sociais. Portanto, a história cultural, na ótica de Chartier, deve preocupar-se, sobretudo, com os usos dos objetos, dos textos, dos discursos, isto é, as formas como os materiais são apreendidos, manipulados e compartilhados.

Diversos aspectos desta pesquisa transitam também na confluência de duas outras diferentes tradições historiográficas: a perspectiva da história social da ciência e as abordagens que focalizam a história das interações entre o homem e o meio ambiente. Sobre esta última vertente, é importante lembrar que a chave de leitura do presente estudo está pautada em uma tradição brasileira que enfatiza a relação dialética entre o homem e a natureza. Por fim, outras questões do presente trabalho dialogam com as abordagens da história social das ciências. Nota-se que os recentes estudos buscam pensar a prática científica (igualmente a outras dimensões da modernidade) como resultante de negociações e consensos estabelecidos tanto pela atividade científica, como por fatores tradicionalmente considerados como “extra científicos” (social, econômico e cultural). São destacadas, neste debate, as críticas direcionadas ao trabalho clássico de George Basalla *The Spread of western science*. Em seguida, desenvolvo um balanço historiográfico sobre as linhas temáticas que abarcam o trabalho com o gênero de fonte conhecido como literatura de viagem.

No segundo capítulo, busco discutir a história social da Amazônia a partir da relação entre a constituição de fronteiras e a produção do conhecimento do espaço em questão. Sobre esse tema, constato a necessidade de uma discussão mais dilatada sobre a noção de “sertão” e diferenciações regionais que favoreceram modos de vida, formas de intervenção e exploração do meio, demonstrando feições diferenciadas entre o litoral, o interior do país e o vale amazônico. Nesse sentido, considero que a circulação e mobilidade de homens no espaço e no tempo são, por vezes, condicionadas por questões de fundo diplomático e/ou econômico, mas, principalmente, por inter-relações materiais, estruturais e ambientais. Logo, proponho pensar em dimensões da realidade que afetaram as explorações europeias na Amazônia ao longo do tempo e que definiram as feições do universo social e econômico da região. Procuro, então, enfatizar que não apenas as dinâmicas processadas pelas expedições de coleta de produtos silvestres, (os quais constituíram a base da economia da região desde os primeiros séculos de colonização portuguesa em oposição à agricultura extensiva organizada e à mineração

de outros pontos do país) distinguiram a região de outros lugares do Brasil, mas também determinaram os caminhos, as atitudes e as condições de viagens para homens da ciência.

Busco frisar, também, que as amizades e redes de relações constituídas no interior da Amazônia foram imprescindíveis para todos os naturalistas que estiveram no extremo norte durante coleta em campo. Enfatiza-se, deste modo, que viagens exploratórias só puderam ser planejadas e postas em prática em virtude da colaboração de meios e agentes diversos. Dentro do caleidoscópio social e econômico que era a Amazônia, rotas de viagem naturalistas só foram possíveis ao percorrer os mesmos caminhos dos negociantes locais que partiam em busca de mão de obra indígena e produtos extrativos. Finalmente, objetiva-se investigar de que modo as várias dimensões da realidade amazônica – geográfica, política, social, econômica e ambiental – incidiram sobre as práticas de campo.

Através do exame das cartas, narrativas e trabalhos científicos de Bates e Wallace, examino, no terceiro capítulo, o cotidiano das coletas naturalistas. Com isso, retrato de que forma a experiência dos coletores independentes de história natural se diferenciava da trajetória de outros naturalistas de campo, tendo em vista suas ligações institucionais ou de carreira tecida antes e depois das viagens para a região. Pretende-se, portanto, verificar quem eram os interlocutores internacionais de Bates e Wallace e em que medida estas relações os auxiliaram na receptividade local. Outro item pretende reconstituir a experiência de campo de Wallace por meio de suas relações pessoais elaboradas na região e seu trajeto de viagem em rios, cidades, povoados.. Destaca-se o papel dos nativos nesse processo e certas relações de poder que possibilitaram a empreitada dos dois coletores na Amazônia. Por último, intenciona-se examinar a relevância das redes do naturalismo (tipos de coletores, redes de colecionismo; extensão de redes de relacionamentos) e as amizades epistolares na composição do trabalho científico, demonstrando que este só se realizava através de meios, agentes, lugares diversos, ou seja, coletivamente.

No quarto capítulo, pontuo os trajetos e redes de relações efetuadas por Wallace no interior da região amazônica. Para tanto, sublinho a importância da rede de solidariedade constituída por naturalistas com proprietários de terras e negociantes de origem europeia para facilitar o empreendimento de coleta na região. Discuto a relevância do critério geográfico e, especialmente, hidrográfico, uma vez que foram os

rios (e não a terra firme) a principal via de deslocamentos e ponto de referência dos homens da ciência na Amazônia. Situo ainda o papel de algumas vilas e povoações no curso principal do rio Amazonas para suprir os exploradores de mantimentos, informações, ajudantes e de embarcações, ou seja, infraestruturas essenciais para penetrar para o interior da região.

A partir desse quadro geral esboçado, destaco que suas rotas de viagens foram determinadas com base em suas interações com negociantes e autoridades locais; o deslocamento, por sua vez, seguiu um padrão de viagem delineado pelas dinâmicas econômicas locais, sendo alguns pontos alcançados por Wallace também vislumbrados por outros naturalistas e exploradores europeus. Evidencio o papel dos elos humanos no processo diário de coleta de espécies para história natural e para apoiar o viajante em momentos de aflição, perigos e doenças. Este fato revela uma dimensão ainda pouco apreciada na história da ciência, enfatizada por Jane Camerini: o trabalho em campo comportou competição e ganância, mas também relações de amizade e confiança construídas durante as explorações.

Ademais, enfatizo que o processo de coleta dependia das interações que o viajante conseguia estabelecer com o meio ambiente amazônico: suas relações materiais, como, por exemplo, o uso de embarcações nativas, com os modos de vida da população, com a natureza. O fato de que a ciência só se faz coletivamente começa a ser vislumbrado por meio da apropriação desses naturalistas das técnicas de caça indígenas em detrimento das armas europeias, visto que aquelas foram consideradas por Wallace como recurso mais apropriado para se coletar espécies do que estas. Os instrumentos e técnicas indígenas, respectivamente, a zarabatana e o uso do timbó para envenenar a água, demonstram que o coletor europeu não sobreviveria e não teria sucesso algum sem interagir com as populações locais. Portanto, era inevitável e necessário o ajuste de suas condutas às circunstâncias locais e a interagir com diferentes grupos humanos. Com isso, afirma-se que Wallace, bem como outros viajantes estrangeiros, não se deslocou, caçou ou trabalhou no campo de forma isolada, distanciando-se das determinações do ambiente natural e da realidade sociocultural em zonas de contato: na realidade, ele permaneceu em um ambiente coletivo e de colaboração.

A recente comemoração dos 150 anos da teoria da seleção natural resultou na redescoberta de seu cofundador Alfred Russel Wallace. Com isto, alguns estudos mais

vinculados ao campo da biologia exaltaram a importância de Darwin para consolidação da tese que “iluminou” o campo da biologia e da biogeografia, mas não deixaram de mencionar Wallace (o herói esquecido, ou outro pai da evolução, como expressou um artigo do jornal O Estado de São Paulo²⁹) e, em menor grau, Bates.

Nesses termos, Wallace foi exaltado por ter constatado, independentemente de Darwin, a ideia de seleção natural, chave que faltava para compreensão da evolução da vida. Henry Bates, seu companheiro de viagem, também foi lembrado por ter descoberto a teoria do mimetismo entre os insetos. No entanto, algumas destas abordagens se limitam a apresentar as trajetórias intelectuais destes indivíduos como parte do progresso da ciência moderna e/ou a enfatizar a importância de se estudar os seus relatos de viagem para explicar de que forma a Amazônia foi usada “como objeto da investigação científica e como fonte de conforto e prazer estético”³⁰ por esses “sábios”.

Meu desafio aqui empreendido consiste em ir além dos episódios que tornaram os naturalistas famosos. Pretendo, por um lado, sair da *caixa preta*³¹ do fato científico consumado e da simples exaltação da genialidade desses sujeitos; e, por outro, observar de que modo Wallace interagiu com a natureza e sociedade brasileiras visitadas em meados do século XIX: quais foram os níveis de aprendizado, de trocas materiais e de ideias estabelecidas nas zonas de contato.

²⁹ Artigo disponível em: <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=57006>. Acessado em: 10.10.07.

³⁰ Cf. ALVES, José Jerônimo de Alencar. A natureza e a cultura no compasso de um naturalista do século XIX: Wallace e a Amazônia. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.18, n.3, jul.-set. 2011, p.775-788.

³¹ Termo usado pelo estudioso Bruno Latour. Cf. LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação**. São Paulo: UNESP, 2000.

CAPÍTULO I

1. QUESTÕES, MÉTODOS E ABORDAGENS HISTORIOGRÁFICAS

No dia 26 de abril de 1848, um navio mercante de bandeira britânica e com propulsão a vela denominada *Mischief* aportou em Salinas, espaço litorâneo do extremo norte brasileiro. A bordo, estavam dois curiosos passageiros, em cujas bagagens havia redes e caixas para coletar aves e insetos, espingardas, equipamentos para acampar e instrumentos diversos, como: lente, bússola, sextante, barômetro, termômetro etc.³² Além destes objetos, cada um deles levava consigo cartas de apresentação e um diário, no qual anotavam todas as suas sensações e expectativas em relação aos seus primeiros vislumbres de uma região tropical. Em sua narrativa de viagem, publicada um ano após seu retorno, um dos viajantes sintetizou o sentimento de atração compartilhado por ambos no tocante ao lugar visitado: “Some far land where endless summer reigns”³³ Esse sentimento expressado pelo viajante inglês Alfred Russel Wallace revela, inicialmente, quais eram suas expectativas em relação ao extremo norte do Brasil e que sua *visão de mundo*³⁴ era atravessada por camadas de imagens, de representações que exultavam uma geografia imaginativa.³⁵

Com isso, embora os escritos dos viajantes apresentem que seus objetivos no Grão-Pará estavam relacionados aos estudos da natureza, a reconstituição de algumas de suas atividades na região amazônica demonstra que suas visões de mundo eram pautadas por uma mistura complexa de valores iluministas, românticos, teológicos e científicos, bem como pelas transformações ofertadas pela expansão industrial e imperial britânica. De acordo com Nancy Stepan, para se entender tanto os objetivos de viagem, quanto sentimentos e atitudes dos viajantes acima denominados é preciso considerar que as descrições europeias sobre a natureza, “mesmo a mais técnica e científica”, expressava “uma visão parcial e seletiva” da realidade.³⁶ Isto significa pensar que, por vezes, paisagens e objetos vislumbrados por viajantes eram descritos

³² Apud CAMERINI, Jane. “Wallace in the Field”. In: **Osiris**, 2º Série, vol 11, Science in the Field (1996), p. 47

³³ WALLACE, Alfred R. **A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro**: with an account of the native tribes, and observations on the climate, geology, and natural history of the Amazon valley. London :Reeve and Co., 1853, p.9

³⁴ Termo cunhado pelo historiador francês Robert Mandrou. Cf. VOVELLE, Michel (org.). **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo, Brasiliense, 1991, p.15

³⁵ Cf. MARTINS, Luciana de Lima. **O Rio de Janeiro dos Viajantes: o olhar britânico (1800-1850)**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001; e STEPEAN, Nancy Leys. **Picturing Tropical Nature**. London: Reaktion Books, 2001.

³⁶ SPEPAN, Nancy. *Ibidem*, pp.14-15

por meio de um conjunto representações e sistemas de comunicação que eram próprios de sua cultura e davam sentido as coisas. Assim sendo, zonas definidas como tropicais ao longo do século XIX quase sempre apresentavam o seguinte padrão: descrições que intercalavam definições de seres e lugares de acordo com parâmetros lineares de classificação da natureza, com uma narrativa que exultava o contraste da vegetação, dos animais e pessoas da região visitada com o mundo temperado europeu.

À vista disso, uma das unidades de análise do presente estudo pode ser situada dentro de uma das linhas temáticas da História Cultural que toma como um de seus principais nortes investigativos as noções de representação, apropriação e práticas sociais empregadas pelo historiador Roger Chartier. Para ele, são as práticas que dão sentido aos discursos, pois as ideias não são descarnadas, uma vez que *não há pensamento único, universal, imutável*³⁷; por conseguinte, serão as práticas e os contextos no qual as ideias se inserem que irão determinar formas diferenciadas de culturas ou categorias sociais. Portanto, a história cultural, na ótica de Chartier, deve preocupar-se, sobretudo, com os usos dos objetos, dos textos, dos discursos e com as formas como os materiais são apreendidos, manipulados e compartilhados.

Tendo em vista as concepções supracitadas, acredito que estudar as linhas escritas por Alfred Russel Wallace pode dizer muito sobre suas atitudes, seus comportamentos e ideários em relação à região visitada. Trata-se de um ideário não restrito apenas ao seu pensamento, mas compartilhado por toda uma coletividade do século XIX, confirmado no seguinte trecho de seu companheiro de viagem: “It was with deep interest that my companion and myself, both now about to see and examine the beauties of a tropical country for the first time, gazed on the land, where I, at least, eventually spent eleven of the best years of my life.”³⁸ Desta forma, meu propósito de estudo se concentra na análise da experiência de campo na Amazônia de uma figura-chave e na tentativa de capturar, em sua trajetória, aspectos da história das representações da natureza tropical do século XIX. Portanto, esta tese objetiva perscrutar os escritos produzidos pelo viajante naturalista Alfred Russel Wallace sobre a Amazônia de meados do século XIX, tendo como base analítica o instrumental teórico da vertente historiográfica História Cultural.

³⁷ CHARTIER, Roger. **A História Cultural Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: DIFEL, 1990, pp. 68-69.

³⁸ BATES, op. cit, 1863, pp. 1-2. Cf. BATES, Henry Walter. **Um Naturalista no Rio Amazonas**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979, p. 11 “Foi com um profundo interesse que meu companheiro e eu – ávidos para apreciar as belezas de um país tropical – contemplamos a terra onde pelo menos eu iria passar onze dos melhores anos de minha vida”

1.1.A TRADIÇÃO DA HISTORIOGRAFIA NOS ESTUDOS DA NATUREZA

Trabalhar com a experiência de campo do naturalista britânico Wallace na Amazônia oitocentista me levou a conceber questões que transitam na confluência de outras diferentes tradições historiográficas: a perspectiva da história social das ciências e análises que focalizam as interações do homem com o meio ambiente. Neste ponto, compartilho da elucidação feita por Nancy Stepan: do mesmo modo que algumas visões simplistas observaram a natureza dos trópicos pautadas por um ponto de vista empírico determinista, por outro, podem ser empobrecidas as análises que retrataram o mundo natural como mera construção cultural. Ao contrário de perspectivas reducionistas, o mundo físico, ou seja, o mundo material da natureza deve ser relacionado com as necessidades simbólicas e emocionais de uma sociedade; sendo, por isso, algumas representações que se faz da natureza melhores que outras – isto é, mais sutis, mais precisas ou mais expressivas³⁹.

Consequentemente, a análise aqui apreendida comunga com uma perspectiva histórica que visa sublinhar as interações humanas com o mundo natural. Entretanto, deve-se salientar que o desenvolvimento de análises históricas preocupadas com as interações entre o homem e o meio ambiente não surgiram somente nas últimas décadas do século XX, como resultado de um “modismo ecológico”. Em 1931, em *Les caractères originaux de l'histoire rurale française*, apoiado por uma farta documentação e por observações pessoais sobre o campo francês, Marc Bloch, historiador da Escola dos *Annales*, já reconstituía os fatores que deram forma às características físicas e sociais do mundo rural da França entre os séculos V ao XVIII. Anos mais tarde, em 1939, no livro *A Sociedade Feudal*, Bloch revelou novamente essa preocupação da história ao afirmar que “O homem feudal, mais que nós, estava próximo de uma natureza que, por sua vez, era muito menos ordenada e suave.”⁴⁰ Na obra em questão, este autor, ao tentar recompor os modos de vida da sociedade rural francesa feudal, tornou visível a aventura do corpo humano diante de doenças, guerras, fome, alta mortalidade. Aliado a isso, revelou que a consciência dessa precariedade perpétua, da fragilidade desses homens diante da natureza, levou-os a ter sentimentos que caracterizaram a mentalidade da era feudal. Sobre a percepção da fragilidade do homem

³⁹STEPAN, Nancy.op. cit. p. 14

⁴⁰BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. São Paulo: edições 70, p.99. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/13475585/A-Sociedade-Feudal>. Acessado em: 05.12.2010.

diante da dura realidade da natureza, Bloch indaga: “Como pensar, no entanto, que ele não tenha contribuído para a rudeza daquelas?”⁴¹ Simultaneamente ao questionamento, o sociólogo alemão Nobert Elias escrevia sua obra pioneira, *A Sociedade de Corte* (1931), cujas ideias, esboçadas independente da influência da escola dos *Annales*, pontuaram a existência de “três ritmos de evolução social das sociedades humanas: a evolução biológica, a evolução social e a evolução vivida na escala individual.”⁴² Do mesmo modo, Lucien Febvre, em sua obra *A Terra e a Evolução Humana*⁴³, sob a influência dos estudos do geógrafo Paul Vidal de La Blache, destaca a importância do diálogo entre a história e a geografia.

Coube, todavia, a Fernand Braudel aprofundar mais sistematicamente as indagações desta geração de estudiosos europeus da década de 1930. Conforme David Arnold, a obra de Braudel, *O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II* (1949), marcou a etapa mais determinista da escola dos *Annales*: “O rei da Espanha representa aqui somente um aspecto do tempo histórico, o tempo individual”⁴⁴ Com esta afirmação, Braudel defendia que os sucessos dos homens como indivíduos é o aspecto mais superficial da história, “a espuma das marés”, enquanto as “realidades mais profundas” são encontradas no “tempo social” das atividades econômicas, políticas das sociedades; porém, mas especialmente, está no “tempo geográfico”, isto é: “esta é uma história estruturada em torno de montanhas, planícies, ilhas e istmos; é uma história de estações, climas e epidemias”⁴⁵.

Marc Bloch, Lucien Febvre, Fernand Braudel e Emmanuel Le Roy Ladurie são alguns expoentes da Escola dos *Annales* que conceberam seus modelos explicativos sobre as dinâmicas sociais afirmando a importância de ultrapassar as análises das relações entre homens e percebê-los em suas relações com o solo, clima e momentos geológicos.

Além dos múltiplos ritmos engendrados pelas estruturas econômicas, sociais e políticas, estes autores se atentaram à longuíssima duração do tempo biológico ou geográfico. É sobre esta última indicação que repousa, talvez, o aspecto mais revolucionário de suas abordagens: a interação das sociedades humanas com o meio

⁴¹Ibidem, p.99

⁴²ELIAS, Nobert. **A Sociedade de Corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 15

⁴³FEVBRE, Lucien. **A terra e a evolução humana: introdução geográfica à história**. Lisboa: Cosmos, 1991.

⁴⁴ARNOLD, David. **La naturaleza como problema histórico: El medio la cultura y la expansion de Europa**. Fondo de Cultura Económica: México, 1996, p.44

⁴⁵Ibidem, p.44

natural. Para Braudel, é fundamental pensar que o homem já nasce prisioneiro dos quadros da natureza: “climas, vegetações, populações animais...”⁴⁶ Logo, qualquer trabalho que remeta às experiências, às atitudes, aos sentimentos e às diferentes representações do homem em relação à natureza devam estar alicerçadas nestas noções.

Por outro lado, é preciso ressaltar que a reflexão sobre a natureza não floresceu somente entre os historiadores europeus acima citados. No Brasil, podemos observar uma tradição de estudos históricos que enfatizou as determinações do meio ambiente na formação da cultura e da sociedade brasileira. Antonio Candido⁴⁷, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Junior foram pioneiros⁴⁸, no século XX, de uma análise histórica sobre o Brasil que partia de pontos de vista totalmente novos. Em 1937, a obra *Nordeste*, de Gilberto Freyre, é considerada vanguardista por ter usado o critério ecológico como um meio de reconstituir as formas de interações humanas – índia, africana e europeia – com o meio ambiente. Para isso, Freyre fez uso do conceito de ecologia social com intuito de enfatizar a “totalidade de inter-relações e processos naturais e de cultura”⁴⁹ e não para reduzir a cultura e fatos humanos a fatos da física e da história natural.⁵⁰ Claramente, há uma preocupação do autor em desmistificar certas imagens que representaram o Nordeste apenas como um espaço de “secas”; ele expõe, assim, o Nordeste da cana-de-açúcar.⁵¹

⁴⁶BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A longa duração”. In: **Escritos Sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1992, p.50.

⁴⁷ CANDIDO, Antonio. Prefácio. In HOLANDA, Sérgio B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

⁴⁸ Na década de 1930, a fundação da USP demandou a criação de uma “missão” francesa composta pelos professores Lévi Strauss, Jean Maugüi, Roger Bastide, Pierre Mobeig e Fernand Braudel. Conforme Luiz Corrêa Lima, alguns destes expoentes realizaram no país importantes estudos, que alavancaram suas carreiras acadêmicas: Strauss estudou os ñambiquaras; Roger Bastide as religiões negras e Pierre Mobeig as zonas pioneiras. Já a experiência do historiador francês na USP – o qual primeiro lecionou durante 1935 a 1937 e depois em 1947 – parece ter sido bastante fecunda para sua formação e visão de mundo, tendo em vista que foi neste local que pode se assenorear das obras de Gilberto Freyre, Euclides da Cunha, Caio Prado Jr., Capistrano de Abreu, Sergio Buarque de Holanda, Paulo Prado. Uma das razões para tal empreendimento derivava da própria exigência da universidade francesa por uma tese secundária. Por esta razão, Braudel escolheu estudar o Brasil do século XVI. O tema permeou a escrita de um ensaio nunca completado e publicado pelo autor devido às circunstâncias da Segunda Guerra Mundial. Entre os autores brasileiros que mais parece ter tido relação com a nova história de Braudel, destaca-se o *Nordeste* de Freyre, na qual o autor francês parece captar “os movimentos profundos da vida dos homens, as formas amplas da vida coletiva” e suas conexões com as estruturas ambientais, ecológicas, geográficas em sua tese fundamental o *Mediterrâneo*. Ver LIMA, Luiz Corrêa. **O Brasil transforma Braudel**. Disponível em: <http://en.braudel.org.br/research/archive/downloads/o-brasil-transforma-braudel.pdf>. Acessado em. 13.02.12

⁴⁹ FREIRE, Gilberto. **Nordeste**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, p. XX.

⁵⁰ Ibidem, p. XX.

⁵¹ Ibidem, p. 5

Neste “outro Nordeste”, localizado entre o “Recôncavo ao Maranhão, tendo seu centro em Pernambuco”⁵² e caracterizado por sua “terra e gente gordas”, pelos engenhos, casas grandes e terra de massapê, é notória uma paisagem bem diferente daquela “de terra dura, de areia seca”. Foi neste espaço de solo rico e argiloso que tornou possível o empreendimento agrário na América Portuguesa e a civilização do açúcar. Mas, para além desses condicionamentos geográficos, o ensaio buscou desvendar o sentido da trajetória psicossocial dos homens “através da compreensão dos homens distribuídos em conjuntos regionais com suas formas recorrentes de convivência, de simbiose e de conflito das quais transbordam conteúdos diversos.”⁵³

É também no sentido de avivar esta relação simbiótica entre homem e natureza que é possível situar a obra *Caminhos e fronteiras*, de 1957, escrita por Sérgio Buarque de Holanda. Nesta obra, o autor reconstitui as atitudes dos bandeirantes diante dos obstáculos naturais: ao se valer de meios diversos de locomoção (a pé e em simples canoas de cascas ou em toscas jangadas) para alcançar os “grandes reservatórios de índios domesticados ou brabos”⁵⁴, efetivaram um “complexo de atitudes” que determinaram uma transformação de mentalidade. Ao ser desafiado pelos obstáculos da natureza, o adventício de origem portuguesa, inicialmente, adaptava-se às circunstâncias do meio. No entanto, após passar um século de experiência, a desordem inicial de suas atitudes cede lugar aos poucos a novas técnicas e métodos que disciplinaram suas condutas coletivas e amenizaram as privações sofridas pelo corpo.

Deste modo, se antes os “roteiros das viagens eram variáveis, que se faziam sem ordem e sem época”⁵⁵, por volta de 1720, estabeleciam-se caminhos mais permanentes com os quais o viajante passou a ter maior facilidade de transporte e de proteção contra os índios. Igualmente, foram criadas diversas medidas que objetivavam a proteção de mantimentos, mercadorias e do próprio viajante, como, por exemplo, o fabrico de toldas e mosqueteiros para embarcações. Além disso, restava ao adventício ficar à mercê dos expedientes inventados pelos selvagens, o que fazia dos índios “o senhor de um admirável instrumento para triunfar sobre as condições mais penosas e hostis.”⁵⁶ Conforme Holanda, “no fabrico das canoas, na escolha do material de construção, no

⁵² Ibidem, p. 6

⁵³ Ibidem, p. XIX

⁵⁴ HOLANDA, Sérgio B. **Caminhos e Fronteiras**. 3ª Ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p.140

⁵⁵ Ibidem, p.143

⁵⁶ Ibidem, p. 24

próprio sistema de navegação, pode-se dizer que é nula a influência européia.”⁵⁷ Utilizando os aguçados métodos indígenas de interpretar os sinais da natureza, os viajantes aprenderam a observar qual era o período adequado para abater árvores (“nos meses que não têm *r* e durante a lua minguante”) e a melhor madeira (peroba ou ximbaúva); as dimensões de seus barcos deveriam, então, ser subordinadas às “possibilidades oferecidas pela vegetação florestal.”⁵⁸

Seguindo os rastros dos primeiros bandeirantes até a transição para o período das monções, a análise de Holanda oferece uma explicação sobre o movimento de dilatação do território brasileiro, tradicionalmente visto como parte de um desejo daqueles de explorar os recursos materiais e humanos do território. Ademais, através das interações estabelecidas entre homens e as condições extremas oferecidas pelo meio físico ambiental, vislumbra-se a conformação da singularidade, da identidade da “civilização brasileira”. Afirma-se, desta forma, que a visão de Holanda se concentra no cotidiano das experiências materiais que aqueles indivíduos estabeleceram com a realidade “bravia” do ambiente brasileiro. Nesta perspectiva, os caminhos traçados e trilhados pelos agentes das bandeiras (século XVII) e das monções (século XVIII) podem ser vistos a partir de um duplo movimento reflexo: à medida que o homem (des)brava o meio ambiente, modificando a paisagem, tal experiência os leva a uma transformação do próprio homem.

Caio Prado Junior, por sua vez, examina os três séculos da atividade colonizadora europeia e propõe encontrar uma síntese explicativa para o “sentido” da colonização no Brasil. Este é o objetivo de sua obra *Formação do Brasil Contemporâneo*, escrita em 1942: ele situa as atividades econômicas desenvolvidas no país como um apêndice da empresa de expansão marítimo comercial, ocorrida na Europa desde o século XV, sendo o Brasil, assim como os demais países da América Latina, apenas uma região fornecedora de matéria prima para as necessidades de abastecimento da metrópole portuguesa. Neste fato reside a principal vocação do Brasil: ser unicamente uma colônia de exploração. Tal modelo de colonização deriva de uma série de circunstâncias especiais que promoveram o processo de alinhamento do Brasil

⁵⁷Ibidem, p.145

⁵⁸Ibidem, p. 145

ao comércio transatlântico mercantilista entre as quais está “a natureza dos gêneros aproveitáveis que cada um daqueles territórios proporcionará”⁵⁹

Com tal argumento, o autor aponta que o fator ambiental foi determinante para a consolidação de dois modelos distintos de colonização que caracterizaram a América: o continente, o clima temperado e as condições da natureza mais próximas da Europa favoreceram o estabelecimento de colônias de povoamento; o clima tropical e subtropical, as “condições naturais, tão diferentes do habitat de origem dos povos colonizadores” se apresentaram tão “hostis e amesquinhadora ao Homem” que não estimularam o povoamento desta, mas, somente a exploração de gêneros que faziam falta à Europa. Deste modo, o colono europeu nos trópicos, é visto como alguém “entregue ao livre jogo da natureza”⁶⁰, oprimido diante do estranho ambiente e, sobretudo, como aquele que detinha a difícil tarefa de levar uma vida civilizada fora do clima temperado.

Diante desta premissa, o estudioso busca o conceito de fronteira em Frederik Jackson Turner⁶¹ a fim de comparar os diferentes estímulos ambientais sofridos pelos agentes de colonização estabelecidos nas duas zonas. Se as zonas temperadas favoreceram a migração “de um tipo pioneiro, o característico yankee, que dotado de aptidão e técnica particulares foi marchando na vanguarda e abrindo caminho para as levadas mais recentes de colonos que afluíam da Europa”⁶²; na outra área, a diversidade da natureza tropical atuou, ao mesmo tempo, como um empecilho ao povoamento e como um estímulo à geração de riquezas. Desta maneira, foi somente com a perspectiva de explorar e cultivar gêneros (açúcar, pimenta, tabaco, algodão etc.) que essas zonas “tórpidas” exerceram um atrativo especial nas ambições colonialistas.

No entanto, o estímulo que a imensidão de territórios vazios, preche por ocupação do homem branco, exerceu sobre o colono europeu “não traria com ele a disposição de lhe pôr a serviço, neste meio tão difícil e estranho, a energia de seu

⁵⁹JÚNIOR PRADO, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990, p.25

⁶⁰Ibidem, p.27

⁶¹ Conforme Robert Wegner, a tese de Turner foi apresentada em 1893 como parte das comemorações dos 400 anos do descobrimento da América. Este estudo, embora concebido especificamente para os EUA, esquivou-se de tratar apenas dos valores puritanos e individualistas europeus, na medida em que buscou “ênfaticamente o que havia de novo no país graças a sua dinâmica particular.” Em resumo, para Turner “a singularidade da América era fruto da Fronteira”. (p. 6-7) WEGNER, Robert. **Sérgio Buarque de Holanda e a Tese da Fronteira**. Disponível em: www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar. Acessado em: 12.01.2011. O conceito de Turner identificava ainda aspectos físicos e sociais de um avanço sequencial em direção a áreas desprovidas de povoamento.

⁶² PRADO JÚNIOR, op. cit., p.28

trabalho físico. Viria como dirigente da produção de gêneros de grande valor comercial, como empresários de um negócio rendoso, mas só a contragosto como trabalhador.”⁶³ Nesta ideia reside a base na qual se instaurou uma espécie de seleção do tipo de colono que se dirigiu para uma e para outra zona do mundo: o temperado e os trópicos. Consoante Prado Junior: “para estes, o europeu só se dirige, se livre e espontânea vontade, quando pode ser um dirigente, quando dispõe de cabedais e aptidões para isto; quando conta com outra gente que trabalhe para ele.”⁶⁴ Nesta perspectiva, o autor avança em sua análise, delineando, por meio dos contrastes entre as zonas temperadas e tropicais, os aspectos que fez destas últimas “um tipo de sociedade inteiramente original”. Diferentemente de suas irmãs das zonas temperadas, onde se desenvolveu um modelo social semelhante ao europeu, naquelas, a natureza pródiga fomentou a vocação das atividades econômicas brasileiras, as ambições do homem branco, mão de obra recrutada de raças consideradas inferiores (africana e indígena) e, principalmente, a singularidade das feições de formação social do Brasil. Sendo assim, completada a obra de colonização portuguesa, tais elementos constitutivos sinalizam “para um longo processo histórico que se prolonga até os nossos dias e que ainda não está terminado.”⁶⁵

Apesar de algumas dessas ideias se encontrarem hoje superadas – como, por exemplo, a chave de leitura de Prado Junior centrada em ciclos econômicos e em uma visão etnocêntrica; e a visão de Holanda sobre a miscigenação entre brancos e índios resultando numa quase anulação de tensões entre ambos – encontram-se pontos de convergência dos dois autores.

Em primeira instância, há um diálogo nítido dos dois estudiosos com a tese de fronteira de Turner. Por esta concepção, o colono, o adventício ou viajante é dominado pela natureza, adaptando-se ao meio ambiente e subjugando-se as regras impostas pelos nativos. Deste modo, é neste movimento dialético entre o homem e o meio que o adventício é obrigado a rebaixar seu patamar de civilidade e “a rearticular seu legado anterior, adequando-o as novas condições de vida. Os valores europeus são nesse processo transformados.”⁶⁶ Destarte, para estes autores, o que ocorreu no Brasil foi um processo singular, dado que, como uma herança comum de americanização, a experiência adquirida nas fronteiras fez com que os indivíduos produzissem e assimilassem um novo estilo de vida, nascido em um clima estranho.

⁶³Ibidem, pp. 28-29

⁶⁴Ibidem, pp. 29-30

⁶⁵Ibidem, p. 10

⁶⁶WEGNER, op. Cit. p. 7

Não obstante, Robert Wegner pondera que “não se pode, contudo, cair no exagero de afirmar que foi graças à valorização da *Frontier Thesis* que Sérgio Buarque descobriu as possibilidades explicativas da conquista do Oeste para o Brasil.”⁶⁷ Wegner observa que Capistrano de Abreu foi pioneiro nos estudos das bandeiras, mas que Holanda (entre outros) definiu-se como herdeiro de seu trabalho de historiador. Neste sentido, julgo relevante destacar brevemente que Capistrano Abreu contribuiu para o conjunto de estudos históricos preocupados com as interações do homem com a natureza.

Capistrano de Abreu talvez tenha sido o pioneiro no Brasil em interpretar a tese de fronteira de Turner em seu *Capítulos de História Colonial* (1907). Nesta obra, o historiador recapitula um extenso período da História do Brasil (1500-1800), elegendo como tema principal de suas análises o desbravamento do interior do país, isto é, do sertão. Assim, à semelhança do que se encontra no trabalho de Holanda e diferentemente de Prado Junior, a análise de Abreu sobre o Brasil não está situada no litoral do país, mas sim nas expedições que percorreram o interior do país: as bandeiras.

Ao descrever a geografia desses movimentos de expansão para o interior, revela, de forma inovadora, o estabelecimento de novas práticas cotidianas, de modos de vida singulares que os exploradores “naturalmente” forjaram durante a experiência com o meio físico. Neste dado reside o maior legado deixado por Abreu: as fronteiras do país foram expandidas e interiorizadas neste processo tanto quanto os hábitos coletivos e as práticas cotidianas. Assim, ao descrever a precariedade da vida dos “primeiros ocupadores dos sertões” que “não eram os donos das sesmarias” retratou a consolidação “de muitos fatos da vida daqueles sertanejos dizendo que atravessaram a época do couro. De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos...”⁶⁸

Segundo tais enfoques, nota-se o desenvolvimento de análises que deram origem a um novo gênero de investigação histórica, que tem como proposta evidenciar o lugar da natureza na história. Historiadores de renome internacional que estão de acordo com essa perspectiva: Warren Dean, Willian Cronon, David Arnold, Carolyn Merchant, Alfred Crosby, John McNeill, Donald Hughes, Donald Woster, Richard Grove, entre

⁶⁷ WEGNER, ibidem, p.10

⁶⁸ ABREU, J. Capistrano de. **Capítulos de História Colonial (1500-1800)**. São Paulo: Itatiaia, 1986, p.170-171

outros.⁶⁹ No Brasil, muitos estudiosos da História também têm produzido suas pesquisas nesta vertente: José Augusto Drumond, Victor Leonardi, José Augusto Pádua, Paulo Bertran, Carlos Gonçalves, Ana Maria Oliveira, Kelerson Costa etc.⁷⁰

A atualização deriva igualmente do movimento de institucionalização da História Ambiental “como uma disciplina consciente de si mesma.”⁷¹ De acordo com José Augusto Pádua, desde o início de sua estruturação em 1970, quando as ideias sobre identidade norte-americana misturaram-se com os crescentes clamores sobre a responsabilidade ambiental do homem (em um curso criado em Santa Bárbara pelo historiador cultural Roderick Nash em 1972), foi possível entrever os novos desafios nos quais os historiadores passaram a se engajar. Tal postura nasceu em grande medida das inquietações do contexto externo à ciência, o que demonstra que esta disciplina está de acordo com as repetidas teorizações propostas por “Lucien Febvre e tantos outros, sobre o fato de o historiador não estar isolado do seu tempo e sempre mirar o passado com as perguntas do presente.”⁷²

No que tange ao presente estudo, em meu entendimento, assim como os sertanistas revelados por Abreu e Holanda, os viajantes oitocentistas que percorreram as regiões interiores do Brasil também tiveram que interagir com os imperativos da natureza e conviver com sociedades nativas a fim de alcançar seus objetivos exploratórios e sobrepujar obstáculos de um meio ambiente que lhes era estranho e, por vezes, hostil. Isto significa pensar nestes estrangeiros para além da imagem canônica do herói desbravador e/ou do cavalheiro vitoriano bem educado, que não altera seu comportamento de acordo com o meio. Ao contrário, os viajantes estrangeiros que escolheram o Brasil, mais especificamente o extremo norte do país, para ter sucesso em seu empreendimento de viagem e satisfazer suas ambições por espécies da fauna e da flora, foram obrigados a estreitar laços com as sociedades tradicionais, aprender técnicas e hábitos locais mais adequados para sua sobrevivência.⁷³ Portanto, estas

⁶⁹ Entre estes estudiosos, a obra *A Ferro e Fogo*, de Warrean Dean, é considerada um clássico do gênero. Cf. DEAN, Warrean. **A Ferro e Fogo: A História da Devastação da Mata Atlântica**. Trad. José Augusto Drumond; São Paulo: Cia das Letras, 1996.

⁷⁰ No que tange aos estudos brasileiros vinculados à história ambiental, destacam-se dois clássicos: DRUMOND, José Augusto. **Devastação e Preservação Ambiental: os parques nacionais do Rio de Janeiro**. RJ: Ed. da UFF, 1996 e PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição: pensamento político e ambiental no Brasil escravista, 1786-88**. RJ: Jorge Zahar, 2002.

⁷¹ PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da História Ambiental. In: **Estudos Avançados** (USP, Impresso) v. 24, 2010, p. 81.

⁷² *Ibidem*, p. 81

⁷³ Característica esta considerada por outros viajantes como um elemento que comprova a superioridade da colonização anglo-saxã em relação à ibérica, como relatou o naturalista suíço Louis Agassiz em sua

questões são centrais no desenvolvimento deste trabalho, pois acredito que foi a experiência concreta com a realidade amazônica que lhes favoreceu um novo tipo de reflexão sobre a natureza, primordial para a formação e a transformação destes indivíduos em filósofos da natureza.

1.2. A DIFUSÃO DA CIÊNCIA OCIDENTAL SEGUNDO O MODELO DE GEORGE BASALLA E A RENOVAÇÃO DOS ESTUDOS EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS.

Destarte, como assinalado acima, algumas questões desta pesquisa também dialogam com as perspectivas da história social das ciências, a qual, nas últimas décadas, tem promovido uma renovação nos estudos sobre as práticas científicas.

Como se sabe, a opção interpretativa de alguns historiadores a partir da década de 1960 em relação à ciência foi utilizar um modelo conceitual baseado na ideia do surgimento e da difusão da ciência moderna a partir da Europa. Tal postura demonstra uma visão contaminada pela ideia de progresso característica do século XIX, como também evidencia a influência do teórico George Basalla, o qual concebeu o modelo difusionista da ciência moderna.⁷⁴ Para o autor, de fato esta surgiu na Europa (no século XVI, mas, sobretudo, no XVII com a dita Revolução Científica) e, posteriormente, difundiu-se, a partir de um estreito círculo de países da Europa Ocidental – Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Holanda e países escandinavos – para o resto do mundo.

No entanto, a explicação de Basalla para a expansão da ciência não se restringiu aos eventos colonial, atividade missionária, comercial, de conquista militares, influência imperial e relações políticas entre regiões conquistadas pela Europa Ocidental.

passagem pela região do rio Solimões em 1865: “Não somente a população branca é muito escassa para suprir a tarefa que tem diante de si, como essa população não é menos pobre em qualidade do que reduzida em quantidade. Ela apresenta o singular fenômeno duma raça superior recebendo o cunho duma raça inferior, duma classe civilizada adotando os hábitos e rebaixando-se ao nível dos selvagens. Nas povoações do Solimões, as pessoas que são consideradas como aristocracia local, a aristocracia branca, exploraram a ignorância do índio, ludibriam-no e embrutecem-no, mas tomam não obstante os seus hábitos e, como ele, sentam-se no chão e comem com as mãos...Os norte-americanos e os ingleses poderão ser bastante sórdidos em suas transações com os naturais do país; o tráfico das “peles azuis” não lhes deixou certamente com as mãos limpas, mas não queriam se abaixariam a adotar-lhes os costumes.” AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Brasília, 2000, p. 239.

⁷⁴BASALLA, George. **The Spread of Western Science**. Science, 1967, pp. 611-622. Conforme Maria Amélia Dantes, este texto foi um marco nas concepções da história da ciência na década de 1960. Cf. DANTES, M^a A. **A Implantação das Ciências no Brasil: um debate historiográfico**. Disponível em: <http://popcyt.com/1710-md2.pdf>. Acessando em: 3.1.12

A ciência se estabeleceu por meio de um padrão de eventos através do qual definiu as seguintes fases sucessivas: primeira fase, iniciada pelo processo de chegada de europeus em novas terras, caracterizada pela ausência de uma comunidade científica local e pela exploração da fauna e da flora pelos europeus. Neste caso, ciência é uma extensão da exploração geográfica, a qual inclui a apreciação dos recursos naturais.⁷⁵

A segunda, denominada fase colonial, é descrita como aquela em que a atividade científica em regiões colonizadas é dependente de instituições e da tradição de nações que possuem uma cultura científica estabelecida. A terceira, nomeada de tradição científica independente, é quando um pequeno grupo de cientistas coloniais, orientado por uma cultura científica externa, é substituído por cientistas cujas ligações principais estão dentro das fronteiras dos países em que trabalham.⁷⁶ Deste modo, percebe-se que, por esta ótica, a ciência não pode ser dissociada da nação, uma vez que somente as independentes produzem uma ciência nacional.⁷⁷

O modo de interpretar a atividade científica descrito acima tem sofrido, desde seu lançamento, importantes críticas. Uma delas diz respeito à sua perspectiva tradicional da historiografia da ciência, que pensa a ciência moderna como um conhecimento universal “e cujo desenvolvimento conceitual é movido por determinantes internos e orientado para a busca de um conhecimento correto do universo físico.”⁷⁸

Outra crítica é sua visão de progresso, a qual avalia os saberes tradicionais – por exemplo, o indiano e o chinês – sob uma perspectiva negativa. Para Basalla, a apreciação da natureza pelos nativos não passa de especulação desenfreada e contemplação mítica⁷⁹. Por esta razão, seu modelo ratifica a necessidade de superar “saberes indígenas” pelo “superior” método de investigação e de confrontação dos fenômenos naturais elaborado pela ciência ocidental. Nestes termos, sua proposta percebe “a ciência” como um sistema de enunciados que caminha em uma única direção (isto é, de um centro difusor para a periferia receptora) e exclui deste processo qualquer tipo de interação da ciência moderna com saberes de sociedades tradicionais. Portanto, em sua perspectiva, as trajetórias de naturalistas e viajantes que atravessaram o atlântico

⁷⁵Ibidem, p. 611

⁷⁶Ibidem, p. 617

⁷⁷ Ver MACLEOD, Roy. Introduction. In: **Osiris**, 2nd Series. Vol. 15. Nature and Empire: Science and the Colonial Enterprise (2000). Pp.1-13, Chicago journals Press: History Science Society. Disponível em: www.jstor.org. Acessado em: 01.05.2011

⁷⁸DANTES, M^a A. **A Implantação das Ciências no Brasil: um debate historiográfico**. Disponível em: <http://popcyt.com/1710-md2.pdf>. Acessando em: 3.1.12

⁷⁹BASALLA, op. cit. p. 612

do século XVI até o XIX – de Gonzalo Fernandez Oviedo a Alfred Russel Wallace – é percebida de forma evolutiva, pois foi através de seus empreendimentos de coleta e classificação em remotos lugares que a ciência ocidental pôde se iluminar.

A partir de abordagens contestatórias da década de 1970, todavia, observa-se uma profunda renovação na disciplina. Como apontou Roy Macleod, em um contexto de crescente insatisfação política e intelectual, a década de 1970 testemunhou uma virada na historiografia, que contribuiu para a emergência da história social da ciência.

⁸⁰ Dominique Pestre⁸¹ considera os estudos pioneiros de David Bloor (Edimburgo, 1970) sobre ciências a gênese desta renovação. Segundo Pestre, o modelo metodológico desenvolvido por Bloor⁸² – causalidade, simetria, imparcialidade e reflexividade – tinha por missão

[...] desvencilhar a História da Ciência das leituras construídas de modo retrospectivo, que sustentam que nada há a explicar quando um sábio “descobre” uma verdade da natureza (estamos apenas diante de um “bom” cientista), mas que a explicação é essencial no caso contrário.⁸³

O segundo movimento marcante para a renovação das abordagens está situado na segunda metade da década: os trabalhos de Barry Barnes, Steven Shapin, Donald Mackenzie etc., cujos estudos propunham pensar na produção dos saberes científicos por meio de uma análise crítica, foram finalmente conhecidos:

[...] sistemas de proposições e ações, como cosmologias constituídas localmente pelos humanos a fim de dar conta do mundo que é deles... A explicação histórica tem como função harmonizar o cosmológico e o social, o científico e o contextual, dar conta do “conteúdo das ciências pelo seu continente, sendo que seu enfoque trata as produções científicas igualmente a todas as outras produções culturais geradas pelos humanos⁸⁴

⁸⁰ Cf. MACLEOD, Roy. Introduction. In: **Osiris**, 2nd Series. Vol. 15. Nature and Empire: Science and the Colonial Enterprise (2000). Pp.1-13, Chicago journals Press: History Science Society. Disponível em: www.jstor.org. Acessado em: 01.05.2011

⁸¹ PESTRE, Domique. **Por uma nova História Social e Cultural das Ciências: Novas Definições, Novos Objetos, Novas Abordagens**. Cadernos IG/UNICAMP. Revista do Instituto de Geociências/UNICAMP. Uma versão em francês foi publicada em *Annales ESC*, vol 50, n. 3, mai-jun, 1995. Tradução para o português de Silvia F. de M. Figuerôa. (p. 7)

⁸² Denominado Programa Forte de Sociologia da Ciência no qual articula a idéia de que 1) não se deve posicionar diante de crenças 2) a análise das controvérsias, fechamentos de questões políticas 3) articular com o contexto, estado de crença, explicação sociológica da ciência. *Ibidem*, p.7-8

⁸³ *Ibidem*, p. 7

⁸⁴ *Ibidem*, p. 7-8

O terceiro movimento de estudos apresenta o trabalho de Harry Collins, cujas análises eram “mais sociológicas que históricas” e seu método baseado em acompanhar os cientistas em seus laboratórios e entrevistá-los. Com Collins, nota-se o desenvolvimento de uma micro-sociologia, que consiste em observar “a maneira como se negociam os fatos científicos.”⁸⁵

Devido ao método de flexibilidade de interpretações de Collins, inaugura-se a perspectiva relativista sobre as práticas científicas: o estudioso propõe, na virada da década de 1970-80, uma versão própria do programa forte denominada Programa Empírico do Relativismo. Com este propósito, ele segue duas estratégias:

De uma parte, toma numerosos exemplos dentro do que é tradicionalmente como o coração do sistema científico – a saber, as ciências físicas. De outra, procura mostrar que os procedimentos reivindicados como legítimos nesse domínio (os métodos) não são qualitativamente diferentes daqueles que se encontram nas margens dos sistemas, em Parapsicologia, por exemplo.⁸⁶

Por último, Pestre situa os trabalhos de Bruno Latour e Callon como um grande divisor de águas para a historiografia da ciência. Estes autores, ao propor o deslocamento de “seus centros de interesses fora dos meios científicos”⁸⁷, permitiram entender como as práticas científicas passam a se entrelaçar a projetos sociais, “a pensar sobre o mundo e a transformá-lo.”⁸⁸ Este prisma é explicitamente uma contraposição às imagens clássicas que ora concebiam a ciência como um sistema de enunciados, movida pela dimensão abstrata do pensamento; “a imaginação inventa o mundo”⁸⁹ (internalismo), ora pensada somente como uma construção tirânica do social. Latour propõe de fato a implosão desses esquemas clássicos, e “oferece uma explicação pautada na dinâmica de relações, “sem hierarquia a priori” já que o social “se recontrói permanentemente”.⁹⁰

Com relação ao modelo de Basalla, Latour propõe a ideia de rede. Segundo definiu o autor a palavra rede demonstra que:

“[...] os recursos estão concentrados em poucos locais – nas laçadas e nos nós – interligados – fios e malhas[...] Essas conexões transformam os recursos esparsos numa teia que parece se estender por toda parte

⁸⁵ Ibidem, p. 9

⁸⁶ Ibidem, p.9-10

⁸⁷ Ibidem, p. 12

⁸⁸ Ibidem, p. 12

⁸⁹ Ibidem, p. 14

⁹⁰ Ibidem, p. 13

[...] A noção de rede nos ajudará a conciliar dois aspectos contraditórios da tecnociência e entender como tão poucas pessoas podem parecer “cobrir” o mundo”⁹¹

Nessa perspectiva não importa em que país você está, mas sim se está dentro ou fora da rede. Com isso, ao invés de enfatizar a importância de certos indivíduos, a objetividade e a racionalidade ocidental, Latour propõe seguir os cientistas (europeus) ao longo de seu ciclo de produção. Nesse processo, o autor propõe que todo conhecimento é produzido localmente. Sendo, no entanto, a diferença do que se denomina conhecimento local e o universal a maneira como certos lugares são constituídos em rede. Nessa perspectiva sua abordagem ao longo dos capítulos de seu *Ciência em Ação* enfatiza a importância das práticas em tecnociência⁹² e a tessitura de uma rede de saberes produzida no interior de laboratórios, instituições de pesquisa etc. que transpassa a sociedade em várias dimensões. Diferenciando-se da perspectiva de Thomas Khun⁹³ - cuja premissa sustenta o interesse cognitivo da ciência - Latour aponta que a história da ciência não pode ser dissociada de interesses diversos (econômicos, sociais, políticos) e vice-versa. Lançando seu olhar crítico sobre a produção intelectual em história, sociologia e filosofia da ciência – cujas abordagens tradicionais sustentam a importância às habilidades cognitivas – ele se interroga como os próprios observadores da ciência se movem no espaço e tempo, como as redes são aumentadas, como todas as informações são atadas umas as outras.

Com isto, ao se opor ao modelo difusionista de Basalla, Bruno Latour visou desmistificar a ideia da atividade científica como uma fortaleza isolada do resto do “mundo”.⁹⁴ Para ele, é fundamental seguir os cientistas antes do fechamento da “caixa preta” do fato científico. Sua proposta metodológica busca, então, perceber o cotidiano dos cientistas em seu “laboratório”, dentro do qual exercem plenamente sua profissão de pesquisa, mas também de negociação, de estratégias de mobilização, de alistamento de aliados. Por esta razão, não é possível situar artefatos, artigos, livros, revistas científicos

⁹¹ Bruno Latour. **Ciência em ação**. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p.294.

⁹² Conforme Araújo, este termo, atribuído a Bruno Latour (1987), foi criado com intuito de “evitar a interminável expressão ciência e tecnologia”. Também é Latour que anula a distinção interno e externo da ciência ao afirmar que não só os cientistas “fazem ciência”. ARAÚJO, Ronaldo Ferreira. *Apropriações de Bruno Latour pela ciência da informação no Brasil: descrição, explicação e interpretação*. Belo Horizonte, 2009. Dissertação de Mestrado – UFMG, Escola de Ciência da Informação, p. 27.

⁹³ Cf. KUHN, T. S. **The Structure of Scientific Revolutions**. 2 ed., enlarged. Chicago and London: University of Chicago Press 1970.

⁹⁴ LATOUR, Bruno. “Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções”. In: BARATIN, Marc e JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, p. 21.

como “desligado da rede de transformações, de deslocamentos, de traduções, de mudanças de nível[...] das rede de instituições, dos aparelhos e dos técnicos que asseguram o duplo jogo de redução e amplificação”.⁹⁵ Na interpretação de Latour, a atividade científica se assemelha a fios de macramê os quais se conectam e agem sobre o mundo.

Nesta perspectiva, estudar o cotidiano de coleta de viajantes-naturalistas em regiões tropicais é um exemplo clássico das relações entre “um lugar e todos os outros.”⁹⁶ Pois, se por um lado o naturalista é dominado pela paisagem que visita, por outro, à medida em que envia os artefatos coletados para museus de história natural e/ou entra em seu gabinete de trabalho, opera-se uma inversão das relações de dominação. Segundo Latour:

O ornitólogo pode então, tranquilamente, em local protegido, comparar traços característicos de milhares de aves tornadas comparáveis pela imobilidade, pela pose, pelo empalhamento... Talvez o naturalista não pense diferentemente do indígena que percorria sua ilha em busca de um papagaio, mas ele vive, com certeza num outro ecossistema. A comparação de todas as aves do mundo sinoticamente visíveis e sincronicamente reunidas lhe dá uma enorme vantagem sobre quem só pode ter acesso a algumas vivas. A redução de cada ave se paga com uma formidável amplificação de todas as aves do mundo.⁹⁷

Outro exemplo para se compreender essa realidade é o evento, realizado pelos europeus, de conquista e da colonização de outros povos. Ao invés simplesmente de menosprezar os saberes dos nativos, os comandantes das naus buscaram “aprender o máximo” com eles, “descrevendo sua cultura, seu sistema político e sua economia – depois de um dia de observação! –, enviando seus naturalistas à floresta para colher amostras, fazer anotações...”⁹⁸. De volta ao porto de origem, entretanto, todas as informações coletadas, apreciadas como “intermediárias e sem importância” eram reunidas, transformando o mundo das matérias locais em “inscrições cada vez mais móveis e cada vez mais fiéis, de um número de matérias”.⁹⁹ Iniciava-se um ciclo de acumulação (ida e volta, periferia-centro) de informações: a cada nova viagem de volta para o centro, mais elementos novos eram reunidos, acumulados e dispostos de um

⁹⁵Ibidem, p. 27

⁹⁶Ibidem, p. 28

⁹⁷Ibidem, pp. 25-26

⁹⁸LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação**. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p. 352

⁹⁹LATOUR, op. Cit. p. 24

modo que outras missões “possam ser enviadas para trazer mais outras coisas de volta.”¹⁰⁰ De posse do arsenal de informações acumuladas, tornou-se possível à atividade científica trazer o mundo de fora para dentro do laboratório e, principalmente, provocar uma mudança de escala, isto é, “[...]O equilíbrio de forças entre os cientistas e a Terra foi invertido...foi constituído um centro que começa a fazer o resto do mundo girar em torno de si.”¹⁰¹

O caráter cumulativo da ciência revela a noção de grande divisor: Cultura científica *versus* todos os outros conhecimentos. A cultura científica é considerada universal, porque, pela primeira vez, consegue reunir inúmeros novos elementos, enquanto o conhecimento local é colocado na periferia por não ser cumulativo “como se estivesse sempre cravado num cantinho do espaço e tempo”¹⁰²

O termo “centrais de cálculo” é utilizado pelo autor para denominar os espaços onde o processo de acumulação é plenamente satisfeito. É neste lugar onde se realiza a acumulação de informações, e articulam-se e combinam inscrições: laboratórios, museus, observatórios, gabinetes de curiosidades, jardins botânicos, bibliotecas e hospitais são os ambientes privilegiados para se observar os processos de redução, ampliação, refinamento de artefatos, com os quais se representa a realidade em pequena escala. Nas “centrais de cálculos” estão ainda concentrados os porta-vozes da ciência que explicam e interpretam tais inscrições.

Para além do método etnográfico desenvolvido por Latour¹⁰³, o estudo da história da atividade científica nos últimos anos vem sendo moldado por preocupações do tempo presente. Conforme explicita Roy Macleod, muitos historiadores têm se pautado em uma perspectiva global, examinando o florescimento das ciências através das inter-relações nações, povos e culturas¹⁰⁴ em detrimento do uso do estado-nação como a unidade primária. Neste viés interpretativo, muitos especialistas se voltaram para o exame da proximidade das estruturas coloniais com “outras” ciências não exatas que acompanharam a empresa colonial. Neste aspecto, a Índia e África se sobressaíram como clássicos exemplos de espaços onde os níveis de interações intelectuais entre o dominante e o dominado, o especialista e o leigo eram vitais e decisivos no dia-a-dia do fazer científico. Portanto, é nos espaços coloniais que a

¹⁰⁰ LATOUR, op. cit. p. 357

¹⁰¹ Ibidem, p. 364

¹⁰² Ibidem, p.371

¹⁰³ LATOUR, Bruno. “Por uma antropologia do centro: entrevista”. In: **MANA** 10 (2): 397, 2004, p. 398.

¹⁰⁴ MACLEOD, Roy. “Nature and Empire: Science and the Colonial Enterprise.” **Osiris**, 2 Série, vol. 15, 2000.

ciência ocidental foi assimilada e transformada pelas determinações locais e forneceu soluções para as necessidades dos governos imperiais.

In India, colonial science became the basis of negotiated knowledge, which consolidated and ultimately transferred power to the colonized. In Latin American, colonial circumstances favored the creation of a criollo science, which found local ways of representing nature and generated its own discourse.¹⁰⁵

Deste modo, os novos estudos têm demonstrado que as regiões consideradas “periféricas” estão longe de ser passivas na constituição dos saberes científicos. Sobre este aspecto, Kapil Raj salienta que muitos estudiosos têm contestado o conceito de simples difusão da ciência e se empenhado em alargar o foco de seus estudos.¹⁰⁶ Não obstante a perspectiva tradicional em história da ciência, a disciplina tem sido alvo de controvertidos estudos de cunho nacionalistas, os quais enfatizam, de forma extremada, a precedência da cientificidade no pensamento e nas práticas locais. Neste ponto, Raj aponta o importante dilema que atravessa muitos estudos:

“Are we to understand modern science purely as an emanation out of West Europe and the Rest, and reaching non-European peoples only as they come into contact with European and capitalism” Or are we to think solely in terms of competing nationalist narratives claiming precedence in scientific reasoning for their respective societies?”¹⁰⁷

Ainda segundo este autor, uma saída encontrada para superar este dilema foi questionar os valores da ciência moderna.¹⁰⁸ Porém, muitos trabalhos, inspirados nos questionamentos de Foucault, limitaram-se a apresentar a atividade científica como uma prática discursiva, através da qual se constituiu o poder hegemônico ocidental em relação ao resto do mundo. Neste viés, a difusão da ciência foi alcançada quando os valores de verdade e de racionalidade da modernidade foram impostos a outras culturas originalmente dotadas de outro tipo de razão.¹⁰⁹ No entanto, embora a intenção dessa perspectiva tenha sido sublinhar a relação entre poder e as transformações discursivas em curso, este argumento acabou por reforçar a ideia da ciência como fenômeno europeu e essencialista, sendo as práticas de culturas não ocidentais vistas como meras

¹⁰⁵ Ibidem, p.5

¹⁰⁶ RAJ, Kapil. **Relocating and the Construction of Knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900**. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

¹⁰⁷ Ibidem, p. 5

¹⁰⁸ Ibidem, p. 5

¹⁰⁹ Ibidem, p. 6

caricaturas do conhecimento ocidental.¹¹⁰ Ao contrário, tal postura, ao defender o caráter “inocente” e “prístino” de culturas “indígenas”, revelou o estilo maniqueísta no qual é baseado seu argumento.

Diferente daquelas iniciativas, a proposta de Raj corrobora com recentes estudos que se concentram em contestar o entendimento da ciência como um fenômeno puramente europeu, enfatizando o papel das relações interculturais estabelecidas entre europeus e não europeus para o estabelecimento da ciência moderna e da própria modernidade. Particularmente, o autor chama a atenção para o papel do encontro intercultural nas denominadas zonas de contato – no caso entre Europa e o sul da Ásia, entre os séculos XVII a XIX – onde, no contexto da expansão europeia, promoveu-se a circulação de um conhecimento especializado que constituiu a ciência neste período.

Neste sentido, a obra do estudioso em questão contesta duas noções frequentemente usadas: ciência colonial e conhecimento colonial. Tais noções foram usadas para designar o discurso classificatório e o delineamento de práticas dos colonialistas europeus em relação aos objetos, às pessoas e à língua de regiões por eles dominadas, práticas as quais tornaram possível o domínio colonial. A aplicação de conhecimentos adquiridos em regiões fora da Europa foi geograficamente circunscrito e não pôde fazer parte do *mainstream science*.¹¹¹

Ao realizar um estudo de caso sobre o Sul da Ásia, o autor sublinha que esta região não deve ser concebida: nem como um mero espaço de aplicação do conhecimento ocidental; nem como um vasto território onde informações encaminhadas às metrópoles foram colecionadas e acumuladas; nem como o lugar de um complexo conhecimento criado por indianos, mas apropriado pelos europeus. Para ele, a Ásia se configura como um espaço que participou ativamente, embora de forma desigual, na urdidura de uma nova ordem do conhecimento no mundo.

As chamadas *zonas de contato*¹¹² possuem papel primordial na configuração do saber e do mundo moderno, já que é a partir do encontro entre culturas que nasce a produção e certificação de saberes essenciais para as práticas materiais e intelectuais do mundo moderno. Deste modo, desloca-se o fenômeno científico de dentro da metrópole europeia para as zonas de contato e se analisa a atividade científica para além dos

¹¹⁰ Ibidem, p. 6

¹¹¹ Ibidem, p.13

¹¹² Termo cunhado pela estudiosa Mary Louise Pratt em sua obra *Imperial Eyes. Travel Writing and Trans - cultururation*. CF. PRATT, Mary L. **Imperial Eyes. Travel Writing and Trans-cultururation**. Londres/Nova Iorque, Routledge, 1992.

espaços socialmente fechados dos laboratórios, onde saberes como a filosofia natural/aplicada e a matemática pura foram concebidas.

Atividades como medicina, história natural, topografia, cartografia e linguística são domínios da ciência que, ao contrário dos estudos de laboratório, foram desenvolvidos em *open air sciences*, expressão esta que designa as práticas de conhecimento que necessitam de negociação entre especialistas e outros diferentes grupos para sua certificação e estabelecimento.

Por outro lado, ao deslocar seu foco para as zonas de contato e para as dinâmicas promovidas pelas interações culturais, esta perspectiva se afasta de uma narrativa histórica preocupada com a vida e os feitos de heróis do conhecimento, os quais realizavam suas grandes obras no interior de uma suposta *Republic of letters*.¹¹³

Portanto, em substituição de uma versão “sedentária” da história da ciência, sua atenção se direciona tanto para o resgate da ação formativa que as zonas de contato promoveram em homens distantes do centro europeu (os quais tinham suas ambições, interesses e habilidades transformados), quanto para a interação de grupos “indígenas” com os europeus.

Raj propõe uma visão alternativa, que observa o trabalho científico por meio dos contextos que o promoveram, como resultantes de negociações e consensos estabelecidos entre a atividade científica e outras dimensões da realidade: social, econômica e cultural. Por conseguinte, variados fatores foram considerados na explicação da difusão do conhecimento científico: as relações de poder estabelecidas entre o centro e periferia, metrópole e colônia são aceitas para explicar a implantação e o desenvolvimento de instituições científicas; ademais, enfatiza-se o jogo de interesses sociais, políticos e econômicos de grupos locais.

Dada a reflexão sobre este tipo de abordagem, a qual privilegia as relações de trocas interculturais na produção do conhecimento, conclui-se que: deve-se observar o modo através do qual os saberes constituídos são delineados por práticas sociais e que a produção do conhecimento, por sua vez, é viabilizada pela relação material que se tem com as coisas, com a realidade e com o mundo. Sobre este aspecto, Claude Lévi Strauss¹¹⁴ lembra que foi da relação do homem com o meio físico que nasceu a capacidade humana de atribuir sentido a objetos e lugares.

¹¹³ Ibidem, p. 18

¹¹⁴ LEVI-STRAUSS, Claude. **O olhar distanciado**. Cap. VII, Lisboa: Edições 70, 1983.

1.3.A LITERATURA DE VIAGEM E SUAS PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS

A literatura de viagem constitui um manancial de informações sobre as regiões coloniais. Por esta razão, este tipo de fonte vem sendo privilegiada em muitas análises históricas que se dedicam a recuperar certas dimensões da realidade vivida, a partir do olhar de viajantes naturalistas que passaram pelo Brasil nos séculos XVIII e XIX¹¹⁵.

No entanto, nota-se que alguns trabalhos se limitaram a buscar, neste tipo de texto, importante meio para se reconstituir determinada época e modos de vida no Brasil, sem considerar, porém, as motivações de seu autor, a lógica interna da narrativa ou, ainda, o próprio contexto europeu que causou suas viagens.

Percebe-se, então, um tipo de narrativa histórica que entende as experiências de muitos viajantes de modo descarnado, como se todos fossem iguais.¹¹⁶ Muitas destas perspectivas são herdeiras de uma história tradicional, que se apropriou das impressões de autores-viajantes para elaborar uma identidade nacional para o país.¹¹⁷ Assim, intelectuais da envergadura de Adolpho Vanhargen elegeram alguns viajantes – entre os quais Spix e Martius – para compor uma história do Brasil capaz de consolidar a identidade de um país considerado “sem passado”.

Em contrapartida, observa-se, a partir da década de 1970, uma crítica em relação ao olhar estrangeiro sobre o Brasil. Embora tal vertente considere que o observador “de fora” é alguém que possui melhores condições para ver as incoerências de dada sociedade,¹¹⁸ ressalta que as atitudes dos viajantes estrangeiros em relação à natureza e à população visitada parte sempre de um princípio etnocêntrico. Conforme Miriam Leite, “mesmo quando o viajante não pertence à nobreza e a alta burguesia, identifica-se com a civilização européia e seus padrões de avaliação dos homens, de acordo com o êxito ou fracasso”¹¹⁹

Possivelmente, alguns destes trabalhos receberam a influência da obra de Edward Said, *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (1978), na qual o estudioso escreve sobre como a experiência histórica imperialista no Oriente,

¹¹⁵ Cf. LEITE, Miriam L. **Livros de Viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997; e OLIVEIRA FILHO, João P. Elementos para uma Sociologia dos viajantes. IN: OLIVEIRA FILHO, João P. (org). **Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1987.

¹¹⁶ KURY, op. Cit. p. 1

¹¹⁷ Cf. LIMA, Carolina C. Ramos. “Literatura de viagem em periódicos cariocas: 1808-1836”. **ANAIS do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH. São Paulo: 2011.

¹¹⁸ Cf. LEITE, Miriam L. Moreira. **Livros de Viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 10

predominantemente inglesa e francesa, atuou de forma determinante na construção do conjunto de imagens e representações denominadas pelo autor de “orientalismo”. Tal nomenclatura revela uma “noção coletiva que identifica a ‘nós’ europeus em contraste com todos ‘aqueles’ não-europeus”¹²⁰. Em outras palavras, o termo em questão representa a ideia europeia sobre o Oriente.

Utilizando um amplo *corpus*¹²¹, Said demonstra como a produção intelectual¹²² sobre o Oriente se concatenou (mesmo que incidentalmente) com as ações colonialistas europeias (políticas, econômicas e militares), e, posteriormente, norte americanas¹²³, produzindo um arsenal discursivo e elaborando ideias preconcebidas sobre o Outro: este sempre temido, perigoso, exótico, atrasado e distante. Tais estereótipos, portanto, ratificam a superioridade europeia – racial, intelectual, cultural – na medida em que reflete o Ocidente como “cultura hegemônica tanto na Europa como fora dela”¹²⁴ – haja vista que a ideia de superioridade europeia só pôde ser sustentada em termos de comparação com outras culturas e povos não europeus.

É primordial compreender a circunstância mais relevante para a realidade do olhar estrangeiro sobre a alteridade, que é o fato de que ele chega ao Oriente (e nas demais regiões periféricas) não apenas como um indivíduo, mas como um europeu ou norte-americano. Isto significa que muitos dos que se dedicaram a estudar a região estavam conscientes de pertencer a uma potência “com interesses definidos no Oriente” ou do “fato do império”. Desta maneira, pode-se inferir que escritores como Charles Dickens, John Stuart Mill e até Karl Marx tinham opiniões bem definidas sobre imperialismo e raça.

Logo, o estudo de Said oferece uma valiosa ferramenta de análise sobre o discurso imperialista europeu acerca do Outro (pensado como as regiões geopoliticamente periféricas) na passagem para a modernidade. Ademais, indica caminhos metodológicos deveras pertinentes para pesquisa sobre narrativas, já que sua

¹²⁰ SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.19

¹²¹ Especialmente obras literárias de alguns poetas e romancistas europeus fascinados por um Oriente distante, desejado e que integra o imaginário europeu, como o evidenciado por Flaubert em seus romances. Cf. Said, *Ibidem*, pp. 19-20.

¹²² Conforme o autor, sob o título geral de conhecimento do Oriente, a partir do século XVIII surge um complexo Oriente adequado aos estudos acadêmicos, a exposição em museus, para teses antropológicas, biológicas, linguísticas, raciais, históricas, para exemplos de teorias econômicas e sociológicas de desenvolvimento etc. Ver SAID, *Ibidem*, p.19.

¹²³ A análise centrada no deslocamento do eixo hegemônico imperialista franco-britânico para o norte-americano ocasionado pela Segunda Guerra Mundial.

¹²⁴ *Ibidem*, p.19.

análise do gênero conduz o pensamento à inter-relação sempre dinâmica entre o indivíduo (autor) e os interesses políticos, militares econômicos das grandes potências imperialistas na conformação intelectual e imagética no contexto em que os textos foram produzidos.

Porém, tais interesses, estratégias de dominação, invenções de conceitos por parte dos europeus não se restringiram apenas ao Leste.¹²⁵ Muitos desses apelos e estereótipos também foram lançados para outros espaços, igualmente considerados exóticos, atrasados e subdesenvolvidos. Além disso, várias das formas de representar os ambientes naturais e as pessoas ganhavam o mesmo sentido dos muitos escritos europeus sobre Oriente: serviam para validar a suposta superioridade da cultura europeia.

Percebe-se, seguindo tal assertiva, que, em algumas produções regionais sobre a Amazônia, há clara influência da abordagem de Said sobre as formas de se pensar em como as culturas subordinadas foram representadas e manipuladas pelo olhar europeu. O exemplo mais claro desta influência pode ser evidenciado (e revelado no próprio título) pelo livro da escritora amazonense Neide Gondim¹²⁶: *A invenção da Amazônia* (1994). Na obra, a preocupação basilar é a noção da Amazônia como uma construção, ou ainda uma criação dos colonizadores. A autora sugere que a Amazônia é um conceito arbitrário, uma “invenção”, no sentido de que foi uma representação imposta pelo olhar estrangeiro:

A Amazônia desvenda e esconde a utopia do Novo Mundo [...] Amazônia oferecida pelos cronistas viajantes vai fundamentar, enquanto matéria prima, as deduções teóricas e inversamente, estas servem de estofos aos sucessores, cujo estoque de informações impedem e/ou inibem a apreensão da variedade, da multiplicidade, da diferença, em suma caem na cegueira de verdades científicas¹²⁷.

A autora pretende verificar quais argumentos e artifícios foram utilizados pelos europeus para consolidar a imagem da Amazônia. Para isso, coloca na superfície deste debate figuras como: “[...] Montaigne e Buffon, Montesquieu e Hobbes e ainda Locke

¹²⁵ Isto é, ao Oriente que, por sua vez está dividido em Extremo Oriente e Oriente Médio, Said limita seu estudo ao último.

¹²⁶ Ou talvez seu olhar tenha sido mais uma obra do orientalismo. Em entrevista recente, Gondim revela que sua atração pelo tema do exótico e do desconhecido ocorreu por influência dos muitos livros que leu na infância sobre histórias de múmias, sábios e deuses. Talvez, não ao acaso, a autora tenha destacado alguns clássicos da literatura universal, considerando-os fundamentais em sua profissão: “As Mil e uma noites”, o romance “Salambô” de Flaubert, entre outros que tematizam o exotismo do distante Oriente. Disponível em: <http://www.call.org.br/entrevistaneide.asp>. Acessado em: 04.11.09.

¹²⁷ GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

por haverem incluído em suas reflexões o homem americano, a partir dos quais outros pensadores dialogam.”¹²⁸ Porém, todo o conjunto de representações e imagens (que continuaram nutrindo muitas mentes europeias ou não) sobre este espaço se fundamentou em narrativas de viagem. É, então, por meio desta literatura que a Amazônia passa a ser visualizada como um lugar distante, misterioso e, concomitantemente, carregado de significações para os interesses eurocêntricos de dominação.

Hideraldo Lima Costa, por sua vez, com a intenção de desmistificar certos conceitos atribuídos à gente nativa da região amazônica, procura pela temática dos viajantes: nos textos, visualiza uma realidade discursiva pautada no exótico, no bárbaro, no indolente etc., termos estes que acusam a inferioridade daqueles povos e consolidam a imagem da Europa como centro da civilização. Sua tese tenta desbancar esta concepção e resgatar sujeitos silenciados pela obra colonizadora: “O que nos motivou foi ver como registraram a sociedade amazônica e os amazônidas com sua cultura, o seu cotidiano, como trabalhavam (...)”.¹²⁹

As forças que impulsionaram os viajantes até a Amazônia não são motivo de suas preocupações; mas ressalva que é importante saber sobre a “intencionalidade nesses discursos sobre a Amazônia”, porque

[...]fica difícil não analisá-los, tomando a região amazônica como uma área geográfica em que a produção de discursos, no passado e no presente, tem sido uma de suas tônicas. Teremos assim, uma Amazônia da descoberta por Francisco Orellana (1542), relatada por Frei Gaspar de Carvajal, a uma Amazônia defendida internacionalmente pelos ecologistas (1995). A Amazônia, assim se estabelece, como uma área sobre a qual sempre se produziram discursos, muitos destes, gestados fora e com ressonância nos grupos locais.¹³⁰

Apesar desta preocupação discursiva de longa duração, a análise de Costa foi delimitada aos relatos de viagem proferidos por homens da ciência sobre a região amazônica no período oitocentista por considerá-los uma atualização dos discursos de séculos anteriores (XVI ao XVIII).

¹²⁸ Ibidem, p.10

¹²⁹ COSTA, Hideraldo Lima da. **Cultura, trabalho e luta social na Amazônia: discurso dos viajantes - século XIX**. Dissertação de Mestrado. Puc-SP, 1995, p.11.

¹³⁰ Ibidem, p. 11.

Ao assumir os relatos de viagem como principal fonte documental de investigação, o autor afirma a necessidade de contextualizar as falas, já que estas foram produzidas por “agentes sociais comprometidos com a dominação, no passado e no presente”.¹³¹ Além disso, ressalta que a apreciação das atualizações pode revelar o percurso que torna o Ocidente a encarnação da Civilização por excelência. A Amazônia, por exemplo, constituiu mais um dos muitos espaços geopolíticos (igualmente ao Oriente estudado por Said como vimos) do período “em que se produziu uma realidade discursiva pautada no bárbaro, no exótico, no indolente, no diferente e etc.”¹³²

Lima da Costa revela sua preocupação metodológica em dar unidade ao corpus documental escolhido ao eleger como ponto de partida para sua reflexão os relatos de viajantes de diferentes origens, interesses, períodos e nacionalidades, mas que vinham dos centros de poder imperialista e compartilhavam a “formação nas ciências naturais ou próximo disso”¹³³. Por isso, ele pesquisou inúmeros naturalistas que escreveram sobre a Amazônia oitocentista, tais como: os bávaros Spix e Martius, “Viagem pelo Brasil” (1817-1820); Robert Avé-Lallemant, “No Rio Amazonas (1859)”; Henry Bates, “Um Naturalista no Rio Amazonas” (1848-1859); Alfred Russel Wallace, “Viagens pelos rios Amazonas e Negro” (1848-1852) etc. No entanto, nota uma significativa limitação de seu trabalho: suas análises foram efetuadas apenas a partir das traduções dos relatos originais para o português¹³⁴.

Por outro lado, quando revela que a preocupação central de seu trabalho está em perscrutar como aqueles indivíduos “registraram a sociedade amazônica e os amazônidas, com sua cultura, o seu cotidiano, como trabalhavam e se divertiam [...]”¹³⁵, claramente demonstra uma análise histórica comprometida com (senão engajada em) a perspectiva *thompsoniana* de uma “história vista de baixo”. Assim, em sua análise, há sempre um entrelaçamento entre poder, cultura e trabalho como forma de “pensar os modos de vida e as experiências dos homens amazônicos”. Lima Costa tenta, por essa via, resgatar, a contrapelo (ferramenta para análise do discurso consagrada por Walter Benjamin), o cotidiano e os modos de vida dos grupos sociais tradicionais da Amazônia. Por meio das críticas esboçadas pelos viajantes, ele observa o confronto social expresso

¹³¹ Ibidem, p.13.

¹³² Ibidem, p. 11

¹³³ Ibidem, p. 16

¹³⁴ Costa usa exclusivamente as edições da Itatiaia, publicadas na década de 1970 a 1980 pela Edusp. As outras traduções para o português da Companhia Editora Nacional, publicadas entre as décadas de 1930 e 1940, não foram citadas em seu levantamento bibliográfico.

¹³⁵ COSTA, op. cit. 18.

nas festas e formas de lazer, percebendo formas cotidianas de resistências à “classe dominante”.

O livro de José Carlos Barreiro, *Imaginário e Viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência* (2002) vai ao encontro de muitas das questões suscitadas por Lima Costa. Nessa obra, Barreiro procurou compreender alguns aspectos da sociedade brasileira do século XIX a partir de duas vias: uma está relacionada à investigação do imaginário dos naturalistas; a outra tenta resgatar o cotidiano e os embates sociais das camadas populares. Sob essa perspectiva, Barreiro serviu-se, em sua investigação, de métodos da história social claramente inspirados pela obra do historiador inglês Edward Thompson.

O autor relaciona o imaginário dos primeiros cronistas do século XVI ao dos relatos oitocentistas. Nesta correlação, examina as distinções e mudanças sofridas pelo homem europeu no tempo e no espaço dos séculos a que correspondem suas viagens. No que se refere à recuperação do cotidiano popular, Barreiro, seguindo os caminhos de Thompson, pautou seu norte investigativo na “questão da propriedade e do trabalho”, no qual considera esta problemática como a principal geradora de tensões sociais no século XIX¹³⁶.

Conforme Heloisa Reichel, embora a literatura de viagem constitua importante instrumento para compreensão do passado, deve-se cuidar para não cair na armadilha de considerar as informações textuais das narrativas como a única versão dos acontecimentos e a exclusiva realidade concreta, ou seja, percebida de forma homogênea por todos os sujeitos de determinada época. Logo, uma análise histórica que tem como fonte narrativas de viagens deve atentar para o fato de que as mesmas se constituem em uma representação da realidade, baseada em uma visão específica dos acontecimentos ou feita a partir de experiências individuais.¹³⁷

Outras análises enfatizaram com veemência a ressalva de Miriam Moreira Leite em estudar a literatura de viagem através de um “crivo analítico, que torne válida a sua contribuição”¹³⁸. Este pressuposto pode levar a pesquisa, segundo o historiador Vitor Leonardi, rumo a uma “reinversão de preconceitos”:

¹³⁶ BARREIRO, José Carlos. **Imaginário e Viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002, p. 10.

¹³⁷ Ver REICHEL, Heloisa Jochims. **Os relatos dos viajantes como fonte para o estudo da história**. Texto de Comunicação. Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS – RS- BRASIL.

¹³⁸ LEITE, op. Cit. p.9

“Essa simples reinversão de preconceito – a “civilização” passando a ser vilipendiada com todos os estigmas anteriormente atribuídos à “barbárie” – não nos ajuda a escrever uma “boa história vista de baixo”, ou a reconstituir a “visão dos vencidos”: ela apenas contribui para ocultar, mais uma vez, a diferença e a contradição, pois decide de antemão, embora situando-se no campo social antagônico, o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. É como aquilo que os colonialistas fizeram anteriormente com “o outro”, desqualificando-o totalmente, precisasse ser feito agora por historiadores simpatizantes de índios e caboclos: uma história mais uma vez ideológica, carregada de anátemas (de sinais contrários) e de preconceitos (ao revés)”¹³⁹

Destarte, como sublinhou Kelerson Costa “essa não é uma atitude unânime”¹⁴⁰. Determinadas linhas de pesquisa tendem a valorizar narrativas de viajantes de maneira crítica, mas sem radicalizações, recusas ou preconceitos prévios. Segundo o historiador, tratar este tipo de fonte de forma mais “serena” tem sido a opção das linhas de pesquisa da História (social, ambiental, cultural) na atualidade, as quais se esforçam para conhecer o pensamento dos autores, seus condicionamentos sociais, bem como informações sobre as condições e os meios de organização sócio-econômicas, ambientais da região descrita.

Nesta perspectiva se insere o estudo de Mary Louise Pratt, *Os olhos do Império* (1997), que avalia como o relato de viagem e a história natural se aliaram para criar o que chama de uma “nova consciência planetária”. Todavia, sua abordagem ultrapassa as questões suscitadas por Said, uma vez que propõe: se é notório que a Europa se reconhece como centro de irradiação do conhecimento e da civilização, determinando os modelos e práticas significantes das culturas subordinadas, ela continua “cega” no que concerne aos contornos das determinações alcançados/traçados pela periferia em relação à metrópole.

Pratt percebeu, assim, um duplo movimento nos relatos de viagem: se por um lado a leitura das narrativas ajudou a (re)criar uma imagem do continente americano na Europa e na América do Norte, por outro lado, ela cultivou uma autoimagem que aquelas sociedades tinham de si mesmas. Para a autora, os livros de viagem funcionaram como um catalisador de expectativas à medida que eram lidos dentro e fora da Europa. Ademais, leitura de fontes desta natureza aponta para as seguintes questões: “como os relatos dos viajantes produziram o resto do mundo para os leitores europeus?”

¹³⁹LEONARDI, Victor. **Os Historiadores e os rios: Natureza e ruína na Amazônia brasileira**. Brasília: EDUNB/Paralelo, 1999, p.23

¹⁴⁰COSTA, Kelerson Semerene. **Homens e Natureza na Amazônia Brasileira**. Tese de Doutorado. Brasília: UNB, 2002, p. 9.

Em que medida as construções européias sobre os outros subordinados teriam sido moldadas por esses últimos?”¹⁴¹ Neste sentido, ela avança na discussão sobre imperialismo ao colocar novas questões no campo da história, reveladas no próprio título de seu livro: *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*.

Novas questões no campo da historiografia são exploradas na obra de Karen Macknow Lisboa: *A Nova Atlântida de Spix e Martius: Natureza e Civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Neste livro, ela destaca que o discurso naturalista não tem fins somente científicos, mas, sobretudo, remetem ao processo de autoformação da imagem: de si mesmo, de seu estado e de sua nação pelo reconhecimento do Outro. Um segundo aspecto pertinente remete a questões metodológicas da pesquisa. Diante da larga profusão de temas que se abrem na leitura de fontes desta natureza, a opção de Lisboa em trabalhar unicamente com os naturalistas bávaros Spix e Martius intencionou examinar as noções-chaves de natureza e civilização no interior dos escritos produzidos sobre o Brasil do início do século XIX.

Nesta perspectiva, relatar e desenhar o encontro com o Outro denota a criação de um olhar que fortalece a própria raiz cultural. É neste sentido que se pode entender a constatação de Lisboa ao final de seu livro:

[...] embora tenham sido capazes de despir-se diante da natureza tropical e de nela integrar-se, permitindo a identidade entre sujeito e a natureza, não conseguiram desfazer-se de si mesmos para observar o outro, representado, afinal, não somente pelos índios, mas também pelos negros e pelos mulatos. Não conseguiram perceber que eles próprios também são o outro.”¹⁴²

O fato de que, em raras ocasiões, os próprios viajantes também são o outro se revela indiretamente nas suas reflexões: eles defendem a civilização e a Europa, mas sentem a nostalgia romântica ao encontrar uma sociedade, a seu ver, primitiva e mais feliz. Porém, assim que surgem essas dúvidas ou sentimentos, os colonizadores afirmam que o processo civilizador tem que prosseguir para fazer do Brasil um verdadeiro país, uma vez que a verdadeira humanidade só se atinge por meio da civilização. A miscigenação, por exemplo, é um aspecto basilar da civilização garantido pela presença do homem branco nos trópicos. Também afirma que a tarefa especial dos alemães era explorar o Novo Mundo no que diz respeito ao interesse espiritual, nos ideais sociais e

¹⁴¹PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru:Edusc, 1999, pp. 28-29.

¹⁴² LISBOA, Karen. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil*. São Paulo, HUCITEC-FAPESP, 1997, p. 208

morais. Nessas reflexões, revela-se o verdadeiro significado do encontro para os dois naturalistas do século XIX: integra a arquitetura de uma elite que cuidou desde o início da imagem de superioridade e civilização. É nesse sentido que o encontro relatado serve para invenção de um olhar, tanto para o Brasil como para o Velho Mundo.

Finalmente, os diários, as anotações, os desenhos e as coleções de flora e fauna de Spix e Martius vinculam-se às dinâmicas de dominação europeias da época e têm clara função: a consolidação externa da cultura e civilização europeia na medida em que acusam a inferioridade das demais culturas. Portanto, não havia espaço para exprimir outro tipo de sentimento, a não ser o que era exigido pelos interesses das instituições com as quais estavam vinculados.

O estudo de Marcus Freitas, *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II* (2002) relaciona, por sua vez, a atuação do naturalista canadense ao contexto de conformação das ideologias de nação brasileira. Segundo o autor, quando Hartt aportou no Brasil pela primeira vez, em 1865, chegou no “ápice de um movimento cultural centrado no Imperador Pedro II, que buscava construir certo conceito de nação, no qual a literatura, história e ciência se entrelaçam para sustentar a autoindulgente imagem do Império nos Trópicos.”¹⁴³ Neste contexto, Freitas percebe uma estreita relação entre práticas científicas e o Movimento Romântico brasileiro, evidenciada por uma literatura que pregava uma visão mítica de nação harmoniosa e, principalmente pelo discurso naturalista e científico, uma vez que a natureza aparece para reafirmar “o mito do paraíso tropical”¹⁴⁴. De acordo com ele, “não por acaso também, a Comissão Científica de Exploração, criada em 1859, com influencia e apoio do Imperador, tinha como um de seus diretores o poeta Gonçalves Dias [...]”¹⁴⁵

Por outro lado, coube a Hartt e a outros naturalistas-viajantes estrangeiros, os quais escolheram o Brasil para visitar durante o século XIX, o papel de mediar o processo de institucionalização das ciências naturais no país. Sobre este aspecto, embora Freitas sublinhe a importância do seu diálogo com os trabalhos de Sílvia Figuerôa e Margaret Lopes em trazer “à tona a existência de práticas científicas não necessariamente tuteladas pelo olhar estrangeiro”, ele argumenta que, sob outro ponto

¹⁴³FREITAS, Marcus V. de. **Charles Frederick Hartt, um naturalista no império de Pedro II**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2002, p. 35

¹⁴⁴Ibidem, p. 35

¹⁴⁵Ibidem, p. 34

de vista, “o peso da palavra e do olhar viajante... constitui uma baliza definidora e deve fazer parte do campo de análise.”¹⁴⁶

Desta forma, a questão primordial de Freitas é investigar o porquê do estudo das ciências naturais no Brasil, com base no idealismo romântico, ganhou força justamente quando a corrente racional e empirista de observação da natureza se afirmava na Europa, a partir da tese do evolucionismo. Para o autor, esta característica, longe de ser indicativo da deficiência dos cientistas locais, trata-se da existência de uma “sobreposição, de fora para dentro, de certo discurso defasado na origem.”¹⁴⁷ Assim, a institucionalização das práticas científicas no Brasil foi concebida em cima de uma visão romântica das ciências naturais que “esteve na base do intrincado e contraditório mecanismo de tornar a ciência uma prática regular e eficiente.”¹⁴⁸ e fora introduzida pelos primeiros viajantes e naturalistas. Freitas considera, por essa via, que o idealismo romântico neste período “só ganha força no Brasil” a partir da segunda metade do século XIX, pois o processo de aclimação do idealismo científico foi ao encontro dos ideais do nativismo literário dos românticos brasileiros.

A trajetória intelectual de Hartt é emblemática neste processo uma vez que, ao mesmo tempo em que o cientista foi considerado um elo entre duas concepções rivais de ciência e natureza (idealista e evolucionista), o país atravessava um processo de transição de suas estruturas arcaicas (entende-se coloniais) para o moderno (isto é, com diretrizes capitalistas industriais).

Apesar de algumas afirmações questionáveis¹⁴⁹, o aspecto mais original no trabalho de Freitas sobre a obra do naturalista viajante Frederick Hartt foi mostrar que o naturalista canadense apresenta um olhar estrangeiro sobre a realidade brasileira e ele mesmo termina por ser “contaminado por essa realidade que ele queria descrever distanciadamente.”¹⁵⁰ Esta afirmação implica em constatar de que forma as dinâmicas locais interagem e formatam o olhar de quem viaja. Portanto, esta ideia origina a percepção da relação entre o estrangeiro e a realidade local de uma forma dupla: ao

¹⁴⁶Ibidem, p.37

¹⁴⁷Ibidem, p. 39

¹⁴⁸Ibidem, p. 37

¹⁴⁹Sobre esta afirmação, Nelson Sanja observa que o argumento de Freitas é uma visão questionável, já que a história – da ciência, social e cultural – não pressupõe atraso ou progresso científico, mas uma substituição de paradigmas ou controvérsia científica. Ver SANJAD, Nelson. Charles Frederick Hartt e a Institucionalização das ciências naturais no Brasil. Resenha. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Vol. 11, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v11n2/15.pdf>. Acessado em. 02.02.12.

¹⁵⁰Ibidem, p. 45

mesmo tempo em que o viajante naturalista buscou a natureza brasileira para consolidar sua carreira nos “centros” de produção científica, também tomou conhecimento e se associou às instituições locais para melhor conduzir seu trabalho.¹⁵¹ Presume-se, então, que seu estudo se alinha tanto às questões propostas por Mary Louise Pratt, quanto aos apontamentos de Sérgio Buarque de Holanda sobre a relação entre tradição ibérica e os valores vinculados ao moderno¹⁵² nas décadas de 1940 e 1950.

De outro modo, reconstituindo os caminhos tortuosos de coleta de produtos naturais e artefatos “indígenas” percorridos por Freire Alemão e outros “científicos” pelo Brasil de meados do século XIX, o trabalho¹⁵³ de Lorelai Kury (com diários, desenhos e outros objetos coletados por membros da comissão científica brasileira), incorpora novas questões à análises históricas com escritos dos viajantes.

Em sua abordagem, norteadas pelas perspectivas da história social da ciência, Kury buscou reavivar a trajetória de Freire Alemão, líder da Comissão Científica do Império, com vista a expor a multiplicidade de dimensões que abarcavam a atividade de coleta de viajantes-naturalistas em meados do século XIX. De origem pobre, Francisco Freire Alemão de Cyneiros tornou-se “um dos primeiros naturalistas brasileiros a afirmar sua carreira no universo profissional do Império”¹⁵⁴ na época de Pedro II. A autora avalia que a “enorme dedicação” com que este naturalista brasileiro conduziu seus estudos botânicos é fundamental para se entender o contexto de conformação de uma política imperial voltada ao fortalecimento das instituições de ciências naturais no país.

Suas anotações diárias durante a campanha que empreendeu no Ceará, além de demonstrar que seu trabalho procedia “como a de todo bom naturalista”¹⁵⁵, indicam a importância das “pessoas comuns” dos lugares por onde excursionou para auxiliar sua atividade naturalista.¹⁵⁶ A interação do viajante com esta gente e com o ambiente se dava em vários níveis possíveis: desde a afirmação das habilidades do povo (que possibilitaram a superação das barreiras naturais do clima e do relevo da região) às relações adversas relacionadas a “dramas, política, religiosidade, aspecto das pessoas,

¹⁵¹ Do mesmo modo observa Sanja, *Ibidem*, p. 5

¹⁵² Cf. WEGNER, Robert. **Artifício e Natureza: A Conquista do Oeste Brasileiro Segundo Sérgio Buarque de Holanda**. Tese de Doutorado. IUPERJ: Rio de Janeiro, 1999.

¹⁵³ KURY, lorelai (org.). **Comissão Científica do Império (1859-1861)**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson, 2009.

¹⁵⁴ *Ibidem*, p.181

¹⁵⁵ *Ibidem*, pp. 202

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 204

costumes em geral.”¹⁵⁷

Para além de seu trabalho, comparável a de naturalistas do porte de Martius e/ou Saint Hilaire, conclui a autora: “sua especificidade de cientista brasileiro residia na sua crença de que, de algum modo, todos aqueles meninos despidos, agricultores sem cultura, políticos poderosos e mulheres conversadeiras pertenciam a uma mesma nação, sua nação.”¹⁵⁸ Com isso, a pesquisa em campo de Freire Alemão em botânica, que incluía “coletar em árvores altas ou em lugares de difícil acesso” e “herborizar com crianças”¹⁵⁹, revela “a importância do trabalho em equipe”¹⁶⁰ e o quanto interesses científicos eram dependentes de aliados das mais diversas escalas sociais. Nesse sentido, deve-se salientar que a abordagem de Kury se filia ao esforço geral dentro da história da ciência que busca olhar para além das ideias e conquistas intelectuais e enfatizar o caráter coletivo das práticas científicas.

Ao colocar em evidência o cotidiano de homens de ciência em campo, a abordagem de Kury claramente dialoga com a vanguarda de estudos historiográficos que propõe olhar para além dos espaços fechados de constituição de saberes científicos, como laboratórios e museus, e trazer à tona a importância das pesquisas ao ar livre, do trabalho de campo para a ciência. Tal premissa rebate noções históricas tradicionais que pensavam os espaços onde “fatos” foram “descobertos” como lugares de pouca ou nenhuma relevância para a ciência universal.

Sobre esse aspecto, Hannah Hodacs¹⁶¹ explicita que alguns desses temas foram explicitamente abordados pelos autores que compuseram o dossiê *Science in the field*¹⁶² da revista *Osiris*, organizado por Henrika Kuklick e Robert E. Kohler, edição de 1996. Nesse trabalho, os editores propuseram discutir abordagens históricas que focalizavam o “estudo de campo”, e, particularmente, como este pode ser comparado ao estudo de laboratório. De um modo geral, pode-se salientar as seguintes distinções: enquanto o laboratório está restrito a um espaço físico bem definido, possuindo ainda hierarquias rígidas de funcionamento interno entre os diferentes membros que compõem a equipe; por sua vez, o campo tende a ser mais aberto e vagamente definido. Em outras palavras, estudos de campo podem ser feitos em todos os lugares, seja a partir de cidades do

¹⁵⁷ Ibidem, p.204

¹⁵⁸ Ibidem, p. 219

¹⁵⁹ Ibidem, p. 190.

¹⁶⁰ Ibidem, p. 190.

¹⁶¹ HODACS, Hanna. Linnaeans outdoors: the transformative role of studying nature ‘on the move’ and outside. In: **British Society for the History of Science**, 2010. doi:10.1017/S0007087410000750.

¹⁶² KUKLICK, Henrika and KOHLER, Robert E.(org.). *Science in the Field*, In: **Osiris**, 2nd series, vol. 11. (Chicago: University of Chicago Press, 1996).

interior despovoadas, seja por regiões isoladas do planeta, abrangendo uma variada e ampla gama de assuntos. Além disso, o trabalho de campo não se fecha a influências e interações das mais diversas: cientistas convivem com pessoas locais (de quem, por vezes, dependem de informações), turistas, cientistas amadores e coletores de espécimes raros e valiosos. Por último, pode-se, de um modo geral afirmar, que o cientista de campo participa de status acadêmico inferior quando comparado ao de seus pares do ambiente controlado do laboratório.¹⁶³

Não obstante o status acadêmico inferior conferido aos cientistas de campo, Hodacs salienta que o caráter aberto e mais livre do campo poderia oferecer vantagens ao viajante individualmente, ajudando ao pesquisador a reinventar a si próprio. É, nesse sentido, que podem ser situados, por exemplo, os trabalhos de Jane Camerini sobre Alfred Russel Wallace e Charles Darwin, que mostram que as viagens e os estudos de campo desses indivíduos foram fundamentais para estabelecê-los como cientistas. No entanto, é preciso considerar ainda, conforme sublinha Camerini, que os naturalistas britânicos não compuseram suas reflexões em um “vácuo”, isto é: o trabalho de campo foi moldado tanto por suas relações com representantes da Marinha Real e instituições científicas, em Londres, quanto por colonizadores europeus em zonas de contato.

Sob essa ótica, Hannah Hodacs discute o papel “transformador” de estudar a natureza ao ar livre no século XVIII, na Suécia, tomando como exemplo as pequenas viagens de aprendizado promovidas por Carl Lineu (1760-1776), Sven Anders Hedin (1750-1821) e Johan Lindwall (1743-1796). Para a autora, nessas viagens, realizadas em diferentes partes da Suécia na década de 1770, exemplifica como as pesquisas ao ar livre foram utilizadas, simultaneamente, tanto como uma sala de aula, quanto como um espaço para a exploração. Em seu artigo *Linnaeans outdoors*, a autora argumenta que essa utilização multifuncional da paisagem (comum dentro da tradição de Lineu) incentivou a democratização do consumo da informação de conhecimentos científicos e também, em algum grau, da sua produção. De modo mais geral, o estudo também aborda questões sobre como e o porquê da ciência e dos cientistas viajarem; discute como o conhecimento botânico foi reproduzido e ampliado “em movimento”; e o papel das relações dos pesquisadores experientes e seus aprendizes no campo.

1.4. ESTUDOS SOBRE EXPEDIÇÕES NATURALISTAS NA AMAZÔNICA

¹⁶³ Op. cit. p.2

Diversas abordagens têm delimitado a região amazônica como espaço de intenso interesse por parte de instituições e viajantes europeus. No entanto, como revela o estudo pioneiro de Magali Romero Sá, embora a região amazônica possa ser um tema exaustivamente discutido por muitos estudiosos, o conjunto dos textos escritos por autores de renome internacional limitavam-se a apresentar suas análises extraídas de fontes secundárias.¹⁶⁴

Com a intenção de preencher essa lacuna de estudos com fontes primárias sobre a Amazônia, a historiadora empreendeu um estudo sobre o inglês James William Trail, que culminou em sua tese intitulada *James William Helenus Trail: A British Naturalist in Nineteenth-Century Amazonia*. Ela buscou, com isto, dar visibilidade à experiência de viagem do naturalista Trail na região, cujas contribuições para as ciências naturais e trajetória foram negligenciadas pelos estudos desenvolvidos pela história da ciência. Ao desenvolver este tema, a autora se atentou para a relação entre ciência e imperialismo, na qual se assentava as explorações de história natural até o fim do século XIX.

Os interesses de Trail pela região amazônica são então relacionados ao contexto de mudanças políticas e econômicas que motivaram a abertura da navegação do rio Amazonas para estrangeiros. Como membro da *Amazon Steam Navigation Company*, este viajante não perdeu a oportunidade de percorrer a região com vistas aos seus interesses de carreira. Dadas as novas circunstâncias promissoras, ele realizou uma inédita prospecção científica sobre a fauna e a flora da região que garantiu suas ambições naturalistas junto à comunidade científica britânica.

Ao trazer à tona a desconhecida trajetória de Trail na Amazônia, a historiadora brasileira demonstrou o papel da região amazônica para a consolidação de carreiras e práticas científicas além de ultrapassar uma vertente da história das ciências que tomava regiões não europeias por meio de uma visão dicotômica centro-periferia. Nesta forma de abordagem, o fazer “ciência” por atores sociais como Trail é pensado através de conexões econômicas, políticas, sociais e de cultura, contrapondo-se a um modelo de análise que considera regiões não europeias como periféricas e passivas na expansão da cultura científica. Em síntese, a autora sublinha ao papel ativo da “periferia” em relação à dinâmica da prática científica.

¹⁶⁴SÁ, Magali Romero. **James William Helenus Trail: A British in Nineteenth-Century Amazonia**. Tese de Doutorado. United Kingdom: University of Durham, 1995, p.3.

Foi ao atentar às redes de conexões da atividade científica que David Marcus Knight, em seu artigo *Travels and Science in Brazil*,¹⁶⁵ analisou as motivações que definiram a América do Sul, sobretudo, o Brasil, para as ambições de alguns homens da ciência durante o século XVIII e XIX.

O autor avalia as atitudes de Bates, Wallace e Trail ao escolher a Amazônia e esquadrihar sua natureza: elas podem ter sido orientadas pelas demandas dos contextos econômicos e institucionais (por exemplo, o interesse de negociantes e instituições britânicas por sementes de seringueira) e fizeram parte de um processo vinculado às ambições de carreira e intelectual destes indivíduos.

Sobre esse último aspecto, Knight ressalta ainda a importância de se refletir sobre a condição social dos viajantes que partiram para as regiões tropicais, tendo em vista que “Dukes don’t emigrate”.¹⁶⁶ Deste modo, a maior parte das viagens de exploração no oitocentos foram empreendidas entre aqueles que tinham uma carreira a consolidar, sendo poucos os exploradores mais capazes, como Bates e Wallace, que conseguiram aproveitar sua experiência de “ver com os próprios olhos” de modo a refutar antigos conceitos e a testar novas concepções científicas.

As consequências de um contexto marcado pela supremacia naval e econômica britânica e pela independência dos países latino-americanos foram decisivas para a liberalidade dos portos brasileiros a visitantes estrangeiros: à medida com que foram retiradas as restrições diplomáticas, tornando as possessões portuguesas de mais fácil acesso aos exploradores, houve um acelerado desenvolvimento de uma economia botânica vinculada aos grandes jardins europeus. A partir destes novos interesses, observa-se um novo tipo de explorador, cujo olhar era orientado para produtos específicos que deviam coletar e enviar a seus países.¹⁶⁷

Em tal contexto, a abertura dos portos brasileiros e, posteriormente, da Amazônia, aos europeus, desencadeou um duplo processo: os homens da ciência puderam satisfazer suas ambições, mas não se deve ignorar as consequências para a região: “first the logwood industry, and then the rubber boom, were undermined in different ways by development of science.”¹⁶⁸

¹⁶⁵ KNIGHT, D. M.: ‘Travels and science in Brazil. In: **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, vol. VIII (supplement), 809-22, 2001.

¹⁶⁶ Expressão que quer dizer “Duques não emigram” tradução minha. KNIGHT, David, *Ibidem*, p. 14

¹⁶⁷ Como enfatiza Knight, à semelhança das atitudes dos exploradores do século XVI que também eram orientados a encontrar ouro e prata.

¹⁶⁸ *Ibidem*, p. 14

Do mesmo modo, em um estudo mais recente, Neil Safier, em seu artigo *Como era ardiloso meu francês*, examina o modo através do qual os atores sociais usaram a Amazônia como estratégia discursiva para aumentar sua reputação científica na Europa. Neste sentido, o explorador francês La Condamine é considerado um “ardiloso” promotor de sua própria reputação científica junto à Academia europeia. Para Safier, a *Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique méridionale* (1745), publicada na Europa e América do Sul, foi intencionalmente “costurada” pelo explorador francês com uma estrutura narrativa “supostamente de primeira mão”¹⁶⁹, escondendo as contribuições de interlocutores locais que lhe forneceram materiais, testemunhos e conceitos sobre a região.¹⁷⁰

A questão central do autor se concentra em apontar como a narrativa foi construída, mostrar como o relato de La Condamine foi recepcionado por membros da comunidade científica e analisar como o próprio viajante francês concebeu representações do rio Amazonas para seus leitores europeus de meados do século XVIII. A partir destas indagações, Safier mostra como La Condamine “ao invés de produzir um relato exclusivamente histórico” optou por uma fórmula narrativa para atrair o público, centrada em assuntos sobre as características culturais dos ameríndios e o mito das mulheres guerreiras. Neste sentido, suas observações sobre a geografia, história natural, ritos e costumes indígenas, ao invés de presumirem uma demarcação sistemática explícita, possuem artifícios descritivos semelhantes às *relations*, utilizados pelos exploradores e missionários do século XVII.

Ao delinear um caráter testemunhal ao seu texto, La Condamine se apropriou das fontes originais de informações sobre a região, integrando-as ao seu texto como se fossem suas. Esta fórmula popularizou seus relatos sobre o rio Amazonas entre leitores dos mais diversos setores sociais e fixou, no imaginário europeu, a representação da América do Sul e do próprio La Condamine como um intrépido filósofo-viajante.

Todavia, ao retratar as condições de vida de escravos fugidos e mulheres nativas escravizadas, desmistificou “a imagem de La Condamine como um europeu vivendo

¹⁶⁹SAFIER, Neil. “Como era ardiloso o meu francês: Charles La Condamine e a Amazônia das Luzes”. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 29, nº 57, p. 91-114 – 2009.

¹⁷⁰ Questões que foram mais aprofundadas em sua obra *Measuring the New World* (ainda não editada em português) na qual busca enfatizar que o conhecimento científico Ocidental sobre o Novo Mundo foi constituído a partir de um movimento de apropriação de conhecimentos locais (indígenas, hispânicos e mestiços); sendo este assimilado e transformado pelos europeus. Como resultado, relatos, inscrições e artefatos localmente colhidos não apenas ganharam novos sentidos, mas também perderam sua identificação originária. Cf. SAFIER, Neil. **Measuring the New World : Enlightenment Science and South America**. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

numa bolha científica figurativa, insensível e impermeável às circunstâncias sociais em seu entorno”.¹⁷¹ Isto demonstra que, assim como europeus levaram suas práticas científicas para as Américas, “forças ocultas de dentro do continente atuavam sobre esses caminhos do conhecimento.”¹⁷²

Em *Brazil through the Eyes of William James: Letters, Diaries, and Drawing, 1865-1866*, Maria Helena P. T. Machado apresenta um repertório de fontes sobre uma experiência de viagem de outro membro da *Thayer Expedition* ainda não avaliada “em termos de sua inserção no quadro da literatura de viagem a respeito do Brasil, especialmente da Amazônia no século XIX, para a qual já se tem estabelecido um rico repertório de relatos de viagem.”¹⁷³ Trata-se dos papéis de William James, cujas mensagens discorrem sobre a história do envolvimento do então jovem estudante de medicina de Harvard com a Expedição Thayer. À época com apenas 23 anos, James, ao tomar conhecimento de que um de seus professores preferidos planejava realizar uma viagem de pesquisa ao Brasil, alistou-se para uma vaga na condição de coletor voluntário, ou seja, seria um dos participantes que pagariam suas próprias despesas. No entanto, segundo a autora, “por trás do discurso público”¹⁷⁴ que promoveu a *Thayer Expedition* ao Brasil, havia interesses políticos, diplomáticos, institucionais e de carreira.

As mensagens de William James, escritas no interior da Amazônia, demonstram uma postura mais livre e “relativizadora” em relação à realidade ao redor do que as adotadas pelo casal Agassiz. Enquanto estes olhavam para a realidade com uma “aparente neutralidade” científica, apropriando-se de peixes e rochas do mesmo modo que se apropriava de mestiças fotografadas nuas (expostas como tipos exemplares da degeneração das raças híbridas); James viveu a viagem sob perspectivas muito diversas, o que demonstra uma capacidade de “perceber e relativizar nuances da sociedade nos trópicos.”¹⁷⁵ Como coletor da expedição, muitas vezes teve que se “adaptar às condições locais e estabelecer contato com as populações ribeirinhas”¹⁷⁶ o que demonstra sua “capacidade de se deixar capturar pela viagem, entregando-se às experiências, por mais

¹⁷¹Op. cit. p. 17

¹⁷²Ibidem, p. 18

¹⁷³MACHADO, Helena P. T. **Brazil through the Eyes of William James: Letters, Diaries, and Drawing, 1865-1866**. Cambridge: Harvard University Press, 2006, p. 121.

¹⁷⁴Ibidem, p. 123

¹⁷⁵Ibidem, p. 134.

¹⁷⁶Ibidem, p. 135

desafiadoras ou desconfortáveis que elas se apresentassem.”¹⁷⁷

Dentre as várias excursões de exploração realizadas na Província do Amazonas que exemplificam tal postura, a realizada à margem esquerda do rio Solimões, no lago Manacapuru, “foi a que mais influenciou o estado de espírito de James, conforme comprovam as extensas anotações de James sobre suas experiências como viajante, coletor e hóspede da família do guia da expedição, a quem James se afeiçãoou intensamente.”¹⁷⁸ Os sentimentos, as ideias, as observações da natureza e as redes de sociabilidades desenvolvidas por James durante suas excursões dão múltiplos matizes à história da Expedição Thayer na região Amazônica, ultrapassando o marco meramente institucional do olhar viajante.

Portanto, o balanço supracitado apresenta uma pequena amostra das linhas temáticas desenvolvidas sobre viajantes. Em tais estudos, percebe-se um crescente número de trabalhos que se debruçam sobre a literatura de viagem e/ou sobre as trajetórias (geográfica, intelectual e de carreira) de viajantes, cujas abordagens teóricas repousam em diferentes vertentes: desde pressupostos “culturalistas” de análise do discurso a outros que tratam temas como cotidiano e trabalho; natureza e civilização; ciência e a construção de identidades nacionais. Algumas destas discussões me mostraram novas possibilidades de interpretação para uma “velha” conhecida dos historiadores: as narrativas de viagem de Alfred Russel Wallace e Henry Walter Bates.

As questões iniciais serão vislumbradas nos próximos itens deste capítulo: quais os fatores no século XIX ocasionaram a demanda de naturalistas pela natureza brasileira? Como se pode compreender o interesse de Wallace pela natureza da América do sul e pela Amazônia?

1.5 VIAJANTES E O EXERCÍCIO DE “VER COM OS PRÓPRIOS OLHOS”

Para responder às indagações acima propostas, deve-se, primeiramente, observar o contexto político que motivou o interesse de muitos estrangeiros pelo Brasil. A vinda de estrangeiros para terras brasileiras passou a ser admitida mais livremente por conta das reformas econômicas e administrativas promovidas pelo príncipe regente D. João. Assim, uma de suas primeiras ações foi conceder a forasteiros a licença de “participar

¹⁷⁷Ibidem, p. 131

¹⁷⁸Ibidem, p. 136

da exploração de ouro e de outros minérios”.¹⁷⁹ Dentre os estrangeiros que visitaram o país, os britânicos mereceram apreço especial pela Casa Real devido aos laços comerciais estabelecidos entre Inglaterra e Portugal desde 1810.¹⁸⁰ A celebração deste tratado demonstra o quanto o Brasil era econômica e intelectualmente influenciado pelos ingleses, razão pela qual fizeram destes “os primeiros a lançar publicações sobre país”.¹⁸¹

Todavia, como frisou Karen Lisboa, a chegada de estrangeiros no Brasil no século XIX foi ainda mais incentivada em 1817, quando a princesa Leopoldina veio para a colônia. A herdeira do trono austríaco deixou seu país para casar-se com D. Pedro e trouxe consigo, além de objetos de luxo e sua fiel criadagem, os naturalistas Johann Baptist von Spix, Carl Friedrich Philipp von Martius, Rochus Schüch, Johann Natterer, Johann Emanuel Pohl, Giuseppe Raddi e Johann Cristian Mikan; os pintores Thomas Ender, Johann Buchberger, G.K Frick e Franz Joseph Frünbeck; o caçador e preparador Ferdinand Dominik Sochor e o jardineiro Heinrich Wihelm Schott.

Entre os profissionais ligados ao Museu de História Natural de Viena, os dois primeiros nomes citados integraram a comitiva não a serviço do Imperador Francisco I da Áustria, mas para representar a Academia de Ciência de Munique e cumprir os interesses do rei Maximilian Joseph da Baviera em relação à América do Sul. Embora os bávaros Spix e Martius tivessem cogitado, ainda em Viena, acompanhar a comitiva austríaca pelo interior do Brasil, quando chegaram ao Rio de Janeiro, em julho de 1817, por conta do atraso da esquadra dos naturalistas austríacos e da entrega de vistos de permanência na capital, os dois resolveram iniciar sua expedição de forma independente. Para tanto, consideraram algumas informações obtidas por meio de estrangeiros que estavam na capital do reino no mesmo período e/ou que os haviam precedido pouco antes, tais como: Langsdorff, Wied Neuwied, E. Pohl, Eschwege, Saint Hilaire, John Mawe, entre outros. A partir desses subsídios, traçaram um itinerário de

¹⁷⁹ Cf. LISBOA, Karen Macknow. **A Nova Atlântida de Spix e Martius: Natureza e Civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 29.

¹⁸⁰ Conforme Marcello Basile, para viabilizar o governo português no Brasil, foi preciso pôr fim ao monopólio comercial do período colonial. Neste sentido, a abertura dos portos para as nações amigas em 1808 foi um passo importante nesta mudança. Mas, na prática, apenas os britânicos se beneficiaram da abertura do comércio brasileiro ao exterior, já que o governo britânico exigiu privilégios especiais em troca do apoio concedido à comitiva real. Assim, em 1810, foi celebrado o Tratado de Comércio e Navegação entre Portugal e Inglaterra, o qual garantia tarifas alfandegárias preferenciais aos produtos ingleses. Neste contexto, foi cada vez maior a presença de comerciantes e negociantes britânicos no Brasil e houve o decréscimo nas manufaturas nacionais insurgentes e o comércio português. BASILE, Marcello O. N. de. “Império brasileiro: Panorama Político”. In: Maria Yeda Linhares (org.) **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990, pp. 189-90

¹⁸¹ Op. Cit. pp. 29-30.

viagem pelo interior que pretendia alcançar as províncias ao norte do país. Sobre este aspecto, é preciso frisar que, até o período em pauta, apenas o litoral do país era conhecido da cartografia oficial, enquanto o interior permanecia nos mapas europeus, em quase a sua totalidade, em branco. Além disso, certamente o fato de até a primeira metade do oitocentos o norte do Brasil ser interdito a estrangeiros, cultivou e aguçou ainda mais a curiosidade e a imaginação estrangeira sobre a região.

De outro modo, estas viagens foram empreendidas em um período no qual o continente americano não era completamente desconhecido como o fora para os primeiros cronistas da era das grandes navegações, posto que os viajadores do século XIX já tinham lido e/ou ouvido informações detalhadas sobre a região que planejavam explorar, além de contarem com a colaboração de autoridades e nativos da região (índios, caboclos, portugueses) que os auxiliaram em maior ou menor escala. Como observou Pratt, para se alcançar qualquer área desejada, o viajante oitocentista precisava, antes, perguntar aos nativos se sabiam qual a direção certa a ser tomada e, então, contratá-los para levá-lo até o local. Mediante os conhecimentos tradicionais, promover-se-ia a “descoberta” daquilo que os colonizados já conheciam.¹⁸² A descoberta, nestes termos, revela-se “em um ato de conversão dos conhecimentos (discursos) locais em conhecimentos europeus nacionais e continental associados a formas e relações européias de poder”.¹⁸³

Desta forma, fatores sociais e culturais podem explicitar mais claramente algumas atitudes destes viajantes em relação ao meio ambiente tropical. Como se sabe, as representações sobre a Amazônia eram erigidas neste período (e talvez até os dias atuais) em torno da ideia de um mundo estranho, desconhecido e impenetrável. Era mesmo uma grande ousadia penetrar nas veias de seus rios, mesmo para os “racionais” homens da ciência, pois, seguramente, as informações que circulavam pela Europa e EUA sobre a Amazônia não enfatizavam apenas o caráter pitoresco, a exuberância e a potencialidade econômica da natureza. Em certos relatos, é possível encontrar descrições com desfechos trágicos, cujos expedicionários foram castigados por doenças e até perderam sua sanidade física e mental.¹⁸⁴ Sendo assim, o exotismo das zonas

¹⁸² Evidentemente, esta prática foi incorporada por todos os viajantes que transitaram por zonas de contato. Ver PRATT, 1999, passim.

¹⁸³ Ibidem, p. 341.

¹⁸⁴ Cf. LISBOA, Karen Macknow. **A Nova Atlântida de Spix e Martius: Natureza e Civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. São Paulo: HUCITEC, 1997. p. 31. A expedição liderada pelo Barão de Langsdorff, iniciada em 1824, que saiu de São Paulo e atingiu o Amazonas, terminou em uma grande tragédia. Além das doenças que atingiram todos os expedicionários, Langsdorff perdeu sua sanidade

tropicais exercia um fascínio, uma “sedução aventureira”¹⁸⁵ para muitos viajantes. Deve-se lembrar de que, até o final do oitocentos, a maioria dos europeus nascia e morria em seus vilarejos; e a expansão das migrações foi promovida principalmente pelo recrutamento militar e a fome. Por estas razões, empreender uma viagem para além-mar no século XIX era empresa difícil, onerosa e requeria um período de preparação.

Sobre este aspecto, vale citar ainda que muitos dos relatos deste período inspiraram-se no legado escrito deixado pelo naturalista alemão Alexander von Humboldt. Em seus escritos sobre a natureza sul-americana, von Humboldt defendeu a importância de “ver com os próprios olhos” os seres e objetos no lugar em que a própria natureza os criou – contrapondo-se, assim, aos proeminentes estudos de gabinete.¹⁸⁶ Deste modo, as viagens de estrangeiros para o Brasil podem ser compreendidas como um movimento de contestação a algumas concepções sobre a natureza do Novo Mundo e ao modo de se fazer “ciência” do final do setecentos e início do oitocentos.

Consoante a historiadora Lorelai Kury, para o naturalista do início do século XIX, era difícil a decisão de partir, não apenas devido aos perigos que o meio natural poderia lhes apresentar, mas, sobretudo, porque uma grande parte da comunidade científica não dava crédito ao conhecimento produzido pelo viajante. Neste período, muitos naturalistas europeus renomados jamais viajaram. Este trabalho estava em parte destinado a “naturalistas mais jovens, oficiais da marinha, nobres em busca de entretenimento, filantrópico ou aventureiros em geral”.¹⁸⁷

Na passagem do setecentos para o oitocentos, o estudo de gabinete teve como principal expoente o célebre naturalista Georges Cuvier (1769-1832). Apesar de seus estudos se dedicarem aos elementos naturais de outras zonas europeias e os termos gerais de ligação entre os continentes sul-americanos, o pesquisador jamais ousou deixar a Europa.¹⁸⁸ Ele justificava sua preferência em permanecer em seu continente ao afirmar que era em Paris que podia encontrar as mais completas obras e coleções sobre história natural. Viajar teria efeito prejudicial em sua pesquisa, pois o afastaria do

mental. De volta à sua pátria, viveu até o final de seus dias com a impossibilidade de voltar às suas atividades intelectuais normais.

¹⁸⁵ Usei os mesmos termos de Karen Lisboa.

¹⁸⁶ Cf. KURY, Lorelai. “Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem”. In **Revista História Ciências e Saúde** vol. VIII. –Fund. Oswaldo Cruz, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08/04/2006.

¹⁸⁷ Ibidem.

¹⁸⁸ Ibidem. Em 1798, foi convidado por Bonaparte a acompanhá-lo pelo Egito. Cuvier preferiu ficar em Paris. Seu amigo e futuro adversário Saint-Hilaire preferiu, ao contrário, tomar o caminho da África.

caráter coerente e sistemático de seus trabalhos. Conforme Kury, esta escolha tinha a ver com a “gestão de sua carreira e de seu prestígio, tendo em vista seu posicionamento nas instituições científicas do consulado”.¹⁸⁹

Cuvier, ao analisar a obra de Alexander von Humboldt, *Quadros da Natureza*, argumenta que, se por um lado o viajante teve a vantagem de observar seres e objetos no lugar em que a própria natureza os criou, por outro, não pôde consultar “livros ou comparar os exemplares vistos a outros semelhantes”.¹⁹⁰ Humboldt, em contrapartida, defendeu que a experiência de “ver com os próprios olhos” faz parte da trajetória da atividade científica, pois não seria possível descrever minúcias de aspectos estéticos dos fenômenos e seres encontrados em paisagens singulares sem que os mesmos não tivessem sido encontrados em seu estado natural. Por esta razão, não dava créditos aos trabalhos pautados em descrições e amostras deslocadas dos lugares onde foram coletadas. De qualquer forma, embora aparentemente pautados por concepções rivais sobre os estudos da natureza, Cuvier e Humboldt foram a grande referência para a vasta maioria de naturalistas que vieram ao Brasil.

Humboldt, particularmente, inspirou a trajetória de jovens de origem europeia interessados em “redescobrir” o Novo Mundo no século XIX. O naturalista prussiano percorreu, durante cinco anos (1799-1804), conjuntamente com o botânico francês Aimé Bonpland, as colônias espanholas da América do Sul (atuais Venezuela, Colômbia, Equador e Peru). Sua experiência de quase duas mil milhas de viagem a pé, de canoa, em lombos de cavalos e burros ou carregados nas costas de nativos traduziu-se em escritos de viagem considerados precursores de uma nova perspectiva literária. Sua reputação derivava, acima de tudo, da edição e da circulação de seus livros mais famosos: *Cosmos* e *Personal Narrative of Travels to the Equinoctial Regions of the New Continent*. Este fato repercutiu no imaginário de jovens letrados de tal maneira, que foram considerados os livros preferidos de grande parte de viajantes e naturalistas que percorreram regiões tropicais durante o oitocentos: Martius, Darwin, Wallace, Bates etc. Os escritos, além de detalhar a natureza do novo continente, continham um tipo de relato que entrelaçava descrições empíricas sobre o ambiente físico – resultado das medidas com os melhores instrumentos científicos que sua riqueza pessoal podia comprar¹⁹¹ – com uma abordagem estética da natureza, inaugurando uma visão dos

¹⁸⁹ Ibidem.

¹⁹⁰ Ibidem.

¹⁹¹ STEPAN, Nancy, op. cit. p.36

“trópicos” como um lugar sublime. Sua visão, ao mesmo tempo em que enaltecia a natureza americana, contrapunha-se à ideia, designada por vários estudiosos setecentistas, especialmente Buffon, de terra inacabada e “em todos os sentidos um continente novo [...] e mal enxuta, [...] mais próxima do estado caótico primordial”.¹⁹²

O naturalista alemão contradizia a tese da debilidade ou imaturidade das Américas defendida por Buffon ainda no século XVIII. O argumento utilizado por este último apontava para a inferioridade da América, ou Novo Mundo, em contraposição à superioridade do Velho Mundo: ele, que nunca viajara para o Novo Continente, traçou uma oposição entre os animais encontrados no Novo e no Velho Mundo, atestando a superioridade deste último sobre o primeiro devido à existência de espécies de maior tamanho e envergadura, já que as alimárias encontradas no Novo Mundo “são em geral mirradas” e “as maiores alimárias encontradas na América não passam de quatro, seis, oito ou dez vezes menores que a do Velho Continente”.¹⁹³

Em resumo, para Buffon, a natureza viva americana era inferior por apresentar-se “bem menos ativa, bem menos variada, e podemos até dizer menos forte”.¹⁹⁴ Outro dado observado por este estudioso, reforçando a tese de inferioridade da América, é quanto à situação dos animais domésticos introduzidos pelos europeus naquele continente: todos eles “tornaram-se menores”, “todos se atrofiaram, se aplequenaram”.¹⁹⁵

Qual seria, então, a causa da degeneração destes animais? A resposta, de acordo com Buffon, é a natureza americana, que é hostil ao desenvolvimento devido ao seu “clima quente e lânguido... que estimula o espessamento de uma floresta sufocante”.¹⁹⁶ O clima, a vegetação, a umidade do ar, a preponderância da água em lugar de terra firme etc. se coloca como obstáculo para o desenvolvimento de formas de vida superiores. Nesta mesma linha argumentativa, ele situa o homem americano, que permaneceu impotente e submisso diante de uma natureza hostil:

“[...]onde o homem, em pequeno número, era esparso, errante; onde, longe de usar este território como um mestre a seu domínio, ele não possuía qualquer império; onde, não tendo jamais submetido nem os animais nem os elementos...ele era, em si, somente um animal de

¹⁹² Cf. GERBI, Antonello. **O Novo Mundo: história de uma polêmica: 1750-1900**; trad. Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 307.

¹⁹³ Ibidem, pp. 20-21.

¹⁹⁴ Ibidem, p. 21.

¹⁹⁵ Ibidem, p. 20.

¹⁹⁶ Ibidem, p. 22.

primeira classe e existia para a natureza apenas como um ser sem consequência, uma espécie de autômato impotente, incapaz de reformá-la...”.¹⁹⁷

Por outro lado, a natureza apresentada por Humboldt não era a mesma “coletável” e “categorizável dos lineanos”. Esta era, para ele, “dramática, extraordinária, um espetáculo capaz de ultrapassar o conhecimento e a inteligência humanos”¹⁹⁸: um espetáculo em movimento, de encontro forças vitais que apequenava os homens.¹⁹⁹ Tais preocupações consolidaram um estilo narrativo que tem clara função de “corrigir as falhas dos relatos de viagem de seu tempo: por um lado, uma preocupação irrelevante com o que chamava de o meramente pessoal, e, por outro, um acúmulo de detalhes científicos que eram espiritual e esteticamente enfraquecidos”.²⁰⁰ A proposta de solução para as falhas no seu método de trabalho e nos seus quadros da natureza foi a combinação da estética do sublime com a especificidade da ciência.

Deste modo, havia duas perspectivas de trabalho científico no século XIX: a de campo e a de gabinete. No entanto, apesar desta última primar pelo conhecimento produzido por meio da imersão do pesquisador em bibliotecas, laboratórios, coleções, jardim botânico etc, não desprezava o resultado das viagens, mas propunha uma divisão do trabalho científico em que o viajante era tido como coletor de informações essenciais para a história natural.

A viagem deveria ser considerada como ponto essencial na transformação da natureza em ciência.²⁰¹ Neste processo, o coletor e o sistematizador do conhecimento nem sempre eram um só: em outras palavras, para a História Natural realizada em instituições europeias do final do século XVIII e início do XIX, “ver com os próprios olhos” não era o aspecto mais importante na sistematização do conhecimento. Daí a importância de profissionais de diversos tipos que acompanhavam a expedição (jardineiros, desenhistas e pintores especializados em história natural, preparadores de animais que conheciam a técnica de empalhar) ou que, muitas vezes, substituíam o naturalista. Assim, enquanto a descrição de espécies era tida como informação, a

¹⁹⁷ Ibidem, p. 21.

¹⁹⁸ Ibidem, p. 212.

¹⁹⁹ Ibidem, p. 212.

²⁰⁰ Ibidem, p. 213.

²⁰¹ KURY, Lorelai. “Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem”. In **Revista de História Ciências e Saúde** vol. VIII. –Fund. Oswaldo Cruz, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08/04/2006.

revisão crítica de uma espécie era considerada como interpretação.²⁰² Em todo o caso, a descrição exaustiva era o objetivo principal de quaisquer pesquisas sobre a fauna e a flora, as quais procuravam dar conta de todas as espécies de uma área.

Portanto, as noções supramencionadas me permitem visualizar com mais clareza quais os filtros imagéticos, culturais, políticos e sociais que condicionaram as vistas dos viajantes ao longo de seu itinerário de viagem. Como já avaliei acima, pensar na trajetória destes “homens da ciência” no espaço amazônico constitui um grande desafio, fundamentalmente porque o trabalho com seus percursos revelam elementos que abarcam diferentes linhagens historiográficas.

²⁰² Cf. DROVIN, Jean-Marc e BENSUAUDE-VINCENT, Bernadette. “Nature for the People”. In: Jardine, Nicholas (org.) **Cultures of Natural History**. London: Cambridge University Press, 1996, p. 411.

CAPÍTULO II

2. CAMINHOS E FRONTEIRAS NO ESPAÇO AMAZÔNICO

Diferentemente dos interesses dos primeiros exploradores e conquistadores europeus da região atualmente conhecida como Amazônia, durante o Oitocentos, a busca de naturalistas de diversas nacionalidades – principalmente norte-europeus – por esse espaço não estava fundada na possibilidade de realizar conquistas ou na exploração de uma colônia por uma metrópole.²⁰³ A busca pela região amazônica, para muitos viajantes oitocentistas, derivava de um novo cenário na órbita da hegemonia mundial, cujos efeitos mais concretos podem ser vislumbrados por meio do Bloqueio Continental declarado por Napoleão em 1806, a transmigração da Corte Portuguesa em 1807-1808 para sua colônia do Novo Mundo, a supremacia naval e econômica britânica, e a independência dos países latino-americanos. Esses eventos, por um lado, forçaram a liberalidade dos portos brasileiros a visitantes estrangeiros a partir de 1810; por outro, na medida em que eram retiradas restrições diplomáticas das ex-colônias portuguesas e espanholas da América do Sul, processou-se um acelerado desenvolvimento de uma economia botânica vinculada aos grandes jardins europeus. A partir desses novos interesses, nota-se um novo tipo de explorador, cujo olhar era orientado para produtos específicos que deviam coletar e enviar a seus países de origem.²⁰⁴

Esses fatores promoveram a “redescoberta” do “continente proibido”, sobretudo, a partir do final das guerras napoleônicas em 1815, pelos norte-europeus (inglês, austríacos, prussianos, bávaros etc.), os quais diante da nova ordem mundial organizaram e financiaram viagens exploratórias para o Novo Mundo.²⁰⁵ Assim, pode-se definir o período pós-Revolucionário como período áureo para explorações não apenas porque explorações europeias contaram com maior liberalidade por parte dos governos nas antigas possessões coloniais, mas também porque esse contexto propiciou

²⁰³ Conforme Auxiliomar Ugarte, “A região amazônica foi tocada pela primeira vez por europeus em fevereiro de 1500. Comandava a expedição o espanhol Vicente Yáñez Pinzon [...] A viagem de Pinzón resultou em introduzir a região recém-contatada nos planos de conquista e colonização que a Coroa Espanhola já dirigia no Novo Mundo. Os reis espanhóis nomearam o próprio Pinzón, como recompensa ao seu feito, capitão e governador das novas terras [...]” UGARTE, Auxiliomar. *Margens Míticas: A Amazônia no Imaginário Europeu do Século XVI*. In: PRIORE, Mary Del e GOMES, Flávio (org.) **Os Senhores dos Rios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p.5.

²⁰⁴ KNIGHT, David Marcus. “Travels and science in Brazil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. VIII, 2001, p.821. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8s0/a01v08s0.pdf>. Acessado em: 04.04.2010.

²⁰⁵ Segundo Knight, após a batalha de Waterloo, em 1815, os herdeiros de Francis Drake, herói naval e corsário, puderam finalmente colocar as mãos nos produtos naturais oriundos da América Latina, tais como o Campeche para tingimento e o látex da seringueira. *Ibidem*, p. 814

melhores condições materiais e geopolíticas de viagem (aspecto a ser desenvolvido adiante), quando comparado ao período dos navegadores e conquistadores europeus dos séculos XVI-XVII, bem como para as expedições de cunho científico do século XVIII.

Uma das razões para esse quadro, de acordo com Lorelai Kury, derivava do fato de que durante o período colonial “as viagens para conhecimento da natureza brasileira” foram realizadas não por homens de ciências especializados, mas, muitas vezes, por militares, missionários e funcionários metropolitanos, “os quais coletavam informações, que muitas vezes permaneceram manuscritas e não chegaram até nós.” Além disso, segundo a autora, a escassez de escritos sobre a América portuguesa durante o período colonial se explica, ainda, pela política protecionista em relação à sua colônia que levou, entre outras coisas, a proibir a divulgação de informações úteis sobre o Brasil.²⁰⁶

Para uma base comparativa desse processo, Kelerson Costa mostra que, entre os séculos XVI, XVII e XVIII, autores de língua espanhola produziram diversas obras informando sobre os domínios da América desde a Califórnia até o Chile. Dentre tais autores, destaca-se o jesuíta José Acosta, cuja obra *História natural y moral de las Indias*, publicada em 1590, “na opinião de Alexander Von Humboldt, continha já os fundamentos da física do globo.”²⁰⁷ No século XVIII, enquanto “diversos inicianos expulsos das colônias espanholas em 1767 e exilados em Roma” esforçaram-se por refutar as teses depreciativas sobre o Novo Continente, a produção sobre o Brasil dos missionários portugueses foi menos abrangente. Segundo Costa, após o banimento dos jesuítas da América Portuguesa, ocorrido em 1759, “nenhuma obra saída da pena de algum missionário daquela Ordem veio à luz” sobre o Novo Mundo. O autor destaca ainda que, no mesmo período, enquanto os religiosos que serviram à Espanha tiveram suas obras logo publicadas, os escritos do missionário cronista João Daniel – Tesouro Descoberto no Rio Amazonas –, embora “voz única entre os jesuítas que serviram na

²⁰⁶ Conforme Kury, um exemplo do “zelo” que Portugal tinha em tentar conservar sua colônia da América da “cobiça” de nações rivais é quando a obra de João Antonio Andreoni (Antonil) publicada em 1711 “é recolhida e queimada no mesmo ano, pois as autoridades temiam que as informações do livro servissem às nações estrangeiras. As obras publicadas no período durante o período colonial que consideramos científicas provêm fundamentalmente das experiências coloniais holandesa e francesa no Brasil, pois esses países ao contrário da lógica do sigilo seguida por Portugal, apoiavam a publicação e a circulação de parte das informações sobre o mundo colonial, mesmo quando se tratava de suas próprias colônias. Assim são conhecidas até hoje as descrições da flora e da fauna e dos indígenas brasileiros feitas pelos franceses André Thévet e Jean de Léry no século XVI e as obras de história natural escritas a partir da ocupação holandesa no nordeste brasileiro, no século XVII” KURY, Lorelai B. **Viagens Científicas**. Disponível em: <www.bndigital.bn.br>. Acesso em: 21 nov. 2012.

²⁰⁷ COSTA, Kelerson Semerene. Natureza, colonização e utopia na obra de João Daniel. In: **História, Ciências e Saúde – Manguinhos**. v.14; Rio de Janeiro: dezembro, 2007, p.96.

Amazônia silenciados por Pombal”, só veio a ser publicada integralmente em 1979, dois séculos depois de sua morte.²⁰⁸

Além de o protecionismo lusitano - que, nas palavras de Russel Wood, beirou a paranoia - ter proibido a circulação de informações e impedido a entrada de viajantes em suas possessões da América, o mundo letrado francês foi surpreendido no ano de 1745 com a exposição e publicação de um texto que informava sua sociedade sobre uma experiência de viagem que passou por toda a extensão do continente sul-americano: das alturas da América espanhola às terras baixas da Amazônia portuguesa. Tratava-se da *Relation abrégée d'un Voyage dans l'interieur de l'Amerique méridionale* exposta na Academia de Ciência de Paris em 28 de abril de 1745 pelo relator da missão francesa pela América do Sul, Charles Marie de La Condamine. Escrito em um período em que ainda se desenrolavam disputas territoriais entre Portugal e Espanha pela região banhada pelo rio Amazonas, Condamine se dirigiu, junto com Louis Godin e Pierre Bouguer, à América do Sul com passaportes concedidos pelo rei da Espanha, a fim de determinar medidas do arco do meridiano do Equador para pôr fim ao dilema sobre o formato do globo terrestre: se era um esferoide inchado nos dois polos, como afirmava René Descartes, ou achatado nos dois polos, como determinava as previsões de Isaac Newton. Tais objetivos não foram concluídos, em razão de a missão francesa à Lapônia ter voltado à França com resultados promissores antes que a missão ao Equador, na qual Condamine era um dos membros, tivesse completado suas observações. Frustrada essa empreitada, conforme defende Neil Safier, Condamine elaborou um plano de viagem audacioso com o objetivo de aumentar sua reputação científica. De acordo com o autor, o sábio francês escolheu “um caminho que, segundo ele, ninguém invejaria, descendo o ‘rio Amazonas’ desde o ponto em que ele se torna navegável [...] pelo lado oriental da cordilheira dos Andes [...] até a foz do Amazonas no Atlântico.”²⁰⁹ Condamine apresentou sua experiência de viagem como se fosse uma “*Relation* de testemunha ocular, preferindo assim uma forma de narração utilizada pelos exploradores franceses do início do século XVII”. Seu texto não apresentava divisões sistemáticas explícitas, misturando medidas astronômicas e observações sobre a geografia e a história natural da região, com relatos míticos do encontro com as mulheres guerreiras. Desse modo, Safier considera que Condamine conseguiu revelar o Amazonas, tanto se utilizando de normas

²⁰⁸ Ibidem, p. 97. Costa observa que, a partir de 1820, houve edições parciais sobre os escritos de João Daniel.

²⁰⁹ SAFIER, Neil. Como era ardiloso o meu francês: Charles-Marie de La Condamine e a Amazônia das Luzes. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 29 n° 57, p. 95.

empíricas condizentes com o espírito das Luzes, quanto se aproveitando de uma tradição narrativa dos primeiros relatos sobre o continente americano como uma estratégia discursiva para atrair audiência e promover sua reputação científica. Ao mesmo tempo, foi também Condamine que conseguiu elencar a região amazônica pela primeira vez “como objeto de estudo” e um “cobiçado lugar de exploração para as ferramentas da ciência ocidental.”²¹⁰

Apesar de Condamine ter conquistado tal reputação, deve-se considerar que a Amazônia era um espaço facultado a poucos viajantes até as primeiras décadas do oitocentos, sobretudo em razão da expansão do domínio português para oeste da linha de Tordesilhas, movimento que definiu não apenas novos reordenamentos de fronteiras políticas entre os reinos ibéricos mas também promoveu medidas de defesa bastante rígidas em relação a circulação de pessoas e informações sobre a Amazônia portuguesa e demais possessões luso-americanas. De modo que quando o célebre naturalista alemão Alexander Von Humboldt, acompanhado por seu companheiro de viagem, o francês Aimé Bonpland, atingiu o Cassiquiare, canal que liga o Orinoco ao Rio Negro, as autoridades portuguesas, temendo que Humboldt e Aimé Bonpland contagiassem os súditos de D. Maria I com “novas ideias de falsos e capciosos princípios” anteciparam-se a qualquer expectativa dos viajantes e declararam-nos suspeitos. De acordo com trecho do ofício real apreciado pelo estudo de Carlos Oberacker, o:

“[...]dito barão Humboldt ou (de) outro qualquer viajante estrangeiro pelos territórios dessa capitania [...] seria (portanto) sumamente prejudicial aos interesses políticos (sic!) da coroa de Portugal.”²¹¹

Do mesmo modo, o estudo de Nelson Papavero transcreveu o documento (em inglês!) com mais detalhes para enfatizar que a Coroa Portuguesa enviou ordens expressas ao Capitão Geral Francisco de Maurício Coutinho, Governador do Pará, para que impedisse a viagem de Humboldt em território brasileiro, anunciado no “Gazeta da Colônia” de 2 de julho de 1800:

“[...]a certain Baron von Humboldt, from Berlin, has been travelling through the interior of America, making astronomic observations in

²¹⁰ Ibidem, p. 94.

²¹¹ OBERACKER, Carlos Jr. Um Parecer de Humboldt sobre os limites no noroeste do Brasil. In: **Separata da Revista de História**. Nº 5, São Paulo, 1976, pp. 20-22. Atualmente esse material pertence a Berlin-Brandenburgische Akademie der Wissenschaften [Academia de Ciências de Berlim-Brandemburgo], que incorporou o acervo da extinta Academia de Ciências da RDA (República Democrática Alemã ou, em alemão, DDR - Deutsche Demokratische Republik). Esta referência foi recuperada por Carsten Eckert, historiador das ciências, e a mim gentilmente indicada e concedida pela pesquisadora e doutoranda da Casa de Oswaldo Cruz Miriam Junghans. Agradeço imensamente a ambos pela fotocópia dessa documentação.

order to rectify certain errors in the existing maps, and collecting plants [...]. Under this pretext this stranger may hide plans for the propagation of new ideas and new religious principles among the loyal subjects of this domain. His excellency [the Governor of Pará] should investigate the case [...]; otherwise, it would be extremely dangerous to the political interests of the Portuguese crown, if this were the case [...]"²¹²

No entanto, para Oberacker parece improvável que a expedição liderada pelo naturalista alemão pretendesse penetrar em terras brasileiras, pois Humboldt atravessara a região do Orinoco e fixara-se em San Carlos com interesse de investigar a cartografia do Cassiquiare. Por isso, deve-se lembrar de que quando a medida real foi expedida, a questão do canal do Cassiquiare não havia sido resolvida. Nesse intento, o destino do naturalista alemão em direção aos limites entre a atual Venezuela e o Brasil seguiu o seguinte traçado:

“[...] diante da difícilíssima subida no Orinoco [...] [Humboldt] continuou a viagem num afluente, o rio Tuamini e deixou arrastar sua canoa, partindo da missão de Santo Antônio de Javita, através do istmo e da floresta que separam o sistema fluvial do rio Orinoco do Rio Negro [...] alcançando o penúltimo num afluente do Rio Negro, o Caño Pimichim. Descendo então o Rio Negro, lá chamado Guainia, passou a embocadura do Cassiquiare, e a San Carlos, onde se demorou algum tempo.”²¹³

Segundo constatou o autor, não há nenhum documento escrito que comprove que Humboldt possa ter tentado seguir viagem pelo Rio Negro e Amazonas abaixo, como defendeu Alega Andrä.²¹⁴ E a despeito do evento de prisão de Humboldt no Grão-Pará, apontado por Victor van Hagen, Oberacker salientou desconhecer qualquer documentação que comprove tal afirmação e, além disso, acrescenta que Hangen não cita suas fontes de informação.²¹⁵ Ao confrontar as datas do período de permanência de Humboldt pelo Orinoco e San Carlos, com a publicação do decreto, conclui o autor, que não apenas Humboldt desconhecia notícias sobre seu aprisionamento em terras brasileiras, mas também que as próprias autoridades do Pará, para onde o ofício foi encaminhado, também não tinham conhecimento do conteúdo do documento na época que o naturalista alemão fazia suas pesquisas na fronteira com o Brasil. Nesse ponto,

²¹² PAPAVERO, Nelson. **Essays on the History of Neotropical Dipterology**. São Paulo: Museu de Zoologia-USP, 1971, p. 38.

²¹³ Op. cit. p. 21.

²¹⁴ Ibidem, p. 21.

²¹⁵ Ibidem, p. 25

considera-se que o documento acima apenas revela uma precaução diante da possibilidade da entrada dos estrangeiros na América portuguesa.

Entretanto, se, por um lado, a política de defesa lusitana temeu a entrada de Humboldt e outros estrangeiros em seus domínios coloniais, por outro, novos interesses motivaram a Coroa Portuguesa a financiar a missão oficial de Alexandre Rodrigues Ferreira pelos atuais Estados do Pará, Amazonas e Mato Grosso. Alexandre Rodrigues Ferreira foi um naturalista baiano formado pela Universidade de Coimbra, que percorreu entre 1783-1792 o destino negado ao naturalista alemão. Acompanhado por dois desenhistas – os riscadores José Joaquim Freire e Joaquim José Codina – e um jardineiro botânico – Agostinho do Cabo –, o naturalista explorou e recolheu uma abundante coleção faunística, botânica e etnográfica de uma região ainda pouco conhecida e considerada estratégica para os domínios coloniais portugueses nas décadas finais do século XVIII, 1783-1792.²¹⁶ Por este motivo, a expedição liderada por Rodrigues Ferreira é considerada precursora das demais viagens com objetivos em história natural na região.

No entanto, conforme explicita Ângela Domingues, a viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira não foi levada adiante sem que o mesmo recebesse ordens expressas da Coroa Portuguesa sobre suas atividades no Brasil. Para Domingues, na viagem de Rodrigues Ferreira houve um alinhamento de interesses científicos aos negócios políticos e econômicos no contexto da expansão marítima comercial do século XVIII, à qual Portugal tentou se integrar. Uma vez que os franceses, os holandeses e os ingleses tomaram a dianteira das Coroas Ibéricas no terreno da expansão territorial e comercial, Portugal procura recuperar seu status, valendo-se dos mesmos instrumentos técnicos utilizados pelas novas potências para se desenvolverem. A viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira à Amazônia exemplifica a utilização pragmática do conhecimento da fauna e flora da região pelos europeus. Pode-se demonstrar essa tendência quando o naturalista escreveu suas “Memórias sobre palmeiras da província do Grão Pará”, identificando os modos como os nativos as utilizavam para cobrir casas ou outros usos. Ao mesmo tempo, do outro lado do Atlântico, na fábrica de Cordoaria

²¹⁶ Ver CARVALHO JUNIOR, Almir Diniz. **Do índio imaginado ao índio inexistente: a construção da imagem do índio na viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas, SP: [s.n], 2000.

da Corte, testavam a resistência e a eficiência destes novos produtos oriundos de vários lugares do Brasil.²¹⁷

Além disso, como explicita Almir Carvalho²¹⁸, deve-se entender que o itinerário de viagem escolhido – O Estado do Pará e a Capitania de São José do Rio Negro, bem como a Capitania do Mato Grosso²¹⁹ – foi composto para uma região que “até bem pouco tempo era área de litígio do Império Português”.²²⁰ Os grandes rasgos de demarcação de limites que sucederam ao Tratado de Tordesilhas, e determinaram a fixação de fronteiras definitivas das possessões portuguesas e espanholas foram definidos com o Tratado de Madri (1750) e o de Santo Idelfonso (1777). Assim, três anos antes da viagem de Rodrigues Ferreira, “uma partida composta por um grupo de engenheiros e militares ainda se deslocava pelos interiores da região para fixar as fronteiras dispostas pelo tratado de 1777”.²²¹ Na época em que Rodrigues Ferreira excursionou pela região, embora controlada pela Coroa Portuguesa, ela “sofria de problemas estruturais” enfatizados pela combinação de um vasto espaço territorial com uma fraca densidade populacional, bem como constantes sublevações étnicas e “falta de conhecimento dos seus interiores”.²²² Pensando assim, Carvalho concorda com a afirmação de Domingues ao identificar que tanto os grupos de demarcação quanto as expedições de cunho científico, financiados e apoiados pelo governo central, são complementares ao projeto de colonização daquele espaço. Por outro lado, o autor observa que, ao contrário de Condamine, Alexandre Rodrigues Ferreira não viu em vida a sua “Viagem Filosófica” ser publicada²²³. Todo seu material, composto por espécies

²¹⁷ DOMINGUES, Ângela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. In: **História, Ciência, Saúde** – Vol. VIII (suplemento), 823-38, 2001. Disponível em: <www.scielo.org>. Acesso em: 03 mar. 2006.

²¹⁸ CARVALHO, op. cit., p.19.

²¹⁹ Sobre o itinerário de viagem, Carvalho informa o seguinte percurso tomado por Ferreira e seus assistentes: “De Belém do Pará, Rodrigues Ferreira partiu para seus primeiros estudos na ilha de Marajó, antiga Joannes. Percorreu durante este período as vilas de Cameté, Baião, Perdeneiras e Alcobaça. Já no final de 1784, seguiu para Barcelos (trecho mais longo de sua estadia), onde visitou vários trechos de rios. No rio Negro, seguiu até suas fronteiras. Regressando, Ferreira seguiu o rio Branco até a serra de Canauaru e seus afluentes. Fez esses percursos sempre tendo como ponto de apoio a cidade e Capital de São José do rio Negro, a referida Barcelos. No final de agosto de 1788, numa arriscada empreitada pelo rio Madeira, chegou até a Capitania do Mato Grosso, em Vila Bela, no ano de 1789. Essa viagem, a mais traumática de sua expedição e na qual quase perdeu a vida [...] durou 13 meses. Em 27 de junho, já seguia para a vila de Cuiabá e de lá desceu os rios São Lourenço e Paraguai. Por fim, em janeiro de 1792, retornou a Belém e de lá até Lisboa, chegando a então metrópole no ano seguinte.” Ibidem, p.27-28.

²²⁰ Ibidem, p.19.

²²¹ Ibidem, p.19.

²²² Ibidem, p.19.

²²³ Conforme Ronaldi Ramineli: “Em julho de 1795, Ferreira escreveu uma carta ao mordomo-mor do Reino solicitando o pagamento de seus honorários como naturalista, verba que havia sido suspensa desde o seu retorno a Lisboa. O corte do financiamento, certamente, significava o desinteresse do Estado pela

coletadas e manuscritos com descrições sobre a natureza e ilustrações da paisagem, foi encaixotado e remetido a Lisboa em 1789, onde permaneceu no Real Gabinete de História Natural até ser saqueado, quando da invasão francesa em Portugal em 1807.

Sobre esse aspecto, Kury enfatiza que quando os comandados de Napoleão tomaram Portugal naquele ano, os invasores franceses procederam da mesma maneira como haviam feito em outros países europeus, que era saquear preciosas coleções e levar o fruto da rapina “para as coleções dos museus parisienses, como o Louvre e o Museu de História Natural”.²²⁴ Para além de interesses meramente econômicos e territoriais, tal atitude deve ser entendida, ainda, como uma espécie de guerra simbólica, na qual França e Inglaterra lutavam “pela hegemonia científica e pela riqueza de suas coleções”.²²⁵ Nesse plano encontrava-se Étienne Geoffroy Saint-Hilaire, membro da *Académie des Sciences* e respeitado zoólogo do *Muséum d’Histoire Naturelle* de Paris, que, segundo a autora, “encerrava em sua figura a força da expansão francesa”.²²⁶ Além de pertencer àquelas renomadas instituições francesas, Geoffroy Saint-Hilaire também ganhou crédito perante seus pares e as autoridades de seu país por ter participado da expedição francesa ao Egito (1798-1801), onde realizou experimentos e “coletou” objetos que seriam expostos nos museus e/ou guardados em instituições científicas francesas. Foi também na mesma missão que conheceu o general Junot, que viria a comandar a invasão a Portugal.

Com tal perfil, Geoffroy Saint-Hilaire foi escolhido para uma missão em Portugal. De acordo com Kury, “[o]s protagonistas da expansão francesa, desde a revolução, concebiam o papel da França no globo como uma espécie de missão civilizadora e libertadora”.²²⁷ Neste sentido, foi o próprio Ministério do Interior francês que instruiu Geoffroy Saint-Hilaire sobre sua missão em Portugal: assim que o naturalista chegasse a Portugal, deveria se ocupar das coleções de história natural para completar o que faltava nos museus de Paris, devendo ainda dar especial atenção “[às]

continuidade dos estudos. Os avanços da História Natural não eram, definitivamente, prioridade em Portugal. A falta de incentivo estatais, o cansaço da viagem, a saúde debilitada e um certo desgosto com o ofício de naturalista, talvez, empurraram o viajante para os afazeres burocráticos e apartaram-no da História Natural.” RAMINELLI. **Ciência e Colonização: Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira**. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg6-10.pdf. Acessado em: 29.10.12.

²²⁴ KURY, Lolerai. As coleções, a invasão francesa e o Brasil. In: **O Gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, [s/d], p. 251.

²²⁵ Ibidem, p.251.

²²⁶ Ibidem, p.252.

²²⁷ Ibidem, p.252.

peças originárias do Brasil, já que a colônia era extremamente controlada e pouco se tinha da natureza brasileira nos acervos europeus”.²²⁸

Na prática, a missão de Saint-Hilaire a Portugal procedeu ao confisco de um rico material pertencente ao Gabinete da Ajuda, que na época estava sob a direção do naturalista italiano Domenico Vandelli. Assim, embora “seu próprio Relato [afirme que] ele nunca reivindicou seus direitos de vencedor”²²⁹, em suas convicções, os portugueses eram tidos como inferiores do ponto de vista científico e, por esta razão, “tirar-lhes parte das coleções seria prestar um favor a própria história natural, já que os portugueses não haviam estudado o rico material coletado em suas colônias.”²³⁰ De todo modo, o butim português foi tão significativo que na época o Brasil foi considerado a colônia, depois das francesas, “com maior representação no herbário do *Jardin des Plantes*.” Sobre “a vultuosidade da rapina francesa”, Kury ressalta ainda um ponto importante:

a fama dos coletores luso-americanos e do próprio Vandelli não acompanhou as coleções, como era o desejo do diretor do Jardim Botânico da Ajuda. Parte das coleções que seguiram para a França estava sem identificação quanto a quem havia coletado o material e a sua procedência.²³¹

É importante frisar ainda que, até a invasão francesa, o montante de material coletado sobre o Brasil por viajantes ao longo do tempo e enviado a Lisboa permaneceu desconhecido mesmo para os próprios membros da administração imperial. Além das muitas peças, artefatos e manuscritos perdidos no caminho até a metrópole, grande parte do material que conseguiu chegar ao seu destino continuou manuscrito e entrou na fase de preparação para publicação, como foi o exemplo de algumas imagens da expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira. Além disso, somente uma pequena parte dos trabalhos realizados por outros discípulos de Vandelli foi “ao prelo e recebeu validação do circuito científico internacional.”²³² Estes aspectos explicitam o quanto a Amazônia foi usada por “homens de ciência” e para fortalecimento de instituições científicas europeias.

2.1.EXPANSÃO DE FRONTEIRAS E CONSTITUIÇÃO DE SABERES NA E SOBRE AMAZÔNIA PORTUGUESA

²²⁸ Ibidem, p. 252.

²²⁹ Ibidem, p. 252.²³⁰ Ibidem, p. 253.²³¹ Ibidem, p. 253.

²³⁰ Ibidem, p. 253.²³¹ Ibidem, p. 253.

²³¹ Ibidem, p. 253.

²³² KURY, Lorelai. A filosofia das viagens: Vandelli e a história natural. In: **O Gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, (s/d), p.80.

Diante disso, pode-se afirmar que a escassez de descrições era mais aguda nas regiões mais distantes do litoral brasileiro, como a Amazônia. Sendo, no período colonial, precariamente demarcado o conhecimento geográfico que os europeus constituíram sobre o interior do vale amazônico.²³³ Além do grande rio, o Amazonas, do qual se tinha algumas poucas informações e desenhos que beiravam a imaginação fantástica, todo o resto era bastante desconhecido para os cartógrafos devido às poucas e imprecisas informações que recebiam. Uma situação bastante diversa dos registros que chegavam dos lugares costeiros mais densamente povoados no Brasil. Nesse sentido, ao desenvolver o tema, José Alonso enfatiza que a noção de fronteira para região amazônica foi desenvolvida gradualmente e de forma descontínua ao longo dos séculos. Uma noção inicialmente baseada em conhecimentos imprecisos sobre os rios da região, cujos conceitos não passavam de uma noção vaga.²³⁴ Sobre esse aspecto, Ugarte esclarece também que,

embora a Amazônia fosse incluída desde 1500 - com as expedições de Vicente Pinzón e de Diego de Lepe ao estuário do Rio Amazonas -, nos planos de colonização que a Coroa espanhola já empreendia na América desde 1493, não deixa de ser significativo que não houve sequer ações dos Reis Católicos que efetivassem o estabelecimento colonial na região. Por um lapso de, pelo menos, quatro décadas no decorrer do século XVI, o interior amazônico permaneceu desconhecido dos europeus, dado que nenhuma expedição foi além do litoral atlântico.²³⁵

Além disso, é preciso salientar que a “marcha colonizadora nos espaços amazônicos” foi mais longa e lenta do que, por exemplo, se verificou “no Vale do

²³³ De acordo com Jean França, a realidade da América Portuguesa era quase totalmente desconhecida pelos europeus antes da chegada de D. João VI ao Brasil. Para o autor, os portugueses não escreviam e não divulgavam nada sobre sua colônia nas Américas por razões obviamente políticas: “Daí, as descrições vinculadas nas publicações geográficas inglesas serem, estou certo, terrivelmente errôneas e imperfeitas.” FRANÇA, Jean M. C. **Visões do Rio de Janeiro Colonial: Antologia de Textos, 1531-1800**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, José Olímpio, 1999, p.198.

²³⁴ ALONSO, José Luis Ruiz-Peinado. Entre Aguas e Fronteras de la Amazonia. In: **CLIO – Revista de Pesquisa Histórica**: Dossiê Fronteiras e Sociedade. No 30.01, 2012, p.2. Disponível em: <www.revista.ufpe.br>. Acesso em: 16 nov. 2012.

²³⁵ UGARTE, Auxiliomar Silva. Sertões de Bárbaros – **O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (séculos XVI-XVII)** Manaus: Editora Valer, 2009, p.19. Conforme Ugarte, “foi somente a partir da consolidação da conquista espanhola do império incaico nos Andes Centrais, em fins da década de 1530, que as baixadas tropicais da América do sul, a oriente de Cuzco e Quito, despertaram a curiosidade e o interesse dos hispânicos. O gradativo contato com as populações indígenas das vertentes orientais dos Andes, dos quais os espanhóis coletavam informação sobre os territórios interiores, resultou nas primeiras entradas feitas na Amazônia, no final da década de 1530 e princípios da década de 1540. Dessas entradas (as expedições sob o comando de Alonso Mercadillo, Gonzalo Pizarro e de Francisco Orellana) ficaram as impressionantes histórias sobre o *País da Canela*, o *Reino do El Dorado* [...] *Reino das Amazonas*. Eram lugares fantásticos que haviam impulsionado, e alguns dos quais continuariam a impulsionar ou, pelo menos, a interessar aos conquistadores dos espaços amazônicos.” p.19.

México ou nos Andes Centrais”, já que o processo de inclusão da região Amazônica ao domínio ibérico resultou de empreendimentos de conquista que espanhóis e, posteriormente, portugueses vão “estabelecendo – frente aos seus concorrentes holandeses, ingleses e franceses – ao longo de suas viagens, nos séculos XVI e XVII, com hiatos temporais significativos de uma das outras.”²³⁶ É o que se pode observar no período da Restauração (1640) que, mesmo quando o Reino de Portugal retoma sua autonomia, “a região continuava, em grande parte desconhecida dos europeus, mesmo em seu trecho mais percorrido que era do rio Amazonas.”²³⁷ Entretanto, foi “às vésperas da Restauração entre 1637 e 1639” que duas expedições ibéricas efetivaram pela primeira vez o percurso do rio Amazonas em toda a sua extensão, “primeiro de oeste a leste, depois de leste a oeste e vice-versa”²³⁸. Tal empreendimento, conforme Ugarte, pode ser considerado

a grande epopéia descobridora-conquistadora do século XVII, equiparável às viagens comandadas por Francisco Orellana e por Pedro de Ursua-Lope de Aguirre, no século precedente. Trata-se, respectivamente, da baixada pelo rio Amazonas até Belém, de dois Franciscanos leigos e seis soldados (todos espanhóis) e da subida e baixada pelo mesmo rio (Belém-Quito e Quito-Belém) da expedição lusitana comanda por Pedro Teixeira²³⁹

De qualquer modo, pode-se afirmar que, durante a União Ibérica (1580-1640), a ocupação do espaço amazônico por portugueses ganhou seu ímpeto inicial, sendo considerado como marco decisivo deste processo: a expulsão dos franceses do Maranhão em 1615 – os quais haviam fundado neste ponto desde 1612 a França Equinocial – e a chegada da expedição comandada pelo capitão mor Francisco Caldeira Castelo Branco na foz do Oiapoque, estabelecendo um forte neste ponto, o Forte do Presépio²⁴⁰ em 1616. Vale lembrar, ainda, que o avanço português durante a União Ibérica para oeste não feria a linha demarcatória de Tordesilhas, já que as investidas lusitanas se faziam sob a proteção do rei de Castela e de Portugal. Por outro lado, Castela, ao franquear aos lusitanos a expansão do Cabo Norte, promoveu novos

²³⁶ Ibidem, p.22.

²³⁷ Ibidem, p.20.

²³⁸ Ibidem, p.20.

²³⁹ Ibidem, p.20-21.

²⁴⁰ Conforme Ugarte, embora a expedição comandada pelo capitão-mor Castelo Branco tenha sido a primeira de origem lusitana em solo amazônico, Portugal estava sob o domínio espanhol havia 36 anos. Por isso, em nome de Filipe III (ou Filipe II, de Portugal), esse forte foi erigido às margens da baía do Guajará, em torno do qual se lançaria as bases para a fundação de Santa Maria de Belém do Pará. Ibidem, p.91.

reordenamentos na administração do Estado do Brasil, que culminariam na criação em 1621 do Estado do Maranhão (nome mudado em 1751 para Grão Pará e Maranhão), com sede em São Luís, sendo autônomo em relação àquele²⁴¹; e cujo aparato administrativo permitiu aos lusitanos internalizar sua presença no espaço amazônico.

De acordo com José Alonso²⁴², foi ainda nesse período que o conceito de fronteira inicial, baseado em uma noção fluvial vaga, passa a obter elementos que conduzem a um conceito territorial mais alargado e dentro do qual se formula também a noção de fronteira humana. Esta última noção é concebida quando Portugal reconhece a importância das sociedades indígenas para a obra de colonização que estava em curso. Sendo assim, os agentes políticos de Portugal só conseguiram maior domínio territorial após submeter as populações indígenas, por meio do controle de grupos, em uma área delimitada, os aldeamentos²⁴³, os quais passaram a ser apropriados primeiro por missionários e depois por colonos e autoridades coloniais. Além disso, foi no século XVIII, quando Portugal tomou consciência das potencialidades econômicas da região, que se formou um novo conceito de fronteira: a fronteira política. Segundo Alonso, ao longo da primeira metade do século XVIII, a coroa portuguesa se preocupa em definir, por meio do estabelecimento de fronteiras políticas, sua soberania territorial no extremo norte brasileiro,²⁴⁴ questão que só será plenamente decidida entre os reinos de Portugal e da Espanha, como supracitado, com a assinatura dos Tratados de Madri (1750) e Santo Idelfonso (1777).²⁴⁵

Sobre este processo de expansão de fronteiras, o etno-historiador Antonio Porro observa que na Amazônia seiscentista e setecentista não apenas homens em armas se golpearam, mas também correntes de pensamento como o humanismo e a razão – como comprovam os escritos do Padre Antonio Vieira e do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, considerados os maiores expoentes da atividade intelectual e científica produzida na região em épocas distintas. Assim, a partir do avanço de núcleos de povoamento e conquista, se produziu um conjunto de testemunhos escritos que

²⁴¹ Ibidem, p.96.

²⁴² ALONSO, José Ruiz-Penado. **Entre Aguas de la Amazonia**. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/viewFile/257/142>>. Acesso em 01 fev. 2013.

²⁴³ Conforme Beatriz Perrone-Moisés, “A localização dos aldeamentos obedece a considerações de várias ordens. Para incentivar o contato com os portugueses, facilitando assim a civilização dos índios quanto a utilização de seus serviços, são em geral situados próximos as povoações coloniais [...]” p.118. PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Índios Livres e Índios Escravos. In: CUNHA, Manuela C. (org.) **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras: SEC. Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

²⁴⁴ Op. cit., p.3.

²⁴⁵ Ver UGARTE, op. cit., p.103; e COSTA, Kelerson, op. cit., p.13.

refletiram sobre a natureza, modos de vida e formas de intervenção no meio ambiente, os quais podem ser agrupados em duas fases: a primeira vai do final do século XVII até meados do século XVIII e corresponde à época “de preeminência do clero” na sociedade colonial da Amazônia portuguesa, sendo os escritos quase todos produzidos por autores religiosos: “João Felipe Bettendorff, Bento da Fonseca, José de Moraes, Anselm Eckart, João Daniel e o bispo frei João de São José Queirós, além do Jesuíta Samuel Fritz.”²⁴⁶ A outra fase, que pode ser situada no período de vigência do Diretório (1755-1798), é caracterizada pela secularização do poder, na qual os testemunhos escritos sobre a região em sua maioria eram frutos de autoria de funcionários da administração colonial, militares e magistrados, e alguns poucos colonos, religiosos e exploradores com “pouca expressão intelectual e literária.”²⁴⁷ Dentre esses testemunhos escritos, Porro destaca: “José Gonçalves da Fonseca, José Monteiro de Noronha, Francisco Xavier de Ribeiro Sampaio, Manuel da Gama Lobo d’Almada, Ricardo Franco de Almeida Serra, João Vasco de Braum e Teodósio Constantino de Chermont.”²⁴⁸

Não obstante, Porro enfatiza que, graças ao preparo intelectual e formação humanística de muitos religiosos, Belém do Pará e São Luís se transformaram, em meados do século XVIII, em centros importantes “de preservação e cultura”. Aspecto que pode ser constado ao se verificar o número de obras que jesuítas detinham em suas bibliotecas, cerca de 12 mil!²⁴⁹ Sobre os temas dos livros, além de filosofia e teologia,

[...] não faltavam religiosos dedicados às técnicas e à ciência. O Jesuíta Aloizio Conrad Pfeil, matemático e cartógrafo, traçou um grande mapa do rio Amazonas que, em 1685, foi ofertado ao rei; este o convidou, em 1691, para projetar e construir fortificações no Cabo Norte e para ser professor de estratégia militar, convites que ele declinou.²⁵⁰

Do outro lado do Atlântico, as notícias que chegavam sobre a “descoberta” do Amazonas não davam conta apenas de disputas territoriais. Conforme Ugarte, o caudaloso rio foi também “o caminho-cenário” por onde se desenrolaram “verdadeiras batalhas intelectuais”, como as reveladas pelos humanistas Pedro Mártir de Angleria,

²⁴⁶ PORRO, Antonio. Introdução e Notas. In: NORONHA, José Monteiro de. **Roteiro de Viagem da Cidade do Pará até às Últimas Colônias do Sertão da Província (1768)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p.8.

²⁴⁷ Ibidem, p.8.

²⁴⁸ Ibidem, p.8.

²⁴⁹ Ibidem, p.9.

²⁵⁰ Ibidem, p.9.

Francisco López de Gómora e Gonzalo Oviedo, quanto à veracidade de informações noticiadas aos reinos ibéricos por marinheiros e conquistadores sobre a grandiosa dimensão do rio Marañón²⁵¹. A progressiva revelação da malha fluvial do Amazonas foi inaugurada pelas expedições que estavam a serviço da coroa hispânica de Vicente Pizón e Diego de Lepe em 1500, portanto, antes mesmo da conquista territorial dos Andes peruanos. Por isso, pode-se considerar que se deve às expedições de Pizón e Lepe o início da percepção europeia sobre o mundo Amazônico. A extensão da embocadura do rio que, com sua força, empurrava água doce a muitas léguas do Oceano Atlântico, impressionou os exploradores espanhóis de tal modo que escreveu o humanista Pedro Mártir Anglería a partir dos relatos que recebeu dos marinheiros da expedição: “un mar de aguas tan dulces que pudieron renovar allí la de las pipas”²⁵². Coube a Vicente Pizón batizar o mesmo rio com a primeira denominação europeia de *Santa Maria de la Mar Dulce*. No entanto, seus próprios marinheiros preferiram chama-lo de *Marañón*.²⁵³

Por outro lado, no meio letrado europeu, as descobertas recentes despertaram questionamentos de alguns humanistas. Sobre esse aspecto, não se pode esquecer que a Península Ibérica acolheu alguns eruditos italianos, como: Pedro Mártir de Anglería, Alessandro Geraldine e Lucio Marineo Siculo. Entre os quais, certamente, o humanista Anglería (1455 ou 1459-1526) se destacou por seus serviços de cronista prestados à Coroa de Castela, recebendo informações de primeira mão trazidas por conquistadores e navegadores. No entanto, Anglería não apenas ocupou-se em registrar as informações que chegavam do além-mar, mas também em avaliar até que ponto aquelas eram verídicas, posto que algumas informações colocaram em cheque o conhecimento sobre os rios europeus. De qualquer modo, Anglería, após questionar as informações que deram conta de um rio cuja amplitude superara o conhecimento que se tinha dos rios europeus, reconsiderou sua posição e defendeu uma possível existência de grandes rios em várias partes do mundo, “uma vez que nessas regiões a Natureza poderia ter agido diferentemente”.²⁵⁴ Intuição que veio a ser confirmada com a viagem comandada por Francisco Orellana, 16 anos após a morte do humanista. Como se sabe, a expedição comandada por Orellana é considerada a primeira expedição europeia a conseguir atravessar a bacia do Amazonas em toda a sua extensão. Assim, se Anglería pode ser

²⁵¹ Ugarte observa que o Paraná-Guaçu (Rio Grande) dos indígenas de fala tupi foi batizado pelos espanhóis em diferentes momentos e com várias denominações, a saber: “Santa Maria Del Mar Dulce, Marañón, rio de Orellana e, finalmente, rio das Amazonas”. UGARTE, op. cit., p.169.

²⁵² Ibidem, p.170.

²⁵³ Ibidem, p.170.

²⁵⁴ Ibidem, p.171.

considerado pioneiro em anunciar a possibilidade de um rio cuja dimensão superava os próprios rios europeus,²⁵⁵ os registros deixados por frei Gaspar de Carvajal, participante da expedição de Francisco Orellana de 1542, não apenas ratificaram a tese da grandiosa dimensão do rio Amazonas mas serviram, ainda, de base para verdadeiras batalhas intelectuais expressadas nos registros de Gonzalo de Oviedo contra López de Gómara. Em sua obra *Historia General y Natural de las Indias*, Oviedo tomou como o mais importante valor o critério da experiência para se conhecer a realidade das Índias; critério que o fez desferir golpes contra outros autores que, segundo ele, “não tinham competência para escrever sobre as Índias, porque nunca estiveram nelas.”²⁵⁶ Tal crítica era endereçada sobretudo ao trabalho de Gómara, *Historia General de las Indias*, escrito após 1546. A polêmica se inicia, segundo Ugarte, quando se reconhece que, ao contrário de Oviedo, que teve pleno acesso aos escritos de frei Carvajal, não se sabe se Gómara teve em mãos os registros do dominicano. Por esta razão a postura de Gómara sobre o grande rio foi sempre hesitante, expressando, conforme Ugarte, “dúvidas de quem nunca esteve nas Índias.”²⁵⁷ Por outro lado, os questionamentos, dúvidas e hesitações apresentados tanto por Anglería quanto, mais tarde, por Gómara, sobre a ideia de um rio tão extenso como aquele percorrido por Orellana e seus comandados devem ser vistos não apenas como resultado da falta de vivência na região amazônica, mas também de uma evidência sobre a importância que o conhecimento clássico incidiu sobre suas formações durante esse período. Conforme Ugarte:

[...] eles [Angleria e Oviedo] relutavam em abandonar o aparato cognitivo que lhes servia de parâmetros em seus comentários [...] Todavia, o empirismo do devassamento a que foi submetido o Novo Mundo, também contou com pessoal letrado que, se não era humanista *stricto sensu*, participava da atmosfera renascentista, cuja figura mas destacada, sem dúvida, foi Gonzalo Fernández de Oviedo, autor da monumental *Historia Genral y Natural de las Indias*.²⁵⁸

Desse modo, pode-se enfatizar que as primeiras descrições europeias sobre o espaço físico da Amazônia foram estabelecidas tanto a partir de interações com o meio quanto pelo próprio aparato cognitivo e mental do qual cronistas se serviam para entender a desconhecida realidade física das “Índias”. Segundo esclarece Ugarte, “[e]m suas *relaciones*, os soldados cronistas partiam sempre de comparações para falar da

²⁵⁵ Ibidem, p.172.

²⁵⁶ Ibidem, p.180.

²⁵⁷ Ibidem, p.177.

²⁵⁸ Ibidem, p.178.

malha fluvial amazônica.” Parâmetro que pode ser observado nos seguintes registros citados por Ugarte de um testemunho do século XVI: “Este rio que por ella pasa [o rio Huallaga que banha a província dos Motillones] es muy caudaloso, sin comparación mayor que qualquiera de España.”²⁵⁹

Do mesmo modo, observou Sergio Buarque de Holanda em relação ao processo de dilatação territorial do Brasil empreendido a partir do vale do Piratininga: “Os adventícios guiavam-se muitas vezes pelos sentidos, que os faziam associar confusamente reminiscências do Velho Mundo às impressões do Novo.”²⁶⁰ Para o autor, assim se explicava que diferentes espécies encontradas no Brasil fossem batizadas com nomes de espécies tipicamente europeias. Tal postura revela que os caminhos e a “observação audaciosa” do elemento português eram “nascid[os] na luta com o mundo ambiente”, regidos por circunstâncias do cotidiano perigoso a que “se sujeitavam exploradores e conquistadores”²⁶¹ e também orientados pelos naturais da terra que os guiavam em todas as direções: desde a geografia dos vales de regiões distantes do litoral da América portuguesa à utilização de plantas locais.

Essas dimensões mostram que a vivência de viajantes na região amazônica fora permeada por camadas de temporalidades distintas, sobrepostas num mesmo espaço. Como foi observado no capítulo anterior, Fernand Braudel, em seu clássico estudo sobre o Mediterrâneo, pressupõe a importância desses “múltiplos tempos” para a reconstituição das relações humanas no tempo, apontando a existência de um tempo longo, que é produzido por uma interação extremamente lenta e, por vezes, imperceptível aos olhos humanos. Trata-se do tempo físico, material ou geológico. A abordagem braudelianiana da *longue durée* foi amplamente acolhida por diversos historiadores que buscaram traçar uma reflexão histórica menos dualista nas relações entre homem e natureza. Este pressuposto sinaliza, segundo o historiador José Augusto Pádua, para a necessidade de traçar relações históricas de maneira “mais nuançada”, observando a “pluralidade de dimensões naturais e culturais que, de alguma forma, se resolvem e se encontram na prática coletiva dos seres humanos.”²⁶²

2.2. OS SERTÕES AMAZÔNICOS: DIMENSÕES TEMPORAIS

Dessa forma, embora a preocupação central deste trabalho não pretenda reconstituir a expansão colonial que definiu a ocupação portuguesa na região

²⁵⁹ UGARTE, *Ibidem*, p.182.

²⁶⁰ HOLANDA, S. Buarque. **Caminhos e Fronteiras**. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 77.

²⁶¹ *Ibidem*, p. 77

²⁶² PÁDUA, José Augusto. *op. cit.*, cit. p.94.

amazônica, acredito ser importante salientar que a busca de europeus por esse espaço possui sua própria historicidade. Além disso, é preciso atentar para o movimento de conformação territorial de um espaço caracterizado por suas fronteiras móveis.²⁶³ Logo, a partir da observação desse movimento de fronteiras, é possível vislumbrar o avanço do interesse europeu por uma região que, nas palavras de Costa, “só nas últimas décadas do XIX seria chamada de Amazônia.”²⁶⁴ Há, portanto, neste trabalho, uma preocupação em observar aspectos contínuos e descontínuos na forma como os europeus conceberam e apreciaram a realidade da Amazônia. Nesses termos, pode-se auferir que, se política e administrativamente as fronteiras da Amazônia portuguesa não eram as mesmas no lapso de tempo 1616 entre 1852, as rotas de viagens de Orellana, Pedro Teixeira e Alfred Russel Wallace não puderam ser planejadas e colocadas em prática sem observar a conformação física deste espaço, sem observar a importância da extensa e intrincada rede hidrográfica que, ao lado da imensa cobertura vegetal, constituíram a principal característica narrada por viajantes de vários períodos, como explicita Costa:

Se o conceito [Amazônia] aparece apenas nas últimas décadas do século XIX, a unidade física que lhe confere fundamento havia sido percebida já no século XVII, mesmo em seus traços gerais ainda imprecisos: uma extensa, volumosa, e intrincada rede hidrográfica, envolvendo, na verdade, mais de uma bacia, se oferecia como via de ocupação e de integração do continente aos domínios coloniais europeus.

As observações de Costa enfatizam, assim, que, embora experiências de viajantes europeus na região comportem distintos períodos, projetos políticos e mentalidades, a grandiosa dimensão dos rios da bacia amazônica era uma realidade sempre presente nos registros de exploradores europeus ao longo do tempo. Essa questão pode ser melhor ilustrada quando percebe-se que tanto os comandados de Francisco Orellana no século XVI quanto o naturalista Alfred Russel Wallace, em meados do século XIX, registraram sua admiração sobre o fenômeno do encontro das águas dos rios Negro e Amazonas. Sobre essas impressões escreveu o cronista da expedição espanhola quinhentista, frei Carvajal, em 1542:

²⁶³ COSTA, Kelerson Semerene. **Homem e Natureza na Amazônia Brasileira: Dimensões (1616-1920)**. Tese de Doutorado. Brasília: UNB, 2002, pp.13-14.

²⁶⁴ Conforme cita Costa, o historiador Evaldo Cabral observou o primeiro uso do termo “Amazônia” em 1888, pelo deputado paraense Mâncio Ribeiro. Tal expressão, segundo o autor, causou espanto no plenário da câmara “bem expresso na pergunta de um representante de Minas Gerais: ‘onde é essa Amazônia que o nobre deputado tanto tem falado?’” Ibidem, p.13. Portanto, o termo “Amazônia” surge com forte teor político num período em que se afirmavam as identidades regionais. Ibidem, p.13-14.

[...] prosiguiendo nuestro viaje, vimos en la boca de otro río grande, á la mano siniestra, que entraba en el que nosotros ybamos, el agua negra ó muy turbia, como de ciénegas ó laguna, é por esto llamamos Río Negro: el qual corria tanto é com tanta velocidade, que en más de diez leguas se diferenciaba la una agua de la outra [...]

Este mesmo dia [3 de junho] prosiguiendo nuestro viaje, vimos una boca de outro río grande a la mano sinistra, que entraba en el que nosotros navegábamos, el agua del cual era negra como tinta, y por estol e pusimos nombre del Río Negro [...] ²⁶⁵

A passagem acima retrata as primeiras impressões de que se tem notícia, feitas por um europeu, sobre as características físicas do afluente do rio Amazonas, conhecido por suas águas escuras. Alcançado pela expedição hispânica em junho de 1542, deve-se ainda a esse grupo de espanhóis seu batizado de “Negro”, nome que exultou sua mais visível característica – a cor de sua água. Tal atributo não impressionou apenas os expedicionários de Orellana. Em dezembro de 1849, Wallace, ao se deparar com o mesmo fenômeno, sublinhou sua surpresa ao ver a surpreendente mudança do tom da água ao redor de sua embarcação. A cor preta como tinta ressaltada pelos comandos de Orellana foi igualmente expressada pelo naturalista oitocentista, enfatizando ainda que a denominação “black river” lhe era muito apropriada:

In the morning we looked with surprise at the wonderful change in the water around us. We might have fancied ourselves on the river Styx, **for it was black as ink in** every direction, except where the white sand, seen at the depth of a few feet through its dusky wave, appeared of a golden hue. The water itself is of a pale brown colour, the tinge being just perceptible in a glass, while in deep water it appears jet black, and well deserves its name of Rio Negro “black river”. ²⁶⁶
[grifos meus]

Além desta dimensão, outra camada temporal salientada por Arthur Reis mostra que, entre os traços que permaneceram até meados do século XIX, há o fato de que no espaço amazônico, desde o período colonial, foram efetuados procedimentos especialmente rigorosos em relação à passagem de pessoas – inclusive dos próprios nacionais – pelos rios que vão até a bacia do rio Amazonas. ²⁶⁷ Segundo Arthur Reis, em decorrência dessa política, não havia a opção de circular livremente por alguns rios sem

²⁶⁵ UGARTE, Auxiliomar Silva. **Sertões Bárbaros**. Manaus: Valer, 2009, p.175.

²⁶⁶ WALLACE, Alfred Russel. **A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro**. Londres: Reeve and Co., 1853, p.163-164.

²⁶⁷ REIS, Arthur César. **A Amazônia e a Cobiça Internacional**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1982, p.65.

as devidas autorizações para determinados trechos. Essa precaução decorria do temor do governo central de que o contato desse espaço com as possessões vizinhas ameaçasse o sistema de monopólio do país colonizador. Nomeadamente, a Coroa temia durante o século XVIII o favorecimento do contrabando entre as várias regiões interiores do Brasil, regiões como Goiás e Mato Grosso²⁶⁸, onde se processou a exploração da riqueza mineral. Por essa razão, observa Reis, os rios “Madeira e Tocantins estiveram fechados ao tráfico”. Situação que foi apaziguada com a criação do Estado do Grão-Pará e Rio Negro em 1772²⁶⁹ – quando a produção de ouro no Brasil já havia entrado em franco declínio desde 1760 e o Marquês de Pombal (1750-1777) promoveu novas instruções que estabeleceram melhores relações interiores de comércio e comunicação, as quais permaneceriam até iniciar-se o século XIX. Tais determinações almejaram avivar as relações mercantis entre o Norte e Lisboa por meio do incentivo da produção agrícola de produtos como cacau, café, arroz e algodão. Com isso, a comunicação com Mato Grosso e Goiás pelo Madeira e pelo Tocantins passaram a ganhar mais intensidade, promovendo-se “segurança aos que a realizavam, através de estações ao longo dos dois rios para socorro e abastecimento das monções.”²⁷⁰ Ainda no início do século XIX, havia o processo de “linhas de correio para o interior e capitânicas vizinhas, fomento ao criatório no Marajó, reaparelhamento das forças militares.”²⁷¹

No entanto, é preciso frisar que até 1823²⁷² a Amazônia portuguesa era o único trecho do Brasil no qual se mantinha ligação direta com a metrópole, e, também, a

²⁶⁸Sobre este aspecto, esclarece Kenneth Maxwell: “À medida que as negociações entre Madri e Lisboa progrediam durante a década de 1740, os marcos topográficos evidentes, tais como rios e montanhas, foram aceitos, de modo geral, como meios de delinear as fronteiras. Os portugueses possuíam dois pontos de barganha importantes. Além de controlar o forte de Colônia do Sacramento, a região ocidental de mineração portuguesa, onde hoje se encontra o estado do Mato Grosso, havia sido integrada administrativa e economicamente à região costeira do Norte do Brasil por meio de rotas de transporte e de comunicações fluviais que corriam ao longo dos rios Guaporé, Mamoré e Madeira e da bacia ocidental do Amazonas.” MAXWELL, Kenneth. **Marquês de Pombal: paradoxo do Iluminismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 186.

²⁶⁹ Conforme Fabiano Vilaça Santos: “O Estado do Grão-Pará e Maranhão (composto pelas capitânicas do Pará, Maranhão, Piauí e Rio Negro) foi criado em 1751 e desmembrando em 1772/1774, dando origem a duas unidades distintas: o Estado do Grão-Pará e Rio Negro e o Estado do Maranhão e Piauí, ambos subordinados à Lisboa [...]” p.13. SANTOS, Fabiano Vilaça. **O governo das conquistas do norte: trajetórias administrativas no Estado do Grão-Pará e Maranhão (1751-1780)**. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2008, p. 13.

²⁷⁰ REIS, Arthur. Cap. I: O Grão-Pará e o Maranhão. In: HOLANDA, Sergio B. **História Geral da Civilização Brasileira**. Vol. 4: Dispersão e Unidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p.88.

²⁷¹ *Ibidem*, p.88.

²⁷² Para entender esse aspecto é preciso observar que quando o Estado do Brasil foi elevado a Reino Unido a Portugal e Algarves, em 1815, esse processo quase não alterou a configuração social do Estado do Grão-Pará e Rio Negro; e quando, após a revolução do Porto, D. João VI e sua Corte retornaram a Portugal, as elites locais do Grão-Pará restabeleceram os antigos laços de dependência com Portugal, ignorando, dessa forma, a Regência de Pedro I que ficava no Rio de Janeiro. Assim, quando, em 1822, o

última possessão do Império a reconhecer a legitimidade de Pedro I como soberano, bem como a autonomia política do Brasil. Ao se inquirir sobre os traços contínuos desse processo, observa-se que a questão da independência político-administrativa do Grão-Pará remonta a meados do século XVII, quando o governo central português, alegando a defesa do território de incursões estrangeiras, observou a necessidade de criação de duas unidades administrativas independentes entre si, surgindo assim o Estado do Maranhão e o Estado do Brasil, como supracitado. Somam-se a essas dimensões, condicionantes físicos, pois o governo colonial considerou que os regimes dos ventos favoreciam a navegação à vela da Europa até o Maranhão de forma mais rápida do que se observou para o resto da colônia.²⁷³ Como foi mencionado acima, tal isolamento foi reforçado no primeiro quartel do século XVIII, por conta do desenvolvimento da atividade mineradora, situação revogada somente 20 anos depois, quando o governo central decidiu incrementar as trocas econômicas entre as capitanias de Mato Grosso e o então Estado do Grão-Pará e Maranhão. Porém, até o Segundo Reinado, o governo central continuava a atuar em relação ao vale amazônico de forma restritiva quanto à passagem de estrangeiros pelo rio Amazonas, postura que perdurou até 7 de setembro do ano de 1866, data em que Pedro II promulgou o decreto de lei que abriu o rio Amazonas à navegação estrangeira nos seguintes termos:

No intuito de promover o engrandecimento do império, facilitando cada vez mais as suas relações internacionais, e animando a navegação e o comércio do Rio Amazonas e seus afluentes, dos rios Tocantins e São Francisco, ouvindo o meu Conselho de Estado hei por bem decretar. 1º Ficará Art. Ficará aberta, desde o dia 7 de setembro de 1867, aos navios mercantes de todas as nações a navegação e o comércio até a fronteira do Brasil, do rio Tocantins até Cametá, do Tapajós até Santarém, do Madeira até Borba, e do rio Negro até Manaus. Art. 2º Na mesma data fixada no art. 1º ficará igualmente aberta a navegação do rio São Francisco até a cidade de Penedo. Art. 3º A navegação dos afluentes do Amazonas, na parte em que só uma das margens pertence ao Brasil, fica dependendo de prévio ajuste com os outros Estados ribeirinhos sobre os respectivos limites e regulamentos policiais e fiscais.²⁷⁴

Estado do Brasil tornou-se independente de Portugal, o Estado do Grão Pará continuava fortemente ligado à Coroa portuguesa e sua situação política, social e econômica transcorria independentemente do Estado do Brasil. Situação que perdurou até 1823, quando tropas militares e naus de guerra - sob o comando do capitão inglês John Greenfell - determinaram, pela força das armas, a anexação do Estado do Grão-Pará ao Brasil.

²⁷³ DONGHI, Halperin. **História da América Latina**. São Paulo: Paz e Terra, 2005, p.48-49.

²⁷⁴ BASTOS, Tavares A. C. **O Vale do Amazonas: a livre navegação do Amazonas, estatística, produção, comércio, questões fiscais do vale do Amazonas**. 3ª Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1975.

Esses pontos levam não apenas a pensar que o extremo norte brasileiro era tratado de forma distinta dos seus vizinhos da costa pela Coroa portuguesa²⁷⁵ desde o período colonial mas, também, tornam possível afirmar que tal afastamento definiu os contrastes entre a diminuta população do “Sertão” do Vale do rio Amazonas e a população litorânea. Conforme Ilmar Mattos, a rarefação populacional em um vasto território provocou nas autoridades dos centros de poder do Brasil “uma nova classificação” que distinguia “os habitantes do Litoral dos demais do ‘Sertão.’”²⁷⁶ Esta caracterização derivava dos desdobramentos da atividade mercantil colonizadora, ocorrida por meio da agroindústria do açúcar e do café – além da atividade pastoril que as complementavam – as quais comandaram em larga medida a concentração de grupos humanos, até pelo menos os séculos XVI e XVIII, na faixa de terra entre a serra e o mar.²⁷⁷ Assim, segundo Mattos, os engenhos se concentraram nas zonas das matas, “enquanto os currais ocupavam as áreas de campos naturais” e podem ser considerados “verdadeira retaguarda dos engenhos.”²⁷⁸

Com a irrupção de rotas que levassem até as regiões mineradoras, foi processado, segundo o autor, “o rompimento da barreira da serra, que parecia aprisionar os grupos humanos no litoral”.²⁷⁹ Logo, a atividade mineradora faz par não apenas com a intensificação do povoamento na parte centro-sul do país, mas, também, com outras dinâmicas que modificaram sobremaneira o meio natural e as relações sociais, tais como: a consolidação de “fazendas onde a produção de gêneros de subsistência e mesmo de cana-de-açúcar destinava-se ao abastecimento da cidade e dos viajantes e das tropas que por eles transitavam”²⁸⁰; e a abertura de rotas de comunicação entre a serra e o mar, destinadas à mobilidade de minérios, à produção agrícola e às pessoas.

Por outro lado, com a chegada da Corte portuguesa ao Brasil, observa-se que tais dinâmicas econômicas e de distribuição populacional serão associadas a transformações de ordem política, gestadas pelos interesses metropolitanos no “Sudeste”, que puseram em destaque o papel da cidade do Rio de Janeiro em vários aspectos: o primeiro, relativo ao acelerado crescimento populacional experimentado pela cidade, mesmo após o regresso da Família Real a Portugal. Tal fenômeno pode ser explicado pelo

²⁷⁵ Note-se que o Marquês de Pombal envia seu próprio irmão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, para comissionado do Norte e da bacia amazônica em meados século XVIII.

²⁷⁶ MATTOS, Ilmar R. **O tempo de Saquarema**. Rio de Janeiro: ACCESS, 1994, p.32.

²⁷⁷ Ibidem, p.39-40.

²⁷⁸ Ibidem, p.40.

²⁷⁹ Ibidem, p.40.

²⁸⁰ Ibidem, p.40.

“aprofundamento das funções que a cidade exercia”, como nova sede do Reino Unido, a qual: “tornava-se ponto de encontro de burocratas e militares, de negociantes e capitalistas, de nobres e delegações diplomáticas; a todos eles logo se agregariam os plantadores escravistas.”²⁸¹ Outro ponto salientado por Mattos demonstra que a intensificação do comércio foi estabelecida graças tanto à extinção do monopólio comercial como à necessidade de abastecer um imenso contingente populacional de um núcleo urbano que crescia vigorosamente. Para atender tal demanda, foram criados vários melhoramentos nas vias de comunicação do interior, cujas rotas convergiam para o Rio de Janeiro.

O trabalho de Mattos suscita, dessa forma, uma importante ideia sobre a relação entre a mobilidade de grupos humanos, as formas de comunicações do país - terrestre, fluvial e marítima - e as dinâmicas econômicas que criaram a “individualização” do “Sudeste” em relação às outras regiões do país. Por certo, aos que não se integravam a essa dinâmica de produção, os habitantes do “Sertão”, restava o julgamento de barbárie, em oposição à população do Litoral caracterizada por uma civilização. Um contraste demonstrado também pela precariedade das vias de comunicação do interior do país, que segundo o autor:

[...] em meados do século, no momento em que eram construídas as primeiras ferrovias e rodovia na Província do Rio de Janeiro e os vapores começavam a ligar de modo regular as capitais provinciais litorâneas à Corte, eram gastos ainda três meses para ir do Rio de Janeiro à capital da Província de Goiás e cerca de cinco para atingir a de Mato Grosso; e embora já se utilizassem barcaças e outros tipos de embarcações para a navegação fluvial, o lombo das mulas ainda era o meio de transporte mais difundido, para mercadorias e pessoas – penosamente!²⁸²

Por seu turno, Nelson Sanjad, retomando alguns aspectos sobre a individualização regional no Brasil, observa a importância do processo político da primeira década do Oitocentos para a definição de distinções entre “Norte” e “Sul”. Para Sanjad, o Rio de Janeiro, ao tornar-se o centro político e o polo de atração de investimentos do Reino Unido, gerou uma desconstrução do plano político desenhado pelo governo metropolitano em relação ao seu império colonial da América. Segundo o autor, se, no período colonial, o Grão-Pará era elencado como uma unidade administrativa prioritária para a Coroa, com a transferência da Corte, o plano de fazer de Belém uma metrópole colonial começa a se fragmentar “primeiro em razão dos pesados

²⁸¹ Ibidem, p.48.

²⁸² Ibidem, p.33.

impostos criados para o financiamento das obras de infraestrutura na nova capital do Império [...] depois em razão das alianças entre a corte e as elites regionais do sudeste”.²⁸³ Se, anteriormente, as obras de urbanização e a fundação de instituições técnicas e científicas em Belém demonstravam que havia investimentos portugueses regulares nesse espaço, a partir da instalação da Corte no “Sudeste” do Brasil, houve uma abrupta queda dos recursos destinados à manutenção do antigo Estado:

Em primeiro lugar, observa-se a falência do complexo comercial-científico em Belém, com a transferência das plantas para o Rio de Janeiro, o abandono do Jardim Botânico, a eliminação das plantações de canela [...] nenhuma obra pública de vulto foi realizada e não houve investimentos significativos em educação e saúde.²⁸⁴

Tal contraste entre “Sertão” e “Litoral” pode relacionar-se ainda com experiências históricas em que às divisões geográficas carregam grande força simbólica. Para Nísia Lima, essa distinção possui correspondência com o processo de expansão da fronteira civilizada para lugares tidos como desconhecidos. Assim, ao se pensar em fronteira, logo se deve remeter ao sertão, primeiramente, como espaço simbólico cujos contornos geográficos são difíceis de delimitar. Essa afirmação vale, sobretudo, para o espaço brasileiro no qual se revela a existência de vários sertões. Diferentemente do que ocorreu na expansão para oeste dos Estados Unidos da América – que se deu a partir da universalização do núcleo puritano –, a mobilidade de grupos humanos no Brasil implicou em “uma simbiose de paisagens, pessoas e culturas.”²⁸⁵ Por sua vez, Erivaldo Neves enfatiza que, embora o conceito de sertão seja mais intensamente associado a uma região específica – o Nordeste – há “ainda o sertão amazônico, distinto de todos”²⁸⁶ os outros Sertões. Nesse sentido, para além de uma categoria usada para exprimir um espaço específico, não se pode esquecer seus desdobramentos revelados pelos “fatores intervenientes específicos na formação social” e por suas “respectivas circunstâncias ambientais.”²⁸⁷

²⁸³ SANJAD, Nelson. Ciência e poder imperial no Grão Pará. In: KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloisa. **Ensaio de História das Ciências no Brasil: das Luzes à nação independente**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012. p.233.

²⁸⁴ Ibidem, p.235.

²⁸⁵ LIMA, Nísia Trindade. **Um Sertão Chamado Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1998, p.43.

²⁸⁶ NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão Recôndito Polissêmico e Controvertido. In: KURY, Lorelai (org.) **Sertões Adentro: Viagens nas Caatingas: Séculos XVI a XIX**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson, 2012, p.39.

²⁸⁷ Ibidem, p.39.

Ao indagar sobre esses aspectos, Sampaio²⁸⁸ enfatiza que o conceito de “Sertão”, voltado à Amazônia, para além de se relacionar com a distância espacial, enfatiza a ideia de uma sociedade apartada da civilização. Assim, ao se caracterizar “Sertão” como um lugar selvagem, inóspito e bravio, também se definiu seus moradores como “feras, selvagens, bárbaros.”²⁸⁹ Daí, o desenvolvimento da imagem para a região amazônica durante o século XVIII de um espaço a ser desbravado, ocupado e cultivado. Por outro lado, o sertão amazônico não era apenas o lugar de grande distância do reino e das vilas, mas, também, pensado como reserva. Segundo Sampaio,

[é] fonte de produtos e matérias primas úteis, necessárias à subsistência e ao comércio. O rio Madeira é definido como paiol dos pobres e remédio para pobreza devido à sua enorme abundância de cacau. Os sertões do Tocantins e do Xingu abundam de pau cravo assim como os sertões do Negro eram fertilíssimos em salsa, piaçava e outros produtos. Entre inúmeros exemplos a citar (de resto, tão abundantes quanto são os rios e seus sertões), foi o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira quem sintetizou a importância do sertão como reserva: “Neste Estado, digo eu, a riqueza ou pobreza das povoações pende da riqueza ou pobreza do mato”.²⁹⁰

Uma reserva não apenas de produtos úteis, mas, também, de mão-de-obra indígena. Assim, junto às descrições de produtos, as narrativas e relatórios do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira mencionavam constantemente a abundância de indígenas em todo o vale: “os sertões do rio Iça, Japurá, Ixié, Uapés e Içana são viveiros de índios. Nas terras do rio Arinos, existiam tanto pau cravo e a salsa com o gentio.”²⁹¹ Pode-se ilustrar, ainda, tal associação por meio do relato do Frei José Monteiro de Noronha, escrito em plena vigência das reformas pombalinas (1768), no seguinte trecho: “Havendo, pois, de se fazer viagem da cidade do Pará para o sertão do Amazonas e Rio Negro”, encontra-se “cacau, cravo, salsaparrilha, óleo de copaíba, café, açúcar, tabaco, algodão e couros, que passam por trato a Portugal.”²⁹² Mais adiante, o Frei conclui: “Há no rio Madeira muito cacau e gentio.”²⁹³ Pode-se auferir desses relatos que a colonização europeia na região amazônica não apenas decorreu da exploração e do reconhecimento das potencialidades de seus recursos naturais, como também das

²⁸⁸ SAMPAIO, Patrícia Melo. **Espelhos Partidos: etnia, legislação e desigualdade na colônia. Sertões do Grão-Pará, 1755-1823.** Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2001, p.30.

²⁸⁹ Ibidem, p.31.

²⁹⁰ Ibidem, p.33.

²⁹¹ Ibidem, p.33.

²⁹² NORONHA, José Monteiro. **Roteiro da Viagem da Cidade do Pará até as últimas Colônias do Sertão da Província (1768).** Introdução e Notas: Antônio Porro. São Paulo: EDUSP, 2006, p.22.

²⁹³ Ibidem, p.42.

próprias especificidades da ocupação de grupos humanos da região que determinaram, por vezes, as peculiaridades de suas estruturas econômicas e sociais. Como explicita mais uma vez Sampaio, a forte procura por mão-de-obra indígena na região do Baixo Amazonas no início do século XVIII era paralela ao comércio do cacau. Uma vez esgotado o fornecimento de indígenas na zona que vai de Belém ao Tapajós, “missionários e colonos penetraram cada vez mais longe nos sertões, em busca de índios [...]”²⁹⁴

É nesse sentido que Arthur Reis caracterizou a cidade de Belém, no Grão-Pará, como a “célula” da expansão portuguesa na região amazônica, já que nela se concentraram ao mesmo tempo “as flotilhas que subiram e desceram rios no negócio das drogas do sertão”²⁹⁵ e todos os serviços públicos e planos urbanos desde os séculos XVII e XVIII, dando contornos definitivos às dinâmicas econômicas processadas na região amazônica. Pode-se ilustrar esse processo por meio de algumas das gravuras realizadas pelo francês Riou as quais testemunharam a importância de Belém para a região:

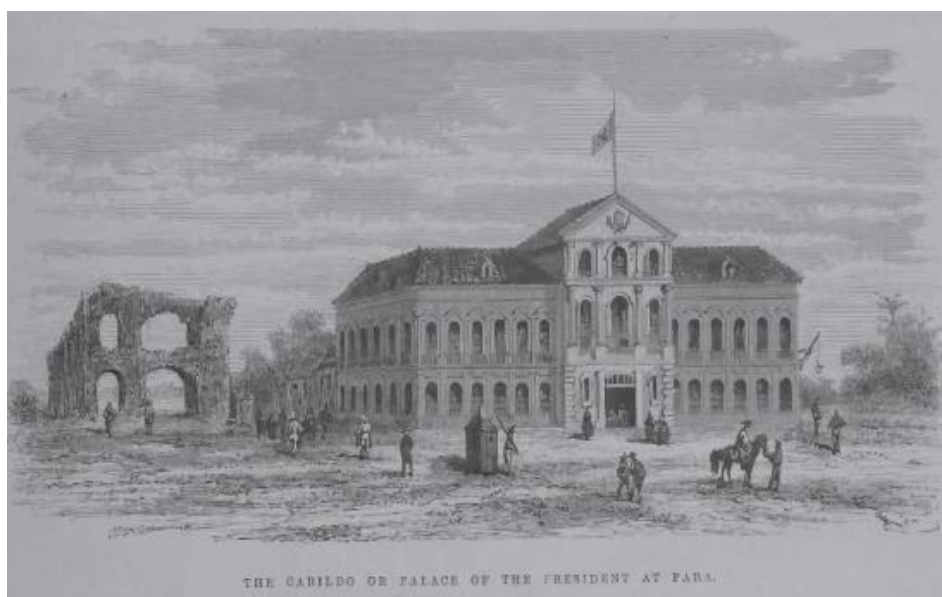


Figura 1: Palácio do Presidente da Província do Grã-Pará no século XIX. Desenho de autoria do famoso gravurista Edouard Riou, que ilustra a edição da narrativa de viagem do explorador francês Laurent Saint-Cricq, conhecido como Paul Marcoy, quando de sua passagem pela Amazônia em 1846. Fonte: Paul Marcoy, 1847.

²⁹⁴ SAMPAIO, op. cit., p.38.

²⁹⁵ REIS, Arthur César. **Tempo e Vida na Amazônia**. Manaus : Ed. do Governo do Estado do Amazonas, 1965 (Série Alberto Torres, 3), p.70.

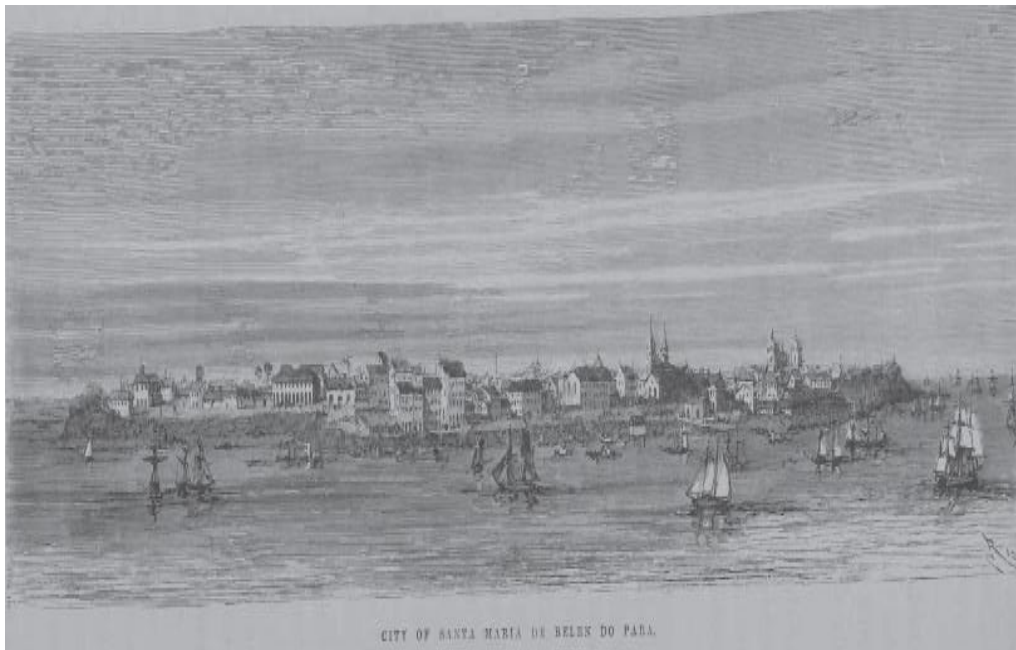


Figura 2: Ilustração de Santa Maria de Belém do Pará, de autoria do famoso gravurista Edouard Riou que ilustra a edição da narrativa de viagem do explorador francês Laurent Saint-Cricq, conhecido como Paul Marcoy, quando de sua passagem pela Amazônia em 1847.

Tal especificidade foi observada por Martius entre 1819-1820, na seguinte passagem:

Gaba-se Pará de primar sobre todas as outras cidades do Brasil quanto ao número de artigos de exportação, e, de fato, montam a não menos de 40. São açúcar, cachaça, melado, café, cacau, baunilha, algodão, balsamo de copaíba, estopa, alcatrão, copal, pau amarelo (tatajuba, guriúba), mui finas madeiras de marcenaria [...] madeiras de construção, fumo, piaçava, salsaparrilha, tapioca, arroz, goma [...] canela, cravo[...]anil, urucu, castanhas do Maranhão e pequenas quantidades de canela e cravo da Índia, noz-moscada, guaraná [...] **Apenas a menor parte desses produtos [...] é cultivada nas vizinhanças da capital; a maioria vem do interior, que aqui é designado com o nome de sertão.** O comércio de Pará depende, portanto, principalmente dos artigos que recebe dos lugares mais ativos do interior da Província: Cameté, Gurupa, Santarém e da província do Rio Negro.²⁹⁶ [grifos meus]

Esses fatores não apenas demonstram processos descontínuos de ordem política e administrava de um domínio imperial de dimensões continentais mas, sobretudo, identificam a centralidade do Pará, como ponto de entrada nos “sertões amazônicos” para instituições e agentes que incrementaram ligações e caminhos, materiais e mentalidades alinhadas a projetos econômicos e ou civilizatórios.

²⁹⁶ SPIX e MARTIUS. **Viagem pelo Brasil**. Vol. 3 São Paulo: Itatiaia, 1981, p.32. Em virtude da minha falta de domínio da língua alemã, não foi possível trabalhar com os textos no idioma original de Spix e Martius. Por isso, optei pela versão traduzida para o português a qual utilizei em todas as minhas análises sobre os naturalistas bávaros.

2.3. NAVEGAR É PRECISO: RELAÇÕES MATERIAIS E TRABALHO DE CAMPO

Logo, pode-se afirmar que tanto a mobilidade das pessoas quanto investimentos em projetos de modernização urbana e portuária, bem como obras de engenharia, podem estar associados a projetos políticos e econômicos de dado cenário mundial. Assim, explica-se o volume de investimentos em infraestrutura comunicacional que alcançaram o vale do Amazonas e definiram outros núcleos urbanos na região, que passaram a rivalizar com Belém – Manaus e Rio Branco –, a partir da segunda metade do século XIX. Primeiro, instituindo linhas regulares de transporte fluvial movidas a vapor e, depois, abrindo a concorrência comercial e a navegação do Amazonas a estrangeiros – como no supracitado decreto de 1866 – e projetando vias de ligações ferroviárias para o extremo norte.²⁹⁷ Embora tais intervenções demonstrem o claro objetivo do Império Brasileiro em promover a integração territorial e política do extremo norte – e “derrotar a clausura do Amazonas” –, o volume de capital empregado demonstra que as melhorias em mobilidade relacionavam-se também com demandas econômicas.

Como salientou o estudo de Marcos Gregório, até que a abertura do canal do Panamá fosse realizada, em 1914, a única forma possível de comunicação dos países andinos com a Europa e a América do Norte era através do Cabo Horn. Uma viagem considerada longa e dispendiosa, dadas as características climáticas dessa região, as quais, não raro, levavam muitos navios ao naufrágio e à perda total de mercadorias. Nesse sentido, governos e negociantes dos países andinos, europeus e norte-americanos cogitavam que a navegação do Rio Amazonas se apresentasse como uma alternativa de ligação entre o Pacífico e o Atlântico mais segura e menos custosa para o escoamento da produção andina, tornando as mercadorias mais competitivas por meio do abatimento de gastos de frete e seguro de viagem.²⁹⁸

Outra razão se relaciona com a crescente valorização da borracha no mercado internacional, a partir das últimas décadas do século XIX, determinada pelas novas exigências técnicas do processo industrial. Conforme lembra o estudo de João Oliveira, desde os primeiros tempos de contato, o látex extraído das seringueiras (*Hevea Brasilienses*, árvore produtora de látex, cujo *habitat* natural concentra-se na região amazônica) já despertava a curiosidade europeia, pois há registros dos usos da goma

²⁹⁷ Sobre a inconclusa rede ferroviária Madeira-Mamoré ver HARDMAN, Francisco Foot. **Trem Fantasma, modernidade na Selva**. São Paulo Cia das Letras, 1988.

²⁹⁸ Cf. GREGÓRIO, Vitor Marcos. O Progresso a vapor: navegação e desenvolvimento na Amazônia do século XIX. In: **Revista Nova Economia**. Belo Horizonte, janeiro-abril/2009.

elástica por indígenas que datam períodos anteriores ao século XVIII.²⁹⁹ Entretanto, com a descoberta do processo de vulcanização e, mais tarde, a invenção do pneumático – as quais se ligam ao aperfeiçoamento técnico das linhas de produção industrial –, surge nas florestas amazônicas o primeiro produto, conforme salienta José Augusto Pádua, “com grande potencial para produzir renda e acumulação na economia-mundo capitalista”³⁰⁰: a borracha.³⁰¹

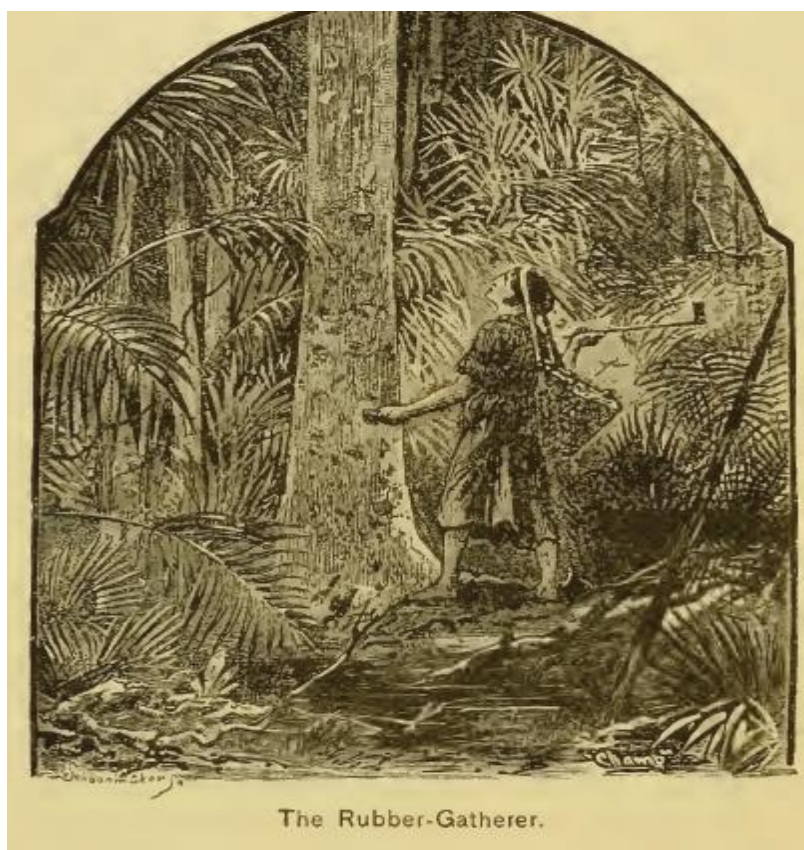


Figura 3: Representação do processo de beneficiamento da seiva extraída do tronco da “india-ruber” (seringueira) ou *Hevea Brasilienses*. Fonte: Smith, 1879

²⁹⁹ OLIVEIRA, João. A luta pela borracha no Brasil e a História ecológica de Warren Dean. In: **Revista Territórios e Fronteiras**. Vol. 3 N. 2 jul/dez 2010. Para saber sobre as descrições europeias a respeito da borracha, ver TOCANTINS, Leandro. **Amazônia, Natureza, Tempo e Homem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p.91.

³⁰⁰ PÁDUA, José Augusto. Biosfera, história e conjuntura na análise da questão amazônica. In: **História, Ciências, Saúde. Manguinhos**. Vol. VI, setembro/2000, p.803 Conforme observa Barbara Weinstein, “[...]a economia extrativa [da Amazônia] era altamente sensível a flutuações do mercado e a competidores mais eficientes; apenas quando a Amazônia deteve o quase monopólio de uma mercadoria de alta valorização é que foi lucrativo coletá-la em grande quantidade.” Ver WEINSTEIN, Barbara. **A Borracha na Amazônia: Expansão e Decadência (1850-1920)**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

³⁰¹ Conforme observa Tocantins, da borracha, que é produto da árvore da seringa, nasceu o seringal, “espaço físico-social onde se erguem, dispersas pela floresta, as espécies vegetais da borracha. E do seringal, o seringueiro, homem que se associa à planta, para explorá-la”. TOCANTINS, op. cit., p.100.

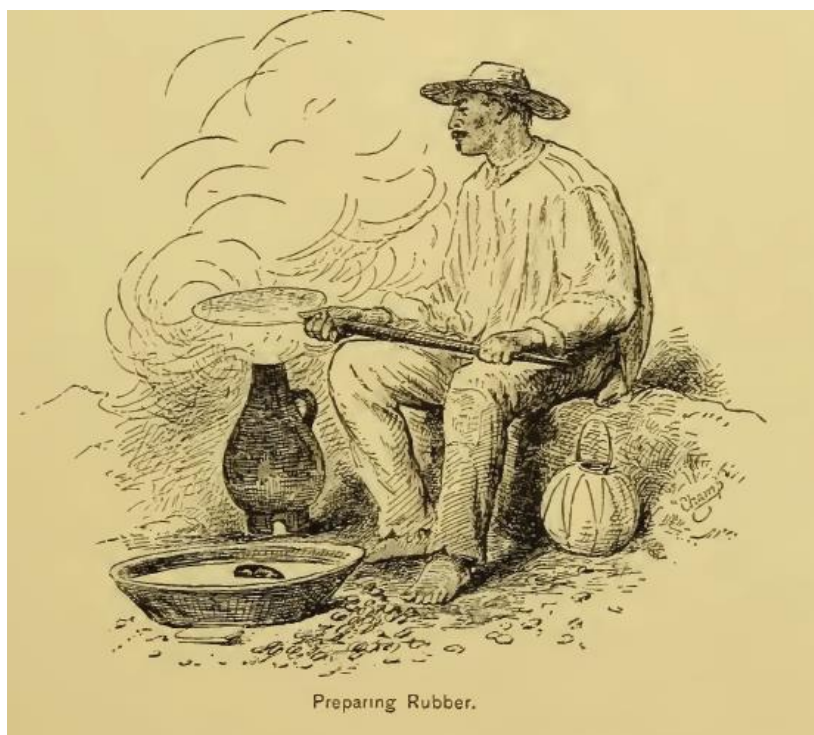


Figura 4: Ilustração sobre o processo de preparação da borracha. Fonte Herbert Smith, 1879.

Antes desse momento, deve-se sublinhar, ainda, que até a primeira metade do século XIX a configuração social e econômica era outra. Como se observou acima, a chegada de europeus na região amazônica, bem como os processos de ocupação e apropriação dos recursos naturais, obedeceu a um padrão distinto do que se observou no litoral brasileiro. Enquanto, no litoral, a exploração da monocultura (açúcar, café) e a concentração demográfica promoveram tanto a dramática devastação da Mata Atlântica³⁰² quanto à dispersão de grupos indígenas para o interior do Brasil, na Amazônia, a baixa densidade populacional e uma economia assentada na extração de vários produtos florestais – entre os quais, considerava-se o cacau silvestre ou bravio como o gênero mais lucrativo coletado e/ou cultivado³⁰³ pela mão de obra indígena –,

³⁰² PÁDUA, op. cit. p.794. Conforme Ab'Saber, apenas a cultura do cacau no sul da Bahia foi introduzida sem a eliminação completa da cobertura florestal. Cf. Ab'Saber. **Os domínios da natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 24. Ver também: PÁDUA, José Augusto. **Um Sopro de Destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

³⁰³ Segundo Santos: “A emergência do chamado ‘ciclo agrícola’ da Amazônia ocorreu no século XVIII. Produzia-se cacau, café, algodão, cana-de-açúcar, etc. Em 1710 tinham-se introduzido arados no Xingu, técnica também adotada depois no Marajó. Durante uns bons anos do ‘ciclo’, porém, a Amazônia permaneceu uma economia praticamente sem contacto com os grandes mercados coetâneos. Um ou dois navios por ano tocavam o porto de Belém no princípio do século XVIII, e quando ancoravam, o transporte da carga pagava fretes escorchantes, o triplo do que se exigia em Recife e Salvador para o transporte do açúcar a Portugal, mais de 100% sobre o valor FOB das mercadorias embarcadas [...] só quando o cacau amazônico se tornou um produto de peso é que se começou a verificar a maior regularidade no transporte marítimo...Esse reforço sobreveio na época de Pombal, com a instalação da

não efetuaram formas de intervenção tão drásticas no ambiente florestal³⁰⁴ quanto às reveladas pela economia costeira. No entanto, a luta efetuada entre colonos e jesuítas pelo monopólio de aldeamentos indígenas, que culminou na expulsão da Companhia de Jesus pelo Marquês de Pombal, demonstra a importância dos produtos extraídos do vale amazônico para a Coroa Portuguesa. Em outras palavras, embora a economia extrativa não tenha superado os lucros da monocultura ou da mineração³⁰⁵, ainda assim, ela impulsionou interesses externos e locais o bastante para levar alguns navios mercadores a cruzar o Atlântico com destino ao porto de Belém, para transportar até o velho mundo as matérias fruto da penetração e das lutas de vários grupos humanos nos “sertões amazônicos”.³⁰⁶ Movimento que aumentou continuamente durante a última década do século XVIII e a primeira década do século XIX, quando foi decretada a abertura dos portos a partir da nova configuração política, como revelou o naturalista bávaro Martius na seguinte nota:

IV. Para mais rigoroso conhecimento da importação e exportação do Pará, servem os seguintes dados, que agradeço à bondade do cônsul britânico em Pará, o Sr. H. Dickinson: A Inglaterra recebe especialmente do Pará: algodão, cacau, café, salsaparrilha, castanhas-

Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão (1755-1778). Consolidando o contato entre a região e os mercados da Europa pela rota marítima que ligava Belém a Lisboa, e introduzindo o escravo africano capaz de substituir o índio esquivo, logrou a Companhia montar uma organização produtiva importante em escala regional. Não ainda como avaliar até que ponto essa organização seria superior à dos missionários, com quem Pombal entrou em choque e empreendeu sua famosa luta. Tudo indica, porém, que a agricultura foi a principal atividade incentivada, oferecendo uma alternativa ou ao menos um complemento expressivo à coleta primária das ‘drogas do sertão’. Durante os vinte e poucos anos de funcionamento da Companhia, o cacau representou, em média 61% das exportações da Amazônia para Portugal; o café cerca de 10%; o cravo, 11% [...] Apesar disso, não há provas concludentes de que a lavoura cacauzeira haja superado a pura atividade extrativa do fruto.” SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. **História Econômica da Amazônia: 1800-1920**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980, p.16-18.

³⁰⁴ No entanto, pode-se afirmar que a devastação foi mais dramática do ponto de vista demográfico. Bessa Freire observa que, entre os séculos XVI e XVII, período das primeiras viagens exploratórias pelo rio Amazonas, os europeus se depararam com uma grande diversidade de línguas faladas na região. Conforme cita o testemunho de Acuña, “passa[vam] de 150, todos de línguas diferentes.” FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p.49) Registros que foram ampliados na medida em que os europeus penetraram o território. Embora estudos mais recentes tendam a superestimar o número de línguas que eram faladas na América do Sul para cerca de 1.500 línguas, sendo 718 delas faladas somente na região que hoje corresponde à Amazônia brasileira, dados históricos sobre as primeiras penetrações portuguesas dão conta de uma estimativa de 1.273 línguas indígenas no território brasileiro, das quais pelo menos 495 eram faladas na Amazônia brasileira. Alguns estudos demográficos chegam a apontar que no século XVI a população chegava a 1 milhão de indivíduos. Neste ponto, é preciso enfatizar que os europeus não lidaram apenas com “a geografia, plantas e animais e seus diferentes ambientes; tiveram que se relacionar com seres humanos organizados nas mais diferentes sociedades, portadores das mais diversas línguas e dos mais diversos costumes, praticantes das mais variadas religiões.” UGARTE, op. cit., p.389-390.

³⁰⁵ SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. **História Econômica da Amazônia: 1800-1920**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

³⁰⁶ Sobre a questão das fortunas na região, ver SAMPAIO, Patrícia. **Os Fios de Ariadne: Tipologia de Fortunas e Hierarquias Sociais em Manaus – 1840-1880**. Manaus: EDUA, 1997, pp-142-143; LEONARDI, Victor. **Os Historiadores e os Rios**. Brasília: Paralelo, 1999.

do-maranhão, pau-amarelo, couro de boi, e manda em troca artigos de algodão, de linho, presunto, bacalhau, sal, manteiga[...] O comércio entre Pará e Portugal havia aumentado continuamente nos últimos decênios do século passado e nos primeiros deste; mas, depois que o rei de Portugal se instalou no Rio de Janeiro e promulgou a liberdade dos portos, passou grande parte desse comércio para a Inglaterra, o que fica provado pela grande quantidade de navios ingleses no porto.³⁰⁷

Como outros lugares costeiros, o porto de Belém, a partir da abertura dos portos, era especialmente “povoado” por navios ingleses que detinham privilégios comerciais concedidos pelo governo português. Contudo, além dos ingleses, navios de várias nações também aportaram no Pará, como revela o norte-americano W. H. Edwards em 1846:

Anchored about us were vessels of various nations and strange-looking river craft, under whose thatched roofs whole families seemed to be living, and upon which green parrots and macaws were clambering and screaming. Canoes, bound to the market, were constantly passing, loaded with all kinds of produce[...] At about nine o'clock the doctor of the port visited us; and soon after an official of the custom-house examined our passports, and left with each of us a notification to present ourselves, within three days, to the chief of police, and to obtain from him a license of residence. We were then pronounced at liberty to go on shore. It was low tide, and, as no wharves run out for the convenience of vessels, were obliged to land at the market-place, the Punto de Pedras, a long narrow pier. It would be impossible to conceive a more utterly novel tableau than here broke upon us. It was an introduction, at once, to half that was curious in the city. Files of canoes skirt the whole length of the pier, high and dry above the water. The more fortunate occupants who have sold their wares are variously engaged: some sleeping; others preparing their morning meal; others combing and arranging their luxuriant tresses for even an Indian woman has a little vanity; and others, the most of all, chattering with their neighbours, or screaming in shrill tones to friends on shore. Here are negroes of every shade of colour, from the pure Congo to the almost pure white; some buying, some selling. There stands one, with his basket of coarse cotton-cloth and his yard stick; and close by an old wench is squatted by a pot of yellow soup, the extract of some palm-nut. **Here are strings of inviting fish, and piles of less captivating terrapins; coarse baskets, filled with Vigia crabs, the best in the world; and others of palm-leaves, fashioned like a straw reticule, are swelled out with the delicious snails. Monkeys, fastened to clogs, entice you to purchase them by their antics; and white herons, and various other wild birds³⁰⁸ [Grifos meus]**

³⁰⁷ MARTIUS, op. cit. p. 48.

³⁰⁸ EDWARDS, William H. **A Voyage Up the River Amazon, including a residence at Pará.** London: John Murray, 1847, p.5.

As impressões acima são do norte americano William Edwards, cuja narrativa de viagem pelo norte do Brasil – *Voyage up the River Amazon* – ficou conhecida por ter inspirado a empreitada dos naturalistas Bates e Wallace pela Amazônia. Na ocasião, Edwards destaca que sua ligação familiar com o Cônsul dos Estados Unidos da América em Buenos Aires, o qual visitou o Norte do Brasil subindo o Amazonas até o ponto em que, para o seu conhecimento, nenhum americano havia estado antes, facilitou seu anseio de conhecer a natureza tropical da América do Sul e observá-la, sem as pretensões do estudioso de gabinete em história natural, mas de forma a mostrar as vantagens de trabalhar e coletar na região. Suas notas, embora demonstrem sua clara intenção de completar trajetos de outros viajantes, dão conta também do cotidiano das viagens, das relações materiais e humanas do viajante com o lugar que visitou. Essas relações mostram de que forma exploradores percebiam o meio e interagiam com certas estruturas. Os grifos da citação acima não chamam a atenção apenas por retratarem como eram realizados os procedimentos oficiais, como, por exemplo, visto de passagem e inspeção “sanitária” pelos quais era submetida toda a tripulação de embarcações de bandeira estrangeira que aportassem no porto de Belém. Eles oferecem, também, importantes pistas sobre as expectativas estrangeiras na região, além de exprimir a representação do mundo tropical, num cenário “exótico” em que navios de várias bandeiras estavam ao lado de “toscas” embarcações locais cobertas de folhas de palmeiras e sob as quais repousavam papagaios e macacos. Além disso, permitem prever a importância que as “*strange-looking river craft*”, as “*Canoes, bound to the market, were constantly passing, loaded with all kinds of produce*” e os “*inviting fish, and piles of less captivating terrapins... Monkeys... and various other wild birds*” tinham para os homens que desembarcavam na Amazônia.

Essa realidade foi testemunhada ainda por um dos participantes da Comissão Geológica do Brasil de 1876, o norte-americano Herbert Smith, quase 30 anos mais tarde, explicitando uma longa permanência dessas práticas na região. Como demonstra a ilustração a seguir, feita pelo desenhista James Champney, que acompanhou Smith pelo Brasil, a chegada de canoas de indígenas oriundas de vários afluentes de rios no porto de Belém estavam quase sempre carregadas de produtos destinados ao comércio local.³⁰⁹ (Ver imagem 5)

³⁰⁹ SMITH, Herbert H. **Brazil: The Amazons and the Coast**. New York: Charles Scribner's Sons, 1879, p.45-46.

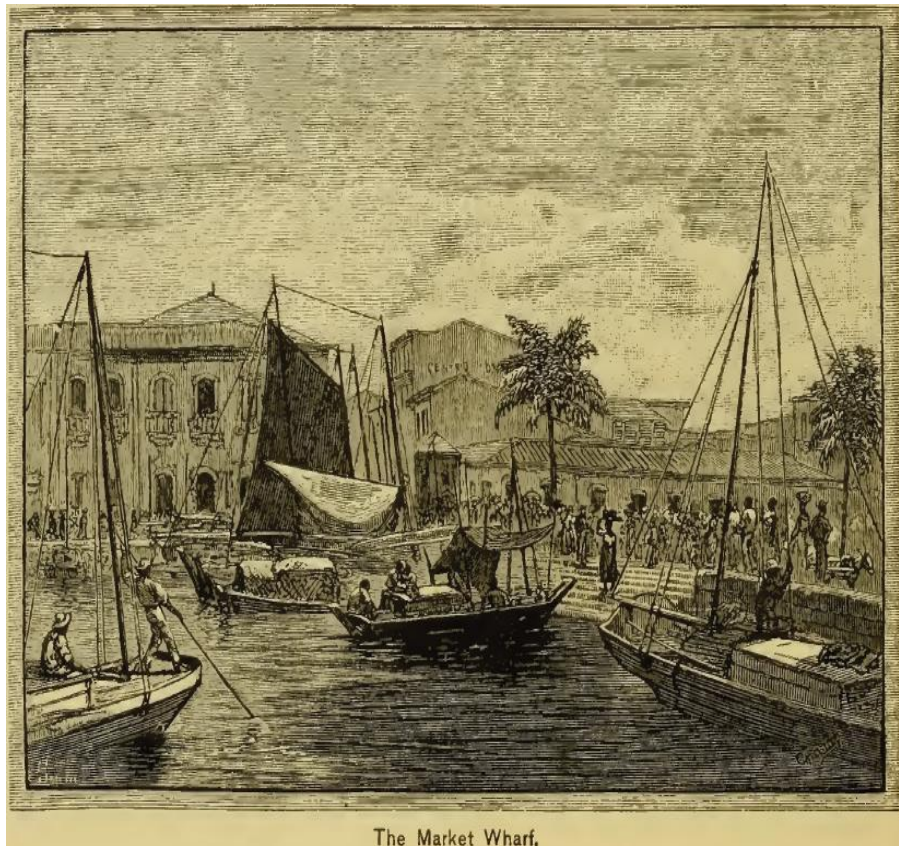


Figura 5: Mercado do Porto de Belém. A representação do mercado foi realizada pelo desenhista norte-americano James Champney, companheiro de viagem de Smith pelo Brasil. Smith, 1879.

Assim, se, por um lado, a citação do norte-americano parece querer enfatizar um mundo cheio de possibilidades para a coleta naturalista, ao revelar um cenário cuja riqueza de espécies e a diversidade de grupos humanos – de todas as cores - seduzem o viajante desde o primeiro golpe de vista; ao mesmo tempo, outras dimensões da realidade revelam diferentes ferramentas, agentes e recursos com que o viajante é obrigado a interagir para ir além do porto de Belém. Sobretudo, porque, para o viajante naturalista, o trabalho de campo, diferente de práticas científicas realizadas no espaço fechado do gabinete e do laboratório, não somente eram realizadas ao ar livre como eram dependentes de recursos informais para sua realização, como, por exemplo, os estranhos barcos nativos, os quais, no interior das dinâmicas locais de mercado, animavam o porto de Belém, carregados de mercadorias de todos os tipos, até meados do século XIX. Para entender tal relação, é preciso considerar ainda que o movimento de embarcações, canoas, produtos e homens no espaço amazônico era regido por um elemento fundamental da geografia da região, a saber: a bacia do Amazonas.

Nascido em plena cordilheira dos Andes, onde, nas palavras do geógrafo Ab'Saber, “existem precipitações nivais e degelo de primavera”³¹⁰, o rio Marañon, ao penetrar em terras brasileiras rumo às baixadas amazônicas, recebe o etnônimo, segundo o registro de frei Noronha, de Solimões “por serem de nação Sorimão os índios”³¹¹ até a “sua continuação da barra do rio Negro.”³¹² Somente após passar por esse trecho convencionou-se chamá-lo rio Amazonas. Possuindo 20 mil quilômetros de cursos navegáveis, o grande rio deságua no oceano Atlântico “com força suficiente para empurrar oceano adentro a salinidade do Golfão Marajoara (Mar Dulce).”³¹³ No entanto, nem todos os afluentes do Amazonas possuem as mesmas condições para navegabilidade. Trechos dominados, segundo Saber, por “cinturões meândricos”, como nos rios Purus e Juruá, não apenas aumentavam o tempo real das viagens mas tornavam mais perigosa a navegação, possivelmente, um fator importante que limitava a intensa exploração dessa região pelo homem branco.

Além de uma grande cadeia de rios navegáveis, a fisiogeografia da bacia do Amazonas é composta por “furos” e “igarapés”. Os primeiros se tratam de canais fluviais que interligam braços de rios e uma planície, muito utilizados para “encurtar” caminhos de navegação, como observou Martius na seguinte passagem: “Quem, entretanto, saindo do Rio Negro, quiser tomar pelo Solimões, pode, sobretudo, na época da enchente, encurtar também a viagem, seguindo para o sul, pelo furo de Guariba, que faz da extrema ponta de terra uma ilha entre os dois rios.”³¹⁴ Já os igarapés³¹⁵ – “caminhos de canoa” –, como salientou o geógrafo Ab'Saber, foram fundamentais “para a ocupação indígena na Amazônia, sendo a invenção da canoa o grande salto cultural que possibilitou a organização dos grupos indígenas no mundo amazônico.”³¹⁶ Como uma “estrada líquida”, os igarapés são geralmente caracterizados como um curso d'água que “corre mansamente por um túnel quase fechado de vegetação florestal”³¹⁷ com pouca exposição à luminosidade do dia. Em razão dessa característica, o igarapé funciona como porta de acesso ao domínio das matas, até onde seu curso se torna

³¹⁰ AB'SABER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.68.

³¹¹ NORONHA, op. cit., p. 45.

³¹² Ibidem, p. 45.

³¹³ SABER, op. cit., p.68.

³¹⁴ MARTIUS, op. cit., p.161.

³¹⁵ Conforme Ab'Saber, “[...] o grande fator de diferenciação entre um igarapé e um rio é a taxa de luminosidade que incide sobre as águas.” Op. cit., p.73.

³¹⁶ Ibidem, p.71.

³¹⁷ Ibidem, p. 73

intransponível, não apenas devido a sua estreiteza, mas também ao atravancamento de galhos e árvores tombados.”³¹⁸ Embora se reconheça a importância destes cursos d’água como essencial para a mobilidade de grupos humanos, relatos informam que mesmo os locais não se atreviam a seguir até as “altas encostas florestadas e interflúvios de onde nasciam as águas dos igarapés”³¹⁹, por serem considerados espaços desconhecidos e temerários.

Por outro lado, é preciso considerar ainda a função social que o igarapé teve para os grupos humanos que ocuparam e exploraram a natureza das planícies amazônicas ao longo do tempo. Seus estreitos caminhos e a mansidão de suas águas permitiram que as canoas indígenas – as iguaras, iguarités – subissem e descessem as encostas de terra firme, transportando coisas essenciais para a sobrevivência de grupos humanos ali residentes, mas, também, produtos dos negócios dos sertões, fruto da exploração no período de conquista.



Figura 6. Representação de iguarités indígenas no curso do rio Javari, alto Solimões. Fonte: CASTELNAU, 1850.

Diante desse mundo das águas, os grupos humanos que ocuparam e/ou visitaram as “vastas hinterlândias da Amazônia” não possuíam a opção de se locomover por

³¹⁸ Ibidem, p. 72.

³¹⁹ Ibidem, p. 72.

longos trajetos a pé ou montado a cavalo ou mula, como nos caminhos constituídos pelo relevo de outras regiões do país. Razão que fazia com que as estranhas embarcações descritas por Edwards fossem não apenas exóticas, mas, também, essenciais para quem quisesse atravessar a região e/ou explorar, coletar os produtos oriundos do gigantesco domínio de terras baixas florestadas, encravado entre a grande barreira dos Andes e dos planaltos brasileiros e das guianas.

Com efeito, ao se acompanhar as rotas de viagens de diversos expedicionários pelos rios da Amazônia, outros aspectos representativos desse processo podem ser vislumbrados.

Ainda no segundo quartel do século XVIII, Alexandre Rodrigues Ferreira apreciou a realidade de mobilidade amazônica ao observar que para seguir até uma povoação, “no lugar o mais remoto e afastado das paragens do sertão”, era preciso contar com

as canoas do negócio de colher a salsa, o cravo, a cupaúba [copaíba]; ainda que na povoação não fique nem a gente precisa para o trabalho da roça do comum, capinação das ruas e roçado do mato... nada disto é bastante, em soando do negócio do sertão, para suspender a navegação das canoas.³²⁰

Do mesmo modo, quase duas décadas depois que o naturalista baiano realizou sua prospecção à fauna e à flora brasileira, o naturalista bávaro Martius observou:

Os primeiros passeios ao redor da cidade já nos haviam dado a conhecer que estávamos aqui em solo muito diferente de qualquer outro antes percorrido. Por toda parte riachos, lagoas e valas; muito poucas estradas e veredas em terra firme; as espaçadas habitações e roças, quase sempre sitas à beira da água. **Serviam-se os habitantes, para as comunicações, ao invés de carroças puxadas por animais, quase exclusivamente das inúmeras vias fluviais... Nestas paragens, também era-nos preciso, portanto, ter sempre a disposição uma das pequenas embarcações que aqui se chamam montarias dirigida por um ou dois índios, para atravessarmos as diversas enseadas do rio [...]**³²¹ [grifos meus]

Foi, contudo, o naturalista Henry Walter Bates (1848-1861), décadas mais tarde, quem sintetizou o papel deste tipo de transporte na dinâmica social da região amazônica nos seguintes termos:

³²⁰ FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem Filosófica ao Rio Negro**. Manaus: EDUA e INPA, 2007, p.77.

³²¹ MARTIUS, op. cit., p.51.

The igarapés and furos or channels, which are infinite in number in this great river delta, are characteristic of the country. The land is everywhere covered with impenetrable forests; the houses and villages are all on the waterside, and nearly all communication is by water. This semi-aquatic life of the people is one of the most interesting features of the country. For short excursions, and for fishing in still waters, a small boat, called montaria, is universally used. It is made of five planks; a broad one for the bottom, bent into the proper shape by the action of heat, two narrow ones for the sides, and two small triangular pieces for stem and stern. It has no rudder; the paddle serves for both steering and propelling. The montaria takes here the place of the horse, mule, or camel of other regions. Besides one or more montarias, almost every family has a larger canoe, called Igarité. This is fitted with two masts, a rudder, and keel, and has an arched awning or cabin near the stern, made of a framework of tough lianas thatched with palm leaves. In the igarité they will cross stormy rivers fifteen or twenty miles broad.³²²

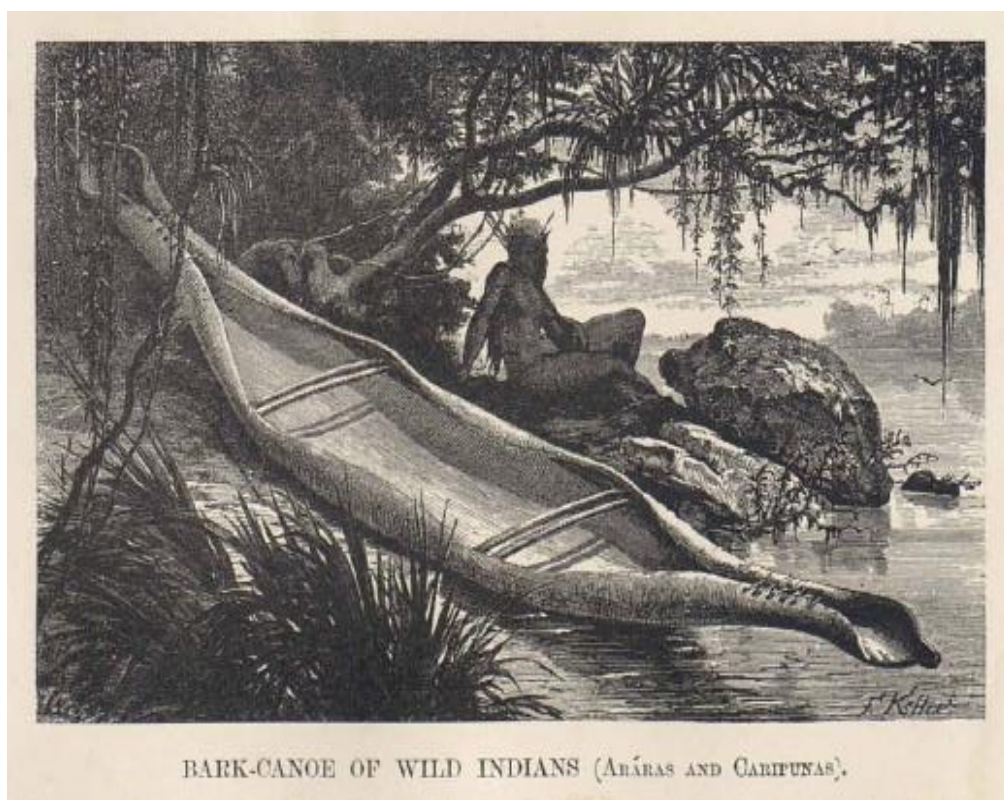


Figura 7: Representação da canoa indígena que ilustra a narrativa de viagem de Franz-Keler, de 1874.

³²² BATES, Henry W. **The Naturalist on the River Amazons**. Vol. I. London: John Murray, 1863, p.75-76. “A montaria toma ali o lugar do cavalo, do burro ou do camelo de outras regiões. Além de possuir uma ou mais montarias, quase toda família tem uma canoa maior, a que se dão o nome de igarité” BATES, Henry. **Um Naturalista no Rio Amazonas**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1979,p.38.



Figura 8. Representação de embarcações típicas da região amazônica que povoavam o igarapé do Espírito Santo na subida do rio Madeira. Fonte: Franz-Keller, 1874.

Por seu turno, o naturalista britânico Alfred Russel Wallace evidenciou também a importância das embarcações locais para seu empreendimento nos seguintes termos:

It was on the last day of August, 1850, at about two o'clock on a fine bright afternoon, that I bade adieu to Barra, looking forward with hope and expectation to the distant and little known regions I was now going to visit. I found our canoe a tolerably roomy one, it being about thirty-five feet long and seven broad. The after-part had a rough deck, made of split palm-stems, covered with a tolda, or semicircular roof, high enough to sit up comfortably within it, and well thatched with palm-leaves. A part of the front opening was stopped up on each side, leaving a doorway about three feet wide. The forepart was covered with a similar tolda, but much lower, and above it was a flat deck, formed like the other, and supported by upright poles along the sides. This is called the jangada, or raft, and serves for the Indians to stand on, while rowing with oars formed of paddle-blades fixed to long poles. The canoe was well loaded with all the articles most desired by the semi-civilized and savage inhabitants of the Upper Rio Negro. There were bales of coarse cotton cloth and of the commonest calico, of flimsy but brilliantly coloured prints, of checked and striped cottons, and of blue or red handkerchiefs. Then there were axes and cutlasses, and coarse pointed knives in great profusion, fish-hooks by thousands, flints and steels, gunpowder, shot, quantities of blue, black, and white beads, and looking-glasses Countless little; needles and thread, and buttons and tape were not forgotten. There was plenty of

caxaca (the rum of the country), and wine for the trader's own use, as well as a little brandy is' medicine, "and tea, coffee, sugar, vinegar, oil for cooking and for light, biscuits, butter, garlic, black pepper, and other little household luxuries, sufficient to last the family for at least six months, and supply the pressing wants of any famishing traveler.³²³

Conforme essas observações, efetuadas por Wallace, a embarcação por ele tomada para subir o rio Negro não se tratava de uma simples canoa com propulsão a remos, mas de uma embarcação “roughly made”³²⁴, de dimensões maiores que a montaria indígena. Por meio desse tipo de embarcação, de maior envergadura para transportar mercadorias, é que o viajante seguia pelo curso principal do rio onde a rotina de navegação fluvial era movida principalmente pelos negócios dos “sertões amazônicos.” Característica também enfatizada pelo naturalista antes de alcançar a Barra do Rio Negro (atual Manaus), na seguinte passagem, ainda no baixo Amazonas:

We now prepared for our voyage up the Amazon, and, from information we obtained of the country, determined to go first to the far Santarem, a town about five hundred miles up the river, and the seat of **a considerable trade**. We had to **wait a long time to find the passage**, but with **some difficulty at length agreed to go in a small empty canoe returning to Santarem**. We were to have the hold to ourselves, and **found it very redolent of salt-fish**, and hides some remained in which still did not Improve if the odor. **But voyagers on the Amazon must not be fastidious, so we got our things on board**, and hung up our hammocks as conveniently as we could for the journey.³²⁵ [grifos meus]

As impressões de Wallace advertem o leitor sobre o problema da mobilidade por uma região cuja dinâmica da vida e relações de grupos humanos eram regidas, citando Leandro Tocantins, pelo “predomínio dos rios sob dinâmicas sociais.” Assim, as dificuldades impostas pelo meio ambiente ao povoamento, associadas às longas distâncias a serem vencidas por remadores, à dinâmica das águas e ao modelo de colonização pautado no extrativismo e na exploração indígena, não apenas desafiaram as práticas de campo de naturalistas como também determinaram seus roteiros de viagens e condicionaram suas interações a certas estruturas indispensáveis a sua jornada e sobrevivência na região.

³²³ WALLACE, Alfred Russel. *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro*. London: Reeve and CO., 1853, p.194-195.

³²⁴ WALLACE, Ibidem, p.50.

³²⁵ WALLACE, Ibidem, p.134.

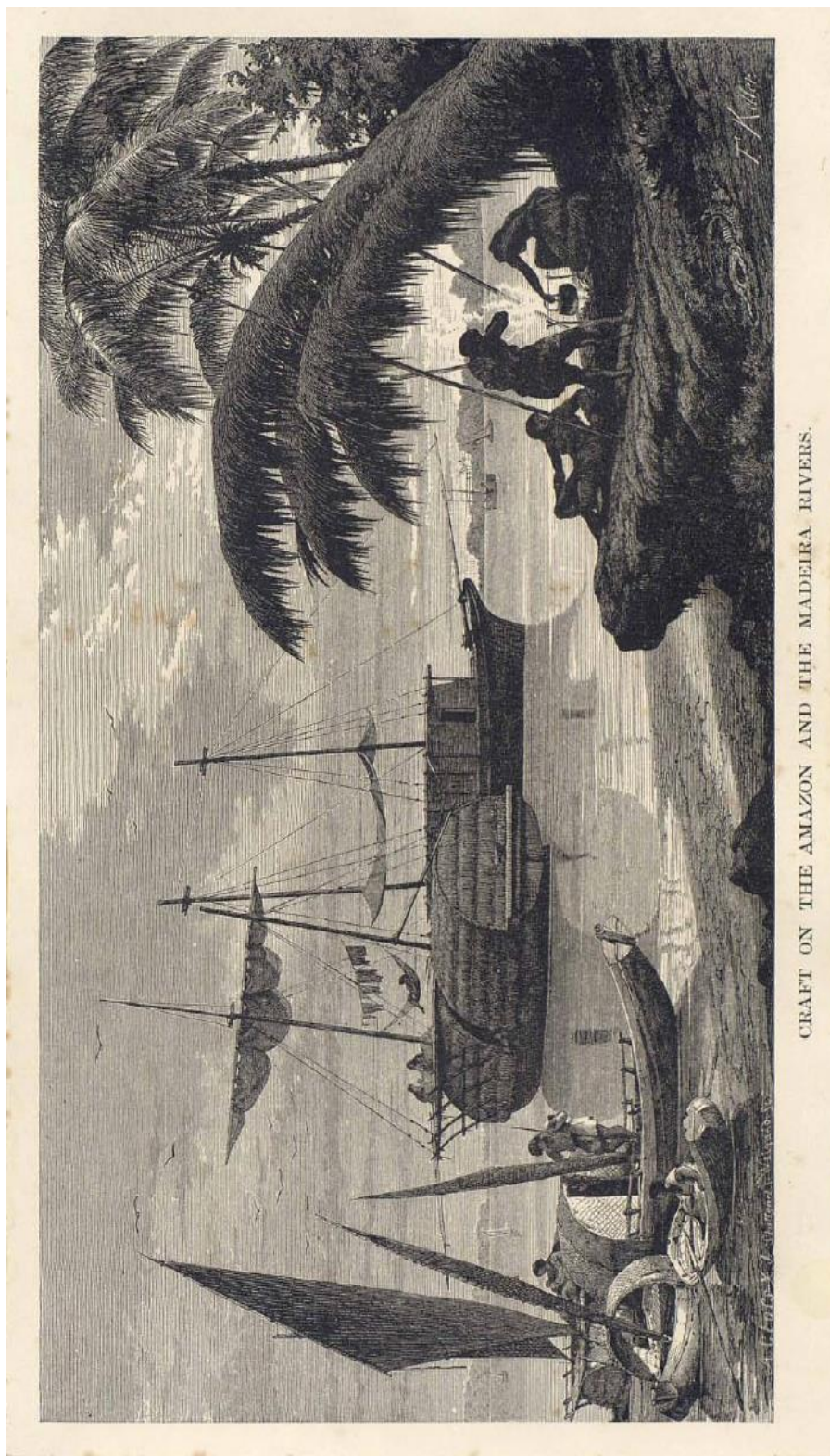


Figura 9. Tipos de embarcações que transitavam pelos rios Amazonas e Madeira conforme representação de Frazer-Keller, 1874

Desse modo, é importante frisar que, quando Wallace esteve na região amazônica (1848-1852), o naturalista e seus contemporâneos só podiam contar com duas modalidades de transporte fluvial característicos do meio: a vela e a canoa. De acordo com Antonio Loureiro, a primeira tinha por principal função fazer o escoamento da produção que abastecia a população ribeirinha, seja nas cidades, nos sítios ou nas vilas no curso principal do Amazonas. De mobilidade bastante lenta – de Belém a Manaus levava em média de sessenta a noventa dias para concluir o percurso –, a vela era usada somente por algumas horas já que o

[...] vento geral, o alísio do nordeste soprava, com pouca velocidade, das dez da manhã até as duas da tarde; daí a demora das viagens...Nos afluentes, todos perpendiculares ao grande rio esses ventos alísios só auxiliaram na travessia de uma margem para outra, sendo os percursos feitos a remo ou a sirga.³²⁶

A última modalidade de transporte fluvial não somente era a mais numerosa como também possuía diferentes tamanhos e funções, sendo o principal meio de transporte utilizado pelos grupos humanos que ocupavam o interior da região durante grande parte do século XX. Assim, deve-se entender que, na medida em que a exploração de recursos da floresta impunha aos grupos humanos seguir mata adentro, os diversos atores sociais de origem europeia que passaram pela região amazônica tinham pela frente o desafio de interagir com certas estruturas locais para conseguir alcançar seus objetivos de exploração.

Por outro lado, deve-se considerar também que mesmo as viagens transoceânicas, até o advento do vapor, eram realizadas com barco a vela e concebidas de forma geral como longas, penosas e perigosas. Portanto, até meados do século XIX, as viagens até o principal porto de entrada da região amazônica, em Belém do Pará, eram cumpridas graças a um navio com propulsão a vela, que, por sua vez, aportava na região quase sempre com objetivos comerciais em vista. Sobre o aspecto técnico dessa embarcação, Eric Hobsbawn apontou que, no caso dos transportes marítimos, o processo de substituição de uma tecnologia por outra foi mais gradual que a instauração das ferrovias. Isso se deve ao fato de que o transporte marítimo não se tornou rápido nesse período, como observa o historiador inglês:

sua lentidão técnica é indicada pelo fato, hoje bem conhecido, de que o transporte marítimo a vela havia continuado a manter-se frente ao navio de forma surpreendente, graças aos progressos tecnológicos

³²⁶ LOUREIRO, Antonio. **História da Navegação no Amazonas**. Manaus: Lorena Ltda., 2007, p.20.

menos drásticos, mas substanciais na sua própria eficiência. O vapor tinha-se expandido extraordinariamente, cerca de 14% do transporte mundial em 1840 para 49% em 1870, mas a vela continuava ligeiramente na frente. Somente na década de 1870, e, sobretudo na de 1880, é que a ela saiu do páreo.³²⁷

Por meio desse dado, pode-se avaliar que, além de diferentes períodos quando foram empreendidas expedições na região amazônica por europeus, deve-se observar as condições materiais e técnicas dessas viagens ao longo do tempo. Entender que, apesar de as cenas de partida e de chegada de naturalistas estrangeiros ao longo do século XIX estarem inseridas em um período no qual o mundo começava a ser interligado por vias de comunicação mais regulares e rápidas, com maior capacidade para transportar pessoas e mercadorias, os caminhos e suportes materiais que abrigaram algumas experiências de viagens oitocentistas carregavam, ainda, correspondência com os primeiros exploradores europeus da região amazônica, como testemunhou Elizabeth Agassiz:

We found here four members of a Spanish scientific commission, who have been travelling several years in South and Central America, and whose track we have crossed several times without meeting them. They welcomed the arrival of the steamer with delight, having awaited their release at Tabatinga for two or three weeks. The party consisted of Drs. Almagro, Spada, Martinez, and Isern. They had just accomplished an adventurous journey, having descended the Napo on a raft, which their large collection of live animals had turned into a sort of Noah's ark. After various risks and exposures they had arrived at Tabatinga, having lost almost all their clothing, except what they wore, by shipwreck. Fortunately, their papers and collections were saved. We are now on our way down the river again, having left Mr. Bourget at Tabatinga to pass a month in making collections in that region, and dropped Mr. James and Mr. Talisman last evening at San Paolo, where they are to get a canoe and Indians for their further journey to the Iga.³²⁸

Episódio também testemunhado por William James em carta datada de setembro de 1865:

A thing has happened here which is rather amusing. We have taken on board this little bit of a boat 5 more naturalists in addition to our party. They are the remains of a large expedition equipped by the Spanish government to explore South America. They have been all through the Andes been shipwrecked, are the most shabby, bearded, jaundiced looking set roughs you ever saw. They have brought down a very large collection from up the Rio Napo to Tabatinga and are now at last bound home. You ought to see the crafts in which they have spent the last two months e to which they now bid good bye. Picturesque

³²⁷ HOBBSAWN, Eric. **A Era do Capital: 1848-1878**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p.91-92.

³²⁸ AGASSIZ, Louiz e AGASSIZ, Elizabeth. **A Journey in Brazil**. Boston: TICKNOR AND FIELDS, 1868, Pp.8-9

enough – 2 rafts with palm leaf houses built on them covered with monkeys e parrots and each with a smudge smoking in the evening at the front to drive off mosquitoes. Besides their voyage ours seem like a holiday excursion. By Jove, I honor them. 3 had such broken down health that they went home, 1 died e the 4 others have gone to California.³²⁹

Se, por um lado, a missão científica espanhola foi percebida por James e Elizabeth Agassiz como uma saga épica, talvez comparável às primeiras explorações espanholas, por outro, a autora-viajante enfatizou em sua narrativa que a introdução da tecnologia a vapor marcava uma distinção importante entre a sua experiência – efetivada a partir de um tombadilho de um bem equipado navio a vapor – e as dos demais viajantes que cruzaram o interior da região até a primeira metade do século XIX:

The perils and adventures which attended the voyages of Spix and Martins, or even of more recent travellers, like Castelnau, Bates, and "Wallace, are no longer to be found on the main course of the Amazons, though they are met at every step on its great affluents. On the Tocantins, on the Madeira, on the Purus, on the Rio Negro, the Trombetas, or any of the large tributaries, the traveller must still work his way slowly up in a canoe, scorched by the sun or drenched by the rain; sleeping on the beach, hearing the cries of the wild animals in the woods around him, and waking perhaps in the morning, to find the tracks of a tiger in unpleasant proximity to his hammock. But along the course of the Amazons itself, these days of romantic adventure and hair-breadth escapes are over; the wild beasts of the forest have disappeared before the puff of the engine ; the canoe and the encampment on the beach at night have given place to the prosaic conveniences of the steamboat.³³⁰

Para Elizabeth, a passagem do vapor pelos rios amazônicos afirmava “o soprar de novos tempos” para uma região considerada até aquele período como um espaço a ser, ainda, cultivado e civilizado. Nesse sentido, o vapor significava para muitos agentes mais que um meio de transporte: ele representava a integração da região ao mundo

³²⁹ JAMES, William. Letter to Henry James Sr. And Mary Robertson Walsh James. In: Machado, M^a Helena. **Brazil through the Eyes of William James**. Massachusetts: Harvard University, 2006, p. 78. Segue tradução para o português de John Monteiro, p. 195-196: “Aqui aconteceu algo um tanto divertido. Acolhemos a bordo deste barquinho mais 5 naturalistas, além do nosso grupo. São os remanescentes de uma grande expedição enviada pelo governo espanhol para a exploração da América do Sul. Passaram por todo os Andes, naufragaram, compõem um grupo de marmanjos dos mais amarfanhados, barbudos e amarelados que você jamais viu. Desceram com uma coleção muito grande do Rio Napo para Tabatinga e agora estão finalmente tomando o rumo de casa. Você devia ver as embarcações nas quais passaram os últimos dois meses e das quais agora se despedem. Pitorescas o suficiente – 2 jangadas com construções cobertas de palmeiras, cobertas de macacos e papagaios e cada qual com um fumeiro na proa para espantar os pernalongos. Ao lado desta viagem a nossa parece uma excursão de férias. Por Zeus presto a eles as minhas homenagens. 3 deles tinham a saúde tão deteriorada que tiveram que voltar para casa, 1 faleceu e os outros 4 seguiram para Califórnia.”

³³⁰ Op. cit. p.443

moderno/industrial, em que a ciência e as inovações técnicas abriam canal de passagem para a racionalidade e dominação dos recursos naturais e de grupos indígenas.³³¹

2.4. AS ROCINHAS: PREPARAÇÃO PARA VIAGENS PELO INTERIOR DA REGIÃO AMAZÔNICA.

Além da singularidade de mobilidade, o panorama socioeconômico dos séculos XVIII e XIX na região promoveu, ainda, a “arquitetura modesta dominante nos primeiros tempos da cidade [de Belém]”.³³² Conforme Leandro Tocantins, no Pará havia “um tipo de habitação e um distintivo particular que retrata outra, definindo a casa rural e a casa urbana de Belém antiga: as rocinhas e as gelosias”.³³³ Essa característica “modesta” que predominou no interior amazônico antes dos imperativos econômicos da exploração da borracha – “com seus barracões e barracas, símbolos do coronel seringalista e do seringueiro” – diferenciava Belém dos sobrados de Recife, Salvador e Rio explicitados por Gilberto Freyre.³³⁴

³³¹ Sobre estas relações ver os trabalhos de HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1993 e LANDES, David. **Prometeu desacorrentado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994; e LIMA, Carla Oliveira de Lima. **Natureza, cultura e imaginário nos relatos de Alfred Russel Wallace, Louis Rodolph Agassiz e Elizabeth Cabot Cary Agassiz**. Dissertação de Mestrado. Manaus: UFAM, 2008.

³³² TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: Uma interpretação da Amazônia**. 8. ed. Ed. Record. 1988, p. 103.

³³³ Ibidem, p. 103.

³³⁴ Conforme Freyre “A casa, o tipo de habitação, sabe-se que é uma das influências sociais que atuam mais poderosamente sobre o homem [...] Essa influência exerceu-se de modo decisivo sobre a família patriarcal, no Brasil, a casa-grande de engenho ou fazenda... O sobrado conservou quanto pôde, nas cidades, a função da casa-grande do interior, de guardar mulheres e guardar valores. Daí os cacos de garrafa espetados nos muros: não só contra os ladrões mas contra os *donjuans*[...] No Recife, sendo a cidade socialmente uma ilha e fisicamente um meio-termo entre ilha e península, o sobrado fechado dentro de si mesmo, às vezes com a frente, outras com o traseiro – como se diz em documentos do século XVII – para o rio, foi o tipo de habitação ecológica.” Ver FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mocambos**. São Paulo: Global, 2006, p.269-272.



Figura 10. Ilustração de uma rocinha e de um escravo negro no lugarejo de Nazaré de propriedade de um rico comerciante e proprietário de fazendas de gado do Marajó descrita na narrativa de Paul Marcoy em 1847.

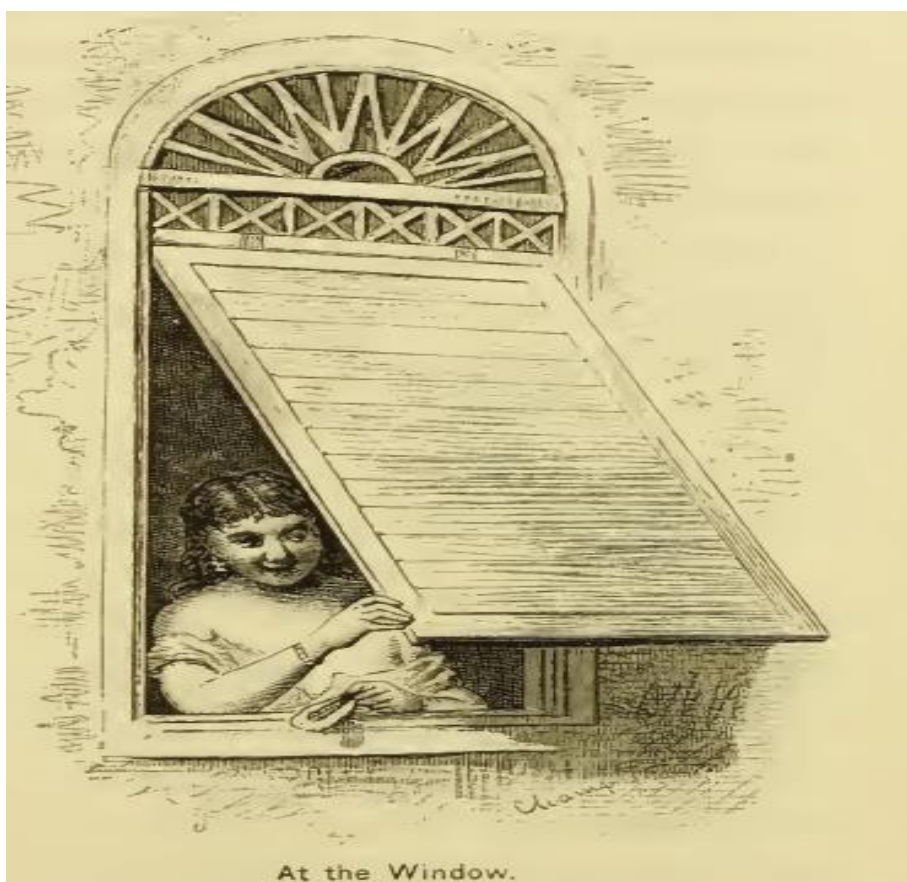


Figura 11: Representação de uma gelosia em Santarém, na qual é tematizada uma prática social recorrente observada nos relatos dos viajantes oitocentistas na Amazônia: o costume português de manter suas mulheres reclusas.³³⁵ Fonte: SMITH, Herbert H. Brazil: The Amazonas and The Coast, 1879, p.123.

³³⁵ Conforme Smith: “These parties are almost the only occasions on which ladies are permitted to mingle in social life. There are, indeed, exceptions with one or two of the better families, in which ladies come to

Segundo Tocantins, a arquitetura da cidade de Belém compunha-se de casas

[...] no nível da rua, de fachada singela com porta e duas, três, quatro janelas guarnecidas de gelosias. E no campo, ao seu redor, nenhuma casa grande e senzala no bom estilo nordestino, simplesmente a rocinha, a aprazível vivenda campestre, rodeada de pomares, de bastos e sombrios arvoredos, enfeitada com jardins quase naturais de crótons, begônias, mimosas, açucenas, acácias, jasmineiros. Escondidas entre árvores luxuriantes, acalentada pelo gorjeio em toda a escala musical dos passarinhos [...]³³⁶

Entretanto, qual a relação entre os viajantes naturalistas e este tipo de habitação³³⁷ que proliferou no interior da Amazônia, sobretudo, a partir de 1750? Em relação a essa questão, acredito que o exame das feições singulares do espaço amazônico pode revelar muito sobre o cotidiano de coleta naturalista. O primeiro dado importante que reitera essa afirmação é o fato de que quase todos naturalistas estrangeiros do Oitocentos realizaram suas observações e prepararam espécies abrigados por este tipo construção local. Como explicita Tocantins, o termo “Rocinha” era empregado só em Belém, enquanto em outros recantos do interior amazônico se designaram a chamar sítios as pequenas propriedades rurais. Sendo elas, em Belém, localizadas em sua grande maioria na “Estrada de Nazaré”, estendendo-se até o igarapé Una. Essa particularidade foi salientada pelo naturalista Martius como favorável, sobretudo, porque a proximidade com o centro de Belém - “apenas distante um quarto de hora” - facilitava, ainda, sua sociabilidade com moradores ilustres da cidade. Como se pode observar na seguinte passagem de Von Martius:

Quando voltamos à tarde, de nossas excursões a essas extraordinárias matas virgens para Rocinha, esperava-nos a alegre companhia de amigos europeus. **Os Sr.s Dickinson, Cônsul da Grã-Bretanha, John Hesketh, J. Campbell e L. Hein**, compatriótico alemão, permitiam-me renovar as gratas recordações daqueles momentos, em que gozamos o prazer de sua convivência ilustrada como do solícito interesse e dos seus **amistosos e diligentes conselhos**. Mais tarde,

the table with their husbands and brothers, and converse freely with guests; and you will often see some young fellow stop at a window for a moment, to talk with But, as a rule, the old Portuguese custom of seclusion is still dominant in all the Amazonian country towns; the people think, and say, that women are unfit for freedom” p.122-123. SMITH, Herbert H. **Brazil: The Amazonas and The Coast**. New York: Charles Scribner’s, 1879.

³³⁶ Op. cit., p.63-64.

³³⁷ Conforme Tocantins a “palavra rocinha é uma típica criação paraense diminutivo de roça, vocábulo que em Portugal significa uma grande porção de mato espalhado pelo terreiro para ser queimado. Em geral, a roça teve e tem na Amazônia dois significados: a lavoura preparada pelo caboclo e o campo, em contraposição à cidade. É costume dizer-se: ‘Eu vim da roça’, isto é, ‘eu vim do interior’, ou, se a pessoa se encontra na propriedade rural, tem a significação de vir do campo onde está plantada a lavoura. É interessante assinalar que o termo rocinha só foi empregado em Belém, pois no interior amazônico, naquele tempo e até agora, chama-se de sítio a pequena propriedade rural. A antiga rocinha de Belém corresponde bem à aldeia das quintas de Portugal.” Ibidem, p. 61.

juntou-se a eles o **Sr. Francisco Ricardo Zani, capitão das milícias, hoje chefe do Estado-Maior, oriundo de Livorno**, domiciliado havia 14 anos no Rio Negro, que, por feliz encadeamento de circunstâncias, foi meu companheiro na maior parte da viagem ao interior do Pará e Rio Negro. Igual disposição de espírito, igual participação de perigos e prazeres, numa viagem de sete meses, selou entre nós uma imperecível amizade.³³⁸ [grifos meus]

Assim, além de uma “casa cômoda”, a Rocinha oferecia, ainda, ao naturalista “relações sociais” importantes que não apenas os auxiliaram fornecendo-lhes utensílios e objetos necessários para a sobrevivência da missão bávara no vale amazônico, mas, também, informações úteis sobre espécies e os melhores caminhos a seguir, como observa mais uma vez Martius:

O nosso digno hospedeiro, o sr. Ambrósio Henriques, empenhava-se zeloso por satisfazer tudo que era preciso para a manutenção da pequena casa, e, por meio de S. Exa o Sr. Conde de Vilar Flor, assim como por um irmão do nosso nobre amigo do Maranhão, **John Hesketh**, que havia aqui estabelecido o seu negócio, fomos em breve apresentados e recebidos em diversos círculos familiares. Numerosas provas de benevolência tornaram para nós inolvidáveis esses laços sociais, nos quais não só encontramos divertimento mas também os mais diversos ensinamentos. O **Sr. Romualdo Seixas, vigário da província, o qual em muitas viagens, chegara a conhecer sua pátria e havia estendido o seu círculo de autoridade de modo mais ativo para enobrecer costumes e propagar a instrução entre os seus compatriotas, forneceu-nos interessantes informações sobre os indígenas e os brasileiros dos sertões do Pará e do Rio Negro[...]** Na pessoa do **Dr. Antonio Correa de Lacerda, físico-mor do Estado do Grão-Pará**, ficamos conhecendo um excelente discípulo de Brotero. **Decisiva inclinação para a botânica havia-o determinado a estabelecer-se aqui, e essa conformidade de estudos serviu-nos de laço de amizade. Como a Rocinha, situada ao norte de Belém, apenas distante um quarto de hora, era-nos possível, ainda à tarde, depois de concluídas as nossas investigações científicas, procurar esses amigos ou recebê-los em nossa casa, e podíamos até considerar-nos moradores da cidade**³³⁹ [grifos meus]

Desse modo, é importante enfatizar que tanto o plano de viagem de Spix e Von Martius pela região amazônica quanto a preparação de espécies que deviam ser remetidas a partir do porto de Belém para o Velho Mundo foram feitos sob o teto dessa “aprazível casa de campo”. Além disso, algumas das espécies “descobertas” foram efetivadas graças às fontes de informações - muitas das quais eram tidas por cartas,

³³⁸ MARTIUS, op. cit., p.38.

³³⁹ Ibidem, p.23.

conforme relato acima - privilegiadas que os naturalistas da missão bávara recebiam de seus “amigos” ilustres do Pará. Algumas dessas informações eram também oriundas não apenas do conhecimento prático e/ou utilitário da flora e fauna da região, mas resultado da convivência prolongada no meio, como afirma Martius na seguinte nota:

A geografia desse rio e dos seus afluentes deve a maioria das informações às numerosas expedições que antes foram feitas, sem interrupções, de Pará para o interior, a fim de caçar índios ou colher produtos naturais às margens dos rios. As experiências alcançadas desse modo formavam o conhecimento tradicional, que pelos cientistas viajantes foi anotado da boca do povo. Também, as colônias do sertão, fundadas ora por colonos individuais, ora por missionários, deviam ter concorrido consideravelmente para esclarecer a geografia daquela região.

Por outro lado, foi também em Belém que Martius tomou conhecimento sobre a existência de manuscritos que informavam sobre aspectos geográficos, etnográficos e/ou etnobotânicos do vale amazônico. Sendo tais papéis fruto das observações efetuadas por clérigos, exploradores e colonos durante os séculos XVII e XVIII, porém, desconhecidas dos “centros” europeus de saber. Assim, por exemplo, além das informações colhidas junto aos ilustres amigos, D. Romualdo Seixas – vigário-geral da Província – e Dr. Antonio Correa de Lacerda – médico-botânico –, Martius salienta a preciosa aquisição do

manuscrito anônimo, que foi retirado do “Jornal de Coimbra” do ano de 1820, devendo ser de autoria do vigário geral[...] José Monteiro de Noronha: o Roteiro de Viagem da Cidade do Pará até as últimas Colônias dos Domínios Portugueses em os Rios Amazonas e Negro. Sem contestação, é esta pequena obra a de maior valor das escritas em língua portuguesa sobre a etnografia dessas terras e à mesma devo eu muitas das informações para nossa narração de viagem.³⁴⁰

A declaração de Martius demonstra a importância da cópia da relação de Noronha, escrita em 1786, para a composição de sua narrativa de viagem, sobretudo, porque durante sua chegada ao Brasil suas fontes de informação declaradas mais confiáveis eram, além da narrativa de Condamine e o escrito de 1641 *Descubrimiento del gran Rio de las Amazonas*, de autoria do padre Acuña, apenas um

mapa geral da América do Sul, de Arrowsmith, e não informados nem a respeito dos caminhos a tomar, nem acerca das águas navegáveis e outras circunstâncias importantes, numa viagem tão prolongada e arriscada, entregues inteiramente ao alvitre de nosso piloto índio.³⁴¹

³⁴⁰ Ibidem, p.67..

³⁴¹ Ibidem p.63.

Deve-se, desse modo, a seus amigos paraenses a reunião de dados mais precisos sobre os pontos navegáveis da região e, também, o conhecimento de outros papéis escritos como, por exemplo, a expedição de Pedro Teixeira com que Martius diz ter tido contato pela primeira vez quando esteve em Belém, por meio dos *Anais do Maranhão* de Berredo. Assim, reunindo um arsenal de objetos, espécies coletadas, alguns homens sábios e uma relação de registros escritos, pode-se presumir que as Rocinhas funcionaram como base de preparação para a entrada nos sertões amazônicos.

Entretanto, tal experiência não se limitou à missão bávara. Quase três décadas depois de von Martius ter realizado a composição de seu manuscrito sobre a experiência brasileira, o naturalista Bates, recém chegado ao Pará em 1848, destaca seu interesse em alugar uma Rocinha situada em “arraial de Nazaré”, por ter localização mais conveniente, já que estava baseada ao mesmo tempo a um quilômetro da cidade e na proximidade da floresta. A Rocinha em questão era de propriedade de um velho português chamado Danin, que morava em sua fábrica de cerâmica na foz de Una³⁴². A casa, segundo sua descrição, possuía

[...] a square building, consisting of four equal-sized rooms; the tiled roof projected all round, so as to form a broad verandah, cool and pleasant to sit and work in. The cultivated ground, which appeared as if newly cleared from the forest, was planted with fruit trees and small plots of coffee and mandioca. The entrance to the grounds was by an iron-grille gateway from a grassy square, around which were built the few houses and palm-thatched huts which then constituted the village.³⁴³

Dentre os coletores e naturalistas que escolheram trabalhar no vale amazônico, talvez o testemunho de Bates seja aquele que melhor tenha traduzido as formas de interação e os desafios que a realidade amazônica impunha ao trabalho de campo do adventício. Assim, na seguinte passagem, observa suas primeiras relações com o meio e seu cotidiano de coleta:

We now settled ourselves for a few months' regular work. We had the forest on three sides of us; it was the end of the wet season; most species of birds had finished moulting, and every day the insects increased in number and variety. Behind the rocinha, after several days' exploration, I found a series of pathways through the woods,

³⁴² BATES, Henry W. **The Naturalist on the river Amazons**. Vol. I. London: John Murray, 1863, p. 44.

³⁴³ *Ibidem*, p. 59.

which led to the Una road; about half way was the house in which the celebrated travelers Spix and Martins resided during their stay at Para, in 1819. It was now in a neglected condition, and the plantations were overgrown with bushes. The paths hereabout were very productive of insects, and being entirely under shade were very pleasant for strolling. Close to our doors began the main forest road. It was broad enough for two horsemen abreast, and branched off in three directions ; the main line going to the village of Ourem, a distance of 50 miles. This road formerly extended to Maranham, but it had been long in disuse and was now gi'own up, being scarcely passable between Para and Ourem. Our researches were made in various directions along these paths, and every day produced us a number of new and interesting species. Collecting, preparing our specimens, and making notes, kept us well occupied. One day was so much like another, that a general description of the diurnal round of incidents, including the sequence of natural phenomena, will be sufficient to give an idea of how days pass to naturalists under the equator.³⁴⁴

A partir dessas caracterizações, pode-se presumir que “o distinto particular” desta habitação se integra a uma realidade econômico-social pouco conectada ao mercado atlântico da monocultura. Aspecto também revelado ao verificar-se que essa modesta propriedade rural junto à mata e rodeada de pomares e arvoredos, e enfeitada por despreziosos jardins, seja de domínio de uma restrita população de origem europeia (portugueses, luso-brasileiros, ingleses etc.), situada no mais importante núcleo “urbano em formação” da região amazônica. Segundo Tocantins, a maioria desses proprietários era composta de pequenos comerciantes, atacadistas, fornecedores do governo, funcionários públicos e fazendeiros modestos, já que as classes mais altas de brasileiros “detestam o comércio a retalho” e preferem a vida de agricultor no interior. Sobre esse aspecto, Edwards salienta:

Near the river, and in the part more especially devoted to business, the houses adjoin upon streets of convenient width; but elsewhere, each square is usually the residence of but **one proprietor, who here enjoys all the advantages of both city and country. These residences are termed *rosinhas***. Fruit-trees, of every variety common to the clime, mingle with beautiful flowers, and it requires but little taste in the master or ladies of the mansion to embower themselves in a paradise. Most of these houses are but of one story, built upon two or three sides of a square, covering a great area, and containing numerous lofty and well-ventilated rooms. Very often, the entire flooring is of neat square tiles. A broad verandah offers both shelter and shade, and here, in delicious coolness, the meals of the day are enjoyed.³⁴⁵ [grifos meus]

³⁴⁴ Ibidem, pp. 60-61.

³⁴⁵ EDWARDS, William H. **A Voyage up the River Amazon**. London: John Murray, 1847, p. 11.

Caminhos fluviais, produtos extrativos, grupos indígenas, rocinhas... Ao se analisar as trilhas perseguidas por viajantes, fica claro o papel que as próprias estruturas sociais e econômicas do extremo norte – região pouco integrada ao mercado atlântico da monocultura – tiveram para a experiência de viagem de muitos forasteiros pelo espaço amazônico. Muitos roteiros de viagens com objetivos de história natural foram traçados seguindo o universo de produção econômica local, que, no caso do extremo norte, desde os finais do século XVIII, foi determinado pela combinação entre a agricultura de subsistência e a coleta de produtos extrativos.³⁴⁶

Patrícia Sampaio, ao analisar esse aspecto, traça um quadro geral dos modos de produção econômica da Amazônia portuguesa, informando os seguintes delineamentos: proliferação de inúmeros sítios pobres com poucos escravos e trabalhadores índios, nos quais havia um esforço dos proprietários para cultivar a terra para exportação de gêneros – como cacau, anil, fumo e algodão –, mas se destacavam mais pelas produções para subsistência.³⁴⁷ Nas muitas trilhas que adentravam as matas durante o século XIX nas proximidades de algumas povoações, existiam terrenos cultivados rusticamente pelos locais onde se destacavam tanto a produção de consumo regional (mandioca, manteiga de tartaruga e peixe seco) como uma incipiente lavoura e benfeitorias - estas últimas geralmente de propriedade dos mais ricos - que se empenhava em desenvolver potencialidades agrícolas do extremo norte.

Esse quadro não apenas conduz a superar alguns modelos explicativos, baseados na perspectiva de que a atividade extrativista e a economia de subsistência atuaram como entraves para o desenvolvimento e o progresso da região, como também leva a pensar que os caminhos trilhados por muitos viajantes não eram meros vazios demográficos, desprovidos de qualquer intervenção humana na natureza, e, portanto, *terra sem história*³⁴⁸. Ao contrário dessa imagem, o quadro desenhado desde os finais do século XVIII e grande parte do XIX demonstra que na região amazônica já existia

³⁴⁶ Patrícia Sampaio propõe a seguinte tipologia para explicar o funcionamento de parte do sistema econômico da região entre 1845-1880: “1. Comunidades indígenas aldeadas nas Diretorias Parciais 2. Pequenas unidades de produção (sítios e chácaras: a) aqueles cuja posse da terra pertencia a índios e mestiços e a produção era organizada sobre o trabalho familiar; b) aqueles de propriedades de moradores brancos, cujas formas de produção eram fundamentadas no trabalho familiar e na mão de obra indígena; c) os núcleos de colonização dirigida pelo Estado, baseados no trabalho de imigrantes. 3. Unidades de produção ampliadas (fazendas) que podiam utilizar o trabalho dos índios, escravos negros, moradores e/ou agregados. Em momentos posteriores, verifica-se o recurso a formas de trabalho assalariado.” SAMPAIO, Patrícia M. **O fio de Ariadne: tipologia de fortunas e hierarquias sociais em Manaus: 1840-1880**. Manaus:EDUA, 1997, p.86.

³⁴⁷ Ibidem, p.78-79.

³⁴⁸ Conforme expressou Euclides da Cunha em: CUNHA, Euclides. **Amazônia: Um paraíso perdido**. Manaus: Editora Valer, 2011.

um mosaico de estruturas sociais e produtivas, meios de comunicação e força de trabalho³⁴⁹, estruturas que a diferenciavam singularmente de seus vizinhos do litoral. Nesse sentido, parto do pressuposto de que o trabalho de campo e os roteiros de viagens naturalistas na Amazônia portuguesa do século XIX só puderam ser efetivados porque contaram com uma rede de colaboradores e porque interagiram com as estruturas locais, fossem elas materiais ou humanas. Desse modo, pode-se compreender que os roteiros de viajantes não eram causais, mas, ao contrário, levavam em conta os recursos disponíveis indispensáveis à sua jornada, a saber: reserva de produtos e trabalho indígena.

Assim, é significativo observar que – analogamente ao processo de extração do cacau e outros produtos de interesse colonial de fins do século XVIII –, de modo geral, naturalistas e coletores oitocentistas buscaram fatos de seu interesse fora de Belém, isto é, nos “sertões amazônicos”, retornando àquele porto apenas quando para preparar e remeter espécies para seus países de origem. Esse padrão de viagem relaciona-se ainda com as alterações da paisagem efetuadas ao longo da colonização ibérica, já que na medida em que foi aprofundado o processo houve, também, a constituição de um cenário mais escasso em recursos naturais, sobretudo nas proximidades da capital do Grão-Pará, o que não se configurava em outros pontos ao longo da bacia do Amazonas.

Aspecto também evidenciado pelo estudo de João Pacheco de Oliveira, *Elementos para uma sociologia dos viajantes*. Nesse estudo, o autor realiza um levantamento de relatos de viagens sobre a Amazônia no qual evidencia a região do “Alto Solimões” como a que possui o maior número de relatos de viajantes. Segundo ele,

“[a] sua localização faz com que todas as grandes explorações empreendidas no rio Amazonas, subindo até as suas nascentes ou descendo dos altiplanos peruanos até o Atlântico, forneçam em maior ou menor grau informações sobre a região.”³⁵⁰

Do mesmo modo, ao se identificar o itinerário e pontos de coleta de naturalistas no século XIX traçado no estudo de Nelson Pappavero, observou-se maior incidência de coletores em direção ao noroeste amazônico. Assim, a partir dessas considerações e do

³⁴⁹ Cf. Sampaio, op. cit., p.85-89.

³⁵⁰ OLIVEIRA, João Pacheco F. Elementos para uma sociologia dos viajantes. In: **Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil**, Rio de Janeiro: UFRJ-MARCO-ZERO, p.101.

exame de relatos de viagem, constituiu-se o seguinte quadro de viajantes da Amazônia portuguesa no período oitocentista:

Friedrich Wilhelm Sieber (1801-1813); Spix e Martius (1820); Langsdorff (1825-1829); H. L. Maw (1827-1828); Johann Natterer (1820-1835); Eduard Friedrich Poepping (1832); W. Smyth (1834-1835); Robert Shomburg (1834-1839); Adalberto da Prússia (1843); Castelnau (1843-1847); Gaetano Osculatti (1847-1848); Herdon (1851-1852); Wallace (1848-1852); Bates (1848-1859); Spruce (1849-1864); Avé-Lallemant (1859-), Agassiz (1865-1866); William Chandless (1861-65); Franz Keller-Leuzinger (1865); James Orton (1867); Frederich Hartt (1867); Clough (1867-1873); Franz-Keller (1869); Orville Derby (1870); B. Brown, Lidstonee; Trail (1872-1873); Edward d. Mathews (1873); Jules Crevaux (1876-1879); Carl von de Stein (1884); Elmano Stradelli (1889); Herbert Huntington Smith (1874-?); Henry A. Wickham (1876-?); (Monnier (1886-); Henri Coudreau (1882-1899); Olimpia Coudreau (1882-1903);

2.6. ROTAS DE VIAGEM: CAMINHOS INTERIORES PELO BRASIL E AMAZÔNIA

Os aspectos materiais e técnicos de viagem acima demonstram que - apesar de as fronteiras do extremo norte já estarem mais delineadas do que, como se viu, durante o período de conquistas -, até a primeira metade do século XIX, viajar para além do litoral, pelo interior do Brasil, era ainda uma tarefa difícil e onerosa. Isso porque, além da própria coragem individual do viajante, isto é, o “desejo pelo desconhecido, a vontade de conquistar, de penetrar naquilo que é virgem, indevassável, intocado”³⁵¹, dispensava-se também uma rede de colaboradores para se lançar em uma região cujos caminhos e trilhas interiores estavam ainda mal delineados dos mapas oficiais europeus e brasileiros.³⁵² Como colocado acima, tanto a política de restrição imperial quanto as condições físicas de intercomunicação do interior do país influíram para uma circulação mais restrita de pessoas. Esse posicionamento persiste mesmo após a independência do Brasil e pode ser observado quando se nota que a maioria dos viajantes naturalistas que

³⁵¹ SEVCENKO, Nicolau. O Front Brasileiro na Guerra Verde: Vegetais colonialismo e cultura. In: **Revista USP: Brasil dos Viajantes**. N. 9, 1996, p.110.

³⁵² Como esclareceu Martius acima, o mapa mais conhecido da primeira metade do século XIX era o mapa geral América do Sul, de Aaron Arrowsmith. Cf. ARROWSMITH, Aaron, 1750-1833. Map of Brazil and Paraguay with the adjoining countries / A. A. Arrowsmith del.t. - Escala [ca. 1:14 000 000]. - 1 mapa: água-forte, p&b ; 40,9x40,4 cm em folha de 42,5x43,2 cm. In: **History of Brazil** / By Robert Southey. - London : Printed for Longman [etc.], 1817. - Parte II, [mapa inserido entre f. XVI e p. 1]. Disponível em: <http://purl.pt/103/1/catalogo-digital/registo/043/043.html>. Acessado em: 04.04.2014

visitaram o Brasil durante a primeira metade do Oitocentos se concentraram em espaços litorâneos, como deixa entender o célebre naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire na seguinte passagem de sua narrativa de viagem ao Brasil, em 1819:

J'ai dit, dans la relation de mon Voyage sur le litoral du Brésil, qu'après m'être embarqué à Villa da Victoria j'étais arrivé à Rio de Janeiro au bout de quatre jours. Bientôt je m'occupai à faire de nouveaux préparatifs pour aller visiter provinces de Goyaz, Saint-Paul, Sainte-Catherine et Rio Grande do Sul. **Avant de parcourir la côte, j'avais demandé au ministère portugais un passe-port qui me permit d'étendre mes voyages jusqu'à Matogrosso ; mais l'entrée de cette province m'avait été interdite, sans doute par un reste de cette défiance qui avait porté, pendant si longtemps, le gouvernement du Portugal à éloigner les étrangers de sa riche colonie.** Au reste, quoiqu'il me fût défendu de franchir les frontières de Goyaz, on laissait encore à mes chercheurs un champ assez vaste.³⁵³

A declaração do naturalista francês deixa claro que, para alguns estrangeiros que buscaram penetrar o interior do país, quase sempre havia pela frente o desafio de superar tanto imperativos ambientais e geográficos quanto assuntos que se remetiam a interesses diplomáticos, oficiais e de carreira. Tal aspecto pode ser considerado quando se observa que a abertura dos portos não significou que todo o território da ex-colônia portuguesa concedesse plenamente total liberalidade para estrangeiros. É preciso então levar em conta algumas dessas variáveis que definiram, por exemplo, negar ou conceder portarias reais de permissão para entrada de estrangeiros em territórios distantes do litoral, como a que segue permitindo a Spix e Martius sair do Rio de Janeiro:

Manda El Rey Nosso Senhor a todas as Autoridades Militares ou Civis a quem esta for apresentada e ou se não ponha embaraço algum à livre jornada de Mrs, Spix e Martius, Membros da Academia Real das Sciencias de Munich, aos quaes Sua Magestade tem concedido permissão necessária para viajar em qualquer parte dentro dos limites desta Capitania do Rio de Janeiro. E determina Sua Magestade, que lhes preste nessa sua degração toda assistência e auxílio de que

³⁵³ SAINT-HILAIRE, M. Aguste. **Voyages dans L'interior du Brésil: Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz.** Tome Premier. Paris: Arthur Bertrand, Libraire-Éditeur, 1847. "Escrever minha viagem pelo litoral do Brasil, que após ter embarcado na Vila de Vitória cheguei ao Rio de Janeiro ao fim de quatro dias. Em breve vi-me ocupado com os preparativos para outra viagem às Províncias de Goiás, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. **Antes de percorrer o litoral eu tinha requisitado às autoridades portuguesas um passaporte que me permitisse estender o meu roteiro até Mato Grosso. Entretanto a entrada nessa província me foi interdita, talvez devido a uns restos de antiga desconfiança que havia levado durante longo tempo o governo de Portugal a afastar estrangeiros de sua rica colônia.** Não obstante, e embora não me fosse permitido atravessar as fronteiras de Goiás, ainda me restava um campo bastante vasto para as minhas pesquisas." SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1975, p. 21.

precisar, logo que o pedir. Palacio do Rio de Janeiro, em 12 de setembro de 1817. – João Paulo Bezerra³⁵⁴

Como vem sendo reiterado pela historiografia do Brasil, o rígido protecionismo lusitano em relação à entrada de estrangeiros no Brasil foi descontinuado com a crise política na qual mergulhou a Coroa portuguesa na primeira década do século XIX. Um dos principais desfechos dessa crise foi a transferência da sede do governo metropolitano para a capital de sua ex-colônia, o Rio de Janeiro, em 1808. Após a instalação da corte portuguesa, a primeira medida tomada por D. João foi a abertura dos portos, ainda em “caráter provisório”. Como se sabe, esses eventos operaram importantes transformações no cenário cultural da América Portuguesa, a começar pelo favorecimento “das transações comerciais e um maior intercâmbio cultural com estrangeiros.”³⁵⁵ Além disso, essa configuração promoveu reformas urbanas, criação de instituições de ensino, como, por exemplo, a Escola de Cirurgia, o Passeio Público e a Construção do Teatro São João em 1808 na cidade de Salvador, Bahia, e, depois, a criação do Jardim Botânico (1808), da Biblioteca Nacional (1810), da Escola Real de Belas Artes (1816) e da Imprensa Régia (1808) na nova sede do Império Português, no Rio de Janeiro. Configuração que impulsionou a entrada de estrangeiros no país por diversas razões – aventureira, diplomática, comercial, militar, científica, entre outras.³⁵⁶

No entanto, é preciso matizar esse processo. Apesar de muitos estudos terem enfatizado o ano de 1808 como crucial para a entrada de um crescente número de estrangeiros no país, atraídos para estudar a fauna e a flora brasileira, ainda assim, um levantamento, mesmo parcial, sobre viajantes estrangeiros que passaram pelo país demonstra que somente quando foi alcançada a derrocada da Revolução Francesa e Napoleão - portanto, pós 1815 - as missões científicas encontraram condições mais favoráveis de viagem. Por isso, lembra Kirsten Shultz, ao criar o Reino Unido, em 1815, a Coroa celebrava ainda a derrota da Revolução Francesa. Antes disso, sabe-se que a população de viajantes naturalistas de outros países que conseguiram permissão para coletar no país era muito restrita, entre os quais, é possível destacar as seguintes trajetórias: o germânico Friedrich Wilhelm Sieber e o britânico John Mawe.

³⁵⁴ PAPAVERO, Nelson. **Essays on the History of Neotropical Dipterology**. São Paulo: USP, 1971, p.98.

³⁵⁵ LIMA, Carolina C. R. Literatura de Viagem em periódicos cariocas (1808-1836). In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH – São Paulo, julho, 2011, p.1.

³⁵⁶ LISBOA, op. cit. p. 22.

O primeiro tratava-se de um coletor de origem germânica que chegou ao Grão-Pará em 1801, após obter do Rei de Portugal uma permissão de viagem considerada inédita. Como demonstraram os estudos de Nelson Pappavero e Magali Sá, Sieber foi enviado por Johann Centurius, conde de von Hoffmannsegg, o qual, aproveitando-se de laços de amizade que possuía com o Rei de Portugal, conseguiu permissão para enviar Sieber à colônia portuguesa da América. O naturalista alemão partiu para o Brasil obedecendo a estritas instruções de Centurius para coletar espécies de insetos que eram de seu interesse. Na região do Grão-Pará, Sieber permaneceu por 12 anos em constante atividade de coleta, não apenas nas vizinhanças de Belém, mas também em outras partes do Pará e Rio Negro, a saber: ao longo do Rio Amazonas, nas proximidades da foz do Tocantins, Cametá, Monte Alegre, Santarém, Óbidos e ao longo do Rio Negro. Seus esforços conseguiram reunir uma significativa coleção de espécimes que foram enviadas ao conde especialmente entre os anos de 1806 e 1809.

Por sua vez, o britânico John Mawe, diferente de Sieber, percorreu o país esquadrinhando possibilidades comerciais e as regiões onde havia extração de metais e pedras preciosas. Sendo um dos resultados de suas pesquisas mais eloquentes sobre o Brasil, o desenho de um mapa, o qual ilustra sua narrativa de viagem, publicada em 1812, na Inglaterra.



Figura 12. Fonte: MAWE, Jonh. Travels in the interior of Brazil. London: Printed For Longman, 1812.

Segundo informa o estudo de Fábio Adriano Hering, Mawe era um “conhecido colecionador e comerciante de pedras preciosas de Londres, célebre por seus mostruários geológicos (ambicionados por investidores no setor de mineração e pelos monarcas ibéricos)”.³⁵⁷ Em sua atividade de extração geológica, Mawe mantinha uma rede de colaboradores especialistas em mineralogia na Inglaterra e na França e administrava ainda “uma respeitada loja em Covent Garden, Londres (recheada, depois de seu regresso do Brasil, com pedras e amostras dos minérios brasileiros).”³⁵⁸

Por essa razão, as regiões alcançadas por Mawe no Brasil entre 1807 e 1811 restringiram-se a uma extensão que cobria pontos onde havia se constituído a base da economia e de maior concentração demográfica do país: da região do Canta Galo, no Rio de Janeiro, ao vale do Piratininga, São Paulo; do distrito diamantino que segue de Minas Gerais até as províncias centrais de Mato-Grosso e Goiás. Mawe chegou ao país atravessando o Rio da Plata na condição de refugiado dos movimentos decorrentes da invasão inglesa na Argentina, ocorrida entre 1806 e 1807. Nessa ocasião, do mesmo modo que D. João ordenou em 1809 a ocupação de Caiena na Guiana Francesa, a Grã-Bretanha havia invadido Buenos Aires como forma de represália à Coroa espanhola aliada da França. No entanto, os combatentes ingleses foram rechaçados pelas milícias que compuseram a resistência local argentina. Assim, a mobilização “popular” não só derrotou o projeto inglês como, também, estimulou o “ativismo popular” que impulsionou o movimento de independência argentino de 1810.

Não obstante, conforme aponta sua narrativa de viagem, ao chegar ao Rio de Janeiro, Mawe foi beneficiado por laços diplomáticos entre Portugal e Inglaterra: recebeu especial proteção do Conde de Linhares, sendo apresentado ao príncipe regente D. João VI como um devotado mineralogista que desejava explorar e conhecer amplamente as riquezas e extensão do domínio português. Por sua vez, conforme Mawe, a realeza portuguesa não apenas concedeu-lhe inédita permissão para viajar por possessões vedadas a outros estrangeiros, como ainda concedeu benefícios de patronagem, como explicita o explorador em sua narrativa de viagem publicada em 1812:

His Royal Highness was graciously pleased to further pleased my views, not only by granting me letters to the public functionaries of the various places I wished to visited, but by ordering an escort of

³⁵⁷ HERING, Fábio Adriano. Os Viajantes Ingleses e a Representação do Brasil: A Cartografia do Ouro das Minas Gerais (1809-1867) (Parte 1). In: **história e-história**. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&ID=126>. Acessado em: 02.05.2013.

³⁵⁸ Ibidem.

soldiers, and every other necessary provision for performing the journey. I had the more reason to be grateful for this munificent patronage, because I knew that a decree existed prohibiting all foreigners from travelling in the interior of Brazil, and that no other Englishman had ever begun such an undertaking with those indispensable requisites to its success, the permission and sanction of the Government.³⁵⁹

A despeito dessas trajetórias, somente quando o Velho Continente celebrou a paz entre as potências europeias, o Brasil assistiu à entrada de uma população maior de europeus vinculada a instituições do saber – jardins e gabinetes reais, museus, universidades. Foi nessas condições que os portos do Rio de Janeiro e a Corte “precariedade instalada” receberam a controversa “Missão Artística Francesa”³⁶⁰ no dia 26 de março de 1816 e, no ano seguinte, a missão “científico-artística” em junho de 1817. A primeira, segundo a versão oficial³⁶¹, chegara ao país a convite da corte portuguesa a fim de formar uma “cultura artística” e refinar os costumes urbanos em sua ex-colônia da América. Tal expedição era constituída dos seguintes profissionais segundo levantamento realizado por Ricardo Trevisan:

Joachin Lebreton (chefe), Nicolas Taunay (pintor), Auguste Marie Taunay (escultor), Jean Baptiste Debret (pintor de história), Grandjean de Montigny (arquiteto), Simon Pradier (gravador), Segismund Nuekomm (compositor, organicista e mestre de capela) e Frações Ovide (engenheiro mecânico).³⁶²

Conforme Trevisan, além desses nomes, a missão contou ainda com um grupo de auxiliares de menor prestígio. Como resultado mais evidente da inserção desses profissionais franceses ao país está a fundação da Academia de Belas-Artes do Rio de Janeiro em 1826.

Por sua vez, a missão austríaca, como já salientado em capítulo anterior, havia sido organizada pelo Museu de História Natural de Viena e seguiu para o país

³⁵⁹ MAWE, Jonh. **Travels in the interior of Brazil**. London: Printed For Longman, 1812, p.2.

³⁶⁰ As motivações, origens e mesmo resultados da missão francesa no Brasil continuam a ser assunto bastante debatido na historiografia e no qual não se estabeleceu um consenso. Ver ALAMBERT, Francisco. Portugal e Brasil na crise das artes: da abertura dos portos à Missão Francesa. In: OLIVEIRA, Valente de; RICUPERO, Rubens (org). **A Abertura dos Portos**. São Paulo: SENAC, 2008. TREVISAN, Anderson Ricardo. Debret e a missão artística francesa de 1816: aspectos da constituição da arte acadêmica no Brasil. In: **Plural**, Revista de Ciências Sociais, São Paulo, n° 14, 2007.

³⁶¹ Conforme Anderson Trevisan, a chegada da Missão Artística Francesa em 1816 no Brasil ainda rende acaloradas discussões sobre suas origens. A razão da controvérsia está em responder a seguinte questão: “teriam os franceses vindo ao Brasil a convite da corte brasileira, sob a forma de uma missão, a fim de ‘criar uma cultura artística, de mudar o estilo arquitetônico, assim como embelezar e higienizar os costumes urbanos’ [...] ou antes teria sido isso uma iniciativa dos próprios franceses, uma vez que, sendo antigos aliados de Napoleão, não tinham outra opção senão o exílio?” Ibidem, pp.12-13.

³⁶² Ibidem, p.13.

acompanhando o séquito da arquiduquesa Leopoldina por conta de seu casamento com o príncipe português Pedro I. Dos profissionais que seguiram com o intuito de explorar o país, havia homens com distintas especialidades: naturalistas, desenhistas, pintores. A iniciativa tinha como prioridade, desde o início, explorar o interior do Brasil, visto que, até então, essa parte do país se configurava como desconhecida. Logo, uma viagem para o Brasil prometia uma abundância de objetos – plantas, animais, minerais – inéditos em exposições e acervos de museus imperiais europeus.

Assim, pode-se aferir que um dos aspectos que desenha contornos únicos a esse período, sem dúvida, é a entrada no país de um crescente³⁶³ número de indivíduos de outros países cujos interesses não se limitaram a explorar as potencialidades da natureza com propósitos geopolíticos e econômicos. Muitos viajantes naturalistas foram atraídos para a ex-colônia portuguesa para estudar a fauna e a flora brasileiras. Neste sentido, a missão dos bávaros Spix e Martius é considerada exemplar. Conforme explicita Karen Lisboa, o itinerário da missão dos naturalistas - financiados e apoiados por seu monarca - foi traçado com vistas a coletar material da botânica, da zoologia e da etnografia para os museus e instituições de história natural de seus países, cujos resultados construiriam conhecimento inédito sobre as possessões portuguesas da América do sul. Com esse objetivo, Spix e Martius, ao lado de outros naturalistas e pintores austríacos enviados pelo Imperador do país, Francisco I, partiram do porto de Trieste, a bordo da fragata *Áustria* em abril de 1817, chegando ao Rio de Janeiro em julho do mesmo ano.³⁶⁴ Karen Lisboa observa, ainda, que Spix e Martius buscaram traçar um itinerário de viagem após estudo dos trajetos tomados por outros viajantes entre os quais a autora destaca os seguintes exploradores:

John Mawe (Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Diamantino) Wilhelm Ludwig Von Eschwege (Vila Rica, oeste do Rio São Francisco, Rio Abaeté); Príncipe Wied Von Neuwied, G. W. Freyeiss e Friedrich Sellow (costa do Rio de Janeiro até a Bahia); Auguste Saint Hilaire (Rio de Janeiro e Minas Gerais) e Georg

³⁶³ No entanto, embora em menor número, não se pode esquecer outros estrangeiros que conseguiram vistos de entrada para o Brasil com fins naturalistas antes da abertura dos portos. Conforme Nelson Papavero, embora a expedição de Humboldt tenha sido barrada pela Coroa Portuguesa, no fim do século XVIII, Johan Centurius, conde Von Hoffmannsegg, foi capaz de influenciar o Rei de Portugal para obter uma permissão inédita para enviar seu assistente e preparador Friedrich Wilhelm Sieber ao Brasil. PAPAVERO, Nelson. *Essays on the History of Neotropical Dipterology*. Vol. São Paulo, USP: Museu de Zoologia, 1971, p.47-48.

³⁶⁴ LISBOA, Karen M. *A Nova Atlântica de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: HUCITEC-FAPESP, 1996, p.21.

Heinrich Von Langsdorff (Vila Rica, província de Minas Gerais e Salgado no Rio de Janeiro e Província do Pará).³⁶⁵

Lisboa aponta que, a partir do exame dessas rotas tomadas por outros exploradores que percorreram o interior do Brasil quase no mesmo período, ambos elaboraram um plano de exploração que se destinava a cruzar uma ampla extensão do país: explorando desde o sul e o noroeste, passando pelo litoral, até a bacia do Amazonas. Spix e Martius chegaram ao Pará em 1819 e, desse ponto, atravessaram a bacia do Amazonas zigzagueando por entre vários pontos e rios: de Belém, desceram o baixo Amazonas até Barra do Rio Negro, atual Manaus; dali seguiram até a vila de Ega (atual Tefé), Tabatinga, fronteira com a atual Colômbia, regressando à Barra do Rio Negro (Manaus), de onde subiram pelo próprio Rio Negro até alcançar a bacia do Japurá. Retornaram a Belém em 1820 de onde voltaram à Europa levando uma extensiva coleção botânica, zoológica e etnográfica.

Sobre esse itinerário de viagem, é preciso frisar os seguintes aspectos: 1) Em 1817, as representações cartográficas que os europeus detinham sobre o interior do Brasil possuíam importantes lacunas ainda não desvendadas pelos cartógrafos europeus, sendo conhecida apenas a parte leste do litoral da ex-colônia portuguesa da América; 2) Com a exceção do itinerário tomado por Langsdorff, seus colegas acima relacionados não alcançaram o extremo norte do país; 3) a pouca atenção dada ao extremo norte do Brasil por viajantes até a segunda década do Oitocentos se deveu não somente à falta de interesse que o extremo norte despertava como ocorreu, sobretudo, porque até a segunda metade do século XIX, para cruzar alguns trechos dos rios que davam acesso à região amazônica, era preciso obter certas autorizações e contar com ajuda material e humana das estruturas locais para atingir regiões consideradas desconhecidas e de difícil acesso ao homem europeu.

Nesse sentido, ao se investigar as circunstâncias que levaram alguns daqueles estrangeiros a escolher determinados roteiros de viagem, é preciso considerar os vínculos institucionais e as origens sociais desses indivíduos com as estruturas de poder vigentes que auxiliaram algumas expedições pelo país; e que no caso da região amazônica, mesmo após a independência, o governo imperial deu continuidade a medidas protecionistas na região, as quais não autorizavam a livre passagem pelos rios

³⁶⁵ LISBOA, Karen M. Viagem pelo Brasil de Spix e Martius: Quadros da Natureza e Esboços de uma Civilização. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vl. 15, nº29, 1995, p. 75.

da bacia do Amazonas a qualquer estrangeiro³⁶⁶; possivelmente essas limitações podem ter atuado como um importante obstáculo para algumas iniciativas que pretendiam alcançar o extremo norte.

Pode-se ainda apreciar essa realidade da expedição empreendida no Brasil pelo austríaco Johan Natterer. Após chegar em 1817 ao Rio de Janeiro, conjuntamente com o séquito da arquiduquesa Leopoldina, Natterer seguiu o seguinte destino: atravessou os planaltos centrais (Goiás) até a Província de Mato Grosso. A partir desse ponto, seguiu em direção ao norte até alcançar a bacia do Amazonas, por onde percorreu seus tributários Rio Negro e Rio Branco, alcançando a fronteira com a Venezuela e a Colômbia. O zoólogo percorreu o interior do país por 18 anos (1817-1836), cobrindo uma extensa área de coleta, sobretudo, na bacia do Amazonas, na qual trabalhou desde 1820. E foi nessa região que o zoólogo aderiu a práticas locais, reunindo, por exemplo, grupos indígenas de caçadores especializados e suas armas, cujos métodos de caça demonstraram ser mais apropriados a seus objetivos de coletor. Como observou Kurt Schmutzer, as flechas e tubos de sopro indígenas, por exemplo, tinham a vantagem de alvejar a presa silenciosamente, além de causar menos danos físicos ao animal.³⁶⁷ Assim, pode-se entender que as expedições científicas no Brasil estavam atreladas aos interesses de monarquias e suas instituições financiadoras; é possível também observar que a prática de campo em regiões não europeias fora constituída por meio de uma série de negociações locais.

Por outro lado, essas expedições confirmam que, embora os ingleses tenham recebido especial receptividade por parte do governo português, os alemães³⁶⁸ foram os pioneiros na exploração em história natural na região amazônica. Segundo Magali Romero de Sá, desde as primeiras décadas do século XIX, missões financiadas pela coroa britânica não tinham objetivos explícitos em história natural, mas se preocupavam basicamente em explorar a região com fins geográficos estratégicos. Como revela às expedições dos britânicos Henry Lister Maw, (1827-1828) e W. Smith (1836)³⁶⁹ –

³⁶⁶ REIS, Arthur Cesar Ferreira. **A Amazônia e a Cobiça Internacional**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Manaus: Superintendência da Zona Franca de Manaus, 1982, pp. 65-97.

³⁶⁷ SCHMUTZER, Kurt. Metamorphosis between field and museum: collections in the making. In: **HOST**, Vol.5, Spring, 2012, pp.71-72.

³⁶⁸ Conforme Sá, a precedência teve início em 1801, quando um conde alemão chamado Johan Centurius, aproveitando-se de suas boas relações com o rei de Portugal, enviou à região amazônica seu servo e preparador de história natural, Friedrich Wilhelm Sieber, que coletou na região por 12 anos. Foi somente em 1819, 6 anos depois de Sieber, que Spix e Martius chegaram à região (Romero Sá, 1995, p.24).

³⁶⁹ Cf. REIS, Arthur Cesar Ferreira. **A Amazônia e a Cobiça Internacional**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Manaus: Superintendência da Zona Franca de Manaus, 1982.

ambos oficiais da marinha real britânica –, seus objetivos e rotas de viagens são declaradamente muito semelhantes: foram destinados a atravessar a região Amazônica desde os Andes, a fim de comprovar a importância da navegabilidade do rio Amazonas e encontrar a rota de ligação entre o Atlântico e Pacífico na América do Sul.³⁷⁰ Por essa razão, o roteiro de viagem de ambos foi percorrido no sentido Leste-Oeste: ambos Partiram de Lima e entraram na parte brasileira do rio Amazonas por Tabatinga. A partir de Tabatinga, a exploração dos dois oficiais percorreu o mesmo rio até a cidade da Barra (Manaus). De Manaus, seguiram para Santarém e Belém. Em Belém, os estrangeiros pegaram embarcação até o litoral do Grão-Pará – Salinas – para seguir em direção ao Atlântico norte até os portos ingleses.

No entanto, diferente da missão dos bávaros e da missão austríaca, a missão de Maw não obteve a mesma receptividade por parte das autoridades do Império brasileiro. Segundo o oficial britânico, mesmo identificando-se como portador de tal autoridade, ele foi tratado com desconfiança pelos agentes oficiais responsáveis pelo visto de seus passaportes. Além de ter suas origens e seus objetivos de viagem inquiridos pelos agentes locais, Maw e seu companheiro, Mr. Hinde, foram detidos pelo comandante do distrito. Segundo Maw “[...] during the night, and with due zeal and ability made us prisoners when asleep!”³⁷¹ Eventos semelhantes a esse foram enfatizados pela maioria dos estrangeiros que visitaram a região. De maneira que, em quase todos os testemunhos escritos publicados sob a forma do gênero literatura de viagem, foi enfatizada a tensão que havia entre o estrangeiro-viajante e a burocracia da alfândega brasileira sobre a permissão de percorrer os vários rios situados na região amazônica. Além disso, deve-se ressaltar que os trechos que exigiam certas autorizações de passagem estavam situados para além da bacia do rio Amazonas, estendendo-se até a região de Goiás, Maranhão, onde está localizado o curso do rio Tocantins.³⁷²

³⁷⁰ Ver: MAW, Henry Lister. **Journal of a passage from the Pacific to the Atlantic, acrossing the Andes in the Northern provinces of Peru, and Andes in the northern provinces of Peru, and descending th river Marañon, or Amazon.** London, 1829.

³⁷¹ Ibidem, p.347. “Durante a noite e com o devido cuidado e habilidade, fizeram-nos prisioneiros enquanto dormíamos.” Tradução minha.

³⁷² Seguindo em direção ao norte, o Rio Tocantins, cuja nascente está localizada em Goiás, chega até a foz da baía do Marajó (Pará) desembocando no rio Pará. Em seu curso, localizam-se 2 importantes biomas brasileiros, a saber: a floresta Amazônica ao norte e o Cerrado ao sul. Sobre este aspecto, observa-se importantes intervenções realizadas ao longo do século XX na paisagem do rio, como foi a construção da usina de Tucuruí e da rodovia Belém-Brasília. Do encontro com o rio Araguaia entre o Tocantins, o Maranhão e o Pará, forma-se a Bacia Tocantins-Araguaia. Ela é considerada a maior bacia hidrográfica nascida somente em território brasileiro. Esta bacia além de chegar aos estados acima citados se estende também pelos estados de Mato Grosso e Distrito Federal.

Contudo, se por um lado, foram objetivos geográfico-estratégicos e comerciais que levaram aqueles britânicos a atravessar o rio Amazonas desde o Peru até a capital do Grão-Pará, Belém, na primeira metade do século XIX, foi somente a partir de 1848 que viajantes ingleses buscaram mais sistematicamente a região para coletar fatos da botânica e da zoologia para interessados em história natural. Assim, embora se reconheça que a atividade de naturalistas britânicos na região tenha começado com John Burchell, em 1829, o qual coletou na região por oito meses - seguido por W.H.B. Webster, que percorreu por um mês e seis dias a região em 1830 -, considera-se que, a partir da chegada e da experiência de coleta na região de Henry Bates, Alfred Wallace e Richard Spruce, o espaço amazônico tenha passado a ser uma rota de especial interesse para a história natural britânica.

CAPÍTULO III

3. CIÊNCIA *OUTSIDER*: ALFRED RUSSEL WALLACE E OS CAMINHOS INFORMAIS DA HISTÓRIA NATURAL

Alguns estudiosos têm afirmado que, a partir do trabalho de campo realizado no Arquipélago Malaio – hoje, Indonésia e Nova Guiné –, o britânico Alfred Russel Wallace teria transformado seu *status* de “desconhecido coletor de espécies” para “afamado naturalista”. Neste sentido, Jane Camerini, apropriadamente, caracterizou o período prolongado de trabalho de campo de Wallace – durante oito anos viajando e coletando no Arquipélago Malaio – como uma “passagem crítica” pela qual Wallace teria se transformado de homem de classe média baixa, coletor amador ou aspirante a filósofo da natureza, em um reconhecido produtor de conhecimento científico.³⁷³ Em princípio, porque foi nesse espaço que o naturalista teria reunido os meios mais propícios para realizar uma preciosa e rentável coleção de espécies – como a ave do Paraíso e a borboleta asa-de-ave dourada (*Ornithoptera croesus*). Outra razão para a história do “triumfo” de Wallace no Arquipélago Malaio se relacionaria com o clássico evento da “descoberta” da teoria da origem das espécies: enquanto Wallace recuperava-se de acessos de febre provenientes da Malária, enviou uma carta para o então famoso naturalista Charles Darwin. O conteúdo da carta continha o esboço da teoria sobre a origem dos seres vivos e pedia que Darwin avaliasse sua ideia e a levasse para ser publicada.³⁷⁴

Outros especialistas, contudo, afirmam que a carreira “bem sucedida” de Wallace em história natural não se limitaria ao evento de coautoria da evolução das espécies. Sua experiência na região da Indonésia e Nova Guiné guiaram suas reflexões para que concebesse, por exemplo, os pilares de uma nova disciplina: a biogeografia. Sendo assim, o grande interesse de Wallace pela distribuição de animais – incluindo os seres humanos –, aliado a sua meticulosa apreciação sobre o ambiente natural, teria atuado, segundo os estudos de Sandra Knapp e David Quammen, de modo a lhe

³⁷³ CAMERINI, Jane R. Wallace in the Field. In: *Osiris* 11: 44–65, 1996.

³⁷⁴ FERREIRA, Ricardo. **Bates, Darwin, Wallace e a teoria da evolução**. Brasília/São Paulo, Editora da UnB/Edusp, 1990; BROWNE, Janet. **Charles Darwin. O poder do lugar**. São Paulo: Aracati/Unesp, 2011. RABY, Peter. **Bright Paradise: Victorian Scientific Travellers**. New Jersey: Princeton University Press, 1996; RABY, Peter. **Alfred Russel Wallace: A Life**. New Jersey: Princeton University Press, 2002; SLOTTEN, Ross A. **The Heretic in Darwin's Court: The Life of Alfred Russel Wallace**. New York: Columbia University Press, 2004; KANAPP, Sandra. **Footsteps in the Forest: Alfred Russel Wallace in the Amazon**. London: The Natural History Museum, 1999.

transmitir os *insights*³⁷⁵ necessários para desenvolver a questão primordial de seu interesse pelo mundo natural, a saber: como e por que os seres vivos se originaram no tempo e no espaço?³⁷⁶ Com isso, Wallace foi alçado a figura importante para a história da biologia, devido à composição de uma teoria na qual apontava a existência de uma fronteira biótica que separava os seres vivos da Ásia e da Austrália, que ficou conhecida como *Wallace's Line*.³⁷⁷ Essa caracterização geográfica estava baseada no período de observação passado no arquipélago ao sul da Ásia – entre 1854 e 1862 –, onde o naturalista britânico notou que havia biotas distintas que individualizavam o ambiente das ilhas de Bali de Lombok, Bornéu de Celebes.³⁷⁸ Assunto que foi mais profundamente desenvolvido pelo naturalista na sequência de seu trabalho sobre a distribuição da fauna, com a publicação *Island Life*,³⁷⁹ já em 1880. Nesse livro, Wallace explicita que havia voltado sua atenção para o estudo dos biomas de ilhas por duas razões: a primeira, porque se tratavam de áreas restritas, com fronteiras bem definidas e cujos limites geográficos e biológicos, percebeu, coincidiam convenientemente; outra razão foi a de que essas características favoreceram pensar nesse ambiente como um laboratório para a evolução das espécies. Com isso, ele explicou como os organismos se dispersaram, sofreram modificações e passaram a ocupar ambientes insulares. A partir da apresentação de dados abundantes, demonstrou que grupos isolados e dispersos encontrados nas ilhas seriam antepassados de espécies que, uma vez generalizadas, foram preservadas em algumas localidades onde havia condições físicas propícias para sua sobrevivência e a intensidade de concorrência interna tinha diminuído significativamente em comparação com a concorrência enfrentada pelas espécies nos continentes.

No entanto, de acordo com Jean-Marc Drouin, embora o interesse pelo estudo da geografia das animálias tenha ganhado mais importância com Wallace, a biogeografia – vocábulo projetado somente em 1900 – estava na esteira das questões levantadas por

³⁷⁵ Conforme David Quammen, entende-se por biogeografia “o estudo dos fatos e padrões de distribuição das espécies. É a ciência que se ocupa de onde os animais e plantas estão e onde não estão.” QUAMMEN, David. **O Canto do Dodô**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.17.

³⁷⁶ Cf. KNAPP, Sandra. **Footeps in the forest: Alfred Russel Wallace**. London: The natural history museum, 1999, p.5.

³⁷⁷ Cf. CAMERINI, Jane. *Evolution, Biogeography and Maps: An Early History of Wallace's Line*. In: **Isis**, 1993.

³⁷⁸ Cf. CAMERINI, Jane. **Evolution, Biogeography and Maps: An early of Wallace's Line**. In: *Isis* 84: 700–727 1993; VETTER, Jeremy. **Wallace's Other Line: Human Biogeography and Field Practice in the Eastern Colonial Tropics**. *Journal of the History of Biology* (2006) 39: 89–123.

³⁷⁹ WALLACE, Alfred Russel. **Island Life**. London: Macmillam and Co., 1880.

filósofos da natureza do século XVIII, tais como Linné e Buffon, e de princípios do século XIX, tais como Augustin de Candolle e Alexander Von Humboldt. Nestes termos, deve-se considerar que tanto a geografia das plantas quanto a dos animais possuem filiações com a ideia de economia da natureza, concepção promulgada ainda no século XVIII por Carl Linné. Além disso, o movimento contínuo de reconhecimento de espécies por “sábios” europeus derivava, ainda, da expansão colonial europeia, visto que os empreendimentos de viagens e de exploração efetuados por europeus em outros continentes a partir do século XVI e intensificados nos séculos XVII e XVIII levaram a modificar “em poucos decênios a escala de grandeza do mundo vivo.”³⁸⁰ Em resumo, se, por um lado, pode-se apontar que o afluxo de espécimes “de todas as partes do mundo” trazidos por viajantes para Europa levou – quase sempre – os “sábios” que “não viajavam” a se dedicarem a inventariar, classificar e sistematizar a fauna e a flora do mundo, por outro, a reunião de “fatos” – mantidos em herbários, jardins botânicos e gabinetes de história natural – resultou em novos questionamentos sobre a distribuição das plantas e dos animais ao longo do planeta que caracterizaram muitos textos do princípio do século XIX. Entre os quais, talvez, o mais “explícito”, segundo Drouin, esteja em uma “brochura publicada em Genebra em 1821 e redigida por Augustin-Pyramus de Candolle.”³⁸¹ Na obra, o autor conclamava todos os botânicos da região piemontesa “a conjugarem esforços na realização de uma ‘Flora físico-geográfica’ da sua região.”³⁸² Antes disso, conforme Camerini, o próprio Lamarck já havia proposto a Candolle organizar uma terceira edição de sua obra *Floire Française* em 1802. Candolle logo descobriu que tanto seu próprio herbário quanto o de seus colegas botânicos - L’Héritier, Lamarck, Delessert, Desfontaines e Jussieu - eram insuficientes para realizar as revisões detalhadas que pretendia na obra de Lamarck. Por isso, o botânico francês organizou uma rede de correspondentes por toda a França a fim de aprender sobre a flora local. Quando a *Floire Française* foi concluída, em 1805, Candolle, além de ter organizado um sistema de classificação natural maior que o feito pelos seus pares franceses, Adanson e Jussieu, havia acrescentado mais de duas mil espécies à flora original de Lamarck. Essa revisão teve como um dos resultados mais originais a incorporação de aspectos geográficos na descrição das plantas no *Floire Française*, os

³⁸⁰ DROUIN, Jean-Marc. **Reinventar a Natureza: A ecologia e sua história**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991, p.43.

³⁸¹ Ibidem, p.49.

³⁸² Ibidem, p.49.

quais foram apresentados por meio de um mapa cuja data de confecção corresponderia ao ano de 1805.³⁸³

Contudo, classicamente, muitos historiadores têm enfatizado que o ponto alto para consolidar o programa da geografia botânica floresceu em 1805, com a publicação do *Essai sur la Géographie des Plantes*, de Humboldt. Publicado originalmente em francês e depois traduzido para o alemão e o inglês em 1807, o ensaio enfatizava não apenas a identidade das espécies observadas em diferentes zonas de elevação como também a aparência global ou “fisionomia” de cada zona visitada, bem como a “repartição dos vegetais segundo a altitude, as zonas geográficas, os fatores físicos em geral.”³⁸⁴ De acordo com Drouin, devido ao fato de Humboldt se apoiar em parâmetros físicos (temperatura, umidade etc.) e espaciais (altitude, latitude etc.) para explicar a fisionomia geral tanto da vegetação quanto dos animais – incluindo o homem –, pode parecer, à primeira vista, que o naturalista restringiu-se aos parâmetros mecanicistas e quantificáveis que dominavam o modelo de ciência francesa da época. Porém, sua originalidade consiste em lançar mão desses métodos – isto é, a medida, a quantificação e as causas físicas – para buscar a “compreensão global e sensível da realidade”, aproximando-se, assim, de outra corrente filosófica que é geralmente associada a Goethe.³⁸⁵ Nessa perspectiva, houve uma recusa consciente em perceber a realidade separando o lado estético, cuja caracterização se sobressai nos quadros pintados por artistas, do mundo físico quantificável, revelado pelos homens da ciência em seus gabinetes ou laboratórios. A partir desses pressupostos, Humboldt afirmou que a fisionomia da natureza de uma região reside “na beleza absoluta das formas”, “na harmonia e no contraste que nascem do seu conjunto”, cujos princípios podem ser explicados pela textura das plantas, pela vivacidade das cores, segundo a mistura química dos elementos e a força estimulante dos raios solares.”³⁸⁶

Assim, embora o presente trabalho não seja dirigido especificamente ao conceito de distribuição biogeográfica e às teorias evolutivas que balizaram os estudos iniciais³⁸⁷ de Wallace, acredito que seja importante observar que os caminhos percorridos por seu

³⁸³ Cf. CAMERINI, Jane Roudier. **Darwin, Wallace and Maps**. Dissertação de Ph.D. Madison: The University of Wisconsin, 1987, p.35-37; Browne, Janet. **The Secular Ark: Studies in the History of Biogeography**. New Haven: Yale University Press, 1983.

³⁸⁴ Drouin, Jean-Marc. **Reinventar a natureza**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991, p.57.

³⁸⁵ Ibidem, p.58.

³⁸⁶ Ibidem, p.58.

³⁸⁷ Cf. CAMERINI, Jane Roudier. **Darwin, Wallace and Maps**. Dissertação de Ph.D. Madison: The University of Wisconsin, 1987.

pensamento possuem filiações e influências de um amplo debate em relação à natureza que estava em voga no período anterior a sua atividade como naturalista. Por outro lado, como pretendo enfatizar a seguir, não apenas alguns dos diversos temas retratados por Wallace devem ser observados como uma reminiscência dos interesses de Humboldt e de outros expoentes da história natural de sua época, mas um exame mais aproximado sobre seu trabalho em campo pode revelar outras dimensões, as quais atravessaram sua formação e reflexões sobre o mundo natural.

Com isso, neste capítulo proponho demonstrar que a reflexão e a bem sucedida empresa de coleta no sul da Ásia não foram apenas oriundas da genialidade científica de Wallace. Antes de ter atuado na Ásia como um experiente naturalista – e escrito seu famoso artigo “Sobre a tendência dos seres vivos a se afastarem do tipo original” –, suas reflexões e sua prática de coleta deveram muito à viagem que realizou na região amazônica, como é possível observar em seu próprio testemunho na seguinte carta enviada da ilha de Celebes, no ano de 1856, na qual afirma:

I have got a bamboo-house near one of these villages, about two miles from the town, which does very well for my head-quarters: to get into the country is difficult, as it belongs to native princes, and there is no accommodation whatever for Europeans: there is, however, a patch or two of forest about six or eight miles off, and to it I have made several excursions, and got some birds and butterflies, but no beetles, which, at this season, seem altogether absent. **I cannot help comparing the facilities of the collector on the Amazon with the difficulties here: whether at Parà, Santarem, Barra, Obidos or Ega, or any other town or village, you may always find good forest collecting-ground within a few minutes ' or half-an-hour ' s walk of the place,--you can live in the town**, and collect in the country round. In no place in the East that I have yet seen can this be done: miles of cultivated ground absolutely barren for the naturalist extend round every town and [[2]]...village, and to get into the country with any amount of necessary luggage is most difficult and expensive: then, too, the necessaries of life, have all to be brought from the town, which renders living very dear; the only way of moving is by means of porters or small carriages, the cost of which is about ten times that of boat hire, and in many cases you must pose yourself to the risk of life and property, being beyond the sphere of any civilized government. However, **I hope soon to make arrangements for a small house near the forest I have spoken of, where I can stay a week at a time, and then bring home and store my collections at my house near Macassar: already I can see that I shall get a pretty good collection of birds.**³⁸⁸ [grifos meus]

³⁸⁸ WALLACE, Alfred Russel. “Proceedings of natural history collectors in foreign countries”. In: **The Zoologist: A Popular Miscellany of Natural History**, 1857. p.15. Disponível em: <http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/index.html>. Acesso em: 10 out. 2013.

Como demonstra a citação acima, a atividade de campo exigia ferramentas além de conhecimentos e habilidades em botânica, zoologia e/ou geologia. O clima, as relações culturais, a geografia da terra, as estruturas de moradia e de mobilidade indígenas eram variáveis que incitavam o viajante a valorizar os meios disponíveis locais, a familiarizar-se com o ambiente estranho para conseguir estabelecer sua base de coleta. Tal relação não estava explícita nos manuais de história natural que balizaram as condutas de todos os naturalistas em campo. Esse aspecto foi bem expressado por Wallace nesse extrato de carta quando não apenas descreve sua dificuldade em escolher o melhor local para constituir residência e assentar seu “quartel-general” na região da Indonésia – sobretudo, por se tratar de uma região já amplamente cultivada pelo homem – mas, também, por contraste, sublinha a importância de sua experiência nas vilas e aldeias da região amazônica, cujas acomodações eram encravadas nas proximidades das florestas amazônicas, experiência que incidiu benéficamente sobre seu trabalho de campo. Neste ponto, pode-se avaliar que a conduta em campo e a escolha dos pontos de coleta eram determinadas pelas interações que o naturalista estabelecia no interior da região visitada: elas lhes garantiriam preciosas coleções de espécimes, além dos meios necessários para sua permanência e sobrevivência em um lugar estranho. Questões como encontrar alojamento apropriado e mão de obra, assegurar economia de custos nas explorações e garantir sanidade física eram desafios tão importantes para um naturalista em campo quanto encontrar uma espécie rara de ave, classificá-la e conservá-la para sua coleção. Neste ponto, deve-se observar o quanto sua condição de viajante coletor independente possibilitou a Wallace interagir de forma mais intensa com o meio ambiente e as dinâmicas da sociedade visitada.

Com isso, um traço fundamental da história natural ainda pouco apreciado em análises históricas é o quanto o trabalho em campo possibilitou a pessoas de várias origens sociais – sobretudo do gênero masculino, mas com algumas contribuições femininas³⁸⁹ – experiência, formação e um tipo de aprendizado particular para coletar em regiões tropicais. Nestes termos, pode-se avaliar que os quatro anos de explorações de Wallace no extremo norte do Brasil, associando-se inicialmente a Henry Walter

³⁸⁹ De acordo com Londa Schiebinger, pode-se situar a alemã Maria Sibylla Merian entre uma das poucas mulheres europeias do século XVIII a viajar por conta própria em busca de “ciência”. Num universo eminentemente masculino, trajetórias femininas em terras exóticas, tais como as de Johanna Helena Herolt e Lady Charlotte Canning, unicamente se tornaram possíveis quando as mesmas se dispuseram a acompanhar seus maridos e não em busca de seus próprios interesses científicos. Ver: SCHIEBINGER, Londa L. **Plants e Empire: Colonial Biospecting in the Atlantic World**. USA: Harvard University Press, 2007, p.1.

Bates, ensinaram-lhe tanto a proceder em campo em regiões tropicais quanto a atuar como um independente homem de ciência. Por outro lado, a passagem de coletor-amador a homem de ciência estava longe de ser uma empresa solitária, visto que ele contou com muitos colaboradores tanto no interior da região amazônica – irmão, amigos estrangeiros, comerciantes, guias, remadores – quanto em seu próprio país – agentes de vendas e correspondentes interessados em história natural.³⁹⁰ Sobre tais aspectos, neste capítulo pretendo vislumbrar as seguintes questões: seu treinamento e conexões sociais; seu financiamento e objetivos de viagem no extremo norte do Brasil.

3.1. PRIMEIRAS CONEXÕES: TRAÇOS DE SUA BIOGRAFIA

Conforme explicita Lorelai Kury, para naturalistas oitocentistas a ideia de viajar para o além-mar era uma matéria de difícil decisão, não somente devido aos perigos físicos que o ambiente tropical representava – narrativas de viagens enfatizaram que acidentes e doenças eram constante companhia para viajantes – mas, sobretudo, porque a comunidade de homens da ciência “não era unânime” em dar créditos ao trabalho do viajante. Nessas condições, a maioria dos renomados naturalistas nunca considerou aventurar-se a ficar longe de seus gabinetes de pesquisa para coletar objetos de seu interesse. Tal ocupação ficava quase sempre a cargo de “jovens naturalistas, oficiais ou aventureiros no geral.”³⁹¹ Por outro lado, como verificou Karen Lisboa, no panorama das viagens exploratórias oitocentistas, não somente os viajantes tiveram diferentes motivos para viajar como também seus diferentes perfis são representativos dos distintos momentos político-expansionistas entre as monarquias europeias ou mesmo da república estadunidense. Conforme Karen, enquanto, nas primeiras décadas do século XIX, “Inglaterra, França e, em menor escala Rússia e os E.U.A. estariam interessados na exploração imediata, com notórios interesses comerciais”³⁹², Alemanha, Áustria, Suécia e Itália não tinham alcançado a corrida expansionista. Tal contexto se refletiu no

³⁹⁰ Este trabalho dialoga com as concepções de história e sociologia da ciência que identificam as práticas científicas não apenas como uma atividade delimitada por dado contexto histórico, mas também elaborada a partir de ações coletivas. Nessa perspectiva, busca-se ir além da dualidade simplista entre externalismo e internalismo, conectando a experiência de coleta de Wallace a um amplo contexto social que moldou os resultados de suas práticas. Nesse sentido, aqui me filio aos trabalhos dos seguintes autores: Bruno Latour, *Ciência em Ação* (Cambridge, Massachusetts : Harvard Univ. Press, 1987), Steven Shapin, *A Social History of Truth: Civility and Science in Seventeenth Century England* (Chicago: Univ. Chicago Press, 1994), Jane Camerine...Janet Browne entre outros.

³⁹¹ KURY, Lorelai B. Viajantes Naturalistas no Brasil oitocentista: experiência relato imagem. In **Revista Manguinhos**, vol VIII, 2001, p.864.

³⁹² LISBOA, Karen M. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: Natureza e Civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997, p.32.

perfil dos estrangeiros que chegaram ao Brasil. Assim, se, por um lado, não se tem notícia de que viajantes alemães tenham sido destinados ao Brasil com estritos propósitos comerciais, não podemos afirmar o mesmo de grande parte de ingleses que aportaram no país.³⁹³ Sobre isso, Londa Schiebinger observa a importância de se atentar para as diferenças na forma como a história natural foi estruturada e financiada nos países de origem dos viajantes, já que, por vezes, esse aspecto influenciou na maneira como a coleta era feita e que tipo de objeto deveria ser colhido.³⁹⁴ Por essa razão, enquanto os planos de explorações naturalistas de países como a França e a Alemanha eram postos em prática através de ações centralizadas pelo governo, os planos holandeses foram ativados graças às suas companhias de comércio, enquanto a Inglaterra era dependente de empresas privadas.³⁹⁵

Nesse sentido, acredito ser importante frisar que, quando partiu para Amazônia em 1848, Wallace fora motivado por uma mistura de sentimento de aventura, curiosidade científica e necessidade econômica; além disso, é importante apreciar que sua expedição teve motivação e apoio distintos de outras expedições encabeçadas por “homens de ciência”. Grande parte das explorações coletoras do século XIX tiveram seus custos de viagem pagos tanto por instituições imperiais, tais como *British Royal Naval*, quanto por universidades, jardins reais, museus e sociedades científicas ligadas a monarcas europeus – como Francisco I da Áustria e Maximiliano José I da Baviera. Charles Darwin e Thomas Huxley, por exemplo, foram agraciados por esse apoio institucional – Darwin, além do apoio financeiro de sua própria família, ainda viajou como um “gentleman-naturalista” no *Beagle* que cumpria missão oficial para a coroa britânica de mapear a hidrografia desde a Terra do Fogo, com retorno pelas Índias Orientais. Huxley, igualmente, seguiu no *Rattlesnake* como assistente-cirurgião do navio cujo destino era cartografar a costa da Austrália e de Nova Guiné, importante rota comercial pouco explorada pelos ingleses.³⁹⁶ Wallace e seu companheiro de viagem na Amazônia, Henry Bates, não tiveram a mesma sorte. Ambos eram desconhecidos nos círculos profissionais de história natural e, tampouco, eram *gentlemen* com fortuna e redes de contatos apropriados para conseguir passagem em um navio de levantamentos marítimos da *British Royal Naval*. O passaporte para seus empreendimentos de viagem

³⁹³ Ibidem, p.32-33.

³⁹⁴ SCHIEBINGER, Londa L. **Plants e Empire: Colonial Biosprospecting in the Atlantic World.** USA: Harvard University Press, 2007, p.24.

³⁹⁵ Ibidem, p.24.

³⁹⁶ Cf. RICE, Tony. **Viagens de Decobrimento: Três séculos de Explorações e História Natural.** Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson, 2000.

ocorreu por outra via: interagindo com o mercado de valor da complexa cultura de coleta da era vitoriana³⁹⁷, portanto, um caminho bem diferente dos privilegiados destinos de Huxley e Darwin.

Como já evidenciei na introdução desse trabalho, as últimas décadas do século XX e as primeiras do século XXI, vêm testemunhando o crescente interesse de grande parte de estudiosos de várias partes do mundo, de diferentes áreas do saber, pela trajetória intelectual de Wallace. Esse movimento de “redescoberta” do “esquecido” “co-mentor” do evolucionismo pode ser explicado não apenas em virtude da valorização de sua contribuição para a teoria da seleção natural (ideia que completou 150 anos em 2009); mas também porque os escritos do viajante-naturalista britânico versou sobre uma variedade de temas inovadores para época e que estão não ordem do dia: seja no que se refere às suas contribuições a biologia evolutiva, como por exemplo, a distribuição geográfica das espécies e a “evolução” da coloração animal; seja como um pensador que especialmente questionou as desigualdades sociais da sociedade vitoriana, bem como salientou preocupações de cunho ambientais e humanitárias em seu tempo. No entanto, alguns autores têm usado o evento da coautoria, para sugerir que Wallace foi deliberadamente marginalizado por Darwin e seus partidários da elite científica britânica. Outros ainda tendem a descrevê-lo como uma figura excêntrica, que caiu no obscurantismo acadêmico em razão de algumas de suas atitudes, tais como: sua crença no espiritismo e sua oposição à vacinação.

Com isso, gostaria de salientar o quanto a trajetória de vida de Wallace tem sido tema exaustivamente explorado, não apenas por historiadores, mas também por pesquisadores da área da biologia, antropologia, física, geografia e literatura. Deve-se ainda a esse amplo interesse, a criação de uma rede de interlocutores de diversas origens que buscam além de divulgar as contribuições intelectuais de Wallace para o campo da biologia e das ciências, promover um conjunto de ações para disponibilizar a interessados no assunto fontes digitais sobre Alfred Russel Wallace. Com esse intuito,

³⁹⁷ David Allen, em seu clássico estudo sobre a História Natural na Inglaterra, observa que desde o século XVIII surgiu entre os britânicos uma sensibilidade que enfatizava uma nova preocupação com a natureza. Esta nova sensibilidade encaminhou o modismo dos salões das camadas mais abastadas da Inglaterra por objetos que variavam entre temas rústicos para decoração, a simplicidade no vestir, bem como o gosto de jardins informais. Este modismo movimentou ainda um amplo mercado interessado em história natural e evidenciou o papel do patrono privado como fonte de encorajamento para o amplo círculo de naturalistas em um período em que sua organização e seu esforço cooperativo ainda não estava claramente demarcado. ALLEN, David E. **The Naturalist in Britain**. England: Penguin Books, 1978, p.26-33.

foram criadas algumas páginas eletrônicas³⁹⁸ sobre o coletor britânico, as quais divulgam eventos, arrecadam recursos e disponibilizam tanto produções atuais sobre Wallace, quanto manuscritos, coleções, artigos científicos e obras de sua autoria.

Não obstante essa ressalva, acredito que para se entender melhor a trajetória independente de Wallace como coletor de história natural, faz-se necessário realizar uma breve incursão em suas origens sociais. Para isso, esta análise se pautou, sobretudo, nas informações contidas em sua autobiografia *My Life*, edições de 1905 e 1908. No entanto, esse levantamento deve ser entendido apenas como uma tentativa de sublinhar alguns aspectos do panorama sócio-econômico e cultural europeu que moldou a formação intelectual de Wallace e suas práticas de campo em história natural na Amazônia.

Wallace nasceu no dia 8 de janeiro de 1823, na pequena aldeia de Usk, na fronteira com o País de Gales, onde viveu até os seis anos de idade quando dali mudou-se com sua família para Hertford, ao norte de Londres. Era o oitavo dos nove filhos de Mary Anne Greenell e Thomas Vere Wallace. Seus pais tinham origem na classe média³⁹⁹, mas sofriram com a instabilidade financeira. Por essa razão, a família mudou-se diversas vezes de residência.

Sobre a primeira fase de sua educação, Wallace ressaltou em autobiografia que seus hábitos de leitura foram a maior herança que o pai lhe delegou: seu pai, apesar de ter sido advogado por formação, nunca exerceu o ofício, preferindo trabalhar em negócios que lhe rendiam mais prazer, como atividades literárias e a jardinagem. Deste modo, sua casa, apesar de ter sofrido com constantes dissabores financeiros, era provida de uma boa biblioteca, onde pôde ter acesso a seus livros favoritos da infância, tais como: *Gulliver's Travels*, *Robinson Crusoe* e *Mungo Park's Travels in West Africa*. Wallace tornou-se então muito precocemente um leitor voraz, fator primordial para a construção de sua sensibilidade e curiosidade sobre o mundo. Contudo, se, por um lado,

³⁹⁸ A primeira delas data 1998 é oriunda da iniciativa de Charles Smith (geólogo e geógrafo), vinculado a *Western Kentucky University*, EUA. Site: <http://people.wku.edu/charles.smith/index1.htm>. Outra página foi desenvolvida por George Beccaloni em 2008, entomólogo e curador da *Wallace Collection* do *Natural History Museum*: <http://wallacefund.info>. Também o *Natural History Museum* disponibiliza uma série de manuscritos e cartas transcritas de Wallace on line: <http://www.nhm.ac.uk/nature-online/collections-at-the-museum/wallace-collection/>. O mais recente site e também o mais completo sistema que compartilha escritos de autoria do naturalista foi criado por John van Wyhe e Kees Rookmaaker, *National University of Singapore*, em colaboração com with a *Wallace Page* de Charles H. Smith.

³⁹⁹ Ou baixa classe média, como argumentou Jane Camerine em **Alfred Russel Wallace Reader**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, p.3.

em sua autobiografia ele enfatizou a importância das prazerosas leituras e brincadeiras instrutivas da infância para sua instrução, por outro, não se pode esquecer que o período de sete anos que passou como estudante na *Hertford Grammar School* – parte dele na condição de aluno assistente ou bolsista – rendeu-lhe uma educação clássica, não muito diferente a devotada a Charles Darwin no *Sherewsbury School*⁴⁰⁰, com aulas de história e geografia, álgebra e latim, lições consideradas maçantes, como expressou:

History was very little better, being largely a matter of learning by heart names and dates, and reading the very baldest account of the doings of kings and queens, of wars, rebellions, and conquests. Whatever little knowledge of history I have ever acquired has been derived more from Shakespeare's plays and from good historical novels than from anything I learnt at school.⁴⁰¹

Embora tenha apresentado poucas lembranças agradáveis de sua escola, sobretudo em razão de alguns métodos de ensino considerados ineficazes e dos castigos físicos infligidos aos alunos, as aulas de gramática latina lhe renderam importante alicerce para sua posterior ocupação da vida adulta – a de descrever e nomear espécies de acordo com o sistema lineano.

O ano novo de 1837 promoveu o primeiro ponto de virada na sua vida: por conta de um negócio mal conduzido, sua família perdeu sua última reserva financeira – uma propriedade de seu pai. O pesadelo da bancarrota e da dívida financeira sacudiu a família Wallace em 1836, forçando-os a deixar a casa grande com o jardim que tanto afeiçoara Mr. Thomas Vere Wallace. Por conta disso, Wallace não apenas foi obrigado a deixar a escola em Hertford, mas também a encontrar uma maneira de viver por conta própria às vésperas de completar seus 14 anos. Rememorando essa situação, Wallace, já na idade madura, ponderou com a lucidez que lhe era peculiar:

[...] I think, inherited from my father a certain amount of constitutional inactivity or laziness, the necessity for work that our circumstances entailed was certainly beneficial in developing whatever powers were latent in us; and this is what I implied when I remarked that our father's loss of his property was perhaps a blessing in disguise.⁴⁰²

Logo, a falência financeira levou à desagregação familiar, determinando-lhe um novo destino: Wallace foi enviado para Londres em 1837 – um ano depois do retorno do

⁴⁰⁰ BROWNE, Janet. **Charles Darwin: Viajando**. São Paulo: Aracati/Editora Unesp, 2011, p.55.

⁴⁰¹ WALLACE, Alfred R. **My Life**. London: Chapman & Hall, 1908, p.30-31.

⁴⁰² Ibidem, p.10.

Beagle à Inglaterra – para morar com seu irmão John, um aprendiz de carpinteiro, enquanto esperava que seu irmão mais velho William – um engenheiro que possuía uma pequena firma de agrimensura – fosse busca-lo para trabalhar em seu negócio. Nessa nova etapa, de passagem por Londres, com seu irmão John, Wallace se aproximou de grupos trabalhadores – artesãos, mecânicos, pequenos lojistas – e com eles passou a frequentar a noite do *Hall Science*, uma espécie de clube para trabalhadores e pensadores livres, especialmente simpatizantes de Robert Owen, o fundador do movimento socialista na Inglaterra.⁴⁰³ Nesse espaço de sociabilidade para a classe operária, em meio a jogos de dominó, conversas e café, ouviu, pela primeira vez, palestras sobre os escritos de Owen, as quais não apenas enfatizavam o conhecimento como importante veículo para o progresso físico, intelectual e moral do homem, mas também apregoavam a noção de que o homem era produto do ambiente circundante, ao invés de possuir uma natureza preexistente, resultado do pecado original. Nesse tempo, ficou particularmente impressionado com a leitura do tratado *Consistency*, de Robert Dale Owen, filho mais velho de Owen, cujas conclusões influenciaram em seu ceticismo religioso.

Após o período em Londres com seu irmão John, Wallace passa a se engajar nos negócios de topografia de seu irmão mais velho, inicialmente como aprendiz de agrimensor. No exercício de sua nova ocupação, seguia mapeando várias partes da Inglaterra e Gales. Tempo em que esse tipo de trabalho era bastante requerido devido às novas leis de impostos, à divisão pública das terras e à colocação de trilhos para ferrovias. Aspectos pessoalmente vivenciados por ele e que são subjacentes ao contexto econômico da década de 1830. Durante esse período, a base da economia britânica (Inglaterra, Escócia e Gales) estabeleceu-se como um momento de transição da atividade agrícola para a moderna manufatura industrial, impulsionando o crescimento do Império Britânico em tamanho e poder. Quando foi trabalhar com seu irmão William, cujo negócio era dedicado a medir, inspecionar e estabelecer “melhorias” em paisagens rurais ou mais remotas da Inglaterra, Wallace foi testemunha ocular dessas transformações na paisagem ocorridas por todas as ilhas britânicas, como apontou Janet Browne sobre o período: “Ferrovias serpenteavam por onde outrora passavam carruagens e carroças, cidades se expandiam incansavelmente, e lojas, capelas, fábricas e igrejas brotavam por toda parte.”⁴⁰⁴ Assim, embora em franca expansão urbana e

⁴⁰³ Ibidem, p.45.

⁴⁰⁴ BROWNE, Janet. **Charles Darwin: Viajando**. São Paulo: Aracati/Editora Edusp, 2011, p.475.

industrial, até as duas primeiras décadas do século XIX, nas ilhas britânicas, ainda predominava uma sociedade com características rurais. Circunstâncias em que o transporte e a comunicação entre as várias partes do país eram difíceis e lentos, apesar, segundo informa Simon Dentith, de o estabelecimento de estradas e estações de carruagens já estar em vigor e tornar possível a viagem àqueles que podiam pagar, correndo na velocidade de 12 milhas por hora.⁴⁰⁵ No entanto, a maioria da população tinha pouca ou nenhuma experiência em seguir para além de sua própria região.

Quando as estradas de ferro começaram a atravessar o país inteiro, isso representou não apenas que distâncias poderiam ser vencidas mais facilmente e que o mercado de produtos se tornava mais acessível; elas anunciavam também uma transição definitiva que “transformou a vida de homens a ponto de torná-los irreconhecíveis.”⁴⁰⁶ Conforme Hobsbawn, esses novos delineamentos sociais se fizeram sentir, sobretudo, para “antigos estilos de vida”: se, por um lado, a classe média – termo que se generalizou a partir da década de 1830 – estava satisfeita com as novas condições de vida pautada nos ideais de uma sociedade individualista e urbana, por outro, como revelou o personagem de Dickens, *Oliver Twist*, o mesmo não aconteceu aos pobres – isto é, a maioria da população – cujo estilo de vida baseado na relação com a terra e na proteção de sua comunidade desagregou-se de suas antigas tradições socioculturais e dos laços de solidariedade comunitária.⁴⁰⁷ Os efeitos sociais dessa desagregação foram mais visíveis no ambiente das cidades, onde serviços públicos básicos – abastecimento de água, esgotos sanitários etc. – não acompanharam o grande fluxo de pessoas oriundas do campo. Nessas condições, o ambiente das cidades – Londres, Edimburgo, Manchester – era povoado de “cortiços superlotados e lúgubres” aos quais se somaram a fome, a violência e a poluição do ar e da água provenientes das fábricas de tecido, que por si só cobraram o seu tributo diante da faminta população através de epidemias de cólera, febre tifoide, doenças intestinais e respiratórias.⁴⁰⁸

Além disso, um ruído de descontentamento se fazia ouvir entre os trabalhadores, incidindo nos primeiros movimentos de radicalização baseados nos ideais socialistas de Robert Owen: grupos de artesãos participantes das discussões sobre a educação do povo do *Hall Science, Mechanic's Institutes*, clubes, sociedades de editores e de livres

⁴⁰⁵ DENTITH, Simon. **Society and culture forms in nineteenth-century England**. New York: St. Martin's press, INC., 1998, p.2.

⁴⁰⁶ HOSBSBAWN, Eric. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense, 2011, p.70.

⁴⁰⁷ Ibidem, p.75.

⁴⁰⁸ Ibidem, p.77.

pensadores lideraram ideologicamente a massa de trabalhadores que se sublevaram contra a força mecanizada e suas miseráveis condições de vida. Certamente foi esse o panorama social que moldou a juventude de Wallace.

3.2. AUTOEDUCAÇÃO E NOVAS HABILIDADES

Como grande parte dos topógrafos ou agrimensores em atividade na Inglaterra desse período, William tinha um sólido conhecimento em geologia. Logo, foi graças a sua intervenção que Wallace obteve as primeiras lições dessa ciência que para ele era até então desconhecida. Aprendeu, por exemplo, sobre ostras fósseis, rochas de giz e cascalho encontradas em torno de Barton. Além disso, estudou sobre cartografia e agrimensura, sobre como calcular áreas no mapa pelas regras da trigonometria e usar instrumentos de medição, como o sextante. No entanto, as noções mais fundamentais da ciência de medir áreas e usar instrumentos topográficos foram apreendidas após a leitura do grande volume pertencente a seu irmão, o manual *Trigonometrical Survey of Englan*. Segundo ele:

This volume was eagerly read by me, as it gave an account of all the instruments used, including the great theodolite three feet in diameter for measuring the angles of the larger triangles formed by distant mountain tops often twenty or thirty miles apart, and in a few cases more than a hundred miles ; the accurate measurement of the base-lines by steel chains laid in wooden troughs, and carefully tightened by exactly the same weight passing over a pulley, while the ends were adjusted by means of microscopes the exact temperature being also taken by several thermometers in order to allow for contraction or expansion of the chains ; and by all these refinements several base-lines of seven or eight miles in length were measured with extreme accuracy in distant parts of the country. These base-lines were tested by repeated measurements in opposite directions, which were found to differ only by about an inch, so that the mean of all the measurements was probably correct to less than half that amount.⁴⁰⁹

Por outro lado, além de aprender sobre geologia, em sua nova ocupação, Wallace, na medida em que viajava pelo interior da Grã-Bretanha, passou a conhecer e se interessar por dois assuntos que balizaram sua visão de mundo: 1) as dificuldades enfrentadas pela população do campo, espoliada de suas terras pelos grandes proprietários e pelas construções que animavam todo o país – terraplanagem para estação de trem, abertura de canais, construção de pontes e edifícios; 2) o gosto de

⁴⁰⁹ WALLACE. Alfred R. **My Life**. London: Chapman & Hall, 1908, p.60.

trabalhar ao ar livre e contemplar a natureza, como observou em uma carta para seu amigo George Silk:

I think you would like land-surveying, about half indoors and half outdoors work. It is delightful on a fine summer's day to be (literally) 'cutting ' all over the country, following the chain and admiring the beauties of nature, breathing the fresh and pure air on the hills, or in the noontide heat enjoying our luncheon of bread-and-cheese in a pleasant valley by the side of a rippling brook. Sometimes, indeed, it is not quite so pleasant on a cold winter's day to find yourself on the top of a bare hill, not a house within a mile, and the wind and sleet chilling you to the bone. But it is all made up for in the evening ; and those who are in the house all day can have no idea of the pleasure there is in sitting down to a good dinner and feeling hungry enough to eat plates, dishes, and all.⁴¹⁰

Como se pode notar, seu tempo de lazer não foi apenas dedicado à contemplação dos elementos da natureza, mas também voltado à sua autoeducação. Em 1841, por exemplo, recebeu instrução sobre a formação das montanhas após ter lido a obra fundamental de Charles Lyell, *Principles of Geology*. Além de geologia, outros assuntos de seu interesse foram a mecânica, a física, a náutica e a astronomia. Este último assunto o levou a realizar experiências com instrumentos – sextante e telescópio. No entanto, em nenhuma dessas atividades declarou ter mais prazer do que em suas caminhadas solitárias entre pântanos e montanhas, por meio das quais pôde pela primeira vez aprender a apreciar e a refletir sobre “the variety, the beauty, and the mystery of Nature as manifested in the vegetable kingdom.”⁴¹¹. O crescente interesse pela botânica fez com que ele adquirisse seu primeiro livro sobre o tema, oriundo da *Society for the Difusion of Knowledge*. O conteúdo do livro informava a respeito das estruturas das plantas, mostrando uma curta descrição sobre suas várias partes e órgãos, contendo ainda descrições de aproximadamente uma dúzia das plantas mais comuns da ordem natural da Inglaterra. O crescente envolvimento de Wallace com a botânica impulsionou seu interesse pela História Natural de tal modo que enfatizou:

This little book was a revelation to me, and for a year was my constant companion. On Sundays I would stroll in the fields and woods, learning the various parts and organs of any flowers I could gather, and then trying how many of them belonged to any of the orders described in my book.⁴¹²

⁴¹⁰ Ibidem, p.74-75.

⁴¹¹ Ibidem, p.102.

⁴¹² Ibidem, p.102.

Além disso, com o manual *Elements of Botany*, de Lindley, aprendeu a olhar para espécies botânicas encontradas e classificá-las de acordo com a ordem natural; e com a *Encyclopedia of Plants*, emprestada de um amigo, copiava as características de espécies britânicas. No entanto, percebeu que a simples identificação das plantas durante suas caminhadas resultaram em desperdício de tempo e na confecção de dados pouco precisos. Por conta disso, resolveu realizar por conta própria a confecção de um herbário, atividade que exigia poucos gastos em equipamentos, conforme informou: “I therefore began to form a herbarium, collecting good specimens and drying them carefully between drying papers and a couple of boards weighted with books or stones.”⁴¹³ Em 1843, com apenas 20 anos, esboçou sua primeira comunicação para uma plateia popular – possivelmente composta de mecânicos de uma cidade industrial – sobre o tema do sistema lineano de classificação botânica, seguida de outra palestra sob o título “*The Advantages of Varied Knowledge*”, em que pregava a importância do estudo de assuntos variados, em oposição à prática de especializar-se em uma única matéria. Esse empenho em buscar conhecimento, ampliando o horizonte de temas e especialidades de estudo, pode ser situado como parte da atmosfera de crítica subjacente ao “novo estilo de vida” da era industrial, visto que este aleijava os trabalhadores das fábricas do conhecimento dos processos de produção como um todo.⁴¹⁴

⁴¹³ Ibidem, p.103.

⁴¹⁴ Essa crítica sobre os efeitos da industrialização não apenas se transfigurou nos ideais radicais de vida antiurbana defendidos por Wallace, na idade madura, em seus escritos sobre a nacionalização da terra, mas apareceu mais enfaticamente no Movimento *Arts and Crafts* criado na Grã-Bretanha em 1880, tendo como uma das figuras mais influentes o escritor e artista William Morris. Conforme explicita a biografia de Thompson, em linhas gerais, o movimento encabeçado por Morris surgiu como uma preocupação a respeito dos efeitos da industrialização no desenho, nas habilidades tradicionais e na vida das pessoas comuns. Em resposta, o movimento estabeleceu um conjunto de princípios que defendia a reforma da arte em um amplo espectro social. Morris – contemporâneo de Wallace –, em sua teoria da arte, incentivou a prática de artesanato como uma possibilidade para a expressividade do indivíduo: para ele, enquanto a industrialização desqualificava e alienava o operário, o trabalho artesanal, ao contrário, não apenas era feito pelo e para o povo como também se assentava no conhecimento do sujeito, que sabia todos os mistérios da confecção de um ornamento. Nesse ponto, o artesão se tornava senhor da atividade e de si no processo de produção de objetos. Além disso, para Morris, o trabalho do artesão era um meio para desenvolver tanto sua habilidade quanto a si mesmo como homem. Sendo assim, a satisfação e o prazer no trabalho artesanal seriam tais que o sujeito poderia viver apenas numa espécie de paixão tranquila por seu trabalho. Com isso, gostaria de fazer uma análise do autodidatismo de Wallace à luz dos objetivos traçados pela teoria apregoada por Morris: à medida que seu trabalho e suas habilidades desenvolviam-se independentemente ao ar livre, Wallace atribuía a tais atividades seu autodesenvolvimento humano e o desenvolvimento da qualidade da própria mente. Seja como for, a grande ironia observada na atividade de Morris e de Wallace, é o fato de que, embora ambos tenham expressado firme oposição à industrialização e seus desdobramentos, tanto o trabalho de coletor de Wallace, quanto o de pintor de Morris tiveram como principal clientela a burguesia nascente da era industrial, já que esta última costumava exibir seu *status* conquistado, adquirindo e mostrando as amostras de história natural e/ou obras de arte de linha “pré-rafaelita. Como informa CLAYES, Gregory. Wallace and Owenismo. In: SMITH, Charles H. e BECCALONI, George. **Natural Selection and Beyond: The Intellectual legacy of Alfred Russel Wallace**, New York: Oxford University Press, p.303. Na mesma página, o autor observa uma crítica

Por outro lado, pode-se presumir que a apreciação estética das formas da natureza e o pensamento sobre os padrões “secretos” de ligação de toda “a criação” de Wallace se desenvolveram a partir de seu interesse amador pela atividade botânica – a coleta, a prensa e a secagem de espécimes. Além do mais, seu gosto de trabalhar ao ar livre não apenas motivou seu interesse inicial pela botânica como também demonstra a forte influência da tradição lineana em suas práticas, visto que a pesquisa em campo glorificada por Lineu em meados do século XVIII promoveu, segundo Hodacs, “a democratização do consumo do conhecimento científico”⁴¹⁵. Em outras palavras, o caráter aberto do campo propiciou a um crescente número de pessoas que aprendessem sobre história natural. Como resultado, isso representava uma experiência compartilhada por indivíduos, independentemente de seu *status* social, tendo em vista que o contexto espacial afrouxava hierarquias sociais e também possibilitava a indivíduos menos abastados reformar as relações existentes de acordo com ideários meritocráticos.⁴¹⁶ Desta forma, embora possa ser considerado que a interrupção em seus estudos formais tenha proporcionado algumas falhas na educação de Wallace, como oportunamente será observado, não resta dúvida de que sua experiência inicial com a botânica contribuiu muito para seu treinamento em atividades futuras.

Entretanto, o ano de 1844 pode ser entendido como o período que mudou em definitivo o rumo de sua vida. Naquele tempo, quase todas as pesquisas de levantamento de terras haviam sido concluídas e ainda não havia começado a corrida para a colocação de trilhos ferroviários. Portanto, William Wallace foi forçado a dispensar seu irmão Alfred Wallace, posto que não tinha naquela ocasião qualquer empreitada para realizar. Wallace, então, já contando 21 anos, deixou a região de Neath – onde ambos realizaram levantamento de terra – para tentar um cargo de professor em uma escola para meninos em Leicester. Sua cadeira consistia em ensinar gramática inglesa, aritmética, topografia e desenho para os internos no turno da noite, ganhando cerca de 30 a 40 libras. Depois de algumas semanas, passou a ensinar também latim

endereçada à obra “News from Nowhere” de William Morris, cujas ideias considerou maculadas por um idealismo absurdo: “a charming poetical dream, but as a picture of society almost absurd, since nobody seems to work except at odd times when they feel the inclination” (S729 1905a, 2:267). Cf. THOMPSON, E. P. **William Morris: Romantic to Revolutionary**. Wales: PM and Merlin Press, 2011; HEMINGWAY, Andrew. **Marxism and the History of Art: From William Morris to the New Left**. London: Pluto Press, 2006; ALLEN, David E. **The Naturalist in Britain**. England: Penguin Books, 1978, p.26-33.

⁴¹⁵ HODACS, Hana. Linneans outdoors: the transformative role of studying nature “on the move” and outside. In: **British Society for the History of Science**. doi:10.1017/S0007087410000750, 2010, p.26.

⁴¹⁶ *Ibidem*, p.26

para as classes menos avançadas. O diretor da escola, o reverendo Hill, era considerado um bom matemático e com ele tentou aprofundar seus estudos em trigonometria, baseando suas pesquisas em *Algebra*, de Hind.⁴¹⁷ Entretanto, logo percebeu que, apesar de seus esforços, assim como observado em relação a seu escasso dom musical, jamais se tornaria um grande matemático.⁴¹⁸

Em Leicester, havia uma biblioteca pública com um bom acervo, na qual passava várias horas do dia em seu tempo livre. Nesse espaço, não apenas leu pela primeira vez duas obras que o influenciariam em suas apreciações futuras – uma edição inglesa da narrativa de Humboldt, *Personal Narrative of Travels in South America*, e, sobretudo, *Principles of Population* do reverendo Malthus⁴¹⁹ – mas também conheceu um jovem de 19 anos, filho de um artesão de Leicester, chamado Henry Bates. Bates, por sua vez, dividiu com ele seu entusiasmo pelo ramo da entomologia, demonstrando ter vasto conhecimento na coleta de besouros e também de borboletas britânicas. Wallace, como visto, possuía interesse pela botânica, mas, após o encontro com Bates, ficou bastante inclinado a mudar de ramo de interesse em história natural. O exame da coleção feita por Bates o levou a descobrir que na Inglaterra havia um grande número de variedades de besouros, com muitas formas estranhas e belas, com diferentes marcas e coloração, e que ainda havia muito mais a ser encontrado. Bates também lhe mostrou um grosso volume de uma obra que continha descrições de mais de 3.000 espécies que habitavam as ilhas britânicas. Aprendeu, assim, que havia uma variedade infinita de lugares onde besouros locais podiam ser encontrados e, inclusive, alguns deles podiam ser coletados o ano todo. Como Wallace - segundo seu próprio relato - não conseguira encontrar um grande número de novas espécies de plantas nas proximidades de Leicester, determinou-se a começar a coletar besouros, adquirindo alguns instrumentos e um manual para descrever e classificar espécies, a saber:

a collecting bottle, pins, and a store-box ; and in order to learn their names and classification I obtained, at wholesale price through Mr. Hill's bookseller, Stephen's "Manual of British Coleoptera," which hence forth for some years gave me almost as much pleasure as Lindley's "Botany," with my MSS. descriptions, had already done.⁴²⁰

A recente perseguição deu um novo estímulo às horas de lazer de Wallace, as quais eram empregadas na coleta de plantas e insetos por entre parques, ruínas, árvores

⁴¹⁷ WALLACE, Alfred Russel. **My Life**. London: Chapman & Hall, 1908, pp. 122-123

⁴¹⁸ Ibidem, pp. 122-123.

⁴¹⁹ Ibidem, pp. p.123-124.

⁴²⁰ WALLACE, Alfred Russel. **My Life**. London: Chapman & Hall, 1908, p.128.

e encostas, por onde quase sempre seguia acompanhado por um grupo de rapazes de sua escola. Tais explorações ajudavam-no, ainda, a aperfeiçoar suas técnicas de desenho – esboços feitos a lápis –, cujos temas enfatizavam o bucolismo da paisagem rural inglesa, demonstrando sua afinidade com temas da estética romântica, como o que segue:

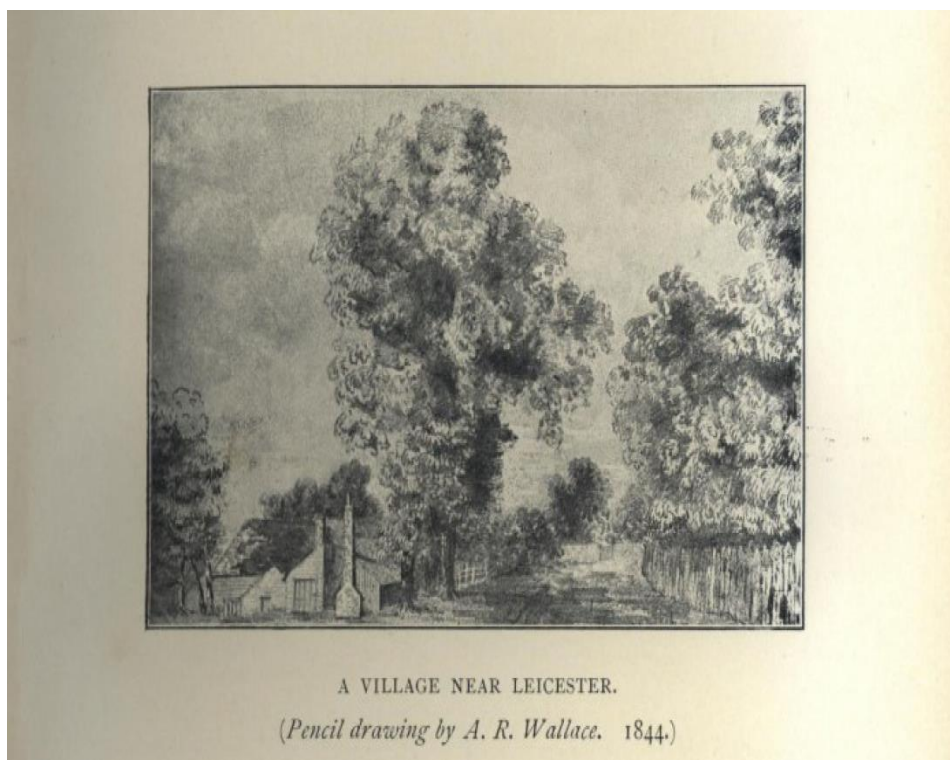


Figura 13: Gravura retirada da autobiografia de Wallace, *My Life*, edição de 1905.

Como informa Camerini, no contexto da Inglaterra da década de 1840, as atitudes de Wallace em sua juventude, frente à história natural, devem ser situadas como parte de um movimento cultural coletivo que arrebatou o interesse de milhares de pessoas com o mesmo perfil social, isto é, operários, naturalistas amadores cuja busca por objetos de história natural era cerceada pela falta de dinheiro. Este último aspecto explicita, ainda, os motivos que levaram Wallace a interromper, em 1846, seus agradáveis “passeios” instrutivos. Naquele ano, o promissor naturalista recebeu a notícia da morte de seu irmão William, que sucumbira após contrair doenças respiratórias provenientes das péssimas acomodações de seu trabalho. Sob essa nova circunstância, Wallace abandonou a carreira de professor em Leicester e seguiu para Neath para tomar a frente dos negócios de seu falecido irmão.

Naquele ano, a “mania ferroviária” chegava a seu ponto culminante, acarretando-lhe bastante ocupação em seu negócio. Seu trabalho consistia em mapear regiões afastadas, atravessando longos caminhos não povoados pelo homem, como

bosques, cascatas e precipícios perigosos. Logo, o trabalho ao ar livre ao sul do País de Gales forneceu ambiente oportuno para que prosseguisse no exercício de coleta de insetos. Além disso, continuava a corresponder-se com Bates, trocando espécimes e discutindo sobre vários assuntos relacionados à história natural. Em uma dessas cartas, Wallace demonstrou ter ficado bem impressionado com as ideias contidas na obra *Vestiges of the Natural History of Creation*. Em dezembro de 1847, escreveu:

I do not think I sh[oul]d like the boxes unglazed so well as a comparatively cheaply made Cabinet with glass which I therefore think I shall get made -- I have rather a more favorable opinion of the "Vestiges" than you appear to have -- I do not consider it as a hasty generalization, but rather as an ingenious hypothesis strongly supported by some striking facts and analogies but which remains to be proved by more facts & the additional light which future researches may throw upon the subject -- It at all events furnishes a subject for every thing observer of nature to turn his attention to; every fact he observes must make either for or against it, and it thus furnishes both an incitement to the collection of facts & an object to which to apply them when collected⁴²¹

Em outra carta, revelou seu desejo de realizar uma exploração nas regiões tropicais – influenciado pela leitura das narrativas de Humboldt e Darwin –, embora ainda não tivesse ideia de qual região visitar:

I was much pleased to find that you so well appreciated Lyell. I first read Darwin's 'Journal' three or four years ago, and have lately re-read it. As the Journal of a scientific traveller, it is second only to Humboldt's 'Personal Narrative'—as a work of general interest, perhaps superior to it." My reference to Darwin's "Journal" and to Humboldt's "Personal Narrative" indicate, I believe, the two works to whose inspiration I owe my determination to visit the tropics as a collector.⁴²²

Em outro trecho, enfatizou ainda:

I begin to feel rather dissatisfied with a mere local collection, little is to be learned by it. I should like to take some one family to study thoroughly, principally with a view to the theory of the origin of species. By that means I am strongly of opinion that some definite results might be arrived at.⁴²³

Como se pode notar no trecho acima, o interesse em realizar uma coleção de espécimes em algum lugar fora da Grã-Bretanha estava conjugado com seu crescente interesse dessa época pela ideia da evolução de espécies. No entanto, seu trabalho e sua

⁴²¹ Carta de Wallace para Bates, dezembro de 1847. Disponível em: <<http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/index.html>> Acesso em: 10 out. 2013.

⁴²² WALLACE, Alfred Russel. **My Life**. London: Chapman & Hall, 1908, p.144.

⁴²³ Ibidem, p.144.

condição econômica o afastavam dessa ambição, como pode ser verificado em uma carta datada de 11 de abril de 1846, na qual lamentou a Bates seu isolamento e solidão intelectuais: “I quite envy who have friends near you attached to the same pursuits. I know not a single person in this little town who studies any one branche of natural history, so I am quite alone in this respect.”⁴²⁴

Entretanto, uma vez mais, o panorama socioeconômico do Império Britânico definiu uma nova virada em sua vida, que determinou o fim de seu isolamento. A corrida ferroviária, tendo chegado a seu ápice naquele ano, finalmente arrefeceu. A isso, somou-se o descontentamento de Wallace com seu último trabalho, que o incumbira de cobrar dízimo sobre a terra aos pequenos agricultores e comerciantes falidos da região de Neath. Assim, sua instabilidade financeira, sua sensibilidade social frente às condições de vida dos mais pobres e suas novas ambições intelectuais – que transcendiam seu *status* social – formaram o pano de fundo que, certamente, contribuiu para sua decisão de desistir do negócio de agrimensura e propor a Henry Bates um novo negócio em 1847, como explicitado no seguinte trecho:

[A.R. Wallace] proposed to me a joint expedition to the river Amazons, for the purpose of exploring the Natural History of its banks; the plan being to make for ourselves a collection of objects, dispose of the duplicates in London to pay expenses, and gather facts, as Mr. Wallace expressed it in one of his letters, “towards solving the problem of the origin of species,” a subject on which we had conversed and corresponded much together. We met in London, early in the following year, to study South American animals and plants at the principal collections; and in the month of April, as related in the following narrative, commenced our journey.⁴²⁵

3.3. AMBIÇÕES NATURALISTAS, REDES DE CONTATOS E FINANCIAMENTO PARA A VIAGEM À AMAZÔNIA.

A cristalização do plano de viagem com Bates ocorreu no outono de 1847 quando seu amigo colecionador de besouros realizou uma rápida visita a Neath. Na ocasião, Wallace apresentou-lhe uma obra do mesmo ano intitulada *A Voyage up the River Amazon*, escrita pelo norte americano W. H. Edwards. No livro, além de descrever a grandiosidade e beleza da vegetação tropical, assim como a cordialidade das pessoas locais e estrangeiras residentes, o autor indicava-lhes, sobretudo, o fácil acesso e custos baixos em uma visita ao extremo norte do Brasil. Por conta de seu trabalho duro e frugal de agrimensor, Wallace também tinha economizado cerca de 100 libras – uma pequena

⁴²⁴ WALLACE, Alfred R. **My Life**. London: Chapman & Hall, 1905, p.256.

⁴²⁵ BATES, Henry Walter. **The Naturalist on the River Amazons**. London: John Murray, 1863, p.III.

soma, segundo ele. Ambos concordaram que a Província do Grão-Pará, no extremo norte brasileiro, apresentava-se como a região tropical com mais vantagens para suas pretensões de coletores independentes, haja vista que a região tinha sido pouco explorada. Em suas pesquisas, Wallace pressupôs que apenas os bávaros Spix e Martius e o conde Castelnau haviam coletado espécies ali na década de 1820. Nessas condições, acreditaram que poderiam viabilizar a viagem realizando coleções duplicadas: uma para pagar suas despesas no campo e outra para sua própria apreciação privada.⁴²⁶

Após essas constatações, seguiram até o *British Museum* em busca de orientação junto ao encarregado da coleção de borboletas, Mr. Edward Doubleday. Mr. Doubleday assegurou-lhes que a região no norte do Brasil ainda era pouco conhecida e que havia mercado para gêneros particulares oriundos dessa região. Segundo Wallace, Doubleday enfatizou o interesse do *British Museum* (atual *Natural History Museum*) ao exemplificar que a instituição havia adquirido peças do Pará e de Pernambuco, as quais continham muitas raridades e algumas novas espécies, logo “if we collected all **order of insects, as well as landshells, birds, and mammals**, there was no doubt we could pay our expenses.”⁴²⁷ [grifos meus]

Imediatamente começaram a realizar os preparativos necessários para a viagem: o estudo de espécies em seus respectivos departamentos no *British Museum*, a compra de livros e equipamentos para a coleta em campo. Do mesmo modo, buscaram interagir com indivíduos que lhes forneceriam subsídios essenciais para sua jornada ao Pará. Entre os quais, o agente de vendas Samuel Stevens, segundo Jane Camerini, teve papel destacado como o mais importante apoiador da carreira de Wallace e Bates em História Natural.

Conforme informa Brian Stevenson, Stevens era um entusiasta colecionador de insetos das ordens *Coleoptera* e *Lepidoptera*, além de ser irmão de Mr. J. C. Stevens, proprietário de uma famosa casa de leilão de objetos de História Natural em Londres. Stevens não apenas forneceu dinheiro a ambos como também cuidou do destino comercial das duplicatas de suas coleções, bem como da preservação dos exemplares privados de seus respectivos coletores de regiões tropicais. Porém, acima de tudo, Stevens tinha o importante papel de ligação entre os coletores que permaneciam

⁴²⁶ Em contraposição a Darwin, que nunca cogitou fazer qualquer duplicata de suas coleções, pois seu suporte econômico lhe forneceu a posse definitiva de tudo que conseguiu reunir no *Beagle* até seu retorno à Inglaterra. Cf. FAGAN, B. Melinda. Wallace, Darwin, and the Practice of Natural History. In: **Journal of the History of Biology**. DOI 10.1007/s 10739-007-9126-8. Indiana: Springer, 2007.

⁴²⁷ WALLACE. Alfred R. **My Life**. ... 1905, p.264.

isolados em regiões tropicais e assuntos, agentes, sociedades e instituições do meio europeu dedicado à História Natural.

No que tange a esse aspecto, Stevenson salienta ainda que além do interesse comercial, suas longas cartas enviadas a seus coletores abordavam desde o andamento das vendas de cada uma das coleções enviadas para a Inglaterra e de qual novidade os coletores deveriam ocupar-se nas regiões visitadas até as informações sobre outros coletores e as novidades científicas promulgadas nos “centros” europeus. Igualmente, promovia ativamente seus coletores mostrando seus espécimes em reuniões das sociedades naturalistas.

Como membro da *Entomological Society of London* e *Fellow of the Linnaean Society*, ele publicou extratos das cartas de Wallace, exibiu amostras de insetos da América do Sul pertencentes a Bates. Além disso, aproveitou sua rede de conexões para pedir apoio financeiro a seus coletores, solicitando pagamento antecipado aos interessados em espécies das regiões tropicais visando a garantir ao coletor dinheiro para suas necessidades no estrangeiro.⁴²⁸ Logo, a incansável divulgação de Stevens sobre as atividades de seus agenciados arregimentou o apoio de destacados naturalistas, como pode ser vislumbrado no seguinte trecho escrito pelo editor do periódico *The Zoologist*, Edward Newman, em 1850:

Ega, Upper Amazons, whence several specimens have been sent home by Mr. Bates, now engaged in forming entomological collections in that rich country. To the untiring energy of this able naturalist we are indebted for vast and almost incalculable additions to our knowledge of the insect Fauna of the South American Continent. Mr. Bates is continually transmitting the proceeds of his labours to Mr. S. Stevens, of 24, Bloomsbury Street; and as the prosecution of his researches must very much depend on the success of Mr. Stevens in disposing of these collections, I venture to express a sincere hope that those entomologists who possess the power of doing so, will lend their pecuniary assistance to Mr. Bates, by becoming purchasers of his captures, and thus furnish him with the means of continuing and extending his invaluable researches. I must not allow this appeal to go forth, without distinctly stating that it is perfectly spontaneous on my part, and altogether unsolicited either by Mr. Stevens or Mr. Bates; but that it is not otherwise than a necessary one, may be seen by a reference to Mr. Bates' own observations at p. 2966 of the present number. I should also add, that when I mention an insect as in the collection of Mr. Stevens, I wish it to be understood as intimating

⁴²⁸STEVENSON, Brian. **Samuel Stevens, Naturalist (1817-1899)**. Disponível em: <<http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/indexmag.html?http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/artaug09/bs-stevens.html>> Acesso em: 10 out. 2010.

merely that it is consigned to that gentleman's care, and is to be obtained on application.⁴²⁹

O apelo realizado por Newman para financiamento das atividades de coleta de Bates pelo Alto Amazonas, revelado pelo periódico *The Zoologist*, é representativo do complexo delineamento social e cultural na Inglaterra no que diz respeito à profissionalização das ciências. Posto isso, verifica-se que as práticas de história natural – ao contrário dos ramos da física ou da química – não se limitavam apenas a indivíduos socialmente identificados com posições acadêmicas, mas, nas ilhas britânicas, em princípio, qualquer pessoa (mulheres, clérigos, *gentlemen*, comerciantes etc.) podia se ocupar do estudo e das atividades naturalistas. Como observou Jean-Marc Drouin, até a primeira metade do século XIX era difícil distinguir entre naturalistas “ativos” e o passivo público leigo, pois existiam pelo menos três audiências diferentes para a história natural: entre o naturalista com dedicação em tempo integral – uns poucos profissionais com *status* em instituições do saber – e o naturalista letrado amador, existia ainda o colecionador ocasional, que não se contentava apenas em ler, mas gostava de praticar história natural, colecionando espécimes de plantas, insetos ou conchas. Havia, ainda, outra categoria intermediária, especialmente identificada: as mulheres. A presença feminina foi especialmente ativa no ramo da botânica, e sua participação demonstra o popular sucesso dessas práticas.⁴³⁰

A partir desses pressupostos, pode-se não apenas presumir que a capital inglesa movimentava um amplo mercado relacionado à venda e à troca de espécies e instrumentos voltados a coletores privados como também, para usar uma vez mais as palavras de Jane Camerini, observar que a história natural na Grã-Bretanha na década de 1840 se converteu em uma “paixão” coletiva: o sentimento pela busca de espécies raras articulou um conjunto de práticas, formando redes complexas em toda a sociedade – desde institutos mecânicos até temas para a moda de decoração –, como exemplifica as criações do desenhista William Morris; dos hábitos dos clérigos às modas de salões dos ricos proprietários; de romances literários a artigos científicos.⁴³¹ Enfim, embora delineamentos sociais e culturais tenham sido observados desde o século XVI, nesse

⁴²⁹ *Apud* STEVENSON, Brian. **Samuel Stevens, Naturalist (1817-1899)**. Disponível em: <<http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/indexmag.html?http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/artaug09/bs-stevens.html>> Acesso em: 10 out. 2010.

⁴³⁰ Ver JARDINE, N. **Cultures of Natural History**. London: Cambridge University Press, 1996, p.417.

⁴³¹ CAMERINI, Jane. Wallace in the Field. In: **Osiris. Science in the Field**. Vol. 11, 1996, p.46-47.

tempo a busca por descrever e colecionar objetos naturais abrangiu a cultura inglesa de forma mais ampla do que tinha sido em épocas anteriores.

Nesse sentido, pode-se situar, por exemplo, a propagação de ramos de negócios – agentes, lojas especializadas, salas de leilões etc. – em espécies exóticas. Nesse panorama, a agência do próprio Samuel Stevens – localizada na *Bloomsbury Street*, em Londres, e estrategicamente estabelecida próximo ao *British Museum* e outras sociedades e instituições vinculadas à História Natural podem ser vislumbradas. Para se ter uma ideia da dimensão de seus negócios e do grau de especialização dos produtos disponibilizados em sua loja, basta verificar que a vitrine do negócio de Stevens contemplava, entre outros objetos para naturalistas, lâminas microscópicas rotuladas com duas etiquetas ovais na horizontal, uma à direita com a descrição impressa da espécie, e outra do lado esquerdo com o nome de Stevens impresso com um número, como pode ser observado na seguinte figura, retirada da análise de Brian Stevenson sobre registros de antiguidades da microscopia⁴³²:



Figura 14: Amostras de lâminas microscópicas vendidas na loja de Stevens.

Conforme explicita Brian Stevenson, o número observado no rótulo à esquerda do observador fazia parte de um método eficiente de venda que consistia em mostrar aos clientes o número correspondente à espécie pretendida e, tal como um cardápio de restaurante ou uma lista de livros, efetivar a encomenda de exemplares exóticos. Essa operação permitia não apenas simplificar o processo de compra e venda como também

⁴³² STEVENSON, Brian. **Samuel Stevens, Naturalist (1817-1899)**. Disponível em: <<http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/indexmag.html?http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/artaug09/bs-stevens.html>> Acesso em: 10 out. 2010.

evitar erros nos pedidos enviados por mensageiros ou via postal,⁴³³ como pode ser evidenciado abaixo:

MICROSCOPIC OBJECTS FOR SALE.

MR. SAMUEL STEVENS,

NATURAL HISTORY AGENT, &c.

24, BLOOMSBURY STREET, LONDON,

Has on sale the following objects, neatly mounted, for microscopic examination. The Price is 10s. 6d. per dozen, packed in racked boxes containing one or two dozen. It is sufficient if gentlemen favouring him with their orders indicate the number prefixed to each specimen.

(b.) Mounted in balsam.	(c.) In fluid.	(d.) dry.
1. Trans. Sect. of Cherry Stone (c.)	47. Elytron of Cyphus Germari (d.)	97. Spicules of Gorgonia rugosa (b.)
2. Palate of Lymnaeus Stagnalis (c.)	48. Femur of Poliocephalus Edwardali (b.)	98. Gemmules of Geodia (b.)
3. Cells contg. Starch from Peony (c.)	49. Sponge Spicules, Thames (b.)	99. Mylobates Jaw (Trans. sect.) (b.)
4. Scales of Ourapteryx Machaonaria (d.)	50. Hair of Bat, Cynopterus Breviceaudatus (b.)	100. Whalebone (Trans. sect.) (b.)
5. Parietal of Fœtus, 3 months (b.)	51. Theca and Sporules of Pteris Crenata (b.)	101. Cuticle of Oncidium (c.)
6. Coconut Shell (Trans. sect.) (b.)	52. Scales of Nodura Nigra (d.)	102. Rib of Porpoise (Tr. sect.) (b.)
7. Cocconeis Scutellum (b.)	53. Humming Bird Feather (d.)	103. Trifid Spicules of Sponge (b.)
8. Palate of Wheik (c.)	54. Cuticle of Indian Corn (f.)	104. Battledore Scales, Polyommatus Arion (d.)
9. Infusorial Earth from Obero in Germany (b.)	55. Infusorial Earth, Italy (b.)	105. Testa of Illicum anisatum (b.)
10. Trans. Sect. of Lebanon Cedar (b.)	56. Femur of Eagle (Tr. sect.) (b.)	106. Spicules of Gorgonia miniata (b.)
11. Trunk of Sus Indicus (b.)	57. Hair of Bat, Taphozous Phillipensis (b.)	107. Hair of Taphozous metanopogus (b.)
12. Foot of Hive Bee (b.)	58. Spicules of Gorgonia tricolor (b.)	108. Scales Lepisma Saccharina (d.)
13. Cuticle of Yucca Gloriosa (c.)	59. Infusorial Earth, Barbadoes (b.)	109. Fibro cellular tissue, Cobsea Scandens (f.)
14. Infusorial Earth from West Point, New York (b.)	60. Scales of Vanessa Erythia (d.)	110. Palate, Helix asperata (c.)
15. Hair of Bat, Taphozous perforatus (b.)	61. Polishing Slate Billu (b.)	111. Cuticle, Saccobolium guttatum (c.)
16. Humerus of Opossum (Tr. a.) (b.)	62. Bird Cherry (Trans. sect.) (b.)	112. Parallel spined Sponge Spicules (b.)
17. Starch from Arrowroot (f.)	63. Infusorial Earth, Mull (b.)	113. Starch of Sago (f.)
18. Xanthidia in Flint (b.)	64. Coquilla Nut (Trans. sect.) (c.)	114. Claws of Astrophyton Linckii (b.)
19. Mouse Hair (b.)	65. Ulna of Australian Cat (b.)	115. Starch, Sweet Cassava (f.)
20. Ditto, Albino variety (b.)	66. Infusorial Earth, Algiers (b.)	116. Scale of Lepidosteus (Tr. sect.) (b.)
21. Pollen of Hollyhock (c.)	67. Wing of Morpho Menelaus (b.)	117. Porcupine Quill (Tr. sect.) (b.)
22. Infu. Earth, Wrentham, Mass. (b.)	68. Spine of Echinus (b.)	118. Anchor-shaped Sponge Spic. (b.)
23. Palate of Lymnaeus Palustris (c.)	69. Infu. Earth, Virginia, U.S. (b.)	119. Bone of Antelope (Tr. sect.) (b.)
24. Infu. Earth, Manchester, U.S. (b.)	70. Palate of Helix Aspersa (f.)	120. Yew (Tr. sect.) (b.)
25. Hair of Albino Rat (b.)	71. Infu. Earth, Bangor, U.S. (b.)	121. Infu. Earth, Silco Moc. Hill (b.)
26. Spiral Vessels from Testa of Columella (f.)	72. Elytron Diamond Beetle (d.)	122. Cuticle, Agave Americana (c.)
27. Femur of Emu (b.)	73. Foot of Wasp (b.)	123. Spicules, Muricea elongata (b.)
28. Infusorial Earth, Rappanbahannah Cliff, U.S. (b.)	74. Scales of Cyphus Germari (b.)	124. Carapace of Turtle (b.)
29. Sporules of Anemodectyon Fraxinifolium (b.)	75. Bone of Alligator (b.)	125. Palate of Helix Hortensis (f.)
30. Starch from Rice (c.)	76. Scales of Morpho Menelaus (d.)	126. Palate of Helix Nemoralis (c.)
31. Scales of Podara Plumbea (d.)	77. Sponge Spicules from Sark (b.)	127. Spicules of Gorgonia pilcata (b.)
32. Palate of Planorbis Corneus (f.)	78. Metacarpal Bone, Man (b.)	128. Portland Meal, Arum Maculatum (c.)
33. Tooth of Sawfish (Tr. sect.) (b.)	79. Pin-shaped Spicules of Sponge (b.)	129. Femur of Tetrao Urogallus (b.)
34. Ducts and Spiral Vessels from Carrot (c.)	80. Bone of Turtle (Trans. sect.) (b.)	130. Raphidea, Agave Americana (b.)
35. I. Earth, Schockhoe Hill, U.S. (b.)	81. Ivory (Trans. sect.) (b.)	131. Palate of Helix Rufescens (c.)
36. Hair of Bat, Dysops Nasutus (b.)	82. Vegetable Ivory (c.)	132. Gemmules of Sponge (b.)
37. Starch of Maple (c.)	83. Palate of Trochus Umbilicatus (c.)	133. Cuticle of Aloe Spicata (c.)
38. Trans. Sect. Elephant's Hair (b.)	84. Pith of Elder (c.)	134. Fibrea, Fos. Coniferous Wood (b.)
39. Palate of Winkle (c.)	85. Cuticle of Iris (c.)	135. Spicules of Gorgonia Gelata (b.)
40. Raphidea of Rhubarb (b.)	86. Palate of Nassa Reticulata (c.)	136. Hair of Ornithorhynchus paradoxus (b.)
41. Infusorial Earth, Piscataway (b.)	87. Star-shaped Spicules, Sponge (b.)	137. Spic. Alcyonium digitatum (b.)
42. Femur of Dinornis Mantelli (Trans. sect.) (b.)	88. Apricot Stone, &c., sect. (c.)	138. Cuticle Opuntia vulgaris (c.)
43. Hair of Bat, Megaderma Lyra (b.)	89. Theca and Sporules of Blechnum occidentale (b.)	139. Truncated Sponge Spicules (b.)
44. The Blight Wheat (b.)	90. Polishing Slate, Habichtswald (b.)	140. Scales of Polyommatus Actis (d.)
45. Starch from Potato (c.)	91. Rhinoceros Horn (Trans. sect.)	141. Fin bone of Lepidosteus (Trans. sect.) (b.)
46. Infusorial Earth, Lunenberg (b.)	92. Spicules of Melastrea ochracea (b.)	142. Gemmules of Pachymatisma (b.)
	93. Spicules of Gorgonia Zingiber (b.)	143. Testa of Bignonia (c.)
	94. Monkey Femur (Trans. Sect.) (b.)	144. Spicules, Gorgonia Guttata (b.)
	95. Beech Wood (Trans. sect.) (b.)	
	96. Rib of Python (b.)	

Mr. S. STEVENS has also on sale—

<p>A Collection of INFUSORIAL EARTHS, from twenty-four different localities, price per Set, mounted 20s.</p> <p>12 Palates of Mollusca " " 10s.</p>	<p>24 Spicules of Gorgonia per Set, mounted 20s.</p> <p>12 Hairs, various " " 10s.</p> <p>12 Scales of Lepidoptera " " 10s.</p> <p>24 Sections of Bones and Teeth " " 20s.</p>
---	--

Figura 15: O cardápio de espécies com suas respectivas numerações.

Como já observado, a agência de Samuel Stevens não fornecia apenas lâminas microscópicas. Em seu interior também estavam à venda “espécimes dos quatros cantos

⁴³³ Ver: STEVENSON, Brian. Samuel Stevens, Naturalist (1817-1899). Disponível em: <<http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/indexmag.html?http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/artaug09/bs-stevens.html>> Acesso em: 10 out. 2010.

da terra⁴³⁴, demonstrando que, apesar de Wallace e Bates se constituírem os coletores mais famosos de Stevens, eles não foram os únicos homens agenciados por ele para coletar em regiões distantes da Inglaterra, inclusive no Pará e em outros lugares do Brasil, como pode ser verificado na propaganda de sua loja na seguinte figura:

A

COLLECTIONS OF PLANTS.

Sir W. Hooker has placed in the hands of Mr. S. Stevens, 24 Bloomsbury Street, several *excellent sets* of Zeyher's South African Dried Plants to dispose of, at little more than half the price the others realized. The collections were made during Mr. Zeyher's travels from Namaquer Land in the west to Maclisberg in the north-east (near the tropics) of Southern Africa; they are numbered, and those numbers correspond with a List of South African Plants published in the volume of Linnæa for 1847. The sets for sale are—

		Price.		
		£	s.	d.
No. 3.	1312 species	14	6	0
... 4.	1288	13	15	0
... 5.	1270	13	15	0
... 6.	1280	13	15	0
... 7.	1260	10	6	6
... 8.	1258	10	6	6

B

PROCEEDINGS OF COLLECTORS IN FOREIGN COUNTRIES.

Mr. Edward Bartlett, who accompanied Mr. Tristram's expedition into Palestine last winter, has recently left this country for Para, Brazil. From Para Mr. Bartlett will take the steamers up to the highest point to which steam-navigation is at present carried upon the Peruvian branches of the river, and will thus commence his work at a point beyond that where Mr. Bates' labours ceased. Judging from the amount of work executed during the Palestine expedition, there can be no doubt that Mr. Bartlett will turn out an enterprising and successful collector. His agent in this country is Mr. Stevens, of 20, Bloomsbury Street, London, W.C.

Mr. F. Plant, as we learn by his latest dates, is still in Madagascar, and Mr. Gerrard, who is now in Natal, will proceed to the same country about April next. Mr. P. Bouchard is at present at Santa Martha, whence he will shortly proceed into the interior of New Grenada. Mr. E. C. Reed—another young and enterprising Entomological collector—will shortly leave for South America. Mr. Reed's present plan is to proceed to Bahia, and to work along the line of the new railway lately opened into the interior. Mr. S. Stevens is also agent for all these gentlemen.

Figura 16: Propaganda da loja de Stevens em que é apresentada sua rede de coletores.

O anúncio da agência de Samuel Stevens demonstra que havia uma ampla rede de correspondentes que forneciam espécimes oriundos de várias partes do mundo para sua loja, com perfis que variavam significativamente: desde William Hooker, diretor do *Kew Gardens*, que disponibilizou a Stevens espécimes de plantas secas oriundas do sul da África – oferecidas pela metade do preço do mercado –, ao ornitólogo coletor Edward Bartlett, viajante que acompanhou o explorador Henry Baker Tristram à

⁴³⁴STEVENSON, Brian. Samuel Stevens, Naturalist (1817-1899). Disponível em: <<http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/indexmag.html?http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/artaug09/bs-stevens.html>> Acesso em: 10 out. 2010.

Palestina entre 1863 e 1864 e, posteriormente, seguiu para coletar na bacia amazônica e nos Andes peruanos entre 1865 e 1869, percorrendo regiões a partir dos pontos de coleta realizada por Henry Bates na Amazônia. Essa rede de relações demonstra que a História Natural era sustentada por um esforço cooperativo entre indivíduos de várias origens e com distintas experiências na prática de coleta e classificação de espécimes e, além disso, mostra que a atividade em campo abrangeu dois aspectos indissociáveis: primeiro, a intenção de cobrir amplamente regiões especialmente identificadas pelos “olhos do imperialismo” por seu exotismo tropical: Da África ao Oriente Médio, da Ásia à América do Sul; e, em segundo lugar, pontos de coleta não eram escolhidos apenas por razões consideradas como estritamente científicas, mas, igualmente, aproveitando-se das redes de interesses que dinamizavam as relações entre impérios – isto é, o comércio e as relações diplomáticas entre reinos.

Assim, de modo geral, grande parte dos naturalistas estrangeiros foi dependente de rotas e infraestrutura estabelecidas por negociantes partícipes do comércio com o ultramar. Do mesmo modo, a geografia das explorações naturalistas no interior de países e colônias do ultramar, como o Brasil, quase sempre foram traçadas contatando antigos caminhos do comércio – os caminhos da grande lavoura, das minas, das monções ou do gado, por exemplo. No entanto, como apontaram as historiadoras da ciência Magali Sá e Lorelai Kury, possivelmente a escolha de certas rotas, em detrimento de outros caminhos, feita por naturalistas oitocentistas que percorreram o Brasil teve como motivação, também, informações sobre o clima, a salubridade do ambiente e as adversidades provocadas pela ausência de infraestrutura que possibilitasse – ou não – melhor mobilidade e meios de sobrevivência. Por isso, segundo as autoras, grande parte dos naturalistas que visitaram o Brasil evitaram as Caatingas, preferindo seguir um roteiro pelas regiões da mata atlântica até as “bordas do semiárido, seguindo caminho por outras paisagens.”⁴³⁵ Essa relação pode explicar o porquê de o plano do coletor entomológico elencado nas últimas linhas do anúncio acima, Mr. Reed, ter se concentrado nos caminhos abertos pela linha de trem estabelecida pelo governo imperial na Bahia a partir da segunda metade do século XIX.

Além das dificuldades impostas pela geografia, notícias sobre a insurgência de doenças epidêmicas em determinado roteiro também impeliam alguns viajantes a mudar

⁴³⁵ SÁ, Magali Romero e KURY, Lorelai B. Naturalistas europeus nas Caatingas. In: KURY, Lorelai B.(org.). **Sertões adentro: viagens nas caatingas séculos XVI a XIX**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2012, p.206.

o curso de sua expedição, como pode ser verificado no roteiro escolhido por Spix e Martius pela Amazônia. Em passagem por Barra do Rio Negro, esses naturalistas se confrontaram com a notícia da ocorrência de “febres malignas” no curso do Rio Negro. Esse evento culminou na definição da direção de suas explorações nas etapas finais de seu empreendimento de viagem pela região: os naturalistas, a partir de Barra do Rio Negro, decidiram seguir o curso do Solimões ao invés do Negro, como expressaram a seguir:

Nesse sentido, preferimos o Solimões ao Negro, pois, segundo as mais recentes notícias, em vários lugares da bacia deste último rio reinavam justamente então febres malignas, às quais não nos podíamos expor no nosso estado precário de saúde. Além do mais, o Sr. Zani se havia oferecido a acompanhar-nos até à Vila de Ega. Para fazer mais rápida e mais agradável viagem, embarcamos com o nosso companheiro em duas canoas sem convés, providas só na popa de um simples toldo de folhas...as quais ofereciam espaço para seis remadores e três a quatro passageiros. Ao sargento foi dada a ordem de seguir à frente na nossa canoa grande, levando provisões até Ega...Somente a perspectiva de ter à mão uma tripulação corajosa, habituada aos perigos de tais viagens, e que havia sido mandada para Ega, em missão comercial, pelo Sr. Zani, sossegaram o nosso espírito acerca dos perigos de uma excursão, na qual, afastando-nos das raras colônias europeias ao longo do Solimões, íamos visitar numerosas tribos bravias, nas suas primitivas moradas.⁴³⁶

Por outro lado, de acordo com o estudo de Ross Sloten, quando Wallace e Bates seguiram para a Amazônia, ainda tinham pouca experiência “crítica” no assunto de coleta em regiões tropicais e, além disso, suas tentativas de identificação e classificação de espécies foram concomitantes às atividades de campo. Daí a atenção para o importante papel de Stevens em suprir essa “falha” na formação de ambos, visto que ele garantiu orientações práticas sobre métodos e técnicas de preservação de espécimes aos naturalistas. Nessas circunstâncias, Stevens não apenas exigiu uma comissão de vinte por cento sobre os lucros das coleções e mais cinco por cento sobre o frete e seguro como também reconhecia que seu próprio conhecimento e senso prático nos negócios eram imprescindíveis para ajudar os dois coletores a suprir suas carências em métodos de coleta e preservação de espécies. Sua experiência em ajudar seus coletores pode ser comprovada em 1855, quando escreveu o manual *Directions for Collecting and Preserving Specimens of Natural History in Tropical Climates*. Entre outros assuntos relacionados, essa obra⁴³⁷ advertia seus leitores sobre a importância de as amostras

⁴³⁶ SPIX e MARTIUS, p.155.

⁴³⁷ SLOTTEN, Ross A. **The Heretic in Darwin's Court: The Life of Alfred Russell Wallace**. New York: Columbia University Press, 2004, p.45.

(secas ou conservadas em álcool) apresentarem um número que correspondesse à mesma referência do caderno de campo, facilitando a identificação dos espécimes.⁴³⁸ Observava ainda que cadernos de campo eram inestimáveis instrumentos de trabalho, nos quais deveriam constar desde informações sobre o local e época em que cada espécime tinha sido encontrado, bem como seus hábitos, *habitat* e nome do local.⁴³⁹ Em resumo, foi Stevens e sua loja que deram apoio e abasteceram vários coletores – dentre os quais, Wallace e Bates foram considerados os mais talentosos agenciados –, indicando-lhes, por exemplo, o uso do sabão-arsênico para ajudar a proteger espécies de insetos da putrefação e para limpar as amostras; além disso, fornecia toda sorte de equipamentos para coleta: facas, bisturis, tesouras, alicates, pinos, agulhas, martelos, um pequeno machado, algodão, redes de coleta de vários tamanhos e funções, caixas, potes de vidro etc.⁴⁴⁰



Figura 17: Fotografia de Samuel Stevens em 1899. No detalhe da foto o agente de Wallace e Bates, conforme muito habilmente apontou Brian Stevenson, “estava de pé atrás de um quadro de imagem vazio, em uma pose que ilustra seu senso de humor.” A imagem foi tirada, segundo informa, pelo sobrinho de Samuel, “Henry Stevens, então gerente da JC Stevens leilão Rooms.” Fonte: Brian Stevenson disponível em: <http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/indexmag.html?http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/artaug09/bs-stevens.html>.

⁴³⁸ Ibidem, p. 43

⁴³⁹ Ibidem, p.42-45.

⁴⁴⁰ Ibidem, Slotten, p.43. Ver também: LARSEN, Anne. Equipment for the field. In: JARDINE, N. et, all. **Cultures of Natural History**. London: Cambridge Press, 1996.

Além desse suporte material, Wallace e Bates contaram ainda com uma ajuda inesperada: enquanto os dois preparavam-se para a viagem ao Pará, encontraram-se por acaso com o autor de *A Voyage up the River Amazon*, W. H. Edwards, que na ocasião estava em Londres para tratar de negócios familiares. Da breve conversa sobre o Pará com Edwards, obtiveram a providencial ajuda de cartas de apresentação aos amigos americanos do autor. Entre eles, destaca-se Mr. Leavens – um explorador de madeira da região amazônica, com quem ambos realizariam suas primeiras excursões de coleta que cobririam uma geografia de longa extensão – a região do Rio Tocantins. Com Edwards, ambos puderam trocar ideias e iniciar a tessitura de uma rede de conexões no interior da região amazônica, não apenas capaz de ajudá-los a reunir informações sobre a pretensa geografia da região a ser visitada, mas, sobretudo, de arregimentar colaboradores na fluida sociedade do norte do Brasil – não obstante suas origens sociais na Europa, no porto do Pará, os coletores foram beneficiados com a colaboração de uma elite de origem europeia estabelecida na região. Sendo assim, encontros pessoais permitiram, além de demonstrar a importância de certos espaços – cidades como Londres e Belém – como importantes pontos para intercâmbios intelectuais, revelar a importante função pragmática de efeitos duradouros na realização de planos de viagem e de carreiras.

Esses encontros permitiram-lhes calcular com mais segurança o plano de viagem. Possivelmente foi Edwards que os advertiu de que, caso navegassem em direção ao Pará no início da primavera – o mês de abril no hemisfério norte –, aportariam na região durante a estação seca, período mais agradável para recém-chegados e mais propício para coletar espécies. Além disso, contaram também com a cooperação de pessoas com conhecimento especializado na atuação em campo em regiões tropicais. Em Londres, ambos tiveram audiência com o Dr. Thomas Horsfield, do *India Museum*, experiente coletor da região de Java. Suas retangulares caixas de coleta não apenas guardavam seus frágeis exemplares de borboletas javanesas como também tinham sido habilmente construídas com material barato e elaboradas na dura e desconhecida realidade do campo. As primeiras coleções de Wallace enviadas a Mr. Stevens foram embaladas nesse modelo que, no entanto, provou ser um grande estorvo para o transporte no interior da Amazônia, devido à grande dimensão da caixa, tendo, por isso, sido substituído por modelos comprados em lojas especializadas. Por outro lado, ele reconheceu que outros materiais locais podiam substituir utensílios oriundos do velho mundo, como o caso da cortiça, aos poucos substituída por madeiras mais moles e/ou caules de palmeiras amazônicas. Afora esses arranjos, Wallace e Bates

também treinaram suas habilidades de coletores praticando o tiro ao alvo e a esfolagem de pássaros, além de observar a coleção botânica tropical da estufa de Chatsworth, antes de deixar a Inglaterra.⁴⁴¹

No entanto, de acordo com Slotten, possivelmente tanto Wallace quanto Bates tinham pouco conhecimento sobre as práticas de esfolar aves e mamíferos, portanto necessitavam estudar mais sobre técnicas de taxidermia. Contudo, devido ao curto tempo para iniciar a viagem até a Amazônia, perceberam que a maior parte de seu treinamento teria que ocorrer efetivamente em campo.⁴⁴² Outros exploradores detinham melhor preparação. Darwin, por exemplo, na época que era estudante de medicina em Edimburgo, aprendeu a empalhar pássaros com um mouro negro. Conforme Browne, em 1825, durante dois meses “ao custo de um guinéu”, Darwin aprendeu a retirar peles de pássaros e secá-las com John Edmonstone, um escravo livre que, por sua vez, tinha aprendido sobre taxidermia com o viajante Charles Waterton. Desde então, o conhecimento de Edmonstone em taxidermia foi tão prestigiado entre naturalistas que esse indivíduo passou a trabalhar autonomamente, prestando seus serviços a instituições de história natural, como o *Natural History Museum*.⁴⁴³ Por outro lado, Darwin também foi um exímio atirador, pois, seguindo a tradição dos *gentlemen*, ou cavalheiros, da aristocracia rural inglesa, passava os verões de sua juventude em atividades esportivas de caça, perseguindo “perdizes, pombos, coelhos, ratos.”⁴⁴⁴ Entretanto, nem Wallace nem Bates, como venho reiterando, detinham origem e fortuna para atividades restritas a cavalheiros da aristocracia. De tal modo, Wallace e, provavelmente, Bates possuíam pouca experiência no uso de armas para caça, além de seu desenvolvimento intelectual ter sido assentado por caminhos tortuosos, fora dos eixos formais de educação na Inglaterra, fato que pode ter rendido-lhes tanto algumas lacunas em sua formação quanto maior liberdade para determinar suas rotas de viagem e para resoluções de suas ideias sobre a ordem do mundo natural.

De qualquer forma, mesmo para trajetórias que obtiveram privilegiada educação, coletar nos “trópicos” era desafiante. Em primeiro lugar, por conta da preservação de espécies: um espécime mal preservado apresentaria pouca relação de semelhança com espécies vivas, tornando-se inútil para fins científicos. Nestes termos, amostras de

⁴⁴¹ SLOTTEN, Ross A. **The Heretic in Darwin's Court: The Life of Alfred Russell Wallace**. New York: Columbia University Press, 2004, p.45.

⁴⁴² Ibidem, p.42-45.

⁴⁴³ BROWNE, Janet. **Charles Darwin: Viajando**. São Paulo: Aracati/Unesp, 2011, p.108.

⁴⁴⁴ Ibidem, p.105.

tecidos duros, como conchas, ossos, bicos e algumas peles, eram maioria entre as coleções transportadas para a Inglaterra, em contraposição a seres vivos cujas estruturas físicas moles⁴⁴⁵ eram de constituição mais sensível e permeável à ação do meio externo e, por isso, facilmente perecíveis quando indevidamente armazenadas. Selar hermeticamente frascos era um prodígio difícil de ser alcançado devido aos materiais disponíveis na época, como bexigas, breu e terebintina. Como resultado disso, amostragens de animais colocadas em recipientes não hermeticamente fechados fazia com que o álcool evaporasse, destruindo a amostra e arruinando a possibilidade de lucro – financeiro ou científico. Do mesmo modo, o álcool tendia a endurecer as estruturas moles, distorcendo o objeto preservado e exigia uma grande quantidade de frascos, o que não apenas tornava difícil seu transporte em campo como também exigia espaço grande de armazenamento.

No entanto, como enfatiza Slotten, para Bates e Wallace restava ainda uma segunda preocupação: encontrar equilíbrio entre sua necessidade econômica e suas indagações em história natural. As ambições do meio naturalista somente poderiam ser consolidadas quando os coletores conseguissem obter espécimes apreciados tanto por museus, universidades e jardins reais quanto por naturalistas diletantes. Entretanto, para constituir tal tarefa era necessário que Wallace e Bates buscassem ter experiência em taxinomia e classificação.

Porém, antes de tudo, ambos sabiam da necessidade de tecer uma rede de colaboradores da forma mais ampla possível. Por isso, não dispensaram nenhuma oportunidade de adquirir informações e recursos que pudessem auxiliar em suas ambições. Assim, pode ser visto que seus arranjos finais contemplaram dois importantes contatos. O primeiro realizado por meio de uma carta datada de 30 de março de 1848 e assinada conjuntamente por Bates e Wallace. A carta estava endereçada ao diretor de *Kew Royal Gardens*, William Hooker, e, além de ter sido escrita com a devida deferência a seu importante remetente, tinha um registro que comprovava de que forma a autoridade de Hooker e de *Kew Gardens* foi usada para intermediar o acesso de coletores britânicos aos trópicos:

Sir, We leave London for Liverpool on Tuesday next, & shall probably sail for Pará a few days afterwards. We think that an official letter from you, referring to what you wish us to obtain for the Kew Museum, & accompanying the printed instructions you were so kind

⁴⁴⁵ Cf. SLOTTEN, Ross A. **The Heretic in Darwin's Court: The Life of Alfred Russell Wallace**. New York: Columbia University Press, 2004, p.42; e LARSEN, Anne. Equipment for the field. In: Jardine, N. et al. **Cultures of Natural History**. London: Cambridge Press, 1996, p.358-359.

as to offer to send us, would be of great service to us. It would serve to show that we were the persons we should represent ourselves to be, & might much [[2]] facilitate our progress into the interior. Trusting we do not presume too far on your kindness, in requesting a favour [sic] of this kind. We remain | Your obed[ien]t Servants | Alfred R. Wallace [signature] | Henry Bates 2 [signature] To Sir W. J Hooker.⁴⁴⁶

O derradeiro contato foi feito às vésperas de embarcarem em Liverpool no mês de abril, com um colecionador de borboletas que havia estado no Brasil coletando em Pernambuco e no Pará, denominado Mr. J. G. Smith. Smith apresentou-lhes as coleções adquiridas em seu gabinete e propagandeou sobre as belezas naturais por ele observadas no Brasil. Dele receberam a providencial ajuda de uma carta de apresentação destinada ao consignatário do navio para o qual compraram passagem.

Sendo assim, o plano de viagem à Amazônia foi posto em prática após ambos se assenhorem de um conjunto de recursos: desde habilidades práticas e conhecimentos básicos para identificar o que coletassem até a rede de negócios em história natural acessada por meio do experiente agente Stevens. Esta última relação, como se viu, foi imprescindível para conseguir dinheiro e, enfim, tornar a viagem possível. Nestes termos, considero importante situar a cultura de coleta – que abrange redes de correspondência, publicações, espécimes para venda e equipamentos – como veículo central que possibilitou o engajamento e financiamento de Wallace para coletar no Brasil.

3.4. QUANDO OS INGLESES ALCANÇARAM A AMAZÔNIA: DINÂMICAS SÓCIO-ECONÔMICAS INTERNAS

Como em grande parte da história das explorações ultramarinas da era moderna, também os arranjos finais dos viajantes britânicos Wallace e Bates para além-mar, em 1848, desenrolaram-se num cais de porto. No caso em questão, o porto de Liverpool, onde ambos os coletores embarcaram, caracterizou-se desde o século XVIII como um dos principais entrepostos comerciais a manter relações de negócios com vários continentes: por lá passaram desde comerciantes – que francamente enriqueceram com o tráfico negreiro a partir da triangulação de negócios na Europa (produtos manufaturados baratos), África (mão de obra escrava) e América (matéria-prima, prata, ouro, pedras preciosas, tabaco, algodão, açúcar, café etc.) – até proprietários de navios

⁴⁴⁶ Carta de Wallace, Alfred Russel e Bates, Henry Walter a Hooker, William Jackson. Liverpool, Março de 1848. In: BECCALONI, G. W. (org.). **Wallace Letters Online**. Disponível em: <http://www.nhm.ac.uk/wallacelettersonline>. Acessado em: 20.05.13.

para corso e negociantes de produtos orientais – especiarias, chá, porcelana, seda, objetos de arte, algodão, café etc. Por sua vez, os navios que partiam de Liverpool em direção ao Brasil estavam quase sempre abarrotados de produtos manufaturados ingleses, como peças de algodão, cerâmica, manteiga e ferro, os quais eram desembarcados nos portos do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará. No caso do porto de Belém, o ponto de ancoragem de Wallace e Bates no Brasil, as relações de trocas mercantis encenadas entre o Grão-Pará e a Inglaterra foram atestadas pelos registros do oficial Antonio Ladislau Monteiro Baena, em 1838, no qual afirmou que, a partir da configuração da Lei Régia de 28 de janeiro de 1808: “Começaõ a vir os Inglezes a mercadejar, e a estabelecer-se no Pará.”⁴⁴⁷

Sendo assim, pode-se entrever que cenas de partida e de chegada de navios de bandeira inglesa no porto paraense não ficavam restritas ao movimento de embarque e desembarque de mercadorias. À relação de negócios encetada pela abertura dos portos brasileiros seguia-se a chegada de súditos da coroa britânica, os quais, além de se estabelecerem pelos quatro cantos da geografia brasileira, possuíam perfis variados, como pontuou o estudo de Gilberto Freyre: “negociantes, técnicos, mecânicos, missionários, piratas, viajantes ou aventureiros.”⁴⁴⁸ Apesar dessas distinções, para Freyre havia ainda um critério “histórico e psicológico” compartilhado pelos ingleses que alcançavam o Brasil, a saber: o fato de se auto reconhecerem como indivíduos pertencentes a uma potência imperialista. Em outras palavras, não se podia esquecer que havia “uma situação social comum [entre eles]: a de súditos de S. M. Britânica, isto é, de um poder nítida e, às vezes, arrogantemente imperial em suas relações com o Brasil do século XIX.”⁴⁴⁹ Os resultados dessa preponderância econômica – naval e política – foram expressados por Eça de Queirós em sua obra “Ingleses no Egito” nos seguintes termos:

Estão em toda parte, esses ingleses! O século XIX vai findando, e tudo em torno de nós parece monótono e sombrio – porque o mundo vai se tornando inglês. Por mais desconhecida e inédita nos mapas que seja a aldeola onde se penetre, por mais perdido que se ache num obscuro canto do Universo o regato ao longo do qual se caminhe, encontra-se sempre um inglês, um vestígio de vida inglesa! ...Inteiramente inglês, tal qual como saiu da Inglaterra, impermeável às civilizações alheias...recebendo nos confins do mundo o seu *Times* ou o seu *Standard* e formando a sua opinião não pelo que vêem ou ouvem ao

⁴⁴⁷ BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. **Compendio das Eras da Província do Pará**. Pará: Typographia Santos, 1838, p.437.

⁴⁴⁸ FREYRE, Gilberto. **Ingleses no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, Univercidade, 2000, p.37.

⁴⁴⁹ Ibidem, p.42.

redor de si, mas pelo artigo escrito em Londres; a alma voltada sempre para trás, para o *home*; abominando tudo o que não é inglês, e pensando que as outras raças só podem ser felizes possuindo as instituições, os hábitos, as maneiras que os fazem a eles felizes na sua ilha do Norte!⁴⁵⁰

A despeito dessa imagem (crítica) do escritor português sobre os ingleses estabelecidos em rincões fora de “sua ilha do Norte”, Freyre lembra que ela corresponderia a uma caricatura e não a “um retrato justo”.⁴⁵¹ Para o autor, seria “contraditório e incoerente” pensar que o mesmo inglês “impermeável às civilizações alheias” teria se tornado um dos melhores “intérpretes e propagadores do exótico, do tropical, do oriental.”⁴⁵² Ao confrontar diferentes tipos de fontes não oficiais, o ensaio de Freyre sublinhou a importância de se matizar a experiência inglesa no país: Assim, enquanto em dada situação, experiências de visitantes no Brasil, como Charles Darwin, teriam demonstrado uma postura distante, fechando-se a qualquer convivência humana, por outro lado, Richard Burton, Koster, Walsh buscaram conviver “com a natureza humana do Brasil e com suas particularidades”. Para Freyre, alguns ingleses foram muito além de exímios coletores de novas espécies de plantas, de peixes e documentaristas: seus registros efetivaram um “retrato psicológico” do povo brasileiro que somente poderia ser traçado aproximando-se da gente, do povo, dos homens, das casas, das cozinhas, das igrejas, dos engenhos, das fazendas.

As questões suscitadas por Freyre apontam para uma dimensão que extrapola as relações “imperialistas” de poder. Ela denota pensar as experiências históricas de estrangeiros no Brasil a partir de suas vivências sociais particulares. O que significa inverter a lógica habitual de olhar esses indivíduos como distantes e impermeáveis ao Outro e observá-los a partir das relações que estabeleceram com a cultura material e “mental” do lugar visitado. Uma proximidade que dava seus primeiros passos ainda no momento de desembarque...

Focando essas relações encenadas ainda nos portos, é possível situar Belém para além de mero entreposto para produtos e negócios. Desde o século XVIII e, sobretudo, a partir da abertura dos portos no século XIX, Belém se configurou como ponto de circulação de informações, de encontros interculturais e de abastecimento de “dados” científicos para instituições de saber europeias. Em seu sentido pleno, era uma “zona de

⁴⁵⁰ Queirós, Eça. Os Ingleses no Egito. In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro, Editora Aguilar, vol. 3, 2000, p.1172-1173.

⁴⁵¹ FREYRE, Gilberto. **Ingleses no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, Univercidade, 2000, p.48.

⁴⁵² *Ibidem*, p.48.

contato”: um lugar que abrigava comerciantes (estrangeiros, portugueses, brasileiros) que viviam a “mercadejar” com os locais – vendendo e comprando mercadorias – e a partir dos quais ampliavam sua rede de conexões para o interior da província; não obstante, abrigava também indígenas, tapuios, escravos, negros livres, mestiços – que atuavam como importantes mediadores culturais, “ensinando” a “homens de ciência” e contribuindo com a coleta de espécimes. Reservadas as devidas proporções, algumas dinâmicas desenvolvidas tanto por negociantes quanto por homens de ciência na Amazônia oitocentista aproximavam a região da distante e próspera cidade portuária de Cantão, na China da primeira metade do século XIX. Assim, expedições de naturalistas na China contavam com melhor infraestrutura de viagem (estradas, transporte, mapas, pousadas e até bordéis!)⁴⁵³ do que em outros lugares do mundo não europeu. Mesmo zonas consideradas inóspitas e/ou pouco cultivadas pelo homem – como a região amazônica e o sul da África – foram amplamente visitadas por negociantes e naturalistas ingleses, sobretudo, a partir de meados do século XIX. Esse movimento inglês, segundo defende Fa-ti Fan, estaria relacionado com o panorama das empresas marítimas modernas, daí a atenção ao poderoso papel que cidades portuárias exerceram em relação ao trabalho de campo, pois elas se configuravam como ponto de intercessão para troca de informações e uma zona de contato onde encontros culturais aconteciam⁴⁵⁴.

Nessa perspectiva, estudar os pontos de paragem (ou ancoragem) de naturalistas no Grão-Pará implica em trazer à tona a intrincada rede de conexões que influenciaram práticas científicas em campo. No contexto do comércio transoceânico, mesmo regiões “periféricas” (julgue-se tanto pelo lugar ocupado no contexto mercantil quanto pela produção de conhecimento sobre) contribuíram significativamente com dados ou “artefatos” para a ciência Ocidental. O que, por outro lado, denota pensar a ciência como uma prática cultural não dissociada do movimento de busca por riquezas e por produtos de interesse mercantil. Esse aspecto pode ser ilustrado pelo próprio Wallace em sua excursão pelo rio Tocantins, quando tematizou que no lugarejo de Baião havia um sentimento corrente de superioridade entre os nativos da comunidade em relação a estrangeiros semelhante ao que se poderia experimentar na China, na seguinte passagem:

⁴⁵³ FAN, Fa-Ti. **British naturalists in Qing China: science, empire, and cultural encounter**. Massachusetts: Harvard University Press, 2004, p.124.

⁴⁵⁴ FAN, Fa-Ti. Science in a Chinese Entrepôt: British Naturalists and Their Chinese Associates in Old Canton. In: **Osiris: Science and the City**, 2nd Series, Vol. 18, (2003), p.62.

When told that the climate was too cold for mandiocca or seringa to grow if planted, he was quite astonished, and wondered how people could live in a country where such necessities of life could not be grown ; and he no doubt felt a kind of superiority over us, on account of our coming to his country to buy india-rubber and cocoa, just as the inhabitants of the Celestial Empire think that we must be very poor miserable barbarians, indeed, to be obliged to come so far to buy their tea.⁴⁵⁵

Todavia, a adjetivação – pobre e miserável bárbaro “branco” – que delineia um sentimento de superioridade nativo percebido pelo autor pode ser interpretada aqui como um recurso literário que ironiza a ignorância local em relação ao alcance da influência da Inglaterra (e de outros países europeus) sobre o mundo. Assim, mais que ressaltar a estranheza local diante das ambições dos “brancos”, as entrelinhas do texto de Wallace sublinham o alcance da empresa imperial pela busca de plantas com algum potencial econômico – cacau, seringa ou chá – e cuja extensão cobriu desde o vale amazônico até o Império Chinês. Deste modo, pode-se presumir que, tanto quanto a busca de metais preciosos, o movimento europeu ao redor do mundo buscou também “plantas” que lhes conferiram enormes vantagens econômicas. Logo, deve-se observar como, segundo Fa-Ti Fan, no processo de expansão global da influência europeia sobre o mundo plantas e animais foram transformados “em capital, em meio de troca monetária e social, adquirindo, de uma só vez, diferentes valores: econômico, social, estético e científico.”⁴⁵⁶

Tais relações possuem paralelo com a experiência dos britânicos Alfred Russel Wallace e Henry Walter Bates na Amazônia. Esses homens, ao desembarcarem em abril de 1848, contando respectivamente 25 e 23 anos, pagaram suas passagens em um pequeno navio mercante de propulsão a vela, o *Mischief*, seguindo como únicos passageiros da embarcação. Como salientou o próprio Wallace em sua autobiografia, até a primeira metade do século XIX, navios a vapor ainda eram pouco usados, sendo a maior parte do comércio transoceânico realizado por navio a vela. Quando embarcaram, ambos os jovens britânicos encontravam-se ansiosos pelo primeiro vislumbre de um ambiente tropical e, “after a swift passage from the Irish Channel to the equator,”⁴⁵⁷ chegaram a uma “small village, formerly a missionary settlement of the Jesuits”⁴⁵⁸ denominada Salinas, numa manhã do dia 26 de maio, 29 dias depois de deixar o porto

⁴⁵⁵ WALLACE, Alfred Russel. *A Narrativa of Travel on the Amazon and Rio Negro*. London: Ward, 1908, p.43-44.

⁴⁵⁶ Op. cit. p. 12

⁴⁵⁷ BATES, Henry W. *The Naturalist on the River Amazons*. London: John Murray, 1863, p.1.

⁴⁵⁸ Ibidem, p.1.

de Liverpool. Conforme Bates, Salinas constituía um “port of entry to the vast region watered by the Amazons.”⁴⁵⁹ Esse ponto de ancoragem esclarece que o Pará, durante o século XIX, foi um dos principais roteiros de entrada para os viajantes que tivessem como destino penetrar o interior da região amazônica. Como revela a maior parte das narrativas de viagem, o viajante que pretendesse adentrar a bacia amazônica durante o Oitocentos deveria tomar uma embarcação de pequeno porte, movida a vela e remos, contornar o litoral da ilha de Marajó e atravessar um estreito canal que forma comunicação entre os rios Pará e Amazonas. Seguindo tais caminhos era possível chegar até a bacia principal do rio-mar.

No entanto, ao contrário da maioria de seus compatriotas europeus que seguiram para o mesmo destino, Wallace e Bates, *a priori*, não tinham relação alguma com o comércio de gêneros alimentícios (cacau, arroz, café, algodão, açúcar, aguardente, couros secos e salgados etc.) ou extrativos (salsaparrilha, amarras de piaçava, a copaíba, andiroba, urucum, cravo fino e grosso, canela, puchuri, anil, castanha e madeiras em toros ou pranchas etc.) explorados na região amazônica, mas, por vezes, seus interesses de coleta botânica e zoológica os impeliram a interagir com agentes, rotas e infraestrutura que perfaziam o mosaico das atividades socioeconômicas da Amazônia oitocentista.

Ainda que a historiografia sobre as práticas econômicas na região continuem a apresentar significativas lacunas⁴⁶⁰, grosso modo, pode-se afirmar que as relações de produção constituídas no Grão-Pará até a primeira metade do século XIX tiveram pouca alteração das atividades gestadas a partir da segunda metade do século XVIII. Assim, é lícito afirmar que a economia, até esse período, era baseada em setores diversificados, cujas estruturas visivelmente contrastavam com as atividades realizadas em outras áreas do império brasileiro: em primeiro lugar, o principal meio de enriquecimento para agentes de origem europeia – fossem provenientes da administração imperial, militares ou negociantes estrangeiros – era oriundo da extração de produtos de fontes silvestres (as chamadas “drogas do sertão”). Conforme Patrícia Sampaio, embora o cacau silvestre tenha constituído o produto que liderou o *ranking* dos produtos comercializáveis para

⁴⁵⁹ Ibidem, p.1.

⁴⁶⁰ Como salientaram os trabalhos de WENSTEIN, Bárbara. **A Borracha na Amazônia: expansão e decadência**. São Paulo: HUCITEC, 1993; e SAMPAIO, Patrícia. **Espelhos Partidos: Etnia, Legislação e Desigualdade na Colônia**. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2001. Outra referência clássica é o estudo do economista SANTOS, Roberto. **História Econômica da Amazônia (1800-1920)**. SP: T. A. Queiróz, 1982. Suas considerações ainda continuam fornecendo importante base para compor o quadro geral das atividades econômicas da região.

exportação na Amazônia, a expressão “drogas do sertão” designava um “conjunto bastante heterogêneo” de itens extraídos do ambiente florestal e destinados ao comércio, os quais abarcavam “frutos, folhas, raízes, resinas e óleos de origem vegetal empregados na alimentação, medicina, tinturaria, construção naval, cordoaria, entre outras aplicações.”⁴⁶¹ Tal atividade movimentou, assim, cidades, vilas, povoações e recrutou mão de obra – sobretudo a indígena. Esse panorama econômico era quase o mesmo quando Wallace e Bates chegaram ao Brasil, com a ressalva de que no período de permanência testemunharam a crescente demanda por mais um produto extrativo – a *india-rubber* – como comprovou Bates na seguinte nota de sua narrativa de viagem:

Next to **india-rubber**, **cacao is the chief article of exportation from Para**. The yield, however, varies greatly in different years. The price also fluctuates considerably, and does not follow the abundance or scarcity of the crop. The following valuation of exports of the article is taken from an official statement of exports, given me by Mr. Bailey, U. S. Consul at Para. In 1856, £99,247 7s. 9d ; 1857, £208,926; 1858, £133,013 8s. The quantity in weight exported was in 1856, 4,343,136lb. ; in 1857, 7,428,480lb.⁴⁶²

Além disso, outra faceta da atividade econômica na região – aquela relativa à produção de alimentos –, embora considerada de ímpeto limitado, o cultivo de gêneros para exportação, como café, algodão, cana-de-açúcar, estava presente entre as dinâmicas econômicas que fizeram “fortunas” no Grão-Pará, como demonstra a análise do inventário *post-mortem* do Coronel de Milícias Francisco Zany – também conhecido por ciceronear os naturalistas bávaros Spix e Martius pela Amazônia⁴⁶³ – realizada pela historiadora Patrícia Sampaio. Ao contrário do seletivo grupo dos “primeiros povoadores” do Brasil – alguns deles salientados na análise da autora –, Zany era natural da Itália e chegara à região amazônica no início do século XIX. Na Amazônia, ocupou o posto de Comandante Militar do Rio Negro, cujas tropas tinham por função, segundo Sampaio:

além da manutenção da polícia nas vilas e nas fronteiras, fazer a patrulha contra índios hostis, acompanhar viajantes às feitorias e fazer descimentos, trazendo índios livres às povoações.⁴⁶⁴

Ao esquadrihar o inventário *post-mortem* do coronel Zany, Sampaio concluiu que, se, por um lado, sua súbita escalada social revela a existência de “confortáveis

⁴⁶¹ SAMPAIO, Patrícia. **Espelhos Partidos: Etnia, Legislação e Desigualdade na Colônia**. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2001, p.144.

⁴⁶² BATES, Henry W. **The Naturalist on the River Amazons**. London: John Murray, 1863, p. 270

⁴⁶³ Op. cit. pp.103-106.

⁴⁶⁴ Ibidem, p.104.

padrões de vida” fomentados pela combinação de atividade agrícola com a exploração de produtos extrativos, por outro, seu vínculo com o apresamento de índios no rio Negro, bem como alianças de casamento e usufruto de cargos, demonstra que estratégias de enriquecimento das primeiras décadas do século XIX, eram similares às colocadas em prática no século XVIII.⁴⁶⁵ Sobre esse aspecto, Ciro Cardoso observou a existência, a partir de 1750, de um setor econômico em expansão que englobava tanto fazendas que empregavam a mão de obra escrava africana e indígena quanto uma economia de coleta de produtos da floresta com mão de obra oriunda das antigas missões transformadas em vilas e lugares. A caracterização do próspero engenho de Zany, localizado em Manaquiri – próximo a Manaus (ou Barra do Rio Negro, na época), é representativa das dinâmicas econômicas e de trabalho encenadas na geografia da bacia do Amazonas até a primeira metade do Oitocentos. Segundo a autora, Zany possuía:

casa de vivenda, engenho, senzalas para escravos e índios, armazéns, salas de fiação, olaria e forja. Fabricavam-se aguardente, açúcar, farinha [de mandioca], telhas, tecidos grossos de algodão e redes. Entre suas plantações, contavam-se também café, cacau, tabaco milho, arroz...Produzia ainda carne e peixe seco...Para essa última atividade, utilizava-se do trabalho dos índios Muras como outros proprietários da região. Esses índios estabeleciam os pesqueiros, capturavam e preparavam as salgas de peixes.⁴⁶⁶

Além disso, de acordo com Sampaio, embora não seja possível localizar no inventário de Zany a confirmação de que parte de sua riqueza tenha sido oriunda do trabalho indígena, os escritos dos naturalistas bávaros Spix e Martius denunciaram que o italiano de Livorno utilizava em sua propriedade “índios Passés, Juris e Macunás.”⁴⁶⁷ Com isso, foi possível que a autora conseguisse confrontar os números modestos que observou no inventário do italiano em relação ao número de escravos que possuía – 10 escravos negros, dentre os quais, 8 eram mulheres! – evidenciando que os múltiplos empreendimentos movimentados por Zany na região eram baseados na exploração “esmagadora” de trabalhadores índios.⁴⁶⁸ De tais circunstâncias depreende-se que a economia amazônica oitocentista, até sua primeira metade, tinha como base estrutural a exploração da mão de obra indígena em razão, sobretudo, de dois aspectos: seu baixo custo de aquisição, quando comparado ao escravo negro; e o baixo nível tecnológico

⁴⁶⁵ Ibidem, p.107.

⁴⁶⁶ Ibidem, p.104.

⁴⁶⁷ Ibidem, p.104.

⁴⁶⁸ Ibidem, p.104.

aplicado à agricultura na região (agricultura extensiva e coivara). Por outro lado, o estudo dos inventários realizado por Sampaio demonstrou, ainda, que a mão de obra do escravo africano, embora mais escassa, sobretudo, nas fortunas da elite mercantil residente no Alto Amazonas e Rio Negro, foi fundamental para composição da riqueza das classes mais abastadas do Grão-Pará da primeira metade do século XIX.

Com isso, pode-se afirmar que, apesar de o extremo norte ser considerado um espaço marginal na configuração econômica do Império brasileiro, a região era parte da engrenagem do modelo escravista. Se, no Alto Solimões e Alto Rio Negro, os números eram modestos, no baixo Amazonas eles tendiam a ser mais elevados, considerando-se que os dados revelam que grande parte da escravaria estava assentada nas cercanias de Belém – sobretudo, na região que engloba os rios Acará, Moju e Capim – onde, tradicionalmente, segundo Sampaio, foram estabelecidas as zonas “da lavoura canavieira com a predominância de engenhos reais e também forte produtora de produtos para exportação, especialmente o fumo e cacau.” Essa configuração se estendia ainda até “parte da ilha de Marajó e alcançaria a calha do Tocantins, sendo a vila de Cameté localizada nesse rio, um bom exemplo da vitalidade dessa expansão.”⁴⁶⁹

No entanto, quando os viajantes ingleses Bates e Wallace chegaram a Belém, em 1848, grande parte dessa vitalidade econômica do Grão-Pará testemunhada pelos bávaros Spix e Martius, entre 1819 e 1820, sofria um lento processo de recuperação, visto que o ímpeto econômico da província havia sido refreado pelo movimento cabano, que eclodiu a partir de 1835 até ser reprimido, em 1840.⁴⁷⁰ Entre os impactos mais visíveis dessa configuração estava a abrupta queda demográfica dos habitantes da cidade de Belém, salientada por Bates: “The number of inhabitants of the city had decreased, in consequence of these disorders, from 24,500 in 1819, to 15,000 in 1848.”⁴⁷¹ Ao redigir esse trecho, Bates destacava que a memória de enfrentamentos, de ameaças à vida coletiva e de destruição – doenças, morte – ainda se fazia muito presente na região. De modo que, mesmo passados 12 anos de dissipação do movimento, grande parte dos negociantes e mercadores portugueses ali residentes não tinha recuperado a

⁴⁶⁹ Ibidem, p.102.

⁴⁷⁰ A cabanagem, movimento belicoso que oficialmente eclodiu em 1835. Sobre o impacto produzido pela Cabanagem tanto no cenário regional quanto no local Cf.: RICI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. In: Tempo, Revista digital UFF, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v11n22/v11n22a02.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2013; PINHEIRO, Luís Balkar. Ensaio Geral da Cabanagem: Manaus, 1832. In: ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História, Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1111.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

⁴⁷¹ BATES, 1863, p.33.

autoconfiança para morar em suas “beautiful country-houses or rocinhas which lie embosomed in the luxuriant shady gardens around the city.”⁴⁷² Uma atitude não apenas observada por Bates no Pará. Em Manaquiri – localidade também alcançada por Spix e Martius, em 1819, em ocasião da visita à prospera fazenda de Zany descrita acima por Sampaio –, nas proximidades de Barra do Rio Negro (Manaus), Wallace enfatizou o aspecto de desolação e arruinamento da propriedade onde funcionava um engenho de açúcar. Segundo o viajante, o lugar não passava de uma choupana coberta por folhas de palmeiras e cercada por paus a pique. Ao invés de assoalho, o chão era de terra batido e desnivelado. Toda essa aparência arruinada devia-se às “desordens” motivadas pela “revolução” que atingiu as proximidades de Barra do Rio Negro, como salienta a seguinte passagem:

Cattle and sheep were grazing about, and pigs and poultry were seen nearer the house. This was a large thatched shed, half of which contained the cane-mill, and was only enclosed by a railing instead of a wall ; the other half had coarse mud walls, with small windows and thatch shutters. The floor was of earth only, and very uneven, yet here resided Senhor Brandao and his daughter, whom I had met at Barra. **The fact was that some ten or twelve years before, during the Revolution, a party of Indians burnt down his house, and completely destroyed his garden and fruit-trees, killing several of his servants and cattle,** and would have killed his wife and children, had they not, at a moment's notice, escaped to the forest, where they remained three days, living on Indian corn and wild fruits. Senhor B. was at the time in the city, and while the Revolution lasted, which was several years, he was glad to have his family with him in safety, and could not think of rebuilding his house.⁴⁷³ [grifos meus]

O trauma social sentido pela “elite” do Grão-Pará não foi apenas esboçado pelas narrativas de viagem de Bates e Wallace. A fala do presidente da província, Francisco Coelho, anunciada em 1848, que discorre sobre o Corpo de Trabalhadores – sistema de convocação de trabalhadores, criado após o sufocamento da Cabanagem –, evidencia que entre as preocupações centrais das autoridades provinciais estava a memória do conflito:

Corpos de trabalhadores - Esta força, se tal nome merece, foi criada pela lei Provincial n.º 2 de 26 de abril de 1839.[...] Na fórmula da lei acima mencionada os Corpos de Trabalhadores se compõem de **Índios, Mestiços, e de pretos livres ou libertos, sem propriedade ou estabelecimento, em que se empreguem constantemente. Aos indivíduos assim alistados mandou a lei empregar no serviço da lavoura, Commercio e das obras publicas, autorizando a qualquer**

⁴⁷² Ibidem, p.34.

⁴⁷³ WALLACE, 1889, p.123-124.

particular a contrata-los para seu serviço.[...]A lei porém sahio desacompanhada do necessario desenvolvimento; [...]Dessa falta de cautelas restrictivas e garantidoras nasceraõ duas especies de abusos oppostos, oppressão e relaxaçãõ.[...]Alem deste grave inconveniente, que trouxe a pratica da lei dos trabalhadores, outros naõ menos graves se podem contar, e entre eles merece ser mencionada a emigraçãõ de muitos individuos pelos pontos das fronteiras, pois antes preferiraõ expatriar-se do que sujeitar-se aos vexames, a que os obrigavaõ. Pelo Alto Rio Branco, pelo Solimões, e pelo Alto Rio Negro principalmente maior tem sido essa emigraçãõ, já fugindo á servidaõ, já ao recrutamento.[...] Pelas margens do Lago Amapá e terras visinhas de Cayenna [...]Mal avisados saõ de certo aquelles, que por um zelo inconsiderado [...] nada mais fazem do que soprar e acender as más paixões, produzindo a excitação das classes mais inflamáveis, que mesmo pela compressãõ, que soffreraõ, estaõ sempre, ao primeiro aceno, dispostas para a reacçãõ.[...] me parece indispensável uma reforma radical na lei, e sobre este objeto cumpre-me apresentar-vos as minhas ideias. [...] Da licenciosa liberdade, em que antes da lei dos trabalhadores, viveo a classe, de que tratamos, nasceo essa horda incendiaria e feróz, que causou os calamitosos horrores de 1835 [...] Aproveitemos a liçãõ do passado, e nas medidas, que nos cumpre tomar, attenda-se, que se é justo garantir a classe miserável contra a oppressão do forte, naõ é menos justo garantir as classes inteligentes, industrias e uteis contra os assaltos do barbarismo. Tal é neste caso o problema, que devei resolver. Ahi passo a apresentar-vos as minhas ideias de substituiçãõ, e reorganizaçãõ dos Corpos de Trabalhadores sob-bases mais equitativas e convenientes.⁴⁷⁴

A longa fala do Presidente Francisco Coelho, além de demonstrar que o sistema de recrutamento obrigatório de mão de obra nada mais fez do que promover o recrudescimento de ações abusivas por parte de setores da elite contra a massa da população do Grão-Pará, mostra também que o temor de possíveis rebeliões ainda era pauta permanente do governo. Entretanto, esse temor não se resumia apenas ao medo da eclosão de uma revolta armada. Além desse “inconveniente”, Coelho destacou o perigo da “emigração” de braços para “pontos de fronteira”, onde muitos indivíduos buscavam refugiar-se contra deliberações que os sujeitavam. Coelho pontuou em seu discurso que grande parte dos indivíduos que buscaram fugir da servidão expatriou-se para Alto Rio Branco, Solimões e Alto Rio Negro, enquanto outra parcela buscou as margens “do Lago Amapá e terras visinhas de Cayenna”. A questão da fuga de indivíduos – indígenas, tapuios, escravos, negros livres etc. – para os “sertões” amazônicos não ocorreu apenas nesse contexto. Como informa Flávio Gomes, fontes oficiais e jornais de

⁴⁷⁴ Falla dirigida pelo ex.m.o snr. conselheiro Jeronimo Francisco Coelho, presidente da provincia do Gram-Pará, á Assembléa Legislativa Provincial na abertura da sessão ordinaria da sexta legislatura no dia 1.o de outubro de 1848. Pará, Typ. de Santos & filhos, 1848. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/507/>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

Belém fazem referência, por exemplo, à fuga de escravos para Guiana desde o período colonial.⁴⁷⁵ Razão que motivou as autoridades diplomáticas a implantar medidas de controle de “fluxo de pessoas na região e destruir os mocambos ali estabelecidos.”⁴⁷⁶ Nos mesmos termos, Antônio Porro salienta que, no período colonial, o processo de apresamento de grupos indígenas imposto por missionários e colonos portugueses não apenas resultou no desastroso fenômeno do despovoamento das regiões de várzea ao longo do rio Amazonas – contingente que outrora foi revelado pelos primeiros exploradores europeus quinhentistas – como também empurrou para afluentes de rios e regiões de terra firme, “pouco penetrada pelos brancos”, grupos humanos de origem indígena que haviam sobrevivido aos embates travados pelos europeus.⁴⁷⁷ Nesse processo de fugas, é possível prever que, longe de reconstituírem suas comunidades de forma isolada, índios e negros protagonizaram no interior da Amazônia contatos interétnicos, cujos resultados ultrapassaram o recorte colonial, estendendo-se ao longo do século XIX.⁴⁷⁸

No entanto, a novidade das questões levantadas por Coelho sobre o Corpo de Trabalhadores pode ser desdobrada nos seguintes pontos: 1) sua preocupação era resultado das constantes disputas por mão de obra entre o Estado e a iniciativa privada – e não mais entre estes e missionários; 2) ligação ao fato de apresentar os resultados dos Corpos de Trabalhadores como desastrosos para a massa da população. Como desdobramento dessas novas relações, observa-se que tal instituição não apenas legitimou um sistema de recrutamento de trabalho compulsório de pessoas tecnicamente livres no período compreendido de 1838 a 1859⁴⁷⁹ como incorreu, ainda, na intensificação da desagregação social de sociedades indígenas e outras comunidades (tapuias, negros, caboclos, mestiços) tradicionais da região amazônica. Para David Cleary, as disposições do Corpo de Trabalhadores teriam abalado a forma móvel e economicamente autônoma de vida da qual grupos indígenas desfrutaram nas gerações que sucederam o fim do Diretório, em 1798. A partir desse instante, conforme o autor,

⁴⁷⁵ GOMES, Flávio. Em outras margens: Escravidão Africana, Fronteiras e Etnicidade na Amazônia. In: PRIORE, Mary del e GOMES, Flávio. **Os Senhores dos Rios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p.146.

⁴⁷⁶ Ibidem, p.146.

⁴⁷⁷ Como observa o etnohistoriador Antônio Porro, “os descimentos dos povos interioranos para as margens do Amazonas foram, essencialmente, resultado da ação missionária, ora cooperando, ora concorrendo com a sociedade civil e suas tropas de resgate.” PORRO, Antônio. História Indígena do Alto e Médio Amazonas. Século XVI a XVIII. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.) **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

⁴⁷⁸ Ver Gomes, op. cit. p.146-151.

⁴⁷⁹ FULLER, Claudia Maria. Os corpos de trabalhadores e a organização do trabalho livre. In: **Revista Mundos do Trabalho**. Vol. 3, n.6, Julho-dezembro de 2011, p.63.

os modos de vida, a cor da pele e fenótipos humanos não pautados por modelos de cultura europeia despertavam suspeita das autoridades. Assim, o Corpo de Trabalhadores deveria ser visto como parte de um discurso “civilizatório” dirigido àqueles socialmente identificados como “índios, mestiços e pretos” livres. Com isso, a lei assentava-se em critérios altamente etnocêntricos, pois, além do componente racial (embora a Cabanagem tenha tido participação de uma elite “branca”, a “massa inflamável” nesta vertente era associada apenas às pessoas de cor), quando deslocou a massa de trabalhadores tanto para o trabalho em obras públicas como para propriedade produtiva,⁴⁸⁰ isto demonstrava uma preocupação balizada apenas por parâmetros europeus de civilidade e trabalho. A esse aspecto, soma-se o incremento da força militar no Pará, que atuou de forma a coibir o fluxo de pessoas no interior da província e a reforçar “divisões raciais na sociedade no norte brasileiro por meio de uma da opressão racial evidente.”⁴⁸¹ Para romper com tais estruturas de opressão, segundo Cleary, seria preciso o advento das “convulsões sociais” derivadas do “ciclo da borracha” ao longo de mais duas gerações, para possibilitar que pessoas identificadas como não-brancas no extremo norte reconquistassem, talvez, relativo grau de independência, semelhante ao que seus bisavós haviam experimentado nas primeiras décadas do século XIX.⁴⁸²

Além disso, Cleary enfatiza que o controle governamental, “colonial ou imperial”, limitava-se a uma proporção relativamente pequena da bacia amazônica: áreas em torno de Belém e a foz do Amazonas, a costa do oceano, em sua jusante com o rio Amazonas, e alguns trechos navegáveis dos principais rios. Grande parte da vitalidade econômica e social da região – coleta de produtos florestas, escravização indígena e africana, migrações – ocorria fora do alcance dos administradores e missionários.⁴⁸³ Após o fracasso do Diretório Indígena e sua extinção em 1798, os índios teriam sido entregues aos seus próprios dispositivos por quase cinquenta anos. Isso teria permitido que uma geração de pessoas nascidas no período anterior à

⁴⁸⁰ CLEARY, David. Lost Altogether to the Civilised World: Race and the Cabanagem in Northern Brazil, 1750 to 1850. In: **Comparative Studies in Society and History**. New York: Cambridge Press, Vol. 40, No. 1 (Jan. 1998), p.134.

⁴⁸¹ Ibidem, p.134.

⁴⁸² Ibidem, p.134.

⁴⁸³ O que significou, para a historiografia sobre a região, escrever sobre um lugar com pouco ou nenhum vestígio documental. Neste sentido, conforme Cleary, buscar documentos sobre a dizimação da população indígena ainda constitui um verdadeiro desafio para os historiadores, que atualmente têm se apoiado na etnohistória para recompor a trajetória das populações tradicionais da Amazônia. Esse esforço tem recuperado importantes processos históricos de deslocamento e controle estatais ocorridos ao longo da bacia, como, por exemplo, a reconstituição da guerra aos Mura e Munducus, quando interesses estatais ameaçaram a navegação no curso dos principais canais fluviais e afluentes de rios, como o Tapajós e o Madeira, até a virada do século XIX. Cf. CLEARY, Ibidem, p.114.

Cabanagem tivesse vida relativamente independente do Estado, exprimindo-se na formação de uma força de trabalho indígena livre até pelo menos a primeira década de 1800.⁴⁸⁴ Em tal contexto, comerciantes regionais seriam forçosamente dependentes do trabalho indígena por duas razões: primeiro, porque eram eles que coletavam a maior parte dos produtos exportáveis da região – cacau, borracha, corante, urucum, peixe, casca de quinina, salsaparrilha e outros produtos florestais; em segundo lugar, porque essa população detinha conhecimento especializado sobre a arte de se locomover em uma região cuja geografia era dominada pelo predomínio de estradas líquidas.

Assim, apesar do argumento de Cleary segundo o qual houve um possível período de “liberdade” delegado às populações tradicionais possa ser questionável⁴⁸⁵, não resta dúvida de que o saldo de cerca de 40 mil⁴⁸⁶ mortos deixados pela Cabanagem tenha aguçado a complexa e permanente pendenga de busca por mão de obra no Grão-Pará, posto que a instituição do Corpo de Trabalhadores, além de ter incorrido em um conjunto de medidas que acentuou o controle social no interior da província, conviveu com outras formas de recrutamento forçado praticadas no extremo norte: escravidão negra e apresamento indígena. Este último levado a cabo por meio de métodos – guerras, descimentos e aldeamentos – cuja permanência prolongou-se do século XVIII ao XIX e início do XX.⁴⁸⁷

⁴⁸⁴ Afirmação de David Cleary embasada no trabalho de C. M. MacLachlan, "The Indian Labor Structure in the Portuguese Amazon, 1700-1800," Ver CLEARY, DAVID, p.114.

⁴⁸⁵ Os próprios testemunhos dos naturalistas Spix e Martius refutam tal hipótese de “liberdade”, no evento de visita à fazenda de Zani, em Manaquiri, em 1819, segundo o seguinte trecho: “À frente desta [casa residência] estão reunidas em quadrado as cabanas que servem de armazéns, a fiação e a forja, ficando a um lado as senzalas dos escravos e dos índios. O sr. Zani tem ao seu serviço principalmente passes, juris e macunás, que ele mandou vir das matas do Rio Japurá para aqui. As duas primeiras tribos, geralmente chamadas jurupixunas (Bocas negras), distinguem-se pela atividade, destreza e apego aos seus patrões.” (Martius, op. cit., p.149.) Possivelmente, a hipótese levantada pelo autor seja resultado da interpretação sobre o vazio legislativo criado pela revogação do Diretório Pombalino em 1798, cuja lacuna, segundo Cunha, somente foi preenchida em 1845, com o “Regulamento acerca das Missões de catechese e civilização dos Índios” (Decreto 426 de 24/7/1845). CUNHA, Manuela Carneiro da. Política Indigenista no século XIX. In: CUNHA, Manuela C. **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1992, p.138.

⁴⁸⁶ Dados levantados por Arthur Cesar Reis e ratificados pelo trabalho de Santos. No entanto, deve-se lembrar de que existem outras estimativas sobre o contingente de óbitos durante cabanagem que variam entre 20 a 30 mil mortos, como pode ser explicitado nos trabalhos de Magda Rici e David Cleary.

⁴⁸⁷ Como indica Jonas Marçal Queiroz, a ocorrência do aproveitamento indígena na agricultura nos discursos dos administradores do Pará foi proferida apenas nos períodos “críticos” de reorganização do mercado de trabalho, isto é, “quando a abolição da escravatura era iminente e as perspectivas de se encontrar uma fonte de suprimentos de braços não eram animadoras”. Como resultado, o extrativismo foi criticado pelos administradores por considerarem-no uma atividade que absorvia quase todo contingente indígena aldeado do Pará, Maranhão e Amazonas. Por outro lado, a maioria dos Presidentes de Província ressaltou que a mão de obra indígena só poderia ser utilizada na agricultura após sua “catequese e civilização”, o que significava reuni-la em aldeamentos administrados por funcionários do governo, “assistidos por missionários e professores”. p.102. Cf. QUEIROZ, Jonas Marçal de. **Artífices do**

De qualquer modo, não obstante os escritos de Wallace e Bates indicarem que esses viajantes atravessaram a região em um momento de grande instabilidade social e econômica, de um modo geral, seus relatos enunciaram poucas alterações no que tange às estruturas sociais e às bases hierárquicas de poder local no período pós-cabanagem. A divisão social do trabalho na época foi resumida esquematicamente por Bates nos seguintes termos:

The trade, wholesale and retail, was in the hands of the Portuguese, of whom there were about 2500 in the place. Many handicrafts were exercised by coloured people, mulattos, mamelucos, free negroes and Indians. The better sort of Brazilians dislike the petty details of shopkeeping, and if they cannot be wholesale merchants prefer the life of planters in the country however small may be the estate and the gains. The negroes constituted the class of field-labourers and porters ; Indians were universally the watermen, and formed the crews of the numberless canoes of all sizes and shapes which traded between Para and the interior. The educated Brazilians, not many of whom are of pure Caucasian descent—for the immigration of Portuguese, for many years, has been almost exclusively of the male sex—are courteous, lively, and intelligent people. They were gradually weaning themselves of the ignorant, bigoted notions which they inherited from their Portuguese ancestors, especially those entertained with regard to the treatment of women. Formerly the Portuguese would not allow their wives to go into society, or their daughters to learn reading and writing.⁴⁸⁸

As impressões de Bates sobre as dinâmicas sociais daquela sociedade apontam para uma caracterização de desigualdade social muito próxima das relações encenadas em outras partes do império brasileiro: enquanto o comércio, terras cultivadas e altos escalões da administração da província se concentravam nas mãos de uma pequena parcela da população de origem portuguesa e de seus descendentes, a grande maioria da população que correspondia a mestiços, mulatos, índios, negros livres ou escravizados compunha a base da força de trabalho e de enriquecimento para a elite. Essa caracterização soaria como lugar-comum na historiografia brasileira, se não fosse por um aspecto muito particular que individualiza sobremaneira as relações na Amazônia: ali, a reduzida oferta da mão de obra do escravo africano somou-se à dependência dos “brancos” da região pelo trabalho indígena. Como caracterizou Bates, se, por um lado, o trabalho dos negros era destacado em plantações, por outro, os indígenas eram imprescindíveis nas dinâmicas do comércio dos “sertões” amazônicos, servindo

Próspero Mundo Novo: Colonos, migrantes e imigrantes em São Paulo e no Pará (1868-1889). Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2005.

⁴⁸⁸ BATES, 1863, p.42.

“universalmente” como guias, barqueiros e tripulação das inumeráveis canoas – de todos os tamanhos e formas – que seguiam pela intrincada malha de rios que compunham a bacia do Amazonas. O cotidiano de vai e vem de canoas carregadas com produtos de extrativos e tripuladas por indígenas, além de impressionar os viajantes, demonstrava a complexidade das relações sociais e de negócios encenadas na região, muitas das quais eram permeadas por constantes tensões entre administradores imperiais, negociantes, proprietários de terras (grandes ou pequenos) e a massa de trabalhadores composta por escravos, negros livres, mestiços, tapuios, indígenas. Essa realidade diferenciava o Grão-Pará – e, posteriormente, Pará e Amazonas – das demais províncias do Império, haja vista que em outras regiões brasileiras que, parafraseando Cunha, eram de povoamento mais antigo, a questão indígena estava mais vinculada ao “problema de terras”⁴⁸⁹ do que aos debates em torno da importância de sua mão de obra. Por isso, não à toa, o problema da escassez da mão de obra na região foi tematizado em diversas passagens na narrativa de viagem de Bates e Wallace, como pode ser verificado no seguinte trecho, em que Wallace destaca a preocupação recorrente com esse tema entre a elite proprietária da região, no episódio que retratou a fazenda de um português de nome Danin:

The residence of Senhor Danin stood on the opposite shore; a large building, whitewashed and red-tiled as usual, raised on wooden piles above the humid ground. The second story was the part occupied by the family, and along it was an open verandah where people, male and female, were at work. Below were several negroes employed carrying clay on their heads. We called out for a boat, and one of them crossed over to fetch us. Senhor Danin received us with the usual formal politeness of the Portuguese; he spoke English very well, and after we had **arranged our business we remained conversing with him on various topics connected with the country. Like all employers in this province he was full of one topic—the scarcity of hands.**⁴⁹⁰
[Grifos meus]

Por outro lado, o aspecto geral de Belém era vislumbrado pelos viajantes por sua atmosfera degradada, já que “signs of indolence and neglect were everywhere visible”⁴⁹¹. Além disso, no período, a cidade continuava a dominar a bacia do Amazonas, concentrando em si altos postos e edificações da administração provincial – como a alfândega e a sede do governo provincial – e uma importante rede de negócios de produtos extrativos e agrícolas. Constituída a partir da construção do Forte do

⁴⁸⁹ CUNHA, op. cit., p. 134.

⁴⁹⁰ BATES, 1863, p.57.

⁴⁹¹ Ibidem, p.7-8.

Presépio, em 1616 – fundado na baía do Guajará como parte do estratagema militar luso contra forças francesas, holandesas e inglesas na Amazônia –, Belém impressionou os viajantes principalmente pela diversidade sociocultural que observaram, com uma população que compreendia majoritariamente pessoas com características mestiças, índias e negras, seguida de uma população minoritária de origem europeia da qual se destacavam os portugueses. Estes, por sua vez, demonstravam ainda sua distinção social por meio de dois tipos de habitação: uma na cidade e outra em seus arredores, denominada pelo viajante como “moradias de campo” ou “rocinhas”.

Todo esse panorama situa o período de exploração de Wallace na Amazônia (1848-1852) como uma época de transição para dinâmicas econômicas, políticas e sociais que alcançaram a região a partir da segunda metade do século XIX. Entre elas pode-se apontar, além da crescente demanda pela *india-rubber*, o processo de autonomia política da Comarca Rio Negro, promulgado em 5 de outubro de 1850 pelo decreto nº 582 que instalou a Província do Amazonas. Até o estabelecimento desse novo marco geopolítico, os limites do Grão-Pará estavam circunscritos a uma área que abrangia cerca de um terço do território nacional, estendendo-se para o oeste, desde os limites do Maranhão até a fronteira com o Peru, e, no norte, para o centro-oeste da linha do Equador, desde a fronteira com as Guianas até os limites com o Mato Grosso e Goiás. Embora se constituísse na mais extensa Província do Reinado de Pedro II, esse território seria distinguido pelo poder central de outras províncias por sua diminuta população e por nebulosos dados econômicos que configuravam um estado de decadência, somando-se a eles a preocupação do poder central em resguardar a defesa de toda fronteira externa de invasões estrangeiras. Estes, segundo o estudo de Vitor Gregório, configuravam os principais argumentos apresentados por alguns dirigentes da Província ao poder central no debate sobre a autonomia da Comarca do Rio Negro em relação ao Pará.⁴⁹²

Assim, estimava-se que os 150 mil habitantes do Grão-Pará, pontuados por Antonio Baena em 1839, fossem distribuídos de forma desigual, concentrando-se em apenas alguns esparsos pontos da geografia da extensa região – dentro da qual Belém e seus arredores se destacavam com 118 mil habitantes! Uma das razões para tal disparidade se relacionaria ao fato de que apenas algumas vilas e povoações assentadas

⁴⁹² Cf. GREGÓRIO, Vitor Marcos. **Dividindo as Províncias do Império: A Emancipação do Amazonas e do Paraná e o sistema representativo na construção do Estado nacional brasileiro. (1826-1854)**. Tese de Doutorado. São Paulo, 2012.

ao longo da bacia do Amazonas teriam algum atrativo econômico para concentrar pessoas.⁴⁹³

Ademais, os dados revelados por Baena não esclarecem se houve o compute do contingente que passava grande parte do seu tempo se movimentando mata adentro para recolher a fonte de renda mais lucrativa dos sertões amazônicos – as drogas do sertão –, grupo considerado por Gregório como uma população flutuante ou temporária.⁴⁹⁴ Esse aspecto, a meu ver, pode não somente levantar a hipótese de que a somatória oficial da população possuía significativas lacunas como também mostrar que a imagem de depauperamento, apresentada tanto por viajantes europeus quanto pelas autoridades imperiais brasileiras da primeira metade do século XIX, levava em conta formas de vida e atividades econômicas de ideais europeizados. O que significa pensar que a categoria de dirigentes da província se limitou a observar em vilas e povoados o contingente “branco” e o estado de suas plantações agrícolas, o comércio ou/e a indústria. Atividades desenvolvidas localmente, relacionadas às práticas de extrativismo, tendiam a ser caracterizadas como atrasadas ou incivilizadas para a economia, mesmo auferindo-se a elas o maior volume de riquezas da região.

Como resultado, essa imagem estigmatizou como prática atrasada a complexa movimentação de homens, suprimentos, autorizações e ferramentas que envolviam a preparação de canoas que seguiam para explorar fontes de riquezas silvestres da Amazônia. Marcados por¹ Sobre esse último aspecto, ao examinar o *Ensaio Coreográfico sobre a Província do Pará*, de Antonio Ladislau Monteiro Baena, Vitor Gregório pontua os dados populacionais estimados em 1839, que clarificam a disparidade da distribuição populacional na Província, segundo o autor: “...dos 150 mil habitantes da província existentes em 1839, nada menos que 118 mil viviam na região de Belém e povoações próximas, cabendo à comarca do Rio Negro uma população de pouco menos de 19 mil pessoas, e à comarca do Marajó cerca de 12.500 habitantes”. Ver GREGÓRIO, Vitor Marcos. **Dividindo as Províncias do Império: A Emancipação do Amazonas e do Paraná e o sistema representativo na construção do Estado nacional brasileiro. (1826-1854)**. Tese de Doutorado. São Paulo, 2012, p. 149.

¹ Ibidem, p.150. Cf. BAIENA, Antonio L. M. *Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará*. Brasília: Senado Federal, 2004. Primeira publicação de 1839.

um processo temporal de longa duração, os trajetos dessas canoas seguiam por uma amplíssima área, cobrindo diferentes afluentes de rios da bacia Amazônica – Madeira, Solimões, Javari, Juruá, Branco, Negro, além de outros cursos localizados fora

⁴⁹³ Sobre esse último aspecto, ao examinar o *Ensaio Coreográfico sobre a Província do Pará*, de Antonio Ladislau Monteiro Baena, Vitor Gregório pontua os dados populacionais estimados em 1839, que clarificam a disparidade da distribuição populacional na Província, segundo o autor: “...dos 150 mil habitantes da província existentes em 1839, nada menos que 118 mil viviam na região de Belém e povoações próximas, cabendo à comarca do Rio Negro uma população de pouco menos de 19 mil pessoas, e à comarca do Marajó cerca de 12.500 habitantes”. Ver GREGÓRIO, Vitor Marcos. **Dividindo as Províncias do Império: A Emancipação do Amazonas e do Paraná e o sistema representativo na construção do Estado nacional brasileiro. (1826-1854)**. Tese de Doutorado. São Paulo, 2012, p. 149.

⁴⁹⁴ Ibidem, p.150. Cf. BAIENA, Antonio L. M. *Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará*. Brasília: Senado Federal, 2004. Primeira publicação de 1839.

dos limites da fronteira brasileira, como, por exemplo, prosseguindo até o canal do Casiquiare ou atravessando o rio Iça (*Potumayo*) até a Venezuela. Seguiam ainda em direção aos antigos caminhos abertos pelas monções até o Mato Grosso por três vias possíveis: a partir da navegação pelos rios Madeira e Mamoré (rota facultada pela Coroa portuguesa desde 1752); do Pará a Goiás pelos rios Pará e Tocantins, os quais abrangem desde os atuais estados de Tocantins e Goiás, passando pelo Maranhão, até sua foz no Golfão Marajoara; e, por último, através dos rios Xingu e Tapajós, sendo as duas últimas rotas permitidas pelas autoridades coloniais para os súditos da Coroa Portuguesa apenas em 1790. Além de equipamentos para constituir reparos na embarcação, canoas eram providas com suprimentos tanto de origem importada (café, açúcar, água ardente, anzóis etc.) quanto os localmente confeccionados (farinha de mandioca, peixe seco etc.). Obrigatoriamente, essas explorações contavam com uma tripulação cujo contingente maior era de origem indígena, visto que esta população, além de fornecer remeiros, carregadores e pescadores da excursão, detinha conhecimento sobre rotas fluviais, distâncias e obstáculos naturais a serem vencidos.

No entanto, se no século XVIII – e nas primeiras décadas do XIX – iniciativas de montar uma viagem para explorar e coletar fontes silvestres eram, quase em sua totalidade, monopólio das gentes de “grosso calibre”, com poder de crédito e força política suficiente para prover canoas de suprimentos, arregimentar homens para uma viagem longa e extenuante, bem como para assumir os riscos financeiros e as perdas humanas que envolviam tal atividade. Em meados do século XIX a comunicação na subida do rio Amazonas era dependente de pequenas embarcações pertencentes a comerciantes, muitos deles, segundo Bates, moradores de remotos povoados e vilas. O fenômeno era explicado por Bates como sendo em razão da escassez de mão de obra. Segundo o britânico, no período em que esteve na região (1848-1861), era “quase impossível”, mesmo para autoridades do império brasileiro, conseguir remeiros para suas embarcações.

Essa situação não apenas ratifica as preocupações acima salientadas do Presidente Francisco Coelho em relação aos resultados mesquinhos do Corpo de Trabalhadores como também diagnostica possíveis focos de resistências das comunidades tradicionais em relação aos interesses da população identificada como “branca”. Sobre esse aspecto, escreveu Bates:

At the time of my first voyage up the Amazons — namely, in 1849— nearly all **communication with the interior was by means of small sailing vessels, owned by traders**’ residing in the remote towns and villages, who seldom came to Para themselves, but entrusted vessels and cargoes to the care of half-breeds or Portuguese cabos. Sometimes, indeed, **they risked all in the hands of the Indian crew, making the pilot, who was also steersman, do duty as supercargo.** Now and then, Portuguese and Brazilian merchants at Para furnished young Portuguese with merchandise, and despatched them to the interior to exchange the goods for produce amongst the scattered population. The means of communication, in fact, with the upper parts of the Amazons had been on the decrease for some time, on account of the augmented difficulty of obtaining hands to navigate vessels. Formerly, when the Government wished to send any important functionary, such as a judge or a military commandant, into the interior, they equipped a swift-sailing galliote, manned with ten or a dozen Indians. These could travel, on the average, in one day further than the ordinary sailing craft could in three. Indian paddlers were now, however, almost impossible to be obtained, and **Government officers were obliged to travel as passengers in trading vessels.**⁴⁹⁵[grifos meus]

Em tais circunstâncias, ressaltou Bates, mesmo funcionários do governo “se viam forçados a viajar nos navios mercantes”, cujos donos raramente navegavam nas zonas “produtoras” até Belém e, por vezes, confiavam seus negócios dos rios “aos cuidados de capitães mestiços ou portugueses.” Em alguns casos os mesmos arriscavam-se a deixar tudo sob a responsabilidade apenas da “tripulação indígena, dando ainda ao piloto, que era também timoneiro, a função de comissário de bordo.” Além disso, segundo Bates, algumas vezes, os comerciantes brasileiros e portugueses do Pará mandavam para o interior “um jovem português com um bom estoque de mercadorias, as quais eram trocadas, entre os escassos núcleos de população da região, pelos produtos da terra.”

Tais percepções remetem a alguns delineamentos sociais que estavam em curso ao longo do período na região amazônica, os quais podem ser clarificados à luz das reflexões de John Monteiro a respeito de como se deveria pensar o papel das populações nativas juntos aos interesses europeus no Brasil. Para o autor, longe de retratar essas comunidades “como culturas locais em isolamento” e/ou a partir de suas relações de subordinação às estruturas de poder dominante, é preciso, ainda, considerá-las com respeito a suas ações conscientes de contestação da obra colonizadora europeia.⁴⁹⁶ Nesse

⁴⁹⁵ BATES, 1863, Pp.212-213.

⁴⁹⁶ MONTEIRO, John. **Entre o Etnocídio e a Etnogênese: Identidades Indígenas Coloniais.** Prelo, 2010, p.4. MONTEIRO, John M. **Tupis, Tapuias e Historiadores: Estudos de História Indígena e do Indigenismo.** Tese de Livre Docência. Campinas: Unicamp, 2001.

sentido, é preciso considerar de que modo a realidade (ambiental, econômica, demográfica) amazônica forjou identidades, constituiu novas categorias sociais, redes de solidariedade e estratégias de negociação. Ora, nessa vertente, é possível pensar que a geografia do Vale Amazônico, composta por uma intrincada rede de rios, igarapés, furos e paranás, bem como por uma baixa densidade demográfica, não apenas proporcionou ambiente para fugas de braços como também abrigou redes de solidariedades entre um contingente que buscava escapular de recrutamentos ao trabalho encetados tanto pelas autoridades oficiais quanto pela classe econômica dominante: alistamento “voluntário” do Corpo de Trabalhadores, sequestro indígena e escravidão negra.

Assim, o panorama ressaltado por Bates, além de apontar “estratégias culturais e políticas de atores nativos”⁴⁹⁷ num contexto histórico descontínuo, traz à tona o papel de outras categorias sociais – não indígenas – gestadas a partir das novas acomodações históricas e sociais – e ambientais de meados do século. Entre elas, situa-se a atuação do “jovem português”, destacado pelo naturalista britânico junto às populações tradicionais da Amazônia, cuja singularidade tanto se assentava em função de seus negócios serem pautados pela troca de produtos manufaturados por produtos da terra quanto, como professou o ensaísta amazonense Mario Ypiranga, “deve-se a êle a ... penetração insidiosa e voraz, na rêde ganglionar dos rios e furos, e o contato primeiro com os nativos de determinados meandros.”⁴⁹⁸ Ao longo do tempo,⁴⁹⁹ esse ator social da Amazônia brasileira, conhecido (até hoje) entre as comunidades mais afastadas dos núcleos da administração governamental, ganhou o epíteto de “regatão”.⁵⁰⁰ Quanto a sua conceituação, Tavares Bastos, já na década de 1860, procedeu com a seguinte definição:

Os regatões são os traficantes que levam em canoas, por todos os rios, lagoas, furos e lugares, mercadorias estrangeiras ou nacionais, e as vendem a dinheiro, ou as permutam pelos produtos do país. O comércio interior do Amazonas não se faz geralmente por intermédio da moeda, mas pela troca de objetos.⁵⁰¹

⁴⁹⁷ Op. cit. p. p.4.

⁴⁹⁸ MONTEIRO, Mário Ypiranga. **O Regatão**. Manaus: Sergio Cardoso e Cia. Ltda. Editôres, 1958, p.9

⁴⁹⁹ Ainda que a origem do verbete seja incerta, Mario Ypiranga Monteiro observa que as práticas desse tipo de “chatim fluvial” na Amazônia remonta há pelo menos ao século XVII, como verificado em fonte documental datada do ano de 1668: “[...] Vi o que me escrevestes em carta de 4 de Setembro do anno passado dandome conta das pessoas que ahy tratão de haver assi todo o Cravo para depois o levantarem a excessivos preços, de que o Povo recebia grande detrimento [...]”. MONTEIRO, Ibidem, p.11-12.

⁵⁰⁰ Conforme Monteiro, a denominação do verbete foi afiançada por Domingos Vieira nos seguintes termos “1) Homem que compra por grosso para vender por miúdo; 2) Que quer vender mui caro; vendedor mui difícil e suro” MONTEIRO, Ibidem, p.18.

⁵⁰¹ BASTOS, A. C. Tavares. **O Vale do Amazonas**. São Paulo: Cia editora Nacional, 1937; (1ª ed. 1866), p.351.

Por “regatão”, neologismo derivado do verbo “regatear” – ou “pechinchar” –, designava-se o grupo de indivíduos possuidores de canoas providas de toda sorte de objetos manufaturados (sal, anzóis, miçangas, chapéus, cachaça, fazendas de algodão etc.) que regateavam, negociavam, aviavam a produção das comunidades humanas de regiões mais escondidas do Vale Amazônico. Tais negociações ocorriam em esparsos pontos da geografia do extremo norte onde a presença humana se fazia sentir, fosse nas cabeceiras dos rios, em zonas ribeirinhas e de fronteira, ou nas margens de lagos e igarapés, como comprova a seguinte passagem de Tavares Bastos:

Neste município [Óbidos] existem 23 canoas empregadas no comércio de regatão. O município é extensíssimo, como todos no Amazonas. O regatão percorre-o levando mercadoria de todo gênero, **fazendas, licores, ferramenta, etc., a cada sítio e a cada choupana situados nas paragens mais recônditas, nas aldeias dos índios, nos quilombos de negros do Trombetas, nas cabeceiras dos rios ou no fundo dos lagos.** Cada canoa leva um a três contos de réis em gêneros. É pois um comércio extremamente pequeno, entretanto, paga as seguintes taxas: 175\$000 à coletoria provincial [...]⁵⁰²

Sua atuação itinerante marcaria a configuração histórica da virada da primeira metade do século XIX para a sua segunda metade, pois nessa fase sobressaíam práticas que dinamizaram o comércio com o interior da região, graças (também) às ações encetadas pelo regatão amazônico. Nessas condições, pode-se apontar que o regatão se constituiu em um sujeito social produzido pelo contexto geográfico e econômico do extremo norte brasileiro.

Nestes termos, parafraseando Siméia Lopes, diante do espectro sombrio deixado pela cabanagem, a alternativa para o soerguimento da economia local veio de um lugar bastante conhecido: a rede fluvial amazônica.⁵⁰³ Sendo assim, rios, igarapés, furos e lagos passaram a testemunhar relações de contato, de negociação e de solidariedade entre pequenos comerciantes itinerantes – o regatão – e comunidades ribeirinhas, quilombolas e indígenas. Se, em primeira instância, o estreitamento dessas relações visava à negociação de produtos extrativos, seus desdobramentos culminariam na constituição de redes de solidariedade com as populações marginais da província – aqui,

⁵⁰² Ibidem, p.353

⁵⁰³ LOPES, Siméia de Nazaré. Comércio Corrente. In: **Revista de História**. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/comercio-corrente>> Acesso em: 01 fev. 2014. Cf. LOPES, Siméia de Nazaré. **O comércio interno no Pará oitocentista: Atos, sujeitos sociais e controle entre 1840-1855**. Dissertação de Mestrado. Belém: NAEA/UFPAM, 2002.

entendo “marginais” tanto do ponto de vista geográfico quanto do ponto de vista social ou jurídico –, de tal modo que Tavares Bastos observou:

Perto de Obidos entra no Amazonas o rio Trombetas; nas suas florestas existem muitas centenas de escravos fugidos. Os *mocambos* do Trombetas são diversos; dizem que todos contém, com os criminosos e desertores foragidos, mais de 2.000 almas. Os negros, industriados talvez pelos outros companheiros de desterro, vivem ali debaixo de um governo despótico eletivo; com efeito, eles nomeam o seu governador, e diz-se que os delegados e subdelegados são também eletivos. Imitam nas designações de suas autoridades os nomes que conheceram nas nossas povoações. Os mocambos atraem os escravos; nomearam-me uma senhora que viu em pouco fugirem para ali 100 dos que possuía; outros proprietários há que contam 20 e 30 perdidos desse modo. **Os negros cultivam a mandioca e o tabaco (oque eles vendem passa pelo melhor); colhem a castanha, a salsaparrilha, etc. Às vezes descem em canoas e vêm ao próprio porto de Obidos, à noite, comerciar as escondidas; com os regatões que sobem o Trombetas, eles o fazem habitualmente. Diz-se que tão bem permutam com os holandeses da Guiana os seus produtos por outros, e principalmente pelos instrumentos de ferro e armas. Os mocambos tem sido perseguidos periodicamente, mas nunca destruídos.** Eu acredito que eles hão de prosperar e aumentar. O terreno contestado do Amapá, a leste, na fronteira com as possessões francesas, para onde também se refugiam escravos e desertores, e estes mocambos do Trombetas são, a meu ver, dous sérios impedimentos para a introdução de mais braços escravos no Amazonas. [grifos meus]

Isto porque, segundo Siméia Lopes, o regatão, ao singrar pelos sinuosos caminhos da bacia amazônica, “tecia com quilombolas, pequenos produtores e comerciantes locais uma relação comercial alternativa ao abastecimento da população”, a qual era baseada em um “singular universo de trocas.”⁵⁰⁴ Relações que remetem a um universo social pautado por “formas de dependência e reciprocidade”, mas, também, por tensões e conflitos.⁵⁰⁵ Nessas circunstâncias, tal prática não deixou de ser tratada pelas autoridades e outros agentes do poder econômico com desconfiança. Assim, em um contexto marcado pelo soerguimento econômico, observa-se que as autoridades buscaram intervir nessas relações, tendo em vista duas frentes de preocupação: a primeira relativa à “utilização e controle da navegação fluvial”;⁵⁰⁶ e, em segundo lugar, propondo medidas que visavam a conter a rede social e comercial caleidoscópica tecida entre distintas categorias humanas do interior da Amazônia, são elas: quilombolas, regatões, negociantes, indígenas, tapuios, mestiços etc.

⁵⁰⁴ LOPES, Siméia de Nazaré. **O comércio interno no Pará oitocentista: Atos, sujeitos sociais e controle entre 1840-1855.** Dissertação de Mestrado. Belém: NAEA/UFPAM, 2002, p.14.

⁵⁰⁵ Ibidem, p.14.

⁵⁰⁶ Ibidem, p.15.

E, no entanto, qual a correspondência entre relações econômicas, rocinhas, feitorias, comerciantes, regatões, mão de obra e a atividade naturalista de Wallace na Amazônia? Em primeiro lugar, embora tradicionalmente por muito tempo se tenha veiculado a imagem para essa região de vazio demográfico, a reconstituição das dinâmicas econômicas e sociais encenadas na região permite desmistificar algumas dessas projeções. Em segundo lugar, ao se reconstituir parte desse cenário, observa-se que as expectativas de todos os exploradores que passaram pela região apenas puderam ser satisfeitas quando conseguiam estreitar redes de relacionamento com pessoas, caminhos e paisagens que perfaziam o mosaico das dinâmicas locais. Por último, alguns indícios observados nos escritos produzidos por Wallace e Bates revelam que suas intenções de coleta puderam ser satisfeitas unicamente quando estreitadas as relações com estruturas e dinâmicas produzidas localmente.

3.5. DESEMBARQUE E PRIMEIROS COLABORADORES EM BELÉM DO PARÁ

Retomando a cena de desembarque de Wallace e Bates, suas primeiras impressões da paisagem amazônica foram balizadas por comparações com o que tinham observado na estufa do *Kew* e *Chatsworth*, como expressou Wallace na seguinte passagem:

Early on the morning of the 28th we again anchored; and when the sun rose in a cloudless sky, the city of Para, surrounded by the dense forest, and overtopped by palms and plantains, greeted our sight, appearing doubly beautiful from the presence of those luxuriant tropical productions in a state of nature, which we had so often admired in the conservatories of Kew and Chatsworth.

Bates também enfatizou:

We went ashore in due time, and were kindly received by Mr. Miller, the consignee of the vessel, who invited us to make his house our home until we could obtain a suitable residence. On landing, the hot moist mouldy air, which seemed to strike from the ground and walls, reminded me of the atmosphere of tropical stoves at Kew. In the course of the afternoon a heavy shower fell, and in the evening, the atmosphere having been cooled by the rain, we walked about a mile out of town to the residence of an American gentleman to whom our host wished to introduce us.

Se, por um lado, suas referências demonstraram que suas expectativas pela natureza dos trópicos foram alimentadas por um conjunto de representações europeias –

narrativas de viagem, pinturas ou coleções exibidas em museus e jardins reais –, por outro, a cena de desembarque no porto de Belém evidencia que no interior da região amazônica os dois naturalistas arregimentaram colaboradores não relacionados – ao menos diretamente – com a atividade naturalista. Como acima mencionado, ambos buscaram a ajuda de Hooker, na tentativa de certificar-se de que o acesso à região da bacia do Amazonas seria facilitado por agentes do império brasileiro por meio do crivo oficial do diretor do *Kew Gardens*. No entanto, quando chegaram ao Brasil, Bates e Wallace não foram assistidos pelo protocolo que impunha aos dirigentes da província receber e acompanhar viajantes em missões oficiais, mas, sim, pelo grupo de negociantes estrangeiros radicados na província. Sendo assim, além de instrumentos para a atividade em campo, a bagagem dos viajantes carregava outra importante ferramenta de trabalho: cartas de apresentação endereçadas ao seletivo grupo de forasteiros que residiam na província.

Uma dessas cartas estava endereçada a um inglês denominado, por Bates e Wallace, de Mr. Miller (Daniel Miller), irmão do comandante e consignatário do navio para o qual compraram passagem e vice-cônsul britânico no Pará.⁵⁰⁷ Foi Mr. Müller a primeira pessoa a dar apoio aos viajantes em Belém e, como resultado dessas relações, não apenas os abrigou em sua própria casa e apresentou-os ao pequeno grupo de estrangeiros de fala inglesa dedicado ao comércio na região – ingleses e americanos – como também mostrou-lhes a maneira de proceder para suprir suas necessidades imediatas, instruindo-lhes sobre o modo de acessar os funcionários da alfândega para adquirir vistos de permissão na região e emprestando-lhes, provisoriamente, sua *rosinha*⁵⁰⁸ – situada entre os rios Guamá e Pará –, até que os dois viajantes adquirissem moradia própria.

Esse aspecto demonstra que, muitas vezes, a atividade de coleta era dependente tanto de estruturas da vida cotidiana locais, quanto do papel exercido por negociantes estrangeiros residentes em sociedades não ocidentais, posto que os mesmos – ao

⁵⁰⁷ Cf. WALLACE, 1905, p. 268.

⁵⁰⁸ Constituíam-se numa pequena propriedade rural característica na região, denominada pelos locais de “rocinha”, mas, por Wallace, grafada erroneamente como “rosinha”, em sua narrativa de viagem. Cf. WALLACE. Alfred Russel. **A Narrative of travels on the Amazon and Rio Negro**. London: Ward, Lock and Co., 1889; e WALLACE. Alfred Russel. **A Narrative of travels on the Amazon and Rio Negro**. London: Reeve and Co.; 1853. Em carta a George Silk de 1848, Wallace observou ainda: “We have been staying for near a fortnight at the country house (called here Rosinha) of Mr. Miller, the consignee of the vessel and the captain's brother, about half a mile out of the city. We have just taken a house ourselves rather nearer the woods, and to-morrow expect to be in it. We have an old nigger who cooks for us. The city of Para is a curious, outlandish looking place, the best part of it very like Boulogne, the streets narrow and horribly rough [...]”. Wallace, 1905, p. 268.

contrário de visitantes transitórios – tinham a vantagem de anos ou décadas de convivência com sociedades não europeias, como no Grão-Pará, sendo assim, obviamente, essa experiência contou muito para apurar suas capacidades de ação em “zonas de contato”. Nestas circunstâncias, rotas e recursos foram disponibilizados aos naturalistas graças ao apoio desse grupo de indivíduos, cujo tempo de experiência na região moldou sua astúcia tanto para defender seus interesses econômicos quanto para adquirir domínio sobre a logística de viagens por entre rios, bem como para apreender formas de comunicação, interações com as multifacetadas feições humanas que conviviam no Grão-Pará. Logo, compreendo que suas possibilidades de coleta na região amazônica foram facilitadas ou restringidas por essa rede de relações pessoais que foram constituídas, a princípio, com a pequena população de origem estrangeira que residia no Grão-Pará, como negociantes e/ou ocupantes de cargos oficiais.

Assim, explica-se que suas primeiras explorações realizadas nas cercanias de Belém só puderam ser colocadas em prática contatando as fazendas e “rocinhas” de outros estrangeiros que perfizeram sua rede inicial de contatos na região. Entre elas, Wallace destaca a ida até a propriedade de um francês denominado Borlaz, que exercia no Pará a função de cônsul suíço. Borlaz não somente surpreendeu Wallace ao falar fluentemente inglês – já que Wallace e Bates não dominavam a língua portuguesa – como também “showed us round his grounds, and pointed out to us the paths in the woods we should find most practicable.”⁵⁰⁹ Aproveitando-se da hospitalidade de Borlaz e considerando que sua propriedade estava numa localização favorável para a coleta, ambos retornaram diversas vezes a sua “fazenda”. O encontro enfatiza, mais uma vez, que, por meio de estrangeiros estabelecidos na região, os dois coletores puderam se comunicar em língua inglesa, colher informações sobre espécies e sobre a geografia da região, definir roteiros de exploração por trilhas do interior da mata, contratar os serviços da gente local (mestiços, mulatos, indígenas e negros) e encontrar residência. Não ao acaso, essa rede de sociabilidade levou-os a alugar a “rocinha” de Danin, personagem supramencionado, na localidade de Nazaré, próxima à residência que abrigou seus famosos predecessores, os naturalistas bávaros Spix e Martius, conforme explicita Bates:

We now settled ourselves for a few months' regular work. We had the forest on three sides of us; it was the end of the wet season; most species of birds had finished moulting, and every day the insects increased in number and variety. Behind the rocinha, after several

⁵⁰⁹ WALLACE, 1853, p.21.

days' exploration, I found a series of pathways through the woods, which led to the Una road; about half way was the house in which the celebrated travellers Spix and Martius resided during their stay at Pará, in 1819. It was now in a neglected condition, and the plantations were overgrown with bushes. The paths here about were very productive of insects, and being entirely under shade, were very pleasant for strolling. Close to our doors began the main forest road. It was broad enough for two horsemen abreast, and branched off in three directions; the main line going to the village of Ourem, a distance of fifty miles. This road formerly extended to Maranham, but it had been long in disuse and was now grown up, being scarcely passable between Pará and Ourem.”⁵¹⁰

A localização da rocinha, próxima à casa ocupada por Spix e Martius quando os célebres naturalistas estiveram na região em 1819, demonstra que coletores de várias origens percorreram os mesmo pontos de coleta, além de mostrar também que o trabalho em campo na região amazônica era possibilitado lançando mão de recursos e itinerários disponíveis localmente. Além disso, esse aspecto evidencia, ainda, o envolvimento informal de grande parte das pessoas de origem europeia, residentes na Amazônia oitocentista, no processo de coleta de espécimes botânicos e zoológicos: apontando os melhores caminhos para coleta, abrigando-os em suas propriedades e concedendo seus trabalhadores para os homens de “ciência”.

Por outro lado, pode-se estimar que as “rocinhas” – morada típica das pessoas mais abastadas de Belém – exerceram importante papel no cotidiano de coleta, visto que sua localização entre a cidade de Belém e o meio florestal se constituía na base considerada “ideal” para a coleta entre os naturalistas que excursionaram nos arredores de Belém. Por isso, Bates e Wallace esforçaram-se para alugar uma residência com tais características. Suas intenções foram satisfeitas após 15 dias de residência no Pará, quando conseguiram alugar uma moradia com tais características em arraial de Nazaré, de propriedade do “velho português” Danin, dono de uma fábrica de cerâmica localizada na foz do rio Una, cuja caracterização foi aludida acima. A “rocinha” adquirida pelos viajantes em Nazaré foi descrita por Bates nos seguintes termos:

Shortly afterwards we took possession of our new residence. The house was a square building, consisting of four equal-sized rooms ; the tiled roof projected all round, so as to form a broad verandah, cool and pleasant to sit and work in. The cultivated ground, which appeared as if newly cleared from the forest, was planted with fruit trees and small plots of coffee and mandioca. The entrance to the grounds was by an iron-grille gateway from a grassy square, around which were built the few houses and palm-thatched huts which then

⁵¹⁰ BATES, 1863, p.60-61.

constituted the village. The most important building was the chapel of our Lady of Nazareth, which stood opposite our place.⁵¹¹



Figura 18: Gravura colorida do vilarejo de Nazaré, possivelmente feita a partir do esboço do desenho de Wallace, que ilustra a primeira edição de *A Narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. London: Reeve and Co.; 1853.

Outro importante contato da fase inicial foi estabelecido com dois norte-americanos radicados na região. Um deles, denominado Mr. Upton, era o proprietário de uma usina de arroz e de uma serraria, administrada por outro americano, Mr. Leavens.⁵¹² De acordo com Bates, a propriedade estava situada à margem do riacho Iriti, cujo fluxo se comunica com rio Pará por meio de um curso d'água maior, denominado Maguari. A propriedade, além de ter sido construída à beira do riacho, ficava no meio da mata, a 18 quilômetros de distância da cidade de Belém. Foi nesse lugar que ambos realizaram, de 15 de junho até 16 de agosto, duas demoradas excursões, que lhes renderam as observações mais interessantes em História Natural realizadas durante esse tempo.⁵¹³

A empreitada até Maguari foi possibilitada por intermédio de uma carta de apresentação escrita pelo autor de *Voyage up the river Amazon*, Mr. Edwards, a Mr. Leavens. A iniciativa se deveu à relação de amizade constituída entre ambos quando aquele escritor esteve na região, dois anos antes. Esse encontro salienta, também, o

⁵¹¹ Ibidem, p.59.

⁵¹² Deve-se ressaltar aqui que, embora a narrativa de viagem de Wallace inicialmente apresente Mr. Leavens como um indivíduo de nacionalidade americana, em outra passagem ele explicitou que o mesmo era natural do Canadá. Ao confrontarmos esse aspecto com a narrativa de Bates e Edwards, ambos dão indicações apenas de que o madeireiro era originário de um país falante de língua inglesa.

⁵¹³ Op.cit, p.65.

modo como cartas de apresentação, tanto quanto narrativas de viagem, funcionaram como espécie de roteiro prático de exploração para viajantes, visto que, por meio desse instrumental, viajantes ou exploradores podiam elencar os caminhos, as pessoas e as espécies com as quais podiam contar em suas atividades.

Além disso, o cenário descrito por Edwards em sua narrativa de viagem detalhava que a região abrigava uma ampla riqueza de vida biológica e formas geológicas, oferecendo ao olhar europeu um espetáculo natural múltiplo em seus elementos – interdependentes –, belo e raro, como demonstra a seguinte passagem:

Around the tree- trunks clasp those curious anomalies, parasitic plants, sometimes throwing down long, slender roots to the ground, but generally deriving sustenance only from the tree itself and from the air, called hence, appropriately enough, airplants. These are in vast numbers and of every form, now resembling lilies, now grasses or other familiar plants. Often a dozen varieties cluster upon a single tree. Towards the close of the rainy season they are in blossom, and their exquisite appearance, as they encircle the mossy and leafed trunk with flowers of every hue, can scarcely be imagined. At this period, too, vast numbers of trees add their tribute of beauty, and the flowerdomed forest from its many- coloured altars ever sends heavenward worshipful incense. Nor is this wild luxuriance unseen or imenlivened. Monkeys are frolicking through festooned bowers, or chasing in revelry over the wood arches. Squirrels scamper in ecstasy from limb to limb, unable to contain themselves for joyousness. Coatis are gambolling among the fallen leaves, or vying with monkeys in nimble climbing. Pacas and agoutis chase wildly about, ready to scud away at the least noise. The sloth, enlivened by the general inspiration, climbs more rapidly over the branches, and seeks a spot where in quiet and repose he may rest him. The exquisite, tiny deer, scarcely larger than a lamb, snuffs exultingly the air, and bounds fearlessly, knowing that he has no enemy here.⁵¹⁴

Como é possível notar, a região de Maguari, onde estava situada a usina de arroz de Upton, administrada por Leavens, foi descrita por Edwards como uma promessa para ambições de coletores de espécies. Embora essa profusão de vida animal e vegetal, descrita por Edwards, tenha sido contestada por Wallace e Bates em sua narrativa de viagem, concomitantemente, não resta dúvida de que nessa região, por intermédio de Mr. Leavens, os dois puderam encontrar os caminhos onde aves e insetos eram mais numerosos e apreciar, pela primeira vez, aves – tucanos, papagaios – em seu *habitat*. Do mesmo modo, o americano levou-os a apreciar a vegetação em volta explicitando o emprego local de alguns tipos de árvores, como a maçaranduba, sobre a qual Wallace realiza uma extensa descrição da utilidade em sua narrativa de viagem, demonstrando o

⁵¹⁴ EDWARDS, William H. **Voyage up the river Amazon**. London: John Murray, 1847, p.28-29.

entrelaçamento entre seus interesses naturalistas e as possíveis potencialidades econômicas que vislumbrara na flora amazônica.

O interesse utilitário de Wallace em relação à flora da região não era gratuito. Muitos naturalistas – sobretudo, britânicos – buscaram incansavelmente por espécies exóticas que podiam ser aclimatadas em jardins europeus ou em suas possessões coloniais – como, por exemplo, nas Antilhas ou na Ásia. Por esta razão, os jardins britânicos eram considerados os mais diversos do mundo⁵¹⁵. Neste processo, conforme salienta Londa Schiebinger, muitas plantas foram arrancadas de suas culturas nativas e introduzidas em outros territórios coloniais de clima similar, recebendo nomes europeus.⁵¹⁶ Com isso, pode-se afirmar que botânicos europeus atuaram como importantes agentes de expansão colonial: inventariando, classificando e transplantando espécies economicamente relevantes para potências imperiais. Com este propósito, podem ser situados os jardins de Kew e seus diretores – Joseph Banks, William Hooker e seu filho, Joseph. Conforme William Beinart e Karen Middleton, a história do papel de Kew ajuda a compreender como instituições europeias de cunho “científicas” “juntaram recursos e cultivaram conexões globais para facilitar a transferência de plantas-chave”, como, por exemplo: “chá da China para a Índia; cinchona e borracha da América Latina para o sudeste da Ásia; sisal do México para o África Oriental.”⁵¹⁷ Tal aspecto pode ser explicitado por meio de uma carta enviada por Wallace para o diretor de *Kew Gardens*, William Hooker, em agosto de 1848, às vésperas de sua exploração ao Tocantins, onde atestava que possivelmente Wallace e Bates teriam recebido orientação de Hooker para coletar espécies botânicas na Amazônia, dando especial atenção a plantas que demonstrassem algum potencial econômico:

The “Masseranduba” or milk tree is one of the most interesting here. The milky juice of the tree is an excellent substitute for cream in tea or coffee, in both of which we have tried it. The timber [?] is of very large size is very heavy and durable. The fruit is delicious, resembling that of the Sapota & Sopotilla. The milk is a very adhesive and lasting glue unaffected by moisture. The flower is not to be obtained till the rainy seasons. If you wish specimens of the flower wood milk & let us know by the return of the Windsor which will be in about a month from the time you receive this, we shall be most happy to send them. A letter for us must be sent to Mess. Singlehurst & Co. Liverpool.⁵¹⁸

⁵¹⁵ BEINART, William e MIDDLETON, Karen. Transferências de Plantas: Uma Perspectiva Histórica: O Estado da Discussão. In: **TOPOI**, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p.164

⁵¹⁶ SCHIEBINGER, Londa. **Plants and empire : colonial bioprospecting in the Atlantic World**. Massachusetts: Harvard University Press, 2007, p.196

⁵¹⁷ Op. cit. p. 166

⁵¹⁸ Carta de Alfred R. Wallace para William J. Hooker. Pará, Brasil, 20 de Agosto de 1848. In: **Royal Botanic Garden**, Kew: Archives: Director’s. Manuscrito gentilmente transcrito por Cassia Roth,

Do mesmo modo, em outra passagem, Wallace revelou mais uma vez esse desejo de colher espécimes botânicas para esse supostamente “desinteressado” mundo da ciência. De volta ao povoado de Nazaré, o mesmo persuadiu seu criado, negro Isidoro, a seguir para a floresta em busca da árvore denominada caripé, a qual, segundo Wallace, tinha a especificidade de servir “para o fabrico de potes do país.” Puxando o fio de suas observações, pode-se especular que sua disposição em encontrar essa espécie de árvore tenha nascido a partir de sua observação sobre peças de cerâmica da região – algumas delas possivelmente usadas por Isidoro quando preparava a alimentação dos viajantes. Tal interesse demonstra que a realidade de coleta botânica e zoológica era permeada pelo interesse europeu em apropriar-se do conhecimento nativo sobre usos de plantas, bem como técnicas (refinadas) de transformar matéria-prima. Embora não seja possível determinar a etnia, o lugar e o período que originaram a técnica com o caripé na região, o fato é que na Amazônia ela remonta a uma tradição antiga dos povos ameríndios, cujo legado permanece até os dias atuais. A técnica consiste em coletar cascas da árvore caripé (também conhecida por “caraipé”), rica em sílica (propriedade que reduz a plasticidade da argila), que, após seca e queimada, é socada em pilão e peneirada. Após o processo, segundo Adélia Oliveira, adiciona-se o barro, “que é preferencialmente colhido durante a estação seca em locais onde a argila apresenta uma textura considerada própria para o fabrico.”⁵¹⁹

Todavia, voltando ao campo, quando o negro Isidoro indicou a Wallace uma representante de tal espécie, que “cresce à beira dos brejos”, o viajante demonstrou pouco entusiasmo com sua “descoberta”, pois a árvore avistada era “tenra, sem fruto, e sem flores”, de modo que teve que se contentar em pegar amostras de sua madeira e casca. Tal premissa indica claramente que os esforços de coleta botânica de Wallace levavam em conta os seguintes aspectos: primeiro, o naturalista buscou coletar informações sobre os usos e a utilidade de determinados gêneros de plantas pela comunidade local, procedimento que demonstra sua clara intenção em inventariar aspectos etnobotânicos das espécies por ele apreciadas; um segundo aspecto resultava de que a prática de coleta botânica levava em conta preferencialmente flores, sementes, frutos das plantas. Sobre esse aspecto, gostaria de ressaltar que, flores e frutos eram

pesquisadora e doutoranda da *University California*, Los Angeles, (UCLA). Disponível em: <http://www.kew.org/science-conservation/collections/joseph-hooker>. Acessado em: 02.4.2013.

⁵¹⁹ OLIVEIRA, Adélia Engrácia de e GALVÃO, Eduardo. A Cerâmica dos Índios Jurúna. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, Pará, n. 41, agosto de 1969, p.2.

fundamentais nos estudos das plantas, pois eram a partir deles que naturalistas podiam descrever e classificar vegetais.⁵²⁰ Já, as sementes, teve especial importância não apenas para a botânica, mas, sobretudo, na expansão colonial europeia, sendo elas manipuladas por agentes europeus diversos que a introduziram em novos espaços a fim de aumentar a produção de gêneros.⁵²¹

No entanto, no caso de Wallace, a experiência revelou não apenas que, para alcançar seu objetivo, o viajante deveria partir para o campo na estação mais apropriada para a florescência das plantas (preferencialmente, a estação seca que corresponderia à primavera do Vale Amazônico, segundo o botânico Richard Spruce escreveu), mas, também, que havia algumas dificuldades impostas pelo ambiente, como: colônias de formigas, vespas e abelhas que se sobressaltavam a qualquer tentativa de colher flores e apanhar frutos; e, sobretudo, as dimensões das árvores da floresta amazônica, cuja altura, segundo o viajante presumiu, estava em torno de “cem pés”, deixando as flores de sua cúpula longe do alcance do coletor, como expressou no seguinte trecho de sua narrativa de viagem:

A few forest-trees were also in blossom; and it was truly a magnificent sight to behold a great tree covered with one mass of flowers, and to hear the deep distant hum of millions of insects gathered together to enjoy the honeyed feast. But all is out of reach of the curious and admiring naturalist. It is only over the outside of the great dome of verdure exposed to the vertical rays of the sun that flowers are produced, and on many of these trees there is not a single blossom to be found at a less height than a hundred feet. The whole glory of these forests could only be seen by sailing gently in a balloon over the undulating flowery surface above : such a treat is perhaps reserved for the traveler of a future age.⁵²²

⁵²⁰ Cf. KURY, Lorelai. Francisco Freire Alemão, botânico e viajante. In: Kury Lorelai (org.) **Comissão Científica do Império: 1859-1861**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson, 2009, p. 190.

⁵²¹ Cf. William Beinart e Karen Middleton. Transferências de plantas em uma perspectiva histórica: o estado da discussão. In: **Topoi**, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009. SCHIEBINGER, Londa. **Plants and empire : colonial bioprospecting in the Atlantic World**. Massachusetts: Harvard University Press, 2007; MANAGLIA, Annalisa. [et. all] Seeds of Knowledge Unveiling hidden information through letters and gardens in Bologna, Turin and Uppsala. In: **HOST**, vol. 5, Lisbon, Springer, 2012.

⁵²² WALLACE, 1889, p.25.



Figura 19: Desenho de Wallace feito a lápis e que enfatiza a dimensão das árvores da floresta. Figura datada de 1848, possivelmente esboçada na região de Maguari. Fonte: Sandra Knapp.

Além dessas dificuldades, outro desapontamento para a coleta botânica, segundo mensurou Richard Spruce, em 1849, sobre o vale amazônico, devia-se à dificuldade de encontrar nativos ágeis como “gatos ou macacos” dispostos a escalar as árvores para o naturalista, esclarecendo, desse modo, como era realizado o cotidiano de coleta e, também, quais os artifícios utilizados por naturalistas para alcançar seus objetivos de pesquisa:

Like Humboldt, I was at first disappointed in not finding agile and willing Indians ever ready to run like cats or monkeys up the trees for me, and in seeing how futile must be the attempt to reach with hooked knives fastened to poles flowers which grew at a height of a hundred or more feet, on trees whose smooth trunks (far too thick to be "swarmed") rose to 50 or 60 feet before putting forth a branch. At length the conviction was forced upon me that the best and sometimes the only way obtain the flowers and fruits was to cut down the tree; but it was long before **I overcome a feeling of compunction at having to destroy a magnificent tree, perhaps centuries old, merely for the sake of gathering its flowers.**⁵²³

Assim, vendo falhar seus primeiros esforços de coleta botânica, o naturalista foi impelido a tomar a difícil decisão de derrubar árvores centenárias de grande estatura apenas para coletar suas flores, que brotavam no topo. O trecho mencionado acima, retirado da narrativa de Spruce, surpreende ao apresentar um intrínseco sentimento de culpa do naturalista, quando toma consciência de que sua ação em campo promoveria a destruição de algumas árvores. No entanto, tal sentimento foi logo atenuado e sua atividade justificada por um discurso, presente em sua narrativa, que tanto enfatizava que a floresta amazônica possuía fontes de recursos naturais ilimitadas quanto mostrava compreender que sua atividade estava a serviço da construção de um conhecimento útil e necessário para o domínio humano sobre o mundo natural:

By little and little I began to comprehend that in a forest which is practically unlimited - near three millions of square miles clad with trees and little else but tree - where the natives themselves think no more of destroying the noblest trees, when they stand in their way , than we the vilest weeds, a single tree cut down make no greater a gap, and is no more missed, than when one pulls up a stalk of groundsel or a poppy in an English cornfield. I considered further that my specimens would be stored in the principal public and private museums in the world, and would serve to identify any particular tree with its products, as well as for studying the peculiarities of its structure. In fine, I reconciled myself to the commission of an act whose apparent vandalism was, or seemed to be, counterbalanced by its necessity and utility. In the same way I suppose a zoologist stifles his qualms of conscience at killing a noble bird or quadruped merely for the sake of its skin and bones.⁵²⁴

⁵²³ SPRUCE, Richard. **Notes of a botanist on the Amazon and Andes**. Vol. I; editado por Alfred Russel Wallace. London: Macmillan, 1908, p.2-3.

⁵²⁴ Ibidem, p.2-3.

Entretanto, diferentemente de Richard Spruce⁵²⁵ – contratado por William Hooker, diretor de *Kew*, para centrar seus esforços na coleta botânica na Amazônia –, os escritos de Wallace e Bates revelam que o foco principal de suas atividades estava endereçado a espécies da fauna amazônica (aves, besouros e borboletas, sobretudo), possivelmente não apenas por conta de sua pouca habilidade botânica como também por haver previamente entrado em acordo com seu agente de vendas em Londres sobre esses objetos financiarem suas explorações na América do Sul. Assim, embora a carta supracitada revele que Wallace e Bates corresponderam-se e enviaram algumas amostras de plantas amazônicas para Hooker, a continuação da mesma exibe uma advertência de Wallace a seu renomado correspondente, afirmando que sua prioridade em campo estava na coleta de aves e insetos, em detrimento de uma coleção de plantas:

We have [?] found quite enough to do attending almost entirely to insects only. We are now commencing also at birds so that it will be quite impossible to find time to make any thing of a general collection of plants.⁵²⁶

Um das justificativas sobre sua falta de atenção para efetuar uma coleção botânica no Brasil enfatizou a falta de tempo. Assim, o naturalista salientava que a coleta e preparação de insetos tomava-lhe inteiramente o trabalho em campo, além de subentender que a coleta botânica desperdiçava maiores esforços que qualquer outro tipo de coleção. Esse aspecto foi melhor explicitado por Richard Spruce, em sua experiência de coleta botânica nas circunvizinhanças do Uaupés. Segundo esse naturalista, a coleta botânica consistia em um trabalho duro ao ar livre, sob forte calor solar, acarretando também outra dificuldade: era a atividade mecânica de “secagem de plantas” cujo feito seria tão exaustivo a ponto de impossibilitar-lhe a realização de qualquer outra atividade. Por essa razão, em carta para William Hooker escrita em 1853, na vila de San Carlos, Venezuela, justificava que seu trabalho em campo não podia dar a mesma atenção à geografia dos lugares que o trabalho realizado por seu amigo Wallace:

⁵²⁵ Não se pode esquecer, ainda, que a narrativa de Richard Spruce sobre sua empreitada botânica na região Amazônica não somente foi publicada e editada em 1908 por seu amigo Alfred Russel Wallace, como também que seu amigo editor baseou-se em sua correspondência ao longo de sua carreira como botânico. Como resultado desse artifício, o segundo volume da obra, sobretudo, apresenta uma narrativa que contém um grande número de cartas acompanhadas de notas do editor, Wallace.

⁵²⁶ Carta de Alfred R. Wallace para William J. Hooker. Pará, Brasil, 20 de Agosto de 1848. In: **Royal Botanic Garden**, Kew: Archives: Director's.

I unfortunately made myself ill by working too hard both in and out of doors in the heat of the day, and was visited by some distressing attacks of vertigo from which I am yet scarcely free. The mechanical labour of drying plants is so great here that I have little time for making geographical and other observations, and as Mr Wallace had preceded me on the Uaupes, and his occupations leave him much more spare time.⁵²⁷

Por outro lado, seus testemunhos afirmam que suas relações de amizade efetuadas no Grão-Pará contribuíram tanto com a logística de suas explorações – emprestando-lhes habitação, suprimentos, transporte e homens – quanto com informações sobre espécies cujo conhecimento pode ser atribuído aos esforços de alguns estrangeiros residentes no Brasil em efetuar coleções zoológicas e/ou botânicas particulares. Um dos indícios dessa realidade pode ser evidenciado em, pelo menos, duas passagens da narrativa de Wallace: a primeira salienta que o próprio Mr. Leavens detinha uma coleção de aves: “[...] Mr. Leavens has many specimens which he has shot, and preserved in a manner seldom equalled”.⁵²⁸ Em outra passagem, o naturalista destaca que um brasileiro de sua rede de relacionamentos constituída no Pará, Comandante do distrito de Laranjeiras – abreviado Mr. C. – possuía em sua propriedade algumas toleráveis espécimes de conchas, como menciona na seguinte passagem:⁵²⁹

Finding in Mr. Edwards's book a mention of his having obtained **some good shells from Larangeiras, we spoke to Senhor C. about them, when he immediately went to a box and produced two or three tolerable specimens;** so we engaged his son, a boy of eleven or twelve, to get us a lot at a vintem (halfpenny) each, and send them to Mr. Leavens at the mill, which, however, he never did.⁵³⁰ [Grifos Meus]

Além do Senhor C, outro evento que demonstra a importância de alguns proprietários de terras ou agentes da administração imperial para naturalistas, foi o encontro com um súdito inglês radicado no Pará – também mencionado por Bates e Spruce – denominado Mr. Campbell. Segundo aponta Wallace, o escocês havia abrigado, em sua próspera fazenda de gado na ilha de Mexiana, um obscuro colecionador britânico de orquídeas, Mr. Yates.⁵³¹ Do mesmo modo, em sua visita a propriedade de Campbell, observou Bates:

⁵²⁷ SPRUCE, Richard. Letter to W. Hooker. San Carlos, 1853. In: SPRUCE, Richard. **Notes of a Botanist on the Amazon and Andes**. Vol. I, London: Macmillan, 1908, p.336.

⁵²⁸ WALLACE, 1889, p.19.

⁵²⁹ WALLACE, 1889, p.30; WALLACE, 1853, p.43.

⁵³⁰ WALLACE, 1889, p.30; WALLACE, 1853, p.43.

⁵³¹ WALLACE, 1889,p.60.

“One of the largest of these establishments is called Caripi: at the time of which I am speaking it belonged to a Scotch gentleman, Mr. Campbell, who had married the daughter of a large Brazilian proprietor. Most of the occasional English and American visitors to Para had made some stay at Caripi, and it had obtained quite a reputation for the number and beauty of the birds and insects found there; I therefore applied for and obtained permission to spend two or three months at the place.”⁵³²

Essa declaração revela um assunto ainda pouco debatido entre os historiadores da ciência: até que ponto a disseminação do interesse em História Natural entre súditos do império britânico e outros estrangeiros residentes em zonas de contato ajudou a fomentar uma rede de colaboração entre estes últimos e os agentes vinculados aos interesses de instituições europeias?

A resposta para essa pergunta implica em observar a existência de uma estreita relação entre interesses comerciais e científicos associada à experiência dos naturalistas na Amazônia. Como indica Fa-ti Fan, o desenvolvimento do conhecimento britânico em história natural fora resultado de suas relações com seus entrepostos comerciais localizados em várias partes do mundo. Nesse contexto, pode-se presumir que a coleta e o envio de espécimes dos quatro cantos do mundo para Europa nem sempre foram baseados em ações árduas e heroicas de naturalistas europeus, porém, deve-se observar ainda que muitas espécies exóticas adquiridas por instituições ou por particulares britânicos foram adquiridas ou compradas por exploradores seja nos mercados locais ou por negociação com os nativos.⁵³³

De maneira que inquirir sobre os caminhos tomados por Wallace para seus objetivos de coleta na Amazônia implica inicialmente em percorrer propriedades e relações de negócio estabelecidas por um seletivo grupo de homens de origem europeia ou norte-americana na região. Assim, foram tais indivíduos, muitos dos quais não são mencionados em seus textos científicos ou em suas cartas, que oportunizaram melhores condições de viagem para o naturalista, fornecendo informações úteis sobre espécies e ensinando o naturalista a descobrir onde e como encontrar regiões cuja fauna seria mais abundante, em detrimento de outras possíveis pretensões suas. Com isso, pode-se aferir que o viajante, longe de seguir para lugares desprovidos de ocupação humana, explorava pontos de coleta a partir de uma base (rocinha, sítio, fazenda, vilas, aldeias etc.) onde houvesse presença humana e recursos necessários (mantimentos, homens e

⁵³² BATES, 1863, p. 169.

⁵³³ FAN, Fa-ti. Science in a Chinese Entrepôt: British Naturalists and Their Chinese Associates in Old Canton. In *Osiris* 2nd Series, Vol. 18, Science and the City (2003).

informações) para tornar possível atravessar longos percursos mata adentro ou compostos de sinuosos caminhos de rios, paranás e igarapés.

3.6. COLETA EM CAMPO E O REALISMO TROPICAL DE WALLACE

A coleta em Maguari exemplifica o modo como o viajante escolhia os pontos de coleta onde existiam os recursos necessários para trabalhar em campo. Por isso, pode-se afirmar que, além da reunião de informações sobre a existência de uma flora e de uma fauna raros, a estadia no engenho administrado por Mr. Leavens possibilitou ao naturalista Wallace incorporar meios para que a rotina de trabalho seguisse de maneira mais estável por cerca de um mês, como é possível verificar no relato a seguir:

Our daily routine during our stay at the mills was as follows: We rose at half-past five, when whoever pleased took a bath at the mill-stream. We then started, generally with our guns, into the forest, as early in the morning is the best time for shooting, and Mr. Leavens often accompanied us, to show us the best feeding-trees. At eight we returned to breakfast, and then again started off in search of insects and plants till dinner-time. After dinner we generally had another walk for an hour or two; and the rest of the evening was occupied in preparing and drying our captures, and in conversation. Sometimes we would start down the igarape in the montaria, not returning till late in the afternoon; but it was in my early expeditions into the forest that I had my curiosity most gratified by the sight of many strange birds and other animals. Toucans and parrots were abundant, and the splendid blue and purple chatterers were also sometimes met with. Hummingbirds would dart by us, and disappear in the depths of the forest, and woodpeckers and creepers of various sizes and colours were running up the trunks and along the branches. The little red-headed and puff-throated manakins were also seen, and heard making a loud clapping noise with their wings which it seemed hardly possible for so small a bird to produce.⁵³⁴

Além de Maguari e Laranjeiras, outros pontos de coleta de Wallace foram realizados a partir de duas prósperas fazendas de criação de gado de propriedade de Mr. Campbell, situadas no golfo marajoara. A primeira, localizada na Ilha de Mexiana, era administrada por um alemão, Mr. Leonardo. Outra, situada na ilha de Marajó, foi batizada por seu proprietário de “Juncal”.

⁵³⁴ WALLACE, 1889, p.28-29. Wallace, 1853, p.40-41.

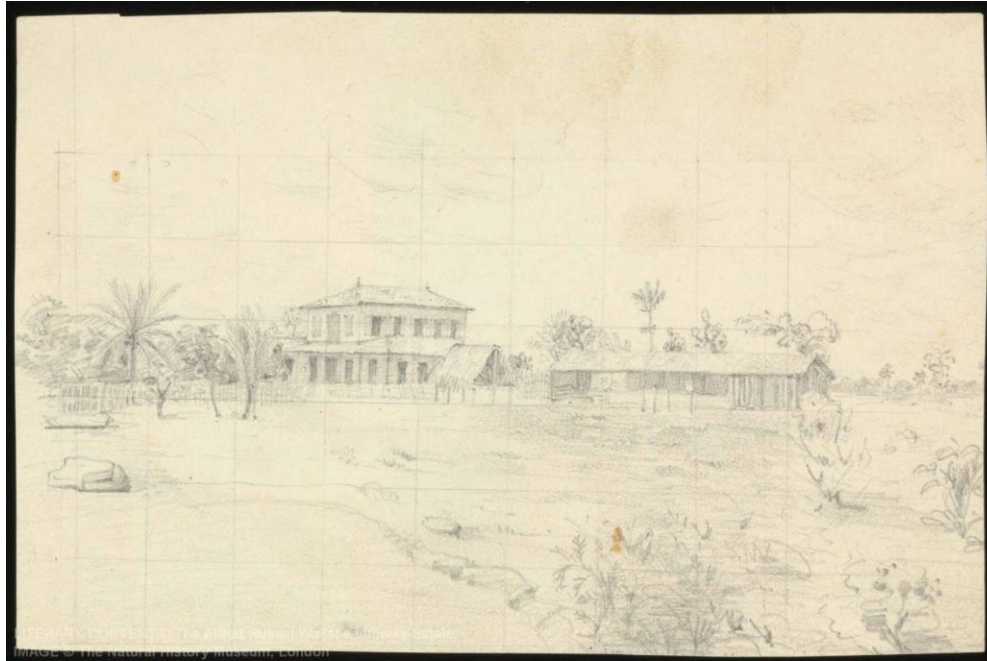


Figura 20: Desenho de A. R. Wallace, feito a lápis, sobre a propriedade de Mr. Campbell na ilha de Mexiana, Juncal, situada entre a ilha de Marajó e a praia setentrional da baía do Marajó. Fonte: Natural History Museum. Manuscrito nº 5100.5605. Disponível no Website *Wallace Letters On Line*.

A constituição geográfica da baía do Marajó, localizada na porção oriental do golfo marajoara, zona costeira, ao norte do Brasil, inicia-se a partir da confluência da baía do Capim com o rio Pará, estendendo-se até o oceano Atlântico. Por conta de sua localização, a baía recebe pouca contribuição das águas do rio Amazonas e maior penetração da água salina proveniente do Atlântico. Em decorrência desse aspecto, as características de salinidade, associadas a regimes de marés (mesomarés, macromarés), aos ventos e às ondas que se formam no interior da baía, formam um ambiente “flúvio-marinho” peculiar da baía de Marajó. Tais aspectos são refletidos na constituição de uma paisagem marcada por uma variedade ecológica e heterogênea diferente de outros pontos do vale amazônico. Esse espaço, situado, como expressou Wallace, exatamente na linha do Equador, de relevo extremamente plano e todo constituído de “campo”, era afamado no século XIX não apenas por suas aves, jacarés e onças como também pela criação de gado e pela atividade de caça a jacarés. Estes últimos eram mortos em grande quantidade, especialmente por conta de sua banha, que era transformada em óleo para as necessidades de luz da população:

It is celebrated for its birds, alligators, and onças, and is used as a cattle estate by the proprietor. The alligators abound in a lake in the centre of the island, where they are killed in great numbers for their fat, which is made into oil.⁵³⁵

⁵³⁵ WALLACE, 1889, p.60.

Segundo Wallace, à frente da casa grande e espaçosa de um só pavimento de propriedade de Mr. Campbell, onde se hospedou o viajante, choupanas de negros e escravos (em sua grande maioria, vaqueiros) dividiam a paisagem com gado e cavalos que pastavam por um campo tão extenso quanto a vista poderia alcançar. O viajante constatou que, enquanto, na ilha, a somatória da população geral contava apenas quarenta pessoas (sendo vinte delas escravos e o restante composto de um contingente de índios e negros livres), a área onde se estendia a fazenda era povoada por grande número de uma fauna introduzida na região pelos colonos: mil e quinhentas cabeças de gado bovino, elevado número de reses selvagens e quatrocentos cavalos. Esses números dão ideia das dinâmicas econômicas e de trabalho que sustentavam a fazenda em cuja coleta foi baseada.

No que tange ao objetivo de coleta que o mobilizou a seguir até essas propriedades, Wallace revelou ter recebido informações sobre a incidência de “curiosas e raras aves aquáticas” nessa região. Com esse objetivo em vista, o naturalista excursionou pelos arredores da ilha de Mexiana, de novembro até o final de dezembro de 1848, tendo a atenção dirigida à captura de aves. Somente nos dez primeiros dias nessa fazenda, vagando pelos campos e observando árvores ao redor da fazenda, Wallace diz ter capturado cerca setenta espécimes de aves, que eram abundantes, embora não fossem nem tão raras, nem tão notáveis. No entanto, a incidência de aves consideradas mais valiosas só sucederia ao acompanhar uma excursão, promovida pelo administrador alemão da fazenda, que seguiu para outros pontos da ilha para caçar jacarés. O caminho para atingir o lago onde se promoveria a “pesca” poderia ser realizado tanto por terra quanto por bote. Enquanto o administrador seguiu pela primeira opção, Wallace decidiu seguir trajeto fluvial, juntando-se à tripulação de três negros em uma canoa que partia com um carregamento de cestos de farinha e sal para abastecer o acampamento da caçada. Após dez horas de desconfortável navegação – por conta de seu desagradável leito de cestas de sal e farinha e, também, devido aos fortes balanços promovidos pela navegação de um rio com grande influência marinha –, entraram a boca de um igarapé, cujas águas tranquilas deixaram-no fisicamente mais confortável e, pela primeira vez, encantado com a natureza amazônica. De tal forma que expressou esse sentimento favorável nos seguintes termos:

However, about ten o'clock we reached the mouth of the igaripe, or small stream we were to ascend, and I was very glad to get into still water. We stayed for breakfast in a little clear space under a fine tree, and I enjoyed a cup of coffee and a little biscuit, while the men luxuriated on fish and farinha. We then proceeded up the stream, which was at its commencement about two hundred yards wide, but soon narrowed to fifty or eighty. I was much delighted with the beauty of the vegetation, which surpassed anything I had seen before: at every bend of the stream some new object presented itself, now a huge cedar hanging over the water, or a great silk-cotton-tree standing like a giant above the rest of the forest. The graceful assai palms occurred continually, in clumps of various sizes, sometimes raising their stems a hundred feet into the air, or bending in graceful curves till they almost met from the opposite banks. The majestic muruti palm was also abundant, its straight and cylindrical stems like Grecian columns, and with its immense fan-shaped leaves and gigantic bunches of fruit, produced an imposing spectacle. [...] These palms were often clothed with creepers, which ran up to the summits, and there put forth their blossoms[...] Nor were there wanting animated figures to complete the picture. Brilliant scarlet and yellow macaws flew continually overhead, while screaming parrots and paroquets were passing from tree to tree in search of food. Sometimes from a branch over the water were suspended the hanging nests of the black and yellow troupial (*Cassicus icteronotus*), into which those handsome birds were continually entering. The effect of the scene was much heightened by the river often curving to one side or the other, so as to bring to view a constant variety of objects. At every bend we would see before us a flock of the elegant white heron, seated on some dead tree overhanging the water; but as soon as we came in sight of them, they would take flight, and on passing another bend we would find them again perched in front of us, and so on for a considerable distance. On many of the flowering shrubs gay butterflies were settled, and sometimes on a muddy bank a young alligator would be seen comfortably reposing in the sun.⁵³⁶

Os sentimentos de exaltação da paisagem, expressados por Wallace no trecho acima, esclarecem como era grande sua expectativa de encontrar um cenário local em conformidade com um legado estético derivado do gênero popular da história natural, cujas descrições centravam-se na apreciação de lugares pitorescos ou que sintetizavam o exotismo dos trópicos. Assim, mais do que descrever a variedade e a beleza do ambiente observado, o registro buscou apresentar o ambiente como um “espetáculo imponente” protagonizado pela pujante vegetação que ornava o igarapé e cujo quadro era complementado, ainda, pela diversidade de aves, de distintas espécies e cores, que com seus ruídos animavam a paisagem. No entanto, até o momento dessa cena, suas percepções iniciais da paisagem amazônica enfatizaram um sentimento decepção:

⁵³⁶ WALLACE, 1889, p.66-67.

My previous wanderings had been confined to England and a short trip on the Continent, so that everything here had the charm of perfect novelty. Nevertheless, on the whole I was disappointed. The weather was not so hot, the people were not so peculiar, the vegetation was not so striking, as the glowing picture I had conjured up in my imagination, and had been brooding over during the tedium of a sea-voyage. And this is almost always the case with everything but a single view of some one definite object.⁵³⁷

Segundo essas impressões do viajante, o clima de Belém não era tão quente, as pessoas não eram tão estranhas, nem a vegetação tão impressionante. Para Nancy Stepan, essa percepção de Wallace não seria somente um indicativo de que as representações populares sobre o mundo tropical eram moldadas a partir de uma visão frágil e enganosa da realidade. Ela também apontava que sua obra *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro* (1853) deveria ser interpretada como o primeiro esforço em traduzir o mundo tropical para os europeus, usando parâmetros que rompiam com algumas convenções de representar esse mundo tropical. Por isso, além de se apontar as circunstâncias que levaram à perda de seu material coletado na Amazônia e afetaram a qualidade de seu livro – Darwin, por exemplo, na época, acusou falta de dados no livro de Wallace –, Stepan salienta que esse evento não explicitaria o suficiente o porquê da adoção de um “realismo tropical”, ou seja, do matiz antirromântico realçado em sua narrativa de viagem. Para a autora, “mais importante que os materiais perdidos era o realismo tropical de Wallace e sua lacônica recusa – ou talvez incapacidade – de escrever em um estilo romântico.”⁵³⁸

A partir desses indícios, creio ser possível argumentar, aqui, que esse realismo de Wallace foi aguçado a partir de sua experiência com a realidade na Amazônia. Como sublinhado acima, desde que partira da Europa, a expectativa de Wallace, alimentada pelas descrições de outros naturalistas – Humboldt, Darwin e Edwards – era alta em relação à diversidade de espécies que poderiam lhe proporcionar lucro – intelectual e financeiro – e experiência sensorial sem precedentes. No entanto, como cautelosamente Bates também afirmou, as primeiras explorações de coleta realizadas por ambos os naturalistas na proximidade de Belém – sobretudo em Nazaré – renderam-lhes nada mais do que desapontamento. Isso denota pensar que para muitos naturalistas a experiência de “ver com os próprios olhos” a realidade dos trópicos nem sempre significou se deparar com uma paisagem “corretamente” pitoresca, tropical e exótica, tal

⁵³⁷ WALLACE, 1889, p.3.

⁵³⁸ STEPAN, Nancy Leys. **Picturing Tropical Nature**. London: Reaktion Books Ltd, 2001, p.60.

como foi concebida por outras descrições. Além de aparecer no trecho acima salientado, que faz parte de sua narrativa de viagem, tal sentimento foi também explicitamente enfatizado pelo naturalista no extrato de uma carta escrita após nove meses no Grão-Pará, a qual estava endereçada aos membros do *Mechanics' Institution*:

Previous to leaving England I had read many books of travels in hot countries, I had dwelt so much on the enthusiastic descriptions most naturalists give of the surpassing beauty of tropical vegetation, and of the strange forms and brilliant colours of the animal world, that I had wrought myself up to a fever-heat of expectation, and it is not to be wondered at that my early impressions were those of disappointment. On my first walk into the forest I looked about, expecting to see monkeys as plentiful as at the Zoological Gardens, with humming-birds and parrots in profusion. But for several days I did not see a single monkey, and hardly a bird of any kind, and I began to think that these and other productions of the South American forests are much scarcer than they are represented to be by travellers.⁵³⁹

Nessa carta o autor enfatiza que, antes de conhecer a realidade amazônica, havia lido alguns livros de viagem a respeito de “países quentes”, cujas descrições sobre a beleza da vegetação, as “estranhas formas” e cores brilhantes dos animais, tinham incentivado “o calor de sua expectativa” para conhecer a região. No entanto, em sua primeira caminhada na floresta, ao contrário do que esperava, não viu macaco ou ave de qualquer espécie. Por isso, seu sentimento não poderia ser outro, a não ser o de decepção. Começou a pensar que as produções das florestas da América do Sul eram mais escassas do que suas representações feitas por viajantes.

Embora nesse trecho Wallace tenha observado que a beleza e a luxuriante riqueza naturais da bacia do Amazonas pintadas por outros viajantes não passaram de projeções exageradas da realidade, em outro registro, declarou o valor do tempo para apreender detalhes do clima, da vegetação e dos hábitos dos seres vivos e, assim, satisfazer suas ambições pelas “riquezas” naturais:

Thus it is that travellers who crowd into one description all the wonders and novelties which it took them weeks and months to observe, must produce an erroneous impression on the reader, and cause him, when he visits the spot, to experience much disappointment. As one instance of what is meant, it may be mentioned that during the first week of our residence in Para, though constantly in the forest in the neighbourhood of the city, I did not see a single humming-bird, parrot, or monkey. And yet, as I afterwards found, humming-birds, parrots, and monkeys are plentiful enough in the neighbourhood of Para; but they require looking for, and a certain

⁵³⁹ Wallace, 1905, p.269-270.

amount of acquaintance with them is necessary in order to discover their haunts, and some practice is required to see them in the thick forest, even when you hear them close by you. But still Para has quite enough to redeem it from the imputations we may be supposed to have cast upon it. Every day showed us something fresh to admire, some new wonder we had been taught to expect as the invariable accompaniment of a luxuriant country within a degree of the equator. Even now, while writing by the last glimmer of twilight, the vampire bat is fluttering about the room, hovering among the timbers of the roof (for there are no ceilings), and now and then whizzing past my ears with a most spectral noise.⁵⁴⁰



Figura 21: Desenho de A. R. Wallace, feito a lápis, em 1848, retratando a floresta na circunvizinhança de Belém do Pará. A gravura não especifica nem a localidade, nem a espécie representada pelo naturalista, mas em seu detalhe o desenhista representou a seiva da árvore saindo do tronco, o que pode ser uma indicação da seringueira ou da árvore leiteira - maçaranduba.

Tais impressões também foram salientadas por Bates em sua narrativa de viagem. Assim, embora inicialmente esse viajante tenha considerado que “The forest is

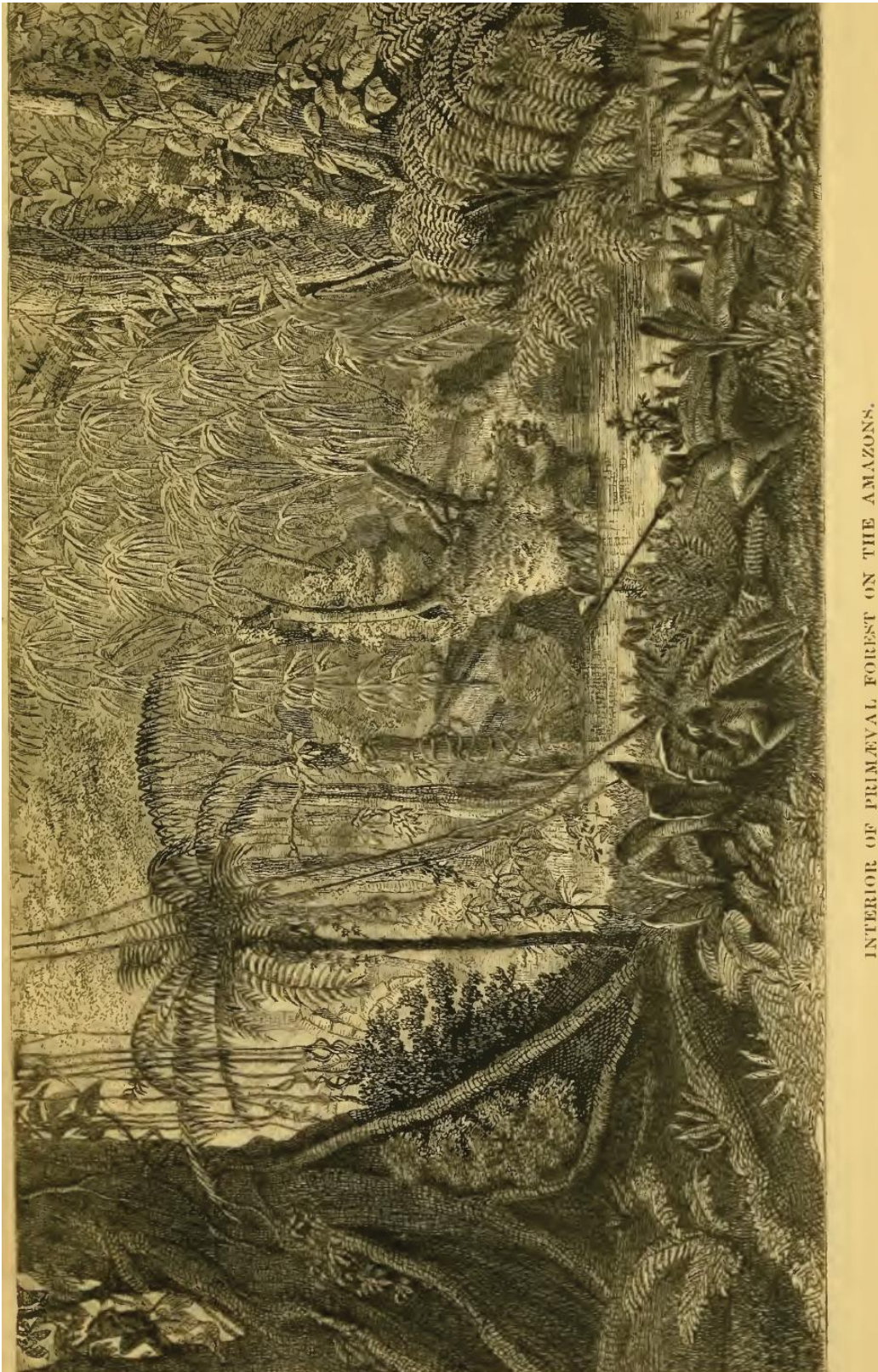
⁵⁴⁰ WALLACE, 1853, p.4.

very similar on most of the low lands, and therefore one description will do for all”⁵⁴¹, o registro sobre sua temporada de mais de uma década na região amazônica frisou a importância da familiarização com o meio para saber onde e como encontrar espécies em um ambiente estranho.

I afterwards saw reason to modify my opinion, founded on these first impressions, with regard to the amount and variety of animal life in this and other parts of the Amazonian forests. There is, in fact, a great variety of mammals, birds, and reptiles, but they are widely scattered, and all excessively shy of man. The region is so extensive, and uniform in the forest clothing of its surface, that it is only at long intervals that animals are seen in abundance when some particular spot is found which is more attractive than others. Brazil, moreover, is throughout poor in terrestrial mammals, and the species are of small size; they do not, therefore, form a conspicuous feature in its forests. The huntsman would be disappointed who expected to find here flocks of animals similar to the buffalo herds of North America, or the swarms of antelopes and herds of ponderous pachyderms of Southern Africa ... The most intensely arboreal animals in the world are the South American monkeys of the family Cebidse, many of which have a fifth hand for climbing in their prehensile tails, adapted for this function by their strong muscular development, and the naked palms under their tips. This seems to teach us that the South American fauna has been slowly adapted to a forest life, and, therefore, that extensive forests must have always existed since the region was first peopled by mammalia.⁵⁴²

⁵⁴¹ BATES, 1863, p.45.

⁵⁴² BATES, 1863, pp. 61-62



INTERIOR OF PRIMEVAL FOREST ON THE AMAZONS.

Figura 22. Representação do interior da floresta que ilustra a narrativa de viagem de Bates. Fonte: Bates, 1863, p.73

Claramente, as impressões de Bates acima salientadas, sobre o valor do tempo e a compreensão dos hábitos dos animais no ambiente florestal da América do Sul foram pautadas pelos debates em torno da ideia da evolução, com a qual o seu trabalho de campo esteve estreitamente relacionado, mas cuja prioridade do fechamento da teoria foi dada a Charles Darwin a partir de 1858. Contudo, para além das digressões em torno desse assunto – pois, não ao acaso, a obra de Bates publicada em 1863 teve Darwin como prefaciador –, sua dificuldade inicial em encontrar espécimes da fauna na região levanta duas hipóteses: em primeiro lugar, a de que esse evento foi resultado de um processo adaptativo dos animais em um ambiente caracterizado por uma cobertura vegetal tão densa que não podia ser comparado às savanas africanas e aos campos das zonas temperadas do hemisfério norte, onde grupos de mamíferos de grande porte eram facilmente encontrados por caçadores. Outro elemento notado por Bates sugere que a ação do homem sobre o mundo natural amazônico teria repercutido no comportamento da população de aves, insetos, mamíferos e répteis de tal modo que esses seres demonstravam “receio” do homem.

Curiosamente, a chave do entendimento de Bates sobre a adaptação dos seres vivos no ambiente amazônico inverte a ordem das explicações de Charles Darwin sobre a fauna das ilhas Galápagos. Segundo Janet Browne, Darwin observou em 1835 que “até onde ele sabia, nunca havia existido uma população aborígine”⁵⁴³ em Galápagos e, embora viajantes e corsários do Pacífico tenham se aproveitado dos recursos naturais das ilhas para obter água potável e alimentos frescos – especialmente tartarugas, que eram armazenadas nos porões dos navios –, havia na região apenas pequenos assentamentos que abrigavam a presença humana em uma ou duas ilhas.⁵⁴⁴ Os animais da ilha eram tão pouco acostumados com humanos que “aves saltitavam até um metro dos pés de Darwin e de seu companheiro.”⁵⁴⁵ O naturalista também diz ter empurrado do galho de uma árvore, com sua arma, um grande falcão e apanhado uma pomba usando apenas seu chapéu.⁵⁴⁶ Do mesmo modo, as gigantescas tartarugas, cuja presença originou o batismo do arquipélago – “galápagos”, em espanhol, significa tartaruga – “não se escondiam em seu casco”, demonstrando “pouco medo de seres humanos.”⁵⁴⁷

⁵⁴³ BROWNE, p.423.

⁵⁴⁴ Ibidem, p.423-24.

⁵⁴⁵ Ibidem, p.424.

⁵⁴⁶ Ibidem, p 424.

⁵⁴⁷ Ibidem, p.426.

Ademais, a vegetação fina e rasteira, com suas flores feias e insignificantes, causou decepção a Darwin.⁵⁴⁸

Em contraste com o arquipélago de Galápagos, povoado mais por uma variedade de animais do que por seres humanos, grande parte da geografia do vale amazônico se constitui de extensas áreas cobertas por uma suntuosa e densa vegetação, encobrindo uma população de seres que dificilmente se revelam ao homem. Assim, para um coletor oitocentista, cuja expectativa baseava-se em encontrar uma profusão de objetos “curiosos e raros”, era causa de desapontamento perceber tanto que aves e insetos não seriam capturados com a mesma facilidade que durante o empreendimento de Darwin em Galápagos quanto que alguns caminhos alcançados pelos naturalistas eram regiões já devassadas pela obra humana. É nesse sentido que se pode alinhar o caráter das seguintes observações de Wallace sobre os arredores da cidade de Belém:

The rest of the vegetation was hardly what I expected. We found many beautiful flowers and climbing plants, but there are also many places which are just as weedy in their appearance as in our own bleak climate. But very few of the forest-trees were in flower, and most of them had nothing very peculiar in their appearance. The eye of the botanist, indeed, detects numerous tropical forms in the structure of the stems, and the form and arrangement of the leaves ; but most of them produce an effect in the landscape remarkably similar to that of our own oaks, elms, and beeches. **These remarks apply only to the immediate vicinity of the city, where the whole surface has been cleared, and the present vegetation is a second growth.**⁵⁴⁹[Grifos meus]

No entanto, é importante frisar que a obra de Bates, *The Naturalist on the River Amazons*, publicada pela primeira vez em 1863, além de dar conta de uma experiência de mais de onze anos de coleta na Amazônia (1848-1862), foi publicada no auge da repercussão do livro de Charles Darwin *On The Origin of Species by Selection Means of Natural Selection*, de 1859 – cuja primeira tiragem limitou-se a 1.250 cópias –, enquanto a narrativa de Wallace sobre sua experiência no vale amazônico foi editada em 1853 – portanto, antes da ampla divulgação e fechamento da teoria que o revelou para a comunidade científica. Com isso, deve-se ressaltar que, quando refletiu e escreveu sobre sua viagem até a Amazônia, Wallace apenas esboçava a relação entre a vegetação, o tempo e a adaptação dos seres vivos. Esse aspecto pode ser particularmente

⁵⁴⁸ Ibidem, p.425.

⁵⁴⁹ WALLACE, 1889, p.7.

observado por meio da seguinte reflexão do naturalista sobre a sua excursão ao Tocantins:

In all works on Natural History, we constantly find details of the marvellous adaptation of animals to their food, their habits, and the localities in which they are found. But naturalists are now beginning to look beyond this, and to see that there must be some other principle regulating the infinitely varied forms of animal life. It must strike every one, that the numbers of birds and insects of different groups, having scarcely any resemblance to each other, which yet feed on the same food and inhabit the same localities, cannot have been so differently constructed and adorned for that purpose alone. Thus the goat-suckers, the swallows, the tyrant fly-catchers, and the jacamars, all use the same kind of food, and procure it in the same manner : they all capture insects on the wing, yet how entirely different is the structure and the whole appearance of these birds ! The swallows, with their powerful wings, are almost entirely inhabitants of the air ; the goat-suckers, nearly allied to them, but of a much weaker structure, and with largely developed eyes, are semi-nocturnal birds, sometimes flying in the evening in company with the swallows, but most frequently settling on the ground, seizing their prey by short flights from it, and then returning to the same spot. The fly-catchers are strong-legged, but short-winged birds, which can perch, but cannot fly with the ease of the swallows: they generally seat themselves on a bare tree, and from it watch for any insects which may come within reach of a short swoop, and which their broad bills and wide gape enable them to seize. But with the jacamars this is not the case : their bills are long and pointed in fact, a weak kingfisher's bill yet they have similar habits to the preceding : they sit on branches in open parts of the forest, from thence flying after insects, which they catch on the wing, and then return to their former station to devour them. Then there are the trogons, with a strong serrated bill, which have similar habits ; and the little humming-birds, though they generally procure insects from the flowers, often take them on the wing, like any other fissirostral bird.⁵⁵⁰

De qualquer modo, em contraste com o cenário aberto e harmônico observado por Wallace, na continuação de sua jornada até o ponto de caça aos jacarés, o naturalista enfatiza a transmutação do ambiente. A penetração em um meio florestal fechado, privado de luz do sol, as muitas horas de navegação e o esforço da tripulação, que remava vigorosamente buscando escapar das determinações da maré e dos obstáculos impostos por uma vegetação que atravancava o estreito curso d'água, delineavam uma atmosfera sombria e sem cor, contradizendo os cenários pitorescos, sempre abertos, iluminados, circundados por uma vegetação e por uma fauna de cores vibrantes. Além

⁵⁵⁰ WALLACE, 1889, p.58-59.

disso, a realidade da excursão revelou uma natureza pouco dadivosa, que incitava o homem a lutar constantemente contra os efeitos dos fenômenos naturais:

We continued our journey thus for several hours, the men rowing vigorously for fear of the tide turning against us before we reached our destination : this, however, happened just as we entered a narrower part of the stream. The scenery was now much more gloomy ; the tall trees closed overhead so as to keep out every sunbeam. The palms twisted and bent in various contortions, so that we sometimes could hardly pass beneath, and sunken logs often lay across from bank to bank, compelling us to get out of the canoe, and use all our exertions to force it over. Our progress was therefore very slow, and the stream was every minute running stronger against us.⁵⁵¹

Em tal cenário, a profusão de espécies da fauna avistada pelo naturalista revelou-se tão arisca à aproximação do homem que seus esforços de coleta foram malogrados:

Here was a building-place for various aquatic birds: the woodibis and numerous cranes and herons had their nests on the summits of the lofty trees over the water, while lower down was the station chosen by the boat-bill. There was a continual rustle and flapping of wings as these long-legged, clumsy birds flew about, startled at our approach; and when I shot one of the large wood-ibises, the confusion was at its height. Numerous kingfishers were continually passing up and down, or darting from some dead stick into the water to seize their prey.⁵⁵²

No entanto, não apenas cenários de mata fechada foram descritos por Wallace, enfatizando a tensão entre o homem e a natureza. Do mesmo modo, quando alcançou o desembarcadouro da excursão, “After about two hours of very hard and disagreeable work”, o naturalista enfatizou um contraste entre as paisagens observadas nos seguintes termos:

The one was all luxuriance and verdure, the other as brown and barren as could be, – a dreary waste of marsh, now parched up by the burning sun, and covered with tufts of a wiry grass, with here and there rushes and prickly sensitive plants, and a few pretty little flowers occasionally growing up among them.⁵⁵³

O cenário desnudo e assolado por áreas pantanosas não apenas foi caracterizado como um ambiente “triste” e “estéril”, mas também pela desagradável sensação física que causava ao transeunte que percorria um solo cuja formação impedia uma caminhada segura:

⁵⁵¹ WALLACE, 1889, p.67.

⁵⁵² Ibidem, p.67.

⁵⁵³ Ibidem, p.67-68.

The ground was very disagreeable for walking, being composed of numerous little clumps and ridges, placed so closely together that you could neither step securely upon nor between them: they appeared to be caused by the rains and floods in the wet season washing away the earth from between the roots of the grass-tufts, the whole being afterwards hardened by the excessive heat of the sun, and the grass almost entirely burnt away.⁵⁵⁴

Não obstante esses caminhos considerados penosos e pouco transformados pelo homem no interior da ilha, os testemunhos de Wallace revelavam que alguns desses cenários se tratavam de rotas obrigatórias perseguidas por colonos e nativos exploradores dos recursos naturais da região. Assim, quando a tripulação da canoa de mantimentos finalmente alcançou seu desembarcadouro – até uma velha casa abandonada –, o administrador, acompanhado de alguns negros e com seus cavalos, imediatamente partiu para outro ponto da floresta onde seria realizada a atividade de caça. Ao atingirem o local pretendido – após um percurso de cerca de quatro ou cinco milhas –, se depararam com mais uma pequena choupana, indicando que aquela era uma rota costumeiramente perseguida por homens da região que buscavam recursos para abastecer seus assentamentos, propriedades e mercados de Belém, a saber: além da caça ao jacaré, havia ainda a atividade de pesca e beneficiamento de mantas de pirarucus, como descreve a seguir:

[...] arrived at the Lake just as it was getting dark. The only building there was a small shed without any walls, under which we hung our hammocks, while the Negroes used the neighbouring trees and bushes for the same purpose. A large fire was blazing, and round it were numerous wooden spits, containing pieces of fresh fish and alligator's tail for our supper. While it was getting ready, we went to look at some fish which had just been caught, and lay ready for salting and drying the next day : they were the pirarucii {*Sudis gigas*), a splendid species, five or six feet long, with large scales of more than an inch in diameter, and beautifully marked and spotted with red. The Lake contains great quantities of them, and they are salted and dried for the Para market. It is a very fine-flavoured fish, the belly in particular being so fat and rich that it cannot be cured, and is therefore generally eaten fresh. This, with farinha and some coffee, made us an excellent supper, and the alligator's tail, which I now tasted for the first ' time, was by no means to be despised. We soon turned into our hammocks, and slept soundly after the fatigue of the day. Jaguars were abundant, and had carried off some fish a night or two before; the alligators too were plunging and snorting within twenty yards of us : but we did not suffer such trifles to disturb our slumbers.⁵⁵⁵

⁵⁵⁴ WALLACE, p. 1889, p.68.

⁵⁵⁵ Ibidem, p.68.

Além dos abundantes jacarés e peixes, no local, havia as espécies de aves aquáticas cobiçadas pelo viajante desde Belém, as quais “enxameavam” ao redor do lago. O naturalista, usando a espingarda “carregada com chumbo fino”, observou que apenas com seu primeiro tiro conseguiu matar talvez sete ou oito espécies. No entanto, além de concentrar-se nessas espécies, cuja multidão de seres fora logo afugentada pelo barulho de sua espingarda, sua atenção foi dirigida ainda para captura de outras espécies de aves, igualmente ariscas e, por isso, impossível de serem abatidas. Assim, enquanto um grupo de cerca de 10 a 12 homens – negros – conjugava esforço para entrar em um lago povoado por répteis de grande estatura, precipitando-se contra eles – laçando-os, golpeando-os e retirando-os para fora d’água –, o naturalista “divertia-se” com sua espingarda por entre as relvas, ora caçando aves aquáticas, ora andando pelo campo onde, presumidamente, havia sabido da existência de pica-paus e araras, espécies, segundo ele, que poderiam recompensar sua perseverança.

A cena acima esclarece os diferentes papéis encenados na região por homens com diferentes origens e interesses em relação aos usos da fauna local: enquanto a caça aos jacarés encetada pelos locais rendeu uma mortandade de 70 a 80 répteis em dois dias de perseguição aos ferozes animais do lago, esforço ligado às necessidades diárias da localidade, a coleta de Wallace rendeu apenas alguns poucos exemplares, cujos representantes seriam endereçados ao mercado de colecionadores em história natural de Londres. No entanto, apesar das privações que havia passado na viagem até chegar à região, o naturalista considerou divertido perseguir e espreitar animais em campo.

Além de seu caráter autorrepresentativo, visto que Wallace concebeu a si mesmo como único indivíduo branco, educado, avesso aos hábitos locais, mas em plena atividade de campo, tal atitude traz à tona a associação entre a zoologia e o antigo costume inglês de matar animais para diversão. Neste ponto, é importante frisar não apenas que na Inglaterra, especialmente, a cultura esportiva para caça era muito prezada entre a classe aristocrática, como também que esta tradição andava de mãos dadas com a “arte” da taxidermia, isto é, a técnica de preparar, empalhar e montar a pele de animais mortos – sobretudo, vertebrados –, tanto para exibi-los como troféus de caça como para torná-los fonte de estudos. Deste modo, deve-se atentar para o papel que a cultura de caça compartilhada por diferentes países europeus exerceu nos estudos zoológicos, tendo em vista que a classificação zoológica dos seres era feita com animais mortos. Esse aspecto esclarece algumas ações de naturalistas em campo, visto que muitos eram

desportistas ardentes em seus países⁵⁵⁶, e permite, também, avaliar o quanto características culturais condicionaram a relação do homem ao ambiente e aos seres vivos. Nesse sentido, considero importante avaliar como naturalistas europeus, enviados para “periferias” tropicais, traçaram uma “relação muito particular” com o mundo das matérias locais: aves, insetos, mamíferos, plantas eram retirados de seu ecossistema por “homens de ciência” e transformados em objetos, artefatos, representações, signos facilmente transportáveis para um “centro” europeu, onde informações seriam calculadas. Assim, deve-se entender esse movimento cotidiano de excursionar por trilhas mata adentro em busca de espécimes raros, além do registro de suas atividades em cadernos de campo, cartas e posteriores trabalhos publicados em seu país, como fundamentais para permitir que instituições do saber – em sua grande maioria, de cunho europeu – reduzissem distâncias e estabelecessem relações de dominação com o Outro. O que significa afirmar, a partir das considerações de Bruno Latour, que, embora seja possível ver o naturalista como um indivíduo que pensa e age não muito diferente dos colonos e nativos que percorriam o interior de sua ilha marajoara em busca de répteis ricos em gordura, ainda assim, ele vivia “em outro ecossistema.”⁵⁵⁷

Por outro lado, observa-se que o mundo dos laboratórios, dos gabinetes, das bibliotecas, dos homens das letras e das ciências não sobreviveria sem estabelecer múltiplas ligações com o mundo exterior. Em outras palavras, muitas das habilidades e dos conhecimentos ocidentais adquiridos sobre os seres foram desenvolvidos em franca atividade ao ar livre: explorando a natureza de países estranhos, matando, preparando, dissecando seres de anatomia e hábitos desconhecidos. Tal fato pode ser exemplificado a partir da seguinte passagem retirada da narrativa de viagem de Wallace:

I amused myself very well with my gun, creeping among the long grass, to get a shot at the shy aquatic birds, and sometimes wandering about the campo, where a woodpecker or a macaw rewarded my perseverance. I was much pleased when I first brought down a splendid blue and yellow macaw, but it gave me some hours of hard work to skin and prepare it, for the head is so fleshy and muscular, that it is no trifling matter to clean it thoroughly. The great tuyuyu (*Myderia Americana*) was often seen stalking about ; but, with every precaution, I could not get within gunshot of it. The large and small white herons were abundant, as well as black and grey ibises, boatbills, blue storks, and ducks of several species ; there were also

⁵⁵⁶ FAN, Fa-ti. **British Naturalists in Qing China: Science, Cultural, Encounter**... 2004, p.125.

⁵⁵⁷ LATOUR, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BATATIN, Marc et. al. **O Poder das Bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**.

many black and yellow orioles, and a glossy starling, of all of which I procured specimens.⁵⁵⁸

O conjunto dessas práticas, a meu ver, não apenas atuaram de forma decisiva no treinamento e especialização técnica de alguns europeus como também definiram carreiras, desestabilizaram antigas concepções teóricas e ajudaram a compor novas unidades explicativas sobre o mundo. Por isso, a árdua perseguição de animais considerados raros e belos – bem como seu abate e o procedimento de depenar, retirar vísceras e partes carnosas, limpar e preparar uma peça para uma coleção naturalista – explicita uma metamorfose não restrita ao objeto em si: tal ação testava tanto as habilidades técnicas de naturalistas para preparar e conservar espécimes em uma situação de campo como sua capacidade para superar limitações materiais – geográficas e biológicas – e estabelecer conexões com a sociedade visitada e com centros europeus receptores das remessas de espécimes. A partir dessa constatação, reforço a ideia de que Wallace e outros naturalistas que percorreram regiões tropicais podem ser considerados mediadores culturais atuantes em zonas de contato.

Além de a experiência de Wallace na região do Marajó ter lhe concedido preciosos espécimes e aprimoramento na coleta, preparação e classificação de amostras, seus escritos pontuaram reflexões críticas em relação às interações humanas e de outros seres vivos com o ambiente. Com isso, pode-se apontar que o trabalho em campo de Wallace e o cotidiano de apreciação da fauna e da flora em um bioma de ilha o ajudaram a amadurecer suas reflexões sobre a existência de um princípio natural que regia a concentração de espécies em determinados espaços, nestes termos especulou:

In fact, the abundance of every kind of animal life crowded into a small space was here very striking, compared with the sparing manner in which it is scattered in the virgin forests. It seems to force us to the conclusion, that the luxuriance of tropical vegetation is not favourable to the production and support of animal life. The plains are always more thickly peopled than the forest ; and a temperate zone, as has been pointed out by Mr. Darwin, seems better adapted to the support of large land-animals than the tropics. In this lake the overseer informed me he had killed as many as a hundred alligators in a few days, whereas in the Amazon or Para rivers it would be difficult to procure as many in a year. Geologists, judging from the number of large reptiles, the remains of which are found in considerable quantities in certain strata, tell us of a time when the whole world was peopled by such animals, before a sufficient quantity of dry land had been formed to support land quadrupeds. But, as it is evident that the

⁵⁵⁸ WALLACE, 1889, p.70.

remains of these alligators would be found accumulated together should any revolution of the earth cause their death, it would appear that such descriptions are founded upon insufficient data, and that considerable portions of the earth might have been as much elevated as they are at present, notwithstanding the numerous remains of aquatic reptiles, which would seem to indicate a great extent of shallow water for their abode⁵⁵⁹

Ao mesmo tempo, a percepção da abundância de vida em um restrito espaço e dos processos de exploração da natureza praticados pelo homem na região incutiu-lhe preocupações que o afastavam do primado da tradição romântica de descrever a natureza e o inclinavam a julgar negativamente os métodos extensivos⁵⁶⁰, tradicionalmente aplicados por colonizadores da região para a preparação do solo para o cultivo de plantas e áreas para pasto. Esse tema foi exposto pelo naturalista no seguinte trecho:

The alligator fat and a quantity of fish were now ready, so we prepared to return home. I determined this time to walk overland, so as to see the character of the interior of the island. I returned with the two Negroes to the ruined cottage before mentioned, so as to be ready to start the next morning for a walk of some ten or twelve miles across the campo. On our way to the hut we passed over a part which was burning, and saw the curious phenomenon of the fire proceeding in two opposite directions at once. The wind carried the fire rapidly in a westerly direction, while, at the same time, by causing the tall grass to bend over into the flames, they progressed, though at a slower rate, towards the east. The campos are set on fire purposely every summer, as the coarse grass being burnt down, leaves room for a fine crop to spring up afresh with the first rains. Near the hut I shot a large grey heron, which made us a very good supper; and we then hung up our hammocks for the night in the little dirty ruined hut, from which a short time before a jaguar had carried away a large bundle of fish. In the morning the canoe was loaded to return, and I proceeded along a faint track homewards. The scene was generally very desolate and barren. Sometimes there was not a blade of grass for miles. Then would come a wide bed of gigantic rushes, which extends across the island nearly from one side to the other. In other places were large beds of prickly mimosas, and, at intervals, considerable tracts covered with leafless trees about which numbers of woodpeckers were busily at work. Hawks and vultures were also seen, and the great red-billed toucan (*Rhamphastos Toco*) flew by in an undulating course in parties of three or four. It was cloudy, and there was a good deal of wind ; but at this time of the year no rain ever falls here, so I did not hurry

⁵⁵⁹ WALLACE, 1889, p.71-72.

⁵⁶⁰ Do mesmo modo, o alemão Curt Niemandejú, já em 1922, quando iniciou uma série de explorações na região do Marajó, a fim de encontrar material etnográfico e arqueológico de antigas civilizações indígenas para o Museu de Gotemburgo, afirmou ter sido impossível estender sua investigação em virtude “da atitude negativa dos latifundiários locais.” NIEMANDEJÚ, Curt. Excursões pela Amazônia. Disponível em: <<http://biblio.etnolinguistica.org/autor:curt-nimuendaju>>. Acesso em: 06 maio 2014.

myself on that account, and, early in the afternoon, reached the house, rather tired, but much interested with my walk.⁵⁶¹

Tendo finalizado a atividade de extração de banha e beneficiamento de peixes do acampamento, Wallace determinou-se a interromper sua atividade de coleta no lago mencionado e retornar à sede da fazenda de criação de gado. Desta vez, a rota escolhida pelo naturalista seguiu por terra, acompanhando dois negros que seguiam nessa direção. O objetivo “maior” do naturalista em seguir por essa trilha a pé, segundo enfatiza acima, era apreciar o ambiente do interior da ilha, uma vez que os caminhos tomados anteriormente limitaram-se à paisagem situada às margens dos rios e igarapés que banhavam a ilha. No entanto, longe de evidenciar caminhos de mata fechada e obstáculos naturais que causavam desconforto físico ao explorador, o naturalista se confrontou com o “curioso” fenômeno de “queimada”. Segundo apreciou, na região, havia áreas de campo incendiadas propositalmente todo verão para dar espaço ao nascimento de vegetação própria para pastagem nas primeiras chuvas do ano. Assim, embora Wallace ressalte ao longo da narrativa de viagem sua visão sobre os “benefícios” de transformar a região amazônica em um verdadeiro “celeiro” de produção agrícola para o mundo, supondo haver uma vocação “natural” da região para tal atividade, nessa cena, sua apreciação evidencia um sentimento de perda da natureza, conjecturando os efeitos da utilização desse método de exploração do solo como promotores de um cenário com “aspecto desolador”, de “completa tristeza” e “absoluta esterilidade”.

No entanto, deve-se observar que os aspectos denunciados por Wallace estavam alinhados à herança cultural deixada pelo colonialismo português no Brasil. Segundo José Augusto Pádua, o tipo de colonização portuguesa estabelecida no Brasil foi calcado por uma mentalidade de elogio retórico e desprezo prático pela natureza. Essa postura, em princípio contraditória, refletiu-se na utilização de técnicas produtivas pelos colonos baseadas em métodos descuidados, sendo as queimadas de grandes áreas florestadas, concluiu o autor, “praticamente o único método de preparo da terra para o plantio e a criação adotado no país até o final do século XIX.”⁵⁶² Assim, algumas dinâmicas socioeconômicas testemunhadas por Wallace em seus caminhos de coleta naturalista – longe de serem consideradas um fenômeno fortuito e/ou pontual – fazem parte de uma

⁵⁶¹ WALLACE, 1889, p.72.

⁵⁶² PÁDUA, José Augusto. **Um Sopro de Destruição: Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.73-74.

lógica constitutiva de ocupação territorial que abarca quatro variáveis apontadas pelo estudo de Pádua. São elas: “1) a terra farta, 2) as técnicas rudimentares, 3) o braço escravo e 4) a mentalidade de que terra era para gastar e arruinar, não para proteger.”⁵⁶³

Ao mesmo tempo, a crítica de Wallace além de estar endereçada à opção dos colonos do vale amazônico por “métodos fáceis e predatórios” de transformação da natureza semelhantes aos praticados em outras partes do Brasil, indica, ainda, que a região amazônica foi povoada por grupos humanos e espécies da fauna e da flora importadas, as quais alteraram definitivamente a paisagem e as relações ecológicas desse espaço. Esse aspecto pode ser observado no seguinte testemunho sobre a atividade com o gado no Marajó:

The Negroes and Mulattoes employed about the estate were mostly fine young men, and led a life of alternate idleness and excitement, which they seemed to enjoy very much. All their work is done on horseback, where they showed to great advantage, only wearing a pair of trousers and a cap with a tassel, displaying the fine symmetry of their bodies. We were much amused by seeing them bring in the cattle, driving them into the corral, or using the lasso when one was to be slaughtered. For this purpose they generally get two lassos on the head or legs of the animal, the end of each of which is held by a horseman. The "matador" then goes up and hamstringing the poor animal with a cutlass. This quite disables him: in vain he tries to rise on his legs and run at his merciless assailants, till the cutlass is thrust into his neck and deep down into his chest. He is hardly dead when he is skinned and cut up, and the dogs and vultures rush to feast upon the pool of blood and entrails which mark the spot. The sight was a sickening one, and I did not care to witness it more than once.⁵⁶⁴

A dramaticidade da descrição da cena de abate do gado, além de remeter às recentes preocupações de grupos de proteção aos animais, revela ainda que o dinamismo socioeconômico daquele espaço estava muito mais baseado em fontes de origens exógenas do que em recursos locais. Por isso, não deixa de ser surpreendente pensar que a região do Marajó, revelada pelo viajante, possuía uma geografia com forte influência litorânea, assim como é importante observar que a realidade demográfica, econômica e ecológica da baía era distinta de outras áreas do vale amazônico, mais dependentes dos regimes das águas dos rios e das formas de vida ameríndias.

Nesse sentido, pode-se afirmar que os pontos de coleta alcançados pelo naturalista no primeiro ano de visita ao Brasil eram áreas já devassadas por um pequeno

⁵⁶³ Ibidem, p.73.

⁵⁶⁴ WALLACE, 1889, p.74-75.

número de proprietários de terras que exploravam o cultivo de gêneros agrícolas ou agropecuários na região.

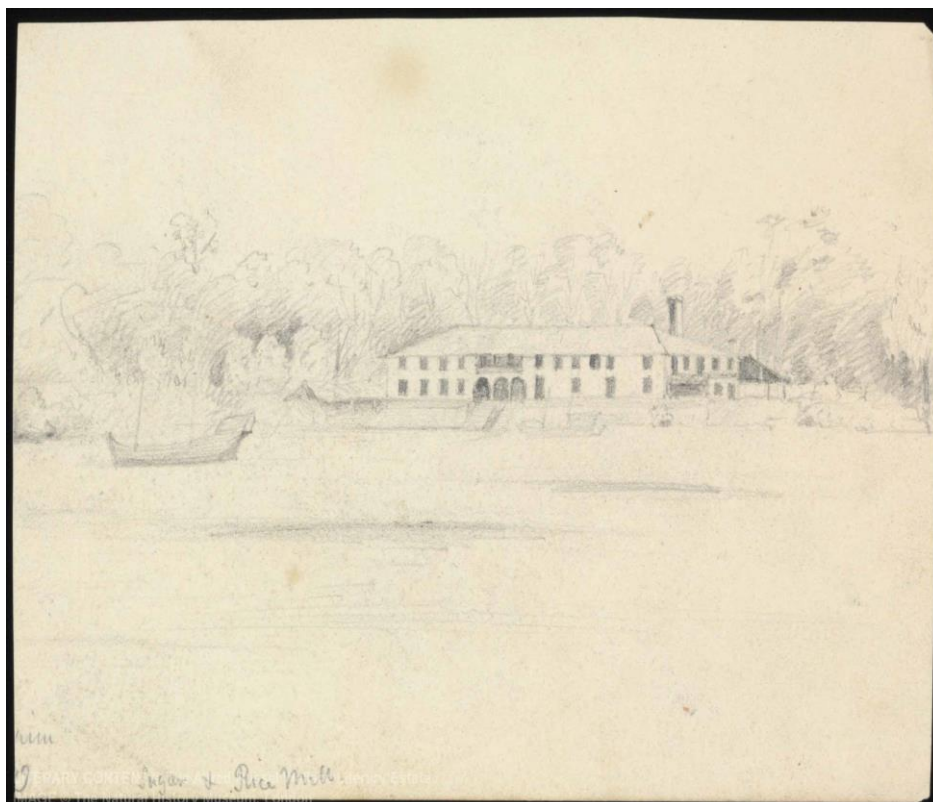


Figura 23: Desenho de Alfred R. Wallace, representativo do engenho São José situada no rio Capim. Fonte: Natural History Museum. Manuscrito nº WCP5101.5606. Disponível em: *Wallace Letters On line*.

Em uma região caracterizada pela vasta extensão geográfica e pela baixa densidade populacional, encontrar caminhos “cultivados” era uma prática exaltada pelo viajante por sua “aprazível” vista e também porque a infraestrutura – material e humana – desses pontos servia aos propósitos de coleta e garantia algum conforto físico ao viajante. Assim, os registros escritos de Wallace pontuaram que suas coleções no primeiro ano no Brasil foram feitas a partir de algumas propriedades assentadas nas circunvizinhanças de Belém, Marajó e pelos rios Guamá e Capim: as quais lhe emprestaram não apenas hospedagem, mantimentos, embarcações, mas, sobretudo, ajudantes. Foi, portanto, para satisfazer essas ambições que Wallace alcançou um engenho de arroz denominado “São Jozé”, situado na ilha de São Domingos, entre os rios Capim e Guamá. A propriedade era de um brasileiro de nome “Calistro”, sendo a sede do engenho representada pelo esboço mostrado acima, feito a lápis por Wallace. Em contraste com outros estabelecimentos alcançados pelo viajante ao longo de suas explorações na região do Marajó e circunvizinhanças de Belém, o desenho comprova que o engenho de “Calistro” não somente possuía sólidas construções como também se

tratava de uma abastada propriedade, comparável aos domínios agrícolas da época, estabelecidos ao longo do litoral do Brasil. Somados a esses indícios, estão suas descrições sobre o número de trabalhadores e sobre as atividades de trabalho na fazenda, as quais sublinham a autossuficiência do lugar, como expressa o trecho a seguir:

At length we reached São Jozé, the estate of Senhor Calistro, to whom I brought letters of introduction. He received me very kindly, and on my telling him the purpose of my visit he invited me to stay with him as long as I liked, and promised to do all he could to assist me. He was a stout, good-humoured looking man, of not much more than thirty. He had recently built a rice-mill and warehouses, one of the best modern buildings I had seen in the country. It was entirely of stone; the mill was approached by arches in the centre, and the warehouses, offices, and dwelling apartments were at the sides. There was a gallery or verandah on the first floor connecting the two ends of the building, and looking down upon the mill, with its great water-wheel in the centre, and out through the windows on to the river, and a handsome stone quay which ran along the whole front of the building. It was all substantially constructed, and had cost him several thousand pounds. He had about fifty slaves of all ages, and about as many Indians, employed in his cane- and rice-fields, and in the mills, and on board his canoes. He made sugar and caxaga, but most of the latter as it paid best. Every kind of work was done on the premises: he had shoemakers, tailors, carpenters, smiths, boat-builders, and masons, either slaves or Indians, some of whom could make good locks for doors and boxes, and tin and copper articles of all kinds. He told me that by having slaves and Indians working together he was enabled to get more work out of the latter than by any other system. Indians will not submit to strict rules when working by themselves, but when with slaves, who have regular hours to commence and leave off work, and stated tasks to perform, they submit to the same regulations and cheerfully do the same work. Every evening at sunset all the workpeople come up to Senhor Calistro to say good-night or ask his blessing.⁵⁶⁵

Conforme esse testemunho, o engenho, além de possuir cerca de cinquenta escravos, com diferentes idades, detinha ainda um contingente de trabalhadores de origem indígena. Essa população – de índios e negros – trabalhava em conjunto no beneficiamento de arroz, nas lavouras de cana-de-açúcar, na fabricação de açúcar e cachaça e a bordo de canoas. Além dessas ocupações, eram ainda carpinteiros, ferreiros, construtores de canoas, pedreiros etc. Embora essas relações “senhoriais” observadas pelo naturalista fossem alvo de pesadas críticas – já que facultava aos cativos um estado moral e mental de eterna infância –, foi graças a tais estruturas que o coletor pôde realizar suas explorações na região nessa primeira fase. Uma das razões estava

⁵⁶⁵ WALLACE, 1889, p.80-81.

relacionada aos códigos vigentes do país de cordialidade que imputava aos proprietários e ricos negociantes receberem estrangeiros armados com cartas de apresentação. Graças a esses meios, segundo o naturalista, “Calistro” não poupou esforços para garantir sua comodidade e satisfazer suas solicitações por espécies, modificando sua rotina pessoal apenas para acompanhar o naturalista em suas excursões:

Senhor C. was as kind and good-tempered a man as I have ever met with. I had but to mention anything I should like, and, if it was in his power, it was immediately got for me. He altered his dinner-hour to suit my excursions in the forest, and made every arrangement he could for my accommodation.⁵⁶⁶

Do mesmo modo, em outra ocasião, o proprietário despachou alguns indígenas para um igarapé a fim de represar e envenenar a água e outro grupo para pescar à noite, com linha, arco e flechas:

Having mentioned that I much wished to get a collection of fish to preserve in spirits, he set several Indians to work stopping up igaripes to poison the water, and others to fish at night with line and bow and arrow; all that they procured being brought to me to select from, and the rest sent to the kitchen.⁵⁶⁷

Essas passagens, além de informar o quanto os setores da elite agrícola do Grão-Pará eram sustentados por dinâmicas que envolviam tanto o trabalho escravo quanto o indígena – o que refuta a ideia tradicional da ausência de interações entre essas categorias na Amazônia –, revelam ainda que o viajante quase sempre buscou explorar a região contando com a solidariedade de um grupo de abastados negociantes, cujo poderio econômico era sustentado por um contingente humano de diferentes origens étnicas. Além disso, esses pontos de exploração alcançados por entre canaviais contradizem a imagem canônica do “herói”, do “aventureiro” vitoriano que partia solitariamente, arriscando-se por ambientes desconhecidos e selvagens:

We sometimes went out to inspect the cane-fields in this canoe, with eight little Negro and Indian boys to paddle, who were always ready for such service. I then took my gun and net, and shot some birds or caught any insects that we met with, while Senhor Calistro would send the boys to climb after any handsome flowers I admired, or to gather the fruit of the passion-flowers, which hung like golden apples in the thicketson the banks.⁵⁶⁸

⁵⁶⁶ WALLACE, 1889, p.84.

⁵⁶⁷ Ibidem, p.86.

⁵⁶⁸ Ibidem, p.86.

Esse aspecto demonstra a importância do ambiente físico do vale do Amazonas, que incidu tanto sobre atividades de coleta de “homens da ciência” como nas relações econômicas e sociais desenvolvidas nesse espaço. Com isso, concluiu que o cenário geográfico complexo e vasto da região amazônica interferiu nas ambições de coleta de naturalistas e, ainda, delineou profundamente atitudes da população em relação à exploração de recursos materiais. Essa afirmação equivale a dizer que a Amazônia brasileira não somente apresenta formações geográficas e ecológicas heterogêneas como também abrigou, naquele tempo, distintas experiências históricas de grupos humanos.

3.7. EXPLORAÇÕES NO TOCANTINS: INFRAESTRUTURA, RECURSOS, NEGOCIAÇÕES

Durante os três meses passados nos arredores de Belém, Wallace e Bates constituíram laços de amizade com a população de origem europeia. Como enfatizado acima, essa rede de relacionamentos pessoais com o pequeno grupo de estrangeiros residentes no Pará – sobretudo, de fala inglesa – foi fundamental para apoiar sua empresa de coleta na região, porque a grande maioria detinha algum conhecimento da geografia, vegetação e fauna da região, além de possuir domínio econômico e influência social suficiente para assegurar aos naturalistas uma infraestrutura necessária para suas explorações. Entre os primeiros apoiadores dos naturalistas, destaca-se o norte-americano radicado na localidade de Maguari, Charles Leavens, o qual havia ciceroneado, em 1846, o autor do livro que inspirou Wallace a propor a Bates uma sociedade de coleta pelo extremo norte brasileiro: William H. Edwards. Leavens, além de administrar uma propriedade de cultivo de arroz, possuía outras facetas: era um engenheiro autodidata na construção de moinhos, um habilidoso empalhador de aves e colecionador amador de ornitologia; sabia identificar no meio florestal as plantas nativas com algum potencial econômico e, por último, era também um madeireiro com larga experiência desde o Canadá. Este último interesse proporcionou aos naturalistas que realizassem sua primeira experiência de prospecção da fauna e da flora brasileiras, abrangendo uma área de maior extensão. Conforme Wallace, a oportunidade para tal exploração surgiu quando o próprio Charles Leavens demonstrou interesse em seguir pelo rio Tocantins, após saber informações sobre a abundância de cedro no curso do rio, o que poderia lhe garantir suprimento de madeira para o comércio madeireiro em Belém, como expressou no seguinte trecho:

Mr. Leavens had been informed that plenty of cedar is to be found on the Tocantins, the first great tributary of the Amazon from the south, and much wished to make a trip to examine it, and, if practicable, bring a raft of the timber down to Para ; in which case we agreed to go with him, for the purpose of investigating the natural history of that almost unknown district. We determined to start, if at all, in a few weeks ; so having been nearly a fortnight at the mills, we returned to Para on foot, sending our luggage and collections by the canoe.⁵⁶⁹

Embora esse evento destaque que o avanço das coletas naturalistas para pontos diversos da geografia brasileira era garantido quase sempre por eventos ocasionais, e não por um plano predefinido, por outro lado, esclarece que o movimento para o interior, para outros trechos de rios, somente podia ser alcançado seguindo roteiros costumeiramente trilhados por agentes que praticavam a exploração de fontes de riquezas florestais. Assim, a viagem comandada por Leavens, em direção ao Tocantins, iniciada em 26 de agosto de 1848 e finalizada após cinco semanas, em 30 de setembro do mesmo ano, exemplifica como a realidade de coleta naturalista foi influenciada por rotas de negócios.

Além disso, para constituir uma expedição, seja para o interior da bacia amazônica, seja para outros trechos de rios do interior do país, era preciso contar com uma série de recursos, documentos e mão de obra, os quais dificilmente poderiam ser conseguidos pelos viajantes sozinhos. Com isso, deve-se sublinhar o papel importante de Leavens no início da carreira de coleta independente de Wallace e Bates, pois suas primeiras coleções nos arredores de Belém contaram com sua ativa participação e, além disso, a primeira empreitada por uma geografia de grande extensão dos coletores britânicos somente se tornou possível por meio da intervenção direta do negociante norte-americano. Neste ponto, Wallace sublinha que os arranjos gerais da expedição ao Tocantins ficaram sob a responsabilidade Leavens: arregimentando homens para compor a tripulação, adquirindo embarcações mais apropriadas para uma expedição de grande abrangência geográfica, pedindo cartas de apresentação a seus pares influentes e, por último, usando suas conexões sociais para superar obstáculos burocráticos junto às autoridades. Sobre este último aspecto, Wallace observou em sua narrativa de viagem que, embora a expedição seguisse por um trecho de rio pelo interior da mesma província, não foi dada a permissão para que seguissem sem passaportes e outros documentos de direitos alfandegários. Para o naturalista, as exigências demandadas para a pequena embarcação que ocupavam eram proporcionais às de um navio com uma

⁵⁶⁹ Ibidem, p.32.

carga de centenas de toneladas em um país estrangeiro. No entanto, a regra estabelecida servia não apenas para adventícios, como também para os próprios brasileiros, os quais não estariam isentos de pagar esses tributos de cunho burocrático:

Though in such a small boat, and going up a river in the same province, we were not allowed to leave Para without passports and clearances from the custom-house, and as much difficulty and delay as if we had been taking a two hundred ton ship into a foreign country. But such is the rule here, even the internal trade of the province, carried on by Brazilian subjects, not being exempt from it. The forms to be filled up, the signing and countersigning at different offices, the applications to be made and formalities to be observed, are so numerous and complicated, that it is quite impossible for a stranger to go through them; and had not Mr. Leavens managed all this part of the business, we should probably have been obliged, from this cause alone, to have given up our projected journey.⁵⁷⁰

Como apresentado no segundo capítulo, deve-se lembrar de que os cursos fluviais dos rios que banhavam a região amazônica – bem como outros trechos do interior do Brasil – sofriam, desde o período colonial, uma rigorosa política de restrição de circulação de pessoas. Tal política, adotada no período colonial, impedia até mesmo os próprios nacionais de circularem livremente pelo interior do Brasil. A proibição se intensificou a partir das descobertas de jazidas de minerais preciosos, ocorridas na região das minas gerais, no sudeste e no centro oeste brasileiro, em Goiás. As autoridades, buscando coibir o contrabando dessas riquezas, determinaram um conjunto de medidas em que certos trechos de rios só poderiam ser atravessados mediante autorização oficial. Além disso, tais medidas buscavam limitar o contato comercial entre a região e as demais possessões portuguesas da América, garantindo à Coroa o monopólio comercial do Cabo Norte contra as pretensões de contrabandistas. Conforme explicita Arthur Reis: “como fruto dessa orientação”, os rios Madeira e Tocantins permaneceram “fechados ao tráfego” até meados do século XVIII. A abertura desses trechos de rios para a navegação de “nacionais” unicamente ocorreria em meados do século XVIII, respectivamente 1752 e 1730. O rio Madeira, particularmente, era a rota preferida de tráfego das flotilhas que negociavam produtos com a Capitania do Mato Grosso, por ser considerado um rio de acesso menos difícil. O Tocantins, por sua vez, embora fosse considerado um rio perigoso devido aos trechos encachoeirados de seu curso – por isso, mais esparsamente visitado durante o período colonial –, foi mais intensamente utilizado como meio de comunicação entre o Pará e as demais províncias

⁵⁷⁰ Ibidem, p. 32-33..

ao sul do país, no século XIX, como enfatizou o naturalista Francis de Castelnau (também conhecido como François Laport) em 1840:

[...] c'est cependant par cette rivière [Tocantins], dont le cours est interrompu à chaque instant par d'effroyables cascades, que se font toutes les communications avec le Para, et, bien que des embarcations le parcourent fréquemment, sa navigation est loin d'être libre de tout danger de la part des Indiens.⁵⁷¹

No entanto, embora outras testemunhas – como, por exemplo, o naturalista inglês William Burchell e o Príncipe Adalberto da Prússia⁵⁷² – tenham assistido ao grande fluxo de pessoas nesse trecho até a segunda metade do século XIX, como já foi esclarecido em capítulo anterior, as autoridades imperiais mantinham ainda medidas restritivas em relação à navegação da bacia amazônica e outros trechos de rios. No caso do rio Tocantins, cujo curso rasga o relevo brasileiro no sentido sul-norte e cuja foz desagua no golfo marajoara conjuntamente com rios Pará e Guamá, o testemunho de Wallace revelou a persistência de algumas determinações oficiais que buscavam coibir o contrabando de mercadorias – e pessoas – por entre os rios até meados do século XIX. Com isso, é possível demonstrar que também empecilhos diplomáticos e alfandegários poderiam afetar planos de viagem de coletores naturalistas, bem como a integridade de suas coleções botânicas ou zoológicas, já que a carga das canoas que singravam os rios podia ser fiscalizada ou mesmo apreendida caso alguma autoridade desconfiasse tratar-se de contrabando.

Por outro lado, além de passaportes para atravessar os rios, era preciso ainda contar com outro tipo de documento com o qual seria possível garantir a cordial recepção e a disposição de recursos e de homens junto a donos de propriedades ao longo do percurso: uma Carta de Apresentação. O documento, além de favorecer ao viajante relativo conforto – hospedagem, comida e proteção – em propriedades rurais alcançadas ao longo do percurso, funcionava como um passaporte para reunir informações sobre a geografia, as plantas e os animais do lugar visitado, bem como adquirir braços para tripular a canoa de exploração. No entanto, embora esse recurso fosse usado amplamente ao longo do século XIX, foram poucos os registros integrais de seu conteúdo efetuados por viajantes que lançaram mão dele. Por essa razão, segue abaixo o

⁵⁷¹ CASTELNAU, Francis. **Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud**. Paris: Bertrand, 1850, p.335. “.por este rio, cujo curso pavorosas cachoeiras interrompem a cada momento, que se fazem todas as comunicações com o Pará” (CASTELNAU, 1949, p.235)

⁵⁷² Conforme BATES, 1863, p.118.

conteúdo de uma carta apresentada pelo madeireiro americano ao dono de um “sitio” – denominado por Wallace “Seixus”, mas grafado no texto de Bates por “Seixas” – estabelecido “15 milhas abaixo de Baião”, às margens de um igarapé:

“It was but a few hundred yards to the house, where we found Senhor Seixus, and delivered the letter from his partner in Para”; and as it is a very good specimen of Portuguese composition and politeness, I will here give a literal translation of it.”

“Senhor José Antônio Correio Seixus & Co., Baião.

“Friends and Gentlemen, -

“Knowing that it is always agreeable for you to have an opportunity of showing your hospitable and generous feelings towards strangers in general, and more particularly to those who visit our country for the purpose of making discoveries and extending the sphere of their knowledge ; **I do not hesitate to take advantage of the opportunity which the journey of Mr. Charles Leavens and his two worthy companions presents, to recommend them to your friendship and protection in the scientific enterprise which they have undertaken, in order to obtain those natural productions which render our province a classic land in the history of animals and plants.** ” In this laborious enterprise, which the illustrious (elites) travellers have undertaken, I much wish that they may find in you all that the limited resources of the place allows, not only that whatever difficulties they encounter may be removed, but that you may render less irksome the labours and privations they must necessarily endure ; and for men like them, devoted to science, and whose very aliment is Natural History, in a country like ours abounding in the most exquisite productions, it is easy to find means to gratify them.”

“I therefore hope, and above all pray you to fulfil my wishes in the attentions you pay to Senhor Leavens and his companions, and thus give me another proof of your esteem and friendship.

“ Your friend and obedient servant,

“João Augusto Correio.”⁵⁷³ [Grifos meus]

Na carta acima é possível evidenciar não apenas a “polidez” e cordialidade portuguesa, mas, sobretudo, o alcance das redes de relações pessoais e de reciprocidade da sociedade do Grão-Pará. Escrita por um comerciante de origem portuguesa radicado em Belém – grafada pelo coletor João Augusto Correio –, a carta apresentava Charles Leavens e seus dois companheiros de viagem, estrangeiros a Seixas, não como exploradores de recursos para fins comerciais, mas identificava-os como autoridades em história natural. Nessas condições, pedia ao colono português “amizade e proteção” aos ilustres visitantes para que os mesmos pudessem ensejar sua empresa científica, disponibilizando recursos do lugar que removessem dificuldades e tornassem seu empreendimento menos árduo.

⁵⁷³ WALLACE, 1889, p.40-41.

Contudo, além de papéis – isto é, passaportes, autorizações alfandegárias e cartas –, a organização da expedição necessitava de outros recursos materiais. A primeira medida tomada para iniciar uma viagem desse porte era conseguir uma embarcação adequada em uma região onde a indústria de fabricação de barcos local detinha baixa produção quantitativa e técnica, sendo tal meio de locomoção confeccionado até esse período quase inteiramente de forma rudimentar, a partir de recursos da terra. Nestes termos, Bates confessa sua estranheza ao visualizar a embarcação local alugada por Charles Leavens para atravessar o Tocantins desde Belém, que, segundo o naturalista, em vez de possuir um camarote estruturado com materiais de parâmetros europeus – ferro, madeira –, o barco possuía um toldo feito com arcos de bambu e coberto com folhas de palmeiras, onde os viajantes podiam se abrigar. Medindo cerca “27 pés” de comprimento e “8 de largura”, a canoa era provida ainda por dois mastros com velas, um na proa e outro na popa. Segundo Wallace, na parte dianteira da embarcação havia outra cobertura de palha igual à primeira, sob a qual eram guardadas as provisões e bagagens. Tinha ainda um convés de aspecto *rough*⁵⁷⁴ (rude, grosseiro, impreciso) sobre o qual estavam dispostas algumas tábuas de cedro onde ficavam os remadores e onde os viajantes às vezes consumiam suas refeições, quando o sol não estava muito quente. Apesar de a pequena estrutura da canoa demonstrar que em seu interior quase não havia espaço físico para a locomoção dos passageiros – sobretudo para um inglês com envergadura física de quase 1,90m de altura, como afirmou ter Wallace –, as descrições dos viajantes deixam entrever que, mesmo em tais condições, os lugares e os papéis de cada ocupante no interior da embarcação correspondiam quase à mesma disposição com que cada um dos membros da expedição ocupava na dinâmica da sociedade local. Aos trabalhadores, cabia carregar e descarregar a canoa, manobrar as velas da embarcação quando o vento soprava favoravelmente e/ou remar vigorosamente por longos trajetos, muitas vezes contra a maré ou a correnteza. Era uma realidade dura e extenuante para um pequeno grupo de trabalhadores. Não somente por conta do grande esforço físico de homens que moviam uma canoa carregada de provisões em uma posição desconfortável, quase sem se alimentar e sem contar com qualquer proteção contra o sol ou chuva, mas também porque eram forçados a deixar para trás seus próprios interesses – comunidade, laços de parentesco, roças, ritos etc. Essa atmosfera não era restrita ao período de viagem de

⁵⁷⁴ WALLACE, 1889, p.35.

Wallace e Bates, mas parte de um processo contínuo de colonização da região amazônica, como comprovam os relatos do naturalista português Alexandre Rodrigues Ferreira, no seguinte trecho de fins do século XVIII:

Que, antes de um índio chegar à idade de poder servir de remeiro, é preciso, que passem 14 anos de vida, enquanto se cria e fortifica; que, para morrer a maior parte de umas poucas de esquipações [equipações] inteiras, basta muitas vezes uma viagem destas; que os que ficam nas povoações, se estão bons para trabalharem, trabalham mais do que comem, porque ordinariamente jejuam a pão e água, não do nosso pão de farinha de trigo, mas de farinha de mandioca em água, a que aqui chamam ticoara, ou beiju, desfeito nela, a que chama no rio Negro caribé.⁵⁷⁵

Por isso, deve-se considerar também que a escassez e as tensões em torno do processo de arregimentar homens para equipar canoas dos “sertões” são temas que imputam para a Amazônia oitocentista um legado de longa duração ou um longo século XVIII. Nesse sentido, deve-se compreender que viagens exploratórias, além de favorecerem carreiras, riquezas e aventuras para um grupo de homens de origem europeia, constituíam, ainda, um tipo de empreendimento que perturbava tanto a integridade física de seus ajudantes quanto os laços sociais e culturais constituídos nas comunidades locais.

Por outro lado, a descrição da carga e tripulação da canoa efetuada por Wallace demonstra que, nessa etapa, sua visão da realidade era atravessada por uma clivagem cultural. Nesse sentido, observou que além de armas, munições e caixas para guardar coleções o empreendimento levou:

Besides our guns, ammunition, and boxes to preserve our collections in, we had a three months' stock of provisions, consisting **of farinha, fish, and caxaca for the men; with the addition of tea, coffee, biscuits, sugar, rice, salt beef, and cheese, for ourselves.** This, with clothes, crockery, and about a bushel sack of copper money the only coin current in the interior pretty well loaded our little craft. Our crew consisted of old Isidora, as cook ; Alexander, an Indian from the mills, who was named Captain ; Domingo, who had been up the river, and was therefore to be our pilot ; and Antonio, the boy before mentioned. Another Indian deserted when we were about to leave, so we started without him, trusting to get two or three more as we went along.⁵⁷⁶
[grifos meus]

⁵⁷⁵ FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem Filosófica ao Rio Negro** (1756-1815). 2ª ed. Francisco Jorge dos Santos (org.) Manaus: Edua/INPA, 2007, p.47.

⁵⁷⁶ WALLACE, 1889, p.35-36.

Farinha de mandioca, peixe e cachaça para os homens – leia-se de cor, negros, tapuias e índios – que compõem a força de trabalho da expedição. Café, biscoitos, açúcar, arroz, sal, carne salgada e queijo para três homens brancos! Apesar de essa passagem confirmar que havia uma divisão hierárquica entre os participantes da expedição, nem Wallace, nem Bates silenciaram sobre a importância dos papéis encenados pelas pessoas convocadas para tripular a canoa. Como evidenciado acima, o coletor britânico, além de enumerar a função de cada membro, identifica-os por seus nomes próprios, apelidos e características pessoais: o velho “Isidora”, cozinheiro; Alexander, índio dos engenhos, apelidado de “Capitão”; Domingo, piloto; e Antônio, um menino índio habilidoso em descobrir insetos em lugares difíceis. Foi, porém, Bates quem indicou ter havido nesse evento espaço para interações mais profundas entre distintas categorias sociais. Em uma emblemática passagem de sua narrativa de viagem, sublinhou as qualidades de um dos membros da expedição de origem ameríndia, designado por ele como “Alexandro” – e não “Alexander”⁵⁷⁷, como escreveu Wallace –, além de ter observado o desenvolvimento de sua amizade pessoal pelo jovem tapuio:

Our principal man was Alexandro, one of Mr. Leavens’s Indians. **He was an intelligent and well-disposed young Tapuyo, an expert sailor, and an indefatigable hunter. To his fidelity we were indebted for being enabled to carry out any of the objects of our voyage.** Being a native of a district near the capital, Alexandre was a civilized Tapuyo, a citizen as free as his white neighbours. He spoke only Portuguese. He was a spare-built man, rather under the middle height, with fine regular features, and, what was unusual in Indians, the upper lip decorated with a moustache. Three years afterwards I saw him at Para in the uniform of the National Guard, and he called on me often to talk about old times. I esteemed him as a quiet, sensible, manly young fellow.⁵⁷⁸

Com isso, pode-se vislumbrar que a dependência dos coletores não se encerrava apenas ao grupo de pessoas de origem europeia estabelecidas na região e que satisfizeram suas necessidades imediatas de moradia, comida e proteção. Como demonstram esses trechos da narrativa, viajantes (estrangeiros, portugueses ou nacionais) precisavam em suas explorações da ajuda de outras categorias sociais – negros, mestiços, índios, tapuios – para a realização de atividades específicas: remar, carregar e descarregar objetos, construir acampamentos, caçar animais, escalar árvores, guiar os exploradores e se comunicar com ameríndios de outras comunidades. Essas

⁵⁷⁷ Conforme expressou Wallace na seguinte passagem: “[...]Alexander, an Indian from the mills, who was named Captain[...].”

⁵⁷⁸ BATES, 1863, p.113.

interações alertam para o fato de que encontrar ajudantes nativos “bem dispostos” podia alterar significativamente os resultados finais de um trabalho de campo, de uma expedição.

Desse modo, não obstante obstáculos naturais, a principal dificuldade para atravessar o interior do vale amazônico era mesmo conseguir ajudantes nas explorações. Sobre esse aspecto, a experiência de Bates e Wallace pelo rio Tocantins foi basilar, pois em quase todo o trajeto os viajantes se depararam com conflitos, fugas, resistências e a negativa de pessoas de diversas origens quando solicitadas a acompanhá-los em sua expedição. Essa configuração anunciara-se desde o início da jornada para o rio Tocantins. O primeiro ajudante a desertar, segundo informam os escritos dos viajantes, foi um dos índios convocados por Leavens, o qual não apareceu no porto de embarque. Dois dias após a partida, quando aportaram em Cametá, principal cidade paraense à margem esquerda do Tocantins, os viajantes relataram o desaparecimento de Domingo, o piloto da embarcação. Em vista disso, relata Bates, a expedição foi forçada a seguir uma jornada difícil de subida do rio, contando apenas com dois ajudantes, os quais, ao longo do trajeto, demonstravam humor muito insatisfeito com a incumbência.⁵⁷⁹ Uma semana após o sumiço do “piloto”, foi à vez de Antônio, o menino índio, ser dispensado pelos próprios naturalistas quando alcançaram a propriedade de Sr. Gomes, por ter se tornado, segundo Wallace, demasiado “preguiçoso e desobediente”. Do grupo de ajudantes trazidos desde Belém, unicamente restaram até o fim da jornada dois deles: o valoroso Alexandro, exaltado por Bates em diversas passagens, e Isidoro, o velho cozinheiro e “factótum”.

A partir do lugarejo de Vista Alegre, alcançado na segunda semana de setembro, até Arroios, etapa final da viagem no limite com o Planalto Central, Charles Leavens e seus companheiros passaram grande parte do tempo da expedição buscando contratar e convencer homens de diversas etnias a trabalhar em sua missão. Malogradas algumas tentativas, os estrangeiros apelaram para a generosidade de proprietários rurais ao longo do caminho, que, por sua vez, emprestavam seus escravos e/ou convocavam compulsoriamente gente de origem indígena para seguir na missão até determinado trecho. Assim, foi na contingência de encerrar a missão por falta de braços logo no início que os naturalistas puderam contar com a intermediação de Antônio Gomes, dono

⁵⁷⁹ Ibidem, p.117.

de plantações de cacau, café e mandioca em Vista Alegre – acionado pela carta de apresentação acima – e que emprestou dois de seus escravos até Baião:

We lost here another of our crew; and thus, at the commencement of our voyage, had before us the prospect of being forced to return, from sheer want of hands to manage the canoe. Senhor Gomez, to whom we had brought letters of introduction from Senhor Joao Augusto Correia, a Brazilian gentleman of high standing at Para, tried what he could do to induce the canoe-men of his neighbourhood to engage with us, but it was a vain endeavour [...] At length, our host lent us two of his slaves to help us on another stage, namely, to the village of Baiao, where we had great hopes of having this, our urgent want, supplied by the military commandant of the district.⁵⁸⁰

Em Baião, povoado com cerca de 400 habitantes, segundo Bates, a missão dependeu da ajuda de outro proprietário rural, Seixas, para continuar a jornada. Seixas possivelmente se tratava do comandante das milícias de trabalhadores desse distrito, por essa razão, ao invés de buscar negociar com os locais, obrigou dois homens a acompanhar os viajantes, como indica a passagem a seguir:

We started from Baiao at an early hour. One of our new men was a good-humoured, willing young mulatto, named Jose ; the other was a sulky Indian called Manoel, who seemed to have been pressed into our service against his will. Senhor Seixas, on parting, sent a quantity of fresh provisions on board.⁵⁸¹

Sobre esse aspecto, Wallace ressalta que na ocasião de sua viagem o governo imperial havia baixado um decreto em que encerrava o alistamento “voluntário de trabalhadores.” Por “alistamento voluntário”, ironizou o naturalista, compreendia-se a prática se sequestrar violentamente e coagir indígenas – que desciam os rios para comerciar seus produtos – para servir como soldados em milícias. No entanto, não obstante essa proibição, os viajantes denunciaram a permanência de tais práticas ao longo de seu percurso. Logo, foi em companhia do “bem-humorado mulato José” e do “emburrado indígena Manoel” que a expedição deixou a propriedade do senhor Seixas no dia 7 de setembro de 1848, carregada de provisões. Após percorrer canais por entre ilhas, praias fluviais de areia branca onde havia ninhos de ovos de tartaruga, pequenas propriedades rurais, acampamentos de verão de coleta de produtos florestais, o grupo aportou no dia 10 de setembro no pequeno povoado de Patos, onde, novamente, os estrangeiros esperavam conseguir provisões para a viagem e, sobretudo, mais ajudantes.

⁵⁸⁰ Ibidem, 1863, p.121-122.

⁵⁸¹ Ibidem, 1863, p.129.

A expedição desde Belém havia sido planejada com a ambição de atravessar o rio Tocantins até a cabeceira do rio Araguaia, no planalto central. No entanto, as tentativas de induzir pessoas para esse propósito em Patos foram inúteis de tal modo que expressou Bates: “not a soul could be induced by any amount of wages to go on such an expedition.”⁵⁸² Para Bates, a possível explicação para tamanha resistência não tinha fundamento apenas na desconfiança nativa em relação a estrangeiros, ela também deixa entrever que a população estava sob o domínio dos interesses de comandantes dos distritos, sendo, assim, coagida a desistir de acompanhar viajantes. De modo que Bates enfatizou:

Mr. Leavens was thoroughly disgusted with the people of Patos. Two men had come from below with the intention, I believe, of engaging with us, but they now declined. The inspector, constable, or governor of the place appeared to be a very slippery customer, and I fancy discouraged the men from going, whilst making a great show of forwarding our views. These outlying settlements are the resort of a number of idle worthless characters.⁵⁸³

Por essa razão, alertou Wallace, uma expedição para conseguir seus propósitos deveria antes ser organizada contando com todos os homens de que se necessitava desde Belém. E se, no caso, os mesmos houvessem de fugir, como costumeiramente o faziam, seria difícil conseguir outros ao longo do caminho.

Por outro lado, havia também o fato de que as informações sobre o cedro colhidas entre os moradores da região – principal pretexto da viagem – eram muito vagas, não se confirmando a existência da abundância dessa árvore no trajeto. Em tais circunstâncias, Leavens pôs fim à ambição de seguir até o Araguaia e buscou compensar sua malfadada missão pela madeira negociando partidas de *india-rubber* e outros produtos em assentamentos alcançados durante o percurso. Muitos desses assentamentos demonstraram não somente que nas margens do rio Tocantins se cultivavam diferentes gêneros agrícolas, tais como café, cacau, mandioca, tabaco etc., mas também que nessa região grande parte do contingente caracterizado pelos naturalistas como mamelucos viviam da exploração de fontes silvestres para comercializar rio abaixo – salsaparrilha, óleo de copaíba, castanhas, borracha etc. Conforme Bates:

It is the annual custom of this class of people throughout the province to spend a few months of the fine season in the wilder parts of the country. They carry with them all the farinha they can scrape together,

⁵⁸² Ibidem, p.130.

⁵⁸³ Ibidem, p.133.

this being the only article of food necessary to provide. The men hunt and fish for the day's wants, and **sometimes collect a little India-rubber, sarsaparilla, or copaiba oil, to sell to traders on their return**[...] ⁵⁸⁴ [grifos meus]

Na mesma ocasião, em “Troquera”, lugar na margem oposta da comunidade de Patos, onde Leavens esperava confirmar a existência de cedro, o encontro do viajante com o acampamento de algumas famílias enfatiza mais uma vez essa realidade:

At ten in the morning we reached Troquera, on the west bank of the river, where there is a small igaripe, on which there are some falls. There were several families living here, yet they had not a house among them, but had chosen a nice clear space under some trees, between the trunks and from the branches of which they hung their redes. Numbers of children were rolling about naked in the sand, while the women and some of the men were lounging in their hammocks. Their canoes were pulled up on the beach, their guns were leaning against the trees, a couple of large earthen pots were on the fire, and they seemed to possess, in their own estimation, every luxury that man can desire. As in the winter the place is all under water, it is only a summer encampment; during which season they collect seringa, grow a little cotton, mandiocca, and maize, catch fish and hunt. All they wanted of us was ammunition and caxaca (rum), which Mr. Leavens supplied them with, taking rubber in exchange. ⁵⁸⁵

Esses elementos, além de confirmarem o crescente interesse econômico pela exploração da borracha, ao mesmo tempo, indicam que ao processo de coleta naturalista se sobrepõem movimentos cotidianos de negociação com diversos agentes e estruturas localmente constituídas. Várias passagens das narrativas demonstram, por exemplo, que a moeda de troca corrente usada pela maior parte da população não era de metal, mas que as negociações realizadas entre os viajantes e os locais eram feitas através da troca de cachaça e munição por produtos da terra. Nesse viés, pode-se dizer que o grande mérito da viagem não apenas consistia em ultrapassar obstáculos de uma geografia desconhecida, mas também em atravessar a cultura de determinada região, aprendendo com as pessoas locais sobre seus mecanismos de sobrevivência.

Por outro lado, a experiência no Tocantins revela que naturalistas viajantes não costumavam ficar em uma mesma área de coleta por muito tempo. Eles passavam por uma série de lugares que podiam ou não acolher estrangeiros. Confrontados com barreiras linguísticas e vulnerabilidade física que, por vezes, impeliam o viajante tanto a apropriar-se da comida, dos costumes e meios de locomoção locais como, sobretudo, a confiar nos nativos para ajudá-los a realizar seus projetos: guias, remeiros, pilotos,

⁵⁸⁴ Ibidem, p.132.

⁵⁸⁵ WALLACE, 1889,p.46-47.

carregadores etc. Uma relação sempre remediada pela desconfiança recíproca, percebida nas inúmeras cenas que retratam a tensão do viajante pela perspectiva de ser abandonado no caminho por seus guias indígenas.

Assim, os escritos dos viajantes demonstram que uma expedição naturalista idealmente organizada precisava ser acompanhada por um corpo de nativos que faziam as vezes de guias, remadores, coletores, cozinheiros e carregadores dos suprimentos. No entanto, como venho reiterando, a experiência naturalista na Amazônia de Wallace tratava-se de uma iniciativa independente, o que significava percorrer a região sem o apoio das autoridades do Império brasileiro, mas a partir das redes de contato estabelecidas a partir de suas relações pessoais. Esse condicionante limitava o apoio de um contingente humano essencial nas iniciativas de coleta europeias. Com isso, a expedição de Wallace ao longo da região amazônica foi marcada pelas dificuldades de arregimentar pessoas para trabalhar em seu “negócio” de coleta, tendo em vista que a região era permeada por uma tensão social constante em relação à escassez de mão de obra. Daí, pode-se enfatizar o importante papel de alguns proprietários de terras para naturalistas em campo, os quais com cordial hospitalidade tanto supriram suas necessidades imediatas de habitação, hábitos e comida europeia (manteiga, chá, café, vinho, biscoitos etc.), quanto emprestaram-lhes braços para expedições em campo.

CAPÍTULO IV

4. OS TESOUROS DE WALLACE: COTIDIANO DE COLETA, INTERAÇÕES AMBIENTAIS E HUMANAS

A transformação de coletores iniciantes para profissionais era derivada do movimento diário de percorrer regiões em busca de espécimes. No caso do trabalho de campo em regiões consideradas exóticas ou tropicais, este movimento requeria muito além de sair todos os dias para o campo equipados com redes, espingardas e outros apetrechos técnicos. Na realidade, o ritmo de pesquisa ao ar livre feita por naturalistas se intensificava na medida em que as interações com as estruturas ambientais e sociais tornavam mais seguras as trilhas para encontrar espécies e, por vezes, facilitavam a obtenção de coleções e de lucros.

O trabalho conjunto dos coletores Wallace e Bates na região amazônica se restringe a um período de tempo relativamente curto: entre junho a setembro de 1848, isto é, apenas alguns meses após a chegada de ambos no Pará. Inicialmente, suas pesquisas se concentraram em Nazaré e em outras localidades das circunvizinhanças de Belém, cuja rigorosa rotina pela qual os britânicos submeteram durante esse período foi descrita em seus relatos de viagem. Segundo Bates:

Our researches were made in various directions along these paths, and every day produced us a number of new and interesting species. Collecting, preparing our specimens, and making notes, kept us well occupied. One day was so much like another, that a general description of the diurnal round of incidents, including the sequence of natural phenomena, will be sufficient to give an idea of how days pass to naturalists under the equator. **We used to rise soon after dawn, when Isidore would go down to the city, after supplying us with a cup of coffee, to purchase the fresh provisions for the day.** The two hours before breakfast were devoted to ornithology. At that early period of the day the sky was invariably cloudless (the thermometer marking 72° or 73° Fahr.) ; the heavy dew or the previous night's rain, which lay on the moist foliage, becoming quickly dissipated by the glowing sun, which rising straight out of the east, mounted rapidly towards the zenith. All nature was fresh, new leaf and flower-buds expanding rapidly. Some mornings a single tree would appear in flower amidst what was the preceding evening a uniform green mass of forest—a dome of blossom suddenly created as if by magic. The birds were all active ; from the wild fruit trees, not far off, we often heard the shrill yelping of the Toucans (*Rhamphastos vitellinus*). Small flocks of parrots flew over on most mornings, at a great height, appearing in distinct relief against the blue sky, always two by two chattering to each other, the pairs being separated by regular intervals ; their bright colours, however, were not apparent at that height. After breakfast we devoted the hours from 10 a.m. to 2 or 3 p.m. to entomology; the best time for insects in the forest being a

little before the greatest heat of the day. We did not find them at all numerous, although of great variety as to species.⁵⁸⁶

A partir de uma base de coleta (rocinhas, fazendas etc.), os naturalistas seguiram um ritmo de trabalho regular de junho (mês seguinte a chegada dos viajantes em Belém) a agosto de 1848: percorriam as trilhas da floresta ao redor da residência em Nazaré, ou pelas propriedades de seus amigos proprietários na capital. Esse movimento era orientado por uma rígida rotina de trabalho: a coleta, a preparação de amostras e as anotações em seus cadernos de campo. Desta forma, os naturalistas dividiam o tempo de modo a aproveitar todas as horas do dia. Levantavam-se assim que o dia clareava e as duas primeiras horas que antecediam a primeira refeição eram reservadas para a ornitologia, pois acreditavam ser esse o melhor período do dia para observar aves em “plena atividade” na floresta.

Após o café – preparado por um criado negro, Isidoro –, entre dez horas da manhã até duas ou três horas da tarde, ocupavam-se com a entomologia, pois consideravam a melhor hora para capturar insetos no meio florestal. Quando o calor se intensificava, por volta das duas da tarde (92° ou 93°F, que corresponde a 33°C), era o período em que a fauna da floresta se “calava” e voltava para casa. Bates afirma que esse era o momento em que o “torpor e o desconforto” do calor e da umidade atingiam sua medida máxima de tal maneira que não apenas os animais da região sentiam mal estar, mas também os seus vizinhos (mulatos e índios) da rocinha em Nazaré, os quais frequentemente estavam adormecidos em redes ou sentados lânguidos em frente às suas respectivas choupanas, sem vontade de conversar.

À noite, os pesquisadores dedicavam-se à organização das coleções e das anotações em seus diários. Jantavam às quatro da tarde e tomavam o chá às sete da noite. Algumas vezes, seguiam a pé até a cidade onde buscavam “apreciar a vida brasileira” ou “desfrutar da companhia” de outros europeus.

O saldo de espécimes de insetos coletados pela dupla de naturalistas durante essa temporada independente foi descrito por Wallace:

We were now busy packing up our first collection of insects to send to England. In just two months we had taken the large number of 553 species of Lepidoptera of which more than 400 were butterflies, 450 beetles, and 400 of other orders, making in all 1,300 species of insects.⁵⁸⁷

⁵⁸⁶ BATES, 1863, pp. 61-62
⁵⁸⁷ WALLACE, 1889, p. 34

Mil e trezentas espécies de insetos! O montante da primeira coleção foi preparado, empacotado e enviado à Inglaterra com endereço de um remetente específico: Samuel Stevens, o agente de vendas dos dois coletores. No entanto, esse número parece contradizer algumas observações dos naturalistas, as quais enfatizaram a escassez de espécies na região com algum valor comercial:

“We found very few insects, but almost all that we met with were new to us. Our greatest treasure was the beautiful clear-winged butterfly, with a bright violet patch on its lower wings, the *Haetera esmeralda*, which we now saw and caught for the first time. Many other rare insects were also obtained, and the gigantic blue *Morphos* frequently passed us, but their undulating flight baffled all our efforts at capturing them.”⁵⁸⁸

Como é possível observar acima, Wallace enfatizou que, embora escassos, algumas ordens de insetos encontradas em suas primeiras excursões em Belém se destacavam por ser novidade. As lepidópteras – ordem diversificada de insetos que abrange borboletas, mariposas e alguns tipos de traças – eram o grupo de insetos com maior variedade na Amazônia quando comparado com a abundância de outro grupo de insetos bastante pretendido por colecionadores: a ordem das coleópteras, vulgarmente denominados besouros.

Algumas espécies de borboletas encontradas pelos naturalistas no baixo Amazonas foram logo destacadas por sua beleza, ocasionada pela coloração brilhante e dimensão das asas que, em alguns casos, eram sutilmente decoradas. A representante do espécime *Haetera esmeralda* (atualmente conhecida por *Cithaerias esmeralda*) acima descrita por sua transparente asa com uma mancha brilhante de cor violeta, o tesouro da primeira coleção de Wallace, possivelmente não foi apreciada pela primeira vez por ele em terras paraenses, embora seu *habitat* seja restrito à região do baixo Amazonas e a alguns países limítrofes ao extremo norte do Brasil (Suriname, Guiana Francesa, Peru e Bolívia). A figura abaixo apresenta o fato da borboleta de asa transparente já ter sido descrita, nomeada e catalogada por ingleses em 1845, recebendo a denominação classificatória de *Haetera esmeralda Doubleday*:

⁵⁸⁸ Ibidem, p. 18.



Figura 24 Espécime *Cithaerias andromeda esmeralda*, 1845: Brasil (PA). Fonte: http://www.butterfliesofamerica.com/L/ih/n_cithaerias0015_i.htm.

A amostra do espécime nomeado pela primeira vez *Haetera esmeralda Doubleday* foi comprada por Mr. Doubleday da coleção de Mr. J. G Smith em 1845. Na mesma etiqueta, indicava-se ainda o gênero do espécime (macho) e sua origem (Pará). Em outra etiqueta, observam-se algumas referências de catalogação: a denominação classificatória *Haetera esmeralda Doubleday* e o número que talvez correspondesse à sua localização no acervo de nº 2506.

No conjunto de referências acima visualizado, sobressai o nome do responsável pela seção das “borboletas” (e seu provável classificador) do *Natural History Museum*. Como já expressado no capítulo anterior, Doubleday foi a primeira pessoa procurada pelos dois jovens coletores desconhecidos, Wallace e Bates, em 1847, quando ambos se preparavam para a viagem ao extremo norte do Brasil. O experiente diretor da instituição londrina assegurou aos dois ansiosos pesquisadores haver interesse da seção por ele dirigida pela compra de produções oriundas do norte do Brasil, pois, além da região ser pouco conhecida por ingleses, o museu possuía apenas algumas pequenas coleções provenientes do Pará e Pernambuco.⁵⁸⁹ Ademais, advertiu-os que concentrassem seus esforços em produções específicas – “all orders of insects, as well

⁵⁸⁹ WALLACE, *My Life*, 1905, p. 264.

as landshells, birds, and mammals”⁵⁹⁰ – que facilmente poderiam pagar suas despesas de viagem.

A questão respondida por Doubleday sobre o financiamento era o ponto de apoio fundamental que faltava para que Bates e Wallace colocassem em prática seu plano de coleta independente: primeiro, concentrando suas pesquisas em Londres a partir das coleções do museu de história natural britânico; depois, investindo suas parcas reservas financeiras na compra de livros, instrumentos, roupas para sua missão e, por último, buscando contratar um agente de vendas em história natural. Evidentemente, durante esse período de preparação, a amostra acima foi apreciada pelos naturalistas, conjuntamente com outras coleções originárias do Grão-Pará. Esse evento demonstra de que forma os naturalistas teceram uma rede de colaboradores que lhes oportunizaram preciosas informações e ensinamentos práticos sobre espécimes e regiões que gostariam de alcançar, como exemplifica o último contato de Wallace e Bates às vésperas da viagem ao Brasil: Mr. J. G. Smith.

Como já demonstrado no capítulo anterior, o coletor identificado na primeira etiqueta, além de ter ofertado um acervo inédito para a renomada instituição britânica, foi procurado em sua residência por Wallace e Bates quando estes buscavam informações sobre as possibilidades de coleta na região amazônica. Na ocasião, Smith não apenas concedeu-lhes a apreciação de sua coleção privada de borboletas – entre as quais representantes da ilustração acima –, como também acenou favoravelmente em relação às ambições dos dois coletores e lhes deu cartas de apresentação.

Esses indícios esclarecem que a coleta em campo de Wallace e Bates na Amazônia não apenas era dirigida para determinados gêneros de seres vivos em detrimento de outros grupos comercialmente pouco lucrativos, mas também que o cotidiano das práticas em História Natural abrangia diferentes agentes, interesses – econômicos e de carreira –, instrumentos e mundos. Sendo assim, deve-se confrontar a imagem benigna e desinteressada do herborizador e naturalista – que constituiu sua pesquisa de campo na região amazônica apenas por prazer e conhecimento – com o universo das instituições e de um grupo de pessoas que buscava lucro financeiro e reconhecimento intelectual no fechado círculo de “homens da ciência”. Sobre esse aspecto, Sandra Knapp salienta que alguns grupos de lepidópteros coletados em campo por Wallace e Bates foram usados por ambos como meio para ascender

⁵⁹⁰ Ibidem, p. 264.

profissionalmente quando retornaram para Inglaterra. Como exemplos dessas pretensões, a autora destaca a coleta de Wallace no sul da Ásia, onde o naturalista “descobriu” e descreveu espécies de *birdwings* (borboletas com asa de ave), ganhando, assim, notoriedade no meio acadêmico⁵⁹¹; do mesmo modo, Bates, na Amazônia, observou a semelhança entre uma espécie de mariposa e aves beija-flores e deduziu que um se metamorfoseava no outro. Segundo o pesquisador, o fenômeno já havia chamado atenção tanto dos nativos, quanto dos “brancos” dotados de alguma instrução na região do Marajó. A partir da evidência descrita, ele desenvolveu a ideia do mimetismo, publicada pela primeira vez em sua obra *Contributions to an Insect Fauna...* (1862), na qual explica que o fenômeno da semelhança entre as diferentes espécies seria resultado de um mecanismo de autopreservação desenvolvido por alguns animais contra possíveis ataques de seus predadores. Tal concepção serviu como apoio importante para a ideia da evolução das espécies avançada a partir de 1858.⁵⁹²



Figura 25. Henry Walter Bates, representação do fenômeno da semelhança entre mariposa e beija-flores que ilustra sua obra *The Naturalist on the River Amazon*, 1863.

Ademais, esses aspectos ratificam a ideia geral salientada por Marianne Klemun no que concerne ao crescente interesse pela história natural constituído nos séculos

⁵⁹¹ KANAPP, Sandra. **Footsteps in the Forest: Alfred Russel Wallace in the Amazon**. London: The Natural History Museum, 1999, p.16.

⁵⁹² Conforme Janet Browne: Henry Bates “forneceu a primeira evidência real em favor da operação da seleção natural, inserindo-a em uma evocação à narrativa de viagens na Amazônia que cativou leitores vitorianos em 1863, durante a mesma temporada editorial da primavera [...] Mais particularmente, Bates chegou à Inglaterra [em 1859] com dois presentes para Darwin. Um deles era o conceito de mimetismo em insetos. O outro era uma coleção de borboletas que exibia a diversificação evolucionária.” Cf. BROWNE, Janet. **Charles Darwin: o poder do lugar**. São Paulo: Aracati/Unesp, 2011, p.298

XVIII e XIX o qual, segundo a autora, não pode ser explicitado sem “referência a objetos ou espécimes e sua circulação”.⁵⁹³ Por conseguinte, deve-se observar que, desde a retirada do espécime ou objeto de seu “ecossistema” até sua chegada ao espaço institucional do museu (laboratório, jardim botânicos, gabinetes reais), a “peça” era submetida a “uma variedade de transformações culturais”.⁵⁹⁴ Para melhor análise dessas operações, a autora cunhou o termo inglês *space in between* para tentar explicitar o amplo processo que envolveu a atividade naturalista: desde roteiros percorridos por objetos no campo, passando por diferentes espaços de produção do conhecimento (museus, jardins, gabinetes) e/ou até outras entidades espaciais (como, por exemplo, navios), e uma variedade de atores e habilidades envolvidos na aquisição e circulação de objetos. Isto significa pensar que não apenas “homens de ciência”, com suas técnicas de preparação e de embalar espécimes, estavam envolvidos no processo, mas também instruções, documentos oficiais e cartas.

Por outro lado, há um aspecto evidente na trajetória de Wallace e de Bates na Amazônia ainda pouco analisado: a questão do financiamento das viagens naturalistas. Como sublinhou Knapp, não se pode esquecer de que, embora borboletas fossem usadas pelos naturalistas para alavancar suas carreiras, as mesmas constituíam uma das espécies mais ambicionadas por uma ampla audiência de colecionadores amadores em Londres. Destarte, a dificuldade de encontrar insetos, sinalizada nos escritos dos naturalistas, chama a atenção para o fato de que seus passos eram dirigidos no interior da região amazônica em busca de espécies comercialmente lucrativas e não somente por estritos objetivos científicos. Logo, é possível especular que a dificuldade de apanhar um espécime e sua raridade influía no preço final em que o objeto natural seria oferecido em Londres⁵⁹⁵ por Samuel Stevens. Portanto, enquanto o maior tesouro de Wallace e Bates, *Haetera esmeralda* (atual *Cithaeris esmeralda*), era exibida por Samuel Stevens na reunião da *Entomological Society*, em 1849; os naturalistas foram menos bem sucedidos em seu intento de capturar a gigante borboleta azul *Morphos*, uma vez que, como citado acima, embora a borboleta fosse vista com frequência pelos naturalistas, seus artifícios de voo dificultaram sua captura.

⁵⁹³ KLEMUN, Marianne. Introduction: Moved Natural Objects – Spaces in Between. In: **Journal of History of Science and Technology**. Vol. 5, 2012, p. 9. Disponível em: www.johost.eu. Acessado em: 10. 10. 2012.

⁵⁹⁴ Ibidem, p. 9

⁵⁹⁵ op. cit. p. 16

Sobre os resultados de seus empreendimentos em apenas um dia de coleta, Bates escreveu: “On Tuesday, collected 46 specimens [of butterflies] of 39 species. On Wednesday, 37 specimens of 33 species, 27 of which are different from those taken the preceding day.”⁵⁹⁶ Conforme Sloten, com um lucro de apenas 3 *pence* por cada espécime, o risco de fracasso era uma constante preocupação para ambos. No entanto, ainda que seus escritos tenham salientado a decepção de encontrar uma variedade restrita de seres, seus dois primeiros meses revelaram uma auspiciosa colheita: cerca de 3.635 insetos, além de doze caixas contendo plantas nativas. Sobre estes últimos objetos, embora os escritos de viagem evidenciem que havia grande interesse em coletar orquídeas, quase não foi possível conseguir amostras dessa espécie, remetendo para o diretor de *Kew* apenas cem exemplares de plantas secas, em sua maioria palmeiras e samambaias, as quais deveriam ser oferecidas ao preço de 10 libras o lote. Em carta de 20 de agosto de 1848, Wallace escreveu a Hooker enfatizando o fato:

“The English government vessels touching here we send you by the “Windsor” from hence to Liverpool a box of dried specimens, principally palms, and we trust they will arrive in good order & prove acceptable. Comparatively few of the forest trees are in flower—now so we ? have sent some specimens of woods. The wet season, (? to our winter & spring), seems to be the time when most of the trees are in flower. (?) you will for living plants of any of the specimens now sent we shall be most happy to get them for you. There is a very curious palm here which you most probably know... [Sketch] Young plants of every height abound in the forest & all have the same peculiarity of growth. The stem of this palm too, unlike most others, increases in size with its age & is so smooth as to show no marks of the successive sets of leaves. I have been able to find very few orchids here though I have looked much for them...Ferns are tolerably abundant in the forest. There are many minute species. There may probably be one hundred species altogether found near Pará. (?) you wish it we could send you an entire base of one these palms for the museum as well as living specimens... We hope you will find the contents of the box worth L10 [pounds] and the freight etc...I send the few dried plants (a few hundred specimens) principally ferns. You can perhaps dispose of them & allow what you consider them to be worth”.⁵⁹⁷

Sendo assim, as borboletas capturadas nas localidades do baixo Amazonas, por conta de sua beleza estética e novidade, foram as primeiras espécies a se apresentarem como a maior promessa de lucro financeiro para os coletores independentes no mercado

⁵⁹⁶ BATES, 1863, p. 62

⁵⁹⁷ WALLACE, Alfred R. **Letter to William Hooker**. Transcrição: Cassia Roth. Directors' Correspondence, vol. 26, doc. 566–67 (March– April 1848, Bates and Wallace), Archives of the Royal Botanic Gardens, Kew. London, 1848. Disponível em: <http://plants.jstor.org/visual/klc10232?history=true>. Acessado em: 20.04.2013.

de objetos de história natural da capital inglesa. Sobre esse aspecto, novamente ressalto que, como coletores independentes, Wallace e Bates não contaram com uma rede de apoiadores oficiais para financiar sua viagem. A via possível era limitada às produções enviadas para Inglaterra, cuja venda era intermediada por Samuel Stevens. Isto significa dizer que o destino de algumas coleções de Wallace expedidas do vale amazônico para a Inglaterra nem sempre alcançaram os espaços institucionais do saber. Todavia, alguns de seus objetos foram destinados a um público mais amplo, que abrangia tanto espaços formais e pessoas identificadas por suas posições acadêmicas, quanto naturalistas amadores, endinheirados o suficiente para comprar objetos naturais raros em casas de leilões e lojas especializadas em história natural. Com o intuito de satisfazer essa audiência, Samuel Stevens publicava extratos de cartas em periódicos voltados para leitores de história natural a fim não apenas de divulgar o trabalho de seus talentosos coletores em regiões tropicais, mas, sobretudo, para mostrar as novidades das coleções de espécimes enviadas pelos naturalistas para venda em Londres.

Porém, após três meses de coleta conjunta, Wallace e Bates colocaram um fim na sociedade depois de retornarem da expedição empreendida ao rio Tocantins. Como última ação da parceria, enviaram um carregamento de objetos naturais em outubro de 1848 a Samuel Stevens, o qual publicou o extrato de uma carta assinada pelos dois coletores no periódico *Annals and Magazine of Natural History*. O conteúdo da carta, além de enfatizar o aspecto pitoresco do rio e as dificuldades em atravessá-lo, informa ainda que o carregamento continha um maior número de insetos da ordem dos lepidópteros, sendo os coleópteros, conchas e orquídeas escassos na região do Tocantins. Além disso, o editor da revista sublinhou para os leitores, no preâmbulo de apresentação dos dois viajantes, que, suas coleções continham alguns exemplares de conchas e peles de aves, perfazendo um total de 7000 espécimes “em finas condições” coletadas na região até outubro de 1848:

“Messrs. Wallace and Bates, two enterprising and deserving young men, left this country last April on an expedition to South America to explore some of the vast and unexamined regions of the province of Pará, said to be so rich and varied in its productions of natural history. They have already forwarded two beautiful parcels of insects of all orders, containing about 7000 specimens in very fine condition, and a vast number of novelties, besides other very rare species, some of which were known only to the entomological world by the beautiful figures in Cramer and Stoll, and a few shells and bird-skins. The last parcel is the result of their journey up the river Tocantins. The following passage is an extract from their letter to Mr. S. Stevens,

dated Parà, Oct. 23, to whom the consignments have been forwarded, and who has the disposal of them (see Advertisement on cover)”
“Since sending our last collection, we have had further experience of the rarity of insects in this country. The Lepidoptera are numerous in species, but not in individuals; the Coleoptera are exceedingly scarce, and other orders are [[p. 75]] generally, like the Lepidoptera, sparing in individuals; we attribute it to the uninterrupted extent of monotonous forest over which animal life is sparingly but widely scattered. However this makes a difference in the commercial value of the subjects. The present collection is the fruits of two months’ devoted and almost exclusive attention to insects. Shells and Orchids continue to be exceedingly scarce.”⁵⁹⁸

A partir daí, eles não mais dividiram os lucros das coleções enviadas para Londres, já que cada um passou a administrar separadamente suas atividades. Entretanto, continuaram a se corresponder e a negociar seus objetos de coleta por meio do agente em comum, Stevens.

Em 1850, o periódico inglês *The Annals and Magazine of Natural History* recebeu e publicou duas cartas acompanhadas da seguinte nota assinalada por Samuel Stevens:

“To the Editors of the Annals of Natural History.
24 Bloomsbury Street, London, Nov. 20, 1850.
Gentlemen,
In the February Number of your valuable Magazine, you kindly inserted a few lines extracted from a letter that I had received from my friend Mr. Wallace, who is investigating the natural history of the Amazon River; I therefore make bold to send you a few more, taken from letters received since.”⁵⁹⁹

Uma das cartas enviadas foi redigida por Wallace quando ele estava na vila de Santarém, às vésperas de partir para Barra do Rio Negro. Ele descreveu o conteúdo dos lotes de objetos naturais colhidos da região do baixo Amazonas em sua confluência com o rio Tapajós, e despachados em direção à capital inglesa:

“I spent about three weeks at Montealegre and have now been back here nearly a month, so before I leave for the Rio Negro I send you a small lot of insects; they consist almost entirely of Lepidoptera, the Beetles not yet having made their appearance; in the wet season I hear there are plenty both at Montealegre and here, so I shall probably return here, unless I meet with something much better to keep me up above. Of the boxes sent, Nos. 1 and 2 only are for you to dispose of.

⁵⁹⁸ STEVENS, Samuel. **Journey to explore the natural history of the Amazon River.** The Annals and Magazine of Natural History including Zoology, Botany and Geology , Series 2, 6 : 494-495. [p. 494-495]

⁵⁹⁹ STEVENS, Samuel. **Journey to explore the natural history of the Amazon River.** The Annals and Magazine of Natural History including Zoology, Botany and Geology , Series 2, 6 : 494-495. [p. 494-495]

Your lot, though a small one, I trust will be found a good one; there are a very considerable number of fresh species, one of which (No. 605 1) is, I think, the most beautiful thing I have yet taken; **it is very difficult to capture, settling almost invariably high up [[2]] [p. 495] in trees; two specimens I climbed up after and waited for;** I then adopted a long pole which I left at a tree they frequented, and by means of persevering with it every day for near a month have got a good series: the sexes I have no doubt whatever about, though I have not taken them in copula ; the female flies lower and is easier to take than the male. The allied species The allied species (606 2) was rather abundant at Montealegre; the orange Heliconia-like insect occurred there plentifully. Of all new species and others which I know to be good, I have sent plenty; of old things I have sent a few only. In the *Erycinidae* there are a great many species fresh to me, and I hope some new to Europe: I have now made descriptions of all the species sent, so that should I be obliged again to send home my duplicates or lose any of them, I can still recognize the species. The handsome species I hope will sell well. In box No. 3 I have put a lot of miscellaneous insects, which please take out and dispose of. There is also a small stuffed alligator, a species I think they have not in the Museum; it is the Jacaretinga, of which the tail is eaten and is very good; they are an immense deal of trouble in skinning. I have sent also a larger one, which I think is the common species; also a tortoise-shell and a few vertebrae of the large alligator of the Amazon I have put in to fill up; perhaps they may be interesting to geologists to compare with those of fossil Sauria. Shells there are none here. There are two painted calabashes in paper with your name outside; please accept them as a specimen of the Indian girls' work at Montealegre; the varnish, colours, &c., are all made by themselves from the leaves and bark of different trees and herbs; they paint them with bits of stick and feathers, and the patterns are all their own design; they are the usual drinking-vessels here, but less ornamented for common use. I am much in want of some work on the species of butterflies; I think the 'Encyclopédie Méthodique,' vol. ix. by Godart, is the only thing that will do. The leaf in the box is a segment of *Victoria regia* ; if any one wants it, you may sell it."⁶⁰⁰

No registro acima, Wallace não apenas relatou o conteúdo de cada caixa enviada para seu país de origem, mas também os pontos de coleta, o tempo gasto em cada lugar, as dificuldades e artifícios por ele usados para capturar sua presa e empalhar determinados gêneros de animais. Ao longo de sua permanência de cerca de dois meses em Santarém e Monte Alegre, ele destacou, novamente, que dos insetos coletados nessa região, as lepidópteras eram a grande maioria da população de seres que constituía o lote enviado para seu agente. Logo, a ausência de besouros na coleção seria compensada pelo considerável número de novas espécies de borboletas abundantemente coletadas e enviadas para Inglaterra nesse período. Entre os espécimes colhidos com este intuito,

⁶⁰⁰ Ibidem.

destacou a caixa de nº 1, correspondente ao item 605 de sua coleção que, em nota, denominou *Callithea sapphira* (atualmente *Asterope sapphira*) e o exemplar da caixa de nº 2, o espécime 606, uma representante da *Callithea leprieurii* (atual *Asterope batesii*). Para melhor ilustrar, seguem, abaixo, duas amostras relativas às duas borboletas adquiridas pelo *Natural History Museum* da coleção de dois distintos naturalistas do século XIX:



Figura 26 *Asterope sapphira* (Jakob Hübner, 1816). Procedência: Brasil. Fonte: http://www.butterfliesofamerica.com/L/asterope_sapphira.htm.



Figura 27 *Asterope batesii* (William Hewitson, 1850.) Procedência: Brasil, AM. Fonte: http://www.butterfliesofamerica.com/L/asterope_sapphira.htm

Essas borboletas, que fizeram parte do terceiro lote de espécimes da coleção de Wallace enviado para Londres em 1849, eram seres difíceis de capturar, pois, além de voarem com agilidade o suficiente para enganar seu carrasco, quase sempre pousavam no topo de árvores, dificultando o acesso do coletor, armado apenas com sua rede de coleta trazida da Europa. Para conseguir capturá-las, Wallace precisou recorrer a alguns subterfúgios muito menos sutis: escalar árvores, adotar uma longa vara para alcançar pontos altos e perseverar em campo. É importante ressaltar que os machos dessa ordem de insetos são capturados atualmente por meio de armadilhas que jamais foram apreciadas pelo coletor britânico no século XIX: iscas de peixe apodrecido e esterco.⁶⁰¹ Isto posto, a raridade do espécime e dificuldades de caçá-los eram componentes importantes para valorizar a coleção de Wallace junto aos clientes de Stevens em Londres.

Em carta encaminhada para sua família na capital, o irmão mais novo de Wallace, Herbert, que o acompanhou em suas excursões entre 1849 a 1850, salienta a ambição de encontrar “novidades” para valorizar suas coleções naturalistas:

I have made a discovery a Zoological discovery -- you remember the “Blue Pig” at Neath if you don’t Thommas does, it has always been considered a fabulous animal, an eccentric whim of the sign painter -- it is no longer a fable -- the sign painter may refute the charge of eccentricity -- Let the people of Neath know I have seen in Brazil , a living breathing, live Blue Pig.⁶⁰²

Além de borboletas, o correspondente de Stevens afirmou que sua carga possuía uma miscelânea de outros objetos: várias ordens de insetos, um jacaré (*jacaretinga*) empalhado, a carapaça de uma tartaruga, uma folha da planta vitória-régia e cabaças pintadas por meninas “índias” de Monte Alegre, prática social também testemunhada pelo naturalista baiano Alexandre Rodrigues Ferreira no fim do século XVIII. Embora os objetos enumerados tivessem menor valor comercial, tais indícios esclarecem que as práticas naturalistas buscavam coletar a maior quantidade de objetos possível, sem desperdiçar qualquer oportunidade. Sua carta alertava ainda para outra lacuna técnica de sua produção na Amazônia: a de descrever alguns espécimes, razão pela qual encomendou de seu agente o manual francês *Encyclopédie Méthodique*, vol. ix. de Godart. Do mesmo modo, relatou sua dificuldade em preparar e empalhar um espécime de jacaré da região. Estes aspectos revelam questões pouco mencionadas no conjunto de

⁶⁰¹ Conforme Sandra Knapp, op. cit, p. 16

⁶⁰² WALLACE, Herbet. Letter to Sims, Frances. Santatém, 1849. **Wallace Letters Online**. Disponível em: <http://www.nhm.ac.uk/wallacelettersonline>. Acessado em 20 de maio de 2013.

seus escritos de viagem: como suas habilidades de coleta e preservação de espécimes foram aperfeiçoadas na “dura” realidade do campo.

Em alguns de seus apontamentos, Wallace, bem como Bates e Spruce, demonstraram que, para obter algumas espécies em campo, nem sempre possuir instrumentos e técnica definia o sucesso de uma missão. Em alguns casos, por exemplo, o uso de armas de fogo podia alterar de tal maneira as características do animal, que algumas amostras eram descartadas. Trata-se do caso de uma espécie de ave abatida por Wallace pelos arredores da propriedade de Gomes, no rio Tocantins:

“Up the igaripe were numbers of the curious and handsome birds, called “Ciganos,” or Gipsies (*Opisthocomus cristatus*). They are as large as a fowl, have an elegant movable crest on their head, I shot two, but they were not in good condition; and as they are plentiful on all these streams, though not found at Para, it was with less regret that I threw them away.”⁶⁰³

Assim como armas de fogo poderiam alterar significativamente a anatomia de um animal abatido, alvejar e atirar com espingardas carregadas de carga de chumbo também não era tarefa fácil, uma vez que algumas espécies conseguiam escapar da mira das armas dos naturalistas (ou caçadores contratados) voando agilmente ou camuflando-se por entre a vegetação densa. Foi o caso, por exemplo, das araras azuis, a principal espécie a motivar a saída do naturalista para o Tocantins. As diversas tentativas de obter a ave se mostraram tão infrutíferas que Wallace declarou: “The next day we left the land of the blue macaw without a single specimen.”⁶⁰⁴ Contudo, a observação do plano de voo e hábitos alimentares do animal serviu para Wallace estabelecer a reflexão sobre uma possível relação entre limites geográficos, adaptação e a incidência de algumas espécies. De acordo com o naturalista, o plano de voo da ave era delimitado a partir de um ponto do rio Tocantins cujo curso tornava-se rochoso e seguia em direção a trechos de cachoeiras. Além disso, penas de aves eram vistas sobre o chão, indicando que a arara azul era comumente abatida pela população local:

“From this place to the Falls we had seen them every day, morning and evening, flying high over the river. At almost every house feathers were on the ground, showing that this splendid bird is often shot for food. Alexander once had a chance at them, but his gun missed fire, and they immediately flew off. Lower down the river they are scarcely ever seen, and never below Baiao, while from this place up they are very abundant. What can be the causes which so exactly limit the range of such a strongly-flying bird? It appears with the rock, and with

⁶⁰³ WALLACE, 1889, pp. 38-39.

⁶⁰⁴ Ibidem, p. 52.

this there is no doubt a corresponding change in the fruits on which the birds feed.”⁶⁰⁵



Figura 28. Desenho feito a lápis de A. R. Wallace do Rio Tocantins, próximo a 50 milhas do lugarejo de Baião e próximo a aldeia de Patos. No desenho ele evidencia aspecto vulcânico das rochas da subida do rio.

Camerini observa que, na América do Sul, Wallace perseguiu seu interesse pela distribuição geográfica das plantas e animais em suas explorações. Suas ideias foram apresentadas de maneira mais clara em seu artigo *On the monkeys of Amazon*, apresentado a *Zoological Society* depois de seu retorno a Londres, em 1852. No texto em questão, Wallace elaborou uma descrição não técnica de vinte uma espécies de macacos observadas em suas explorações. Ademais, fez apontamentos acerca da distribuição geográfica desses animais. Neste ponto, seu artigo elucidou o quanto sua experiência na região foi fundamental para basear teoricamente uma de suas maiores preocupações, que era com a delimitação geográfica das espécies para a história natural:

“I will now make a few remarks on the geographical distribution of these animals. In the various works on the natural history and in our museums, we have generally but the vaguest statements of locality [...] On this accurate determination of an animal’s range many interesting questions depend. Are very closely allied species ever separated by a wide interval of country? What physical features determine the boundary of species and of genera? Do the isothermal lines ever accurately bound the range of species, or sure they altogether independent of them? What are the circumstances which render certain rivers and certain mountain ranges the limits of numerous species, while others are not? None of these questions can be satisfactorily answered till we have the range of numerous species

⁶⁰⁵ Ibidem, pp. 52-53

accurately determined. During my residence in the Amazon district I took every opportunity of determining the limits of I soon found that the Amazon, the Rio Negro and Madeira formed the limits beyond which certain species never passed. **The natives hunters are perfectly acquainted with this fact, and always across over the river when they want to procure particular animals, which are found even on the river's bank on one side, but never by chance on the other.**”⁶⁰⁶ [grifos meus]

Consoante a Camerini, é notória a crítica de Wallace em relação à ausência de informações sobre a localização geográfica dos seres vivos apresentados em museus e obras impressas na época. Segundo a autora, deve-se lembrar de que, até esse período, o tema da distribuição de seres raramente constava em escolas de geografia e atlas populares. As informações começam a aparecer somente após a segunda metade do século XIX, quando gradativamente passou a ser compartilhado com frequência entre estudiosos.⁶⁰⁷

Em seu curto e despretensioso artigo, Wallace não apenas mostrou a importância de se mapear os limites de alcance de uma espécie, mas também, indiretamente, fez alusão ao tema da origem das espécies, preocupando-se em localizar a proximidade espacial entre espécies afins e mostrar a relação entre a fauna mapeada e as características físicas do meio como fator limitante das faixas “territoriais” de espécies. Para Camerini, não é difícil de ler a hipótese não declarada de que: espécies estreitamente aliadas são frequentemente encontradas perto umas das outras com faixas adjacentes, muitas vezes separadas por uma barreira (no passado ou no presente), como nos Andes ou na Amazônia⁶⁰⁸; mas não isoladas por uma grande distância.

Algumas das questões colocadas acima pelo naturalista foram respondidas três anos depois, em 1855, em seu artigo *Law*, no qual argumentou que as espécies afins eram encontradas em locais adjacentes próximos e no mesmo período geológico, porque um descendia do outro. No entanto, além de levantar hipóteses sobre a influência do ambiente nos processos de especiação de seres vivos, ele pontuou que muitos dos dados fornecidos foram derivados, ao mesmo tempo, tanto do estudo de referências⁶⁰⁹ e de coleções produzidas nos centros europeus, quanto de sua observação em campo da

⁶⁰⁶ WALLACE, Alfred R. **On the Monkeys of the Amazon**. London, 1852, pp. 109-110. Disponível em: Wallace On line. Acessado em: 02.04.2012.

⁶⁰⁷ CAMERINI, Jane. **Darwin, Wallace and, Maps**. Madison: University of Wisconsin, 1987, p.150

⁶⁰⁸ Ibidem, pp. 150-151

⁶⁰⁹ Conforme Camerini, algumas questões sobre a geografia dos seres já haviam sido desenvolvidas a partir dos trabalhos de Eberhardt von Simmermann, Augustin de Candolle e Alexander von Humboldt no final do século XVIII e início do século XIX, devendo, portanto, a esses trabalhos o início do crescente interesse.

atuação de caçadores locais, posto que estes atores sociais já eram perfeitamente conscientes sobre a distribuição de animais ao longo da geografia dos rios amazônicos.

Sendo assim, a rotina de coletar fatos botânicos, zoológicos ou geológicos era garantida quando o naturalista conseguia mobilizar uma ampla gama de armas, instrumentos e informações de diferentes fontes culturais e ambientais. Portanto, para conseguir seus objetivos, naturalistas que atuaram em regiões tropicais reconheceram a importância de alguns recursos indígenas de tal forma, que estes últimos passaram a constar como importante meio técnico em manuais europeus. Essa realidade pode ser explicitada a partir da publicação de Bates (1864) endereçada a coletores, na qual se evidencia o quanto a realidade do campo influenciou na formação de europeus:

1 *Hints on the Collection of Objects of Natural History.*
By H. W. BATES, Assistant Secretary R.G.S.

TRAVELLERS who intend devoting themselves specially to Natural History will generally possess all the requisite information beforehand. It is to those whose objects or duties are of another nature, or who, whilst on a purely geographical land-exploration, wish to know the readiest means of collecting, preserving, and safely transmitting specimens they collect that the following hints are addressed:—

Hints to Travellers.

307

- Outfit.*—Double-barrel guns, with spare nipples; and a few common guns to lend to native hunters—especially if going to the interior of Tropical America.
Fine powder in canisters, and fine shot (Nos. 8 and 11), must be taken from England: coarse powder and shot can be had in any part. A good supply of the best caps.
Arsenical soap, a few pounds in tin cases; brushes of different sizes.
Two or three scalpels, scissors (including a pair of short-bladed ones), forceps of different sizes, for inserting cotton into the necks of birds' skins; needles and thread.
A few small traps, with which to capture small (mostly nocturnal) mammals.
Strong landing-net for water mollusks, &c. Two stout insect sweeping-nets.
Cylindrical tin box for collecting plants, with shoulder-strap.
A few dozens of small and strong broad-mouthed bottles; and a couple of corked pocket-boxes.
Insect-pins: a few ounces each of Nos. 5, 14, and 11.
Stone jars for reptiles and fishes in spirit; to fit four in a box, with wooden partitions. If animals in spirit are to be collected largely, a supply of sheet-tin or zinc, with a pair of soldering-irons and a supply of soft solder, must be taken instead of stone jars. Cylindrical cases can be then made of any size required. By means of the soldering apparatus, also, empty powder-canisters and other tin vessels can be easily converted into receptacles for specimens.
A ream or two of botanical drying-paper, with boards of same size as the sheet, and leather straps.
A few gross of chip pill-boxes in nests.
A dozen corked store-boxes (about 14 inches by 11 inches, and 2½ inches deep,) fitted perpendicularly in a tin chest.
A few yards of india-rubber waterproof sheeting, as temporary covering to collections in wet weather, or in crossing rivers.
A set of carpenter's tools.

An outfit may be much lightened by having all the provisions and other consumable articles packed in square tin cases, and in

* Most of the articles of a Naturalist's outfit can be obtained, at a few days' notice, of Mr. S. Stevens, Natural History Agent, 24, Bloomsbury-street, W.C.

Figura 29. Periódico Hints to Travellers, seção escrita por Henry Bates, em 1864.

No documento acima, Bates pontua, inicialmente, sobre os equipamentos, como: armas de fogo, bisturis, vidrarias, ferramentas para carpintaria, tesouras, fórceps, caixas, bolsas a tira colo entre outros instrumentais de origem europeia, usados para o trabalho em campo. Além desses materiais, sublinha ainda que outro importante recurso para viajantes que desejassem explorar o interior da América Tropical era empregar caçadores nativos. Do mesmo modo, era preciso recorrer a materiais originários das florestas tropicais, tais como lonas de borracha, que garantiriam a proteção das coleções em tempos de chuva ou na travessia de rios. Este último aspecto revela como as condições do ambiente influíam sobre as práticas de coletores. De acordo com Bates, quando o viajante optava por seguir para as regiões úmidas do Arquipélago Malaio, Sul da Ásia oriental ou América Tropical, confrontava-se com três de seus maiores inimigos: “excessive moisture, mildew and ants.”⁶¹⁰ Para vencer a umidade, o mofo e pragas de formigas, que poderiam danificar uma coleção, era preciso recorrer às “gaiolas de secagem”, cuja estrutura podia ser confeccionada com madeiras leves e coberta de cortiças obtidas na floresta tropical. Em lugares onde madeiras eram escassas, como no interior da África, a solução encontrada era usar peles de antílopes ou outros animais de grande porte, que, depois de secas ao sol, podiam ser transformadas em excelentes *packing-cases*.⁶¹¹

No que tange ao comportamento do naturalista em campo, Bates constatou que a grande profusão de formas da vida animal e vegetal podia levar o coletor à difícil decisão entre o que deixar para trás e o que levar para sua coleção. Por isso, de um modo geral, o coletor deveria se atentar para o fato de que, nas proximidades de regiões civilizadas ou semicivilizadas, apenas se depararia com espécies mais comuns, pois as mais raras estariam localizadas no interior das florestas e em lugares distantes de regiões cultivadas. Por outro lado, em botânica, o viajante, quando obrigado a restringir sua atenção para poucos exemplares, poderia compensar essa limitação ao reparar em

⁶¹⁰ BATES, Henry W. Hints on the Collection of Objects of Natural History. In: Royal Geographical Society's. **Hints to Travellers**, 1864, p. 312. Conforme DRIVER, Felix, a primeira edição desse periódico surgiu em 1854. Seu texto era parte de um amplo discurso sobre observações em campo, fornecendo a viajantes instruções sobre como observar uma variedade de aspectos do mundo para além do laboratório e escolas. Ver: DRIVER, Felix. Scientific Exploration and the Construction of Geographical Knowledge: Hints to Travellers. In: **Finisterra**, XXXIII, 65, 1998.

⁶¹¹ Ibidem, p. 312.

plantas com alguma utilidade econômica, sempre com o cuidado de identificar as flores e os usos que os indígenas fazem da vegetação.⁶¹²

Assim, além de recursos, os ensinamentos pontuados por Bates esclarecem quais espécies mereciam mais atenção e para onde o coletor deveria se dirigir a fim de encontrar fatos mais raros. Esse aspecto determina o padrão de viagem de Wallace, pois o naturalista declarou, em algumas passagens de seus textos, sua pouca satisfação com as coleções que conseguiu realizar nas circunvizinhanças do Pará. Por essa razão, Wallace, em carta para Samuel Stevens, justificou sua subida em direção ao Rio Negro:

We are here staying with Sir Henrique Anthony, in the same house Edwards occupied; he is a most hospitable fellow, and his house is the general receptacle of strangers. I soon found that insects were exceedingly scarce here at this season, it being almost impossible to get half a dozen in a day worth bringing home. Birds too are equally scarce, so I resolved on a short trip up the Rio Negro to where the Umbrella chatterers are found. I spent a month there, and being fortunate in finding a good hunter, have got a small but pretty good collection of birds, considering the season. Besides the umbrella birds, the little bristle-tailed manakin will, I think, be good; also the trumpeter, which is a species different from that at Pará; the muscovy ducks also. Both among the birds and insects there are, I know, many common as well as rare species. There are also two bad specimens of the celebrated "bell bird," which I believe is rare; they frequent the highest trees out of ordinary gunshot; my hunter fired five or six times at each of them, and after several ineffectual shots at another gave it up in despair. Of the curl-crested araçari, I have only at present got a single specimen. The araçaris I send are two species new to me, and are both much prettier than the curl-crested. I must now not forget to thank you for the prints you sent me, which I only discovered a short time ago, never having opened the box containing them. Any newspapers or scientific periodicals you can send me will be particularly acceptable."⁶¹³

Como é sugerido acima, seu roteiro em direção ao alto Rio Negro iria se concentrar, sobretudo, na aquisição de aves. Todavia, para tornar o empreendimento possível, o naturalista contou com o apoio de um negociante italiano, Henrique Antony, cuja casa era considerada o "receptáculo" para estrangeiros que alcançavam Barra do Rio Negro (Manaus). Tal indício, além de esclarecer mais uma vez o quanto um pequeno grupo de negociantes estrangeiros radicados na região auxiliaram naturalistas e outros exploradores (em uma província que sofria com a escassez de braços, produtos alimentícios, embarcações e alojamentos para viajantes), sublinham que os roteiros de

⁶¹² Ibidem, p. 309.

⁶¹³ WALLACE, Alfred R. Letter to Stevens, Samuel. (1850). Journey to explore the natural history of the Amazon River. In: **The Annals and Magazine of Natural History including Zoology, Botany and Geology**, Series 2, 6, pp. 495-496.

viagens eram traçados com o objetivo de adquirir espécimes possivelmente lucrativos, já que sua venda garantiria financiamento das explorações.

Por isso, ao alcançar a principal cidade do Rio Negro, o processo de coleta se iniciou após o naturalista repetir os mesmos procedimentos adotados desde Belém: a colhida de informações sobre a incidência de gêneros considerados mais raros junto aos colonos de origem europeia e a solicitação ao seu hospedeiro para providenciar remeiros indígenas e suprimentos para viagem. Ademais, o pesquisador tomou nota sobre a influência da estação chuvosa para suas pretensões: em virtude do período pluvioso em sua estada em Barra do Rio Negro, observou que insetos e aves eram escassos no lugar. Para compensar tal situação, o naturalista seguiu para uma pequena comunidade nas proximidades de Barra do Rio Negro e nela fixou residência durante um mês com o propósito de confirmar informações sobre uma ave durante essa estação. A ave foi denominada pelo naturalista de *Umbrela*, conhecida pelos indígenas por *Ueraminbé* (pássaro trompete), pois consideravam seu canto semelhante ao som de um instrumento musical. O naturalista permaneceu nessa comunidade durante um mês e obteve cerca de vinte e cinco exemplares com a ajuda de um caçador nativo. Além da *Umbrela Bird*, o naturalista sublinhou haver ali outra profusão de aves, sendo algumas delas representadas em sua obra *The Geographical Distribution of Animals* (1876) e usadas para enfatizar as interações entre ambiente e seres vivos que caracterizavam o alto rio Amazonas.

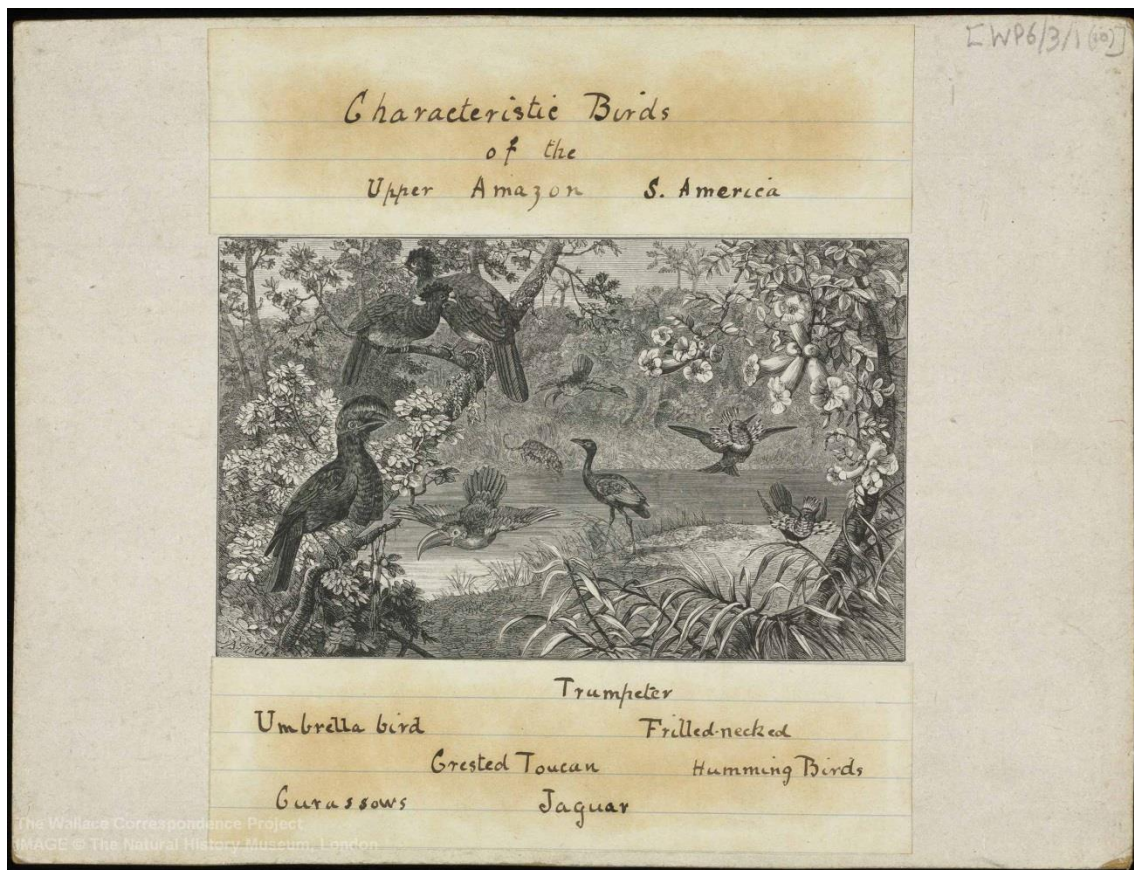


Figura 30 Palestra de Wallace intitulada *Characteristic Birds of the Upper Amazon South America*. A gravura ilustra a obra de Wallace *The Geographical Distribution of Animals*, de 1876. Fonte: Web Site Natural History Museum.

A figura acima explicita o quanto sua pesquisa nessa localidade em busca da *Umbrella Bird* (*Cephalopterus ornatus*), cujos hábitos e distribuição foram objeto de seu primeiro artigo publicado no periódico *Proceedings, of the Zoological Society of London* (1850), repercutiu em suas reflexões. Desse modo, sua coleta pelo rio Negro já demonstrava desde o início sua precoce preocupação no que diz respeito à distribuição geográfica de seres vivos, questão que caracterizaria seu pensamento em seus posteriores estudos.

Por outro lado, deve-se ressaltar que tal preocupação só poderia ser confirmada por meio da intervenção de caçadores locais, os quais não apenas conseguiam abater seres para as coleções do naturalista, mas também informavam sobre os hábitos dos animais e em quais pontos dos rios as espécies pretendidas poderiam ser encontradas regularmente. Foi por conta da influência de um caçador que Wallace anunciou a seus leitores sua pretensão em seguir para o rio Uaupés, a fim de confirmar a existência de espécies da sobredita ave:

In ascending the Amazon, it first occurs opposite the mouth of the Madeira, in some islands. In the Sohuives, as far as the boundaries of

Brazil, it also occurs, and probably further. The Rio Negro, however, is its head-quarters; and there, in the numerous islands which fill that river, it is very abundant. It extends at least four hundred miles up the river, and very probably much further. I have not heard of its occurring in the Rio Branco, Madeira, or any of the other great tributaries of the Amazon. I have been informed by a hunter, that towards the sources of the Rio Negro another species is found, and this I hope soon to have the means of verifying.⁶¹⁴

Como aludiu Wallace, a ocorrência de maior quantidade dessa espécie de aves se localizaria nas diversas ilhas na subida do rio Negro. Além disso, das informações que obtive, nenhuma indicava a existência de *Umbrella Bird* em outros trechos de rios, como por exemplo, no rio Branco ou Madeira. Para confirmar a informação de um caçador sobre a existência de outras espécies da mesma ave, declarou esperar seguir até a cabeceira do rio Negro. O interesse expressado nesse escrito evidencia que rotas de viagem foram planejadas abarcando tanto os interesses de “homens da ciência”, como também a demanda de ricos colecionadores que competiam entre si para adquirir para seus aviários particulares de pássaros exóticos.⁶¹⁵

Embora o plano e o itinerário de viagem não tenham sido plenamente satisfeitos, um documento de 1867 da *Society Zoological of London*, no qual seus autores (P. L. Sclater, M. A., F.R.S., and Osbert Salvin, M.A, F.Z.S.) listaram as espécies de aves coletadas nas regiões do baixo Amazonas e rio Negro pelo coletor britânico, demonstra que o número de aves por ele recolhido na região não foi desprezível. Ademais, mesmo a despeito da ocorrência do desastre do navio que vitimou grande parte de suas coleções efetuadas no rio Negro, verificou-se que algumas remessas foram enviadas antes desse evento. Porém, era difícil rastrear informações sobre o seu paradeiro em Londres:

6. Rio Negro. A full account of Mr. Wallace's journey on this river and its affluents will be found in Chap. VII. and four following chapters of his narrative. It is much to be regretted that the species from this district recorded in the present list form but a very small portion of the number actually collected - the series reserved by Mr. Wallace for his own use having been lost in the manner already mentioned, and that transmitted to England dispersed without any record having been kept of it.⁶¹⁶

⁶¹⁴ WALLACE, Alfred R. Comunicação de 23 de julho de 1850 do encontro da Zoological Society of London, e publicado em seu **Proceedings** no mesmo ano. Disponível em: <http://people.wku.edu/charles.smith/wallace/S005.htm>. Acessado em: 02.02.2011.

⁶¹⁵ David Marcus Knight, op. cit. p. 819.

⁶¹⁶ PL Sclater, MA, FRS, and Osbert Salvin, MA, FZS. **List of Birds Collected by Mr. Wallace on the Lower Amazons and Rio Negro**. Disponível em: <http://wallace-online.org/>. Acessado em: 5.5.2013.



Figura 31. Saíra-beija-flor (*Cyanerpes cyaneus*) coletado por Wallace possivelmente em uma de suas duas excursões após aportar em Barra do Rio Negro no primeiro semestre de 1850. A peça é parte do acervo do *University Museum of Zoology of Cambridge*. Fonte: The Alfred Russel Wallace Web Site.



Figura 32. Araçari (*Pteroglossus* sp) possivelmente parte da coleção de Wallace realizada em Manaquiri, no rio Solimões, quando esteve na propriedade de um português denominado Brandão. O espécime é parte do acervo do *University Museum of Zoology of Cambridge*. Fonte: The Alfred Russel Wallace Web Site.

Nesse sentido, esses aspectos, além de demonstrar o quanto o trabalho de Wallace na Amazônia conquistou ampla audiência entre os interessados em objetos de história natural de Londres, revelam ainda que percorrer regiões como a Amazônia representava um negócio arriscado por conta dos perigos físicos e implicava em riscos financeiros. Isto porque a renda de um naturalista independente era oriunda

exclusivamente dos resultados de sua coleta, e não a partir de um salário regular pago por instituições científicas.

4.2. INTERAÇÕES E SUBTERFÚRIOS DE COLETA

O clima, a densa vegetação e os tipos humanos revelados pelos naturalistas em suas descrições em campo formam um conjunto de elementos cujas imagens revelam que, para praticantes e exploradores de origem europeia, a história natural era muito mais que um exercício racional ou uma prática empírica: buscava-se valorizar e preservar tanto a experiência (estética, sensitiva e emocional) da viagem, quanto a descoberta de um novo espécime de ser vivo. Assim, insetos, aves e plantas não foram a única ambição de coleta percebida promissora na região: procuravam pistas e informações que pudessem levar ao encontro de um objeto ou lugar que nenhum outro homem (branco) tivessem apreciado. Visavam o reconhecimento pelos seus feitos ao percorrer pontos e sociedades igualmente raras.

Por tal razão, uma narrativa de viagem oitocentista não dispensava componentes estruturais como: experiência visual, esforço físico, descrição e exaltação de descobertas de seres raros. Sobre essa perspectiva, Fa ti Fan observa que naturalistas vitorianos não se arriscavam pelos picos gelados do Himalaia, dos Andes peruanos ou pelas “profundezas” dos “sertões” amazônicos apenas porque queriam encontrar amostras ou evidências científicas.⁶¹⁷

Escritos de viagens do século XIX dão conta de uma série de eventos, peripécias, privações físicas e psicológicas que exaltam a figura heroica do viajante europeu em meio a um estranho e exótico mundo tropical. Possivelmente por conta dessas “convenções”, o conjunto de representações oitocentistas em relação à Amazônia não apenas tendeu a exagerar a caracterização do ambiente com o objetivo de enfatizar a oposição entre os trópicos e o mundo temperado europeu, mas também a silenciar ou negligenciar a importância que o trabalho e conhecimento nativos – índios, negros, tapuios, mestiços – influíram no trabalho de campo de “homens da ciência”.

Recentes estudos críticos sobre a escrita imperial e colonial inclinam-se a enfatizar o quanto a participação dos habitantes nativos, que fizeram parte da empresa de explorações trabalhando como barqueiros, cozinheiros, guias etc, foi apagada da

⁶¹⁷ FAN, Fa-ti Fan. **British Naturalists in Qing China: science, empire, and cultural encounter.** Massachusetts: Harvard University Press, 2004, p. 122

maioria dos textos europeus. De acordo com essa premissa, narrativas de viagem tendiam a apresentar o naturalista europeu como o herói desbravador, o qual “entra sozinho em um desconhecido e inexplorado mundo para descobrir, identificar e coletar plantas e animais cujos significados dos itens da história natural supostamente confundiam os habitantes locais.”⁶¹⁸ Em alguns casos, os textos de história natural buscaram retratar o encontro europeu com povos indígenas, rebaixando estes a “capítulos sobre etnologia e antropologia, tendo o efeito de fundi-los com a própria natureza.”⁶¹⁹

No entanto, embora Wallace contribua para tal discurso, suas descrições sobre seu cotidiano de viagem demonstram que ele perturbou algumas dessas convenções. O primeiro exemplo do fato, como já citado acima, foi registrado no evento de busca por uma árvore denominada caripé: a cena apresentou uma lógica narrativa diferente, pois mostrou o seu velho cozinheiro negro, *Isidora* (grafado corretamente por Bates, Isidoro), ensinando e transmitindo seu conhecimento para dois ignorantes europeus recém-chegados (Bates e Wallace). Seguiram, então, outras descrições de capturas de espécies as quais revelam que armas, instrumentos e manuais europeus nem sempre eram suficientes para conseguir êxito em campo. Sobre esse aspecto, em Belém, o naturalista observou:

“To catch such lively creatures [little lizards] was of course no easy matter, and all our attempts utterly failed; but we soon got the little Negro and Indian boys to shoot them for us with their bows and arrows, and thus obtained many specimens.”⁶²⁰

De acordo com a citação, algumas dificuldades de capturar criaturas vivas por vezes eram vencidas pelo engajamento da população de crianças índias, negras e mestiças que possuíam habilidades de manusear instrumentos tribais como o arco flecha. Este último era, inclusive, considerado um método mais vantajoso do que as armas de fogo, posto que conservava melhor a integridade do espécime.

Fa Ti Fan destaca que os naturalistas ingleses na China geralmente usavam o trabalho de crianças porque estas possuíam agilidade para escalar árvores, encontrar esconderijos de animais difíceis de ser alcançados e, principalmente, devido ao baixo custo de sua mão de obra. Por essa razão, deve-se observar que, não ao acaso, Wallace

⁶¹⁸ NANCY, Stepan. **Picturing Tropical Nature**. London: Reaktion Books, 2001, p. 64

⁶¹⁹ Ibidem, p. 65

⁶²⁰ WALLACE, 1889, p. 9

empregou várias crianças para lhe ajudar na tarefa de coleta, já que elas, além de serem consideradas mais ágeis que uma pessoa adulta, rendiam maior economia de dinheiro. Com isso, ele aproveitou ao máximo a perspectiva de coleta fazendo uso do conhecimento único e das habilidades das crianças da região, pois elas, mais do que ninguém, sabiam onde borboletas, aves, répteis e outras pequenas criaturas se escondiam.

Foi assim que o pequeno índio Antonio, que fez parte da tripulação para o Tocantins, havia sido empregado quando Wallace e Bates residiram em Nazaré. Sobre o menino, Wallace observou: “Another interesting little animal was a young sloth, which Antonio, an Indian boy, who had enlisted himself in our service, brought alive from the forest.”⁶²¹ Outro garoto empregado por Wallace em Nazaré em excursão no rio Guamá evidencia a complexidade social da região: segundo o naturalista, o menino, muito diligente a executar suas tarefas, tinha fenótipo indígena, apesar de sua mãe ter sangue negro e ser escrava. Por essa razão, para contratar seus serviços, o coletor precisou negociar com seu senhor, o qual não apenas se parecia muito com a criança, como também rumores locais garantiam tratar-se de seu próprio pai.

A cena de contrato evidencia que o naturalista, embora se aproveitasse da hospitalidade de alguns senhores de escravos para conseguir levar adiante seu empreendimento, criticava o sistema escravista:

I soon found a boy who lived near, and had been accustomed to bring me insects. To all appearance he was an Indian, but his mother had Negro blood in her, and was a slave, so her son of course shared her fate. I had, therefore, to hire him of his master, an officer, and agreed for three milreis (about seven shillings) a month. People said that the boy's master was his father, which, as he certainly resembled him, might have been the case. He generally had a large chain round his body and leg as a punishment, and to prevent his running away; he wore it concealed under his trousers, and it clanked very disagreeably at every step he took. Of course this was taken off when he was delivered over to me, and he promised to be very faithful and industrious if I took him with me.⁶²²

Desta forma, contratar ajudantes de confiança e trabalhadores submissos para a coleta era a maneira mais indicada para conseguir os melhores espécimes. A vantagem é notória ao se analisar o evento de contratação de Luís, o caçador negro que acompanhou o coletor austríaco Johan Natterer em suas excursões pelo interior do Brasil durante 17 anos. Luís fora comprado quando ainda era menino pelo naturalista no Rio de Janeiro.

⁶²¹ Ibidem, p. 34

⁶²² Ibidem, pp. 78-79

Originário do Congo, de seus atributos físicos revelados por Wallace, destacam-se seu porte alto e robusto. Em Belém, ele era um homem livre, pois Natterer havia o alforriado quando voltou para a Europa em 1835. O caçador também possuía um pequeno pedaço de terra e tinha economizado o suficiente para comprar para si um casal de escravos. No tempo que passou com o coletor austríaco, foi treinado para caçar e ensinado a depenar e empalhar aves e outros animais. Segundo esclarece Wallace, Luís foi contratado especialmente por conta de sua experiência em caçar aves, recebendo a quantia de mil réis por dia. O ex-escravo foi exaltado nesse aspecto pelo naturalista:

Luiz was an excellent hunter. He would wander in the woods from morning to night, going a great distance, and generally bringing home some handsome bird. He soon got me several fine cardinal chatterers, red-breasted trogons, toucans, etc. He knew the haunts and habits of almost every bird, and could imitate their several notes so as to call them to him.⁶²³

Enfatiza-se que muitos desses atores sociais se engajaram nos planos de coleta dos viajantes, fornecendo informações sobre os usos de plantas, hábitos dos animais, bem como ensinando aos naturalistas como se integrar a uma realidade social e cultural estranha. Nesse sentido, *Isidora*, o velho serviçal contratado em Belém, pode ser apontado como outro personagem que teve um papel relevante na trajetória dos viajantes. Além de oportunizar aos dois estrangeiros seus primeiros ensinamentos sobre a fala da língua portuguesa, foi encarregado pelos naturalistas a mostrar os caminhos no meio florestal onde poderiam encontrar produções vegetais de seu interesse. Na passagem em que relata a busca por uma amostra de *caripé*, Wallace ressalta as características pessoais do velho serviçal, seu largo conhecimento sobre os usos e propriedades das plantas e o seu “curioso” método de ensino, o qual exemplifica como o cotidiano de comunicações e “traduções” dos recém-chegados com os locais era desenvolvido:

Wishing to obtain specimens of a tree called *Caripe*, the bark of which is used in the manufacture of the pottery of the country, we inquired of Isidora if he knew such a tree, and where it grew. He replied that he knew the tree very well, but that it grew in the forest a long way off. So one fine morning after breakfast we told him to shoulder his axe and come with us in search of the *Caripe*, he in his usual dishabille of a pair of trousers, shirt, hat, and shoes being altogether dispensed with in this fine climate; and we in our shirt-sleeves, and with our hunting apparatus across our shoulders. Our old conductor, though now following the domestic occupation of cook and servant of all work to two foreign gentlemen, had worked much in the forest, and was well

⁶²³ Ibidem, p. 78

acquainted with the various trees, could tell their names, and was learned in their uses and properties. He was of rather a taciturn disposition, except when excited by our exceeding dulness in understanding what he wanted, when he would gesticulate with a vehemence and perform dumb-show with a minuteness worthy of a more extensive audience; yet he was rather fond of displaying his knowledge on a subject of which we were in a state of the most benighted ignorance, and at the same time quite willing to learn. His method of instruction was by a series of parenthetical remarks on the trees as he passed them, appearing to speak rather to them than to us, unless we elicited by questions further information. "This," he would say, "is *Ocooba*, very good medicine, good for sore-throat," which he explained by going through the action of gargling, and showed us that a watery sap issued freely on the bark being cut. The tree, like many others, was notched all over by the number of patients who came for the healing juice. "This," said he, glancing at a magnificent tall straight tree, "is good wood for houses, good for floors; call it *Quarooba*." "This," pointing to one of the curious furrowed trees that look as if a bundle of enormously long sticks had grown into one mass, "is wood for making paddles; and, as we did not understand this in Portuguese, he imitated rowing in a canoe; the name of this was *Pootieka*." "This," pointing to another large forest-tree, "is good wood for burning, to make charcoal; good hard wood for everything, makes the best charcoal for forges," which he explained by intimating that the wood made the fire to make the iron of the axe he held in his hand. This tree rejoiced in the name of *Nowará*.⁶²⁴

Não apenas o domínio da língua portuguesa fora facilitado a partir da interação do naturalista com seus ajudantes locais. A partir de Barra do Rio Negro, onde grande parte da população (índios, negros, mestiços ou "brancos") era falante da denominada *Lingoa Geral* indígena, o naturalista declarou ter aprendido alguns vocábulos desta língua com os nativos da região. Foi por intermédio de um menino índio destribalizado (enviado pelo negociante italiano Henrique Antony para lhe servir em sua excursão até o povoado denominado "Castanheiro" em busca da *Umbrella Bird*), que o naturalista afirmou ter tido os primeiros ensinamentos da língua geral:

The Indians then left me; but a boy lent me by Senhor Henrique remained with me to light a fire and boil my coffee, and prepare dinner when we were so fortunate as to get any[...] Only one of the men here could speak Portuguese, all the rest using the Indian language, called *Lingoa Geral*, which I found very difficult to get hold of without any books, though it is an easy and simple language. The word *igaripé*, applied to all small streams, means "path of the canoe"; *tatatinga*, smoke, is literally "white fire." Many of the words sound like Greek, as *sapucaia*, a fowl; *apegáu*, a man. In the names of animals the same vowel is often repeated, producing a very euphonious effect; as *parawá*, a parrot; *maracajá*, a tiger-cat;

⁶²⁴ Ibidem, pp.22-23

sucuruji, a poisonous snake. My Indian boy spoke *Lingoa Geral* and Portuguese, and so with his assistance I got on very well.”⁶²⁵

Para entender a realidade observada por Wallace, deve-se considerar um elemento constitutivo das relações interculturais dos “sertões” amazônicos anunciado pelo estudo de Bessa Freire: “quanto mais próximo do litoral se encontrava o núcleo urbano, maior a influência da língua portuguesa.”⁶²⁶ Esse aspecto foi revelado por Wallace na seguinte carta escrita em Belém, em 1849, às vésperas de partir para sua excursão pelo rio Guamá:

The inhabitants of Para, as of all Brazil, consist of three distinct races: The Portuguese and their descendants with a few other Europeans, the native Indians, and the Negroes together with a considerable number of mixed descent. **The Indians in and near Para are all ‘tame Indians,’ being Roman Catholics in religion and speaking Portuguese, though many speak also the Lingoa-Geral or common Indian language. They are the chief boatmen, fishermen, hunters, and cultivators in the country, while many of them work as labourers or mechanics in the towns.** The negroes were originally all slaves, but a large number are now free, some having purchased their freedom, while others have been freed by their owners by gift or by will. Most of the sugar and cocoa plantations are worked partly by slave and partly by hired labour. The negroes, here as elsewhere, are an exceedingly talkative and contented race, as honest as can be expected under the circumstances, and when well treated exceedingly faithful and trustworthy. Generally they are not hard-worked, and are treated with comparative kindness and lenity.⁶²⁷[grifos meus]

Assim, durante sua passagem por Belém, Wallace constatou, em carta, que nesse núcleo predominava uma população de índios mansos cristianizados que falava tanto o português, quanto a língua geral. Posteriormente, quando visitou uma aldeia próxima a Barra, reparou que apenas dois homens indígenas sabiam falar a língua lusa. Sendo assim, pode-se elucidar que, na medida em que penetrava para o interior, o naturalista notava que a língua geral era o dialeto mais falado por parte dos nativos a que teve acesso e que era preciso aprender algumas palavras e expressões (ou depender de ajudantes “bilíngues”) para poder se comunicar com outras culturas ao longo de suas excursões.

⁶²⁵ Ibidem, p.115

⁶²⁶ FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p.213.

⁶²⁷ WALLACE. My Life. 1905, p. 275

Conforme Bessa Freire, “a denominada língua geral ou *nheengatu*, teve papel histórico marcante como meio de comunicação interétnica”⁶²⁸, caracterizando-se como a principal língua falada – e não o português – em aldeias, povoações, vilas, cidades de toda a região amazônica. Desse modo, deve-se levar em conta que em pelo menos dois séculos e meio (XVII, XVIII e primeiro quartel do XIX) de colonização lusa, indígenas, negros, portugueses, mestiços “trocaram experiências e bens, e desenvolveram a maioria de suas práticas sociais”⁶²⁹ nessa língua, difundida pelos missionários ao longo do tempo por meio da catequese. Não obstante a nova configuração política de meados do século XVIII, que proibiu a fala da língua geral e determinou a obrigatoriedade da língua portuguesa, a “língua geral continuou crescendo, e entrou no século XIX como língua majoritária da população.”⁶³⁰ Assim, após a adesão do Grão-Pará à independência (1823), houve um progressivo abandono da fala em língua geral. Todavia, a população das cidades, das vilas, dos lugares e dos povoados nas margens dos principais rios amazônicos abandonou o dialeto muito lentamente – sobretudo nas áreas restritas ao alto Rio Negro. Nesta última região, Freire observou (a partir dos apontamentos do etnólogo alemão Kurt Nimuendaju) que, enquanto para a população regional o *nheengatu* era língua de índio, os indígenas, por sua vez, consideravam-na “língua de branco”, retomando o passado missionário europeu que a introduziu no Rio Negro.⁶³¹

Bates, que escolheu percorrer os lugarejos, as aldeias e os povoados do rio Solimões (1850 e 1855-1859) estabelecendo-se em Ega (Tefé)⁶³², testemunhou que a língua geral, até a década de suas incursões (1848-1859), permanecia com grande força “along the banks of the main Amazons for a distance of 2,500 miles”⁶³³, o que permitia a “frequent communication amongst the natives, from one end to the other of the main river.”⁶³⁴

Para o naturalista, era causa de admiração a notável rapidez com que os “selvagens” de várias nações (cada qual com seu próprio idioma), ao chegarem em Ega, aprendiam o Tupi, que era a língua comum em toda a região: “It is remarkable how quickly the savages of the various nations, which each have their own, to all

⁶²⁸ Ibidem, p. 17

⁶²⁹ Ibidem, p. 17

⁶³⁰ Ibidem, p. 17

⁶³¹ Ibidem, p. 17

⁶³² BATES, 1863, p.251. O seu quartel general como expressou: “[...] Ega my head-quarters during the whole of the time I remained on the Upper Amazons (four years and a half)”

⁶³³ Ibidem, p. 260

⁶³⁴ Ibidem, p. 260

appearance, widely different language, learn *Tupi* on their arrival at Ega, where it is the common idiom.”⁶³⁵

Os indícios descritos esclarecem que, provavelmente, o naturalista aprendeu a língua geral para facilitar suas operações no campo. Com isso, sua bem sucedida empresa de coleta no Solimões (somaram-se mais de catorze mil espécies, sendo oito mil delas novidades entomológicas para a história natural) só se tornou possível devido à interação com a natureza e com a realidade material, cultural e étnica dos lugares os quais visitou. Por este motivo, ele narrou que a principal preocupação em sua vida errante pelo Solimões não se restringia a encontrar uma localidade rica em seres valiosos para sua coleção: inquietava-se também com a reação do povo diante de seus interesses:

I reflected on my own wandering life: I had now reached the end of the third stage of my journey, and was now more than half-way across the continent. It was necessary for me, on many accounts, to find a rich locality for Natural History explorations, and settle myself in it for some months or years. Would the neighbourhood of Ega turn out to be suitable? and should I, a solitary stranger on a strange errand, find a welcome amongst its people ?⁶³⁶

Destarte, seu relato de viagem registra sua empresa em história natural e seu feito de conseguir se integrar em uma realidade cultural estranha. Bates declarou ter experimentado, em Ega, uma vida tranquila, semelhante a que um naturalista poderia experimentar em um vilarejo europeu: “[...] in the intervals between them I led a quiet, uneventful life in the settlement following my pursuit in the same peaceful, regular way as a Naturalist might do in a European village.”⁶³⁷

Uma integração também evidenciada no processo de preparação de espécimes, pois, em muitos casos, suas inconstâncias materiais e técnicas no campo foram superadas fazendo uso dos recursos locais. Por exemplo: os espécimes capturados eram empalhados, alfinetados, etiquetados, numerados e descritos sob o teto de uma casa espaçosa alugada em Ega, onde, em um dos cômodos, dispôs uma grande mesa para estudo e improvisou uma oficina de trabalho e biblioteca. Neste espaço, organizava suas referências bibliográficas em rústicas prateleiras feitas de caixas de madeira. Pelas vigas que sustentavam o telhado da casa, eram armadas gaiolas de secagem de espécimes, suspensas por cordas devidamente unguadas com óleo vegetal amargo (andiroba ou

⁶³⁵ Ibidem, p.260.

⁶³⁶ Ibidem, p.251.

⁶³⁷ Ibidem, p. 252.

copaíba) para evitar pragas de formigas sobre sua coleção. Para impedir ratos e camundongos, usava “inverted *cuyas* placed half-way down the cords.”⁶³⁸

Esses métodos sugerem o quanto a longa residência de Bates na região influenciou seu trabalho (e seus sentimentos); o quanto as circunstâncias locais impeliram-no a adotar técnicas, materiais e mecanismos de sobrevivência indígenas. Sua prolongada convivência com esses povos o levou a usar expedientes locais quando seu equipamento técnico não atingia bons resultados e a aprender a se integrar aos modos de vida da sociedade ribeirinha. Nesse contexto, a língua supra-étnica⁶³⁹ era instrumento⁶⁴⁰ fundamental para comunicar, negociar objetos de seu interesse e conseguir ajudantes junto às esparsas comunidades humana residentes ao longo dos territórios por onde passou.

Conforme foi frisado acima, tais aspectos não passaram despercebidos de Wallace. Assim como outras estruturas (culturais e materiais) que regiam as dinâmicas sociais dos pontos alcançados pelo naturalista na Amazônia, a língua geral era instrumento indispensável para conseguir comandar seus ajudantes, muitos dos quais tinham origem em distintas nações indígenas:

At last the canoe suddenly moved on, with apparently not so much force as had been before applied to it; but my Indians, being of several nations, did not understand any common language, and it was impossible to get them to act in concert, or obey any leader.⁶⁴¹

A menção de Wallace acerca de sua dificuldade para se entender com remeiros que não sabiam a língua geral esclarece a multiplicidade de dialetos indígenas falados pelas regiões do alto Rio Negro e adjacências (Uaupés e Orinoco) e o quanto as expedições europeias dependiam do uso da língua brasílica e de seus intérpretes nativos. Assim, na subida do rio Uaupés em direção ao Cassiquiare:

When at length our visitors were gone, I commenced arrangements for my voyage further up the country. Senhor L. lent me a canoe, and I

⁶³⁸ Ibidem, p. 252.

⁶³⁹ De acordo com Bessa Freire a língua geral se expandiu durante os séculos XVII e XVIII, em contato, em primeiro lugar, com línguas indígenas tanto da família tupi como de outros troncos linguísticos (aruak, karib, tukano, pano) “faladas por índios que eram incorporados ao sistema colonial através das chamadas aldeias de repartição”; depois, pelo português falado por um número reduzido de europeus – missionários, militares, funcionários, colonos – terceiro lugar, a partir de outras línguas europeias faladas nas regiões de fronteira – espanhol, francês, holandês, inglês; e por último, “ainda que em menor escala, a língua geral conviveu com línguas africanas faladas pelos negros que, a partir do final do século XVII, começaram a ser trazidos para a região como escravos.” Tornando-se, assim, “a língua de contato dos índios das aldeias de repartição, da população mestiça e cabocla e até mesmo de muitos filhos de portugueses e de escravos de origem africana.”, pp. 65-66.

⁶⁴⁰ Como mostra José Ribamar Bessa Freire op. cit. p. 97.

⁶⁴¹ op. cit. p. 244.

had four Indians to go with me, only one of whom, an old man named Augustinho, could speak a little broken Portuguese. I took with me my watch, sextant, and compass, insect- and bird-boxes, gun and ammunition, with salt, beads, fish-hooks, calico, and coarse cotton cloth for the Indians. My men all had their gravatanas and quivers of poisoned arrows, a pair of trousers, shirt, paddle, knife, tinder-box, and *rede*, which comprise the whole assortment of an Indian's baggage.⁶⁴²

O dado supracitado expõe o papel dos experientes guias nativos, pois eles sabiam atravessar determinados trechos de rios localizados na sinuosa geografia da bacia amazônica, além de atuar como intermediadores culturais entre o viajante estrangeiro e os demais indígenas (remeiros, carregadores etc.) que compunham a tripulação de uma canoa. Isto não significa, necessariamente, que Wallace tenha permanecido totalmente alheio a essa língua: o naturalista aprendera alguns termos em seu contato com alguns intérpretes que o auxiliaram; por esta razão, nas ocasiões que não teve acesso a “tradutores”, recorria ao seu próprio “reduzido” vocabulário em língua geral:

“There were several young boys here of from ten to fifteen years of age, who were my constant attendants when I went into the forest. None of them could speak a single word of Portuguese, so I had to make use of my slender stock of *Lingoa Geral*. But Indian boys are not great talkers, and a few monosyllables would generally suffice for our communications. One or two of them had blow-pipes, and shot numbers of small birds for me, while others would creep along by my side and silently point out birds, or small animals, before I could catch sight of them. When I fired, and, as was often the case, the bird flew away wounded, and then fell far off in the forest, they would bound away after it, and seldom search in vain. Even a little humming-bird, falling in a dense thicket of creepers and dead leaves, which I should have given up looking for in despair, was always found by them.”⁶⁴³

Talvez, o resultado mais evidente no trabalho de Wallace sobre sua relação com intérpretes de língua geral e seus diversos ajudantes “monolíngues” seja a organização de uma pequena lista de vocábulos, publicada na primeira edição (1853) de sua narrativa de viagem. Esse trabalho (ver anexo), não publicado em suas posteriores edições, listou 98 palavras grafadas do inglês para língua geral, e ainda suas respectivas traduções para a língua raiz de algumas nações indígenas, a saber: *Juri, tucano, cobéu, tariana, baré, uainambeu, curetu, baniwá, mundurucu, mura, bauúna* entre outras.

⁶⁴² Ibidem, p.159

⁶⁴³ Ibidem, p. 147.

A “babel” de línguas amazônicas se refletia em intrincadas operações culturais observadas pelo viajante. Assim, de Santarém até Barra do Rio Negro os “semicivilizados” falavam indiscriminadamente tanto o português quanto a língua geral. Negociantes que alcançavam o interior, nos lagos e afluentes do Solimões, eram obrigados a se comunicar em língua geral tendo em vista que, nesses pontos, as “[...] Múra and Juri tongues are in common use, with the Lingoa Geral”⁶⁴⁴; do mesmo modo, no rio Negro, até a fronteira com a Venezuela, “[...] the Barré and Baniwa languages are those used among the Indians themselves.”⁶⁴⁵ A força de tais estruturas reverberava também no comportamento de alguns colonos europeus estabelecidos nos dispersos assentamentos humanos ao longo do alto Solimões e Rio Negro. Eles adotaram a língua geral não apenas para negociar com indígenas, mas em seu cotidiano “familiar”, processando, por essa via, uma espécie de colonização às avessas:

The Lingoa Geral is the Tupi, an Indian language found in the country by the Jesuits and modified and extended by them for use among all the tribes included in their missions [...] It is a simple and euphonious language, and is often preferred by Europeans who get thoroughly used to it. **I knew a Frenchman who had been twenty years in the Solimoes, who always conversed with his wife and children in Lingoa Geral, and could speak it with more ease than either French or Portuguese; and, in many cases, I have seen Portuguese settlers whose children were unable to speak any other language.**⁶⁴⁶ [grifos meus]

Tais pontos explicam que a grande extensão da bacia amazônica abrigava distintas fisionomias ecológicas e ambientais e heterogêneas experiências históricas de grupos humanos. As particularidades dessas relações foram mais salientadas pelo naturalista ao longo de sua convivência entre os habitantes do Uaupés, onde o naturalista declarou ter desfrutado de maior familiaridade com seus modos de vida, indicando haver na região “other nations differ from them.”⁶⁴⁷ Essa experiência ainda se traduziu na confecção de um mapa meticulosamente desenhado a mão pelo naturalista e intitulado *Map of the Rio Negro and some of its tributaries* (ver anexo uma cópia reduzida), o qual abrange suas observações pelo Rio Negro e o Rio Uaupés entre 1851 a 1852. O original do mapa foi desenhado e colorido em seu retorno à Inglaterra e, depois,

⁶⁴⁴ Ibidem, p. 333

⁶⁴⁵ Ibidem, p. 333

⁶⁴⁶ Ibidem, p. 334.

⁶⁴⁷ Ibidem, p. 334

apresentado a *Royal Geographycal Society*. Segundo Camerini, o trabalho permaneceu por muitos anos sendo a única representação geográfica europeia feita sobre essa parte da Bacia Amazônica.⁶⁴⁸ O escrito original possui as dimensões 84x130 cm e foi dividido em duas partes: na primeira, foi desenhado o traçado toda a extensão do Rio Negro e seus tributários até sua confluência com o rio Uaupés; na segunda parte, representado na parte posterior, está a representação do curso do rio Uaupés.

O mapa, desenhado com grande habilidade e perfeição, além de evidenciar o talento de desenho cartográfico de Wallace, enumera informações sobre os nomes das diferentes etnias indígenas encontradas na extensão do Rio Negro e distritos onde se processava a exploração da salsaparrilha. Desta forma, sua experiência no campo permite vislumbrar o quanto suas práticas entrelaçavam distintas culturas e o quanto suas interações com agentes e objetos estranhos o transformaram em “criador” de conhecimento, em “homem de ciência”: evidencia-se, assim, com que força sua experiência na região o impactou, além de e ratificar o caráter coletivo de seu trabalho.

É importante reiterar que, antes de o coletor desenhar seu mapa no interior de seu gabinete de trabalho quando voltou à Inglaterra, sua pesquisa no campo não ignorava quaisquer recursos e técnicas indígenas para capturar animais e atravessar rios. Com isso, é possível situar o papel de Wallace como intermediário de um processo de transformação entre dois mundos, conforme explicita Latour: “o da transição entre o mundo das matérias locais e o dos signos móveis e transportáveis para qualquer lugar.”⁶⁴⁹ Por esse motivo, antes de conseguir condensar informações sobre o Rio Negro em uma representação cartográfica, o naturalista precisou percorrer e conectar-se ao mundo indígena. Em outras palavras, o processo de concepção de conhecimento só podia ser constituído por uma série de interações da qual o naturalista não podia abrir mão fosse para obter seres e informações sobre o espaço, ou para conseguir superar obstáculos naturais. No Rio Negro, por exemplo, para sobrepujar pontos da geografia dos rios caracterizados por trechos de cachoeiras, Wallace precisou da ajuda de vários braços indígenas que, com força e agilidade, precipitavam-se contra a forte correnteza para atravessar canoas carregadas de instrumentos, animais e artefatos indígenas. Vencida a etapa de cruzar perigosos trechos encachoeirados a partir de São Gabriel, seu trabalho de campo lançava mão tanto de aparelhos de medição e apetrechos técnicos

⁶⁴⁸ CAMERINI, Jane. **The Alfred Russel Wallace Reader**. London: Hohns Hopkins University Press, 2002, p. 65.

⁶⁴⁹ LATOUR, op. cit. p. 23

(bússola, sextante, caixa de coleta de insetos e aves, armas e munição), quanto de instrumentos de caça e mantimentos indígenas (tubos de sopro, flechas envenenadas, farinha de mandioca e redes de dormir) para conseguir objetos de seu interesse e de instituições de saber europeias (Museus, Jardins Reais, herbários e aviários particulares como visto). Para este fim, caçadores que utilizavam a zarabatana (autor grafou gravatána) indígena foram especialmente requeridos pelo naturalista, já que essa arma, como já salientado, tinha a vantagem de fazer menos danos às aves do que espingardas carregadas de chumbo:

In a few days, Senhor L. got a couple of Indians to come and hunt for me, and I hoped then to have plenty of birds. **They used the gravatana, or blow-pipe, a tube ten to fifteen feet in length, through which they blow small arrows with such force and precision, that they will kill birds or other game as far off, and with as much certainty, as with a gun.** The arrows are all poisoned, so that a very small wound is sufficient to bring down a large bird. I soon found that my Indians had come at Senhor L.'s bidding, but did not much like their task; and they frequently returned without any birds, telling me they could not find any, when I had very good reason to believe they had spent the day at some neighbouring sitio. At other times, after a day in the forest, they would bring a little worthless bird, which can be found around every cottage. As they had to go a great distance in search of good birds, I had no hold upon them, and was obliged to take what they brought me, and be contented. It was a great annoyance here, that there were no good paths in the forest, so that I could not go far myself, and in the immediate vicinity of the village there is little to be obtained.⁶⁵⁰ [grifos meus]

Existem três pontos do trecho acima que gostaria sublinhar. O primeiro deles diz respeito à dependência do naturalista do trabalho de caçadores indígenas experientes. Ao invés de seguir solitariamente, arriscando-se no interior da floresta, ele contratava caçadores “especializados” para realizar a busca por espécies em zonas de mais difícil acesso para ele. Idealmente, os nativos contratados saberiam onde encontrar espécies na mata fechada e como manejar suas armas de modo a não causar danos à pele do animal. No entanto, algumas dessas expectativas foram frustradas, pois nem sempre foi possível contratar trabalhadores dedicados ou estabelecer relações de confiança com os nativos para alcançar suas pretensões de coleta. Assim, como esclarece o segundo ponto da citação acima, embora a dupla de caçadores indígenas dessa passagem tivessem habilidades no uso de tubos de sopro, não se engajaram muito em sua tarefa. Frequentemente, retornavam ao sítio do negociante português João Lima, onde Wallace

⁶⁵⁰ WALLACE, 1889, p. 145.

se hospedara, sem ave alguma ou trazendo seres sem valor. Com isso, pode-se vislumbrar um terceiro aspecto que caracterizou a empreitada de Wallace: seu maior obstáculo não fora nem a mata fechada, nem perigosas feras, mas, sobretudo, sua dificuldade em superar conflitos e a desconfiança dos habitantes do interior.

Por essa razão, Wallace mudou sua abordagem de coleta pelo Rio Negro, centrando-se na realização de uma coleção de espécies para a ictiologia, que, segundo ele, poderia obter com menos dificuldades. Contudo, conforme suas observações, apesar de haver relativa facilidade em obter espécies usando instrumentos ocidentais de pesca (redes e anzóis), o naturalista não abriu mão do uso de alguns métodos comumente usados pelos nativos ao longo do rio Negro para obter peixes. Um deles era a técnica de represar a passagem da água de alguns pontos para depois envenená-la com raízes de timbó. Segue a esta outras armadilhas utilizadas por várias etnias da região, todas artesanalmente constituídas a partir de fibras de palmeiras. O tamanho e formas de manuseio desses dispositivos (que podiam ser fixos ou portáteis) variavam, como exemplifica o *jequi* – ou *haruka* – armadilha em forma cilíndrica e de fundo cônico, como se fosse um funil, feita de palha da palmeira *patauá*, representada no seguinte esboço de Wallace:

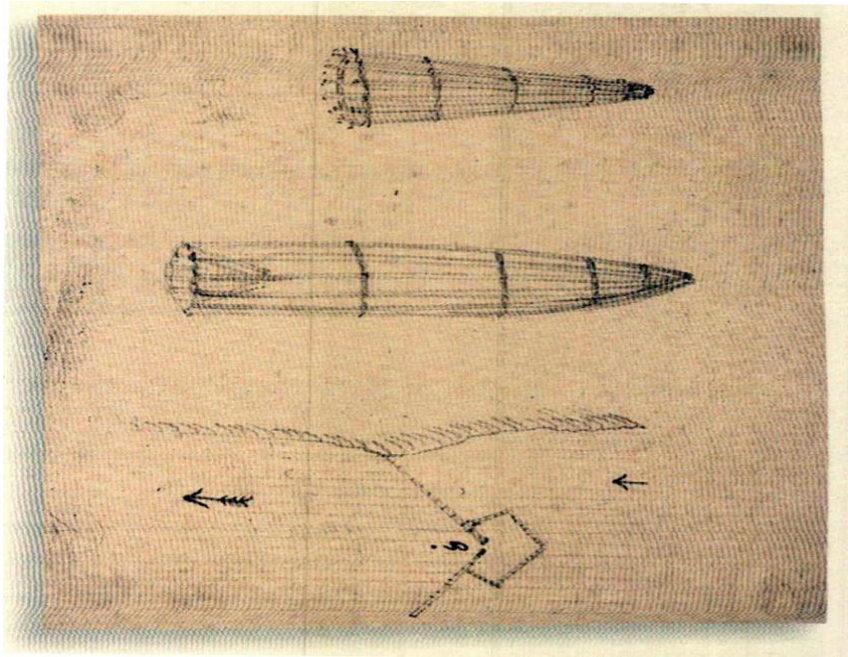


Figura 33. Desenho de Wallace destacando *Jequis* de diferentes tamanhos, sendo o último a representação da técnica indígena em represar a água onde a correnteza é mais forte. Fonte: Sandra Knapp.

Os espécimes maiores capturados por essas vias foram usados para compor uma coleção de desenhos cuidadosamente esboçados, os quais especificavam a variedade, os nomes locais e as características físicas das espécies encontradas, sendo que somente os espécimes menores eram conservados em álcool pelo naturalista. A técnica em questão foi de tal forma assimilada pelo naturalista, que, em uma passagem, a dificuldade de conseguir alimentos foi superada graças às orientações do próprio Wallace ao determinar aos seus ajudantes que partissem em busca de raízes de timbó:

On my return to Pimichin I found that my Indians had had but little success in fishing, three or four small perch being all we could muster for supper. As we had the next day to spare, I sent them early to get some "timbo" to poison the water, and thus obtain some more fish. While they were gone, I amused myself with walking about the village, and taking notes of its peculiarities [...]⁶⁵¹

When my Indians returned with the roots of timbo, we all set to work beating it on the rocks with hard pieces of wood, till we had reduced it to fibres. It was then placed in a small canoe, filled with water and clay, and well mixed and squeezed, till all the juice had come out of it. This being done, it was carried a little way up the stream, and gradually tilted in, and mixed with the water. It soon began to produce its effects: small fish jumped up out of the water, turned and twisted about on the surface, or even lay on their backs and sides. The Indians were in the stream with baskets, hooking out all that came in the way, and diving and swimming after any larger ones that appeared at all affected. In this way, we got in an hour or two a basketful of fish,

⁶⁵¹ WALLACE, 1889, p. 168

mostly small ones, but containing many curious species I had not before met with. Numbers escaped, as we had no weir across the stream; and the next day several were found entangled at the sides, and already putrefying. I now had plenty to do. I selected about half a dozen of the most novel and interesting species to describe and figure, and gave the rest to be cleaned and put in the pot, to provide us a rather better supper than we had had for some days past.⁶⁵²

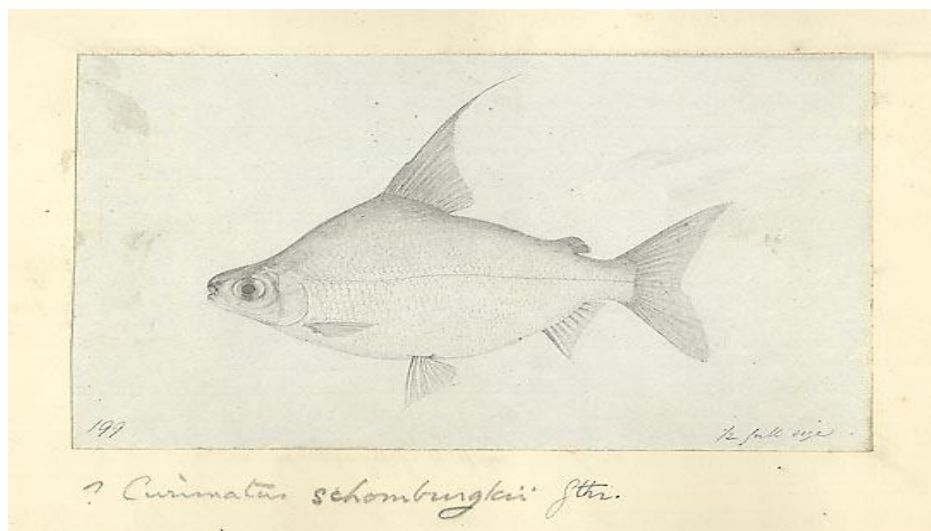


Figura 34. Esboço de Wallace de um espécime (curimatã) de peixe do rio Negro. Fonte: Wallace Letters on line. Disponível em: <http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/index.html>

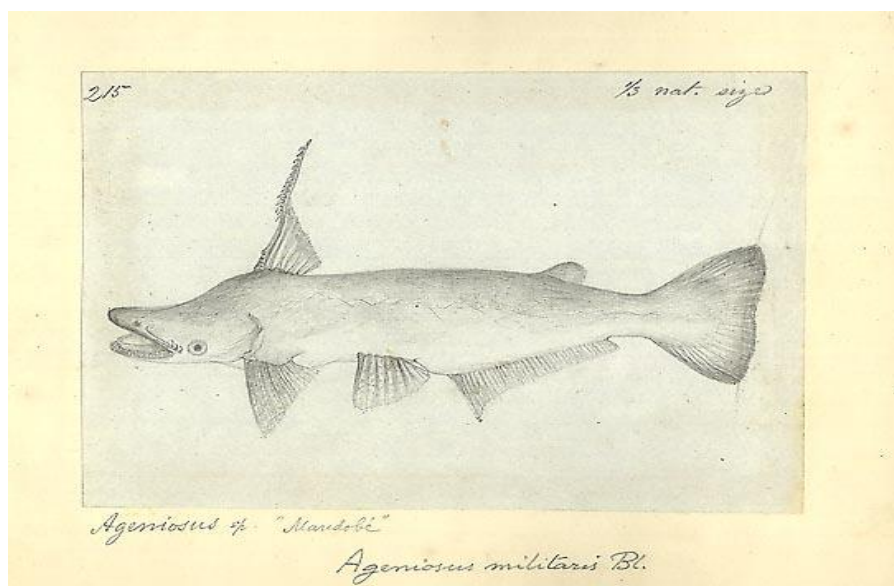


Figura 35 Esboço de Wallace de uma espécime de peixe coletado no rio Negro. Fonte: Wallace Letters on line. Disponível em: <http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/index.html>

A partir desses indícios, as interações eram mais visíveis em localidades onde a colonização portuguesa não tinha conseguido se completar; ou, para citar Hollanda, nos

⁶⁵² Ibidem, p.169

lugares onde eram mais “assíduas a comunicação e a mestiçagem com o gentio”⁶⁵³, ou seja, no interior dos lagos, nas aldeias indígenas e nas pequenas e esparsas propriedades rurais alcançadas pelo naturalista na subida do rio Negro. Como já explicitiei, nos lugares de maior concentração humana, o naturalista pôde contar com a intermediação de seus pares europeus os quais usavam sua autoridade (política e econômica) para recrutar ajudantes para o coletor. Em lugares mais remotos, as relações entre o viajante e os nativos eram dominadas por uma conjuntura mais fluída, muitas vezes caracterizada não pela intervenção direta do agente colonizador, mas por relações de poder intermediadas pelo “principal” (ou tuxaua, chefe tribal) da aldeia, ou por uma lógica social cotidiana pautada por redes de negociações e de reciprocidade.

Com isso, gostaria de resgatar o papel que um regatão de origem lusa, denominado João Lima, teve na experiência de campo de Wallace, já que foi por intermédio desse negociante que Wallace conseguiu se integrar nas estruturas materiais e coletivas do mundo que pretendia explorar.

A influência de Lima sobre a trajetória de Wallace se inicia ainda em Barra do Rio Negro, em 1850, quando o naturalista, por meio do próspero comerciante italiano Henrique Antony, conseguiu uma passagem na canoa daquele. Como já explicitiei, a tarefa de transportar pessoas e mercadorias pelos rios da região cabia a barcos e canoas de diferentes tamanhos, geralmente pertencentes a regatões. Tais embarcações eram movidas à vela, à sirga e a remo.⁶⁵⁴ O Senhor Lima era um desses experientes negociadores de produtos com as populações do rio Negro; e seria esse indivíduo que iria orientar e introduzir Wallace nas estruturas sociais vigentes daquele espaço: Lima concedeu passagem a Wallace na embarcação de sua propriedade, além de ter lhe ensinado a “arte” da negociação e persuasão das populações indígenas:

I found our canoe a tolerably roomy one, it being about thirty-five feet long and seven broad. The after-part had a rough deck, made of palm-stems, covered with a tolda, or semicircular roof, high enough to sit up comfortably within it, and well thatched with palm-leaves [...]the canoe was well loaded with all the articles most desired by the semi-civilised and savage inhabitants of the Upper Rio Negro. There were bales of coarse cotton cloth and of the commonest calico, of flimsy but brilliantly coloured prints, of checked and striped cottons, and of blue or red handkerchiefs. Then there were axes and cutlasses, and coarse pointed knives in great profusion, fish-hooks by thousands, flints and steels, gunpowder, shot, quantities of blue, black, and white

⁶⁵³ HOLLANDA, Caminhos e Fronteiras, op.cit.p. 21

⁶⁵⁴ LOUREIRO, 2007, p. 173-174

beads, and countless little looking-glasses; needles and thread, and buttons and tape were not forgotten ⁶⁵⁵(WALLACE, 1889, p. 133-134).

A canoa do Senhor Lima, carregada de objetos apreciados por aquelas populações, oferece indícios claros de como se davam as relações do indígena oitocentista com outros segmentos sociais na administração imperial: em troca de vestuário, quinquilharias, cachaça e mercadorias diversas, os homens da terra entregavam sua produção artesanal e extrativa a regatões, diretores de índios etc.⁶⁵⁶ Em uma região sobre forte predomínio de estruturas, de formas de pensar e de organizações sociais indígenas, o sistema monetário e a lógica do trabalho de base capitalista do século XIX não havia ainda superado aquelas dinâmicas desenvolvidas durante o processo de conquista lusitana. Por isso, fazia uso dos mesmos mecanismos de negociação do Sr. L. (assim grafado na maior parte da narrativa por Wallace) e outros mercadores que negociavam produtos silvestres com as populações ao longo do interior da bacia do Rio Amazonas. Wallace pôde garantir a cooperação de um grupo de ajudantes nativos, persuadindo-lhes a trocar animais e outros artefatos de interesse do coletor por produtos de baixa qualidade industrial, mas muito requisitados por essa população, tais como: miçangas, instrumentos de metal (facas, machados), panos de algodão (chita), cachaça, entre outros:

By the promise of good payment for every “Gallo” they killed for me, I persuaded almost the whole male population of the village to accompany me. As our path was through a dense forest for ten miles, we could not load ourselves with much baggage: every man had to carry his gravatána, bow and arrows, *rédié*, and some farinha; which, with salt, was all the provisions we took, trusting to the forest for our meat; and I even gave up my daily and only luxury of coffee.⁶⁵⁷

Em lugares onde a colonização portuguesa era mais dominante, outro subterfúgio muito utilizado pelos naturalistas era comprar da população, ou nos mercados locais, criaturas de seu interesse, o que significa que nem sempre o naturalista precisou seguir para lugares de difícil acesso. Wallace afirmou que esse tipo de negociação entre estrangeiros e nativos era uma prática tão recorrente nos arredores de Belém que, quando lhe foi oferecida uma cobra coral por um negro, enfatizou que havia

⁶⁵⁵ WALLACE, pp. 133-134

⁶⁵⁶ LOUREIRO, 2007, p. 53

⁶⁵⁷ Op. cit., p.148

se estabelecido um costume local de cobranças exageradas sobre o valor de criaturas a estrangeiros desavisados:

A jararaca, said to be one of the most deadly serpents in Brazil, was killed by a Negro in our garden. It was small, and not brightly coloured. A fine coral snake was also brought in; it was about a yard long, and beautifully marked with black, red, and yellow bands. Having, perhaps, had some experience of the lavish manner in which foreigners pay for such things, the man had the coolness to ask two mil reis, or 4s. 6d. for it, so he had to throw it away, and got nothing. A penny or two pence is enough to give for such things, which are of no value to the natives; and though they will not search much after them for such a price, yet they will bring you all that come in their way when they know you will purchase them.⁶⁵⁸

Em outra passagem, demonstra ainda a realidade de negociação:

August 3rd. We received a fresh inmate into our verandah in the person of a fine young boa constrictor. A man who had caught it in the forest left it for our inspection. It was tightly tied round the neck to a good-sized stick, which hindered the freedom of its movements, and appeared nearly to stop respiration. It was about ten feet long, and very large, being as thick as a man's thigh. Here it lay writhing about for two or three days, dragging its clog along with it, sometimes stretching its mouth open with a most suspicious yawn, and twisting up the end of its tail into a very tight curl. At length we agreed with the man to purchase it for two mil reis (4s. 6d.), and having fitted up a box with bars at the top, got the seller to put it into the cage. It immediately began making up for lost time by breathing most violently, the expirations sounding like high-pressure steam escaping from a Great Western locomotive. This it continued for some hours, making about four and a half inspirations per minute, and then settled down into silence, which it afterwards maintained, unless when disturbed or irritated.⁶⁵⁹

Os indícios sobre a existência de um comércio de animais envolvendo nativos e viajantes no século XIX também foram observados por outros estrangeiros, cujas descrições apontam que os pontos de negociação eram realizados principalmente nos principais pontos de colonização do extremo norte: Belém, Cametá, Santarém e Barra do Rio Negro. Trata-se de um fenômeno atestado pelo viajante americano Edwards quando esteve em Barra do Rio Negro, em 1846:

“Mr. B. informed us that in the highlands between the two rivers the Gallo de Serra, or cock of the rock, was abundant and frequently seen domesticated. This bird is the size of a large dove and wholly of a deep orange colour. Upon its head is a vertical crest of the same. The Indians shoot the cocks of the rock with poisoned arrows, and,

⁶⁵⁸ Ibidem, pp. 25-26

⁶⁵⁹ Ibidem, p. 33

stripping off the skins, sell them to travellers or traders, who purchase them for feather-work. We obtained a number of them at Barra, and, had we arrived a short time sooner, could have seen a living specimen which was in the garden of Senhor Henriquez.”⁶⁶⁰

Nesse trecho, o norte-americano enfatizou aos seus leitores sobre as facilidades em obter a raridade da ave Galo da Serra, uma vez que demandava poucos recursos, riscos e esforço físico para o coletor. Segundo o autor, o qual inspirou a empreitada de Wallace, informações obtidas em Barra do Rio Negro davam conta da existência de abundantes espécies dessa ave, e de que as mesmas eram vistas frequentemente domesticadas pela população do rio Negro. Além disso, ele destacou haver, na região, grupos de caçadores especializados na captura da espécie, os quais faziam uso de seus próprios instrumentos (flechas envenenadas) para abater a ave e sabiam preparar a pele do animal destinando-a tanto para comerciantes quanto para viajantes. Embora a profusão de galos da serra, bem como as facilidades de obter exemplares, fosse contestada por Wallace em sua chegada em Barra e em suas posteriores excursões pelo rio Negro (entre 1850-1852), o roteiro de viagem do naturalista britânico demonstra o quanto ele perseguiu as pistas encaminhadas por Edwards em seus escritos de viagem. Não obstante os exageros sobre a profusão de seres, outros testemunhos de viajantes ao longo do século XIX reafirmam que muitos espécimes amazônicos enviados para a Europa foram conseguidos por meio de negociações com nativos e/ou comerciantes locais. Houve também a instauração de práticas permanentes de mercadejar seres vivos com estrangeiros na região. De tal forma que, em 1876, mais de vinte anos após a empreitada de Wallace, o viajante Herbert Smith diz ter frequentado uma casa especializada na venda de animais em Belém, que é representada no seguinte desenho abaixo:

⁶⁶⁰ EDWARDS, William H. **A Voyage up the River Amazon**. London: John Murray, 1847, p. 141.



Figura 36. Desenho de uma loja de animais localizada em Belém segundo Smith. ⁶⁶¹

Na loja, localizada próxima a uma “velha e suja” casa de vinho em Belém do Pará segundo Smith, era possível observar um estoque de vários animais vivos, tais como: “monkeys and wild hogs and boa-constrictors and electric eels.”⁶⁶² No entanto, apesar desse fato sugerir o franco desenvolvimento de tais práticas comerciais em Belém no segundo quartel do século XIX; na primeira metade desse período, Wallace declara ter encontrado empecilhos para comprar animais vivos por bom preço e conseguir enviá-los em segurança para Londres, sobretudo em localidades a muitas milhas da capital. Sobre esse aspecto, escreveu para seu agente de vendas em 1850:

“Barra de Rio Negro (1000 miles above Pará), March 20, 1850[...] With regard to living animals, &c., it is quite impossible to send them from here. At Pará they can only be bought at such high prices as not to make it worth the risk. The captains too require half the price for the passage. I had intended, if I could have been now on my voyage up the Rio Negro, to have returned about next Christmas, getting all the live animals I could on the way and coming home myself with them, calculating that I could get sufficient to pay all expenses to England and back; but I do not think now that I shall do so, as I shall probably not be able to start for the frontiers till June or July, and it is nearly a two months’ voyage. If therefore sufficient funds arrive by that time, I shall probably stay up in the neighbourhood of the Cassiquiare a year, and then on returning to Barra see about a journey

⁶⁶¹ SMITH, Herbert H. **Brazil: the Amazons and the Coast**. New York: Scribner’s, 1879, p. 56

⁶⁶² *Ibidem*, p. 56

up towards the Andes. I am anxiously waiting also to know about the fish and reptiles, as I do not want to get more if they do not pay.⁶⁶³

A carta endereçada para Samuel Stevens pouco antes de sua primeira excursão ao Rio Negro esclarece o quanto suas peregrinações foram previamente determinadas. Conforme pontuou, com o lucro de sua pequena coleção que realizara até aquele período, o naturalista pretendia pagar suas despesas para subir até a parte mais extrema do Rio Negro, o Cassiquiare, cujo curso ligava o Brasil à Venezuela. Suas coleções efetuadas a partir desse último trecho financiaria seu plano audacioso de subir os Andes. Somente na etapa final de sua viagem realizaria uma coleção de animais vivos (sobretudo aves e mamíferos) para atender às solicitações de seu correspondente, que, possivelmente, demandava mais esforços nesse sentido. O planejamento foi justificado em virtude dos custos altos de traslado, já que “The captains too require half the price for the passage”; além disso, não tinha garantias sobre a integridade dos animais e, portanto, temia enviar peças vivas sem a sua supervisão. Por último, esperava realizar uma coleção de peixes e répteis durante o trajeto, mas, para que conseguisse, precisava saber qual o interesse comercial em relação a essas espécies, pois, sem alguma demanda, não poderia fazê-lo.

Os dois últimos anos de Wallace passados na região amazônica consistiram em duas explorações pelo Rio Negro. No primeiro trajeto, seguiu além da fronteira brasileira, atravessando uma picada aberta na floresta onde alcançou uma pequena povoação nas margens de um dos afluentes do rio Orenoco. Voltando deste trecho, visitou uma aldeia situada em um pequeno braço do Rio Negro, Nossa Senhora da Guia, onde havia uma montanha rochosa isolada, *habitat* do Galo da Serra.

⁶⁶³ WALLACE, Alfred R. Letter to Samuel Stevens. In: Samuel Stevens. Journey to explore the natural history of the Amazon River. **The Annals and Magazine of Natural History including Zoology, Botany and Geology**, Series 2, 6, pp. 494-495.

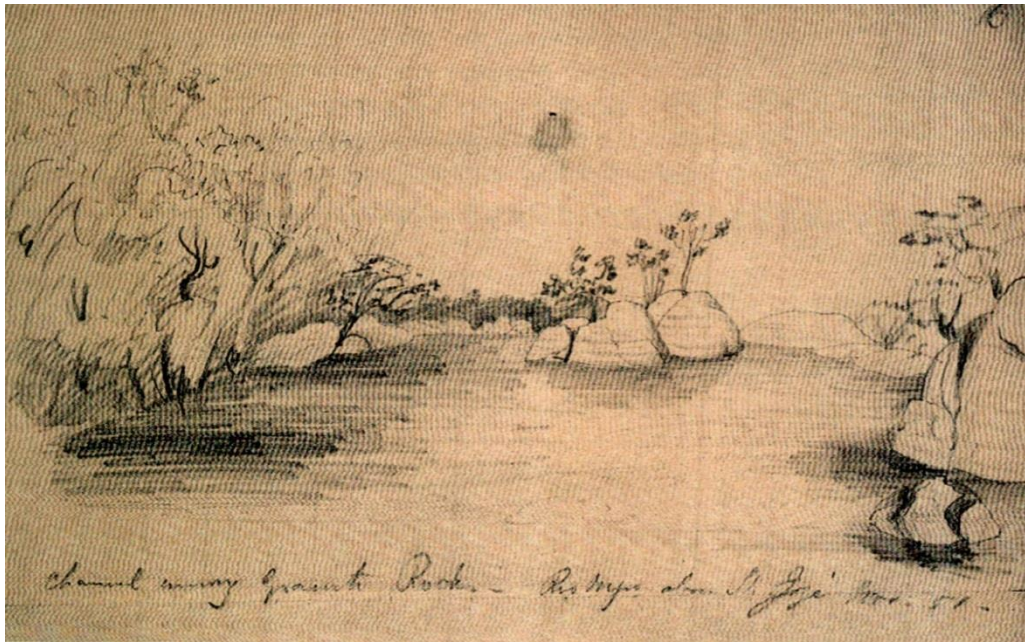


Figura 37. Desenho de autoria de Wallace. Na inscrição do desenho acima escreveu a localização da paisagem esboçada: canal entre graníticas rochas, Rio Negro, acima de São de José, 1851.

Devo ressaltar ainda que, em sua busca por espécies de Galo da Serra, Wallace não visou (ou avistou) nenhuma exemplar fêmea da ave, pois sua penugem de tom marrom opaco não despertaria qualquer interesse externo. Devido ao trabalho de coletor independente, sua atenção estava dirigida para espécies com alguma promessa de lucro financeiro, sendo somente os machos daquela ave a possuir uma plumagem com qualidades estéticas valorizadas no mercado de história natural londrino. Por este motivo, as cores intensas de seu primeiro exemplar de Galo da Serra foram destacadas em sua descrição do animal: “In a few minutes, however, it was brought to me, and I was lost in admiration of the dazzling brilliancy of its soft downy feathers.”⁶⁶⁴ Para que o leitor compreenda a admiração do naturalista em relação à penugem colorida da ave, saliento, resumidamente, as suas mais evidentes características físicas: a penugem que recobre a maior parte do corpo do animal é de cor laranja muito viva, brilhante-fosforescente, sendo suas asas de cor preta, de formato longo e de textura sedosa; além disso, a maior peculiaridade do animal é a constituição de sua crista, que possui o formato de uma meia lua achatada nas laterais, estendendo-se do topo da cabeça até o bico do animal. Outra característica é quanto ao seu *habitat* natural restringir-se a lugares de relevo rochoso e em pontos elevados ou montanhosos. Esta última rendeu-lhe sua primeira denominação na história natural, *Rupicola*, que em latim significa rupestre. O nome classificatório visou evidenciar sua ocorrência limitada a lugares onde

⁶⁶⁴ Wallace, 1889, p. 152

predominam formações geológicas graníticas, como observou o próprio Wallace na seguinte passagem:

The cock of the rock, *Rupicola crocea*, is, on the other hand, an example of a bird having its range defined by a geological formation, and by the physical character of the country. Its range extends in a curving line along the centre of the mountainous district of Guiana, across the sources of the Rio Negro and Orinoko, towards the Andes ; it is thus entirely comprised in the granite formation, and in that part of it where there are numerous peaks and rocks, in which the birds make their nests. Whether it actually reaches the Andes, or occurs in the same district with the allied *R. Peruviana*, is not known, but personal information obtained in the districts it inhabits, shows that it is confined to the narrow tract I have mentioned, between 1° south and 6° north latitude, and from the mountains of Cayenne to the Andes, south of Bogota.⁶⁶⁵

De acordo com tais apontamentos, o sobredito espécime era um exemplo da relação entre distribuição de seres e as características físicas de um local. Assim, espécies de Galo-da-Serra só eram encontradas na extensão montanhosa das Guianas até as cabeceiras dos rios Negro e Orinoco e em direção as grandes altitudes andinas. Nestes termos, pode-se vislumbrar que, além de conseguir “fatos” para historia natural, Wallace buscava mapear as zonas de distribuição geográfica dos seres.



Figura 38. Representação desenhada enquanto de sua passagem pelo rio Curicuriari, tributário do rio Negro, na qual esboçou a serra de mesmo nome, em 1851, em sua primeira excursão em companhia do negociante português, João Lima. Este desenho possivelmente foi esboçado pouco antes de chegar a aldeia de São Gabriel da Cachoeira, fronteira com a Venezuela.

⁶⁶⁵ WALLACE, 1889, p. 330.

O resultado de sua pesquisa sobre espécies de Galos-da-Serra fora derivado de sua experiência em atravessar zonas de difícil acesso, distantes de assentamentos humanos, acima de São Gabriel da Cachoeira na fronteira com a Venezuela, denominado em sua narrativa de viagem de Serra do Cobáti. Essa excursão foi organizada, como acima citado, quando o coletor conseguiu persuadir um grupo de cerca doze homens – que, segundo ele, era quase a totalidade da aldeia indígena do pequeno povoado de Nossa Senhora da Guia – em troca de “bom pagamento” por cada espécie abatida. O evento de perseguição dessa espécie refutou as descrições de Edwards, já supracitadas, sobre facilidades para obter a ave, e deixou claro o quanto esse coletor, diferente de outros viajantes, possuía uma percepção complexa do mundo natural e também das comunidades indígenas com que interagiu. Sua experiência pelo Alto Rio Negro, sobretudo, no evento de exploração à Serra do Cobati, em busca daquela espécie rara, impeliu o viajante a interagir com os mesmos artifícios usados pelos indígenas para sua sobrevivência. Uma das razões era o fato de que a região de concentração da ave estava situada em uma área caracterizada por um terreno acidentado, vegetação rasteira, gigantescos blocos de pedra e intermináveis subidas e abismos. Em sua busca, era preciso contar com guias experimentados, pois não havia trilhas e caminhos cultivados para que pudesse seguir sem grandes esforços físicos e nem hospedeiros que lhe garantissem sua confortável apreciação da natureza. Além disso, antes de partir para tal empreendimento, sua primeira lição aprendida com os nativos foi que, a fim de percorrer longas distâncias a ser vencidas a pé, era preciso ter comportamento mais frugal possível:

As our path was through a dense forest for ten miles, we could not load ourselves with much baggage: every man had to carry his gravatana, bow and arrows, rede, and some farinha; which, with salt, was all the provisions we took, trusting to the forest for our meat; and I even gave up my daily and only luxury of coffee.⁶⁶⁶

O evento salienta o quanto, no campo, o coletor era inevitavelmente confrontado com situações que o levavam a ajustar suas condutas às circunstâncias locais e a interagir com diferentes grupos humanos. Com isso, pode-se afirmar que Wallace, bem como outros viajantes estrangeiros, não se deslocou, caçou ou trabalhou no campo de

⁶⁶⁶ Ibidem, p. 148

forma isolada, distanciando-se das determinações do ambiente natural e da realidade sociocultural em zonas de contato. Sobre esse aspecto, as cenas que narram suas refeições nos acampamentos de campo são significativas, pois, ao contrário de outras cenas de contato as quais enfatizaram a ausência de interação, o naturalista e seus ajudantes, além de compartilharem o alimento caçado e preparado por aqueles, buscaram a compreensão mútua sobre seus distintos mundos:

On reaching the cave I immediately skinned my prize before it was dark, and we then got our supper. No more “gallos” were brought in that day. The fires were made up, the pork put to smoke over them, and around me were thirteen naked Indians, talking in unknown tongues. Two only could speak a little Portuguese, and with them I conversed, answering their various questions about where iron came from, and how calico was made, and if paper grew in my country, and if we had much mandioca and plantains; and they were greatly astonished to hear that all were white men there, and could not imagine how white men could work, or how there could be a country without forest. They would ask strange questions about where the wind came from, and the rain, and how the sun and moon got back to their places again after disappearing from us; and when I had tried to satisfy them on these points, they would tell me forest tales of jaguars and pumas, and of the fierce wild hogs, and of the dreadful curupuri, the demon of the woods, and of the wild man with a long tail, found far in the centre of the forest. They told me also a curious tale about the tapir, which, however, others have assured me is not true.

Como esclarecido, Wallace era o único homem “branco” entre a roda de treze homens nus ao redor da fogueira do acampamento. Os caçadores se comunicavam em uma língua desconhecida para o viajante, sendo somente dois deles falantes da língua lusa. Foi com estes últimos que Wallace travou a peculiar conversa, governada por uma curiosidade recíproca e pela troca de visões distintas de mundo. Assim, se, em um dado momento, o viajante tentava responder às perguntas nativas sobre seu mundo, em outro, dois indígenas “bilíngues” contavam histórias e ensinamentos sobre seu mundo. Nesse contexto, o viajante, longe de enfatizar a superioridade do pensamento europeu sobre as supersticiosas imaginações indígenas, ouviu as histórias com o mesmo interesse que lhe fora reservado por aqueles. A atitude respeitosa do viajante delegou-lhe uma visão mais simpática em relação aos homens da terra e apaziguou a desconfiança de seus ajudantes. Com isso, gostaria de defender aqui que, para além de instrumentos e cooperação técnica, relações de confiança eram também elementos primordiais na atividade de campo. Impelido a percorrer alguns distritos de densa floresta sem contar com a companhia de qualquer indivíduo de origem europeia, a única maneira de levar seu

plano adiante era conseguir atravessar a cultura do Outro, conquistando-lhe a confiança, estreitando relações.

Sobre os resultados práticos dessa excursão, o naturalista salienta que foram apanhados cerca 12 galos da serra e mais algumas dezenas de outras aves: “The next day we returned home to the little village. With twelve hunters, nine days in the forest, I had obtained twelve gallos, two of which I had shot myself; I had, besides, two fine trogons, several little blue-capped manakins, and some curious barbets, and ant-thrushes”.⁶⁶⁷ Em nove dias, suas investidas e a de 12 caçadores renderam-lhe uma quantidade de seres menor do que esperava. Embora Wallace tenha lamentado esses resultados, eles revelam que suas práticas demandavam uma subtração de considerável número espécies do ambiente. Para além de questões relativas a possíveis impactos ambientais que essas práticas deixavam em seu lastro, deve-se levar em conta o fato de que suas atividades estavam de acordo com uma lógica que considerava a região fonte inesgotável de recursos. Além disso, as espécies abatidas não eram vistas como troféus de caça, mas de “fatos” para a história natural, os quais ajudariam a explicitar o dilema sobre a “origem” da vida. À vista disso, era preciso perseguir seres cujos hábitos em grupo e constituição anatômica ainda eram desconhecidos ou pouco se sabia sobre eles. Na Europa oitocentista, por exemplo, havia apenas pequenas coleções em história natural de Galos-da-Serra e muito pouco se conhecia sobre essas aves.

De acordo com Sandra Knapp, a primeira descrição sobre a dança de acasalamento da ave em questão (também observada por Wallace nessa excursão) deve-se ao explorador britânico Robert Shomburgk, possivelmente durante suas pesquisas na Guiana Inglesa para a coroa britânica.⁶⁶⁸ No entanto, a explicação mais detalhada sobre tal comportamento seria redigida somente a partir da década de 1960. Para Kanapp, o grande lapso de tempo para explicar hábitos e *habitat* de espécimes coletados também pode ser justificado pelas atitudes de alguns coletores que, na ânsia de coletar fatos para história natural, eram tão empenhados em seu trabalho de captura que “atiravam primeiro e perguntavam depois”.⁶⁶⁹ Contudo, o estilo inquiridor de Wallace o diferenciava da mentalidade de alguns de seus pares exploradores, pois, embora precisasse adquirir peças para seu próprio financiamento, ele foi um dos poucos

⁶⁶⁷ WALLACE, 1889, p. 156.

⁶⁶⁸ KANAPP, Sandra. **Footsteps in the Forest: Alfred Russel Wallace**. London: The Natural History Museum, 1999, p. 48

⁶⁶⁹ *Ibidem*, p. 48

coletores em zonas de contato que buscou observar o comportamento dos animais e teorizar sobre suas interações com o ambiente.

Depois da demanda em busca de Galos-da-Serra, o coletor subiu em direção ao Uaupés, até atingir sua segunda cachoeira em Jauarité. Deste ponto, voltou com suas coleções até Barra, determinando-se a seguir por um trajeto mais longínquo do Uaupés, a fim de coletar, se possível, *Umbrela Bird* ou gavião de penacho, cuja existência fora informada por caçadores. Seu objetivo no último roteiro era seguir até os Andes e lá encontrar uma coleção maior de seres e mais valiosa. Porém, após cumprida a viagem até Uaupés seu plano de ir aos Andes foi interrompido. Uma série de eventos tanto de ordem estruturais (atrasos, dificuldade com ajudantes, estação chuvosa), quanto pessoais (notícias sobre o agravamento das condições de saúde de seu irmão em Belém e sua enfermidade com a malária) levou-o a desistir de seu intento. Nesse sentido, apesar das duas últimas jornadas pelo Rio Negro, Uaupés e distritos do Orinoco tivessem lhe rendido uma miscelânea de coleções (principalmente de artigos de artesanato indígenas), o arsenal de objetos coletados nessa região não era de modo algum comparável ao que realizara no Pará. Esta realidade foi constatada pelo naturalista nos meses finais de seu empreendimento no Rio Negro. Em carta para seu agente escreveu:

“I have now been here [Guia] three months but have not been very successful in my collections. However I have not been idle and send a small box to Mr Stevens containing one which he will forward to you & which I will say more about by and bye. 1 [[2]] I have been spending a month with some Indians 3 days journey up a narrow stream -- From there we went ½ a days journey through the forest to a " serra " or rocky mountain where the celebrated Gallos de Serra breed. But we were there very unfortunate for though I had with me 10 hunters & we remained nine days at the Serra suffering many inconveniences, (having only taken farinha and salt with us) I only got a dozen Gallos whereas I had expected in less time to have arranged fifty. Insects there were none at all & other good birds excessively rare -- My canoe is now getting ready for a further journey up to near the Sources of the Rio Negro in Venezuela where I have reason to believe I shall find Insects more plentiful and at least as many birds as here -- On my return from there, I shall take a voyage up the great River Vaupes or another up the Isanna, not so much for my collections which I do not expect to be very profitable there, but because I am so much interested in the country & the people that I am determined to see & know more of it and them than any other European traveller -- If I do not get profit I hope at least to get some credit as an industrious and persevering traveler.”

Em sua autobiografia, o naturalista justificou os pífios resultados de sua coleção no Rio Negro: a pobreza de insetos e aves encontrada em Barra e em outros distritos nos

inúmeros lugares que visitou além das inúmeras dificuldades e atrasos que obstaculizaram de tal forma sua viagem, que era quase impossível estar no lugar certo na estação adequada para colheita de determinados gêneros de seres, pois a chegada da estação chuvosa ocasionava a perda de dois a três meses de trabalho de forma irreparável. Somada a essas condições, a escassez da população local, a ausência de áreas cultivadas e estradas para o interior da floresta e de guias com experiência de acompanhar outros coletores resumem os fatores que, segundo o próprio naturalista, explicitam o porquê de sua experiência ter sido “relativamente” improdutiva. Para completar esse quadro desolador, as formalidades da Alfandega em Barra impediram o despacho de uma grande remessa de peças feita em sua primeira subida no Rio Negro, determinando, assim, que o conjunto das coleções produzidas nas suas duas últimas viagens fosse embarcado com ele no navio de retorno que soçobrou em alto-mar.

4.3. ROTEIRO PARA O RIO NEGRO: ELOS HUMANOS E TRABALHO DE CAMPO.

“A Description of Santarem.
“I stand within a city,
A city strangely small;
’Tis not at all like Liverpool,
Like London, not at all.
The blue waves of the Tapajoz
Are rippling at its feet,[...]”⁶⁷⁰

O trecho do poema acima foi escrito pelo britânico Herbert Edward Wallace em 1849, durante sua permanência de três meses em Santarém. Ao longo dos versos de “A Description of Santarem”, o autor retratou elementos que ressaltavam o exotismo tropical de um lugar que, para ele, era estranho: não era Liverpool, nem Londres. Embora essa percepção possa ser entendida como derivada de um estilo (literário, narrativo, imagético, discursivo) europeu, que buscou enfatizar a oposição entre os “trópicos” e o mundo temperado do hemisfério norte; Herbert Wallace, que havia chegado da Inglaterra em julho daquele ano especialmente para trabalhar como assistente das excursões de coleta de espécies de seu irmão mais velho, Alfred Wallace, expressou sentimentos que eram de um jovem europeu de 21 anos que apreciava, pela primeira vez, um mundo distante sua terra natal. Por isso, seus versos buscaram enfatizar a exuberante natureza e a multiplicidade de formas humanas que encontrou:

⁶⁷⁰ WALLACE, 1905, p.279.

“The grinning, white-toothed negroes[...].”With skins of every dye, Some black, some brown, some lighter, Some white as you or I.”⁶⁷¹ Todavia, em sua curta permanência no lugar, o viajante produziu versos, ajudou seu irmão em suas coleções e experimentou a convivência com um grupo de pessoas também da Europa que se estabelecera ou se encontrara naquele espaço no mesmo período.

O resultado das interações dos irmãos Wallace em Santarém foi ainda ressaltado por Alfred Wallace no seguinte trecho de sua autobiografia: “We greatly enjoyed our short residence at Santarem, both on account of the delightful climate, the abundance of good milk, which we could get nowhere else after leaving Para, and for the pleasant friends we met there.”⁶⁷² Para o coletor, a estadia na cidade foi apreciada por ambos por vários motivos, como o clima agradável, a abundância de leite e, principalmente, porque haviam desfrutado da companhia agradável de amigos que encontraram naquele espaço. Trata-se de aspecto salientado por Herbert em um poema no qual, segundo seu irmão, sintetiza o sentimento de ambos no momento da despedida do lugar:

“Farewell to Santarem.”
“My skiff is waiting on the shore,
And on the wave is my canoe;
Ye citizens of Santarem,
To each and all, adieu!
The hour has come to bid, with grief,
Adieu to milk and tender beef.
“Adieu, the fort upon the hill,
And yon cathedral’s domes,
Like guardian giants gazing down
Upon thy lowly homes;
Ye naked children, all adieu,
And thou strange pig with skin of blue
Farewell, the forest’s deep recess,
Where Sol can never come;
Farewell, the campo’s sandy plain,
The lizards in the sun.
To water-melons cool, adieu;
And farewell, old black cook, to you.
“Adieu, thy shores, broad Tapajoz,
Within thy heaven-dyed wave,
At noonday’s silent, sultry hour
I’ve joy’d to plunge and lave.
Adieu! to-morrow’s noonday sun,
I’ll bathe in yellow Amazon.”⁶⁷³

⁶⁷¹ Ibidem, p. 280

⁶⁷² Ibidem, p.279.

⁶⁷³ Ibidem, pp, 280-281.

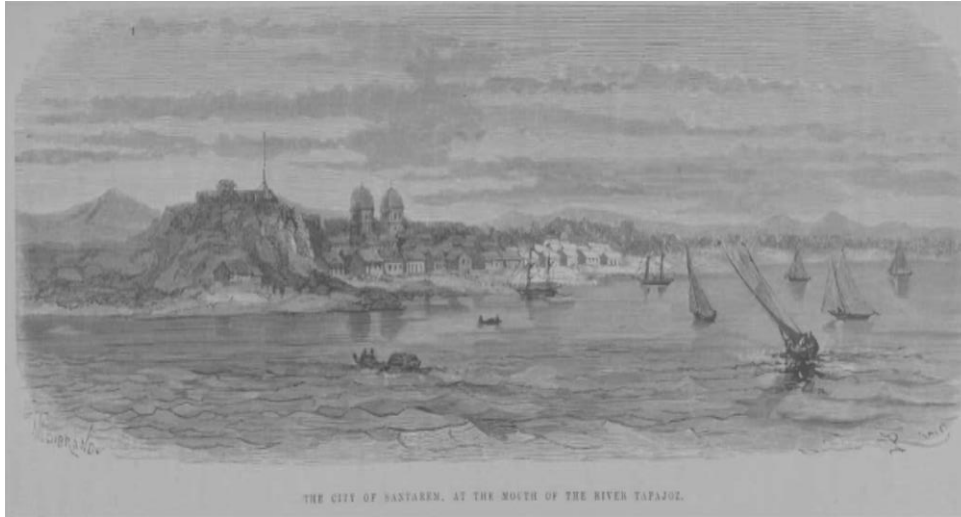


Figura 39 Cidade de Santarém segundo a ilustração da obra de Paul Marcoy em sua passagem pela localidade em de 1847

Entre as amizades constituídas no período, Wallace destacou: um escocês denominado capitão Hislop, com quem pôde contar para ampliar sua rede de conexões com o propósito de conseguir ajudantes, hospedagem, canoas e mantimentos; e a do coletor britânico Richard Spruce, o qual aportara em Belém no mesmo navio que trouxera Herbert, acompanhado de um aluno e assistente em botânica, Robert King. Foi nesse espaço que Wallace e Spruce, além de coletar, preparar e enviar coleções para Inglaterra, puderam apreciar a convivência com alguns negociantes europeus estabelecidos no lugar (entre os quais três britânicos, Hislop, Jeffries e Golding) e usufruir da vida ribeirinha, com direito a conversas entre amigos, agradáveis passeios e banhos nas águas azuis do rio Tapajós.



Figura 40. Colina próxima ao Forte em Santarém. Desenho de autoria de Spruce. Possivelmente a vista a partir da colina onde ficava a residência do Capitão Hislop, hospedeiro dos viajantes. Fonte: Spruce, 1908.

Embora Herbert tenha conhecido Spruce e King durante a travessia de 28 dias do navio inglês que o transportou até o porto paraense, foi em Santarém que os irmãos Wallace e aqueles fortaleceram elos de amizade, de confiança e de mútua admiração pessoal. A empatia entre Spruce e Wallace foi de tal importância, que este último retratou seu amigo recém-chegado como um “bem educado homem”, um “ardente botânico”, alguém com superior inteligência e que possuía uma agradável maneira de ser.⁶⁷⁴ Do mesmo modo, Spruce descreveu seu encontro com Wallace nos seguintes termos: “At Santarem I had the pleasure of meeting Mr. A. R. Wallace, of becoming acquainted with the paths across the campo under his guidance, and of his animated and thoughtful conversation in the evening.”⁶⁷⁵ Conforme Spruce, em Santarém ele havia conhecido e desfrutado da companhia de Wallace, com quem partilhou sua primeira familiarização nos caminhos do campo e com quem conversava e refletia quando se encerrava um duro dia de trabalho.

⁶⁷⁴ Ibidem, p. 276

⁶⁷⁵ SPRUCE, 1908, p. 72

Esses eventos revelam uma dimensão ainda pouco apreciada na história social das ciências: a importância de elos humanos para a conformação do trabalho de campo de naturalistas. Esse pressuposto foi enfatizado por Jane Camerini em artigo recente sobre a trajetória de Wallace no Arquipélago Malaio (atual Indonésia, Malásia e Nova Guiné). A autora busca evidenciar que o trabalho científico, bem como a constituição de carreiras, só se torna possível por meio de um processo “inextricável de interações”.⁶⁷⁶ Por essa razão, para além de lucros financeiros, instrumentos, glórias acadêmicas, insetos, aves e espécies botânicas raras, a trajetória de Wallace demonstra a importância que relações de confiança desempenharam na composição de seu trabalho de campo. Partindo desse pressuposto, examinarei, neste item, alguns de seus relacionamentos constituídos a partir da segunda etapa do empreendimento na região amazônica que compreendeu o roteiro de subida do rio Amazonas e Rio Negro.

Os viajantes oitocentistas que seguiram pelo rio Amazonas e pelo seu mais extenso afluente da margem esquerda, o Negro, encontravam pela frente apenas algumas vilas e povoações, as quais variavam em importância político-administrativa e em número de habitantes. Esses aglomerados humanos, segundo informa José Ribamar Bessa, vistos de uma perspectiva “moderna [...] não passavam de pequenas aldeias semi-urbanizadas, onde eram poucos os moradores que se dedicavam a atividades comerciais, administrativas, políticas, militares, artesanais, religiosas, típicas do mundo urbano.”⁶⁷⁷ Grande parte da população desses lugares, por conta das atividades de extrativismo, pesca e agricultura, era obrigada a constituir uma vida itinerante, migrando para outros pontos da geografia do Amazonas durante muitos meses. No entanto, apesar desses núcleos de povoamento não comporem “concentrações humanas densas e estáveis”, era nesses lugares que o viajante podia encontrar instituições tais como: “igreja, escola, botica, às vezes um pequeno hospital, taberna, mercearia, mercadinho, loja de secos e molhados, polícia, quartel, corpo de trabalhadores – e [...] serviços mesmo que precários.”⁶⁷⁸ Em uma região de baixíssima concentração humana, esses núcleos exerciam o papel de polo de atração para a população ribeirinha, que para lá seguia com o intuito de trocar seus produtos extrativistas por determinados produtos industrializados, ou até mesmo por conta de festejos religiosos. Também eram nesses lugares que remeiros podiam ser contratados, o que revela o quanto vilas e povoações

⁶⁷⁶ CAMERINI, Jane. Wallace in the Field. *Osiris*...p.45

⁶⁷⁷ FREIRE, Ribamar Bessa. *Rio Babel: A história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p.210.

⁶⁷⁸ *Ibidem*, p. 211.

“desempenharam funções essenciais, como pontos focais de uma rede que articulava a economia rural extrativista, de cunho artesanal, através do sistema de comércio regional.”⁶⁷⁹ Nesse contexto, quanto mais o viajante se afastava da capital do Grão-Pará, Belém, maior os infortúnios estruturais de sua viagem, seja em relação às dificuldades de travessia da grande extensão do Amazonas (que contava apenas com a força humana para mover canoas a remo), seja para suprir suas necessidades por produtos europeus (trigo, vinho, café, açúcar, queijo etc.) em sua dieta diária. Para melhor compreensão dessas dinâmicas segue um critério geográfico proposto pelo estudo de Bessa Freire, o qual pontua a seguinte divisão sistemática dessa região:

“o baixo Amazonas, cujas vilas e povoações mantinham relações permanentes e sistemáticas com Belém; o alto Amazonas, incluindo aqui os rios Solimões e Negro, cujas vilas tinham relações esporádicas com a capital; e, finalmente, o sertão, situado nos territórios dos afluentes mais afastados, cabeceiras de rios e interior dos lagos, cujas povoações e sítios não diferiam muito de uma aldeia indígena e permaneciam isoladas, recebendo visitas esparsas de um ou outro comerciante ou funcionário governamental.”⁶⁸⁰

Assim, apesar da divisão salientar que o panorama avistado por Wallace e seu irmão Herbert no interior da bacia amazônica era de isolamento e de solidão, o primeiro ponto de parada de ambos – o lugar que não era “Liverpool nem Londres” – era a vila de maior importância econômica da região do baixo Amazonas, pois era a sede administrativa da Comarca do Baixo Amazonas.⁶⁸¹ Essa especificidade garantiu aos viajantes algum conforto físico e estrutural – hospedagem, serviços, alguns gêneros alimentícios europeus, ajudantes, transporte. Além disso, tratava-se de um espaço que forneceu ambiente propício para interação do viajante com outros europeus ali empenhados em explorar tanto recursos naturais quanto humanos do interior da região. Este era o caso de um escocês denominado “Capitain Hislop”, ator social salientado nas narrativas de viagens do triunvirato britânico: Bates, Wallace e Spruce.

Conforme Spruce, o escocês, que fora o seu primeiro cordial hospedeiro e o de seus amigos naturalistas no baixo Amazonas, era um “homem robusto e rosado” que tinha, nos dias de sua juventude, seguido para o além-mar, mas não aportado inicialmente na Amazônia. Até os 45 anos, ele se fixara em Cuiabá, no Mato Grosso, capital “montanhosa província”, trabalhando extensivamente como negociante. O curso

⁶⁷⁹ Ibidem, p. 211.

⁶⁸⁰ Ibidem, p. 212

⁶⁸¹ Cf. REIS, Arthur Cezar. **Manaós e outras Villas**. Manaus: IGHA, 1934.

do Tapajós, segundo ele, alcançava a província do Mato Grosso. Esta ligação natural favoreceu o comércio interior entre as províncias, as quais produziam as seguintes matérias primas: em Cuiabá, havia exploração de diamantes e ouro em pó; Santarém, por sua vez, oferecia guaraná, produtos agrícolas, sal e outros produtos não produzidos no Mato Grosso.⁶⁸²

Após a ruína de seus negócios em Cuiabá, possivelmente causada pelo esgotamento do garimpo no centro-oeste, Hislop deixou o Mato Grosso e estabeleceu-se em Santarém, onde passou a restringir suas atividades ao comércio com Belém. Mas, além disso, Hislop foi lembrado pelo botânico inglês como um devotado leitor de jornais ingleses “of which he kept large files, to be perused and repesuded” e, sobretudo, por seu comportamento franco e caloroso, por sua companhia divertida e valiosa amizade durante sua estada em Santarém. Conforme Spruce:

Whenever he indulged in a few extra glasses of port after dinner, he was certain to favour his guests with a dissertation on the character of Moses, whom he affirmed to have been “a great general, and great law giver, but a great impostor”! Combine with these additives the frank and hearty bearing of a sailor, and it will be understood how I found in the old captain an amusing companion and a valuable friend during my sojourn at Santarém⁶⁸³

Nem todos os contatos daqueles naturalistas na região com negociantes e proprietários de terras da região se transformaram em franca amizade. Alguns indivíduos foram acionados formalmente de modo breve, apenas por conta de seus interesses de coleta, explicitando, assim, que houve variação de intensidade e importância nos ciclos de contatos dos estrangeiros. De todo modo, gostaria de sublinhar que, alguns indivíduos de origem europeia residentes naqueles “pontos focais” de atração humana do interior da região amazônica se tornaram classicamente hospedeiros de vários viajantes europeus que percorreram esse espaço durante o oitocentos. Destaca-se a importância de Henrique Antony, um italiano de Livorno estabelecido em Barra do Rio Negro, hospedeiro e apoiador de vários exploradores do século XIX, entre os quais: Johann Natterer, Edwards, Bates, Wallace, Spruce, Gaetano Oscullati etc. Sobre o negociante italiano, deve-se a Spruce a descrição mais detalhada:

⁶⁸² SPRUCE, 1908, p. 62

⁶⁸³ Ibidem, p. 63

Senhor Henrique - for by that name he was and still is known throughout Amazon Land, the surname Antonij being ignored - has been the traveller's friend at the Barra for more than forty years; and is spoken of in books of travel dating as far back as those of Mawe and Smyth and Lowe. A native of Leghorn, he emigrated to Pará in 1821, being then only fifteen year, and the following year ascended to the Barra, where he has ever since resided. He merits indeed the title of Father of the Barra, for when he arrived there it was going rapidly to decay, and no one did so much for its resuscitation and renovation as he, not only in building new and substantial houses, but in extending its commerce, and in opening out news channels for its industry - very profitable to the community, if not always to himself. When I knew him, in 1851-55, he was still young and fresh-looking, with a frank, good-humored face of the genuine Tuscan type. It was his great delight to unit at his table all the foreigners who passed that way, and I recollect having once heard seven languages spoken there, by people of as many different nations. I cannot resist recording here this tribute to my old friend's hospitality and other virtues, and it was a great satisfaction to me when I able to decicate to him the finest new genus of plant I found on the Rio Negro, under the name of Henriquezia; one species of which (*H. verticillata*) is a noble tree of 80 to 100 feet high, having its branches and leaves in wovls, and bearing a profusion of magnificent purple foxglover like flowers.⁶⁸⁴

O Sr. Henrique – assim tratado por todos na Amazônia – era conhecido como “o amigo de viajantes”, por ter acolhido, durante mais de quarenta anos, forasteiros que passaram por Barra. Por conta dessa atitude, ele foi costumeiramente citado em vários livros de viagens, tais como em Mawe, Smyth e Lowe. Natural de Livorno, o negociante havia emigrado para o Pará em 1821 – um ano após a partida de Belém de Spix e Martius –, quando tinha apenas 15 anos. Posteriormente, subiu o rio Amazonas até Barra do Rio Negro, onde fixou residência. Nesse lugar, ele prosperou de tal maneira, que se transformou na figura mais respeitada da localidade de meados do século XIX, estendendo redes de negócios por vários pontos da geografia da região. Assim, não ao acaso, Spruce pontuou um episódio em que diz ter ouvido, na casa de Antony, pelo menos sete línguas faladas de pessoas de diferentes nações, já que a posição social do negociante aliada à sua empatia pessoal e cordial hospitalidade serviu como fonte de apoio importante para vários viajantes que alcançaram Barra do Rio Negro.

Por outro lado, o comportamento hospitaleiro do negociante deve ser visto como atrelado ao seu interesse pessoal por interagir com pares europeus e, desta forma,

⁶⁸⁴ SPRUCE, 1908, pp.201-202.

minimizar seu isolamento sobre novidades (científicas, financeiras, políticas e etc.) concebidas no Velho Mundo; ademais, sua conduta esclarece o quanto europeus estabelecidos em zonas de contato buscaram se engajar nos ideais europeus de levar “civilização” a culturas e povos de zonas consideradas “primitivas”. Nesse contexto, Henrique Antony foi lembrado por alguns viajantes por sua “missão civilizatória”, que consistia, ao mesmo tempo, em atuar para o progresso econômico da região e não poupar esforços para apoiar homens engajados na difusão do saber e das “luzes” para toda humanidade. Condição que o levou a suprir as necessidades imediatas de hóspedes ilustres por abrigo e comida, a emprestar canoas, a escrever cartas de recomendação, a intermediar contatos e até a proteger e enviar coleções dos naturalistas até Belém para que fossem embarcadas para a Inglaterra. Esse último aspecto pode ser exemplificado por meio da seguinte passagem de Spruce:

I obtained a good many pieces of stem, dried them carefully, and packed them in a large box, which contained botanical specimens, and dispatched them down the river for England in March 1853. The man who took that box and four others on freight, in a large new boat he had built on the Uaupes, was seized for debt when about half-way down the Rio Negro, and his boat and all its contents confiscated. My boxes were thrown aside in a hut, with only the damp earth for floor, and remained there many months, when my friend Senhor Henrique Antonij, of Manaos, whom I had advised by letter of the sending-off of the boxes, heard of the mishap, and succeeded in redeeming them and getting them sent on to the port of Para. When Mr. Bentham came to open them in England, he found the contents somewhat injured by damp and mould, and the sheets of specimens near the bottom of the boxes quite ruined. The bundle of Caapi would presumably have quite lost its virtue from the same cause, and I do not know that it was ever analysed chemically; but some portion of it should be in the Kew Museum at this day.⁶⁸⁵

Como se vislumbra na passagem acima, Antony atuou ativamente e facilitou o trabalho de seus amigos coletores de tal modo, que empregou esforços pessoais para cuidar das coleções dos naturalistas quando estes se encontravam distantes de Barra do Rio Negro ou impossibilitados de desembarçar entraves burocrático-alfandegários que podiam ocasionar a perda de suas coleções. Por sua dedicação, hospitalidade, amizade aos viajantes, Spruce o homenageou: dedicou o melhor gênero de planta que diz ter encontrado no Rio Negro para Henrique Antony, nomeando-a *Henriquezia*.

⁶⁸⁵ SPRUCE, vol. II, pp. 422-423.

O italiano Osculati também destacou a importância de Antony para seu empreendimento:

Non appena sbarcati, ci recammo direttamente alla casa del signor Antony di Livorno, dove i miei compagni di viaggio avevano il loro alloggio. Venni gentilmente accolto da quel bravo italiano, che con quella squisita cortesia della quale usava verso tutti i viaggiatori, mi offerse subito la sua ospitalità per tutto quel tempo che mi fosse piaciuto di restare colà. Accettai di buon grado l'offerta, massime sapendolo fornito di discreta agiatezza, frutti delle sue fatiche e di stenti superati in vent'anni di demora in quelle contrade, lungi dalla sua patria e dalla sua famiglia. La difficoltà di trovare una propizia occasione per proseguire la mia navigazione sino al Gran Para mi obbligò a passare un mese e più in quella città; ritardo che per dir vero non mi riuscì punto dispiacevole, trovandomi in sì lieta compagnia, e avendo così l'agio di compiere qualche escursione nell'interno delle terre onde aumentare la mia collezione zoologica, e far incetta d'insetti e di semi [...]La popolazione ascende attualmente a circa 6000 anime, la più parte Mestizos ed indiani delle tribù de' Passe, Bamba, Bore, Muras, Purupurù, Colanti, Catacquisà. Quella popolazione potrebbe dividersi in 4. classi: bianchi, indiani, tapuyos e negri. Il bianco dell'Amazzone è di un carattere dolce e semplice, ed il viaggiatore errante in que' luoghi vi trova ospitalità, tanto rara nelle popolazioni civilizzate. I più agiati hanno grosse feitorias, dove si coltiva il caffè, il cacao, la canna da zucchero, e si educa anche il bestiame bovino.⁶⁸⁶

De acordo com o explorador, Antony se estabeleceu em Barra do Rio Negro e, assim como outros indivíduos ricos do lugar, sua fortuna era proveniente de feitorias (de café, açúcar, cana e criação de gado) e também do comércio de produtos extrativos provenientes dos rios Amazonas, Purus, Javari, Jutaf, que consistia em pirarucu seco, castanha, copaíba, salsaparrilha, algodão e tabaco. Para o explorador italiano, o papel de Antony em sua empreitada fora fundamental, tendo em vista que, somente em sua propriedade, podia encontrar relativo conforto, hospitalidade e companhia “civilizada”. Importância esta também explicitada por Wallace em sua narrativa de viagem no seguinte trecho:

We brought letters to Senhor Henrique Antony, an Italian gentleman settled here many years, and the principal merchant in the city; who received us with such hearty hospitality as at once to make us feel at home. He gave us the use of two large rooms in a new house of his own not quite finished, and invited us to take our meals at his table.⁶⁸⁷

Ao longo de quatro anos de exploração na Amazônia, Wallace foi recebido por cerca de 30 hospedeiros, os quais, após a leitura de suas cartas de recomendações

⁶⁸⁶ OSCULATI, Gaetano. **Esplorazione delle Regioni Equatoriali**. Milan: Presso I Fratelli, 1854, pp. 243-244.

⁶⁸⁷ WALLACE, 1889, p.112.

escritas por algum par europeu, ofereciam-lhe moradia, comida, abrigo e tudo o que tivesse ao seu alcance para facilitar seu deslocamento e trabalho de campo. Com isso, nota-se que essas locações, conseguidas por meio da rede de relações que conseguiu constituir no interior da região, determinaram ainda os pontos da geografia a ser percorrido por coletores. Desta maneira, gostaria de evidenciar que, apesar da “escassa” presença europeia no interior da região, a jornada de Wallace só se tornou possível perseguindo os estabelecimentos e zonas de explorações de produtos silvestres ligados ao restrito grupo de europeus residentes na Amazônia.

Entretanto, apesar do relativo conforto proporcionado pelo negociante italiano, as impressões de Alfred Wallace sobre Barra do Rio Negro não tiveram a mesma conotação favorável como a feita sobre Santarém. Estabelecida na margem direita do Rio Negro, a pequena vila recebeu os Wallace no dia 31 de dezembro de 1849. Era o início do período de predomínio das chuvas e cheias de rios na bacia amazônica, o que configurava um momento de grande escassez para as dinâmicas locais de comércio e extração de produtos silvestres e, conseqüentemente, para o trabalho de campo de coletores europeus. Sendo assim, durante esse tempo, o naturalista realizou apenas duas curtas excursões para coletar “fatos”: a primeira até um pequeno povoado do Rio Negro, denominado Castanheiro; e a segunda, por uma pequena propriedade de um português chamado de Balbino, situada no povoado de Manaquiri, no Solimões.

Herbert Wallace fora orientado a coletar separado de seu irmão, em Serpa (atual Itacoatiara), o que promoveu a divisão dos pontos de coleta. Afora essas explorações, que lhe renderam uma “tolerável” coleção de pássaros, Wallace caracterizou os seis meses passados em Barra como uma temporada de “estranha e inexplicável pobreza” e de enfadonha espera. Além da ausência de espécies, o naturalista se ressentia do aspecto arruinado do lugar, a falta de companhia europeia e baixa estima moral de seus moradores. Sobre o primeiro ponto, o naturalista observou que a pequena vila, apesar de possuir ruas regularmente traçadas, não tinha calçamento algum que dispusesse ao transeunte andar com algum conforto. O antigo forte do lugar não passava de ruínas, sendo as duas igrejas da cidade muito pobres e inferiores às de Santarém.

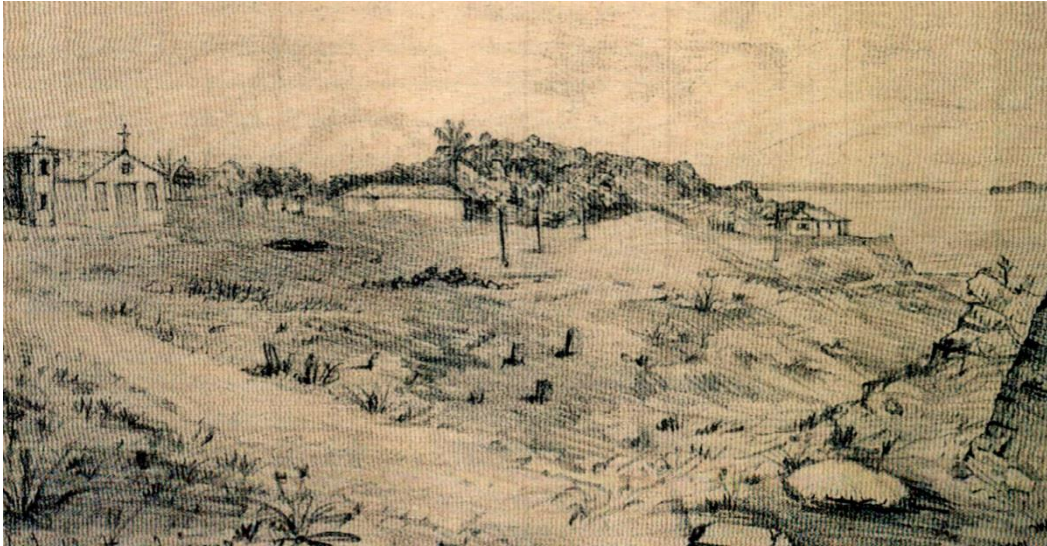


Figura 41. Representação das ruínas da Fortaleza de Barra do Rio Negro de autoria de A.R.Wallace, em 1850. Fonte: Wallace Collection British History Natural Museum.

Quanto aos moradores, afirmou residirem no lugar cerca de cinco ou seis mil pessoas, dentre as quais grande parte se constituía de índios e mestiços. Não havia nenhum indivíduo nascido no lugar de puro sangue europeu, mas pelo amalgamado sangue indígena e português. E, por último, sua impressão mais crítica era em relação ao baixo desenvolvimento intelectual da população “civilizada” do lugar. Consoante o naturalista, tal contingente dedicava-se exclusivamente ao comércio, nunca abriam um livro sequer ou possuíam qualquer outra ocupação mental. Suas horas de lazer eram limitadas ao jogo, à bebida e a trajar-se elegantemente aos domingos para fazer visitas uns a casas dos outros e lá tecer mexericos.⁶⁸⁸ Embora essas afirmações possam ser interpretadas como uma visão arrogantemente imperialista e etnocêntrica, ela também era parte de um questionamento sobre os resultados da colonização portuguesa em um clima equatorial. O naturalista afirmava categoricamente que o estado de degradação moral do contingente “civilizado” do lugar era parte de um insatisfeito projeto de colonização encetado por Portugal, deixando a entrever que os efeitos do ambiente sobre aquele contingente levou-o à condição de rebaixamento de sua condição europeia. Por outro lado, também reflete o desconforto do viajante ao se deparar pela primeira vez com um lugar mais isolado, com raras terras cultivadas e também com pouco espaço para cultivo de “valores interiores”, do trabalho, de códigos de etiqueta e de outros princípios valorados no seu mundo Ocidental. Com isso, defendendo que as enormes distâncias amazônicas, a ausência de um círculo letrado para interagir, a falta de comida

⁶⁸⁸. Ibidem, p. 113

européia, aspectos que, combinados com uma dinâmica social e formas de explorações da natureza avessa às relações constituídas em seu mundo urbano industrial, produziram impactos psicológicos e sensoriais no viajante, os quais podem ter se traduzido em um sentimento de franco desprezo àquela realidade.

No entanto, sua dificuldade de integração a esse contexto não tinha se manifestado tão explicitamente em outros lugares pelos quais aportou desde Belém, a saber: Santarém, Monte Alegre, Óbidos, Vila Nova da Rainha (atual Parintins), Serpa (Itacoatiara). Em Santarém, por exemplo, ao contrário do que caracterizou em Barra, Wallace pontuou que o solo seco, o ar puro, a água limpa, a boa alimentação, os constantes e rigorosos exercícios do campo e a boa vida em companhia de seus amigos formaram uma atmosfera saudável e divertida: “The constant hard exercise, pure air, and good living, notwithstanding the intense heat, kept us in the most perfect health, and I have never altogether enjoyed myself so much.”⁶⁸⁹ Do mesmo modo, em Vila Nova, a espera de alguns dias para conseguir remeiros e seguir até Barra do Rio Negro fora compensada por atividades regulares de coleta e pela companhia de Padre Torquato (missionário que acompanhara o príncipe Adalberto da Prússia em suas explorações pelo rio Xingu) e de seu amigo Spruce, que havia aportado junto com seu assistente, Robert King, no mesmo lugar e período que os irmãos Wallace.

Na pequena vila assentada às margens do Amazonas e a 369 km da capital da Comarca do Rio Negro, Wallace mencionou a convivência com o padre, que era um “very well-educated and gentlemanly man”⁶⁹⁰ que gostava de “enigmas, which he amused himself and his friends by inventing and solving.”⁶⁹¹ Aspecto este também salientado por Henry Bates, que chegou à mesma vila pouco tempo depois de Wallace, reforçando mais uma vez o papel que alguns indivíduos “amigáveis” e “inteligentes” exerceram na trajetória de viagem pelo interior da Amazônia. Bates, que percorreu aldeias e povoados do rio Amazonas por mais de uma vez ao longo de seus onze anos de residência na região, evidenciou especialmente sua surpresa ao se deparar com bons leitores entre a comunidade de brancos e mamelucos moradores de Vila Nova:

Next to Padre Torquato, Senhor Meirelles, well deserves mention; a more sensible, intelligent and kind-hearted man I never met with in Brazil. He also held some appointment under Government, but his time was chiefly taken up with the management of his plantations situated three miles below the village. Both these worthy men were

⁶⁸⁹ Ibidem, p. 108

⁶⁹⁰ Ibidem, p. 110.

⁶⁹¹ Ibidem, p. 110

fond of reading, and subscribed regularly to Rio Janeiro daily newspapers. Senhor Meirelles spent a deal of money on dear books, which he sent for by a parcel at a time from the metropolis, 2000 miles off. Some of these were Portuguese periodicals, on the plan of the English Penny Magazine; most of them, however, were translations of romances chiefly French. They circulated freely amongst the many readers at Villa Nova. At the time of my visit “Uncle Tom's Cabin,” translated into Portuguese, was a great favourite. I found a love of reading not at all uncommon amongst the better sort of people in the towns and villages on the Amazons; it seems natural to the climate, and is promoted by the occupation being well suited to the hot and lazy hours of mid-day.⁶⁹²

Tais questões esclarecem que Bates, Wallace e Spruce viajaram perseguindo os mesmos pontos e redes de interações humanas do interior da Amazônia. A Barra do Rio Negro era a base de preparação para penetrar nos “sertões amazônicos”, isto é, nos distritos situados em afluentes de rios mais afastados, na cabeceira de rios e interior de lagos e igarapés onde se localizavam alguns povoados e aldeias que apenas esporadicamente tinham contato com alguma autoridade, mercador ou viajante de origem europeia. Assim, apesar das críticas endereçadas ao lugar pelo coletor britânico, não se pode esquecer de que Barra era o núcleo de concentração humana de maior importância da região do alto e médio Amazonas, sobretudo, devido à intrincada rede de negócios que movimentava com os “sertões”, como aponta o próprio Wallace:

“The trade is chiefly in Brazil-nuts, salsaparilha, and fish; and the imports are European cottongoods of inferior quality, and quantities of coarse cutlery, beads, mirrors, and other trinkets for the trade with the Indian tribes, of which this is the head-quarters. The distance from Para is about a thousand miles, and the voyage up in the wet season often takes from two to three months, so that flour, cheese, wine, and other necessaries, are always very dear, and often not to be obtained.⁶⁹³

Barra chefiava o comércio de produtos silvestre da região (salsaparrilha, castanha do Brasil e peixe) e também era o “quartel-general” de produtos importados europeus de baixa qualidade usados na negociação com tribos indígenas: “cottongoods of inferior quality, and quantities of coarse cutlery, beads, mirrors, and other trinkets.”⁶⁹⁴

Por outro lado, sua localização – cerca de mil quilômetros de distância de Belém – dificultava a chegada de navios carregados de gêneros de primeira necessidade para um europeu: “The distance from Pará is about a thousand miles, and the voyage up in

⁶⁹² BATES, op. cit. p.286.

⁶⁹³ Ibidem, p. 113

⁶⁹⁴ Ibidem, p. 113

the wet season often takes from two to three months, so that flour, cheese, wine, and other necessaries, are always very dear, and often not to be obtained.⁶⁹⁵ Essa distância se tornava ainda mais penosa durante a estação das cheias dos rios, quando uma viagem rio acima poderia durar de dois a três meses. Além do mais, o ar “saturado de umidade” prejudicava suas coleções, tornando quase inúteis seus esforços para combater os estragos que esse ambiente causava às suas peças:

I had now a dull time of it in Barra. The wet season had regularly set in; a day hardly ever passed without rain, and on many days it was incessant. We seized every opportunity for a walk in the forest, but scarcely anything was to be found when we got there, and what we did get was with the greatest difficulty preserved; for the atmosphere was so saturated with moisture that insects moulded, and the feathers and hair dropped from the skins of birds and animals so as to render them quite unserviceable.⁶⁹⁶

Daf a importância da estação seca, considerada a primavera para colheita de espécies (e a mais salubre): ela encurtava distâncias e era a ocasião mais segura para o deslocamento de embarcações oriundas de várias partes do lugar. Assim, explica-se o fato da viagem de Wallace para o alto Rio Negro ter iniciado somente no mês de agosto daquele ano, quando o clima úmido regional comporta o início do fenômeno da estiagem na região (de dois a três meses entre agosto a outubro)⁶⁹⁷. Essas determinações interromperam sua “enfadonha espera” por uma canoa que prosseguisse para o curso do rio pretendido; favoreceram o recebimento de cartas, livros, jornais e instrumentos vindos seu país e o despacho de suas coleções feitas nesse espaço até o porto de Belém:

Several weeks more passed wearily, till at length we had news of the long-expected canoe; one of the owners, having arrived beforehand in a montaria, informing us that it would be up in two days more. There was at this time in the city a trader from the upper Rio Negro, a Portuguese, and generally considered a very good sort of fellow. He was to start the next day, but on Senhor Henrique’s representation, he agreed to stay till Senhor Neill Bradley’s canoe arrived, and then give me a passage up to the Falls of the Rio Negro, or to any other place I might wish to go to. The next afternoon the expected vessel reached Barra; about six in the evening I got a long arrear of letters from Para, from England, from California, and Australia, some twenty in number, and several dated more than a year back. I sat up till two in the morning reading them, lay down, but slept little till five in the morning; I then commenced answering the most important of them, packing up buying forgotten necessaries for the voyage making up a box for England giving instructions to my brother H., who was to stay

⁶⁹⁵ WALLACE, op. cit. p. 113.

⁶⁹⁶ Ibidem, p. 119.

⁶⁹⁷ Cf. AB’SABER, Aziz. **Os Domínios de Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.67.

in Barra, and, in six months, return to England, and by noon was ready to start on a voyage of seven hundred miles, and, probably, for a year's absence. The Juiz de Direito, or Judge of the district, had kindly sent me a turkey and a sucking-pig ; the former of which I took alive, and the latter roasted; so I had a stock of provisions to commence the voyage.⁶⁹⁸

Segundo suas indicações, sua viagem teve início após a chegada de duas embarcações em Barra: a primeira, de estrutura regional, era do negociante português João Lima, que abastecia sua canoa de “quinquilharias” europeias, em Barra, para seguir em direção a pontos mais remotos da geografia, onde comercializava com ribeirinhos e aldeias indígenas. A segunda embarcação era a escuna do súdito inglês Neil Bradley, que cumpria a função de transportar correspondências e mercadorias pelo curso principal do Amazonas, estacionando nos principais núcleos populacionais da região e seguindo até o porto de Belém. Esses indícios esclarecem que, embora de forma precária e demorada, cada uma dessas estruturas cumpria uma função fundamental na empreitada de coletores, seja movendo o naturalista para os pontos desejados, seja enviando os frutos de seu trabalho no campo – espécimes de animais, artefatos indígenas, cartas, artigos – de volta para a Inglaterra.

Por outro lado, não se pode esquecer de que seu plano de subir rio Negro representou seguir para uma região mais isolada e carente de contatos e infraestrutura e coletar não mais acompanhado de um assistente europeu. Como exposto acima, Herbert foi dispensado ou havia desistido de seguir viagem para o alto rio Negro, ficando nas proximidades de Barra, possivelmente em Serpa, coletando espécies para pagar suas despesas de retorno para seu país. Sobre esse evento, Slotten defende que a vinda de Herbert para o Brasil foi motivada pela ruptura da sociedade com Bates, já que sem ele, Wallace carecia de um ajudante confiável que falasse inglês.⁶⁹⁹ Talvez, por esse motivo, tenham sido feitos arranjos familiares para que seu irmão, de apenas 21 anos – o qual não havia tomado um rumo profissional na Inglaterra – fosse empregado como seu auxiliar no trajeto mais ambicioso de sua empreitada de coleta: subir o rio Amazonas.

No entanto, após um ano de experiência, segundo Wallace, ficou claro que Herbert Edward Wallace não conseguiria se tornar um bom coletor de história natural, pois, em campo, demonstrava pouco entusiasmo e interesse por aves e insetos, traços essenciais para se ter sucesso no trabalho. Quando partiu para os “sertões”, Wallace diz

⁶⁹⁸ WALLACE, op. cit. p. 132.

⁶⁹⁹ SLONTTEN, Ross. **The heretic in Darwin's court : The Life of Alfred Russel Wallace**. New York: Columbia University press, 2004, pp.56-57

ter deixado seu irmão gozando da mais perfeita saúde. Em carta endereçada a Spruce e King, escrita em Serpa em dezembro de 1850, Herbert citou sua viagem de retorno:

I am now waiting for a passage to Pará, from thence to return to England, there is a vessel caulking here, I expect will go in two or three weeks; I have a small collection of birds and butterflies, new specimens of the latter are very scarce; I left in Barra with Henrique a small flat clothes box containing shirts &c, have the kindness to tell Henrique to forward as soon as is possible to me, at the house of Manuel Joaquin, Serpa. The Christmas Festa is now over and, this little village has resumed its wonted tranquillity. -- I suppose you intend soon to proceed up the Negro; no doubt my brother now is glorying in Ornithological rarities, and revelling amid the sweets of Lepidopterous loveliness But enough! -- a little while, and the winter sea is roaring around my pillow; then shall I envy you in your snug rede, far from the restless billow, - then whilst vainly endeavouring to swallow preserved salmon or other ship luxury, I shall long for my Amazonian appetite and roasted Periniue [?] -- then! -- -- but I will not anticipate, hours [?] which are inevitable.--- I hope yourself and Mr King are in good health, in this respect I have had no cause to complain; wishing both a prosperous and pleasant time.⁷⁰⁰

Este foi um dos últimos registros deixado por Herbert Wallace em vida. Quando conseguiu alcançar Belém, em maio de 1851, embora tivesse adquirido de pronto uma passagem em um navio que sairia para Inglaterra no início de junho daquele ano, ele foi surpreendido pela epidemia de febre amarela que atingira a capital do Grão-Pará nesse período. Herbert não resistiu à doença, falecendo pouco depois de ser infectado. Foi Bates e o vice-cônsul inglês Daniel Miller a prestar assistência médica a Herbert Wallace e, posteriormente, ambos foram responsáveis por informar a família Wallace sobre esses acontecimentos. Em carta de junho de 1851, Bates descreveu as circunstâncias que envolveram a doença e morte de Herbert, bem como os seus esforços e o do vice-cônsul para que lhe fosse restabelecida a saúde:

“I am very sorry to be the bearer of very bad news to yourself & family but believe it to be my duty to communicate what has happened as being the only person here nearly connected with your sons. The event we deplore is the death of your son Edward who breathed his last here on Sunday morning last at 2 O’clock, a victim of the fatal black vomit the worst form of yellow fever. My poor young friend had arrived from the interior about three weeks & had engaged a passage immediately in a vessel to leave for Liverpool on Friday the 6th Inst[ant] To amuse the time until the ship sailed he had taken the same lodgings he had had with his brother in the suburbs very pleasantly situated near the forest & was very frequently at my house which was in the neighbourhood. On the day he was taken ill we were in the city together took a cup of tea at Mr. Millers & went round to

⁷⁰⁰Carta de Wallace para Richard Spruce e Robert King. Serpa, 1850. In: Wallace Letters Online. Disponível em: <http://www.nhm.ac.uk/wallacelettersonline>. Acessado em 20.5.2013.

make a few small purchases. This was Monday night the 2nd Inst[ant]. On this night he was taken with a shivering & immediately fever & vomit so as to be unable to reach home, I therefore took him into a house on the road where I knew he would be as well or better attended to than at his lodgings. It happened well that he remained here as we should not have been able to have induced a medical man to go out so far to attend a patient – illness being more very prevalent in the city. We got immediately the hotel medical advice, thinking his disease was merely constipation as it is called here but the Doctor treated him for the yellow fever & he was progressing very well on Tuesday when he committed the great improvidence of getting up and walking barefoot about a cold brick floor after mustard plasters had just been taken from his feet. The fever immediately struck inwards & black vomit declared itself early on Wednesday morning resisting all the skill of Dr.. Camillio, until he died as I have already stated after suffering fearfully. It will be more consolation to you to know that he met with the kindest attention from the English residents here especially from the Vice consul Mr Miller who frequently visited him. I myself slept by his side four nights when I was rather alarmed by being suddenly seized with similar symptoms myself, shivering fever & vomit in rapid succession but being of lighter constitution I suppose it did not lay as firm a hold of me, I got better in four days though even now am a little weak from its effects. Poor Edward was much regretted here as being of a genial temper & a good heart, he was in a very robust state of health: he did not converse freely after being first taken but felt upset at being taken thus when on the eve of departure for England. The little property he left is in the Vice Consul's hands who will I suppose arrange accounts with Alfred – Pará is still very sickly another death from yellow fever today [...]"⁷⁰¹

Esse drama pessoal revela o quanto as relações de amizade entre europeus na Amazônia não apenas foram desenvolvidas a partir do interesse comum pela história natural, mas também forjadas e testadas em momentos de aflição, perigos e doenças. Isto revela que, ao longo de suas excursões pelo interior da Amazônia, o triunvirato britânico morou, coletou, excursionou, escreveu cartas, enviou artigos, trocou correspondências e informações e solidarizou-se em momentos de dificuldades extremas e de privações impostas pelo ambiente. Pode-se atestar essa rede de solidariedades através do episódio que noticiava a doença de Hebert Wallace, narrada por Wallace:

“On the 15th September, exactly a fortnight after leaving São Joaquim, we arrived safely at Barra [atual Manaus]...I found that my friend Mr. Spruce was in the city, being a prisoner there, as I had been at Guia, for want of men. He occupied a house, made classic to the Naturalist by having been the abode of Dr. Natterer, where he kindly accommodated me during my stay, which I intended should be as short as possible. Bad news was awaiting me from Pará. Letters, dated more than three months back, from my correspondence,

⁷⁰¹ Carta de Bates para Mary Anne Greenel. **News of Edwards Wallace's death.** Wallace On Line Transcription. Disponível em: www.nhm.ac.uk. Acessado em: 08.08.2011.

Mr. Miller, informed me of dangerous illness of my brother, who had been attacked by yellow fever; and when canoe left, which brought the letter, was exhibiting such symptoms as left little hope of his recovery.” (WALLACE, 1889: 222-223) [grifos meus]

Conforme sua descrição, más notícias o aguardavam em Barra. Após desembarcar nesse lugar no dia 15 de setembro de 1851, vindo de sua primeira excursão no rio Negro, encontrou, entre sua correspondência, algumas cartas escritas por Mr. Miller, datadas mais de três meses de sua chegada. As missivas contavam sobre o estado de doença avançado de seu irmão e suas poucas esperanças de recuperação. Sua chegada em Barra coincidia ainda com a estadia de seu amigo Spruce no local, que aguardava transporte para seguir para o Rio Negro. Spruce, nesta ocasião, ocupava uma casa que se constituía como “clássica” entre viajantes que alcançavam a localidade por ter sido residência do naturalista austríaco Johan Natterer. Este coletor o convidou, então, para que seu amigo se acomodasse em sua residência temporariamente até que ambos conseguissem organizar o empreendimento de viagem de subida do rio Negro, revelando a sintonia de trabalho e de empatia pessoal entre os dois coletores.

O episódio evidencia que, para além de motivações intelectuais, artísticas, aventureiras, viajar para “zonas de contato”, para os “trópicos”, representava ainda se deparar com suas próprias limitações biológicas em relação a doenças, ao clima e à geografia da região. Esta era uma realidade mais presente em lugares mais interiores, onde não eram oferecidas as amenidades de convivência com outros europeus e onde o naturalista se confrontava com maiores obstáculos naturais, longas distâncias, escassez de comida, a densa floresta, pragas de insetos, chuvas e a ameaça constante de acidentes e doenças eram sempre presentes. Em sua subida do Negro em direção ao Uaupés, por exemplo, além dos obstáculos naturais da acidentada geografia desse curso de rio, Wallace e seus ajudantes indígenas adoeceram, possivelmente vítimas de malária:

Leaving this pleasant place about midday, we proceeded slowly on. One of my best Indians fell ill of fever and ague; and, a few days after, another was attacked. It was in vain attempting, at any sitio or village, to get men to help me on the rest of my voyage; no offer of extra wages would induce them to leave their houses; all had some excuse of occupation or illness, so we were forced to creep on as well as we could. Two days below the Falls I bought a smaller canoe of a Portuguese trader, to ascend the Uaupes, and moved my cargo into it, leaving that of Senhor Lima with the other canoe, to be sent for afterwards. At Camanau, I with much difficulty, and some delay, procured a pilot and another Indian, to go with me to Sao Gabriel. There, after another day's delay, I found two Indians, who agreed to

go as far as Sao Joaquim; and after keeping me waiting three or four hours beyond the time appointed, absconded at night from the sitio where we slept, having been previously paid double wages for the whole distance. Here, however, I was lucky enough to get three more in place of the two rogue; but as another of my Indians had now fallen ill, we still had few enough for passing the numerous rapids and rocks with which the river is obstructed [...] On leaving Sao Gabriel I was again attacked with fever, and on arriving at Sao Joaquim I was completely laid up. My Indians took the opportunity to steal a quantity of the caxaca I had brought for preserving the fishes, and anything else they could lay their hands on; so I was glad, on the occasion of a slight remission of the fever, to pay their wages and send them off. After a few days, the violence of the fever abated, and I thought I was going to get over it very easily; but such was not the case, for every alternate day I experienced a great depression, with disinclination to motion: this always followed a feverish night, in which I could not sleep. The next night I invariably slept well perspiring profusely, and, the succeeding day, was able to move about, and had a little appetite. The weakness and fever, however, increased, till I was again confined to my rede, could eat nothing, and was so torpid and helpless, that Senhor L., who attended me, did not expect me to live. I could not speak intelligibly, and had not strength to write, or even to turn over in my hammock. A few days after this, I was attacked with severe ague, which recurred every two days. I took quinine for some time without any apparent effect, till, after nearly a fortnight, the fits ceased, and I only suffered from extreme emaciation and weakness [...]The ague, however, now left me, and in another week, as I could walk with a stick down to the river-side, I went to Sao Gabriel, to see Mr. Spruce, who had arrived there, and had kindly been to see me a short time before. I purchased some wine and biscuits of the Commandante, and then returned to Sao Joaquim, determined, though the wet season was now again beginning, to set off for the Upper Uaupes, as soon as I could procure men, and get my canoe ready.⁷⁰²

Por conta desse evento, sua subida ao rio Uaupés teve que ser adiada, interrompendo seu projeto de subir o curso na época da estação seca, o período mais favorável para o trabalho em campo. Nessa ocasião, Wallace não permaneceu sozinho entre indígenas que se aproveitaram de seu estado para lhe subtrair objetos e cachaça. Ele também ficou aos cuidados de um amigo, o “Senhor L”, ou João Antônio Lima, o mesmo negociante a lhe conceder passagem em sua primeira excursão ao rio Negro. A saúde do naturalista chegou a um estado crítico de tal modo que o negociante chegou a pensar que não haveria chances para seu recobrimento, fato que motivou a chegada de Spruce a São Gabriel, após ser avisado por Lima sobre a situação de Wallace. Esse aspecto, mais uma vez, reitera o quanto os dois viajantes perseguiram pontos comuns de coleta, comungaram de mesmos interesses e afinidades intelectuais, e se apoiaram mutuamente na dura realidade do campo. Portanto, possivelmente, o aprofundamento

⁷⁰² WALLACE, 1889. pp. 233-235

destas afinidades seja mesmo o ponto chave para se entender determinadas escolhas no trabalho de campo, pois, diferente de Bates, que preferiu seguir para uma rota oposta (o alto Solimões), Spruce e Wallace planejaram seguir até o alto Rio Negro para, posteriormente, adentrar nos Andes. Destarte, Wallace e Spruce escolheram um itinerário de viagem comum pela região – o qual deveria, a princípio, subir o Rio Negro até chegar aos Andes – e estabeleceram uma relação de amizade de várias décadas, de tal maneira que Wallace escreveu sobre Spruce nos seguintes termos “among the dearest of my friends, the one towards whom I felt more like a brother than to any other person”.⁷⁰³

Por outro lado, a separação de Wallace e Bates revela que o campo, além de ter beneficiado amizades, relações de solidariedade e afeto, também, por vezes, foi um cenário que favoreceu desentendimentos, competição e rivalidades entre os viajantes naturalistas. Assim, devo mencionar que a versão oficial para o fim da sociedade de coleta dos dois naturalistas na Amazônia se pautou na ideia de que haveria melhores possibilidades de lucros para ambos se por ventura coletassem em separado por diferentes pontos da imensa e diversa bacia amazônica. Porém, o silêncio de suas narrativas sobre uma explicação para o fim da associação levanta a suspeita de que tal desfecho possa estar relacionado a desentendimentos acerca dos planos de viagem e resultados econômicos de suas coleções ou até mesmo do furor competitivo entre dois talentosos naturalistas, que ambicionavam conseguir créditos por seu trabalho junto aos seus pares ingleses.⁷⁰⁴

Neste sentido, em seu relato de viagem, Wallace raramente citava a participação de Bates em seus escritos, limitando-se a algumas poucas menções e, quando o fazia, abreviava o seu nome por Mr. B.. Aliás, seus escritos revelam que ambos só definiram direções opostas em seus empreendimentos após atingirem Barra do Rio Negro em 1850. Esta informação refuta inicialmente a tese de que os pesquisadores ambicionaram

⁷⁰³ CAMERINI, Jane. **The Alfred Russel Wallace Reader: A Selection of Writings from the field.** London: John Hopkins University Press, 2002, p. 62

⁷⁰⁴ Aspecto também confirmado quando os dois naturalistas retornaram de seus empreendimentos de coleta para a Inglaterra em 1862. Conforme Janet Browne, Wallace e Bates tornaram-se membros do seletor círculo que participava da *Zoological Society*, ambos desfrutando da companhia do grupo científico mais avançado da Inglaterra. No entanto: “[...] os dois viajantes imaginavam o que ainda tinham em comum, se é que tinham alguma coisa, e seu relacionamento, embora permanecesse próximo, nunca mais foi tão solidário como fora em Leicester ou na selva da América do Sul.” BROWNE, E. Janet. **Charles Darwin: o poder do lugar.** São Paulo: Aracati/Editora Unesp, 2011, p.266.

coletar espécies em diferentes regiões da Amazônia, pois até esse ponto, ambos praticamente percorreram os mesmos pontos de coleta.

Outro indício que confirma a possibilidade supracitada foi revelado pelo botânico Richard Spruce em carta escrita em 1849 e endereçada ao diretor do Kew Gardens, William Hooker: “I forget to mention that we have several times seen Mr Wallace. He and Bates quarreled and separated long ago.”⁷⁰⁵ Nesse sentido, alguns autores têm afirmado que, embora seus textos não as confirmem, suas relações pessoais foram abaladas nessa etapa de viagem.⁷⁰⁶ O silêncio em seus escritos pode ser explicado como um caso de reticência vitoriana. No entanto, se o desentendimento foi de ordem emocional ou econômica, trata-se de uma questão que dificilmente será esclarecida.⁷⁰⁷ De qualquer modo, devo sublinhar que Bates e Wallace, após a ruptura da associação, só se encontrariam novamente uma única vez: em Barra, na Amazônia, 1850, período em que Wallace organizava e esperava partir para o rio Negro. Durante essa época, eles dividiram a ansiedade de espera pela estação seca para iniciar suas viagens rumo a seus respectivos destinos. A dificuldade de integração àquela realidade possivelmente contribuiu para apaziguar prováveis diferenças pessoais entre os dois antigos companheiros de viagem. Desta forma, embora os naturalistas tenham seguido destinos diferentes no campo até o final de suas empreitadas de coleta, continuaram a se corresponder e a trocar informações; isto expõe o fato da cooperação em história natural ser basilar para o amadurecimento de suas teorizações sobre o mundo biológico. Este aspecto pode ser claramente evidenciado na correspondência trocada entre Wallace e Bates, como esclarece o seguinte trecho da carta de Henry Bates para Wallace, escrita por aquele em 1856, portanto, no período em que o último coletava no Continente Malásio:

“Dear Wallace,— ... I received about six months ago a copy of your paper in the *Annals* on “The Laws which have Governed the Introduction of New Species.” I was startled at first to see you already ripe for the enunciation of the theory. You can imagine with what interest I read and studied it, and I must say that it is perfectly well done. The idea is like truth itself, so simple and obvious that those who read and understand it will be struck by its simplicity and yet it is perfectly original. The reasoning is close and clear, and although so

⁷⁰⁵ SPRUCE, Richard. Letters Richard Spruce to Spruce, 1849, n. 259, Archives of the Royal Botanic Gardens, Kew.

⁷⁰⁶ Cf. WILLIAMS-ELLIZ, Amabel. **Darwin's Moon: A Biography of Alfred Russel Wallace**. London: Blackie, 1966.

⁷⁰⁷ *Ibidem*.

brief an essay, it is quite complete, embraces the whole difficulty, and anticipates and annihilates all objections. Few men will be in a condition to comprehend and appreciate the paper, but it will infallibly create for you a high and sound reputation. The theory I quite assent to, and, you know, was conceived by me also, but I profess that I could not have propounded it with so much force and completeness.⁷⁰⁸

Por outro lado, não se pode ignorar que seus trabalhos eram dependentes de infraestruturas e conexões humanas constituídas localmente. Sendo assim, cada contato estabelecido no interior da região representava uma parte de seu trabalho realizado, ou a promessa de adquirir e conhecer novidades.

Dado o fato supracitado, gostaria de salientar mais vez a importância de João Antonio Lima, o regatão, cujas relações de negócios no alto Rio Negro favoreceram a empreitada em história natural de Wallace. Sua rotina de trabalho, que consistia em mercadejar com populações assentadas do interior do Rio Negro até a fronteira da Venezuela, fora o aporte fundamental para o naturalista: deslocar-se para o itinerário pretendido, aprender estratégias de negociação com os locais, encontrar os “legítimos representantes da floresta” e persuadir ajudantes para realizar uma série de tarefas concretas que faziam parte das atividades de coleta.

O Senhor Lima era um português que possuía um cotidiano diferente de outros pares europeus com quem Wallace interagiu ao longo de suas excursões na Amazônia. Ao invés de morar nos lugares de maior importância política e administrativa da região, fixou-se no alto Rio Negro, onde constituiu família e detinha relações de negócio ou amizade com os mais diferentes tipos humanos estabelecidos do interior da região: desde missionários, lusos, brasileiros, mamelucos, negros a degradados pelas autoridades, chefes tribais e indígenas envolvidos no apresamento indígena. Conhecia os meandros dos rios e sabia se comunicar em língua geral. No entanto, sua atividade de negócio não se limitava a trocar espelhos, canivetes e miçangas por produtos silvestres. Além dessa rentável empresa, era ativamente envolvido em negociações de apresamento de indígenas da região, cujo tráfico era encomendado pelas autoridades e comerciantes mais “respeitados” de Barra e Belém. Logo, sabia mais que outros europeus sobre como atravessar a geografia da região e arbitrar as tensões que envolviam o apresamento e sequestro de indígenas. Assim, embora o naturalista tenha ressaltado sua visão

⁷⁰⁸ MARCHANT, James. **Alfred Russel Wallace: Letters and Reminiscences**. Vol. I; London: Cassel and company, 1916, pp. 64-65.

simpática aos “genuínos homens da floresta”, identificando-se com alguns de seus hábitos, criticando a brutal realidade de apresamento indígena e o miserável estado em que se encontravam os indígenas contatados de Barra devido a sua introdução aos vícios dos “brancos”, Wallace só conseguiu apreciar essa realidade e coletar artefatos usando os mesmos caminhos e relações de poder orquestradas pelo colonialismo europeu na região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de três séculos de colonização europeia na região e do posterior contexto de abertura dos portos da primeira década do século XIX, foi somente a partir dos empreendimentos de Wallace, Bates e Spruce que ingleses buscaram mais sistematicamente a Amazônia para coletar fatos para a história natural. Esses viajantes não apenas conduziram seu trabalho de coleta por um período de tempo mais longo que outros pares britânicos que os antecederam, mas também estabeleceram redes regulares de comunicação com a comunidade de interessados em história natural em Londres; e se conectaram com as estruturas locais, sendo este último apoio fundamental para penetrar para regiões de mais difícil acesso.

Deste modo, além de ter a sua viagem possibilitada graças ao crescente interesse de instituições e de diferentes setores da sociedade europeia pela natureza tropical, Wallace contou ainda com um pequeno grupo de europeus estabelecido na região, bem como com a ajuda das sociedades tradicionais do interior da Amazônia. Esses aspectos revelam dois pontos do trabalho de campo. O primeiro demonstra que a história natural nem sempre envolvia um círculo de pessoas e estabelecimentos identificados com instituições acadêmicas ou científicas. Na verdade, essa atividade era caracterizada por sua complexa, extensa e heterogênea feição, implicando na mobilização de uma vasta gama de agentes europeus: diplomatas, militares, mercadores, viajantes científicos, coletores profissionais. Tais categorias nem sempre empreenderam suas pesquisas em regiões distantes de seus países em conformidade com as convenções da comunidade científica europeia. Como exemplifica a trajetória de Wallace, coletores profissionais, por vezes, dirigiram suas atividades condicionadas pelo mercado londrino de compra e venda de espécimes animais, minerais e plantas exóticas. O segundo traz à tona o papel das interações dos naturalistas com estruturas sociais e ambientais de zonas de contato para sua atividade de coleta. Assim, ao longo dessa tese, enfatizei a importância de várias categorias sociais locais que possibilitaram a viagem de Wallace pelo interior da Amazônia: proprietários de terras, negociantes estrangeiros, regatões portugueses, caçadores indígenas, serviços negros, crianças, remadores. No entanto, essa relação nem sempre foi desenvolvida de forma harmoniosa, mas mediada por relações de poder determinadas pelo processo de colonização lusa e por dinâmicas socioeconômicas estabelecidas há pelo menos dois séculos de dominação lusa na Amazônia.

Wallace em seu primeiro ano no Brasil coletou conjuntamente com Bates nas circunvizinhanças do Pará e pelo rio Tocantins. Sobre este último trajeto, deve-se frisar que o empreendimento marcou o fim da associação de coleta entre os dois britânicos. Quando a embarcação dos expedicionários ultrapassou alguns labirínticos canais que ligavam rio Tocantins ao Moju, no início de outubro de 1848, alcançando a cidade de Cametá, Bates não mais acompanhou Wallace em suas excursões posteriores. Segundo aquele coletor, no ano seguinte, enquanto seu antigo companheiro de viagem seguia pelos rios Guamá e Capim, em junho de 1849, no mesmo período havia embarcado como passageiro para Cametá.

As razões desta decisão nunca foram bem esclarecidas. O fato é que a disposição de colecionar por diferentes pontos em separado pode estar relacionada com os seguintes eventos: o primeiro coincide com a chegada do irmão mais novo de Wallace, Herbert Edward Wallace, em 1849, o qual veio ajudar Wallace em suas coleções; outro pode estar relacionado com a ambição de ampliar o horizonte de espécies coletadas em uma extensa área; além disso, o mesmo navio tomado pelo irmão de Wallace trouxe também como passageiro o botânico coletor Richard Spruce. Logo, os irmãos Wallace (Herbert morreu em 1851 de febre amarela), Bates, Spruce e seu assistente Robert King, foram contemporâneos na Amazônia da metade do século XIX e formaram o que alguns estudiosos dos viajantes denominam “triumvirato de naturalistas independentes”⁷⁰⁹ (Camerini e Raby), pois os três primeiros são considerados os maiores representantes da história natural britânica a coletar na região amazônica. Assim, após a missão ao Tocantins, depois um ano trabalhando juntos no Pará, a dupla de coletores britânica, Wallace e Bates, separou-se definitivamente: enquanto Wallace concentrou seu trabalho de campo no alto rio Negro, Bates, por sua vez, estabeleceu-se em pontos díspares ao de seu companheiro, fundamentalmente no baixo, médio e alto Amazonas, tendo como base a vila de Ega (atual Tefé).

Wallace iniciou seu empreendimento de subida do rio Amazonas, aportando inicialmente em Santarém, sede da Comarca do Baixo Amazonas, em julho de 1849, já auxiliado por seu irmão mais novo Herbert Edward. Após enviar suas coleções adquiridas a partir de Santarém e Monte Alegre para seu agente de vendas, Wallace permaneceu por duas semanas na cidade localizada às margens do Tapajós por conta de

⁷⁰⁹ Cf. CAMERINI, Jane. **The Alfred Russel Wallace Reader: A Selection of Writings from the Field**. Baltimore/London: The John Hopkins Press, 2002; e RABY, Peter. **Bright Paradise: Victorian Scientific Travellers**. New Jersey: Princeton University Press, 1996.

dificuldades em adquirir homens para subir o rio Amazonas. Depois de uma série negociações com o Diretor Corpo de Trabalhadores da localidade, pôde em parte suprir sua necessidade por remeiros, mas apenas até outro ponto de colonização, Óbidos, onde permaneceu novamente por quatro dias de atraso para conseguir remeiros. Depois seguiu para Vila Nova da Rainha (Parintins), onde totalizou um atraso de mais uma semana até conseguir emprestado mais homens para seguir até Barra do Rio Negro. Esse sucessivos atrasos pontuados pelo autor no trajeto de subida do rio Amazonas não apenas enfatizam as dificuldades de percorrer uma região caracterizada pela ausência de serviço regular instituído para transportar pessoas. Mas também dão conta de sua ansiedade em alcançar o rio Negro antes da chegada da estação chuvosa, pois era o período considerado o mais desfavoravelmente para coleta, o que poderia limitar sua busca por satisfazer as solicitações de seus interlocutores londrinos. Os irmãos Wallace chegaram em Barra do Rio Negro no fim de dezembro de 1849. E em alguns meses depois Bates alcançou o mesmo ponto. Barra se constituía em polo estratégico para organização de empreendimentos exploratórios para o “sertão” amazônico. O que explicita o porquê das rotas de viagens tanto de Wallace quanto de Bates terem sido delineadas após chegarem nesse ponto, na época, sede da Comarca do Rio Negro. Portanto, conforme trecho de carta endereçada a Stevens, Wallace traçou seu destino de viagem para o alto rio Negro, ambicionando explorar o Cassiquiare e, posteriormente subir os Andes, justamente nesse período:

I had intended, if I could have been now on my voyage up the Rio Negro, to have returned about next Christmas, getting all the live animals I could on the way and coming home myself with them, calculating that I could get sufficient to pay all expenses to England and back; but I do not think now that I shall do so, as I shall probably not be able to start for the frontiers till June or July, and it is nearly a two months ' voyage. If therefore sufficient funds arrive by that time, I shall probably stay up in the neighbourhood of the Cassiquiare a year, and then on returning to Barra see about a journey up towards the Andes. I am anxiously waiting also to know about the fish and reptiles, as I do not want to get more if they do not pay.⁷¹⁰

A viagem de Wallace percorreu o Rio Negro – até a vila de São Carlos na Venezuela – atingindo o ponto mais extremo alcançado por Alexander Von Humboldt e Aimé Bonpland na América do Sul 50 anos antes: o rio Cassiquiare, mas pela margem oposta. De volta a Barra, Wallace não apenas reencontrou seu amigo Spruce, mas

⁷¹⁰ Carta de Wallace para Samuel Stevens. Cf. STEVENS, Samuel. Journey to explore the natural history of the Amazon River. In: **The Annals and Magazine of Natural History including Zoology, Botany and Geology**, Series 2, 6: 494-495, 1850, p. 495-496.

também recebeu uma carta datada de três meses antes relatando a perigosa doença adquirida pelo seu irmão Herbert – a febre amarela. Por isso, seu plano de seguir para os Andes foi interrompido após sua excursão pelo rio Uaupés. Além disso, nesta etapa o próprio Wallace encontrava-se debilitado, pois sofria com ataques de febres (malária) e disenteria frequentes. Estas circunstâncias motivaram Wallace a encerrar sua exploração no Uaupés e retornar a Inglaterra.

Por outro lado, seu reencontro com Spruce em Barra e posteriormente em São Gabriel, evidencia que esses dois naturalistas coletaram em pontos comuns no rio Negro; trocaram ideias e cartas sobre seu trabalho; e apoiaram-se mutuamente em momentos de dificuldades. Esse aspecto salienta ainda o papel de redes de solidariedades constituídas no interior da região para o desenvolvimento do trabalho de campo. Assim, a realidade do campo não apenas testava suas capacidades técnicas, resistência física, mas também a capacidade de negociação do viajante com diferentes atores sociais e suas relações de amizade.

Por outro lado, não se pode esquecer que Wallace também foi apoiado por negociantes da região, como, por exemplo, o português João Lima. Este ator social é uma figura chave nas explorações do naturalista britânico pelo alto rio Negro, pois fora sua experiência em mercadejar com as poluções ribeirinhas do rio Negro e Uaupés, a possibilitar ao mesmo tempo tanto a locomoção do explorador inglês para seu trecho mais pretendido, quanto a como proceder e negociar com as populações indígenas. Sobre esse aspecto, Spruce escreveu em carta a Wallace, frisando a importância de Lima para seus objetivos de viagem nos seguintes termos: “With all his faults, Lima is about the best fellow on the Rio Negro”⁷¹¹ Logo, creio ser importante frisar que, no processo da história natural, relações pessoais entre homens de “ciência” e agentes coloniais influenciaram os resultados de pesquisas naturalistas. Os pontos alcançados por Wallace no interior da Amazônia podem ainda ser mais bem vislumbrados no seguinte mapa:

⁷¹¹ SPRUCE, Richard. **Carta para Alfred Russel Wallace**. San Carlos, 1853. Disponível em: http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/database.html?d-4074490-p=1&_includeTranscriptContent=on&keyWord=manuscript_. Acessado em: 12.12.10.



Figura 42. Mapa da bacia amazônica mostrando os lugares visitados por Wallace elaborado pelo laboratório de Cartografia da University of Wisconsin. Fonte: Jane Camerini. The Alfred Russel Wallace Reader. 2002, p. 63

Ao abandonar seu plano de subir o rio Uaupés até os Andes, Wallace retorna a Barra do rio Negro. Neste ponto, Wallace não apenas recebeu a confirmação da morte de seu irmão Herbert, mas também descobriu que a coleção que havia despachado um ano antes de sua subida para o rio Negro havia sido apreendida pelas autoridades da província. Além disso, sua coleção deixada em Barra havia sido drasticamente reduzida, como informa a seguinte passagem: “Out of a hundred live animals which I had had given to me, there now only remained thirty-four, consisting of five monkeys, and twelve different species, five small birds, a white-crested Brazilian pheasant, and a toucan.” Wallace destaca que em razão das mudanças na administração política da região oriundas do processo que culminou na confirmação da autonomia da Província do Amazonas em relação ao Grão-Pará, em 1852, seu trabalho foi acusado de contrabando comercial. Com isso, sua coleção deixada em Barra para seguir até Belém, onde seria despachada para a Inglaterra fora apreendida pelas autoridades do novo governo logo após partir para seu segundo empreendimento pelo rio Negro, em 1851. Por essa razão, quando embarcou no *Hellen* no dia 12 de julho, em direção à Inglaterra, partiu com toda sua coleção de aves, insetos, peixes, reptéis e outros artigos, coletados

no rio Negro, contabilizando cerca de vinte caixas e pacotes.⁷¹² O que evidencia que um empreendimento naturalista não apenas deveria ultrapassar obstáculos naturais, mas também manejar empecilhos burocráticos e diplomáticos da região visitada. Daí a importância de rede de relações consolidada com pessoas socialmente influentes para facilitar o acesso aos lugares e proteger suas coleções de possíveis penas de autoridades.

Enfim, foi no dia 10 de junho de 1852 que Wallace deixou a cidade da Barra. Esta viagem começou com um “very unfortunately” evento: um tucano, o qual o viajante havia se afeiçoado e pretendia levar para a Inglaterra, desaparecera da embarcação que partia em direção ao Pará; possivelmente havia se afogado. Tal evento parecia prenunciar o maior infortúnio de sua vida: o navio em que pegou passagem de volta à Inglaterra e levava toda a sua coleção feita em suas duas excursões pelo alto rio Negro pegou fogo.

Assim, suas coleções de espécimes (vivos e não vivos) e algumas amostras de palmeiras e artefatos indígenas foram acondicionadas no porão do *Hellen*, conjuntamente com uma carga de produtos silvestres amazônicos que consistia em: “India-rubber, cocoa, annatto, balsam of copaiba, and Piassaba.”⁷¹³ Tal carga além de explicitar o quanto ciência e as explorações de produtos extrativos caminhavam juntas nesse período, também evidencia que o conteúdo transportado no navio de carga inglês tinha características inflamáveis, determinando assim que as tentativas de apagar os focos do incêndio do navio em alto-mar fracassassem. Vendo extintas todas as possibilidades de se apagar o incêndio, o capitão ordenou o abandono do navio. De seus animais vivos que estavam a bordo, apenas um papagaio conseguiu escapar. Em relação a seus escritos de campo, conseguiu salvar, com grande dificuldade apenas dois livros de notas que estavam em sua cabine. Salvou ainda: uma pequena caixa contendo alguns de seus desenhos feitos no campo (sobre peixes e palmeiras), um relógio e algumas roupas. Deixou para trás, além de suas coleções e pertences pessoais, instrumentos de campo, seu diário e um grande portfólio de desenhos.

O resgate dos naufragos ocorreu após 80 dias em alto mar. Quando o naturalista aportou novamente na Inglaterra contou com a ajuda financeira e solidariedade afetiva de seu agente de venda Samuel Stevens, que também o ajudou a publicar seus desenhos,

⁷¹² Cf. WALLACE, Alfred Russel. **Proceedings of Natural-History Collectors in Foreign Countries: Letter Concerning the Fire on the "Helen"**, 1852. Disponível em: <http://people.wku.edu/charles.smith/wallace/S007.htm>. Acessado em: 02.02.2012.

⁷¹³ WALLACE, Alfred Russel. **Proceedings of Natural-History Collectors in Foreign Countries: Letter Concerning the Fire on the "Helen"**, 1852. Disponível em: <http://people.wku.edu/charles.smith/wallace/S007.htm>. Acessado em: 02.02.2012.

anotações e memórias resgatadas da tragédia, as quais contabilizam seis artigos e dois livros, entre os quais: *Palm Trees of the Amazon and Their Uses* e *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro*, ambos de 1853. Este último escrito a partir de suas lembranças, pois a maioria de suas anotações feitas em campo foi perdida. Já o livro sobre palmeiras da Amazônia fora publicado com litografias baseadas nos esboços a lápis de Wallace salvos do naufrágio do *Hellen*.

No entanto, conforme explicita Camerini, embora o mapa da região por ele feito em campo tenha tido aceno favorável da *Royal Geographical Society*, a recepção dos demais escritos de campo foi muito criticado em Londres.⁷¹⁴ O naturalista era tido como um mero coletor, que não tinha treinamento em universidade, nem berço aristocrático e nem conexões profissionais adequadas para ser considerado um membro de sociedades científicas. Deste modo, foi muito lentamente que se adotou uma nova postura dos grupos de especialistas frente à autoridade científica de Wallace.⁷¹⁵ A viagem ao Amazonas deve ser considerada, deste modo, o ponto de virada em sua carreira, tendo em vista que foi a partir dela que Wallace testou suas habilidades de naturalista e se conectou com a rede profissional de interessados e instituições de história natural.

Assim, não se pode esquecer que as interações com a realidade local incorreram em um aprendizado que influenciariam não apenas sua visão sobre a relação entre os seres vivos, mas também lhe rendeu, em parte, reconhecimento sobre seu trabalho na comunidade de “homens de ciência”. É nesse sentido que se pode situar seus trabalhos “científicos” mais prestigiados sobre a região amazônica, a saber: *On the Monkeys of the Amazon* (1852), *Palm Trees of the Amazon* (1853), *On the Rio Negro* (1853). Sobre esse último aspecto, interessou-me notar que seus trabalhos publicados quando de sua volta para sua terra natal destacaram a influência nativa em sua produção em história natural. Nesse ponto, pode-se dizer que todos os seus escritos “científicos”, que contemplaram sua experiência no rio Negro, se apropriaram dos conhecimentos locais para compor a ordem de explicações quer sobre a distribuição geográfica dos seres vivos, quer mapeando as potencialidades econômicas da flora, como registrado em seu trabalho sobre palmeiras, no qual o naturalista observou inicialmente que buscou:

In this little work careful engravings from my original drawings are given, with a general description of each species, and a history from personal observation of the various uses to which it is applied, and of any other interesting particulars connected with it.

⁷¹⁴CAMERINI, 2002, p. 8.

⁷¹⁵RABY, 1996, p. 96.

Several of the species here figured are new, and among them is the Palm which produces the “piassaba” the coarse fibrous material of which brooms for street-sweeping are now generally made.⁷¹⁶

A obra *Palms of the Amazon*, foi publicada originalmente em 1853 com os próprios recursos do autor e, na época, foi considerada um gênero de literatura popular. Sendo tratada, por conseguinte, de forma negativa e crítica por botânicos “mais treinados” como deixa a entrever a correspondência trocada entre William Hooker e Richard Spruce, apreciada por Sandra Knapp, na qual o diretor do *Kew* pedia a opinião do último sobre a obra recém-publicada. Para Hooker: “This work is certainly more suited to the drawing room table than to the library of a botanist.”⁷¹⁷ Por sua vez, Spruce respondeu ao questionamento, observando que embora alguns desenhos apresentassem significativas falhas, nos trechos finais observou que, em pelo menos dois aspectos, o livro apresentava dois bons resultados, a saber: o uso das plantas e a descobertas de duas novas espécies de palmeiras.

You asked me about Wallace’s Palms [...] He has sent me a copy – the figures are pretty, and with some of them he has been very successful. I may instance the fig., of *Raphia taedigera* and *Acrocomia sclerocarpa*. The worst figure in the book is that of *Iriartea ventricosa*. The most striking fault of nearly all the fig.. of larger species is that latter has only half as many pinnae as they ought to have. The descriptions are worse than nothing, in many cases not mentioning a single circumstance that a botanist would most desire to know; but the accounts of the uses are good. His *Leopodinia Piassaba* and *Mauritia Carana* are two magnificent new palms, both correctly referred to their genus; but the former has been figured from a stunted specimen.”⁷¹⁸

Assim, embora Wallace fosse fascinado com imagens dos trópicos que evocavam as palmeiras como singular síntese da paisagem tropical, suas interações com o meio amazônico o impactaram de tal modo que nesta obra consagrou especial atenção a “almost all useful to man.” Deste modo, se, na primeira vez que se interessou em conhecer o aspecto de cada espécie e aprender seu nome nativo afirmou ter sido uma tarefa difícil, pois inicialmente era incapaz de ver qualquer diferença entre as estruturas de árvores – desconhecidas em seu país – as quais os indígenas não apenas lhe asseguravam ser diferentes, mas também com distintas utilidades; posteriormente,

⁷¹⁶ WALLACE, Alfred R. **Palm Trees of the Amazon and their uses**. London: John van Voorst, 1853, p.V.

⁷¹⁷ Cf. KNAPP, Sandra. **Footsteps in the Forest: Alfred Russel Wallace in the Amazon**. London: Natural History Museum, 1999, p. 30.

⁷¹⁸ *Ibidem*, pp. 30-31

quando conseguiu fazer “close examination”, percebeu caracteres externos das plantas pelos quais pôde: “distinguish one palm from another, though barely visible above the surrounding forest, almost as certainly as the natives themselves.”⁷¹⁹

Logo, suas reflexões sobre as palmeiras exemplifica o quanto o autor revelou preocupações que nem ambicionavam realizar um tratado de classificação botânica, nem tão pouco se limitavam a mapear potenciais econômicos da planta. Na verdade sua obra centrou-se em apreciar os modos como culturas distintas se utilizaram – e dependeram – de recursos naturais, desenvolvendo formas diferenciadas de manufatura a partir da mesma planta. Esse aspecto é particularmente exemplificado quanto ao uso da piaçava, cuja fibra, explorada no Rio Negro, era artigo voltado para exportação para Inglaterra, como expressou:

One of the most recent introductions into our own domestic economy is the fibre of a palm, the Piassaba, which is now generally used for coarse brooms and brushes; and in the valley of the Amazon, of which it is a native, the same material is manufactured into cables, which are cheap and very durable in the water. We have now glanced at a few of the most important uses to which Palms are applied, but in order to be able to appreciate how much the native tribes of the countries where they most abound are dependent on this noble family of plants, and how they take part in some form or other in almost every action of the Indian's life, we must enter into his hut and inquire into the origin and structure of the various articles we shall see around us. Suppose then we visit an Indian cottage on the banks of the Rio Negro, a great tributary of the river Amazon in South America. The main supports of the building are trunks of some forest tree of heavy and durable wood, but the light rafters overhead are formed by the straight cylindrical and uniform stems of the Jara palm. The roof is thatched with large triangular leaves, neatly arranged in regular alternate rows, and bound to the rafters with sapos or forest creepers; the leaves are those of the Carana palm. The door of the house is a framework of thin hard strips of wood neatly thatched over; it is made of the split stems of the Pashiuba palm. In one corner stands a heavy harpoon for catching the cow-fish ; it is formed of the black wood of the Pashiuba barriguda.⁷²⁰

Conforme esses escritos, para se entender os usos e relações de dependência do homem com determinados gêneros de palmeiras era preciso adentrar a uma cabana indígena. Só assim o naturalista poderia ser capaz de apreciar o quanto as palmeiras

⁷¹⁹ WALLACE, op. cit. p. iv

⁷²⁰ Ibidem, p. 9

participaram do cotidiano da vida do indígena, fornecendo matérias primas para os vários artigos que rodeiam as ações daquele povo.



Figura 43 Conforme inscrição esse esboço retrata uma Maloca indígena em Cachoeira do Caruru, no Rio Uaupés, possivelmente elaborado entre 1851-1852. Fonte disponível em: http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/database.html?d-4074490-p=1&_includeTranscriptContent=on&keyWord=manuscript. Acessado em: 10.10.2012.



Figura 44 Representação de menina indígena artesã. Possivelmente registrada em aldeia no Uaupés, em território venezuelano. Disponível em: http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/database.html?d-4074490-p=1&_includeTranscriptContent=on&keyWord=manuscript. Acessado em: 12.12.12

Com isso, pode-se afirmar que a obra em questão para além de expressar o quanto o naturalista estava afinado com os objetivos imperialistas de mapear potencialidades botânicas das regiões coloniais, representa ainda uma tentativa inédita de reflexão etnobotânica, demonstrando os distintos valores culturais com que cada

cultura se relaciona e aproveita os recursos dados pela natureza para desenvolver desde artigos para decoração, a materiais e comida essenciais para sua sobrevivência.

Como venho defendendo até aqui, para se entender como os naturalistas conseguiram realizar a façanha de atravessar uma região que impunha tantas adversidades de locomoção espacial, bem como riscos a sua sanidade física, é preciso considerar as interações que os naturalistas fizeram com estruturais materiais e sociais da região amazônica. Nesse sentido, foi salientada a importância, para os naturalistas recém-chegados a Belém, a cordial hospitalidade de um grupo de homens de origem europeia residentes, os quais lhes forneceram uma rede de conexões no interior da região sem as quais o trabalho de campo não seria possível. Mas não apenas homens (brancos) com influência socioeconômica na Província apoiaram aqueles naturalistas britânicos. No interior da região Amazônica era preciso atentar para um ensinamento valioso, conforme sublinhou Bates na seguinte passagem:

I embarked as passenger in a Cameta trading vessel, the St. John, a small schooner of thirty tons burthen. I had learnt by this time that the only way to attain the objects for which I had come to this country was to accustom myself to the ways of the humbler classes of the inhabitants.⁷²¹

A partir dessas impressões de Bates, pode-se entrever que a melhor forma para um naturalista superar obstáculos ambientais, logísticos, sociais e étnicos era aprender a se “acostumar” com os costumes das “classes mais baixas.” Ao ganhar a confiança desse contingente o viajante podia vencer a tarefa mais árdua no trabalho de campo que era conseguir ajudantes dedicados aos seus propósitos de coleta. Essa realidade era mais presente nas vilas e povoados mais distantes de Belém, localizadas ao longo do Amazonas, e no seu tributário mais extenso, o rio Negro, onde tensões sociais e relações econômicas itinerantes determinavam os modos de vida da “escassa” população. Essa realidade foi, sobretudo, apreciada por Wallace quando pôs em prática seu plano de subir o rio Amazonas e rio Negro.

Assim, quando o naturalista embarcava em uma rude canoa indígena para explorar objetos de suas pretensões não apenas ele tinha que contar com seus instrumentos técnicos de origem europeia, mas sobretudo, com a experiência e recursos indígenas. Ao chegar na região do Alto Rio Negro e rio Uaupés, onde predominava

⁷²¹ BATES, Henry W. 1863, pp. 147-148.

trechos encachoeirados e rochosos e onde seus remeiros compostos de homens de varias nações lutavam para atravessar as precipitações da água contra rochas, o naturalista pontuou os nomes dos lugares por onde passou enfatizando suas denominações em língua geral: On the 10th we passed the “Tapioca,” “Tucano” (Toucan), “Tucunare”(a fish), “Uaracu pinimi” (a fish), and “Tyeassú” (Pig) caxoeiras.”⁷²² Com isso, pode-se vislumbrar o caráter coletivo do trabalho de campo. Esses aspectos se apresentavam como elemento indispensável para um coletor aprender a localizar, usar e classificar lugares e seres desconhecidos. Por outro lado, tanto quanto conhecimento técnico para preparar e descrever espécimes, observa-se que interações com o meio, relações de confiança e ações de cooperação desempenharam um papel profundo na composição de coleções naturalistas e teorizações sobre o mundo natural.

⁷²² WALLACE, 1889, p.244.

BIBLIOGRAFIA E FONTES:

FONTES:

PÁGINAS ELETRÔNICAS COM DOCUMENTOS ON LINE:

<http://people.wku.edu/charles.smith/index1.htm>.

<http://wallacefund.info>.

<http://www.nhm.ac.uk/>

<http://www.botanicus.org/>

<http://www.kew.org/science-conservation/collections/joseph-hooker>

<http://www.nhm.ac.uk/nature-online/collections-at-the-museum/wallace-collection/>.

<http://wallace-online.org/>

<http://www.europeana.eu/>

<https://www.gutenberg.org/>

<http://www.biodiversitylibrary.org>

<https://archive.org>

<http://purl.pt/103/1/>

<http://www.bbm.usp.br/>

<http://www.bn.br/portal/>

<http://www.brasiliana.usp.br/bbd>

<http://www.butterfliesofamerica.com>

<http://biblio.etnolinguistica.org/autor:curt-nimuendaju>

DOCUMENTOS DIVERSOS:

ARROWSMITH, Aaron, 1750-1833. Map of Brazil and Paraguay with the adjoining countries / A. A. Arrowsmith del.t. - Escala [ca. 1:14 000 000]. - 1 mapa: água-forte, p&b ; 40,9x40,4 cm em folha de 42,5x43,2 cm. In: **History of Brazil** / By Robert Southey. - London: Printed for Longman [etc.], 1817. - Parte II, [mapa inserido entre f. XVI e p. 1]. Disponível em: <http://purl.pt/103/1/catalogo-digital/registo/043/043.html>. Acessado em: 04.04.2014.

BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. **Compendio das Eras da Província do Pará**. Pará: Typographia Santos, 1838.

BAIENA, Antonio L. M. Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará. Brasília: Senado Federal, 2004.

BASTOS, Tavares A. C. **O Vale do Amazonas: a livre navegação do Amazonas, estatística, produção, comércio, questões fiscais do vale do Amazonas**. 3ª Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1975.

COELHO, Francisco Jerônimo. Falla dirigida pelo exm.o snr. conselheiro Jeronimo Francisco Coelho, presidente da provincia do Gram-Pará, á Assembléa Legislativa Provincial na abertura da sessão ordinaria da sexta legislatura no dia 1.o de outubro de 1848. Pará, Typ. de Santos & filhos, 1848. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/507/>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

ESCRITOS DE VIAGENS IMPRESSOS:

AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Brasília, 2000.

AGASSIZ, Louiz e AGASSIZ, Elizabeth. **A Journey in Brazil**. Boston: TICKNOR AND FIELDS, 1868.

BERNARDINO, Danuzio Gil (org.) Os Diários de Langsdorff. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.

CASTELNAU, Francis. **Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud**. Paris: Bertrand, 1850.

EDWARDS, William H. **A Voyage up the River Amazon**. London: John Murray, 1847.

JAMES, William. Letter to Henry James Sr. And Mary Robertson Walsh James. In: Machado, Mª Helena. **Brazil through the Eyes of William James**. Massachusetts: Harvard University, 2006.

SANTOS, Francisco Jorge dos (org.) FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem Filosófica ao Rio Negro**. Manaus: EDUA e INPA, 2007.

KELLER, Franz. **The Amazon and Rivers Madeira**. London: Chapman and Hall, 1874.

MARCOY, Paul. **Travels in South America**. Vol. I. New York: Scribner, Armstrong, & Co. 1875.

MARCOY, Paul. **Travels in South America**. Vol. II. New York: Scribner, Armstrong, & Co. 1875.

MAW, Henry Lister. **Journal of a passage from the Pacific to the Atlantic, acrossing the Andes in the Northern provinces of Peru, and Andes in the northern provinces of Peru, and descending th river Marañon, or Amazon**. London, 1829.

MAWE, Jonh. **Travels in the interior of Brazil**. London: Printed For Longman, 1812.

NORONHA, José Monteiro. **Roteiro da Viagem da Cidade do Pará até as últimas Colônias do Sertão da Província (1768)**. Introdução e Notas: Antônio Porro. São Paulo: EDUSP, 2006.

OSCULATI, Gaetano. **Esplorazione delle Regioni Equatoriali**. Milan: Presso I Fratelli, 1854, pp. 243-244.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

SAINT-HILAIRE, M. Aguste. **Voyages dans L'interior du Brésil: Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz. Tome Premier**. Paris: Arthur Bertrand, Libraire-Éditeur, 1847.

SIDNEY, Henry. **The travels and extraordinary adventures of Henry Sidney, in Brazil, and the interior regions of South America, in the years: 1809, 1810, 1811, and 1812**. London: Sold by, 1815.

SMITH, Herbert H. **Brazil: The Amazons and the Coast**. New York: Charles Scribner's Sons, 1879.

SPIX e MARTIUS. **Viagem pelo Brasil**. Vol. 3 São Paulo: Itatiaia, 1981.

FONTES IMPRESSAS RELACIONADAS A WALLACE, BATES E SPRUCE:

BATES, Henry W. Hints on the Collection of Objects of Natural History. In: Royal Geographical Society's. **Hints to Travellers**, 1864.

BATES, Henry. **The Naturalist on the Rivers Amazons**. London: John Murray, 1863.

BATES, Henry Walter. **Um Naturalista no Rio Amazonas**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979.

CAMERINI, Jane. **Alfred Russel Wallace Reader: A Selection of Writings from the field**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 2002.

SPRUCE, Richard. Letter to W. Hooker. San Carlos, 1853. In: SPRUCE, Richard. **Notes of a Botanist on the Amazon and Andes**. Vol. I, London: Macmillan, 1908.

SPRUCE, Richard. **Notes of a botanist on the Amazon and Andes**. Vol. I; editado por Alfred Russel Wallace. London: Macmillan, 1908.

STEVENS, Samuel. **Journey to explore the natural history of the Amazon River**. The Annals and Magazine of Natural History including Zoology, Botany and Geology , Series 2, 6 : 494-495. [p. 494-495]

STEVENS, Samuel. Journey to explore the natural history of the Amazon River. In: **The Annals and Magazine of Natural History including Zoology, Botany and Geology** , Series 2, 6: 494-495, 1850.

MARCHANT, James. **Alfred Russel Wallace: Letters and Reminiscences**. Vol. I; London: Cassel and company, 1916.

WALLACE, Alfred R. Comunicação de 23 de julho de 1850 in: **Proceedings** no mesmo ano. Disponível em: <http://people.wku.edu/charles.smith/wallace/S005.htm>. Acessado em: 02.02.2011.

WALLACE, Alfred R. **My Life**. London: Chapman & Hall, 1908.

WALLACE, Alfred R. **On the Monkeys of the Amazon**. London, 1852. Disponível em: Wallace On line. Acessado em: 02.04.2012.

WALLACE, Alfred R. **Palm Trees of the Amazon and their uses**. London: John van Voorst, 1853.

WALLACE, Alfred Russel. "Proceedings of natural history collectors in foreign countries". In: **The Zoologist: A Popular Miscellany of Natural History**, 1857. Disponível em: <http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/index.html>. Acesso em: 10 out. 2013.

WALLACE, Alfred R. Letter to Stevens, Samuel. (1850). Journey to explore the natural history of the Amazon River. In: **The Annals and Magazine of Natural History including Zoology, Botany and Geology** , Series 2, 6, pp. 495-496.

WALLACE, Alfred Russel. **A Narrative of travels on the Amazon and Rio Negro**. London: Reeve and Co., 1853.

WALLACE, Alfred Russel. **Proceedings of Natural-History Collectors in Foreign Countries: Letter Concerning the Fire on the "Helen"**, 1852. Disponível em: <http://people.wku.edu/charles.smith/wallace/S007.htm>. Acessado em: 02.02.2012.

WALLACE. Alfred Russel. **A Narrative of travels on the Amazon and Rio Negro**. London: Ward, Lock and Co., 1889.

FONTES MANUSCRITAS:

Carta de Alfred R. Wallace para William J. Hooker. Pará, Brasil, 20 de Agosto de 1848. In: **Royal Botanic Garden**, Kew: Archives: Director's: Manuscrito. Disponível em: <http://www.kew.org/science-conservation/collections/joseph-hooker>. Acessado em: 02.4.2013.

Carta de Alfred R. Wallace para William J. Hooker. Pará, Brasil, 20 de Agosto de 1848. In: **Royal Botanic Garden**, Kew: Archives: Director's.

Carta de Bates para Mary Anne Greenel. **News of Edwards Wallace's death**. Wallace On Line Transcription. Disponível em: www.nhm.ac.uk. Acessado em: 08.08.2011

Carta de Wallace para Bates, dezembro de 1847. Disponível em: <http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/index.html>. Acesso em: 10 out. 2013.

Carta de Wallace para Richard Spruce e Robert King. Serpa, 1850. In: Wallace Letters Online. Disponível em: <http://www.nhm.ac.uk/wallacelettersonline>. Acessado em 20.5.2013.

Carta de Wallace, Alfred Russel e Bates, Henry Walter a Hooker, William Jackson. Liverpool, Março de 1848. In: BECCALONI, G. W. (org.). **Wallace Letters Online**. Disponível em: <http://www.nhm.ac.uk/wallacelettersonline>. Acessado em: 20.05.13.

SPRUCE, Richard. **Carta para Alfred Russel Wallace**. San Carlos, 1853. Disponível em: http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/database.html?d=4074490-p=1&_includeTranscriptContent=on&keyWord=manuscript. Acessado em: 12.12.10.

WALLACE, Alfred R. **Letter to William Hooker**. Transcrição: Cassia Roth. Directors' Correspondence, vol. 26, doc. 566–67 (March– April 1848, Bates and Wallace), Archives of the Royal Botanic Gardens, Kew. London, 1848. Disponível em: <http://plants.jstor.org/visual/kldc10232?history=true>. Acessado em: 20.04.2013.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ABREU, J. Capistrano de. **Capítulos de História Colonial (1500-1800)**. São Paulo: Itatiaia, 1986.
- ALAMBERT, Francisco. Portugal e Brasil na crise das artes: da abertura dos portos à Missão Francesa. In: OLIVEIRA, Valente de; RICUPERO, Rubens (org). **A Abertura dos Portos**. São Paulo: SENAC, 2007.
- ALLEN, David E. **The Naturalist in Britain**. England: Penguin Books, 1978.
- ALONSO, José Luis Ruiz-Peinado. Entre Aguas e Fronteras de la Amazonia. In: **CLIO – Revista de Pesquisa Histórica: Dossiê Fronteiras e Sociedade**. No 30.01, 2012, p.2. Disponível em: <www.revista.ufpe.br>. Acesso em: 16 nov. 2012.
- ALONSO, José Ruiz-Penado. **Entre Aguas de la Amazonia**. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/viewFile/257/142>>. Acesso em 01 fev. 2013.
- ALVES, José Jerônimo de Alencar. A natureza e a cultura no compasso de um naturalista do século XIX: Wallace e a Amazônia. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.18, n.3, jul.-set. 2011.
- ARNOLD, David. **La naturaleza como problema histórico: El médio la cultura y la expansion de Europa**. Fondo de Cultura Económica: México, 1996.
- BARREIRO, José Carlos. **Imaginário e Viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- BASALLA, George. **The Spread of Western Science**. Science, 1967.
- BASILE, Marcello O. N. de. “Império brasileiro: Panorama Político”. In: Maria Yeda Linhares (org.) **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.
- BEINART, William e MIDLETON, Karen. Transferências de Plantas: Uma Perspectiva Histórica: O Estado da Discussão. In: **TOPOI**, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009.,p.164
- BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. São Paulo: edições 70.
- BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A longa duração”. In: **Escritos Sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BROWNE, Janet. **Charles Darwin. O poder do lugar**. São Paulo: Aracati\Unesp, 2011.

BROWNE, Janet. **Charles Darwin: Viajando**. São Paulo: Aracati/Editora Unesp, 2011.

Browne, Janet. **The Secular Ark: Studies in the History of Biogeography**. New Haven: Yale University Press, 1983.

CAMERINI, Jane R. **Darwin, Wallace, and Maps**. Ph.D. Dissertation, University of Wisconsin, Madison, 1987.

CAMERINI, Jane R. Remains of the day: Early Victorians in the field. In: Bernard Lightman (org.). **Victorian Science in Context**. Chicago & London: University of Chicago Press, 1997.

CAMERINI, Jane R. **The Alfred Russel Wallace Reader: A Selection of Writings from the Field**. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 2002.

CAMERINI, Jane R. Wallace in the field. **Osiris** 11, 2nd, 1996;

CAMERINI, Jane R., Evolution, biogeography, and maps: An early history of Wallace's Line. In: **Isis** 84(4): 700-727, 1993.

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In HOLANDA, Sérgio B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

CARVALHO JUNIOR, Almir Diniz. **Do índio imaginado ao índio inexistente: a construção da imagem do índio na viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas, SP: [s.n], 2000.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: DIFEL, 1990.

CLAYES, Gregory. Wallace and Owenismo. In: SMITH, Charles H. e BECCALONI, George. **Natural Selection and Beyond: The Intellectual legacy of Alfred Russel Wallace**, New York: Oxford University Press, 2008.

CLEARY, David. Lost Altogether to the Civilised World: Race and the Cabanagem in Northern Brazil, 1750 to 1850. In: **Comparative Studies in Society and History**. New York: Cambridge Press, Vol. 40, No. 1 (Jan. 1998).

COSTA, Hideraldo Lima da. **Cultura, trabalho e luta social na Amazônia: discurso dos viajantes - século XIX**. Dissertação de Mestrado. Puc-SP, 1995.

COSTA, Kelerson Semerene. **Homem e Natureza na Amazônia Brasileira: Dimensões (1616-1920)**. Tese de Doutorado. Brasília: UNB, 2002.

- COSTA, Kelerson Semerene. Natureza, colonização e utopia na obra de João Daniel. In: **História, Ciências e Saúde – Manguinhos**. v.14; Rio de Janeiro: dezembro, 2007.
- CUNHA, Euclides. **Amazônia: Um paraíso perdido**. Manaus: Editora Valer, 2011.
- CUNHA, Manuela Carneiro. Política Indigenista no século XIX. In: CUNHA, Manuela C. **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- DANTES, M^a A. **A Implantação das Ciências no Brasil: um debate historiográfico**. Disponível em: <http://popcyt.com/1710-md2.pdf>. Acessando em: 3.1.12
- DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo: A História da Devastação da Mata Atlântica**. Trad. José Augusto Drumond; São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- DENTITH, Simon. **Society and culture forms in nineteenth-century England**. New York: St. Martin's press, INC., 1998.
- DOMINGUES, Ângela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. In: **História, Ciência, Saúde – Vol. VIII (suplemento)**, 823-38, 2001. Disponível em: <www.scielo.org>. Acesso em: 03 mar. 2006.
- DONGHI, Halperin. **História da América Latina**. São Paulo: Paz e Terra, 2005
- DRIVER, Felix. Scientific Exploration and the Construction of Geographical Knowledge: Hints to Travellers. In: **Finisterra**, XXXIII, 65, 1998.
- DROUIN, Jean-Marc. **Reinventar a Natureza: A ecologia e sua história**. Lisboa: 1991.
- DROVIN, Jean-Marc e BENSUADE-VINCENT, Bernadette. "Nature for the People". In: Jardine, Nicholas (org.) **Cultures of Natural History**. London: Cambridge University Press, 1996.
- DRUMOND, José Augusto. **Devastação e Preservação Ambiental: os parques nacionais do Rio de Janeiro**. RJ: Ed. da UFF, 1996.
- ELIAS, Nobert. **A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FAGAN, B. Melinda. Wallace, Darwin, and the Practice of Natural History. In: **Journal of the History of Biology**. DOI 10.1007/s 10739-007-9126-8. Indiana: Springer, 2007.
- FAN, Fa-Ti. Science in a Chinese Entrepôt: British Naturalists and Their Chinese Associates in Old Canton. In: **Osiris: Science and the City**, 2nd Series, Vol. 18, (2003)

- FAN, Fa-Ti. **British naturalists in Qing China: science, empire, and cultural encounter**. Massachusetts: Harvard University Press, 2004.
- FERREIRA, Ricardo. **Bates, Darwin, Wallace e a teoria da evolução**. Brasília/São Paulo, Editora da UnB/Edusp, 1990.
- FEVBRE, Lucien. **A terra e a evolução humana: introdução geográfica à história**. Lisboa: Cosmos, 1991.
- FRANÇA, Jean M. C. **Visões do Rio de Janeiro Colonial: Antologia de Textos, 1531-1800**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, José Olímpio, 1999.
- FREIRE, Gilberto. **Nordeste**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.
- FREITAS, Marcus V. de. **Charles Frederick Hartt, um naturalista no império de Pedro II**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2002.
- FREYRE, Gilberto. **Inglês no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, Univercidade, 2000.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mocambos**. São Paulo: Global, 2006.
- FULLER, Claudia Maria. Os corpos de trabalhadores e a organização do trabalho livre. In: **Revista Mundos do Trabalho**. Vol. 3, n.6, Julho-dezembro de 2011.
- GERBI, Antonello. **O Novo Mundo: história de uma polêmica: 1750-1900**; trad. Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GOMES, Flávio. Em outras margens: Escravidão Africana, Fronteiras e Etnicidade na Amazônia. In: PRIORE, Mary del e GOMES, Flávio. **Os Senhores dos Rios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- GREGÓRIO, Vitor Marcos. **Dividindo as Províncias do Império: A Emancipação do Amazonas e do Paraná e o sistema representativo na construção do Estado nacional brasileiro. (1826-1854)**. Tese de Doutorado. São Paulo, 2012.
- GREGÓRIO, Vitor Marcos. O Progresso a vapor: navegação e desenvolvimento na Amazônia do século XIX. In: **Revista Nova Economia**. Belo Horizonte, janeiro-abril/2009.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem Fantasma, modernidade na Selva**. São Paulo Cia das Letras, 1988.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1993 e LANDES, David. **Prometeu desacorrentado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

HEMINGWAY, Andrew. **Marxism and the History of Art: From William Morris to the New Left**. London: Pluto Press, 2006; ALLEN, David E. **The Naturalist in Britain**. England: Penguin Books, 1978.

HERING, Fábio Adriano. Os Viajantes Ingleses e a Representação do Brasil: A Cartografia do Ouro das Minas Gerais (1809-1867) (Parte 1). In: **história e-história**. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&ID=126>. Acessado em: 02.05.2013.

HERING, Fábio Adriano. Os Viajantes Ingleses e a Representação do Brasil: A Cartografia do Ouro das Minas Gerais (1809-1867) (Parte 1). In: **história e-história**. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&ID=126>. Acessado em: 02.05.2013.

HOBBSBAWN, Eric. **A Era do Capital: 1848-1878**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HODACS, Hana. Linneans outdoors: the transformative role of studying nature “on the move” and outside. In: **British Society for the History of Science**. doi:10.1017/S0007087410000750, 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Caminhos e Fronteiras**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

HOSBSBAWN, Eric. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

JARDINE, N. **Cultures of Natural History**. London: Cambridge University Press, 1996.

JÚNIOR PRADO, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

KANAPP, Sandra. **Footsteps in the Forest: Alfred Russel Wallace in the Amazon**. London: The Natural History Museum, 1999.

- KLEMUN, Marianne. Introduction: Moved Natural Objects – Spaces in Between. In: **Journal of History of Science and Technology**. Vol. 5, 2012, p. 9. Disponível em: www.johost.eu. Acessado em: 10. 10. 2012.
- KNIGHT, David Marcus. ‘Travels and science in Brazil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. VIII, 2001, p.821. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8s0/a01v08s0.pdf>. Acessado em: 04.04.2010.
- KUHN, T. S. **The Structure of Scientific Revolutions**. 2 ed., enlarged. Chicago and London: University of Chicago Press 1970.
- KUKLICK, Henrika and KOHLER, Robert E.(org.). Science in the Field, In: **Osiris**, 2nd series, vol. 11. (Chicago: University of Chicago Press, 1996).
- KURY, Lorelai. As coleções, a invasão francesa e o Brasil. In: **O Gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, [s/d].
- KURY, lorelai (org.). **Comissão Científica do Império (1859-1861)**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson, 2009.
- KURY, Lorelai B. **Viagens Científicas**. Disponível em: <www.bndigital.bn.br>. Acesso em: 21 nov. 2012.
- KURY, Lorelai. “Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem”. In **Revista História Ciências e Saúde** vol. VIII. –Fund. Oswaldo Cruz, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08/04/2006.
- KURY, Lorelai. Francisco Freire Alemão, botânico e viajante. In: Kury Lorelai (org.) **Comissão Científica do Império: 1859-1861**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson, 2009.
- LARSEN, Anne. Equipment for the field. In: JARDINE, N. et, all. **Cultures of Natural History**. London: Cambridge Press, 1996.
- LATOUR, Bruno. “Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções”. In: BARATIN, Marc e JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. 3^a ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação**. São Paulo: UNESP, 2000.
- LEITE, Miriam L. **Livros de Viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- LEONARDI, Victor. **Os Historiadores e os rios: Natureza e ruína na Amazônia brasileira**. Brasília: EDUNB/Paralelo, 1999.
- LEVI-STRAUSS, Claude. **O olhar distanciado**. Cap. VII, Lisboa: Edições 70, 1983.

- LIMA, Carolina C. R. Literatura de Viagem em periódicos cariocas (1808-1836). In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH – São Paulo, julho, 2011.
- LIMA, Carla Oliveira de. **Natureza, Cultura e Imaginário nos Relatos de Alfred Russel Wallace, Louis Rodolph Agassiz E Elizabeth Cabot Cary Agassiz**. Dissertação de Mestrado. Manaus: UFAM, 2008.
- LIMA, Carolina C. Ramos. “Literatura de viagem em periódicos cariocas: 1808-1836”. **ANAIS do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH. São Paulo: 2011.
- LIMA, Luiz Corrêa. **O Brasil transforma Braudel**. Disponível em: <http://en.braudel.org.br/research/archive/downloads/o-brasil-transforma-braudel.pdf>. Acessado em. 13.02.12
- LIMA, Nísia Trindade. **Um Sertão Chamado Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1998.
- LISBOA, Karen M. Viagem pelo Brasil de Spix e Martius: Quadros da Natureza e Esboços de uma Civilização. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vl. 15, nº29, 1995.
- LISBOA, Karen Macknow. **A Nova Atlântida de Spix e Martius: Natureza e Civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- LOPES, Siméia de Nazaré. Comércio Corrente. In: **Revista de História**. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/comercio-corrente.>> Acesso em: 01 fev. 2014.
- LOPES, Siméia de Nazaré. **O comércio interno no Pará oitocentista: Atos, sujeitos sociais e controle entre 1840-1855**. Dissertação de Mestrado. Belém: NAEA/UFPAM, 2002.
- LOUREIRO, Antonio. **História da Navegação no Amazonas**. Manaus: Lorena Ltda., 2007.
- MACHADO, Helena P. T. **Brazil through the Eyes of William James: Letters, Diaries, and Drawing, 1865-1866**. Cambridge: Harvard University Press, 2006.
- MACLEOD, Roy. Introduction. In: **Osiris**, 2nd Series. Vol. 15. Nature and Empire: Science and the Colonial Enterprise (2000). Pp.1-13, Chicago journals Press: History Science Society. Disponível em: www.jstor.org. Acessado em: 01.05.2011.

- MANAGLIA, Annalisa. [et. all] Seeds of Knowledge Unveiling hidden information through letters and gardens in Bologna, Turin and Uppsala. In: **HOST**, vol. 5, Lisbon, Springer, 2012.
- MARCHANT, James. **Alfred Russel Wallace letters and reminiscences**. London: Cassell, 1916.
- MATTOS, Ilmar R. **O tempo de Saquarema**. Rio de Janeiro: ACCESS, 1994.
- MAXWELL, Kenneth. **Marquês de Pombal: paradoxo do Iluminismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- MONTEIRO, John M. **Tupis, Tapuias e Historiadores: Estudos de História Indígena e do Indigenismo**. Tese de Livre Docência. Campinas: Unicamp, 2001.
- MONTEIRO, John. **Entre o Etnocídio e a Etnogênese: Identidades Indígenas Coloniais**. Prelo, 2010.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. **O Regatão**. Manaus: Sergio Cardoso e Cia. Ltda. Editôres, 1958.
- OBERACKER, Carlos Jr. Um Parecer de Humboldt sobre os limites no noroeste do Brasil. In: **Separata da Revista de História**. Nº 5, São Paulo, 1976.
- OLIVEIRA FILHO, João P. Elementos para uma Sociologia dos viajantes. IN: OLIVEIRA FILHO, João P. (org). **Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1987.
- OLIVEIRA, Adélia Engrácia de e GALVÃO, Eduardo. A Cerâmica dos Índios Jurúna. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, Pará, n. 41, agosto de 1969.
- OLIVEIRA, João. A luta pela borracha no Brasil e a História ecológica de Warren Dean. In: **Revista Territórios e Fronteiras**. Vol. 3 N. 2 jul/dez 2010.
- PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da História Ambiental. In: **Estudos Avançados** (USP, Impresso) v. 24, 2010.
- PÁDUA, José Augusto. Biosfera, história e conjuntura na análise da questão amazônica. In: **História, Ciências, Saúde. Manguinhos**. Vol. VI, setembro/2000.
- PÁDUA, José Augusto. **Um Sopro de Destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição: pensamento político e ambiental no Brasil escravista, 1786-88**. RJ: Jorge Zahar, 2002.

PAPAVERO, Nelson. **Essays on the History of Neotropical Dipterology**. São Paulo: USP, 1971.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Índios Livres e Índios Escravos. In: CUNHA, Manuela C. (org.) **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras: SEC. Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

PESTRE, Dominique. **Por uma nova História Social e Cultural das Ciências: Novas Definições, Novos Objetos, Novas Abordagens**. Cadernos IG/UNICAMP. Revista do Instituto de Geociências/UNICAMP.

PINHEIRO, Luís Balkar. Ensaio Geral da Cabanagem: Manaus, 1832. In: ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História, Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1111.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

PORRO, Antonio. Introdução e Notas. In: NORONHA, José Monteiro de. **Roteiro de Viagem da Cidade do Pará até às Últimas Colônias do Sertão da Província (1768)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

PRATT, Mary L. **Imperial Eyes. Travel Writing and Trans-culturation**. Londres/Nova Iorque, Routledge, 1992

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru:Edusc, 1999,

QUAMMEN, David. **O Canto do Dodô**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Queirós, Eça. Os Ingleses no Egito. In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro, Editora Aguilar, vol. 3, 2000.

QUEIROZ, Jonas Marçal de. **Artífices do Próspero Mundo Novo: Colonos, migrantes e imigrantes em São Paulo e no Pará (1868-1889)**. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2005.

RABY, Peter. **Alfred Russel Wallace: A Life**. New Jersey: Princeton University Press, 2002.

RABY, Peter. **Bright Paradise: Victorian Scientific Travellers**. New Jersey: Princeton University Press, 1996.

RABY, Peter. **Bright Paradise: Victorian Scientific Travellers**. Princeton NJ: Princeton University Press, 1997.

- RAJ, Kapil. **Relocating and the Construction of Knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900**. New York: Palgrave Macmiliam, 2007.
- RAMINELLI. **Ciência e Colonização: Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira**. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg6-10.pdf. Acessado em: 29.10.12.
- REICHEL, Heloisa Jochims. **Os relatos dos viajantes como fonte para o estudo da história**. Texto de Comunicação. Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS – RS- BRASIL.
- REIS, Arthur César. **A Amazônia e a Cobiça Internacional**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1982.
- REIS, Arthur Cezar. **Manaós e outras Villas**. Manaus: IGHA, 1934.
- REIS, Arthur César. **Tempo e Vida na Amazônia**. Manaus: Ed. do Governo do Estado do Amazonas, 1965 (Série Alberto Torres, 3).
- REIS, Arthur. Cap. I: O Grão-Pará e o Maranhão. In: HOLANDA, Sergio B. **História Geral da Civilização Brasileira**. Vol. 4: Dispersão e Unidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- RICE, Tony. **Viagens de Descobrimento: Três séculos de Explorações e História Natural**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson, 2000.
- RICI, Margarida. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. In: **Tempo, Revista digital UFF**, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v11n22/v11n22a02.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2013;
- SÁ, Magali Romero e KURY, Lorelai B. Naturalistas europeus nas Caatingas. In: KURY, Lorelai B.(org.). **Sertões adentro: viagens nas caatingas séculos XVI a XIX**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2012.
- SÁ, Magali Romero. **James William Helenus Trail: A British in Nineteenth-Century Amazonia**. Tese de Doutorado. United Kingdom: University of Durham, 1995.
- SAFIER, Neil. “Como era ardiloso o meu francês: Charles La Condamine e a Amazônia das Luzes”. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 29, nº 57, p. 91-114 – 2009.

SAFIER, Neil. **Measuring the New World : Enlightenment Science and South America**. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAINT-HILAIRE, M. Aguste. **Voyages dans L'interior du Brésil: Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz**. Tome Premier. Paris: Arthur Bertrand, Libraire-Éditeur, 1847.

SAMPAIO, Patrícia Melo. **Espelhos Partidos: etnia, legislação e desigualdade na colônia. Sertões do Grão-Pará, 1755-1823**. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2001.

SAMPAIO, Patrícia. **Os Fios de Ariadne: Tipologia de Fortunas e Hierarquias Sociais em Manaus – 1840-1880**. Manaus: EDUA, 1997.

LEONARDI, Victor. **Os Historiadores e os Rios**. Brasília: Paralelo, 1999.

SANJAD, Nelson. Ciência e poder imperial no Grão Pará. In: KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloisa. **Ensaio de História das Ciências no Brasil: das Luzes à nação independente**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

Nelson. Charles Frederick Hartt e a Institucionalização das ciências naturais no Brasil. Resenha. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Vol. 11, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v11n2/15.pdf>. Acessado em. 02.02.12.

SANTOS, Fabiano Vilaça. **O governo das conquistas do norte: trajetórias administrativas no Estado do Grão-Pará e Maranhão (1751-1780)**. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2008.

SANTOS, Francisco J. dos. **Além da Conquista: Guerras e rebeliões indígenas na Amazônia pombalina**. Manaus: Edua, 1999.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. **História Econômica da Amazônia: 1800-1920**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SANTOS, Roberto. **História Econômica da Amazônia (1800-1920)**. SP: T. A. Queiróz, 1982.

SCHIEBINGER, Londa L. **Plants e Empire: Colonial Biosprospecting in the Atlantic World**. USA: Harvard University Press, 2007.

SCHMUTZER, Kurt. Metamorphosis between field and museum: collections in the making. In: **HOST**, Vol.5, Spring, 2012.

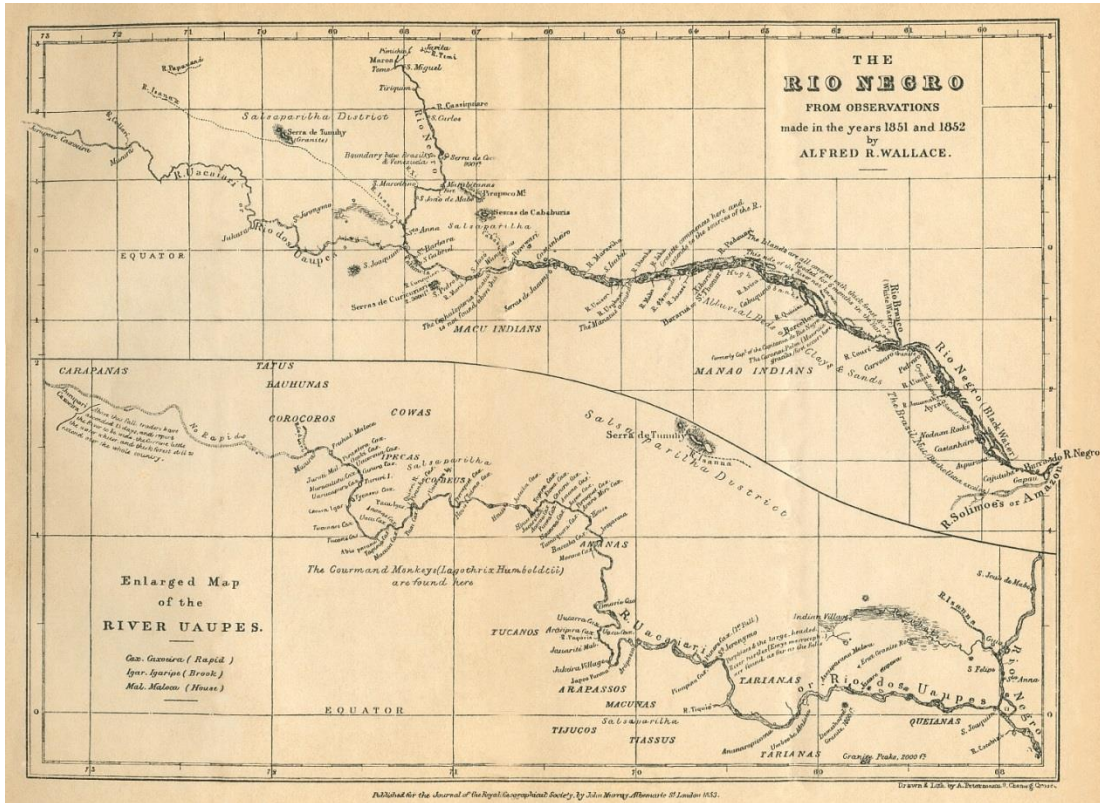
- SCHULTZ, Kirsten. **Versalhes tropical: império, monarquia e a Corte real portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- SLOTTEN, Ross A. **The Heretic in Darwin's Court: The Life of Alfred Russel Wallace**. New York: Columbia University Press, 2004.
- SMITH, Charles H. e BECCALONI, George (org.). **Natural Selection and beyond: The Intellectual Legacy of Alfred Russel Wallace**. New York: Oxford University Press, 2008.
- STEPAN, Nancy. **Picturing Tropical Nature**. London: Reaktion Books, 2001.
- STEVENSON, Brian. **Samuel Stevens, Naturalist**. Disponível em: <http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/indexmag.html?http://www.microscopy-uk.org.uk/mag/artaug09/bstevens.html>. Acessado em: 10.12.11.
- THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- THOMPSON, E. P. **William Morris: Romantic to Revolutionary**. Wales: PM and Merlin Press, 2011.
- TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: Uma interpretação da Amazônia**. 8. ed. Ed. Record. 1988.
- TOCANTINS, Leandro. **Amazônia, Natureza, Tempo e Homem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- TREVISAN, Anderson Ricardo. Debret e a missão artística francesa de 1816: aspectos da constituição da arte acadêmica no Brasil. In: **Plural**, Revista de Ciências Sociais , São Paulo, n° 14, 2007.
- UGARTE, Auxiliomar Silva. **Sertões de Bárbaros – O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (séculos XVI-XVII)** Manaus: Editora Valer, 2009.
- UGARTE, Auxiliomar. Margens Míticas: A Amazônia no Imaginário Europeu do Século XVI. In: PRIORE, Mary Del e GOMES, Flávio (org.) **Os Senhores dos Rios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- WEGNER, Robert. **Artifício e Natureza: A Conquista do Oeste Brasileiro Segundo Sérgio Buarque de Holanda**. Tese de Doutorado. IUPERJ: Rio de Janeiro, 1999.
- WEGNER, Robert. **Sérgio Buarque de Holanda e a Tese da Fronteira**. Disponível em: www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar. Acessado em: 12.01.2011.

WEINSTEIN, Barbara. **A Borracha na Amazônia: Expansão e Decadência (1850-1920)**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

William Beinart e Karen Middleton. Transferências de plantas em uma perspectiva histórica: o estado da discussão. In: **Topoi**, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009.

WILLIAMS-ELLIZ, Amabel. **Darwin's Moon: A Biography of Alfred Russel Wallace**. London: Blackie, 1966.

ANEXOS



ANEXO 1. Mapa de A.R. Wallace.

VOCABULARIES.

English.	Lingua Geral.	Tchicoma.	Jari.	Cerik. (K. Apurim, and K. Apurim.)	Qata.	Tucua.	Turica.	Enima. (K. Inima.)	Bani.	Enima. (Dora, Ilawa.)	Enima. (Enima.)
1. Man, male	Ayapita	Ashijari	Tchicoma	Enima	Enima	Enima	Tahali	Ashijari	Enima	Enima	Enima
2. Woman, female	Cichia	Inara	Tchicoma	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
3. Day	Cosani	Makhi	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
4. Night	Cochakali	Makhi	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
5. Hand (neg)	Ariaga	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
6. Mouth (neg)	Elen	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
7. Eye (neg)	Sia	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
8. Nose (neg)	Elii	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
9. Tooth (neg)	Siala	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
10. Belly (neg)	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
11. Arm (neg)	Jai	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
12. Hand (neg)	Epi	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
13. Fingers (neg)	Pandi	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
14. Toe (neg)	Pandi	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
15. Foot (neg)	Jai	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
16. Head (neg)	Cachia	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
17. Head (neg)	Tai	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
18. Hunger	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
19. Thirst	Shapitari (I want water)	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
20. Meat	Sai	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
21. Fat	Cata	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
22. Water	I	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
23. Earth	Oi	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
24. Language	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
25. The tongue (neg)	Shigra	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
26. Tobacco	Pima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
27. Fire	Jai	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
28. Wind	Ohi	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
29. Egg	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
30. Canava herb	Mela	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
31. Kudi	Kai	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
32. Bow	Mingra	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
33. Arrow	Pandi	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
34. Basket	Cosaniaga	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
35. Fan	Pandi	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
36. House	Ora	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
37. Ground	Epi	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
38. Forest	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
39. Field	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
40. Sun	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
41. Moon	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
42. Bird	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
43. Fish	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
44. Pig	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
45. Dog	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
46. Human	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
47. Bird	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
48. Leaf	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
49. Bark	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
50. Hair (neg)	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
51. Beard (neg)	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
52. Cord	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
53. Rope	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
54. Canoe	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
55. Padle	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
56. Gun	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
57. House	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
58. Star	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
59. Morning	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
60. Evening	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
61. Day	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
62. Night	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
63. Father	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
64. Mother	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
65. Son	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
66. Daughter	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
67. Food	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
68. Bed	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
69. Hat	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
70. Cold	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
71. Long	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
72. Short	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
73. Hard	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
74. Soft	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
75. White	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
76. Black	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
77. Red	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
78. Yellow	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
79. Gun	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
80. Two	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
81. Three	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
82. Four	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
83. Five	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
84. Six	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
85. Seven	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
86. Eight	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
87. Nine	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
88. Ten	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
89. Twenty	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
90. Give me	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
91. Come here	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
92. Go	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
93. Go forth	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
94. Let us go forth	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
95. Have you water	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
96. Have you fatness	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
97. I am ill	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima
98. I am well	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Enima	Tahali	Enima	Enima	Enima	Enima

ANEXO 2 Vocabulário Indígena 1